À rua nova de [illegible].

Se acha à venda um completo sortimento de livros classicos, obras de direito, medicina, historia, novellas, etc.; livros em branco de todos os tamanhos; papel pautado, etc.

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Gil Pedreira de Cerqueira

G. C. A. R.

Gil Pedreira de Cerqueira

Fez me presente d'este livro o meu amº
Mmo Snr Gil Pedreira de Cerqueira —
Coimbra 20 de Maio de 1850
Augusto Sebastião de Castro Guedes

LIÇÕES

DE

ELOQUENCIA NACIONAL.

Gil Pedreira de Cerqueira

A.A.G.

LIÇÕES

DE

ELOQUENCIA NACIONAL

PELO PADRE

Miguel do Sacramento Lopes Gama

Commendador da Ordem de Christo,
Pregador e Conego Honorario da Imperial Capella, Professor Jubilado de Rhetorica
e Professor de Lingoa Nacional do Lyceo de Pernambuco

TOMO PRIMEIRO.

RIO DE JANEIRO.

TYP. IMPARCIAL DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 64.

1846.

Augusto Sebastião de Castro Guedes

AO

MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO

Senhor D. Pedro Segundo

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO

DO BRASIL

O. D. G.

Com especial permissão do mesmo Augusto Senhor

ESTAS

LIÇÕES DE ELOQUENCIA NACIONAL

EM SIGNAL DE PROFUNDO RESPEITO, AMOR, E LEALDADE

Seu reverente subdito

O Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.

AO

MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO

Senhor D. Pedro Segundo

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO

DO BRAZIL

Com especial permissão do mesmo Augusto Senhor

ESTAS

LIÇÕES DE ELOQUENCIA NACIONAL

EM SIGNAL DE PROFUNDO RESPEITO, AMOR, E LEALDADE

INTRODUCÇÃO.

A utilidade do ensino da Eloquencia Nacional he, meus Senhores, cousa tão reconhecida, e manifesta, que me não será mister demorar-me em longos discursos para vo-la demonstrar; pois o simples facto de me honrardes com a vossa presença, quer como alumnos dest'aula, quer como meros ouvintes he prova sobeja de que estaes convencidos de quão vantajoso seja o estudo desta nova disciplina.

A Rhetorica que geralmente se ensina em as aulas por Quintiliano, ou por extractos deste alias sempre respeitavel mestre, de pouca utilidade me parece; porque os preceitos, e maximas da Invenção, e Disposição, esses são para todos os tempos, e paizes, e quanto á primeira mais pertencem ao talento natural do orador, do que outra cousa: na Elocução porém he, que está a grande força, o merito distincto do homem eloquente; por quanto as cousas não valem tanto pelo que dizem, como pelo modo, e theor, porque se dizem: e quem desconhecerá, que o modo, por que se dizia em Latim, não pode ser o mesmo, porque se deve dizer em Francez, em Inglez, em Italiano, em Portuguez, &c. &c.? Além disto a Eloquencia, que temos de estudar, não he a Eloquencia em geral, senão a Eloquencia Nacional, he a Eloquencia applicada ao nosso edioma, aos nossos usos, e costumes, á nossa legislação, á nossa forma de Governo. Grandes Mestres foram sem duvida, e sempre

o serão Aristoteles, Cicero, e Quintiliano ; mas nem elles escrevêrão para os nossos tempos, nem a mor parte dos preceitos da Elocução Grega e Latina se podem applicar á Elocução Portugueza. As lingoas são os instrumentos, de que se serve a Eloquencia para instruir, comover, arrebatar, e deleitar; e ninguem dirá que preceitos dados para lingoas, que hoje são mortas, sejão applicaveis á nossa ; que seja em summa eloquente em Portuguez quem só estudou as regras da Rhetorica dos precitados Aristoteles, Cicero e Quintiliano.

Depois que os homens aperfeiçoárão a faculdade de communicar as suas ideias, cultivárão a de infundirem-se as suas paixões. Este exercicio nas instituições democraticas produzio, e auctorisou o talento oratorio, de cujos maravilhosos exemplos veio a formar-se hum'arte sublime, que escutada como oraculo nas deliberações publicas, foi árbitra da paz, e da guerra, terror, e açoite da tyrannia, e muitas vezes arma fatal dos tyrannos. D'aqui tirou a sua origem, e imperio a Eloquencia, que sendo destinada a fallar ao coração, como a Logica ao entendimento, chegou n'antiguidade a impor silencio á razão humana. Assim os prodigios, que obrou muitas vezes na bocca de hum cidadão, captivando os animos de hum povo inteiro, são por ventura o testemunho mais admiravel da superioridade de hum homem sobre a multidão. Deixando innumeraveis exemplos basta trazer á memoria aquelle Cynéas da Tessalia, homem tão grave, e ameno no dizer, que Pyrro rei dos Epirotas o enviou por embaixador a muitas cidades, as quaes arrastrou de tal arte a seus designios, que mostrou ser verdadeira a sentença d'Euripides, isto he, que acaba todas as cousas a Eloquencia, contra a qual pouco pode o ferro inimigo ;

pelo que o mesmo Pyrro costumava a confessar, que mais povos havia adquirido com a lingua de Cynéas, do que com as armas.

A Eloquencia publica teve o seu throno nas Republicas; porque ali para governar os homens era mister persuadir-lhes a necessidade, e justiça da lei, e tambem porque n'aquella forma de governo a Eloquencia abria o caminho ás dignidades, ás honras, e riquezas; e esta a razão de se ali honrarem não só a Eloquencia, senão todas as mais profissões proprias para constituir Oradores, como erão a Politica, á Jurisprudencia, a Poetica, e a Philosophia. Então se acabou de ver, que para ser insigne Orador relevava não só crear-se n'aquelle concurso de circunstancias necessarias para formar hum grande homem, mas tambem em tempos, e paizes, onde se podesse impunemente reprehender o vicio, honrar a virtude, e pregar a verdade sem rebuço. E em verdade se Atenas, e Roma tão fecundas de illustres Oradores em huma idade, mostrárão-se tão estereis em outra, foi porque a Eloquencia correo ali, como em todas as partes, a fortuna da liberdade: por isso a grande epocha dos Gregos se conta des de Pisistrato até Alexandre, e a dos Romanos des de Mario até Augusto Cesar. Aplacadas as dissenções do povo, refreiadas as paixões dos partidos, e tudo subordinado ao rigor das leis, cessárão as causas importantes, e debates que no Fôro, e no Senado tanto havião exaltado a Eloquencia. Des de então os Oradores publicos, cujo destino era como hum emprego do Estado, terminárão a sua tarefa; e precisando abraçar assumptos pacificos, e particulares, virão-se reduzidos á condição de simplices advogados.

Se o dom da palavra, Senhores, he juntamente com o da razão o mais precioso, que nos concedeo o Creador, eu não conheço estudo mais digno, estudo mais nobre, estudo mais interessante, que o da Eloquencia, e mormente em o nosso paiz, onde impera o Regimem Representativo, onde a briosa Mocidade Brasileira tem de predispor-se, e preparar-se para advogar na tribuna os interesses nacionaes, no Jury a honra, e vida de seus concidadãos, e no pulpito as santas, e augustas verdades da Religão de J. C. « A Eloquencia (diz Colin) he, que leva a effeito os maiores negocios, e as emprezas mais difficeis: o talento da Eloquencia he, que faz, que hum general inspire a seus soldados o ardor, e coragem, de que está animado : este talento he, que grangeia a hum advogado a consideração, a estima, e confiança do publico : que faz, que hum Pregador, humanamente fallando, obtenha maiores triunfos, que outro : que hum Magistrado torne-se como oraculo de seus companheiros: que hum Ministro d'Estado domine nos concelhos ; que hum Embaixador sustente melhor os interesses do seu paiz ; finalmente por meio da Eloquencia o homem torna-se protector da justiça, e da verdade, defensor dos bens, da honra e da vida de seus concidadãos : Mas a Eloquencia (acrescenta o mesmo auctor) não se limita aos discursos publicos : ella tambem entra nas conversações, nas cartas, e negociações particulares. Se he preciso instruir, consolar, louvar, vituperar, reprehender, interpellar, dissipar a tristeza, ou o terror, acalmar a colera, reprimir o orgulho ou excitar a compaixão, o homem verdadeiramente eloquente preenche com bom successo todos estes deveres, e a experiencia nos mostra, que outro qualquer não o faria, se não mal.

Que milagres serão impossiveis á Eloquencia, e debaixo de que formas não he ella apta para os produzir? A Eloquencia troveja, derruba, esmaga, e pulverisa: ella lisonjeia, encanta, embala, e adormenta: ella amarra com laços de ferro, ou prende com cadeias de flores: impõe leis, e arranca suffragios: solicita graças, e mendiga hum sorriso: ella ruge, ella chora, já timida já ousada, humas vezes he severa, outras jovial; ora mostra-se branda, como o murmurio dos regatos, ora ameaçadora, como a cratera dos vulcões, ou como o mar enfurecido: aqui he persuasiva, como o sorriso de Venus, ali convincente, como o aceno da cabeça de Jupiter. A Eloquencia he o mel, que lisonjeia os labios, o vinho, que embriaga o coração, o filtro, que desvaira os sentidos: he a chamma, que illumina, e a chamma, que devora: he o rio, que se deslisa mansa, e docemente por entre margens floridas, e o rio caudaloso, que rompe as suas barreiras, e se derrama pelos campos, levando tudo em sua marcha precipitada, e violenta; a Eloquencia em fim he a nuvem, d'onde se desprendem chuvas fecundantes, e a nuvem, que guarda, ou despede o raio.

A Eloquencia, que nasceo antes da Rhetorica, assim como as lingoas se formárão antes da Grammatica, não he outra cousa, fallando com propriedade, senão *o dom feliz d'imprimir com calor e efficacia no animo do ouvinte os affectos, de que está agitado o nosso,* ou por outra — he o poder da intelligencia exprimindo-se por meio da voz á intelligencias, e vontades extranhas. « *Eloqui,* (d'onde vem o vocabulo Eloquencia) diz o mestre Quintiliano, *est omnia, quæ mente conceperis, promere, atque ad audientes perferre.* Este sublime talento nasce d'aquelle exquisito

deleite, que achamos nas cousas, cuja grandeza, importancia, e verdade occupão o nosso coração ; porque a mesma disposição d'alma, que nos faz sentir com viveza qualquer movimento interior, basta para fazer-nos communicar o seu impulso aos ouvintes. Assim pois parece, que não existe arte para ser eloquente, como a não ha para sentir.

Os grandes mestres dedicárão os seus preceitos mais para evitar os vicios, que para ensinar as perfeiçoes ; porque só a natureza cria homens de engenho, do mesmo modo que forma nas entranhas da terra brutos, e informes os metaes preciosos : ao depois a arte faz no engenho o que pratîca a respeito dos metaes, isto he ; limpa-os, e acrysola-os. Se a força da Eloquencia dependesse directamente do artificio, não veriamos, que o sublime sempre se traduz, e quasi nunca o estylo , pois o trecho verdadeiramente eloquente he aquelle que conserva o seu caracter, passando de huma para outra lingoa.

Tambem observamos, que a natureza faz eloquentes aos homens em os assumptos de grande interesse, e em huma vehemente paixão, que são duas fontes de sentenças sublimes, e verdadeiras ; por isso quasi todas as pessoas fallão bem á hora da morte. Quem se commove vê as cousas com outros olhos, que os de mais homens : compara, e pinta com veloz pincel, e até as pessoas do vulgo, como o mostra a experiencia, levadas da sua natural imaginação se explicão com tropos, e figuras : assim em todas as lingoas arde o coração, cega a colera, embriaga o amor encendeia-se o odio, &c. &c. Esta mesma natureza he a que inspira algumas vezes expressões vivas, e animadas, quando hum desejo vehemente, hum perigo imminente lhe agitão a

imaginação. Henrique IV. de Bourbon para animar aos seus soldados na batalha de Ivri assim lhes falla com o seu exemplo — Companheiros, vós correis a minha fortuna, e a vossa. Quando percaes as bandeiras, segui o meu penacho branco, que sempre o achareis no caminho da honra, e da gloria. Não menos ardente, e sublime he a breve falla, que fez hum caudilho de patriotas para os animar a encarar sem pavor o exercito Real, que vinha a dar-lhes batalha. « Amigos, eu não sou dos que se reservão para os premios : capitão quero ser dos mortos, e se me não achardes entre vós, ide descobrir-me entre os inimigos. » Assim o traz o classico D. Francisco Manoel tractando da guerra de Catalunha em 1641. Diremos pois, que os rasgos, em que brilha a Eloquencia apaixonada, são filhos do coração e não dos frios preceitos : antes por aquelles se formárão as regras ; porque em todas as cousas a natureza sempre foi mãi, e modelo das Artes.

Mas acaso não passa por axioma commum, que os poetas nascem, e os oradores fazem-se ? He verdade : porém o mesmo não he dizer cousas com eloquencia, que ser escriptor, ou orador eloquente. Este além do engenho, que só a natureza dá, necessita de estudar as leis, as inclinações dos juizes, os costumes, paixões, e gosto do seu tempo para persuadir, mover, e deleitar ; e ambos devem por hum largo exercicio, e estudo da propria lingoa, e de seus thesouros tecer suas sentenças, ordenar suas palavras, medir suas frazes, vestir suas razões, esforçar seus affectos, e sustentar o discurso para chamar a attenção dos ouvintes, e captar-lhes a benevolencia. A graça e merito do orador está não só em expressar bem o que sente, senão ainda o

que não sente; e nesta ficção faz quasi tudo a arte, e bem pouco a natureza.

He verdade, que a arte não dá o talento, nem o engenho, nem a imaginação, nem as affeições ao que carece destes dotes naturaes: mas ensina a usar delles em tempo, e estação, a dar-lhes a tempera conveniente, e a distribuir as partições, e adornos, que requer huma composição eloquente, seja de que natureza fôr. Esta parte artificial toda filha do estudo, além do peso, e grandeza das razões, convem sobre maneira ao homem politico, e ao capitão para exhortar os cidadãos, e mover os guerreiros. Bom exemplo temos de tudo isto nas Philipicas, e em algumas fallas, que se encontrão em Tucidides, e Quinto Cursio; nem de menos valor, nem em menor numero nos offerecem alguns dos nossos antigos Historiadores, que ainda são tidos em fôro de classicos da nossa lingoa. Tal he o discurso, que o famoso João de Barros põe na bocca do Rei de Tidor chefe da liga contra os europeos para mover os animos dos Principes commarcãos e confederados. «Nossas forças se hão juntado para livrar-vos do jugo europeo, castigando com risco de nossa ruina geral huns homens, a quem não obrigão nossos beneficios, nem emendarão nossas ameaças: ladrões do orbe, que o tem usurpado, cobrindo a sua cobiça com titulos magnificos, e piedosos. Em balde havemos procurado sempre aplacar a sua soberba por meio da nossa obediencia, e modestia: se achão inimigos ricos, mostrão-se avaros; se pobres, ambiciosos. Só esta nação he, que com igual desejo cobiça as riquezas, e as miserias alheias. Roubão, matão, avassallão, e com falsos nomes nos privão do nosso imperio; e até que convertão as provincias em

soledades, não lhes parece segura a paz. Achamo-nos possuidores das mais ferteis ilhas d'Asia, só para que com seus fructos compremos servidão, e vassallagem, convertendo esta felicissima liberalidade do ceo em tributos á ambição de tyrannos adventicios. Experiencia temos de quam odioso ha sido sempre o nosso valor aos capitães christãos, os quaes por isso mesmo não devemos esperar nem mais modestos, nem menos inimigos. Tende pois em memoria, assim Reis, como subditos, assim os que vos prometteis gloria, como os que salvação, que nenhuma destas cousas se alcanção sem liberdade, nem esta sem brios e sem conformidade. »

No mesmo escriptor achamos a lamentavel falla, que a Rainha viuva de Ternate dirigio aos Portuguezes, apertando em seus braços ao tenro infante seu filho, ao tempo, que lh'o querião tirar sob côr de que o ião coroar.» Quando estivera certa de que m'o levaes para que reine em socegada fortuna, e em prosperidade, não assaltada de temores ; quizera antes ve-lo crescer, e durar em vida privada, sem cargo de nenhum cuidado publico, que ve-lo reinar por vosso antojo. Será justo, que vos entregue meu filho para receber a coroa, e juntamente o destineis ás cadeias, e ferros, dos quaes só o venhão a descaptivar o veneno, e as falsas accusações com que hão fenecido seus irmãos, e seus pais ? Que penhores me há dado a fortuna de que neste menino se ha de ella aplacar para com aquella familia, a quem pela protecção, que pensou achar em vossas armas, ordenou, o carregasseis de jugo intoleravel ? Deixai-nos pois á mãi, e ao filho occupar os animos nas obras da natureza, ja que as da fortuna

nos hão desenganado com tão custosas experiencias. Permitti que nos divirtamos dellas no cultivo, e mansidão destes jardins: seja-nos se quer licito carecer do que tantos desejão. »

A Eloquencia da natureza he commum ao homem civil, e ao selvagem: rasgos se citão delles, e não discursos! Em suas breves sentenças há palavras, e não estylo: há imagens, e não colorido; há grandezas, e falta de decoro; há singeleza, mas não formosura. Fallão as paixões rompendo pela sahida mais curta, como são o amor, e a dor, cuja impetuosa expressão rebenta em exclamações, imprecações, queixas, ameaças, deprecações, e em personificações communs. Mas a elocução, que he a falla culta, pura, nobre, esplendida, graciosa, e persuasiva só se alcança fundamental, e scientificamente com o estudo da Eloquencia; por que nella se cifra tod'arte de bem dizer. A esta devêrão o grande renome, que tiverão, os Eschines, os Demosthenes, os Pericles, os Tulios, os Brutos, Antonios, Crassos, e Hortencios.

Em tanta estima se teve sempre a graça da Eloquencia, que aquelles grandes Reis, gerados por Deos, como diz Homero, inchados com a purpura, cetro, guardas, e oraculos divinos, e que com a sua grandeza, e magestade espantavão, e subjugavão o vulgo, tambem pretendião fallar segundo os preceitos da Eloquencia, e advogavão no Foro usando da facundia, e das razões, que sublimavão os homens ao summo gráo de reputação. Pedião a Jupiter o conselho, a Minerva o entendimento, e a Caliope a Eloquencia.

Tendo-vos exposto, Snrs., em resumido quadro as

grandes vantagens do estudo da Eloquencia, resta-me apresentar-vos o plano, que hei concebido para nos dedicarmos com proveito a esta tão importante disciplina. Primeiramente dir-vos-hei que pouco terei de demorar-me na Invenção, e Disposição Oratorias; por que estas são commus a todas as nações cultas, a todos os ediomas; e mais dependem da Logica, e do bom gosto do orador, do que mesmo das regras d'arte. Na Elocução sim he, que está toda a theoria, todo o segredo, todo o trabalho desta nossa Cadeira: e por isso nesta parte he, que devemos estender as nossas lições: a isto applicarei todos os meus esforços, ficando-me só o pezar de que os meus bons desejos vão tanto além da minha acanhada esfera, e esta não corresponda á muita consideração, e estima, que vós me mereceis.

Nenhum guia me parecco mais seguro, do que o grande Quintiliano, cujas doutrinas, e methodo tem merecido a acceitação, o applauso, e louvor de todos os sabios, e de todos os seculos. Aristoteles, Cicero, e Quintiliano serão os nossos principaes mestres; mas tambem iremos consultar dos modernos a Rolin, Gibert, Lami, Fontenelle, Batteux, Marmontel, La Harpe, Villeman, Mazery, Andrieux, Parissot, e sobre todos o profundo filosofo inglez Blair nas suas lições de Rhetorica, e Bellas Lettras. Muitas vezes terei de recorrer ao nosso Candido Lusitano, e ao sempre respeitavel Jeronymo Soares Barbosa; e outras aproveitarei muito das Lições Elementares da Eloquencia Nacional de Francisco Freire de Carvalho. Farei quanto em mim couber por tirar os exemplos dos nossos bons classicos dos melhores seculos, não omittindo

com tudo os dos grandes homens da antiguidade, como Cicero, Salustio, Virgilio, Horacio, &c.

Concluidas as nossas lições d'Eloquencia, passaremos a analysar algum dos nossos bons classicos já em prosa, já em verso ; faremos o nosso juizo critico sobre as epochas, em que florecerão os melhores escriptores em a nossa lingoa, tão rica, tão abundante, tão magestosa, tão agradavel ; mas infelizmente tão desprezada, tão maltractada hoje, e tão mesclada de galecismos, que quasi tem perdido o seu nobre caracter, a sua natureza, e indole. Deste modo daremos por terminado o nosso Curso de Eloquencia, e Litteratura Portugueza. Ha muito, que a brilhante Mocidade Brasileira se faz credora desta Cadeira ; porque em verdade, meus Snrs., não he possivel, que falle, ou escreva bem aquelle, que ignora a propria lingoa, e desconhece os preceitos da Eloquencia. Conscio sou da minha pequenhez : mas muito vencerá o estudo, e muito devo esperar da vossa benevolencia.

—

LIÇÕES DE ELOQUENCIA NACIONAL.

PRIMEIRA LIÇÃO.

Antes que entremos a tractar das partes da Eloquencia, isto he; da Invenção, Disposição, e Elocução, julgo conveniente apresentar-vos, Snrs., quaes os requisitos necessarios ao Orador, ou quaes os dotes, que constituem o homem eloquente. Em verdade aquelle que pretende instruir, mover, e deleitar, que são os officios do Orador, que conhecimento não cabe, que tenha, do coração humano, de seu proprio edioma, e do espirito do seculo, em que vive? Que gosto para produzir seus conceitos com semblante agradavel! Que estudo para ordena-los de modo, que fação a mais viva impressão no animo dos ouvintes! Que discernimento para distinguir as circunstancias, que devem tractar-se com alguma extensão, das que para serem sentidas basta só serem manifestadas! Que arte em fim para casar sempre a variedade com a ordem, e clareza!

O homem eloquente foge d'aridez do estylo didatico; por que não basta, que seja magnifico, alto, e solido hum pensamento, se não he felizmenie expressado. A formosura do estylo só consiste na clareza, e colorido da fra-

ze, e n'arte d'expor as ideias. Assim pois há grande differença entre o escriptor eloquente, e o escriptor elegante. O primeiro annuncia-se com huma elocução animada, e persuasiva formada de expressões valentes, energicas, e brilhantes, sem deixar de ser ajustadas, e naturaes: o segundo declara os seus pensamentos com frazes nobres, e galhardas, formadas de expressões cultas, fluidas, e gratas ao ouvido.

O escriptor eloquente, como tenha por fim o persuadir, serve-se no discurso do vehemente, e sublime, dedicando-se sobre tudo á força dos termos, á grandeza das imagens, e á ordem das ideias: o elegante porém, como aspira a deleitar, só procura a graça da elocução, isto he: a formosura das palavras, e a harmonia e coordenação das sentenças. Pode o escriptor ser discreto, quero dizer; pode fazer hum discurso facil, puro, claro, elegante, e até esplendido, e todavia não ser eloquente, por lhe faltar o calor, e a energia. O discurso eloquente he vivo, animado, vehemente, e pathetico, isto he; fere, eleva, arrebata, domina, e suspende o animo: pelo que suppondo em hum homem facundo nervo na expressão, elevação nos pensamentos, e calor nos affectos, basta para se ter hum escriptor eloquente.

A arte oratoria consiste principalmente em hum estudo reflexivo dos melhores modelos, e em hum continuo exercicio de compor, e de comparar os seus debeis ensaios com a perfeição dos originaes; exercicio, que faz fructificar o trabalho, mais do que huma ostentação de regras pela mor parte arbitrarias. Duas cousas parece, que concorrem, para formar o Orador; a razão, e o coração,

aquella para convencer, este para mover, e persuadir. Sobre estas duas disposições naturaes se firma a verdadeira Eloquencia, como a arvore em suas raizes.

Sem embargo, os bons Oradores são mui poucos; por que são tambem mui raros os homens dotados d'aquella penetração, extensão, e exquisito juizo, necessarios para discernir o verdadeiro, e faze-lo evidente; porque em fim são mui raras aquellas almas delicadas, que sentem interiormente a impressão dos objectos de suas meditações, a que podem transmittir ao caração do ouvinte as affeições, de que estão possuidas. Do modo de ver as cousas depende em grande parte a força, ou fraqueza em as sentir, e conseguintemente em as exprimir. As ideias adquiridas por huma tibia, e socegada reflexão no retiro do estudo são menos vivas, e calorosas, do que as que nascem da vista, e contemplação deste theatro do mundo: seria pois cousa prodigiosa encontrar hum cego de nascença eloquente.

Para ser Orador (diz o respeitavel Candido Lusitano) são precisos huma grande elevação de espirito, hum juizo delicado, e hum profundo discernimento aperfeiçoado com a pratica do mundo, e com a solida instrucção de varias faculdades. He necessaria huma especial extensão de memoria, huma imaginação viva, huma comprehensão facil, huma voz clara, e distincta, huma figura agradavel, hum gesto senhoril, huma pronunciação animada, além de outras muitas qualidades, que commummente, ou são entre si incompativeis, ou mui difficultosas de se acharem em hum homem. Daqui vem dizer Cicero, lastimando-se da sua idade, que em cada seculo

apenas apparecem hum, ou dous Oradores dignos de estimação.

Supposto o nativo talento, acompanhado da luz da experiencia, que presta a humana sociedade, e da elevação, e nobreza dos sentimentos moraes, importa muito ao Orador eleger sempre assumptos dignos ; por isso vemos, que alguns, quando o assumpto he vago, e geral, recorrem aos lugares communs, fallão muito, e nada dizem. A outros vemos, que quando he arido, e esteril, se exalão apurando minudencias, e bagatellas, e a outros, que quando he debil, e frivolo, são forçados a cobrir-lhes a nudez com o adorno de florezinhas, que se fanão, e murchão em suas proprias mãos : em summa o caracter, e autoridade da eloquencia não se accommoda senão a objectos grandes, illustres, e interessantes aos homens, e despreza sempre a incipida loquacidade, e a pompa vã das palavras.

Os objectos grandes prestão eloquencia aos objectos sublimes ; pois vemos, que Descartes, e Newton, que não erão Oradores, são eloquentes, quando fallão de Deos, do tempo, do espaço, e do universo. Em verdade tudo, que nos eleva o espirito, ou nos engrandece o animo he materia propria para a Eloquencia, por aquelle prazer, que sentimos de nos vermos grandes. Tambem, e pela mesma causa tudo, que nos anniquila ante os olhos da nossa consideração he objecto digno da gravidade oratoria ; pois que cousa mais capaz de levantar o nosso espirito humilhando-o, do que o contraste da nossa pequenhez com a immensidade da natureza creada ?

A verdadeira Eloquencia necessita do auxilio de muitas

sciencias, e artes liberaes. Antes de todas conta-se a Grammatica, que tem mais obra, que ostentação, e he fundamento d'arte de bem dizer; pois sem ella seriamos sempre meninos. Da Logica tira o Orador o methodo, e força do raciocinio: da Geometria a ordem, e encadeamento das verdades, da Historia o exemplo, e autoridade dos varões insignes: da Jurisprudencia os oraculos das leis: da Philosophia moral o conhecimento do coração do homem e de suas paixões, e da Poesia o colorido das imagens, e as graças da harmonia.

A muitos escriptores, alias facundos, falta certo cabedal de sabedoria, sem cujo soccorro ou nada se pensa, ou pensa-se erradamente. Outros só aspirão a dizer lindezas sem advertir, que o essencial para fallar bem consiste em dizer cousas boas; porque não basta fallar como Orador para chamar-se hum homem eloquente, se se não pensa como philosofo. Não lhe basta formar-se pelo que deixárão escripto grandes Oradores, se carece d'aquella luz de sabedoria necessaria para se não desviar da estrada da razão, distinguir a verdade da sua sombra, e expo-la com dignidade, e firmeza.

Muito desdoirão o lustre, e autoridade da eloquencia alguns discursos tão vasios de ideias, como de sentido, e razão; huns tecidos de paralogismos brilhantes, que illudem a multidão, e fazem rir o sabio: outros vestidos de pensamentos triviaes, de expressões estudadas, tiradas de lugares communs, já gastos pelo continuo uso. A sabedoria, assim como he fundamento de todas as outras cousas, tambem o he da Eloquencia; e para estabelecer a graça da elocução, e a elevação das ideias, he mister ajuntar, como Platão, a arte de dizer, e a de pensar elegante, e sublime.

Não he muito commum esta união, apezar de tão necessaria. O mesmo Horacio por tal a reconhecco, quando assignala a sabedoria como principio, e fonte de escrever bem. O mesmo Platão em seu Gorgias disse, que o Orador hade possuir a sciencia dos philosophos. Aristoteles depois nos ensina em sua Rhetorica, que a verdadeira Philosophia he a guia secreta em todas as artes; e o pai da Oratoria Romana chama á Eloquencia *copiòse loquens sapientia*.

O que será pois aquelle *sapere* de Horacio? Não he certamente o saber, como erudição, nem como sciencia da escola, porém sim a sabedoria: aquelle sal com que se condimenta a oração; aquelle ponto de tempero, que se deve dar ao manjar do espirito; aquelle discernimento para escolher o melhor; aquelle theor e modo de dizer, e escrever correcto, puro, claro, decoroso, e natural; aquella parcimonia nos conceitos, e em suas galas; aquella economia nos ornatos; aquella propriedade, e proporção nas imagens; aquella oportunidade, e justa medida nas allusões, similes, e comparaçoes; aquella severidade, e verdade nas sentenças; aquella igualdade nos termos, e curso da oração, filha do recto sentido, e liberal raciocinio, que se chama Philosophia, e he como a tocha, que guia os passos do escriptor, que aspira á Eloquencia.

O engenho, e a imaginação, por fecundos, que sejão, não chegão per si só a este ponto de perfeição: só a razão o alcança, ajudada do saber, que não nasce com o homem, antes se forma com a meditação, com a escolhida leitura, e com o continuo exercicio de ver, de comparar, e de compor. Entao se adquire aquella discrição, aquelle tino, e acerto na eleição das palavras, na força e verdade das sen-

tenças, na solidez, e efficacia das razoes, e no movimento dos affectos. Então preside a todas as nossas composições aquelle sentido recto, com que discernimos não só o bom do máo, o verdadeiro do falso, o solido do vasio, o profundo do superficial, senão o plano do humilde, o natural do plebeo, &c. &c.

DA IMAGINAÇÃO.

A mór parte dos que até hoje tem tratado da imaginação, hão estreitado, ou estendido de mais a verdadeira significação deste vocabulo, cuja ajustada definição se deve tomar em sua etymologia latina, *imago*. A imaginação pois consiste em huma combinação, ou reunião nova de imagens, e na correspondencia, ou conformidade exacta dellas com a affeição, que queremos excitar nos outros. Se esta deve ser o terror, então a imaginação cria as Esfinges, anima as Furias, faz bramar a terra em seus volcões, e vomitar fogo ás nuvens : se a admiração, ou o enlevo, cria de repente o jardim das Hesperides, a ilha encantada d'Armida, e o palacio de Atlante. Assim pois poderemos dizer mui bem, que a imaginação he a invenção em materia de imagens, bem como em materia de ideias o engenho.

Destas observações segue-se ser a imaginação aquelle poder, que todo o homem tem de representar em sua mente as cousas visiveis, e materiaes. Esta faculdade intellectual, ou intuitiva depende originalmente da memoria ; pois temos visto antecipadamente homens, animaes, montes, vales, rios, mares, ceos, e seus fenomenos. Estas percepções entrão pelos sentidos exteriores, a memoria as re-

tem, a imaginação as compõe; por isso os Gregos chamárão ás Musas filhas da Memoria.

A memoria carregada de factos, imagens, e representações differentes, e exercitada de continuo, engendra a imaginação, a qual, segundo se observa, nunca he tão viva, como dos trinta até os cincoenta annos, que he quando as fibras do cerebro tem adquirido toda a sua consistencia para dar vigor ás verdades, ou erros, que abraçou o entendimento. Outras causas physicas tambem concorrem para fortificar a imaginação: os livros a excitão; a pintura, e a musica a encendeião; a vista do theatro do mundo a engrandece, e o clima, e solo nativo a exaltão. Em verdade, alguma differença ha de haver entre as eternas neves da Laponia, e o benigno ceo das aprazíveis margens do nosso Capibaribi.

Não podemos negar, que n'antiguidade a imaginação teve suprema influencia em escriptores, que nascidos, e criados debaixo d'hum ceo ardente, e sereno fallavão lingoas mui favoraveis á harmonia, além disto huma physica animada, e huma Mythologia, que era a seus olhos huma galeria de pinturas. Seu mundo metaphysico estava povoado de entes corporeos, seus philosophos erão poetas, sua Religião dava vida, alma, e movimento ao mais inerte, e bruto da natureza; e em sua Meteorologia se pintárão com tão aprazíveis imagens os fenomenos terriveis, que chegárão a chamar risos de Vesta, e de Vulcano aos relampagos, e trovões.

He cousa mui natural ao homem o formar em sua fantasia especies de tudo, que ha visto; e dos fenomenos, que tem enleado a sua ignorancia; e aquelle, que se ha la-

vrado, e polido nos preceitos d'arte nunca he mais efficaz, nem eloquente, do que quando reduz a imagens os seus conceitos mais abstractos. Esta lingoagem natural he-nos tão familiar, que diariamente usamos della em todos os acontecimentos da vida commum : tal he a do amante enlouquecido, da amada zelosa, da viuva desconsolada, da mãi, que ha perdido o filho, e despedaça com seus lamentos o coração dos visinhos.

Todavia não esgotárão os antigos todos os mananciaes da imaginação, d'onde ainda muito podem tirar os modernos; pois em todos os bons escriptores brotão, digamo-lo assim, pensamentos, e figuras novas, animadas com vivas imagens; o que não he de admirar ; porque podem-se dar tantas, e tão diversas formas ás pinturas da natureza, como aos caracteres da imprensa ; verdade, que provém de cada homem ter de pintar os objectos segundo os vê, e conforme a impressão, que lhe causão.

A imaginação, sempre que se não abuse do seu calor, nem de suas cores, he necessaria ao escriptor, que ha de fallar aos sentidos, e ao Orador, quando precisa commover os animos ; porque a razão só por si com a natureza deixa fria, e como apagada a alma do ouvinte : com tudo o Orador não pode deixar-se possuir da imaginação, como o poeta, cujo excesso nesta parte só he desculpavel em huma composição escripta com calor, e vehemencia.

Quando o Orador tem de apresentar huma descripção, ou pintura para infundir terror, pode recorrer á imaginação, que lhe subministrará os retratos mais grandiosos, posto sejão menos correctos, com tanto que sejão os mais poderosos para causar huma grande impressão. Então,

por ex., preferirá as erupções de fogo, fumo, e cinza do Mongibelo á quieta, e pura luz das alampadas do sepulchro. Se se trata d'expressar hum facto singelo com huma imagem brilhante, de representar, supponhamos, a discordia levantada entre os cidadãos, a imaginação pintará a paz, que sáe chorosa da cidade, tapando os olhos com a oliveira, que lhe cinge a frente.

Quem pode duvidar, que algumas vezes a imaginação he não menos necessaria, que a razão ao homem, que tem de persuadir aos outros? Bem se conhece, que em hum discurso, não só he mister dizer verdades para satisfazer ao entendimento, senão tambem vesti-las de imagens para faze-las esplendidas, e agradaveis á imaginação. Se tivessemos por ouvintes puras intelligencias, ou homens mais racionaes, que materiaes ; bastaria expor-lhe singelamente a verdade; e então o Orador, em que se distinguiria do Geometra ? Como porém na mór parte dos discursos se falla a homens, que cerrão os ouvidos ao que não podem imaginar, que não comprehendem o que não sentem, e que se não deixão persuadir, senão do que os commove, e arrebata; he necessario por isso, que o que falla valha-se do auxilio das imagens, as quaes, pondo como diante dos olhos as cousas, sustém agradavelmente a attenção, e suspendem o animo.

LIÇÃO SEGUNDA.

A imaginação activa, que forma os poetas, he filha do enthusiasmo, o qual segundo a significação desta voz grega, he huma moção interna, que agitando o entendimento

transforma o auctor na pessoa, que faz fallar. Então o auctor diz precisamente as mesmas cousas, que diria aquella na situação, em que a representa. Mas a imaginação fogosa, se não he refreada, e temperada pela discrição, e bom gosto, de que logo trataremos, amontoa figuras fantasticas, e incoherentes, como a d'aquelle, que em certo drama poz na bocca d'huma Princeza desesperada esta affectada ameaça — O vapor de meu sangue subirá a acender o raio, que os deoses tem fragoado para reduzir-te a pó. — Quem ignora, que a verdadeira dor não se explica com methaforas tão violentas, e desvairadas? Se a imaginação he mais permittida á poesia, do que á prosa, he porque a locução do Orador deve apartar-se menos da lingoagem commum, e conhecida, posto se lhe avantaje na graça, e nobreza do estylo: pelo que as imagens, que são o essencial na Poesia, vem a ser o accessorio na Oratoria.

Na Eloquencia, bem como em todas as artes amenas, a esplendida imaginação he sempre natural, a falsa accumula cousas incompativeis, e a fantastica pinta objectos, que não guardão analogia, nem verosimilhança. A imaginação forte aprofunda os assumptos, a fraca toca-os superficialmente; a florida passeia por pinturas agradaveis, a ardente abrasa quanto havia de illuminar, e a moderada emprega com discrição todos os differentes caracteres, admittindo rara vez o extraordinario, e nunca o incrivel.

Todas as imagens são vivissimas, e interessantes, quando se tomão de objectos magnificos, ou admiraveis, e ainda mais dos que estão em acção, e movimento. Estes rasgos pintorescos, quando são obra de hum grande engenho, imprimem assombro ás pessoas de todos os seculos, e paizes:

tal he em Homero a alegoria da cadeira de ouro, com que Jupiter atrahe os homens; tal he o combate dos Titans em Hesiodo; tal o discurso pathetico do Occeano personificado por Camões nos seus Lusiadas.

Tal he o poder da imaginação, que quando o escriptor sabe usar da força, e graça do colorido, podem as suas palavras só guiar a mão de hum pintor para debuxar o que descreve. Então nos casos terriveis he sublime, nos lastimosos terno, e nos curiosos ameno. Ainda quando não sinta as cousas, que diz com toda a intenção, que corresponde ao assumpo, pode pintar com subidas cores o que sente, e o que não sente, soccorrido só da sua imaginação, quando he rica, e fecunda para fallar aos sentidos. O primor da mão distingue os artifices. Algum ha, que em hum retrato pinta ainda mais do que percebem os olhos; porque sabe dar a entender aos olhos ainda mais, do que explica o pincel; e sendo engenhosa a arte, ainda mais he o engenho.

Ouçamos o nosso classico Fr. Amador Arraes, quando com sublime pena pinta os serviços da Historia á memoria dos homens. « Abro os fastos da Historia, e de repente os mortos saem do pó; todos se movem, e se apinhoão de redor de mim. Que povoação! Que rumor! Os desertos se aformoseião, as antigas cidades tornão a erguer-se ao lado das novas. As gerações amontoadas humas sobre outras sahem triunfantes das trevas do sepulchro; e os monumentos de sua grandeza, que se salvárão do furor dos barbaros, parece, que estremecem á sua vista. Ouço a voz de Catão, declarando guerra aos vicios; vejo Bruto, e seus filhos immolados: sou testemunha do suspiro de Tito, e acom-

panho Scipião ao Capitolio. Que theatro este d'onde os homens de todos os seculos, e paizes se achão congregados, e ahi fallão, obrão, e faz cada hum seu papel sem se perturbar, nem confundir! Quão grande e magestosa me parece a terra, depois que o homem achou o segredo de pintar o pensamento, de immortalizar o espirito dos insignes varões, e de fazer, que resoem suas acções de polo a polo mil annos depois de mortos! Parece-me, que vejo a mão do homem deter o tempo em sua veloz carreira. . . . »

O grande Antonio Vieira, fallando do assombro, e medo, que acompanha sempre a consciencia dos máos, assim se exprime « Todos os males assignalou-os a natureza com marcas de temor, ou de vergonha. Este he aquelle echo espantoso, que diz Job, sôa sempre nas orelhas do tyranno, e aquelle cutelo, que para qualquer parte que volte o rosto, o está pesadamente ameaçando: este he aquelle açoite surdo, que está ferindo sem cessar o coração do delinquente.

Posto que em nossos antigos auctores se encontre o vocabulo *sentimento* na significação de affecto, não posso todavia acabar comigo o usar delle tomado puramente neste sentido absoluto; porque nunca os nossos bons classicos usárão delle no singular neste caso, senão no plural, e ainda assim sempre acompanhado das palavras *animo*, como *sentimentos do animo*, *o animo*, *cujos sentimentos*, &c., ou tambem determinado por algum adjuncto, como *sentimentos amorosos*, *sentimentos piedosos*, &c. E como em a nossa lingoa a palavra sentimento recebe as accepções de parecer, dictame, opinião, e a mais commum, e usual de pezar, de nenhum modo se pode adoptar só em lugar

de affecto, nem affectos, para não incorrermos em tão manifesta ambiguidade, que aliás se não dá na lingoa franceza, d'onde a forão buscar com pouco exame os que hoje a adoptão neste sentido.

O affecto como huma affeição suave do animo, referida ao homem moral, he aquelle movimento interno, e passageiro, que precede á paixão, antes que esta comece a tomar a sua effervescencia.. Esta perturbação do animo he o espirito dos rasgos vehementes, ou patheticos, quero dizer; daquella Eloquencia, que exalta, ou internece a alma : e por isso nem os affectos se excitão, nem suas expressões se pintão, se o Orador se não sente ferido dellas : mas como poderia comover os animos aquelle, que tivesse o seu frio, e tranquillo ? Além disto tambem não basta, que o Orador receba o movimento dos affectos em geral, se não está animado do que pretende excitar. Tudo o que se medita friamente sahe languido, e desmaiado ; o que fortemente se concebe produz-se com claridade, e do mesmo modo se exprime com calor o que se sente com enthusiasmo; porque as palavras tão facilmente nascem de huma ideia clara, como de huma viva comoção.

Conhece-se, se o que falla he destro pintor dos affectos pelo modo de os expressar. Toda a frase engenhosamente tecida descobre mais a agudeza do talento, que o calor do coração ; pois o que está possuido do que sente não se declara com rodeios, antes toma o caminho mais recto, e sempre o mais natural. A todas as sentenças affectuosas realça a singeleza, quer seja na frase, quer na dicção. Pelo contrario o escriptor rico de engenho, mas pobre d'affectos, perdendo de vista o simples, e o natural, converte os

seus conceitos em maximas, onde mais se mostra o estudo do que disserta, do que a facilidade do que sente. Este não subtilisa, nem generalisa os seus pensamentos para delles tirar consequencias, e reflexões sentenciosas.

Mas do que tenho dito não se infira, ser absolutamente preciso, que a paixão, que deve animar o Orador, seja por sua natureza semelhante a que intenta excitar nos ouvintes. Dous moveis tem a nossa alma para commover-se; o sentimento do coração, e a força da imaginação: o primeiro tem sem duvida maior acção; o segundo porém pode suppri-lo, e fazer as suas vezes. Pode pois succeder, que hum Orador sem estar realmente afflicto faça derramar lagrimas ao auditorio, e fazer, que elle mesmo as derrame. Por esta razão alguns homens de huma imaginação vehemente podem inspirar amor ás virtudes, que elles não tem. Com effeito, quando o que falla não falla em seu nome, senão em bocca alheia, querendo infundir temor, terror, vergonha, &c. em outros, não he indispensavel, que sinta elle mesmo estas paixões, senão que pondo-se em lugar da personagem, que introduz, pareça senti-las, como acontece a hum destro actor, que commove os espectadores com a relação animada de desgraças, que elle na realidade não tem padecido.

Se a imaginação suppre o officio do coração, não he pela impressão que faz no animo do que falla, senão pelo impulso, que communica ao dos ouvintes. Na verdade a acção de todo o affecto obra mais reconcentrada no interior do que falla, e a da imaginação sahe fora, e mais livremente se communica aos outros: se esta he mais violenta, tambem he mais breve; a outra porém he mais profunda, e duradoura.

O que se requer nos discursos patheticos he, que o Orador não faça engenhosas as suas expressões, e que nellas se não ache, senão o mesmo, que precisamente dicta a paixão á lingoa, ou á penna. Então o Orador possuido da paixão fixa-se em huma ideia, suspende-se, cala, e logo torna a ella quasi sempre por exclamação ou admiração, declarando o que padece com rasgos breves, como desafogos interrompidos do animo. Nesta fadiga sempre se diz mais do que se falla, e nunca se expressa com mais efficacia, do que com a acção, ou com o silencio. O Orador destro enche estes intervallos da reticencia, aqui d'huma exclamação, ali d'hum principio de frase, já de algum monosyllabo, já de hum suspiro enfatico; porque a força da paixão, cortando o alento, e perturbando a mente, costuma partir as palavras, e até dividir as syllabas. A alma então passa sem vontade de huma á outra ideia; e começando a lingoa muitas expressões, nenhuma acaba.

Veja-se como o cavalleiro Sydnei da masmorra, d'onde no dia seguinte devia sahir para o supplicio, escreve com sangue das proprias veias este terrivel bilhete á sua mulher. « Querida esposa, o teu oraculo cumprio-se: condemnarão-me á morte como rebelde; mas eu morro innocente, e digno do teu amor. Consola-te: sim, teu esposo não morre todo inteiro.... sua alma te espera além do sepulchro. » A esposa depois de haver implorado em vão o perdão do barbaro juiz, e de se ver aggredida das torpes solicitações deste arbitro da vida do preso, que por tão custoso preço lh'a promettia, diz-lhe entre magoada, e corajosa. « Deshumano! Acaso esperas, que eu compre com a minha affronta a tua clemencia? E não podes ser justo,

sem que eu seja adultera ?. . . . Mais que hum pai não tive; tambem não terei mais que hum marido. Esposo meu ! Que! Has de morrer podendo eu salvar-te? Não o posso. . . Sim, hei de soffrer o odio da minha patria, ou hei de merece-lo ? . . . . . O' tentação terrivel. . . . . Idolo da minha alma, crème. . . . morre virtuoso, que eu vivirei infeliz, mas não deshonrada. »

A eloquencia dos affectos he hum talento concedido pela natureza a poucas pessoas. Do engenho poderá depender a arte de convencer, mas não a de persuadir, a de seduzir, mas não a de mover : por acaso o engenho só formará hum rhetorico subtil ; porém hum homem eloquente sómente o fará hum coração sensivel, e grande ; porque aquelle, que se penetra vivamente do pathetico, e sublime, não está mui longe de expressa-lo. Esta disposição da eloquencia terna, que forma a unção do estylo, não comprehende as qualidades brilhantes da elocução, nem a harmonia entre o tom, e o gosto, da qual nasce a eloquencia exterior. Aqui tratamos daquella eloquencia interna, daquella que externando-se com huma expressão singela, e ás vezes inculta, faz pouca honra á arte, e muita á natureza; daquella em fim, sem a qual o Orador não he mais, do que hum declamador. Em prova finalmente de que as passagens mais ternas, e sublimes são dictadas pelo coração, e não pelo artificio observa-se, que os namorados esquecem-se facilmente do que disserão hum dia antes á sua amada ; porque nelles obrou a natureza, e não o estudo.

LIÇÃO TERCEIRA.

DO GOSTO.

Do sentido do gosto, aquella faculdade physica da lingoa, e do paladar, que distingue o bom, ou máo sabor dos alimentos, formou-se a metafora, que pela palavra *gosto* expressa o recto juizo do que he perfeito ou imperfeito em todas as artes. Este gosto he aquelle discernimento natural, que se anticipa a toda reflexão, como o do paladar. Para adquirir, e formar este tacto intellectual he mister tambem costume, e habito, como para o physico : he mister exercitar-se em ver, em sentir, e em julgar do formoso pelos olhos, e do bom pelo sentimento moral.

O gosto (diz Blair) pode definir-se *a faculdade de receber huma agradavel impressão das bellezas da natureza, e da arte.* A primeira questão, que se apresenta he saber-se, se o gosto deve ser considerado, como hum sentido interno, ou como hum esforço da razão. O vocabulo razão he huma expressão generica ; mas se por ella entendemos esse poder do espirito, que em as materias especulativas descobre a verdade, e na pratica, julga da relação dos meios com o fim, que se propõe, creio, que a questão será facil de resolver ; porque he evidente, que o gosto não pode entrar em nenhuma destas operações da razão. O prazer, que sentimos, da vista de hum bello quadro, ou da leitura de hum bom poema não he o resultado de huma descoberta da intelligencia, nem a consequencia de hum raciocinio. Muitos objectos

nos commovem interiormente, e fazem em nós profunda impressão, sem que sejamos capazes de lhe assignar a causa: elles produzem o mesmo effeito sobre o philosopho, que sobre o rustico, sobre o menino, que sobre o homem; de sorte que a faculdade, pela qual somos sensiveis a certas bellezas, mais parece provir de hum sentido particular, que da nossa intelligencia.

Não obstante isso (continua o sabio Blair) como em tudo, que diz respeito ás operaçoes de espirito deve-se cuidadosamente evitar o uso de vocabulos, cujo sentido não seja bem fixo, do que digo se não conclua, que a razão nenhuma parte tem em as determinaçoes do gosto. Com quanto este seja todo fundado em hum sentimento natural, e como instinctivo da belleza, todavia a razão lhe serve de guia na mór parte de suas operações, e concorre para lhe augmentar os progressos.

Se o gosto he huma faculdade, todos os homens o possuem mais, ou menos. De tudo, que he inherente á natureza humana, nada ha mais universalmente derramado, do que o sentimento do bello de qualquer genero, que seja, sentimento, que nos faz dar com prazer a nossa approvação a tudo que tem o caracter de ordem, de bellas proporçoes, de grandeza, d'harmonia, de novidade, e de vivacidade.

Mas existirá (prosegue o mesmo Blair) hum principio certo, pelo qual estejamos, para distinguir o bom do máo gosto? Ou não haverá distincção alguma entre elles, e repetiremos o proverbio, que em gostos não deve haver disputa, que tudo que agrada he bom, só pela razão de ser agradavel? Primeiramente se não existe prin-

cipio algum em materia de gosto, segue-se necessariamente, que todos os gostos são igualmente bons ; proposição, que se pode relevar, quando só se tracta de assumptos pouco importantes, ou quando se falla de ligeiras differenças, que se encontrão no gosto dos homens, cujo absurdo porém torna-se evidente, se se quer applicar ao gosto em geral. Em verdade quem pretenderá sustentar seriamente, que o gosto de hum Hottentot, ou de hum Laponio he tão puro, e delicado, como o de Virgilio, o de Longino, o de Addisson, &c. ? Quem ousará sustentar, que hum gazeteiro ordinario pode entrar em parallelo com Tacito, o melhor dos historiadores ? Se pois passaria infallivelmente por extravagante aquelle, que taes proposições emittisse ; devemos concluir, que alguma regra há, que determina a preferencia, que se dá ao gosto de hum homem sobre o gosto de outro homem, ou em outros termos, que em materia de gosto, como em qualquer cousa existe hum bom, e hum máo, hum gosto seguro, e hum gosto depravado.

Se alguem existisse, que tivesse em sua maior perfeição todas as faculdades concedidas á natureza humana, cujos sentidos internos fossem sempre subtis, e justos, cuja razão nunca fosse sujeita a nenhum desvio, os juizos, que tal pessoa fizesse sobre a belleza deverião incontestavelmente servir de regras aos outros homens. Quando o gosto destes differisse do d'aquelles, não se poderia imputar, senão a alguma imperfeição das suas faculdades. Mas como tal pessoa não existe, e não haja esse individuo, a quem a especie humana renda semelhante homenagem, qual será a autoridade competente, que dê regras aos nossos gostos

oppostos, e diversos? Não ha a este respeito, senão a decisão da maioria: e por tanto só devemos achar bello o que excita a admiração geral: o gosto unico, que se deve considerar justo, e verdadeiro, he aquelle que coincide com o sentimento de todos os homens. A opinião geral deve guiar-nos no que pertence ás obras d'engenho; porque se alguem quizesse sustentar, por ex., que o assucar he amargo, e a aquacia doce, he verdade que nenhum raciocinio poderia provar-lhe o contrario; mas o gosto de tal homem seria tido por depravado, só pela razão de defferir do gosto de seus semelhantes.

Mas, perguntará alguem, só deveremos reconhecer o que he bello com a approvação do maior numero? Cumpre-nos recolher os votos de todo o mundo, antes de podermos julgar por nós mesmos do merito das obras de prosa, ou de poesia? Não seguramente. Principios ha estabelecidos sobre a razão, e o discernimento, que podem ser applicados em materia de gosto, como nas sciencias, e na philosophia. Aquelle, que admira, ou censura alguma producção do engenho, por pouco cultivado que tenha o gosto, está sempre prompto a indicar os motivos da sua opinião; refere-se aos principios, e mostra as regras, em que se funda. O gosto pois he de alguma sorte huma faculdade mixta, composta em proporções diversas das luzes da intelligencia, e dos movimentos da sensibilidade.

Quando dizemos, que em materia de gosto devemos estar pelo sentimento da maioria dos homens, entenda-se, que fallamos dos homens, que estão collocados em huma situação favoravel ao exercicio do gosto. Bem se

vê, que as noções obscuras, que a este respeito tem os povos barbaros, bem como as que vogárão em os seculos de trevas, e de ignorancia, não podem fazer autoridade. Quando a sociedade está neste ponto, o gosto ainda não tem materias sobre as quaes possa exercer-se: elle não existe, ou se se mostra, he sob as mais miseraveis apparencias. Só aos sentimentos das nações civilisadas, e florescentes he que nos devemos referir, isto he; quando as Artes são cultivadas, os costumes apurados, quando as producções do engenho são submettidas á livre critica, quando em summa a sciencia, e a philosophia concorrem para aperfeiçoar o gosto.

O gosto portanto não he hum principio arbitrario sujeito aos caprichos de cada hum, e que não admitta signal algum, pelo qual se possa reconhecer o que he verdadeiro, e o que o não he. A sua base he a mesma no espirito de todos os homens; elle se funda nos sentimentos, e percepções, que pertencem á nossa natureza; e em geral as suas operações se desenvolvem, e estendem com as das outras nossas faculdades intellectuaes. Quando estes sentimentos são descarriados pela ignorancia, e pelos prejuizos, a razão pode chamal-os ao bom caminho. O meio de reconhecer, se o gosto de hum individuo he, ou não justo, e natural, he compara-lo ao gosto geral. Deixemos, que os homens declamem, quanto quizerem, contra as incertezas, e caprichos do gosto; pois a experiencia prova a seu respeito, que ha bellezas, que apresentadas de certo modo tem o poder de excitar em todos os tempos a admiração, de sorte que em qualquer genero de composição o que lisonjeia a imaginação, e toca o coração

agrada aos povos de todos os seculos : he huma corda, a que o coração humano sempre responde, huma vez que a saibão vibrar com arte.

LIÇÃO QUARTA.

Para a perfeição do juizo da vista, não só se requer exercicio, senão objectos de comparação. Em verdade aquelle, que não tivesse visto outros templos, senão os pagodes do Indostão, e nunca S. Pedro do Vaticano, como poderia graduar a distancia que vai do humilde ao magnifico, do mesquinho ao sumptuoso, do desconforme ao formoso, do monstruoso ao regular ?

Sempre que se falla em gosto nas obras d'engenho, deve-se entender o bom gosto, o discernimento, aquelle delicado tacto, e fina vista, para conhecer d'onde estão as perfeições, e onde os defeitos dellas. Este tacto, posto que parta da natureza, exercita-se pelo habito, e aperfeiçoa-se pela reflexão. Por isto hum destro pintor arrouba-se adiante de hum quadro ao descobrir á primeira vista mil graças, e primores, que se não manifestão aos olhos vulgares, que todavia poderião percebe-las com a continuação de as observar. Huma vista exquisita he hum tacto fino, pelo qual se percebem cousas, de que he impossivel dar a razão. Quantas bellezas ha em huma paysagem, ou em hum trecho de poesia, que só as pode qualificar o bom gosto, que vem a ser como o microscopio do juizo, pois torna visiveis as mais imperceptiveis perfeições !

No pintor por tanto, bem como no escriptor, ou orador o bom gosto suppõe sempre hum bom juizo, hum

largo estudo, hum animo generoso, e terno, hum engenho elevado, e sentidos delicados. Dotados destas qualidades sabem ambos distinguir os generos, e as situações das cousas, em que hão de exercitar o pincel, a penna, ou a voz. São patheticos, sublimes, graves, brandos, e graciosos segundo o intento de cada hum, e a materia, que hão de tratar.

Muito se ha escripto ácerca do gosto: os philosophos o tem encarado debaixo de hum ponto de vista, os rhetoricos debaixo de outro, os methaphysicos debaixo de outro; e até hoje, depois de tantas discussões, analyses, e observações criticas, não temos hum guia seguro, e geral, que nos leve ao perfeito conhecimento dessa faculdade intellectual, cujos effeitos melhor se podem definir, do que a sua natureza. Muitas cousas ha nas Artes, e disciplinas, que não cabem debaixo dos preceitos, e regras, nem podem ser ensinadas, e ás vezes nem mesmo nomes se lhes pode dar, ás quaes chegárão os homens d'alto engenho, feliz imaginação, e larga experiencia; e que o diga a pintura quão difficultoso he exprimir com o pincel os affectos do animo, e dar-lhes a luz, e sombra, que hão mister.

Não sendo pois possivel assignalar huma lei, nem hum modelo perfeito do gosto em materia de eloquencia applicavel a todos os seus generos, nem a todos os casos, tempos, e nações; reduzamo-nos a convir nestes principios geraes dictados pela recta e sã razão. Que tudo, que he correcto, puro, facil, formoso, e natural chama-se escripto, ou dicto com bom gosto: e tudo que offende a estas propriedades deve pelo contrario ter-se por vicio com o nome de máo gosto.

Este vicio nasce humas vezes da ignorancia, outras da estupidez dos sentidos, outras de descuidada educação, e outras de falta de commercio cortezão, e litterario, que faz polir o entendimento, afinar o discernimento, e aperfeiçoar a arte de expressar os pensamentos com graça, clareza, e precisão. Tambem nasce (e he ainda mais reprehensivel pelo seu máo exemplo) de huma extremada subtileza, e louçania de engenho do escriptor, quando se enfastia de seguir o caminho carreteiro do são juizo. Então esta subtileza, depois de haver corrompido a razão, corrompe o estylo, preferindo o difficultoso, agudo, e affectado, ao facil, solido, e natural: então brotão de todas as partes os agudos conceitos, as frases enigmaticas, os adornos pomposos, que obscurecem, ou enervão as sentenças, bem como nas plantas, o viço das folhas, e a abundancia dos renovos lhes afogão, e roubão a substancia, e o vigor. Debaixo destas considerações mais facil he dar huma ideia do que se chama gosto n'arte de escrever com exemplos do máo, do que do bom. No máo gosto se cifrão todos os vicios do estylo, que procedem de demasiada cultura, estudo, affectação, subtileza, destemperança de cores rhetoricas, e vaidade de singularisar-se.

Esta corrupção foi dominante por toda a Europa em o seculo passado. Então o escriptor, que era dotado de grande talento, abusava delle, como o mancebo mui robusto quer, confiado em seu vigor, e saude, fazer valentias, e a final estraga as proprias forças. He condição da vaidade, e ambição dos engenhos extremados buscar applausos sem ser pelos tramites por que os adquirirão seus antecessores, ou rivaes. Creem, que he baixeza o imita-los, e assim intentão

sobrepuja-los, abrindo novos caminhos, que não sejão os da natureza. E como tudo que se aparta do bom, hade ser necessariamente máo, daqui vem perder-se a regra, e até a ideia do bom gosto, e saborear-se o publico com extravagancias engenhosamente monstruosas. A' vista desta fatal experiencia, que ha soffrido a Eloquencia em todas as naçõcs, podemos affirmar que o máo gosto he mais hum vicio de excesso, que de falta.

O que era pois esse máo gosto, senão huma falsa ideia de delicadeza, energia, sublimidade, e formosura ? Enfermou a tal ponto o são juizo dos homens pelo costume, que o Orador, e o escriptor mediáo o seu merito pela difficuldade de se explicar, e os ouvintes, e leitores pela de interpreta-los : e se havemos de julgar pelo violento, e intrincado do estylo, que por mais de hum seculo foi moda, ou mania geral, quantos fallárão ou escrevèrão sem se entender a si proprios !

A mór parte desses escriptos, e sermões abundão de tudo, menos de juizo, e descripção, apezar de tantos conceitos, e descripções. Desvivião-se seus auctores por ostentar-se engenhosos, e profundos á custa da verdade, e da razão. As moralidades cobrião com hum véo enigmatico a Moral, e a affectação deixava dormir os affectos : o fim era deleitar, e assombrar, e não mover, nem persuadir, apresentar-se não grandes, porém gigantes, á expectação commum.

Para que nos havemos de cansar em buscar definições do máo gosto ? Se este he o máo estylo, nos vicios deste o acharemos pintado. Que profusão de paranomasias, e equivocos pueris erão então a graça da elocução ! Quantas antitheses simetricas, hyperboles colossaes, metaforas myste-

riosas, alegorias ridiculas, trocadilhos violentos, frases, por assim dizer, de filagrana, sentenças alambicadas, similes incoherentes, conceitos falsos, agudezas imperceptiveis por subtis, e quantos outros rasgos, folhagens, e maravalhas engenhosas, que não tem nome, nem numero! Finalmente trataremos de muitos destes defeitos, quando chegarmos aos vicios do ornato.

Bem como o máo gosto no physico consiste em não se agradar senão de temperos mui picantes, ou mui exquisitos; assim o máo gosto nas Artes está em se aprazer de ornatos estudados, e em não sentir a bella natureza, fundamento, e typo, de todas. O gosto depravado nos alimentos está em escolher aquelles, que desgostão aos outros homens, o que he huma especie de enfermidade. O gosto depravado nas Artes consiste em agradar-se de objectos, que enojão aos espiritos bem formados, em preferir o burlesco ao nobre, o especioso, e affectado ao bello, simples, e natural, o que he tambem huma enfermidade do espirito.

Quando se diz, que em materia de gosto não ha que disputar, deve-se entender a respeito do gosto sensual, da repugnancia, que se sente por certos alimentos, e da preferencia, que se dá a outros, pois não he possivel corrigir defeitos organicos: mas não he assim a respeito das Artes; porque como estas tem bellezas reaes, ha hum bom gosto, que as discerne, e hum máo gosto, que as ignora. Ha sem duvida almas frias, espiritos falsos, que se não enthusiasmão, nem sabem apreciar o que he bello: com taes pessoas não se deve com effeito disputar ácerca de gostos; porque ellas nenhum tem.

LIÇÃO QUINTA.

DO ENGENHO.

Em vão pretenderiamos mostrar com doutrinas, exemplos, e reflexões guiadas pela Philosophia as demais qualidades, que constituem o talento Oratorio, se nos esquecessemos da primaria, e principal, que he o engenho, o qual a todas preside. Do que poderião servir os concelhos da sabedoria, as cores da imaginação, o calor dos affectos, e as regras do bom gosto para fallar, e escrever com eminencia, e applauso a quem se visse destituido desta chamma, desta inspiração, desse enthusiasmo, que com taes metaforas poeticas se define o engenho? Este, considerado como hum lume celeste, que esclarece o nosso entendimento, chama-se tambem numen, e genio, personificando estes nomes em figura de deidade, ou anjo, que nos inspira, conforme ao dizer de Ovidio, fallando dos poetas— *Est Deus in nobis.* —

Engenho pois significa aquella virtude do animo, e natural disposição nascida com nosco, e não adquirida por arte, ou industria, a qual nos torna aptos para emprezas extraordinarias, e para o descobrimento de cousas altas, e secretas; por isso os Gregos, e Latinos chamárão engenho á natureza de qualquer cousa: e assim tambem toda a invenção nas Artes argue engenho, e o que carece deste dom nativo nunca será, senão hum imitador mais, ou menos perfeito das operações de outrem. Por extensão se chama engenho toda a machina, ou artificio em mechanica, como as catapultas, e trabucos n'antiga artilha-

ria, os moinhos d'assucar, &c., &c., por se suppor engenho em sua invenção. Por outra applicação analoga damos o nome d'engenho á industria, ou ardil, de que usa o homem para conseguir os seus fins; porque nesses meios sempre se suppõe artificio. Finalmente chama-se engenho, por sinecdoche, ao mesmo sugeito engenhoso.

Como porém na lingoa franceza não se distingue particularmente engenho de genio; pois não tem para exprimir estas duas noções mais, que o vocabulo *genie;* d'aqui veio adoptarem-o sem discripção os nossos gallicisparlas, chamando genio o que constante, e unanimemente chamárão engenho os bons classicos da nossa lingoa. Na franceza, como todos sabem, *genie* mais se toma por engenho, do que por genio; porque esse seu vocabulo applica-se á arte, e profissão d'engenheiro, e ao mesmo corpo d'engenheiros, chamado *corps du genie*: logo bem poderemos dizer, que esse genio traduzido á franceza he o nosso engenho verdadeiramente portuguez.

Entre nós o vocabulo genio val o mesmo, que o natural, a indole, a inclinação com que cada hum se sente para o exercicio em alguma sciencia, ou arte, bem como nas d'invenção se chama numen. Este numen, que exalta a mente humana a huma região superior, e de certo modo a endeosa, he aquelle espirito activo, que move o talento inventor, e abre rumos não conhecidos ao discurso. D'aqui á supersticiosa admiração no antigo gentilismo deo os nomes já de genio, já de demonio a essa potencia intellectual, que tornou tão distinctos alguns varões sabios por sua eminente, e maravilhosa intelligencia. Esse numen era o genio de Platão, e o demonio de Socrates; a

ninfa Egeria, que guiava a Numa, e a corsa branca, a quem consultava o famoso Sertorio. Não se podia então retractar com emblemas mais significativos a luz mysteriosa, e occulta da Philosophia, da Sciencia Politica, e da arte da Guerra. Tanta foi a veneração que adquirio o soberano saber de certos homens, que a admiração teve de atribuir a força do seu engenho a influxo sobrenatural.

Tambem tomamos o vocabulo genio pela mesma natureza, ou indole, que nos inclina ás obras boas, ou ás más; porque, como diz o antiguo proverbio *genius est quod unâ gignitur nobiscum:* taes são as pessoas, que chamamos de boa, ou de má indole. Mas nenhuma destas propriedades, que influem na moralidade, pertencem ao que entendemos por engenho, que he talento superior, ou inventivo nas operações do discurso, e não do animo.

Se alguma vez se pode usar deste vocabulo, he personificando-o, tomado por algum sabio singular, que haja feito epocha no progresso de alguma sciencia, mas sempre acompanhado de algum epiteto, como divino, creador, inventor, soberano, original, &c. Diremos mui bem neste sentido o genio d'Homero, de Platão, d'Aristoteles, de Descartes, de Newton; e não Homero foi hum genio, Platão era hum genio, &c.; porque esta accepção absoluta nada significa em Portuguez. Ainda mais improprio he este vocabulo, e menos intelligivel, se fallando das boas artes dicermos em lingoagem afrancezada — o genio em hum poeta, ou Orador pode ser superior ao seu gosto: na eloquencia pode mais o genio, que a arte: o genio prejudica os sentimentos do orador: ha escri-

ptores de muito gosto para julgar, e de pouco genio para compor, e outros gallecismos semelhantes que enjoão de morte.

O vocabulo engenho em sua significação commum estende-se além dos termos das boas Artes ; pois applica-se igualmente ao talento sobresaliente em as Mathematicas, como na Poesia, na Tactica, como na Eloquencia, na Politica, como na Pintura, na Astronomia, como na Musica, na Physica, como na Mechanica, &c. Com a arte, e o estudo pode-se augmentar, mas não adquirir este talento.

Não chamamos homem d'engenho ao homem d'exquisito gosto, ou de feliz imaginação, senão gera, produz, ou cria por si, isto he; senão trabalha de sua propria invenção, que se costuma dizer *de proprio marte*, como denotando, que nelle se suppõe engenho com alguma parte de divino. O novo, e o singular nos pensamentos não bastão para dar o nome de engenho ao Orador ; he mister, que as suas ideias sejão grandes, ou summamente importantes aos homens. Neste ponto differenção-se as obras d'engenho das originaes ; porque estas só tem o caracter da singularidade, e não o da invenção, a qual não se deve entender só na traça, e composição senão tambem na expressão, e estylo. Os principios d'arte de bem dizer são todavia tão obscuros, tão varios, e imperfeitos, que o que não he realmente inventor neste genero, jamais alcançará o titulo de grande engenho.

Não basta hum fino gosto, huma delicada critica, nem conhecer o imperfeito, o sublime, se o Orador não produz novas perfeiçoes, ou se não as apresenta com novidade,

que não he pequena graça, e virtude. Com o gosto se julga; mas só com o engenho se executa. Este sempre precedeo a toda delicadeza, e primor, como succedeo na infancia da Poesia, e da Eloquencia, e outras artes, em que as ideias mais sublimes, e as expressões mais vehementes andavão vestidas em trage tosco, e plebeo. Aos primeiros heroes pinta a antiguidade despidos para representar o vigor, e esforço da sua natureza; e se alguma vez vestio parte de seus membros, foi com silvestres despojos de suas proprias façanhas, como insignias de troféo, e não como adorno, e compostura.

O engenho do Orador sujeita ao imperio da sua palavra tudo creado: pinta toda a natureza com imagens; encendeia, ou apaga as paixões, e faz fallar o mesmo silencio: o formoso toma debaixo da sua penna nova formosura, o terno nova suavidade, o energico novo vigor, o terrivel nova sublimidade: em fim o engenho do Orador arde sem se consumir.

Em vão perguntaria o que he engenho quem delle não tiver alguma semente em seu animo. Aquelle, que fica frio, e tranquillo, lendo as perorações de Cicero a favor de Plancio, de Sextio, de Fonteyo, e recebe como cousa apenas sonora, e graciosa os lugares pateticos de Massillon, que o devião enternecer, e arroubar, que ideia pode ter desse dom sublime, que a especulação das definiçoes não pode explicar a quem o não pode sentir? As maravilhas dos affectos dos grandes mestres nada dizem a quem os não pode imitar: e como quem os não pode imitar não tem em seu animo sentelha alguma dessa chamma divina, em vão espere produzir cousa excellente nem como poeta,

nem como Orador. Inuteis são as regras d'arte, inuteis os exemplos ao escriptor, que carece d'engenho; pois não pode criar, e menos imitar; por quanto quem não sente o que o mestre sente em tal passagem, ou situação como poderá nunca por-se n'aquelle caso? Copie, ou roube os pensamentes alheios, e venda-nos tudo ao depois, como o mercador vende o trabalho de outras mãos.

Alguns tem crido, que o que chamamos engenho consiste na extensão da memoria : errado conceito de entendimentos vulgares, que tendo o cerebro alfaiado, por assim o dizer, de pensamentos, e frases emprestadas, imaginárão igualar aos originaes, aos escriptores, que compõe por proprio numen, como se disseramos, que trabalhão com materiaes de sua propria mina. O homem douto, que conta só com a sua memoria, vem a ser o obreiro inferior, que vai ás pedreiras escolher o marmore ; e o homem de engenho he o esculptor, que faz respirar a pedra debaixo da forma da Venus de Guido, ou do Gladiador romano. O engenho sim, pode supprir a memoria ; porém nunca esta ao engenho. Cornelio á Lapide, Varrão, ou o Tostado com a sua maravilhosa erudição nunca chegarião a fazer huma só pagina da Quaresma de Massillon, nem das Orações Funebres de Bossuet, ou Flechier, e menos serião capases de compor hum canto da Eneida, ou hum Episodio dos Lusiadas de Camões.

He inegavel, que o engenho tambem tem seus extravios, e sôe perder-se remontando-se nas asas de huma impetuosa imaginação. Aqui entra a exercer o seu officio hum severo gosto, e huma sabia moderação, que se forma com o estudo critico dos mestres d'arte ; porém sempre com a cautela de

não obedecer cega, e servilmente a exemplo daquelles animos flegmaticos, que parece, quizerão arrancar á Eloquencia os seus raios. Tudo o que está cheio de verdade, e razão pode respirar alguma vehemencia, porém he mister fugir da ridicula fantazia do declamador, que esgrimindo com palavras ôcas, esquenta-se puerilmente, representando com animo frio o pathetico.

A eloquencia escripta, por estar desacompanhada de acção não necessita menos de moção, que a pronunciada. As Verrinas, e a segunda Filipica de Cicero forão compostas só para a leitura, e sem embargo são por ventura o que ha de mais vigoroso, e penetrante na Eloquencia. O Orador algumas vezes ha de fazer fallar a paixão, e neste caso não deve seguir os passos lentos, e compassados do dissertador. A mesma verdade realçada com a novidade da expressão, e calor do estylo, dá maior valor á justiça da causa, e ganha todos os votos do auditorio. Digamos em summa, que o Orador, ou escriptor dotado de engenho, quando tracta d'objectos, que lhe tocão vivamente o coração, de necessidade ha de communicar ao seu estylo os movimentos do seu animo : por isso vemos que ordinariamente os escriptores engenhosos pintão em seus escriptos o seu caracter e só delles se diz, que tem seu estylo proprio, com quanto outros talvez os sobrelevem em mais esplendida, e formosa elocução.

LIÇÃO SEXTA.

DA INVENÇAÕ.

Todo aquelle, que se propõe a compor hum discurso, e mormente o Orador, cujo fim he persuadir por meio da palavra, tem necessidade de procurar o que ha de dizer, a ordem, em que ha de dizer, e o modo, por que ha de dizer, nunca perdendo de vista a materia, as pessoas a quem se dirige, o tempo e o lugar : *quid dicat, et quo quidque loco, et quo modo*, diz Cicero.

Aqui temos a Invenção, a Disposição, e a Elocução. Em todos os tempos, e entre todos os povos os que reflectirão na arte da palavra reconhecêrão, que esta divisão era justa e exacta; por que qualquer que seja o assumpto, sobre que se exerça a Eloquencia, sempre se ha de começar concebendo o objecto, buscando as ideias, as provas, e os meios de bom exito, que elle pode subministrar : ao depois cumpre arranjar as partes do discurso em huma ordem natural, e judiciosa, e a final tracta-lo em um estylo adaptado ao caracter do mesmo discurso : e esta ultima parte, a Elocução, he no sentir de Cicero, e Quintiliano, de todos os antigos e modernos, a mais difficil, a mais nobre, a que verdadeiramente dá todo o preço, e realce á Eloquencia.

Por tres meios se pode conseguir a persuasão, que vem a ser ; instruir, deleitar, e mover : *ut probet, ut delectet, ut flectat*, diz Cicero de Oratore. Mas advirta-se, que ha muita differença de convencer a persuadir. Convencer he reduzir a alguem por provas evidentes, ou pelo raciocinio

a dar o seu assenso a huma verdade, ou a hum facto: persuadir he levar alguem a crer, decidi-lo a fazer ou deixar de fazer alguma cousa. A convicção exerce-se sobre o entendimento; a persuasão obra sobre a vontade. Ao Philosopho pertence convencer-me d'huma verdade, ao Orador o persuadir-me, que devo obrar no sentido dessa verdade, para a qual elle se esforça por voltar as minhas affeições. D'aqui se vê, que a Eloquencia exerce-se sobre huma, e outra cousa, isto he, procura convencer o entendimento, e a final mover a vontade.

Se os homens fossem perfeitamente rasoaveis, bastar-lhes-ia o entendimento; e huma verdade apresentada ao seu espirito seria sufficiente para obter sem trabalho a sua equiecencia; mas não succede assim. A experiencia sobejamente ha mostrado, que á proporção que a pessoa, que falla, he agradavel, ou desagradavel aos ouvintes, bem, ou mal recebidas são as suas palavras: que segundo os mesmos ouvintes estão prevenidos de movimento de amor, ou de odio, de inveja, ou de favor, desta, ou daquella paixão em summa, formão uizos differentes. Entre tanto cumpre observar, que o Orador nem sempre tem por fim a persuasão, e por consequencia não deve empregar em toda a sorte de discursos os tre smeios, que a produzem.

Instruir he communicar verdades, transmittir conhecimentos, que ainda faltavão. Instrue-se por pensamentos ajustados, por bem deduzidos raciocinios, e por provas solidas. D'onde se evidenceia, que sem o estudo da Philosophia impossivel he haver Orador. « *Positum sit igitur in primis* (escreve Cicero de Orat.) *non posse effici, quem querimus eloquentem.*» Em verdade (accrescenta este grande

mestre) sem o soccorro da Dialectica como se ha de conhecer o genero, e a especie de qualquer cousa? Como se ha de explicar, e definir? Como distribui-la em suas partes, e julgar o que he verdadeiro, e falso? Como se hão de ver as consequencias, prever as contradições, aclarar as duvidas, e tirar o que parecer equivocação?

Porque Demosthenes não seguio a ociosidade de outros, antes por longo tempo foi ouvinte de Platão, por isso levou o principado entre os Oradores Gregos. Igualmente o citado Cicero antes de entrar na carreira da Eloquencia, estudou com os mais famosos Philosophos, e confessa, que se chegou a ser Orador, muito mais o deve ás Academias philosophicas, que as escolas da Rhetorica. « *Fateor me Oratorem, si modo sim, aut quicumque sim, non ex Rhetorum officinis, sed ex Academiæ spatiis extitisse.* » Mas assim como o Orador deve ser Dialectico, igualmente deve mostrar, que o não he. Ha de encobrir-se, quando falla como eloquente, de maneira que no parecer do auditorio só se ouça o Orador, e não o Philosopho. O Dialectico tem sua lingoagem, que não convem ao caracter oratorio; porque contentando-se com as cousas, que diz, pouco cuida no modo, porque as diz: o Orador porém põe igual desvelo no que diz, e no modo, por que o exprime. Hum falla com secura, outro com abundancia; hum explica-se com simplicidade, outro com imagens, e figuras: o Dialectico em fim só representa a verdade nua sem ornatos, nem enfeites; o Orador não gosta de a pôr em publico, senão com a decencia dos adornos.

E donde nascerá tanta diversidade de lingoagem? Da diversidade do fim, a que hum, e outro se propõe. O fim do

Dialectico he só instruir, alumiar o entendimento, e demonstrar a verdade. O Orador quer sim igualmente instruir, obrar sobre o coração, e dominar na vontade ; e para conseguir este fim ajunta á subtileza, e exacção do Dialectico a força, e fogo dos affectos, a sublimidade dos pensamentos, a belleza das expressões, e a abundancia das palavras. D'onde deve concluir o Orador, que a Dialectica lhe he absolutamente necessaria ; mas que em seus discursos tem de encobrir: até he obrigado a discorrer como Philosopho; porém a fallar como Orador ; alias será a sua oração huma desputa das Aulas, e não uma obra da Eloquencia.

Deleitar he recreiar o espirito por meio de certos agrados, que se reunem no discurso. Deleita o Orador com a boa ideia, que dá de si mesmo ; com imagens verdadeiras, agradaveis, e tocantes ; com ornatos escolhidos, e bem collocados, com huma elegancia natural, e sustentada : para isto he, que se faz indispensavel a imaginação e o bom gosto, de que já tractamos. Se o Orador para deleitar, e para persuadir em summa precisa, que dê boa ideia de si mesmo ; segue-se, que para se ser bom n'arte de persuadir, primeiro se ha de ser bom nos costumes. Jámais se chega ao fim da Eloquencia, senão imprimindo-se nos animos a grandeza, e importancia daquellas verdades, que fazem com que se extermine o vicio, e triunfe a virtude. E para se conseguir isto não he preciso, que haja no Orador hum grande fundo de probidade ? Como ha de elle mover os animos, accende-los, e fazer nelles vivas, e profundas impressões, se tambem não estiver movido, abrasado, e persuadido ?

Dir-nos-hão, que bastará, que o Orador se finja virtuoso,

quando na realidade o não seja ? Não, não basta ; que isso seria confundir o Orador com o comediante, tanto mais, quanto essa hipocresia não se pode sustentar por longo tempo. Ha olhos perspicazes, a que não escapão as artimanhas da impostura : tarde, ou cedo cahirá a pelle de ovelha, e apparecerá o lobo ; porque he mui difficil expor-se hum homem ao publico, e não apparecer qual realmente he.

Quintiliano, apezar de gentio, propõe esta questão — Está hum Orador, homem de máos costumes, no mesmo gráo (se he possivel) de engenho, de estudos, e de doutrina com outro, que he de conhecida probidade em todas as suas acções : qual dos dous excederá em eloquencia? Ha de certamente exceder o que for melhor de costumes. « *Demus id, quod nullo modo fieri potest, idem ingenii, studii, doctrinæ pessimo, atque optimo viro : uter melior dicetur Orator ? Nimirm qui homo quoque melior.* »

Poderá o mesmo entendimento no mesmo tempo conceber as melhores, e as peiores cousas? Poderão unir-se em o mesmo coração os sentimentos mais honestos, e elevados com os mais abatidos e torpes ? Tudo isto será possivel, se o mesmo homem puder ao mesmo tempo ser, e não ser virtuoso. » *In eodem pectore nullum est honestorum turpiumque consortium, et cogitare simul ac deterrima, non magis est unius animi, quàm ejusdem hominis bonum esse, ac malum.* »

Ha cousa mais desordenada, e dividida (continúa o mesmo Quintiliano) do que huma má consciencia ? *Nihil tam laceratum, quàm mala mens.* » E em tanta confusão que lugar pode ter a Eloquencia ? Esperar merecer o nome de Orador o homem, que não tem probidade será pretender

d'hum campo cheio de abrolhos a producção de bons fructos. « *Quis inter hæc eloquentiæ locus ? Non hercle magis, quàm frugibus in terra sentibus, ac rubis occupata.* » Por isso dizia Cicero no seu Orador « Mostrai diante de vossos ouvintes, que sois quaes deveis ser : este he o ponto mais importante da arte Oratoria. Finalmente não he possivel nem mesmo instruir, e menos persuadir aquelle, que quando falla, ou escreve não chega a deleitar.

Mover he dispertar, excitar, augmentar, e sustentar a sensibilidade dos outros pro, ou contra a pessoa, ou cousa, de que se falla. Move-se por figuras vehementes, por movimentos apaixonados, rapidos, e energicos ; o que tudo nasce da sensibilidade ajudada da imaginação e do engenho. Este he o officio mais importante, e difficultoso do Orador : aqui está todo o seu triunfo, toda a sua gloria. Para este effeito he, que elle carece conhecer toda a extensão, todas as gradações do Bello quer physico, quer moral, quer artificial, que constitue a Esthetica, ou theoria das boas Artes fundada na natureza, e no gosto. Disto teremos de fallar, quando tractarmos do sublime.

LIÇÃO SETIMA.

Se a Eloquencia, além de depender do talento, tambem he hum'arte ; qual será a sua materia ? Por materia da Eloquencia entenderemos tudo aquillo, sobre que se pode fallar, ou escrever ; poque sobre todo, e qualquer assumpto preciso se faz já instruir, já mover, e sempre deleitar. Desta regra só se poderão excluir as Mathematicas ; por quanto dirigindo-se estas unicamente á razão;

e sendo materia especulativa, tem huma terminologia certa, e invariavel.

Os antigos reduzirão toda a materia da Eloquencia a tres classes, ou generos; a que chamárão hypothesis, ou causas, isto he; genero Demonstrativo, Deliberativo, e Judicial. O Demonstrativo tinha por fim expor huma serie de factos, ou circunstanciar hum caracter: por isso o panegyrico pertencia a este genero. O Judicial, destinado, como o mesmo nome está indicando, para os debates, e questões do foro, cifrava-se todo na accusação, e defesa. O Deliberativo mais elevado, e mais vasto em seus vôos tratava das leis, que tinhão de estabelecer-se, ou revogar-se, das medidas, que se havião de adoptar para a conservação do Estado; tratava da paz, e da guerra, finalmente de todas as grandes questões politicas, que podem ser decididas no seio das Assembléas deliberantes.

Esta classificação, que talvez fosse excellente no tempo de Aristoteles, e do Paganismo, parece-me, que hoje he pouco exacta; porque em que classe poremos a Eloquencia do pulpito, e os discursos philosophicos? Bem sabemos, que os Quintilianos modernos os classificárão no genero Demonstrativo, ou Laudativo: mas esta maneira commoda de arranjar as cousas não pode satisfazer ao homem, que reflecte. Em verdade o sermão, pelo qual se demonstra huma these Theologica, ou Moral, o discurso Philosophico, cujo fim he a solução de hum problema de Philosophia assemelha-se por ventura ao panegyrico, cujo fim unico he louvar, ou vituperar? Outra razão se offerece para devermos rejeitar a classificação das escolas antigas, e vem a ser; o não se dar entre os tres

generos, que ellas estabelecem, differenças systematicas, analogas, e parallelas; porque a eloquencia judicial approxima-se á deliberativa em que, como esta, ella falla ás paixões, e combate interesses reaes. A eloquencia demonstrativa não se recomenda, senão pelo interesse de curiosidade, e não se dirige essencialmente ás paixões.

Isto posto, parece, que não devemos abraçar rigorosamente a classificação dos antigos; porém sim adoptar outra mais accomodada aos nossos tempos, e circunstancias. Mas qual escolheremos? Limitar-nos-hemos, a exemplo de alguns modernos, a huma simples nomenclatura de epithetos, e collocaremos promiscuamente huns apoz outros os generos judicial, philosophico, politico, evangelico, academico, demonstrativo, e militar? Mas hum catalogo não he huma classificação; e aqui põe-se na mesma linha generos, e especies, divisões, e subdivisões. Além disto alguns destes generos entrão parcialmente huns nos outros. Quem não vê, por ex., que a eloquencia judicial he muitas vezes academica, e que tambem hum discurso academico muitas vezes não he, senão hum panegyrico?

Faremos com outros tres grandes classes, isto he; eloquencia das paixões, eloquencia da razão, e eloquencia de apparato? Mas esta divisão tão engenhosa, quanto original, não he philosophica: porque a eloquencia da paixão he sem duvida opposta á da razão: mas acaso cada hum destes generos he opposto da mesma maneira á eloquencia de apparato? Não certamente: a esta seria mister contrapor a eloquencia séria, que tem hum fim perfixo, palpavel, e importante; e nesta segunda eloquencia apparecerião como divisões de huma parte a eloquencia das

paixões, e de outra a eloquencia da razão De mais alguma cousa de vago ha nestas palavras de paixão, e de razão, quando se falla d'Eloquencia, e muitas vezes nos veriamos embaraçados para referir a esta, ou aquella classe tal, ou tal discurso : por ex., onde poriamos o discurso militar ?

Finalmente, approximando-nos á classificação dos antigos, mas substituindo ao genero Demonstrativo evidentemente mesquinho, e limitado, outro mais nobre, e mais grave, admittiremos tambem tres generos, mas chamando-os Judicial, Deliberativo, e Evangelico? Esta divisão he simples, bella, e magestosa : ella faz, que o discipulo da Eloquencia corra tres grandes theatros; o foro, a tribuna, e o pulpito : ella subministra-lhe tres grandes classes d'interesses ; o de hum homem, o de hum povo, e o do genero humano : tres grandes objectos ; a lei, o imperio, e a Religião. Deste modo os tres generos se elevão gradual, e analogicamente huns sobre os outros. A eloquencia publica, ou deliberativa mais ampla, mais elevada, que a eloquencia privada, ou judicial, cede o passo á eloquencia universal, ou sagrada ; e tanto excede o Orador, que salva hum povo ao que salva hum homem, quanto o Apostolo, que préga ao genero humano, sobreleva ao que falla em favor de huma nação.

Não se pode negar, que he brilhante esta distribuição das principaes obras oratorias em tres classes ; mas em tudo cumpre preferir o verdadeiro ao brilhante. Ora neste quadro tão resumido onde collocaremos a Eloquencia militar? A que genero referiremos a Eloqueucia academica, o Panegyrico, e o Elogio funebre ? Fôra cousa

ridicula fazer deste ultimo genero huma variedade da Eloquencia Sagrada ; pois que esta tem por fim demonstrar, ao passo que o Elogio funebre narra, louva, expõe, e só *peraccidens* se eleva já a discussões philosophicas, já a considerações moraes, e religiosas. Além disto no foro, e na tribuna politica o Orador interpella, solicita, aviva, ou adormenta as paixões : elle vê, elle teme, elle accomette inimigos verdadeiros, e sustenta hum combate. No pulpito porém pelo contrario o homem apostolico dirige-se principalmente á razão : não tem antagonista, nem com quem arcar braço a braço.

A Eloquencia sagrada pois não só he mais grave, mais magestosa, mais sublime, senão tambem mais tranquilla, e mais recolhida. Os antigos de alguma sorte o tinhão presentido ; pois o mesmo Cicero admirador apaixonado de Platão, louvando a Eloquencia Philosophica, que tem grande parentesco com a Sagrada, filha, do Christianismo, accrescenta, que essa Eloquencia harmoniosa, solemne, veneranda, fecunda em grandes imagens, em nobres pensamentos e em altas lições, he falta de vehemencia, de seducção, e de magia ; porque não pode armar as paixões. Como Deos, ou como o Sabio de Zenon ella he superior á esfera das tempestades : a tribuna, e o foro estão na região, onde se forma a nuvem, onde fuzila o relampago, onde ruge, e ribomba a tempestade.

A' vista destas razões, mais acertado me parece distinguir primeiramente a eloquencia ardente, e bellicosa, que põe em movimento paixões materiaes, e palpitantes, da eloquencia tranquilla, que, conta, expõe, descreve, ou demonstra ; dando á 1.ª o nome *d'incitativa*; porque ex-

cita, e arrastra a hum fim, e á 2.ª o *d'especulativa* ; por que de alguma sorte limita-se á contemplação de hum objecto. No genero incitativo pode incluir-se 1.° a eloquencia privada, que combate, ou defende interesses individuaes, subdividida em judicial, e militar, e em 2.° lugar a Eloquencia politica, que tracta dos interesses da nação. O genero especulativo tambem se subdivide em *apodictico*, ou de demonstração, e *exegetico*, ou de exposição : o primeiro comprehende os discursos philosophicos, e o Sermão ; o segundo as diversas especies de panegyricos, e elogios. Não será preciso crear huma classe especial para a Eloquencia Academica, que não forma verdadeiro genero ; porque como todas as suas producções entrão no genero especulativo, são ou discursos philosophicos, ou elogios.

Forçoso me he confessar, que a nossa lingoa não nos offerece discursos, que possão servir de norma, ou d'exemplar em nenhum dos mencionados generos ; apenas no genero apodictico se pode citar hum exordio, huma peroração do Padre Antonio Vieira, e o seu famoso Sermão da Restauração contra as armas Holandezas prégado na Bahia. Em os nossos classicos ha huma preciosa mina de bellas descripções, de energicas pinturas, de graciosas methaforas, &c., &c. ; mas não me consta, que no pulpito, no fôro, na tribuna, nas Academias, ou nos campos de batalha tenha a lingoa Portugueza originaes, como a Franceza hum Bossuet, hum Mirabeau, hum Thomaz, hum Napoleão, ou hum Burk, hum Chatam, hum Pitt, que tanto sublimárão o Parlamento Inglez. O Brasil ainda agora começa o seu tyrocinio na carreira da liberdade : cul-

tive elle as Sciencias, haja todo o desvelo no estudo da Eloquencia, que nos não faltão talentos, e a nossa Mocidade, doces esperanças da Patria, não terá, que envejar as mais felizes, e polidas nações da Europa.

LIÇÃO OITAVA.

DA DISPOSIÇAÕ.

A Disposição he aquella parte da Eloquencia, que ensina a pôr em ordem conveniente os meios de persuadir, submi-nistrados pela invenção. Não basta ter achado as cousas, que se devem dizer ; releva po-las em ordem, e fazer dellas hum todo regular, e methodico ; sem o que o discurso não apresentaria, senão hum montão confuso de ideias sem graça, e sem verdadeira utilidade. A ordem, e conveniente arranjo dão preço ás mais bellas cousas. « Vede, diz Quintiliano, essas fórmas separadas, esses membros dispersos, posto que acabados, e perfeitos : acaso farcis delles huma estatua ; se os não souberdes unir ? Se no corpo humano pozerdes huma parte em lugar de outra, ainda que o resto fique como estava, não tereis hum monstro ? Por pouco desarranjados, que estejão os musculos, e nervos , farão por ventura as suas funcções ? Os grandes exercitos, huma vez postos em confusão, embaração-se, e derrotão-se a si mesmos. O universo não se mantem, senão pela ordem, perturbada a qual, tudo pereceria. »

Na ordem pois está igualmente a força, e o merito do discurso oratorio. As cousas que se tem inventado, cada huma das quaes brilha por sua propria belleza, se dellas se

sabe fazer huma acertada distribuição, adquirem nova graça, nova luz, novo realce : ellas prestão-se mutuo soccorro, por cujo meio se sustentão, ellas em fim fortificão-se reciprocamente, e tornão-se dest'arte mais aptas para produzir a persuasão. De dous modos (diz Cicero) he a ordem do discurso : huma indicada pela mesma natureza ; e a outra depende da prudencia, e sagacidade do Orador. A primeira consiste em pôr no lugar, que lhe he marcado pela natureza, o exordio, a proposição, a confirmação, &c. A segunda serve para exprimir o arranjo, que tem entre si, as principaes ideias do discurso, e particularmente as que pertencem á confirmação ; a isto he, que se costuma chamar plano do discurso.

O plano d'hum discurso pois deve reunir justeza, clareza, simplicidade, fecundidade, e unidade. Terá justeza o plano, quando abraçar o assumpto em toda a sua extensão, sem nada accrescentar, nem cortar. Terá clareza, quando offerecer ao espirito huma imagem abreviada, e distincta de todo o assumpto ; quando separa as partes, sem as destacar, e as ajunta, sem as confundir. Terá simplicidade, quando reduzir o assumpto por mais complicado, que seja, a hum pequeno numero de pensamentos, ou de proposições geraes, que o dominão todo inteiro. Terá fecundidade, quando cada pensamento principal encerrar em seu seio huma multidão d'outros pensamentos; quando mostrar duas, ou tres verdades, em cujo seio se percebão outras muitas. Terá unidade em fim, quando formar hum todo de partes, que estejão de accordo entre si, e que directa, e insensivelmente caminhem a hum fim commum.

O Orador, que quizer dar unidade ao seu discurso, deve

perguntar a si mesmo. « O que he, que eu quero provar ? Que pretendo persuadir ? Qual he a proposição, que melhor exprimiria o meu objecto ? Este preceito de unidade no todo, e proporção em todas as suas partes he fundado em razão, ensinado por todos os mestres, e applica-se a todas as obras de qualquer genero, que sejão. « *Denique sit quodvis simplex dumtaxat et unum* » (diz Horacio na sua Arte Poetica).

Quanto porém ao primeiro modo d'ordenar o discurso a mesma natureza (escreve Cicero) nos ensina quantas partes deva ter. Ella nos adverte, que não entremos bruscamente na materia ; senão que para isso preparemos os animos : que exponhamos a cousa, de que se tracta ; depois que a provemos, fazendo valer as nossas razões ; e a final, que ponhamos no discurso huma conclusão, que o termine.

D'aqui se segue, que todo o discurso consta de quatro partes : 1.ª o Exordio, que prepara os animos : 2.ª a Proposição que expõe a materia : 3.ª a Confirmação, que a prova : 4.ª a Peroração, que conclue. Aristoteles na sua Rhetorica ensina, que todo o discurso rigorosamente só tem duas partes, isto he, a Proposição, e a prova. Em verdade, diz elle, he impossivel propor simplesmente huma cousa sem a provar, ou prova-la sem ter dicto antes o que he, nem te-la proposto.

O Exordio, diz Quintiliano, tem por fim dispor o ouvinte para nos escutar favoravelmente em todo o discurso. Proposição he o enunciado simples, claro, e preciso da questão, ou do assumpto, que o orador pretende tractar. A narração, que rigorosamente só pode ter lugar em as causas civis, ou criminaes, he a exposição d'hum facto con-

tado, ou pelo menos qualificado differentemente por duas partes adversas. A confirmação, parte essencial, e fundamental do discurso, consiste, como o mesmo nome diz, em firmar por provas a opinião, que se ha adoptado, ou a these, que se sustenta. Ordinariamente he duplicada ; por que as provas, que contèm, põe-se em duas classes, humas offensivas, pelas quaes o Orador acommete ao seu antagonista, e outras defensivas, pelas quaes elle se protege contra os ataques. Esta metade da confirmação mais especialmente se chama Refutação. Peroração he a parte do discurso, em que o Orador, despedindo-se do auditorio, procura de novo concilia-lo, e induzi-lo a pensar, a querer, a dizer, e obrar com elle.

Sendo o exordio destinado especialmente a dispor o auditorio em favor da these, que se emprehende sustentar, e a preparar o triunfo da causa, deve, bem como todo o resto do discurso, dirigir-se ao mesmo tempo ao entendimento, e á vontade : por outra, deve pôr a mira em dous pontos principaes : 1.° conciliar a benevolencia, e isto pertence á vontade : 2.° captivar a attenção, o que diz respeito ao entendimento.

Para o Orador conciliar a benevolencia deve ao menos em geral estrear-se simplesmente, e sem enfaze, não fallar de si, se não em extrema necessidade, e com modestia summa ; parecer penetrado da justiça da sua causa, e principalmente testemunhar á multidão dos ouvintes hum vivo interesse, e huma profunda veneração. Todavia estas regras, á excepção da 3.ª, são antes conselhos ; porque circunstancias ha, em que o Orador pode, e até deve logo no principio lançar mão d'hum estylo ve-

hemente, energico, e pomposo, fallar com grandeza, e dignidade, e não captar por fórmas aduladoras, muitas vezes tão forçadas, como servis, a benevolencia do auditorio. Para captivar a attenção deve o Orador mostrar-se intimamente convencido da importancia do seu objecto, e anticipadamente tocando nos pontos capitaes da causa, fazer presentir as altas questões de facto, ou de direito, que elle suscita, as grandes paixões, que combate, os poderosos interesses, que move.

He claro, que dando assim a ideia geral do assumpto, não deve o Orador descer a minudencias, e circunstanciar os objectos. He ridiculo, diz Blair, pôr hum vasto portico á entrada d'hum pequeno edificio; do mesmo modo, que collocar hum exordio longo, e desproporcionado em frente d'huma oração, que deve ser breve. Quanto ao tom, que se pode tomar nesta parte do discurso, e que varia segundo a natureza, a solemnidade, e circunstancias dos debates, distinguem-se d'ordinario quatro especies d'Exordios, a saber: 1.° o simples, que não consiste realmente, se não em expor em poucas palavras, e claramente o objecto, de que se vai a tractar, o que nas escolas se chama exordio *principio*: 2.° o exordio ensinuativo, que se emprega especialmente, quando se teme, e se procura destruir a prevenção pouco favoravel do auditorio: 3.° o exordio pomposo, pelo qual se expõe em toda a sua grandeza, e magnificencia o assumpto, que tem de tractar-se; e he o mais adequado aos panegyricos, e aos discursos philosophicos: 4.° emfim o exordio vehemente, que se costuma a chamar *ex abrupto*. Este consiste em entrar na materia entregando-se o Orador impetuosamente a hum sentimento irresistivel de in-

dignação, de medo, de dor, &c. ; o que só deve ter lugar, quando a causa he por si mesma gravissima, e o auditorio evidentemente abalado por violentas paixões facilmente terá de se deixar arrastrar do enthusiasmo, e effervescencia do Orador. Quem não conhece, e cita como modelo neste genero o exordio da primeira Catilinaria ? Tito Livio tambem nos deixou hum exemplo admiravel em suas historias : tal he o cabeçalho do discurso de Canuleio, tribuno do povo, auctor de duas leis populares, huma das quaes ordenava a nomeação de dous Consules plebeos, e outra o direito d'alliança entre as familias plebéas, e patricias. Coberto de baldões, e d'injurias, bem como o povo, pelo Consul, elle exclama « Que os patricios vos desprezavão profundamente, ó Romanos, que vos considerão indignos de habitar a mesma Cidade, os mesmos muros, cousa he, que tudo muitas vezes vos ha revelado, porém ainda mais o furor, com que hoje repellem duas leis culpadas; porque lhes recordão, que somos seus concidadãos, e que se não temos o mesmo poder, temos a mesma patria. »

Contão sete vicios do Exordio : o *Vulgar*, o *Commum*, o *Commutavel*, o *Separado*, o *Transferido*, o *Longo*, e o que se faz contra os preceitos. Exordio vulgar he aquelle, que pode accommodar-se a muitos assumptos : Commum he aquelle, de que o Orador contrario pode servir-se : commutavel o que o mesmo adversario pode tornar em sua utilidade : Separado o que não tem connexão com o assumpto, ou ligação com a parte do discurso, a que está unido: Transferido aquelle, no qual se usa de hum meio diverso do que convinha para alcançar o fim, a que era destinado.

Longo, he o que não guarda justa proporção com o corpo do discurso. Contra os preceitos finalmente, he aquelle Exordio, que não faz o ouvinte nem benevolo, nem attento, nem docil ; ou o que he ainda peior, o que indispõe os ouvintes em vez de os conciliar.

Como a falta de proporção no Exordio com o todo do discurso constitue hum dos seus sete vicios, importa declarar, que o Exordio, como introducção ao discurso, deve ter huma extensão proporcionada ao mesmo discurso, a fim, como diz Quintiliano, de não parecer, que elle só medrou na cabeça, e de não vir o Orador a fatigar com aquillo mesmo, com que devia preparar.

Para que a Narração seja perfeita he mister, que tenha tres requisitos, ou virtudes, isto he ; que seja clara, breve, e verosimil. Será clara a Narração, se o Orador observar as seguintes regras : 1.ª se empregar nella palavras proprias, com tanto que não sejão sordidas, deshonestas, ou ainda demasiadamente baixas : se se servir de palavras expressivas, nunca porém de exquisitas, e desusadas : 3.ª se fizer a devida distincção das cousas, das pessoas, dos tempos, dos lugares, das causas : 4.ª Se usar d'huma pronuncia intelligivel.

Será breve a Narração : 1.º se o Orador começar d'onde rigorosamente convèm, e não de mais longe : 2.º Se o Orador não introduzir nella objectos estranhos ao assumptos : 3.º Se cortar tudo o que lhe não fizer sensivel falta. He porém de advertir, que podendo a Narração ser viciosa tanto por demasiada concisão, como por superfluidade, a ter de cahir em algum destes dous extremos seja antes no da superfluidade, embora com isso produza

tedio, do que lhe falte o necessario. Como porém a natureza do assumpto pode exigir huma Narração longa, para que ella se não faça fastidiosa, e para que seja estudada com attenção, observará o Orador as regras seguintes: 1.ª Disporá já desd' o fim do Exordio os seus ouvintes para a longa Narração, que vão escutar: 2.ª Differirá para o lugar da confirmação o que puder ser, fazendo em todo o caso menção disso, que para lá guarda o relatar: 3.ª omittirá na ordem da Narração as particularidades, que forem menos importantes: 4.ª fará a devida partição dos pontos, em que a materia pode ser naturalmente dividida: 5.ª finda que seja, recapitulará em poucas palavras tudo quanto nella houver de essencial. Finalmente, sendo a brevidade cousa relativa á materia, de que tracta o Orador, a regra geral nesta parte he dizer, como nos ensina o mestre Quintiliano *quantum opus est*, e *quantum satis est*, isto he; nem de mais, nem de menos.

A Narração será verosimil, se o Orador: 1.º consultar a boa razão, a fim de não dizer cousas contrarias á natureza: 2.º se antepozer as razões, e os motivos aos factos, que lhe forem relativos, mormente quando esses factos forem extraordinarios, e por consequencia menos criveis: 3.º se der ás pessoas os seus convenientes, e respectivos caracteres: 4.º se attender ás circunstancias dos lugares, dos tempos, &c.: 5.º se dispozer o enredo dos incidentes da Narração de sorte que de hum se passe naturalmente a outro: 6.º se lançar nella as sementes de provas, que servem para confirma-la: 7.º se usar das competentes Preparações oratorias. Por Preparações oratorias entendem-se certos accessorios de pessoas, de tempos, e de lugar, os quaes posto

que pareção inuteis, dispõe com tudo os espiritos para melhor acreditarem certas cousas, que com os ditos accessorios tem connexão.

A Peroração não deve ter, senão hum fim, e só dirigir-se á vontade. Todavia alguns Rhetoricos pretendèrão, que ella devia, como o Exordio, dirigir-se ao entendimento, e por consequencia conter huma recapitulação dos motivos principaes anteriormente desenvolvidos : mas Cicero, que devia entender da materia, zomba deste systema, comparando o Orador, que assim desanda, e torna atraz a huma serpente, que acaba as suas circunvoluções mordendo a propria cauda. Em verdade supponhamos, que he necessaria, e dá-se a recapitulação, parece ridiculo confundi-la com a peroração ; porque posta entre a confirmação, que acabou, ou vai a acabar, e a peroração, que tem de apparecer immediatamente, á qual d'estas duas partes deve naturalmente annexar-se ? claro está, que á aquella, com que tem mais relação, e semelhança : logo deve ser á confirmação, da qual não he, senão hum resumo, e de que contem as ideias principaes.

Não entraremos no exame minucioso de todas as partes do discurso, e de quanto diz respeito á Disposição Oratoria; porque lhe não descobrimos tanta utilidade, quanta lhe querem dar ordinariamente nas escolas.

O Professor além disto com huma breve, e clara explicação poderá facilmente instruir os seus discipulos ácerca dessas miudezas do discurso. O que pertence á Invenção, e Disposição oratorias em verdade não se aprende nas Escolas com o devido proveito ; porque de ordinario as regras, que se dão, e as questões, que se apresentão a esse respeito,

não servem a final, senão para formar pedantes. Toda a utilidade desta disciplina cifra-se em o Professor infundir o gosto em seus alumnos; e isto he sem duvida do fòro da Elocução.

Devo advertir outrosim, que estas nossas Lições reduzidas a compendio, e se forem impressas, como espero, que o sejão, não podem abranger todo o desenvolvimento, de que são susceptiveis relativamente a varios pontos desta materia, alias mui vasta: e por isso algumas poderáõ ser divididas em duas, e mais Lições segundo a sua natureza; pois que em todo, e qualquer compendio forçoso he deixar muitas cousas para serem descobertas, ou deduzidas pelos discipulos, e amplificadas pelo mestre.

LIÇÃO NONA.

DA ELOCUÇAÕ.

Elocução na accepção propria do vocabulo he a enunciação do pensamento por meio da palavra. « *Eloqui* (diz o grande mestre Quintiliano) *est omnia quæ mente conceperis promere, atque ad audientes perferre.* » Tambem muitos seservem das palavras dicção, e estylo para significar o modo d'exprimir-se: mas he sob differentes respeitos; e não he exacto emprega-las indistinctamente; porque tem cada huma sua accepção propria, que cumpre conservar. A palavra *elocução* indica por sua etymologia a maneira d'exprimir-se fallando. A dicção entende-se especialmente da escolha, e arranjo das palavras relativamente á correcção grammatical. Estylo toma-se pela maneira d'escrever, ou por outra, estylo he a elocução escripta.

Não devemos confundir o estylo com a dicção ; porque as palavras podem ser justas, as frazes correctas, e não obstante tudo isto o estylo ser duro, aspero, fraco, affectado, vicioso em fim. O estylo de qualquer escriptor sempre tem alguma analogia com o seu modo de sentir : elle pinta as ideias, que se lhe apresentão ao espirito, e ao mesmo passo o aspecto, debaixo do qual se lhe apresentão, de sorte que quando lemos huma obra, he impossivel, que separemos o estylo do auctor do seu modo de pensar. D'aqui a razão por que cada nação tem hum estylo differente, segundo o seu caracter, e engenho : cada escriptor tem hum seu, que lhe he proprio, e depende do seu modo de ver, e sentir ; por isso diz Buffon, que o estylo he o mesmo homem.

A Elocução he a parte essencial d'arte Oratoria, aquella, cujo merito caracterisa o Orador. « *in quo oratoris vis illa divina virtusque cernitur* (diz Cicero). Em outro lugar accrescenta, que hum homem sensato pode achar as cousas, e arranja-las; mas que sabe-las exprimir só pertence ao Orador. Assim he esta a parte mais difficil, e cuja excellencia he mais rara. « *Elocutio* (diz Quintil.) *pars operis, ut inter omnes oratores convenit, difficillima*» *Apud homines* (tinha dicto Cicero) *res ulla difficillior, neque major, neque quæ plura adjumenta doctrinæ desideret.* » Facilmente reconhecerá esta difficuldade aquelle, que considerar de quantos elementos se compõe o discurso; de que juizo, de que imaginação, de que gosto, de que engenho, de que sensibilidade cabe, que seja dotado quem tem de commandar as palavras, os torneios, os movimentos mais proprios para exprimir, para provar, para pintar o que pre-

tende dizer, para communicar os sentimentos, que experimenta, para sublevar, ou acalmar as paixões.

Os modernos considerão a Elocução pelo que ha de mais importante na Eloquencia; porque aquella he a theoria desta. Assim o pensava Voltaire, quando no seu Diccionario Philosophico diz « Quasi sempre as cousas, que se dizem, abalão menos, do que o modo, por que se dizem, pois quasi todos os homens tem as mesmas ideias das cousas, que estão ao alcance de todo o mundo: a expressão, o estylo he, que constitue toda a differença.... O estylo torna singulares as cousas mais commuus, fortifica as mais fracas, e dá grandeza ás mais simpleces. Sem o estilo impossivel he, que haja huma só producção boa em genero algum. » As obras bem escriptas (diz o precitado Buffon) serão ás unicas, que tem de passar á posteridade. A quantidade dos conhecimentos, a singularidade dos factos, a mesma novidade das descobertas não são fiadores seguros da immortalidade. Se as obras, que as contem são escriptas sem gosto, sem nobreza, e sem engenho, perecerão; por que os conhecimentos, os factos, e as descobertas facilmente se roubão, transportão-se, e até lucrão em ser manobrados por mãos mais destras. »

Além disto constando a Elocução de pensamentos, e palavras, o que pertence aos primeiros he commum a todas as nações, e seus preceitos, fundados na experiencia do coração humamo, são universaes, e se applicão a todos os paizes cultos: não assim a parte material, não assim o mechanismo das palavras; porque as lingoas são mui differentes, e os modos de dizer diversificão infinitamente de hum para outro povo, segundo o seu edioma, seus habitos,

seus costumes, seu caracter, seu gráo de civilisação, &c. D'aqui vem a differença da Eloquencia; d'aqui a razão por que nunca será eloquente, fallando, ou escrevendo em Portuguez aquelle, que só tiver estudado a Rhetorica de Cicero, e Quintiliano, aquelle, que não conhecer a indole da sua lingoa, sua força, suas graças, suas bellezas, aquelle em summa, que não tiver feito estudo, e mui serio estudo da Eloquencia Portugueza. E nem se olhe com indifferença, como pretendem alguns elambusados de Philosophia para o estudo das palavras; porque estas são o instrumento, por meio do qual manifestamos e transmittimos as nossas ideias, os nossos sentimentos, e pelos quaes podemos conseguir o magico effeito da persuação: e como preencherá bem todos estes fins aquelle, que desconhece os meios, aquelle, que não sabe avaliar toda a sua força, todo o seu prestimo? applicar os preceitos geraes da Eloquencia conforme aos grandes mestres á lingoa Portugueza eis toda a tarefa da nossa Cadeira.

Agora seguiremos a ordem estabelecida por Quintiliano, e adoptada pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho, cujas palavras muitas vezes teremos de copiar. As palavras podem considerar-se no discurso ou cada huma de per si separadamente ou formando differentes aggregados, e estes com os nomes já de orações ou incisos, já de membros, já de periodos. Será perfeita a elocução, quando as palavras consideradas huma por huma separadamente forem puras, e claras; quando consideradas as palavras nas suas differentes reuniões forem correctas, e bem collocadas; quando consideradas as mesmas palavras quer reunidas, quer separadas forem simultaneamente ornadas. São por tanto as virtudes da Elocução pureza, clareza, correcção, boa collocação, e ornato.

A Elocução será pura, quando as palavras forem do proprio idioma, em que o Orador se propõe a fallar, e de mais disto adoptadas pelo uso dos que bem fallão. Tres vicios ha contra a pureza da Elocução, e vem a ser ; o Barbarismo, o Purismo, e o Peregrinismo. O primeiro consiste no acrescentamento, ou diminuição de syllaba, ou letra, ou na inversão de qualquer palavra, posto que natural da lingoa. O segundo consiste na affectação de pureza de lingoagem. O terceiro consiste no emprego de palavras, de frases, e de torneios proprios de idiomas estrangeiros.

Agora passaremos a tractar com mais alguma extensão do que se deve entender por uso a respeito de lingoagem ; e ao depois fallaremos do Peregrinismo. Nesta materia não podemos seguir melhor guia, do que ao insigne Filologo Portuguez Antonio das Neves Pereira, cujas dissertações são hum documento indelevel de bom gosto, de critica judiciosa, e de boa Philosophia.

« Posto que no exame das Lingoas (diz elle) se assignalão a Analogia, e o Uso, como dous principios differentes, com tudo, attenta a sua natureza, ambos tem entre si mui estreita união, e trabalhão como de mão commum ; por que tanto a Analogia, como o Uso nas Lingoas caminhão ao mesmo fim, e ambos seguem regularmente a Metafysica das Lingoas, accommadando varias formas de palavras á analyse das ideias, e ás suas differentes modificações. Do que se pode inferir, que em muitos casos são pura pedantaria as guerras, que armão os Filologos entre si, huns defendendo a Analogia contra o Uso, outros o Uso contra a Analogia, como Varrão observou entre os Latinos, e depois delle Quintiliano.

Ha com tudo huma certa subordinação da Analogia ao Uso; por quanto a Analogia verdadeiramente não he outra cousa, senão huma extensão do Uso. Não foi a Analogia a que instituio as Lingoas: pelo Uso he que principiárão a estabelecer-se, e só depois d'estabelecidas, e autorisadas principiou a observar-se a Analogia, que as melhorou, e aperfeiçoou. Assim o Uso não he sempre tão despotico, e tyranno nas Lingoas, como o fingem os seus devotos: muitas vezes se aconselha com a Analogia, e a attende, e lhe cede em muita parte os seus poderes; alias se não houvesse tanta conformidade entre a Analogia, e o Uso, n'huma mesma Lingoa teriamos duas diversas Lingoas, huma dos Grammaticos, outra da nação em commum, huma segundo a Analogia, outra segundo o costume, o que seria absurdo.

Mas nem por isso a Analogia he universal, nem infallivel em todos os casos, de maneira, que tudo que ha nas Lingoas, se deva decidir pelas suas leis. Nem ella verdadeiramente prescreve lei alguma; tudo que contem, são meras observações, as quaes se considerassemos como leis em todo o rigor, acharíamos muitas vezes Analogia contra analogia, ou a analogia contraria a si mesma, e cahiriamos em milhares de contradicções, e inconsequencias. De força assim ha de ser; porque a Analogia das Lingoas (como observa Quintiliano) não veio do ceo, quando os homens forão creados, nem elles aprendêrão a fallar pela Analogia; mas só depois da instituição das Lingoas, he que foi inventada a Analogia, isto he; depois que o tempo, e a curiosidade excitou os homens a observar as varias inflexões, e desinencias das palavras. He verdade, que toda a analogia s'encaminha a fazer a expressão regular, que he a primeira,

e a mais necessaria de todas as qualidades, do estylo, e sobre tudo a que distingue o bom, e o máo escriptor, segundo a maxima do grande Critico Despreaux :

« *Sans la langue, en un mot, l'Auteur le plus divin*
Est toujours, quoi qu'il fasse un mechant Ecrivain.

Conseguintemente á Analogia nos devemos sempre cingir, quanto he possivel, mas não com tal superstição, como se assentassemos, que não ha modo de fallar bem, senão o que dicta a Analogia; pois que ao contrario muitas vezes acontece, que approva o Uso o que a Analogia reprova, e esta sempre está sujeita ao Uso, como dependencia delle.

O caminho, que ensina a Analogia (diz Quintiliano) assim he, que he o mais direito para a rectiloquencia ; mas que importa, se temos outro, que he o do Uso, contrario sim ao da Analogia, mas que não deixa de ser mais facil, e mais batido ! De maneira que os doutos são muitas vezes obrigados a conservar a Analogia na sua especulação, e a seguir o Uso, que reina na pratica « *Cùm extorta mihi veritas esset*, (diz Cicero de Oratore) *usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavi.*

D'aqui vem, que muitas vezes ha huma grande differença entre locução grammatical, ou regular, e locução boa, maxima geralmente abraçada de todos os Grammaticos Philosophos: por quanto não basta, que a fraze observe quaesquer regras arbitrarias, que os Grammaticos constituirão na Lingoa, se com tudo se apartão do Uso, ou elle as rejeita.

Assim como as regras da Lingoa tem seu fundamento na Analogia ; as Anomalias, isto he; as excepções das regras

tem fundamento no Uso da Lingoa. Qual seguiremos pois? Qual rejeitaremos? O partido prudente vem a ser: 1.° Sempre devemos seguir a Analogia, e em todos os casos, em que o Uso se lhe não oppõe. 2.° Sempre devemos seguir a Anomalia, toda vez que ella he fundada no Uso, ainda que a Analogia se lhe opponha. E fallando em geral, posto que huma lingoa viva, em que o uso domina, não pode totalmente ser fixada pela analogia; com tudo as suas regras conduzem muito para a sua perfeição, e sobre tudo ellas servem de coarctar, e sopear as mudanças caprichosas do uso popular, tão vario, e inconstante nos modos de fallar, como as modas de vestir.

LIÇÃO DECIMA.

Quem ler attentamente os Autores, que tractão das Lingoas, ou os Criticos nas censuras, que fazem da lingoagem, e estylo dos Escriptores, achará, que não ha ideia mais vaga, e indeterminada, do que a que se attribue ao vocabulo *Uso*, sobre tudo na nossa Lingoa; de maneira que assim como das falsas regras da Analogia, ou da sua má applicação se seguem varios prejuizos, assim ha outros, que procedem da errada ideia, que se faz do Uso. Os Filologos Portuguezes, governando-se pela imagem poetica, com que Horacio o descreve, tem feito delle huma especie de divindade, que realizão em ideia, e venerão com nimia superstição sem cabalmente conhecerem os seus attributos. O Poeta com tudo na frase severa, e substancial, que he propria do seu estylo, não omittio os caracteres, que lhe são devidos.

« *Usus* (diz elle) *quem penes arbitrium est, et jus et norma loquendi:* e faz admirar, que quasi todos os Commentadores tomassem por synonymos aquelles termos, não obstante a sua formal propriedade.

Quem penes arbitrium est.

1. O Uso he juiz nas Lingoas. Qualquer questão, que se mova sobre as palavras, ou modos de fallar, estão debaixo da sua jurisdicção : elle he quem as decide, e sem elle, ou antes delle não existirão as regras, que prescreve a Analogia.

Et jus

2. Elle he despotico soberano com pleno, e absoluto poder. Ninguem mais, do que elle, nem tanto como elle, pode dispor das palavras, apezar de qualquer particular capricho, razões, ou opiniões, que se allegarem. Em querendo elle, muitos vocabulos, que havião caducado, tornaráõ a florecer :

Multa renascentur, quæ jam cecidere ; e se elle quer, os vocabulos mais frescos, mais mimosos, e autorisados, apezar de tudo, ficaráõ em esquecimento.

Cadentque
Quæ nunc sunt in honore vocabula, si volet usus.

Et normâ loquendi

Elle mesmo he regra da Lingoagem, e regra sobre todas

as regras. Nenhuma tem valor, senão as que elle autorisa ; e as que elle derroga ficão sem effeito. E quando os Criticos censurem huma frase de irregular, ella corre, e correrá segura com o favor do uso.

Taes são as suas decantadas prerogativas : porém notada a confusão, com que ordinariamente o allegão, creriamos, que o reputão como hum mero ente de razão, ou pura quimera, fingida no cerebro dos Filologos; porque uso simplesmente, bom uso, e máo uso, ou abuso, legitimo uso nacional ordinariamente não se distinguem, e a sua luz para o conhecimento das Lingoas fica-nos tanto a perder de vista, como se lá o houvessem collocado na maior distancia de Saturno.

A' vista do exposto convirá fazer algumas observações a respeito desta materia, alias mais importante, do que muitos imaginão.— 1 Por uso, quando se falla d'huma Lingoa determinada, sempre se entende, e deve entender o uso nacional ; e este não he outra cousa, senão *o perpetuo, e uniforme theor, que constantemente se tem observado no idioma, conforme ao seu caracter, e natural constituição*, ou seja nas regras da Analogia, que o uso não derogou, ou nas mudanças, que elle por suas occultas razões tem introduzido. Digo occultas razões; porque muitas vezes para alguma mudança tiverão os homens, que a instituirão, presentes algumas razões, as quaes, passado tempo, ou não lembrão, ou não são examinadas pelos outros, que continuão o uso ; do que resulta, que ordinariamente corrre o uso, e não constão as razões, e por conseguinte qualquer temerario se julga ter direito a appellar de suas leis, e taxa-lo de abuso. Conseguinte-

mente o uso nacional comprehende tudo o que os Grammaticos chamão Idiotismo, isto he ; propriedade dos termos, ou da frase, segundo o uso da Lingoa ; e por isso Idiotismo, estylo da Lingoa, e uso nacional tudo vale o mesmo. E quanto a isto o imperio deste uso firma-se nestas duas leis.

1.ª Nenhum Idiotismo estrangeiro será admittido na Lingoa sem sua autoridade, sob pena de ser taxado de Peregrinismo.

2.ª Admittidos, reconhecidos, approvados, e autorisados que sejão pelo uso nacional quaesquer Idiotismos, ninguem ousará disputar-lhes o seu foro, ou condemna-los de furtivos, ou será havida por pedantismo toda a tentativa dos adversarios.

Na primeira lei são comprehendidos muitos Latinismos, que a cada passo s'encontrão em algumas traducções Portuguezas, &c., &c. Nesta mesma lei caem innumeraveis Gallicismos, que a pedantaria insensata do seculo presente tem introduzido no nosso idioma, do que fallaremos logo, quando tractarmos do Perigrinismo.

Pelo contrario por virtude da segunda lei goza a nossa Lingoa d'alguns Hebraismos, que tem muitas vezes singular energia, como quando dizemos, exagerando o tempo, dias, e dias, annos, e annos, &c. ; ou as cousas : riquezas, e mais riquezas, prazeres, e mais prazeres, &c., &c.

2. O uso legitimo, e supremo legislador das Lingoas não he o uso do vulgo, ou uso popular ; porque se a este competisse tal poder legislativo, seriamos obrigados a approvar, e empregar no commercio da vida familiar, e ci-

vil mil expressões toscas, e informes, de que ha innumeros exemplos: o vulgo porém assim na lingoagem, como nas acções, não he barbaro em tudo; e por isso todos os termos sãos do seu uso tem valor, não como seus, mas como autorisados pelo uso supremo da gente civil, de quem o povo os participa. Conseguintemente quando os Mestres de Eloquencia ensinão como regra fundamental da Elocução, que se deve fallar, como todo o mundo falla, e que he hum erro enormissimo affectar outra lingoagem, outros termos mais afidalgados, differentes dos do racional uso geralmente recebido; por isto não constituem o uso do vulgo universal, e supremo legislador de lingoagem; mas presuppõe, que tudo, que ha na lingoagem commum são, tem a approvação do uso legitimo.

Além de que a lingoagem do vulgo he mais ou menos corrupta á proporção que os costumes são mais, ou menos civilisados, segundo a condição dos paizes, e dos empregos, que nelle exercitão os homens, e a cultura do entendimento por meio das Artes liberaes. Assim entre os Romanos pelo frequente exercicio da Eloquencia nos negocios do foro, e do Estado, a que o povo assistia, veio este a contrahir o habito de huma lingoagem pura, limada, e polida, de forma que até os ignorantes em muita parte fallavão limpamente; outros, quando menos, estudavão nas escolas a Lingoa materna por principios, causa porque o uso do vulgo tinha muita correlação com o uso erudito.

3. O uso, cujas leis devemos respeitar nas Lingoas, não he outra cousa, senão o commum, e uniforme sequito de varões doutos « *Consuetudinem sermonis vocabo consensum eruditoruon* (diz Quintil.) Digo o commum, e

uniforme sequito, para excluir hum uso particular d'alguns Criticos preoccupados, que com frivolas replicas pretendem atropellar o recto uso das vozes: accrescento *sequito dos doutos* para o distinguirmos do uso do vulgo imperito, ou abuso, que geralmente fallando, he máo uso. Este muitas vezes usurpa o officio, e prerogativas do legitimo uso, e até se vale da prescripção para prevalecer. Este consta sempre do maior numero, e tem por si a pluralidade de votos: aquelle sempre consta de menor numero, e comprehende só os doutos, e intelligentes, que pezão as cousas com juizo, e intelligencia.

Mas quaes serão esses doutos, cujo voto, ou exemplo se tem por decisivo no exercicio da lingoagem? Não são seguramente os Philosophos, Theologos, Juristas, Medicos, &c., simplesmente por estes, ou semelhantes titulos; pois que aquellas faculdades presuppõe como base o estudo das Bellas Lettras, e o conhecimento da Lingoa nacional; mas não tem hum influxo tão essencial sobre a lingoagem, que não possão subsistir sem elles. Antes não poucas vezes acontece, que os que nessas disciplinas são habeis, na lingoagem são barbaros, como o povo; e sabendo muito, escrevem, e fallão bem mal, como antigamente se vio no Latim barbaro das dissertações escolasticas. Nem tão pouco serão juizes absolutos na Lingoa Portugueza os que possuem, ou cultivão as Lingoas estranhas, se da materna não tem mais conhecimento, que o adquirido pelo uso vulgar, ou alguma leitura passageira de Autor Portuguez. Homens houve antigamente, que escrevião mui bem em Latim, e não podião alinhar capazmente hum periodo de Portuguez.

Pelo que por doutos devemos entender aqui os homens instruidos na Lingoa materna, versados nos Autores classicos, que nella tem escripto, e na critica da mesma Lingoa, quero dizer ; nas suas differentes épocas, periodos, mudanças, propriedades, &c., concorrendo tambem o conhecimento de outras Lingoas, principalmente d'aquellas, com que a nossa tem correlação. Entendemos outrosim os Escriptores nacionaes, que são principalmente os que dão foro, e autoridade ás palavras, e frases, segundo a regra do grande Mestre Quintiliano « *Excutiendum omne Scriptorum genus, non propter historias modo, sed verba, quæ frequenter jus ab auctoribus sumunt.*» A' critica porém pertence discernir o direito particular, que se arrogão os Escriptores, segundo as suas diversas ordens ; por quanto maior liberdade se concede aos Poetas na lingoagem, menos aos Oradores, ainda menos aos Historiadores : só o tom uniforme d'analyse nos Philosophos e Dogmatistas não arrisca nada. Nas outras classes de Escriptores a locução tem mais, ou menos consistencia á proporção que participa mais, ou menos do enthusiasmo da imaginação.

Dirão, que os Escriptores não são os que fizerão a Lingoa : a nação toda he quem a fundou, e elles usárão della tal, como a achárão : logo a autoridade desses Escriptores he subalterna, como dependente do uso vulgar. Distingamos : os Escriptores parte usárão da lingoagem conforme á pratica vulgar ; porque o povo não he barbaro em tudo, e bem se lhe pode accommodar a sentença de Horacio.

« *Quum flueret lutulentus, erat, quod tollere velles.* »

Mas neste caso nem esta parte da lingoagem vulgar, que os Autores tomárão, tem autoridade do vulgo, porém dos mesmos Autores, que a consignárão aos assumptos das suas obras. A outra parte da lingoagem limada, polida, e mais regular que os Autores empregárão, separando-se do tom do vulgo, essa quem duvida, que toda he delles, delles tem autoridade, e se cita como exemplo a par das regras da Lingoa ?

Aqui cabe explicar o que se deve entender por Autores Classicos: e são aquelles, de quem diz Condillac no seu Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos, que veem, e sentem d'huma maneira, que lhes he propria, e que para exprimirem esse seu modo de ver, e de sentir, são obrigados a imaginar novos modos de fallar nas regras da Analogia, ou ao menos em se apartar dellas o menos, que he possivel : e deste modo se conformão ao genio da Lingoa, e ao mesmo tempo lhe dão o seu.

Geralmente fallando, ninguem duvida, que sejão Portuguezas quaesquer expressões, de que usou em seus escriptos hum Autor Classico : mas ha palavras, como já dissemos, que são communs aos discretos, e ao povo ; outras ha, que são particulares aos homens discretos. O uso das primeiras qualifica-se com a autoridade dos Escriptores, que as acceitárão ; o foro, e privilegio das segundas dos Escriptores dependem unicamente ; e acreditadas com a sua autoridade, pouco e pouco se vão insinuando na lingoagem do povo. Donde vem, que os que frequentão a lição dos livros classicos nacionaes, ou o tracto de pessoas dadas a essa leitura, vem a contrahir habito de locução mais pura, correcta, e mais polida, que a do vulgo infimo.

Mas sempre a erudição da Lingoa adquirida pela leitura das obras, que os Autores publicárão, inspira hum não sei que de maior confiança, que nos afouta a empregar as suas expressões, certos de que, ou dizemos bem, ou ao menos não seremos desacreditados, errando com mestres tão respeitaveis. « *Cum summorum in eloquentia virorum judicium pro ratione sit, et vel error honestus est magnos duces sequentibus* (diz Quintil.)

O que he de maior delicadeza no estylo, e o mais difficil he a escolha principalmente nos vocabulos ordinarios; e os que sabem a Lingoa pelo uso domestico, ou tracto de pessoas familiares, posto que discretas, não estão longe de em materia mais grave, que se offereça, misturar o singelo, ou familiar com o burlesco, e grosseiro, de cujo perigo porém estarão mais seguros os que forem mais versados nas obras dos antigos Escriptores.

Como as palavras de sua natureza não são boas, nem más, só a boa, ou má applicação dellas, a sua propriedade, ou impropriedade he o objecto da sua crise; a autoridade he quem a decide, e segundo a applicação, que os Autores mais polidos fizerão dos termos, segundo a propriedade, que lhes constituirão, e valor, que lhes assignárão nos seus devidos lugares, assim os julgamos naturaes, graves, energicos, sublimes, &c. Quem, senão a autoridade dos bons Escriptores da nossa Lingoa pode hoje vingar do esquecimento, ou dos caprichos da plébe dos Criticos hum grande numero d'excellentes vocabulos, que sem razão se tem degradado? Taes são os verbos soher, estrécer, atascar, &c., &c., e os nomes lecide, remidor, e outros muitos, que jazem como esquecidos pela incuria, e

pedantismo dos alinados, que assentárão de fallar Francez em Portuguez.

LIÇÃO DECIMA PRIMEIRA.

O uso he variavel, e não pode deixar de o ser; mas este mesmo predicado em lugar de merecer desprezo, antes lhe concilia veneração: *Si volet usus.* E na verdade as Lingoas seguem as opiniões, que varião segundo os tempos, a policia, e o gosto dos homens, e por isso á mesma variedade, estão sujeitas as palavras conforme á imagem, com que Horacio as concebeo:

« *Ut sylvæ pronos mutantur in annos:*
Prima cadunt, ita verborum vetus interit ætas,
Et juvenum ritu florent, modo nata vigentque. »

He porque o uso de tempos a tempos ou revoga, ou reforma as antigas leis, já rectificando-se pela Analogia, já fundando-se em outras razões de congruencia. Se assim não fosse, os Latinos do Seculo d'Augusto fallarião a lingoagem dos Oscos, e dos Sabinos, e nós teriamos hoje as mesmas vozes, com que fallava n'outro tempo a mãi d'Egas Moniz, D. Fuas Roupinho, ou o Magriço.

Mas com quanto seja o uso variavel, não he um juiz nem tão cego, nem tão despotico, como o fingem aquelles, que o confundem com o uso imperito. Pelo que he falso o que dizem alguns Autores, que o uso, segundo a sua liberdade, muitas vezes autorisa os erros da lingoagem, os quaes por autorisados, que sejão, não deixão de ser ver-

dadeiros erros; porque tudo que n'huma Lingoa se tem constantemente observado, ainda que contrario seja á algumas regras da Analogia, não pode ser essencialmente vicioso: algumas razões particulares devèrão concorrer para que o uso continuado conservasse certos modos de fallar, que parecem extraordinarios. Quando a Analogia da Lingoa não ministra quanto he necessario para a pintura fiel do pensamento na forma das palavras, o uso suppre, a necessidade, ou utilidade o justifica.

As leis do Uso não excluem o estudo da Lingoa, nem nos prohibem, que as examinemos; porque quanto mais se apurão os vocabulos, e frase d'huma Lingoa, tanto mais cresce o numero dos bons juizes, tanto mais se acredita, e melhora o Uso. As varias mudanças, que faz huma Lingoa viva, ou seja pelas modas vagas, que induz o capricho do uso vulgar, ou seja pelas racionaveis correcções, que estabelecem os homens doutos, são outros tantos fenomenos para o observador, cuja combinação o conduz a verificar as causas da preferencia entre hum, e outro uso, a fim de reproduzir o que o esquecimento poz em total desuso, ou o que o uso vago sem causa rejeitou. Conseguintemente o uso pode admittir varias correcções, que conduzem a maior perfeição huma Lingoa. Assim aconteceo sempre: a Lingoa Latina, que era assás rude, e pobre, em menos de cincoenta annos chegou aos termos de poder disputar todas as bellezas de Eloquencia, e Poesia da Lingoa Grega, no seculo de Augusto. Quasi a mesma fortuna teve a nossa Lingoa, ao menos a respeito da copia de termos, nos primeiros vinte annos do Reinado de D. Manoel.

Mas estas correcções, que o Uso admitte, não vem tu-

multuariamente, nem nascem d'huma especie de convenção sediciosa de Criticos enthusiastas, e parciaes da novidade : por quanto sendo o pensamento huma cousa puramente intellectual, os signaes convencionaes, que o representão, quaes são as palavras, não podem ser o resultado nem d'huma deliberação nacional, nem da deliberação desses criticos : mas tudo se ensina com a circunspecção dos criticos prudentes desta maneira. Hum expõe modestamente as suas observações, outros as ponderão, e examinão, conformão-se, approvão ; e acha-se o primeiro autor do partido com mais dez ou vinte sequazes do seu voto: cada hum destes fica sendo outro chefe subalterno de outros muitos proselytos ; e temos o novo uso ha pouco gerado, brevemente adulto. Nos Escriptores procede o mesmo modo. Hum aventura hum termo, ou frase nova, não sem alguma demonstração do seu respeito ao uso dominante, ou sem recommendação da necessidade, que induzio á innovação. Eis que isso, que parecia duro na lingoagem, e novidade inaudicta, correndo de mão em mão, facilmente se adoça, e em pouco tempo obtem a acceitação do uso universal, merecida pela circunspecção do autor, e credito do seu merecimento : *dabitur licentia sumpta pudenter.*

Mas tractando do Uso das palavras, importa muito examinar, se havemos de suppor nos Autores classicos huma autoridade absoluta no que respeita á lingoagem, ou só autoridade respectiva, isto he ; com suas limitações.

O certo he, que por falta de reflexão nesta materia muitos Filologos se tem deixado dominar d'hum respeito tão supersticioso para com os Autores Classicos, e de tal

sorte jurão nas palavras desses Autores da sua veneração, que tem por heresia, se alguem lhes impugna huma, ou outra : tão amarrados á servil imitação, que se lisongeião, como de ter feito maravilhas, quando mesclárão o seu discurso de certas palavras tiradas de Barros, Lucena, Sousa, ou outro de reputação classica ; semelhantes á aquelles que Quintiliano diz, se jactavão de estylo Ciceroniano, toda a vez que rematavão hum periodo com o decantado *vobis esse videatur*. Pois que ? Não são aquelles os melhores Autores da nossa Lingoa ? Não he mui Portugueza a sua frase? Quem o nega ? Porém ha mais do que isso ; porque a mesma circunstancia, que nos faz a nós, que os seguimos, o exercicio da Lingoa mais facil, do que elles o achárão, quando escrevêrão, sem terem outros Autores taes como elles, a quem seguissem ; essa mesma circunstancia, se não fôr acompanhada de prudente cautela, e discrição vem a ser damnosa.

Distinguindo pois, como deve ser, lingoas mortas, e lingoas vivas, manifestamente se collige a differença de autoridade nos Escriptores de humas, e outras. Nas Lingoas mortas, considerados os differentes periodos da sua origem, pregresso, perfeição, e decadencia, tem-se por Autores Classicos : 1.° aquelles, em que se terminou o complemento, e perfeição da Lingoa respectivamente aos periodos anteriores, e posteriores : 2.° todos os Autores mais proximos a estes, que mais, ou menos sustentárão a Lingoa no seu primeiro vigor, ainda que com sua differença no que respeita ao theor da frase, e estylo do discurso.

Conseguintemente a autoridade desses Escriptores he absoluta para nós, isto he ; ninguem põe controversia, se

os termos, e frases, de que usárão aquelles Autores são, por ex., os da mais pura Latinidade, em quanto a Lingoa Latina se fallou, nem se disputa, se outras palavras, ou frases são melhores, ou mais polidas, pela presumpção, em que estamos, de que n'aquelles Autores se terminou tudo o que foi mais perfeito n'aquella Lingoa, em que o Uso já não exercita o seu poder, e jurisdicção.

Nas Lingoas vivas porém, e conseguintemente na Portugueza a autoridade dos Escriptores não se estende a tanto; porque não ha Autores Classicos, que constituissem termo de perfeição, ou *non plus ultra* na Lingoa Portugueza; nem isso podia ser, durando o uso, e exercicio nacional desta Lingoa. Os que temos por Autores Classicos são só aquelles, que com o seu talento contribuirão mais para o progresso da Lingoa, e sua maior perfeição, ampliando os limites da Analogia; e a melhorárão, emendando alguma cousa da sua antiga rudeza, e irregularidade. Este beneficio resulta de que qualquer Escriptor insigne, além do caracter predominante do idioma, em que escreve as suas obras, exprime o seu caracter proprio, que fica sendo subalterno ao da Lingoa, e nella se mistura como huma especie de tintura, de maneira que os termos, e frases da Lingoa debaixo da penna do Autor tomão tanto de modificações novas, e varias, quanto o seu espirito he menos vulgar, e mais original. Tal foi o de Barros, Brito, Lucena, Camões, Sousa, Vieira, e outros, a quem a Lingoa Portugueza deve infinito.

Nenhuma das Lingoas modernas, nem tão pouco a nossa tem chegado a hum ponto de perfeição exclusivo de qualquer grão de perfeição maior; pois que, como observa

Condillac, a perfeição das Lingoas he obra do tempo, e de reflexões successivas, dependentes das luzes, e conhecimentos dos povos, da policia, commercio, e forma de governo; e as revoluções são mais tardias nestas Lingoas, do que nas antigas, por terem sido formadas dos restos de muitas outras de diversos caracteres: antes podem occorrer muitas causas, que obstem, ou interrompão os seus progressos. Huma autoridade pode ser derogada por outra, e as leis d'hum uso pelas leis do uso superveniente. E deste modo se esta nossa idade der Autores insignes, aquelles serão Catões, e Graccos para os vindouros, e os Autores deste tempo serão Autores Classicos para o futuro. Conseguintemente nas Lingoas vivas, e por tanto na Lingoa Portugueza os Autores Classicos não podem ter, senão autoridade limitada, isto he; subordinada em muitas particularidades ao gosto, e juizo dos bons Autores, que tem florecido depois delles, e dos que actualmente florecem.

LIÇÃO DECIMA SEGUNDA.

Quaes serão os limites, em que deve consistir a autoridade dos Classicos? Até que ponto se deve estender a nossa condescendencia em os seguir? Para maior distincção, e clareza passaremos a estabelecer algumas Maximas, que nos possão guiar seguros nesta materia.

MAXIMA 1.ª

Se n'hum Autor grave se acha ou nova forma d'algum

termo, ou nova applicação delle, ou alguma construcção extraordinaria, não discrepando com tudo das regras communs da Analogia, nada disto será reprehensivel, ainda que lhe falte a autoridade dos Escriptores conhecidos. —

Sem esta heroica liberdade, que se arrogão de tempos em tempos os engenhos da primeira ordem, teriamos sempre huma lingoagem restricta, e nimiamente systematica: pelo contrario esta liberdade dos Escriptores insignes concorre para o augmento, e perfeição da Lingoa. Além disto no pequeno circulo dos Autores Classicos da chamada idade aurea da nossa Lingoa não estão incluidas todas as formas possiveis d'exprimir as nossas ideias, as suas varias combinações, o seu colorido, os seus gráos, a sua simplicidade, ou composição, de forma que possamos ter por inuteis outras novas formas analogas ao caracter da nossa Lingoa. Advirtimos porém, que esta Maximá, alias dictada pela prudencia, e bom gosto, não pode absolver de culpa aos corruptores da nossa Lingoa na liberdade, ou mais de pressa leveza das suas invenções; e com ella nada se deroga da legitima autoridade dos Escriptores Classicos em commum; pois que do que só nos eximimos he da adhesão servil.

MAXIMA 2.ª

« A autoridade, que basta para termos por Portugueza huma palavra, ou frase, não basta para a fazer acceitavel no uso presente.

MAXIMA 3.ª

Nenhuma autoridade pode justificar certas construcções extraordinarias, que os nossos Autores se permittião com demasiada licença, quando taes construcções commodamente se não podem reduzir a Syntaxe regular. —

MAXIMA 4.ª

A autoridade não he bastante fiador para imitarmos sem risco certos pleonasmos, ou contrarios á Analogia, ou tomados do uso vulgar por gosto particular do Autor.

MAXIMA 5.ª

A autoridade não nos pode restituir sem risco o uso de certas expressões, que por motivos prudentes se abandonárão. —

MAXIMA 6.ª

A grande autoridade dos nossos Escriptores não preservará da censura da judiciosa critica nem a demasiada liberdade, nem a superfluidade das metaforas, e hyperboles, que elles se permittirão.

MAXIMA 7.ª

Não vale a autoridade para fazer prevalecer as palavras antigas, que no presente uso se achão reformadas.

He de grande necessidade distinguir entre todos os vocabulos, e frases, que formão o corpo da nossa Lingoa desd' a sua infancia até o tempo presente huns, que podemos chamar antigos, outros, que se devem ter por antiquados. Por antigos entenderemos os vocabulos, que corrèrão antes de nós. Chamaremos porém antiquados aquelles, que já vão tão longe dos nossos tempos, que quasi se perdèrão, nem ha memoria delles, guardada a mesma differença, que os Latinos observavão na sua Filologia. « *Antiqua* (diz Vossio) *id est, quæ ante nos fuere: antiquata, id est, inusitata.* »

Tambem não devemos confundir as palavras, que realmente são antiquadas com as que falsamente são reputadas taes, como fazem hoje os que depois de lerem algumas paginas das miserrimas traducções francezas, se julgão huns Aristarcos capazes de decidir toda a questão de Lingoa Portugueza.

Nenhumas palavras se devem chamar antiquadas, ou desusadas, se se achão nos Escriptores do seculo mais florente da Lingoa, ainda que talvez se não encontrem com muita frequencia: mas sejão mais, ou menos antigas, mais, ou menos usadas nos insignes Escriptores, serão examinadas segundo as limitações, de que tractaremos, quando houvermos de fallar da critica dos Autores; por quanto a differenca de termos antigos, ou antiquados não nasce precisamente do tempo, em que principiárão a servir, mas sim do tempo, em que se principiou a largar mão delles. Palavras ha, que, sendo na origem antiquissimas, ainda tem seu uso, e no uso sua formosura, como diz Quintiliano. « *Quædam adhuc vetera vetustate ipsa gratius nitent; quædam etiam necessario interim sumuntur.* Outras

ficárão na plebe, e muitas ainda conservão seu fôro no uso familiar ; o que nasceo de dous principios ; 1.° Do gosto, e escolha dos Escriptores, que no-las conservárão : 2.° Do povo, e principalmante dos rusticos, de quem podemos dizer o que Cicero affirmava das mulheres Romanas, que conservão muito a lingoagem antiga; e que por isso mesmo que lhes falta a diversidade de communicações, não largão nunca as vozes, que primeiro aprendèrão. « *Facilius mulieres incorruptam antiquitatem servant, quod multorum sermonis expertes, ea tenent semper, quæ prime dedicerunt.* » Do que concluiremos, que as palavras antigas ainda se podem usar ; as ántiquadas por nenhum modo.

He util, ás vezes até necessario resuscitar as palavras antigas ; porque as Lingoas, como diz o citado Condillac, são mais, ou menos perfeitas á proporção que são mais, ou menos proprias para as analyses. Mas dado que huma Lingoa seja assás propria para as analyses, não concluiria hum Philosopho que ella seja igualmente propria, e abundante no exercicio da imaginação, que reina na vida humana, e he quasi a alma da Eloquencia, e da Poesia ; e tão vasto, e variado, que jamais se achou Lingoa tão copiosa, que o possa satisfazer completamente. Todos os homens em commum no tracto da vida humana, isto he ; fóra das especulações dos sabios, não se cansão com analyses ; as suas operações tomão hum differente tom, e seguem mais a vivacidade, e os impulsos da imaginação, do que os movimentos compassados de huma reflexão, que tudo combina, e tudo calcula, e nesta parte até os Philosophos são povo. Logo a lingoagem da imaginação deve ser mais variada, e por conseguinte necessita de grande

variedade de termos, não só dos que se chamão simplesmente synonymos, mas dos que assignalão os gráos, e modificações das ideias, e sentimentos procedidos do diverso modo com que a alma vê os objectos.

Para a perfeita pintura dos seus quadros servem aquellas qualidades da Elocução, que a arte recommenda, ou huma só por todas, isto he ; a propriedade, a que se refere tudo o que Cicero chama *apte congruenterque dicere*, e tudo o que se chama arte d'escrever : por quanto nesta propriedade se encerra : 1.° A propriedade dos termos respectivamente ao uso da Lingoa, e regras estabelecidas, e he o que chamão pureza: 2.° A propriedade da frase, e estylo com os objectos das ideias, a que outros chamão conveniencia do estylo com o tom da obra, ou com o genero da materia, verbi gratia, serio, ou jucundo, grave, ou jocoso, simples, e natural, ou heroico, e sublime, pathetico, &c.: 3.° A propriedade dos termos por ordem ás ideias do entendimento, e sentimentos do animo, a que chamão clareza: 4.° A propaiedade do colorido, ou conveniencia do estylo com o objecto particular, que se representa, doce, ou agradavel, terrivel, ou atroz, &c. 5.° A propriedade, ou conveniencia do estylo com o movimento da acção, que faz a que chamão harmonia imitativa, não menos necessaria á Eloquencia, que á Poesia.

He claro, que todas estas qualidades presuppõe na Lingoa hum fundo de termos, e expressões de diversas ordens. Na falta dellas entrárão as translações ; mas estas não chegão a tudo, e as que ha n'huma Lingoa, faltão em outra, como experimentão os que traduzem obras de Eloquencia, e sobre tudo as de Poesia. A esta penuria

soccorrem tambem os termos suppletorios, ou circumlocuções; mas estas o mais das vezes não representão as ideias por inteiro, e muitas vezes mais as desfigurão, do que as representão. Finalmente concedeo-se adoptar palavras de outros idiomas, e innovar algumas das raizes da Lingoa nacional; mas pela mór parte estas padecem grande violencia. Pelo que mui opportuno será resuscitar as palavras Portuguezas, que já tiverão serventia; e posto que tenhão sido aposentadas, não perdèrão a autoridade, antes pela mesma interrupção do seu uso adquirírão huma certa fidalguia da sua ancianidade, que concilia á frase huma certa gravidade magestosa, ao mesmo tempo que pela novidade causão deleite, como nos ensina Quintiliano. « *Propriis dignitatem dat antiquitas: nam et sanctiorem et magis admirabilem faciunt orationem, quibus non quilibet fuerat usurus* »: e n'outra parte. « *Afferunt orationi magestatem aliquam non sine delectatione: nam et auctoritatem antiquitatis habent; et quia prætermissa sunt, gratiam novitati similem parant.* »

Mas de que modo usaremos das palavras antigas? Os Latinos, que nos seus bellos escriptos nos deixárão exemplo do que praticárão na sua Lingoa, tambem em suas reflexões nos derão regras do que hoje judiciosamente se pode praticar nas Lingoas modernas.

« *Opus est modo* (diz o sempre citado Mestre Quintiliano) *ut neque crebra sint hæc, neque manifesta, nec utique ab ultimis et jam obliteratis repetita temporibus.* » Eis a que se reduz tudo o que se deve observar sobre o uso das palavras dos nossos Classicos. Moderação a respeito da quantidade: moderação na applicação dellas, e attenção á sua qualidade.

Isto posto, estabeleçamos algumas Regras deduzidas das citadas palavras, que nos servirão de texto.

REGRA 1.ª

Neque creba sint. Não usaremos destas palavras dos tempos anteriores amiudadas : porque substituindo-se a cada passo os termos antigos, por bons, que sejão, aos que hoje estão recebidos, seria como fallar duas Lingoas em Portuguez ; pois que estão no mesmo parallelo as palavras Portuguezas já desusadas, que as estrangeiras, que nos são desconhecidas. Se são com tudo raras, ou repartidas com boa economia, e boa escolha, não se desconfia dellas, e além da energia, que muitas tem, servem de hum certo esmalte ao estylo : mas se se ajuntão muitas, ou ameudadas, forma-se huma frase parte enigmatica, parte rançosa, e ridicula, como de quem arremeda, que enjoa sobre maneira. E se a Critica com razão condemna até o uso frequente das metaforas, por mais brilhantes, que sejão ; quanto mais reprehensivel será a frequencia de palavras, que o uso presente não reconhece ? Louva-se em Homero a prudente industria, com que ligou, e reunio a diversidade de dialectos com tal parcimonia, que parece, tudo se confunde com o dialecto predominante sem o perverter. Louva-se em Virgilio (a quem Quintiliano por isto mesmo chama homem de delicado gosto, *acerrimi judicii vir,)* a artificiosa temperança, com que ornou a sua poesia, resuscitando as vozes d'antiga Latinidade. A mesma liberdade louva Addisson no seu Milton : a mesma tomárão louvavelmente alguns dos nossos

Poetas, e os de outras naçoes modernas, posto que nem todos imitárão mui severamente a discrição do Poeta Latino. E se ainda nos Poetas se culpa a nimia profusão, quanto mais reprehensivel será nos Escriptores de inferior ordem?

Se houvessemos necessariamente d'incorrer n'hum de dous prejuizos ou de perder as palavras Portuguezas antigas, ou de perder as modernas, substituindo-lhes antigas, quem duvidaria decidir pela conservação das modernas, que estão de posse? Mas tracta-se de restituir as boas expressões antigas, que se deixárão esquecer; e não substituir lingoagem velha á nova lingoagem: e hum montão indigesto de termos, e locuções dos Escriptores passados sem escolha, nem modo, que quer significar, senão hum gravissimo absurdo?

REGRA 2.ª

Neque manifesta: Usar dos vocabulos antigos de maneira que não appareça affectação — Esta he sem duvida a cousa mais odiosa, que ha no fallar, ou seja vocal, ou escripto: *Nihil est odiosius affectatione* (diz Quintil.) e não só na reputação dos eruditos, mas ainda no juizo da gente do vulgo. Por muitos modos se comette este vicio; mas o principio mais geral, a que todos vão parar, he quando parece, se dizem as cousas por amor das palavras, e não as palavras por amor das cousas; que he segundo o prescripto da natureza o unico fim, para que devem servir; de maneira que toda a belleza das palavras, que não nasce da sua união com as cousas, he fantastica, he affectação, e presuppõe gosto estragado.

Alguns amantes da antiguidade fazem seu peculio desses termos, que erão familiares aos Escriptores da sua veneração, como proprios do seu tempo. O gosto da antiguidade não só os amarrou aos Autores, mas fez, que todas as suas palavras, e locuções sejão as suas mimosas, e queridas: estudárão-as pelas suas collecções, e a paixão pela veneravel antiguidade lh'as pinta sempre no cerebro com hum genero de predilecção, e preferencia ás expressões do uso, e lhes fecha os olhos para conhecerem, que o seu trabalho, e estudo dessas collecções de palavras he pueril, e infeliz, além de ter pouca utilidade; porque não consiste a abundancia d'huma Lingoa, nem a fertilidade do discurso, e gravidade da Eloquencia na esteril torrente de palavras. Finalmente reconheçamos por principio incontestavel, que degradar os termos nacionaes do nosso uso para adoptar termos estrangeiros, ou para restabelecer os antiquados, he querer fallar n'huma mesma Lingoa diversas Lingoas, e induzir a confusão da torre de Babel.

REGRA 3.ª

Nec ab ultimis, et jam oblitteratis repetita temporibus. Regularmente não podem servir as palavras trazidas dos primeiros seculos da Monarquia, de que já quasi não ha memoria. — Supposta pois esta restricção, o que dizemos na regra se deve entender não só das palavras consideradas simplesmente, mas tambem consideradas collectivamente, isto he; das frases, e modos de fallar do uso antigo. Mas quaes serão dos vocabulos antigos os que

podemos seguir, quaes os que devemos rejeitar? Eu não conheço outro dictame, se não esta excellente Maxima do grande Mestre da Eloquencia Romana — Como dos vocabulos modernos são melhores os mais antigos, assim dos vocabulos antigos os mais modernos serão os melhores. — *Ergo ut novorum optima erunt maxime vetera, ita veterum maxime nova.*

LIÇÃO DECIMA TERCEIRA.

DO PURISMO, E PEREGRINISMO.

O vicio do Purismo consiste, como a mesma palavra o diz, em querer apurar de maneira os vocabulos, e frases, e escolhe-los com tal escrupulo, que se degenere no asqueroso vicio de affectação. Nas palavras, ou na dicção deve sim haver cuidado; (diz o nosso mestre) mas nos pensamentos desvelo. Se, como temos demonstrado, he reprehensivel, e contrario ás regras da verdadeira Eloquencia o uso imprudente, e desassisado de palavras antigas, ao que geralmente se dá o nome de *Archaismo*; não he menos censuravel a adopção de palavras novas, que se denomina *Neologismo*, vicio, a que pertence o Peregrinismo, isto he; o uso de vocabulos, de frases, e locuções de Lingoa estrangeira.

O mesmo excesso, que muitos homens de estragado gosto adoptárão em Latinizar outr'ora a Lingoa Portugueza, o mesmo he agora com muitos afrancezando-a. Aos primeiros parece, que lhes pezava, que houvesse palavra Latina, que se não aportuguezasse: aos segundos acontece

o mesmo com os vocabulos, e frase da Lingoa Franceza ; e a tal ponto ha chegado a miseria a este respeito, que não só adoptão sem necessidade innumeros vocabulos desta Lingoa, senão até as frases, o theor, o molde, a sua marcha em fim. He indisivel o que se ha accumulado de Francezias assim em traducções Portuguezas, como até em obras de varios generos, de maneira que mais necessitamos hoje de Diccionario Francez para entender os livros da Lingoa materna, do que do Diccionario da mesma Lingoa.

He de crer, que attendendo á abundancia d'expressões optimas, que tem a nossa Lingoa para todo o genero de composições, e ainda mesmo reflectindo no grande numero de vocabulos Francezes, que obtiverão prescripção de antiguidade, e gozão da autoridade dos nossos Escriptores; já não ha necessidade, que possa justificar o recorrermos a huma Lingoa estranha, e aproveitar o resto de vocabulos, e frases, que lhe são proprias, desprezando os nossos termos nacionaes : por quanto como as palavras melhores, e mais necessarias estão tomadas d'aquelle idioma, as que restão nem são melhores, que as Portuguezas, nem são mais necessarias por serem Francezas. Não sustentamos com tudo, que, absolutamente não seja licito adoptar mais alguma com a devida prudencia, quando o exigir huma necessidade extrema.

Pelo que antes de lançarmos mão de qualquer vocabulo estrangeiro, seria boa maxima averiguar, quaes são os que commodamente podemos adoptar ; quaes os que devemos excluir ; porque ha huns que parece, não tem huma propriedade tão particular, e vinculo tão estreito na Lingoa,

donde são tirados, que se não possão facilmente accommodar a outros idiomas: outros ha menos flexiveis, e tão identificados com o caracter nacional d'huma Lingoa, que parecem incommunicaveis ás outras; os quaes, digamos assim, não podem ser importados sem incorrer na pena de contrabando, fazendo-se sensiveis pela sua natural dureza.

« As Lingoas (diz Condillac) que se formão das reliquias de outras muitas, até encontrão grandes obstaculos aos seus progressos; porque tendo adoptado alguma cousa de cada huma, ficão sendo hum montão enorme de frases, que não são feitas humas para as outras. » Assim succedeo na instituição das Lingoas modernas; por isso da nossa forão excluidos depois de muito tempo, e experiencia varios termos mouriscos, ou Arabicos, alguns Latinos, e de outras origens, já pela falta da analogia, que caracterisa a Lingoa Portugueza, já pela incompatibilidade dos sons com o nosso orgão. Os que parecêrão mais necessarios, se reformárão por nova mudança, e combinação dos sons mais conformes ao genio da Lingoa. E quem duvida, que os mesmos inconvenientes sobreditos se encontrárão nessa alluvião de vocabulos, e modos de fallar francezes, que rapidamente passárão ao estylo Portuguez?

D'aqui nasce outra lei assás importante em transportar as palavras d'huma Lingoa para outra, e vem a ser a que nos deixou Horacio.

« *Licuit, semperque licebit*
Signatum præsente nota procudere nomen »

E conforma-se aos termos de Quintiliano: *Utendum plane*

sermone, ut nummo, cui publica forma est: Pelas quaes metaforas, *nota*, e *forma* se declara, que todo o vocabulo estrangeiro, que naturalisarmos na Lingoa Portugueza deve depor as notas caracteristicas da sua origem, de maneira que fique perfeitamente semelhante ás palavras nacionaes, com que se ha de ajuntar, e em nada pareça forasteiro; circunstancia indispensavel para se observar a pureza da lingoagem. « *Non alienum est admonere, ut sint quam minime peregrina et externa. Quare si fieri potest, et verba omnia, et vox hujus alumnum urbis oleant, ut oratio Romana plana videatur, non civitate donata* (diz Quintil.)

Mui longo seria o enumerarmos aqui os Galecismos, de que estão inçados quasi todos os escriptos do nosso tempo, e os que correm por ahi nas conversações, &c. A esta classe pertencem as *ressursas*, os *massacres*, os *desmentidos* como substantivos, o *estar ao facto*, o *remarcavel*, &c., &c., e outras indigestas francezias, que tanto desairão, e descompõe a nossa Lingoa.

LIÇÃO DECIMA QUARTA.

Como a propriedade dos termos he o caracter distinctivo dos insignes Escriptores, o seu estylo deve estar, digamo-lo assim, ao nivel do seu assumpto. Esta virtude da Elocução he a que mostra o verdadeiro talento de fallar, ou escrever, e não a arte futil de disfarçar com vãos adornos os pensamentos communs, e muitas vezes treviaes. Da propriedade dos termos nasce a concisão nos assumptos philosophicos,

a elegancia nos amenos, e a energia nos sublimes, e patheticos.

Mas se alguma vez he certo, que o cuidado prolixo de fallar com rigorosa propriedade corta os vôos ao engenho, e enerva o vigor da expressão, he quando intentamos escrever em huma Lingoa morta, ou na viva, que ignoramos, ou em a nossa propria, que não temos estudado. Então succede, que perdendo muito tempo em examinar, pesar e medir cada palavra, amortece-se a actividade do animo, e da imaginação, e por conseguinte na composição se ha de descobrir o ar vacillante, e embaraçado da frase.

Antes pois de subirmos ao pulpito ou á tribuna, ou de pegarmos da penna para fallar ao publico, preparemo-nos com o estudo serio, e profundo da nossa Lingoa; e a significação recta das palavras corresponderá ajustadamente ao objecto das nossas ideias. Então occupados só do assumpto, e da exactidão de nossos pensamentos, chegaremos a produzi-los com toda a riqueza, e lustre da Elocução, e com aquella facilidade, e firmeza adquiridas no estudo, e exercicio da lingoagem.

Quam necessario seja o nosso cuidado a respeito da propriedade das palavras, ainda nas que parecem de menos conta, no-lo confirma este exemplo. Fallando da composição de hum poeta disse outro em seu elogio: « he semelhante a hum prado florido, d'onde parece, que se está rindo tudo. » Estar-se rindo, ou rir-se he hum acto proprio d'huma affeição do nosso animo, que não pode applicar-se a cousas inanimadas; porque este verbo reciproco encerra com sentido geral de alegria outro dobrado de mofa, ou desprezo. Os prados riem, as agoas riem; que

no sentido metaforico he mostrar huma vista alegre: mas não se riem, excepto se estão fazendo escarneo de si mesmos.

Esta exactidão, e propriedade da dicção, tão necessarias para a precisão, e força das sentenças, dependem do conhecimento verdadeiro, e rigoroso da significação directa de cada palavra. Pelo que he de summa inportancia o descernimento das ideias parciaes, que podem encerrar-se em o sentido geral de huma voz, distinguindo nella as ideias accessorias da principal. Esta investigação deve conduzir-nos ao exame dos synonymos.

D'ordinario entendem-se por synonymos os vocabulos, que differindo tão somente na articulação da voz, são semelhantes na ideia, que exprimem. E haveráõ taes vocabulos?

He mister distinguir. Se tomamos o termo *synonymo* em sentido lato por huma simples semelhança de significação; ha synonymos, isto he; ha vocabulos, que exprimem a mesma ideia principal, como são, por ex., no Latim os verbos *ferre, bajulare, portare, tollere, sustinere, gerere, gestare.*

Mas se quizermos entender por synonymos vocabulos, que tem huma semelhança de significação tão inteira, e perfeita, que o sentido tomado em toda a sua força, e circunstancias he sempre, e absolutamente o mesmo, de sorte que hum não signifique nem mais nem menos, que o outro, e nos possamos servir de qualquer delles indifferentemente em todas as occasiões; neste sentido não ha vocabulos synonymos em nenhuma Lingoa. *Ferre* significa levar: he a ideia principal. *Bajulare* he levar sobre os hombros, ou pescoço. *Portare* diz-se propriamente das bestas de carga. *Tollere* he levar ao alto, como huma cruz, hum pendão, &c. *Sustinere* he sustentar, levar de

modo, que não caia. *Gerere* he levar sobre si. *Gestare* he fazer alarde do que se leva.

A nossa Lingoa tambem he abundante de synonymos, de cujo conhecimento muito se precisa para escrever, ou fallar com graça, propriedade, e clareza. Por ex., velho, e ancião são synonymos ; mas o primeiro exprime o homem, que tem chegado á idade avançada : o segundo ajunta á ideia de velho a de autoridade ; he o velho respeitavel, e digno de veneração pela sua sabedoria, e probidade. *Branco, alvo, candido,* são synonymos ; porém branco significa generica e precisamente o que tem cor branca sem determinar especie alguma, ou gradação de brancura : assim dizemos papel branco, branco leite, &c. *Alvo* exprime o branco mais vivo, formoso, e talvez brilhante ; e por isso dizemos alva neve, roupas alvas, o albor do dia, &c. *Candido,* he mais proprio para significar o branco puro, doce, agradavel ; o branco, que não fere os olhos ; assim dizemos candida assucena, candido jasmim, Branco, e alvo, somente servem no sentido phisico, e proprio : candido emprega-se as mais das vezes no translato, e moral.

Chorar, prantear, lamentar, carpir-se são verbos synonymos : todavia chorar exprime tão somente lagrimas : prantear exprime vozes queixosas, talvez acompanhadas de lagrimas : lamentar exprime pranto forte, continuado, ás vezes immoderado, talvez acompanhado de lagrimas, e gemidos. Carpir se exprime acções demonstrativas de dor, e lucto, como v. g. arrancar os cabellos, ferir as faces, o peito, &c.

Castidade — Pudicicia — Continencia — Virgindade — Pureza — *Castidade* he huma virtude, que regula, e sujeita

à autoridade sagrada da lei os appetites, e prazeres carnaes ainda quando permettidos. Todo o homem deve ser *casto.*

Pudicicia he a castidade acompanhada de pudor, ou de honesta vergonha. Ella teme d'algum modo o proprio prazer honesto, e quando cede ao dever, sabe coarcta-lo dentro dos mais estreitos limites, e córa de os ver ainda levemente transgredidos. Esta virtude he mais ordinaria ao sexo feminino.

Continencia exprime a abstinencia actual dos prazeres da carne. O celibato Christão demanda continencia perpetua. A viuvez, que não passa a segundas nupcias, deve ser continente.

Virgindade exprime huma continencia universal, absoluta, e perfeita, tanto do corpo, como do espirito, que se estende a todos os tempos, e momentos da vida. He huma flor delicadissima, que qualquer sopro impuro a embaça, e murcha: hum só instante de fraqueza, hum só pensamento voluntario faz perder o merecimento desta angelica virtude.

Pureza não he propriamente huma virtude particular: he a excellencia, a perseverança, a honra, e o lustre da virgindade. Ella suppõe hum' alma innocente, candida, intacta, que não experimentou, nem sentio, e nem ainda conhece o que pode alterar a perfeita integridade d'alma, e do corpo. A pudicicia he hum dos mais bellos ornamentos das mulheres. Ella se perde por qualquer immodestia, com que se gozem os prazeres honestos, e permittidos.

A continencia he hum dever de todos aquelles, que ou por motivos religiosos, ou por outros quaesquer se tem con-

sagrado ao celibato. Qualquer acção voluntaria, e illegitima a offende.

A virgindade finalmente he só propria d'algumas almas privilegiadas, que se conservão no meio do mundo, como os meninos hebreos na fornalha de Babilonia. A innocencia he sua inseparavel companheira. A pureza mais absoluta, e mais perfeita constitue o seu essencial caracter, e o seu mais nobre ornamento. O mais ligeiro toque deslustra a sua belleza.

Por evitar a prolixidade deixarei de citar outros exemplos de synonymos, que se podem ler, e se devem estudar no excellente Ensaio do eximio litterato, e respeitavel sabio o fallecido Patriarcha de Lisboa o Snr. D. Fr. Francisco de S. Luiz, de cuja citada obra são tirados os que acabámos de referir.

As razões porque não ha synonymos perfeitos são as seguintes : 1.ª Se houvesse, dar-se-hião duas Lingoas em huma só. Quando achamos o signal exacto d'huma ideia, não devemos procurar outro. As palavras antigas, e novas d'huma Lingoa são synonymos : *quiçá*, por ex., he synonymo de *talvez* ; mas do primeiro hoje raramente se usa: 2.ª He inutilissimo ter muitas palavras para huma só ideia; mas he mui vantajoso ter vocabulos particulares para todas as ideias, que tem relação entre si : 3.ª A riqueza d'huma Lingoa julga-se pelo numero dos pensamentos que pode exprimir, e não pelo numero das articulações da voz. Será verdadeiramente rica a Lingoa, que tiver termos para distinguir, não só as ideias principaes, senão tambem as suas differentes delicadezas, maior, ou menor energia, extensão, precisão, simplicidade, e composição: 4.ª Ha occasiões

em que he indifferente o servir-nos deste, ou d'aquelle vocabulo synonymo ; mas outras ha, em que muito melhor he fazer escolha. Ha por tanto differença entr'estes vocabulos, e por consequencia não são rigorosamente synonymos.

Quando não queremos mais, do que fazer entender a ideia commum sem lhe ajuntar, ou excluir as ideias accessorias, podemos empregar indistinctamente, este, ou aquelle vocabulo ; porque todos são proprios para exprimir o que queremos : mas isto não embarga, que cada hum delles tenha sua força particular, que o distingue do outro, á qual he mister attender segundo a maior, ou menor precisão, que pede o que se quer exprimir. Esta escolha depende da finura do espirito, e suppõe grande conhecimento da Lingoa.

Dez são os vicios contrarios á clareza da Elocução : 1.° As palavras desusadas : 2.° as que são particulares a alguns paizes, e lugares : 3.° as homonimas, isto he ; as que debaixo do mesmo nome tem differentes significacões proprias : 4.° as transposições muito distantes, ou contra o uso : 5.° a desordem, ou confusão de palavras na oração, a que se dá o nome de *Synchese:* 6.° os parenthesis extensos : 7.° A ambiguidade resultante de má composição : 8.° a verbosidade vã, e inutil, denominada *Perissologia :* 9.° a brevidade demasiada : 10.° as expressões enigmaticas, e inintelligiveis, &c.

DO ORNATO.

Ornato, diz Quintiliano, he tudo, que se accrescenta á oração já clara, e irreprehensivel. Por outra he a compos-

tura formada das cores dos tropos, e luzes das figuras, que illustrão, e enriquecem o discurso. Se o homem fosse hum animal mera e simplesmente racional, de que servirião ornatos, que prestimo teria a Eloquencia ? Mas a experiencia nos mostra, e a propria consciencia nos diz, que além de racional o homem he as mais das vezes hum animal sensivel ; e conseguintemente para obrar sobr' elle por meio da palavra releva, que nos conformemos com a sua natureza. Não bastará pois mostrar-lhe a verdade ; que muitas vezes dirá elle com Medéa. « *Video meliora, proboque deteriora sequor.* » Não bastará sim mostrar-lh'a, se se não faz d'hum modo, que lhe agrade, que lhe interesse, que o leve a amar essa mesma verdade, que se lhe mostra. E como se conseguirá esse deleite, senão ornando o que se lhe diz ? Duas causas ha da verdadeira belleza, as quaes devem concorrer simultaneamente : 1.ª a conformidade das cousas com a sua propria natureza : 2.ª as suas relações com a nossa natureza.

Assim pois o corpo, que não he tal, qual a sua natureza o requer, o corpo, em que falta algum membro, ou que tem alguma deformidade natural, nunca nos pode parecer bello : mas o corpo completo , a que nada falta, nem sobeja, ainda assim não nos será agradavel, senão segundo certas proporções, e em certas atitudes deleitosas aos nossos olhos. Muito val ao discurso o ser verdadeiro : he esta a sua primeira, e essencial condição : mas esta não basta : a noss'alma gosta de sorprezas, e emoções, ella quer em fim movimentos, que a abalem, que a elevem, &c., &c.

As qualidades, que constituem o Ornato, denominadas tambem suas virtudes essenciaes, são 4, a saber : 1.° o

ser viril: 2.° o ser forte: 3.° o ser natural: 4.° o ser decente. A estas virtudes oppõe-se os quatro vicios seguintes: o effeminado, o mole, o contrafeito, e o incongruente. O ornato da Elocução pode considerar-se ou em cada huma das palavras tomadas separadamente, ou nas suas differentes reuniões, formando orações, &c. Consideradas as palavras cada huma de per si merecem o nome de ornadas em geral entre as synonymas as bem escolhidas, isto he; as mais honestas, as mais sublimes, as mais polidas, as mais sonoras, as mais eufonicas, as mais accommodadas ao objecto, que se pretende significar, e ainda mesmo as antiquadas, as innovadas, as derivadas, &c., com tanto que o Orador as empregue com justa moderação.

Costumão a contar doze vicios oppostos ao Ornato do discurso, que são: 1.° o *Cacophaton*, que he quando se usa de palavras, a que separadas ou unidas, a intelligencia vulgar tem ligado ideias de obscenidade, de sordidez, ou de qualquer especie de indecencia: 2.° a *Tapeinosis*, ou baixeza, com o qual vicio se diminue por meio da frase a grandeza, ou dignidade do objecto, que se intenta significar: 3.° a *Auxesis* com que se dão nomes mui subidos a cousas pequenas, excepto se são de proposito para fazer rir: 4.° as Expressões desornadas, em geral como são as grosseiras, as tristes, as insipidas, e deleixadas: 5.° a *Meiosis*, por meio da qual se cortão á oração palavras, cuja falta torna-lhe o sentido imperfeito: 6.° a *Tautologuia*, ou a repetição desnecessaria da mesma palavra, ou oração: 7.° a *Omeologuia*, com que por falta de variedade na frase o discurso se torna fastidioso: 8.° a *Macrologuia*, em que se diz por muitas palavras o que mais bellamente se podia

dizer em poucas: 9.° o *Pleonasmo*, ou uso de palavras superfluas para a intelligencia do pensamento: 10.° a *Perierguia*, ou ostentação de demasiado apuro na Elocução: 11.° o *Cacozelon*, que he o emprego d'huma imitação infeliz, isto he; uso de locuções, que passão os limites do verdadeiro Ornato; em que o engenho destituido de juizo e de verdadeiro gosto, se deixa enganar com o bello apparente: taes são as palavras ineptas, e redundantes, a frase escura, a collocação mole, e effeminada, a affectação pueril de consoantes, de equivocos, de trocadilhos, &c.: 12.° o *Cenismo*, ou a mistura de varias Lingoas, ou dialectos: e ainda mesmo d'expressões sublimes com baixas de antigas com modernas, de poeticas com meramente vulgares, &c., &c.

LIÇÃO DECIMA QUINTA.

O ornato da Elocução Oratoria pode derivar-se de duas fontes, que são os pensamentos, e as palavras, isto he; pode derivar-se de pensamentos bellos, e energicos, ennunciados algumas vezes até com huma frase meramente clara, e correcta, ou de palavras, que já pela accepção translacta, em que são tomadas, já pela maneira extraordinaria, com que são empregadas na oração, communicão a esta huma graça, e força tal, que sem isso não terião. Os pensamentos, que dão ornato á Elocução ou podem ser filhos dos objectos da Natureza, fielmente pintados, e imitados, ou felizes concepções, e fructos do talento do Orador. Desta doutrina se deduz a divisão feita pela escola de Quintiliano, do Ornato Oratorio em tres especies, denomi-

nadas gráos, e por elles designadas pelos nomes de *Pinturas*, de *Conceitos*, e de *Adorno*. A mesma escola enumera seis generos de Pinturas Oratorias, que vem a ser : *Enargucias*, *Semelhanças*, *Parabolas*, *Imagens*, *Bosquejos*, e *Emphases*.

Chama-se *Enargueia* a pintura do objecto feita com tal viveza, que parece, estar-se vendo. Ha duas especies : 1.ª aquella, com que se pinta a imagem do objecto toda junta em hum só quadro, por ter sido feita a acção no mesmo lugar, em hum só momento, e pelos mesmos actores. Tal he a que Camões faz do Deos da Guerra no Canto 1.º dos seus Lusiadas Est. 36 e 37 ; quando este se levanta para dar o seu parecer no concelho de Jupiter, convocado sobre a empreza da navegação do Gama

« Merencorio no gesto parecia ;
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para traz medonho irado.
A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro.
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro. »

A segunda especie d'Enargueia he composta de varios quadros successivos, que representão acções obradas algumas vezes por differentes individuos, em differentes momentos, e lugares. Desta especie he a pintura do Exercito Portuguez conduzido por El-Rei D. Affonso 4.º em soccorro de seu Genro o Rei de Castella, qual se lê nos Lusiadas Canto 3.º Est. 107, e 108, &c.

« Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados ;
Lustra c'o sol o arnez, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada
Os corações a paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado ;
E somente c'o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assim entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

Em os nossos Classicos encontramos bellissimas Enargueias, que na classe das Figuras se chamão Hypothîposes. Tal he a seguinte Ode, em que Filinto Elysio descreve, e pinta o seu estado no rigor do Hinverno.

ODE.

Vejo apontar o Hinverno pelos cumes
Dos Hyperboreos cerros ;
Com elle apontão procellosos ventos,
Truculentos negrumes.

Roucas rajadas de saltão granizo
Com fragor se desatão
Pelas roturas do arrastado manto.
Lambem-lhe em roda a grenha
Roxos coriscos, rapidos relampagos.
O desabrido Boreas
Lhe faz a corte, a geada arrebanhando,
Que ha de espargir a froxo
Pelas nuas campinas descontentes.
Já hirsuto o arco ateza
Para os farpões de tremedores gelos
Nos disparar agudos.
Ei-lo qu' estala, e os crepitantes frios
Me açoitão as vidraças.
Todo m'encolho, todo me arrepio
Já só de ouvi-lo, e vê-lo.
C'os olhos cerco os desprovidos cantos
Da casa, e das gavetas,
Por ver desabridado, tiritando
C'o penetrante frio
Se para lhe aparar as estocadas,
Acho de prata escudo,
Forrado casacão, ou pilha d'achas
Hinverni-fugo couto.
Mas ai de mim! Que tudo está despido!
O lento, crebro sopro
Da desgraça, afferrada em meu alcance
Varreo sem piedade
Quanto vio, quanto achou. Quanto he ditoso
Quem vè sobre o cabide

Da rica, e recheada guarda roupa
Tufar empanturrado
Pelludo gabinardo zebelino !
Vè no redondo estojo
Regalo aquecedor, no lar ardente
Ondadas labaredas.
Cuidar, qu' hei d'ir com barretada humilde
Pedir c'a bolsa em punho
Ao soberbo Estanqueiro repimpado
No throno mercantil
Carrada escassa de velhaca lenha;
Por que não venha a Parca
Co' as fadadas thesouras, c'os novellos
Visitar-me immatura !
Ver, que o quente sertum acolchoado,
O lanoso vestido,
O Lusitano tepido capote
São de subido preço ;
E que a bolsa engelhada em vão escorro,
Sem que deite chorume ;
São flechas mais pungentes, qu' as do hinverno
Hoje virei-lhe o buxo ;
E ella do sujo esfarrapado forro
Entre cotão sédiço
Dez réis vomitou sós muito esfalfados.
E vós cre-lo-heis vindouros ?
Eu, que não vira nunca da pobreza
A magra catadura,
Qu' á sombra dos herdados arvoredos,
Descansado dormia

No regaço da intacta probidade :
Eu, que no altar da honra
Do rigido dever queimava incensos ;
Que á Patria, aos meus sem termo
Dei quanto pude, e sube ; e dera o sangue,
Se o sangue meu podéra
Resgata-la do ignaro captiveiro ;
Eu vivo desterrado,
Roubados os meus bens, roubado ainda
O premio da virtude !
E o Geral dos Bernardos, que só teve
Por desvelo, e doutrina
Anafar brando as roscas do cachaço
Rode sege, e dobrões,
Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo....
Oh ! terra amaldiçoada !
Qual cheiroso ananaz, se foi plantado
Entre aldeanas couves,
Esmorece, definha, e não dá fructo,
Ou dá-o ensosso, e pèco,
E finalmente morre atassalhado
Das rusticas raizes,
Tal vive o sabio, peregrina planta
Em terreno ignorante.

He bella esta Enargueia, pela qual o Padre Antonio Vieira na sua Voz Historica pinta a serra de Ibiapaba.—Ibiapaba, que na Lingoa dos naturaes quer dizer terra talhada, não he huma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantão ao sertão das praias

de Camuci, e mais parecidas a ondas de mar alterado, que a montes, se vão succedendo, e como encapellando humas, apoz das outras em districto de mais de 40 legoas. São todas formadas d'hum só rochedo durissimo, e em partes escalvado, e medonho, em outras cobertas de verdura, e terra lavradia, como se a natureza retractasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duros, e como de pedras, ás vezes dão esperanças, e se deixão cultivar. Da altura destas serras não se pode dizer cousa certa, mais que são altissimas, e que se sobe ás que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés, e mãos de que he forçoso usar em muitas partes: mas depois que se chega ao alto dellas, pagão mui bem o trabalho da sobida, mostrando aos olhos hum dos mais formosos paineis, que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, vales, rochedos, e picos, bosques, e campinas dilatadissimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobre tudo olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como he cousa tão parecida ao Céo, não só causão saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo, que se vem buscar por estes desertos. —

Não he menos formosa, senão mais rica a pintura, que o mesmo Vieira faz da Asia, personificando-a em o seu Sermão de S. Francisco Xavier dormindo. — Appareça-lhe a Asia assentada sobr' hum Elefante Real de Ceilão, ricamente acobertado. Appareça-lhe vestida d'huma cabaia ligeira, fachada de prata sobre verde ; verde pelo fertil da terra, e a prata pelos rios, que a cortão, e regão. Appareça-lhe com o peito descoberto ao uso Oriental, mas

cruzado de colares de diamantes, e os braços apertados a espaços com manilhas, e rubis. Appareça com a garganta, não afogada, como cá se diz, mas torneada com hum grosso fio de perolas na grandeza, e igualdade escolhidas entre milhares, e d'huma e outra orelhas pendentes somente duas maiores, e de maior preço, que as de Cleopatra. Appareça finalmente com turbante entretecido de branco, encarnado, e ouro, que são as cores de que se arrèa a aurora ; e em remate entre garçotas de aljofar coroa imperial de safiras. —

He incomparavel a Enargueia, pela qual o grande Classico Fr. Luiz de Sousa na vida do Arcebispo de Braga pinta huma tempestade desta maneira. — Aconteceo hum dia acharem-se huns barcos de pescadores ao mar. Levantou-se a travessia tão repentinamente, que antes de se poderem recolher, era tormenta desfeita ; e ainda que vinhão em popa demandar o rio, erão os mares tão grossos, e tanta a força do vento, que desconfiados de poderem atinar com elle, se davão por perdidos. Estavão as mulheres, e filhos de terra vendo o perigo, e em suas almas correndo a mesma tormenta. —

Tacito, pintando a consternação de Roma, e do Imperador Galba no momento em que Othon se approximava á Cidade, diz — *Agebatur hùc et illuc Galba, vario turbæ fluctuantis impulsu, completis undique basilicis et templis, lugubri prospectu. Neque populi aut plebis ulla vox : sed attoniti vultus, et conversæ ad omnia aures. Non tumultus, non quies ; sed quale magni metus, et magnæ iræ silentium est.* — Galba era arrastrado para aqui, e para alli pelas ondas oppostas da multidão : os palacios, e templos estavão

cheios : por toda a parte via-se a imagem do lucto. O povo, e a mesma plebe emmudecião ; mas todos os semblantes estavão immoveis, e enfiados, e os ouvidos attentos ao menor rumor. Não havião tumulto, nem tranquillidade ; porém sim aquelle silencio, que assignala os grandes terrores, e as grandes iras. —

Em hum autor de Medicina encontrei huma das melhores Enargueias, que tenho lido, que he a pintura da terrivel molestia da Hydrophobia. « *Incerto post morsum plerumque die, circa vulneris ora rubor, calor, ardor et tencio dolens per totum artum extensa ; eodemque tempore circa locum laborantem dolores vagi atque espasmi se se ostendunt : vulnus reapertum ulçus effieit malignum, ex quo saniosum, fœtidumque tabum manat : languore, lassitudine, anxietate, suspiratione frequenti, et solitudinis desiderio corripitur æger : nunc moestus ab imo pectore gemitus trahit, vel somniis inquietis et horrendis animi imaginibus vexatur. Pulsus irregularis, celer et sœpe plenus; nausea, appetitus prostratus. Morbo aucto angustiæ et oppressionis sensus circa præcordia cum difficili respiratione ægrum tentant; sitis ingens est, sed potum deglutire haut valet: degluti endi difficultas, convulsionibus musculorum laringis et pharingis augetur : globi in faucibus se volventes sensus adest, qui in capitis motu convulsione, ac vehementi musculorum colli tremore comitatur. Interdum anxietas, horror, aurium tinnitus, et tremores convulsivi apparent ; aquæ aspectum aut limpidi et splendidi liquoris aut albæ vel pellucidæ rei conspectum fugit ; cutis adeo sensilis evadit, ut aeris frigidi impressio et sonus anxietatem et convulsiones excitent : oculi distorquentur, truces et torvi*

mirum in modum rotantur ; urina est limpida vel supprimitur ; pulsus parvus, irregularis ac intermittens ; ingentem sitim accusat æger, sed bibere obstinate recusat, nam si parvam potionis cujuslibet guttam sugere tentat, fastidium, horror, et convulsiones superveniunt. Morbo ingravescente omnia simptomata augentur, anxietas est continua, cor vehementer palpitat, oculi turgent et fulgent ; delirium, os semiapertum remanet ; magna salivæ viscidæ copia expuitur, at spumam ante os efformet ; conspuendi mordendiqne cupiditas ; vocem tollit miserrimus æger canis latratui similem ; amicos et filios aggreditur, sed dum in se redit, veniam poscit de illatis injuriis. Nonnumquam tot tantis que malis oppressus mortem cupit, et ex locis altioribus se præcipitat, vel adstantes orat ut sine misericordia trucidetur. Viribus tandem exhaustis respiratio fit anxia et difficilis, gelidus sudor ex toto corpore promanat ; animi deliquia frequentiora, sopor, apoplexia, et mors accedunt. »

LIÇÃO DECIMA SEXTA.

SEMELHANÇAS.

Semelhança he aquella conformidade, que duas cousas, posto que de distincta natureza e categoria, guardão entre si pela paridade d'alguma propriedade, qualidade, effeito, causa, ou outra circunstancia, que seja impropria, ou metaforicamente commum a ambas. Assim se podem assemelhar o avarento, e o hidropico, ainda que tão distinctos em seus accidentes; pois o ultimo adoece d'huma enfermi-

dade physica. Por isso o primeiro por aquella sede de ouro em sentido figurado he semelhante ao segundo affligido da sede d'agoa em sentido proprio.

As semelhanças, bem como as comparações dão espaçoso campo á fantazia. As obras da natureza, os fenemonos celestes, a vista da terra, e dos mares, o theatro da Physica, da Historia, eainda mesmo da Fabula subministrão a huma imaginação fecunda innumeraveis confrontações. Mas o maior merito da semelhança consiste em escolher a imagem mais viva, e representativa d'aquella circunstancia, que uniforma duas cousas com mais propriedade; porque sempre se ha de buscar o objecto, que tenha o termo, ou adjuncto da semelhança mais natural, e estreito com a cousa assemelhada ; pois ainda ha entre muitas cousas, que se comparão mais immediata conformidade entre humas, que entre outras.

Ha termos de semelhança não proprios, senão metaforicos, e costumão a ter mais energia por causa do maior esforço, que ha de fazer a imaginação para ajuntar cousas tão distantes, de cuja opposição se formão as hyperboles. Assim dizemos — está dormindo como huma pedra. He verdade, que a pedra, objecto da semelhança, não pode dormir ; porque he hum ente inanimado ; mas só pela sua imobilidade, e inercia he, que representa metaforicamente aquietação d'hum profundo somno. D'aqui a graça das semelhanças he superior, e admiravel quando nellas se descobrem confrontações entre duas cousas d'especies mui differentes, d'onde se não podião esperar, se não da atrevida fantazia, e feliz eleição do orador, ou escriptor ; porque dá signal de pobreza d'engenho, ou de

falta d'arte o que busca os objectos da comparação tão parecidos, que á primeira vista se toque logo na sua semelhança.

A semelhança differença-se da Enargueia; porque nesta se representão os objectos unicamente por meio de palavras, e n'aquella representa-se de mais a mais hum objecto por meio de outro, com o qual he confrontado. Pelo que ha neste segundo genero de pinturas a vantagem de que a imaginação, propondo-se-lhe hum objecto semelhante ao que particularmente se lhe intenta pintar, figura-se muitos pontos de vista importantes, que se não podião exprimir por meio do simples uso das palavras. Hum bellissimo exemplo deste genero de pinturas se lê nos Lusiadas Cant. 3.° Est. 134, que he o seguinte:

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor co' a doce vida.

O insigne Vieira fallando dos maldizentes detractores dos homens insignes disse « Estes inimigos naturaes das almas superiores, invejosos da gloria, que elles não merecem, são semelhantes a aquellas plantas vis, que só crescem entre as ruinas dos palacios; pois não podem levantar-se senão sobre os destroços de grandes reputações. André de

Resende pintando os effeitos da tyrannia, com que governava o Imperador Domiciano, assim se exprime. « As crueldades de Domiciano de tal modo havião aterrorisado os governadores, que o povo Romano pôde em seu reinado restabelecer-se hum pouco ; da mesma sorte que huma rapida torrente, destruindo, e roubando a terra em huma margem, vai deixando em outra huma verde, e formosa veiga. »

A regra principal, que deve observar o Orador nas pinturas por semelhança, he pôr hum particular cuidado em que a cousa, de que tira a semelhança, não seja escura, nem desconhecida, antes sim familiar aos seus ouvintes; porque aquillo, que se traz para aclarar outra cousa, deve ser mais claro, do que esta, a que dá luz ; sendo todavia mais desculpavel essa tal ou qual obscuridade em Poesia, do que na Oratoria.

DAS PARABOLAS.

O terceiro genero de pinturas, denominado Parabola só differe da semelhança, em ser esta tirada de cousas familiares, e da mesma especie; e aquella procurar de mais longe, e em cousas d'especie, e ainda de natureza diversa, os objectos de comparação ; sendo na Parabola até huma belleza essa mesma distancia, d'onde se vai buscar o objecto de confrontação, pela novidade, e imprevisão, que a acompanhão. No citado Poema dos Lusiadas encontra-se entre muitos outros o seguinte exemplo d'huma excellente Parabola (Cant. 2. Est. 23.)

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitão, de inimigas
Do inimigo hinverno congelado ;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostrão vigor nunca esperado :
Taes andavão as nynfas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

AS IMAGENS.

As imagens, quarto genero de pintura, são humas semelhanças, ou Parabolas breves. Bem como ellas, as Imagens pintão hum objecto por meio da sua confrontação feita com outro ; porem as duas primeiras pintão com extensão, e miudamente, caracterisando os pontos de analogia, que entre elles existem, ao passo que as segundas abrevião a pintura, apontando só o objecto semelhante, e deixando á consideração dos ouvintes, ou leitores o perceber a analogia, e fazer a confrontação. He pois a imagem hum retoque de semelhança vigoroso, mas passageiro, ou, para assim dizer, huma pincelada, que escapa mais por acaso, do que de proposito. Tal he a de Jacintho Freire na vida de D. João de Castro em o discurso de Coge Çofar. « Poz-me os olhos, e levantou-me, *como vapor da terra*, antepondo-me estranho, e peregrino aos que lhe nascèrão em casa. Ou a elegantissima dos Lusiadas Canto 2.° Est. 41.

. . . . E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' orvalho fica a fresca rosa.

EMPHASES.

A emphase he hum genero de pintura, que dá a entender mais, do que as palavras por si declarão, e ás vezes ainda aquillo que não declarão. Para que se dè a emphase deve o pensamento ter huma expressão singela, breve, e natural, que encerre muitas cousas em curto espaço, ou alguma significação occulta, que não se concebe, senão pela applicação, que lhe dá o ouvinte, ou leitor. Por isso diremos, que a ideia emphatica he huma consequencia subtilmente deduzida d'huma ideia principal, que por sua generalidade se estende a outras. O nosso classico João de Barros, fallando da credulidade, com que certo autor escreveo a historia do seu paiz, disse « *He hum filho, que pinta a sua māi* » isto he; a paixão não lhe deixa ver defeitos, porém só perfeições, e excellencias.

Assim como ha expressões, que significão mais, do que em si dizem, outras ha tambem, que não significão o mesmo que dizem. Taes são, quando dizemos — Quem não tem homem não he homem, isto he; quem não tem protector não se adianta em fortuna. — Pedro tem bons braços, querendo dizer bons padrinhos. A Escriptura Sagrada está cheia d'exemplos e de emphases, quando falla de Deos; porque sempre se deixa entender mais, do que se diz.

Aqui pertence o *Noema* (em Latim *intellectus*) que he quando nas palavras, que dizemos, deixamos alguma cousa,

que infira, e quasi adevinhe o ouvinte, ainda que com facilidade se entenda o que pretendemos significar, e não o queremos dizer : como quando d'hum sugeito pouco devoto dizemos — Ninguem o vê sahir da Igreja, e d'hum destituido d'engenho — não inventou a polvora, &c.

CONCEITOS ORATORIOS.

Os conceitos oratorios são huns pensamentos ou originaes, ou fielmente imitados da Natureza, que por certa forma, com que são concebidos no espirito, tem huma belleza particular, aqual lhes dá ou mais força, ou mais graça, do que offerecem outros quaesquer : resultando delles consequentemente hum ornato notavel ao discurso, em que são empregados. Dividem-se por tanto os conceitos Oratorios em conceitos fortes, que servem para dar mais força ao discurso, e em conceitos agudos, denominados tambem sentenciosos, ou simplesmente sentenças, que servem para communicar mais graça ao discurso, e que significados em poucas palavras, dão muito que pensar.

O genero de conceitos fortes mais proveitoso, e usual na Eloquencia he o da Amplificação, que serve para engrandecer, ou diminuir os objectos, isto he ; aquelle, por meio do qual o espirito forma dos objectos, que pretende augmentar ou diminuir, noções taes, que as ideias simpleces, de que as compõe, são as mais proprias para fazer entender a cousa ou como grande, ou como pequena.

Cicero no seu Livro do Orador assim define a Amplificação — *Amplificatio est vehementius quodam dicendi genus, quo rei dignitatem, et amplitudinem, vel indignitatem*

et atrocitatem pondere verborum, et enumeratione circunstanciarum demonstramus. – Não ha duvida, que por meio do discurso podemos apresentar os objectos, ou os factos, acompanhados de mais, ou menos ideias accessorias, de mais, ou menos circunstancias, segundo o effeito, que queremos produzir. D'aqui vem todo o prestimo das Amplificações. Mas nós podemos considerar o objecto absolutamente, isto he ; em si mesmo, sem relação a outros, e descompondo-o em todas as suas partes, e circunstancias engrandecer-mo-lo com isso ; porque a multidão faz a grandeza : ou sahir fóra do objecto, e comparando-o com outro d'huma ordem inferior, igual, ou superior, fazer, que elle avulte muito mais, do que antes se afigurava : deste segundo modo a Amplificação pode-se chamar relativa.

O modo de amplificar absoluto divide-se em tres especies, por serem outros tantos os modos de conceber as ideias parciaes d'hum composto, para delle se formar huma noção grande. 1.° Descobrindo nellas differentes gráos de bondade, ou de maldade, chamada por isso Amplificação por *Gradação.* 2.° Colligindo da grandeza de humas a das outras, ou sejão consequentes, ou antecedentes, ou concomitantes, &c., a que se dá o nome de Amplificação pelo raciocinio. 3.° Amontoando-as, ou accumulando-as todas, para com a multidão simultanea fazerem mais impressão, chamada Amplificação por ajuntamento, ou por *congerie.* O modo d'amplificar relativo tambem se divide em tres especies derivadas da natureza do objecto, que se toma para comparação, a saber: Amplificação por comparação de maior para menor, de igual para igual, de menor para maior.

A gradação consiste em fazer parecer grandes cousas pequenas, ou pelo contrario em fazer parecer pequenas cousas grandes, descendo destas para as inferiores, ou subindo d'aquellas para as superiores por hum grão somente, ou por muitos até chegar por este modo ao maximo, ou ao minimo. He hum feliz exemplo de Amplificação a passagem do Vieira, onde diz « Muito he, que Jacob, e Esaú não coubessem em huma casa: mais he, que Lot, e Abrahão não coubessem em huma cidade: muito mais he, que Saul e David não coubessem em hum Reino; mas o que excede a toda admiração he, que Caim, e Abel não coubessem em todo o mundo. » Ha ainda outra especie desta Amplificação, na qual a gradação, posto que não seja tão clara, nem por isso deixa de ser bella, e efficaz. Tal he a de Fr. Luiz de Sousa na vida do Arcebispo, quando diz — Elle por sua mão, porque não houve outrem que se atrevesse, fere nas portas sagradas, fende, racha, arromba, e entra dentro, desaferra dos altares o delinquente, leva-o preso, e lança-o carregado de ferros na cadeia publica. —

LIÇÃO DECIMA SETIMA.

A Amplificação, que se faz por meio do raciocinio consiste em engrandecer as differentes circunstancias, que tem connexão com a cousa, que se pretende amplificar, a fim de que por via do mesmo raciocinio se deduza a grandeza desta mesma cousa. Por seis modos pode engrandecer o Orador qualquer objecto, servindo-se desta especie de Amplificação. 1.° Da grandeza dos consequentes fazendo inferir a dos antecedentes. Ex. dos Lusiadas Canto 7.° Est. 56.

Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido.

2.° Da grandeza dos antecedentes, ou das causas fazendo inferir a dos consequentes, ou dos effeitos. Ex. do mesmo Poema. Canto 2.° Est. 35.

Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana n'agua clara,
Nunca os famintos galgos o matárão,
Que primeiro desejos o acabárão.

3.° Entre muitas cousas concomitantes da mesma ordem diminuindo de proposito algumas, posto que grandes, e pondo-as em huma classe inferior, para da sua inferioridade se conjecturar a superioridade das outras. Ex. do mesmo Poema Canto 2.° Est. 44.

Qu'eu vos prometto, filha, que vejaes
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos, qu'esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

4.° Engrandecendo a difficuldade d'huma acção, para se inferir d'ahi a força dos seus agentes. Ex. Lus. C. 6.° Est. 60.

Não são vistos do sol do Tejo ao Bactro
De força, esforço, e d'animo tão forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

5.° Exagerando a importancia, e custo dos meios para se deduzir a do fim. Lê-se hum exemplo em Homero, o qual para amplificar a belleza de Helena, diz « Como he bella! Não deve causar admiração, que dous Imperios se armassem hum contra o outro por seu respeito. »

6.° Engrandecendo o instrumento, para se formar conceito da grandeza de quem o traz, ou emprega. Assim Virgilio pela grandeza do bordão do Cyclope nos faz medir a do seu corpo agigantado. Eneida Liv. 3.° V. 659.

« *Trunca manum pinus regit et vestigia firmat.* »

A Amplificação por ajuntamento, ou por congerie forma-se accumulando vario numero de palavras, ou d'orações synonymas, não amontoadas ao acaso, mas sempre em tal, ou qual ordem. Ex. do Vieira no seu Sermão Parte 1.ª Col. 487. « Mas que hum cèpo haja de ter a fortuna de cèpo, e vá em achas para o fogo, e que o outro cèpo tão madeiro, tão tronco, tão informe, tão cèpo, como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar autoridade, respeito, adoração, Divindade, &c. » Forma-se tambem esta especie de Amplificação accumulando vocabulos, ou orações synonymas, de modo que vão subindo de força; como no citado Vieira Serm. P. 8.ª pag 5. « O vosso amor proprio pede mais vida, e o seu amor de

Deos, e o seu zelo pedia mais naufragios, mais dores, mais martyrios, mais mortes. »

A Amplificação por comparação he aquella, em que o Orador, sahindo fóra do objecto, de que ia fallando, o confronta com outro, ou com outros d'huma ordem inferior, ou igual, ou superior. Resultão d'aqui tres especies d'Amplificação por comparação, a saber : de menor para maior, de igual para igual, de maior para menor. Ex. da 1.ª Vieira Serm. P. 3.ª p. 90. « Se todas as vezes que s'embarcavão n'aquelle lago, não se levantava nelle mais hum sopro de vento, que o vosso coração não fluctuasse nas mesmas ondas, como o podereis ter seguro, nem quieto, quando os virdes engolfados n'aquelle mar immenso sempre turbulento, onde tantos fizerão naufragio ? »

Na Amplificação por comparação de igual para igual o Orador, depois de haver proposto hum pensamento ao parecer igual ao que ia tractando, deve esforçar-se por fazer sobresahir aquelle, que pretende amplificar ; como se lê em Fr. Heitor Pinto (Imagem da vida Christã P. 2.ª Dial. 1.° Cap. 3.°) « Dormindo Sansão no regaço de Dálila, lhe cortárão sete guedelhas de cabellos, com que ficou privado da sua força, e foi preso dos Philisteos : assim dormindo nós com o pesado somno do descuido no regaço da falsa confiança, perdemos os sete dons do Espirito Santo, e ficamos fracos, e rendidos aos nossos depravados appetites. »

O terceiro modo d'Amplificação por comparação, ou de maior para menor faz-se tomando hum pensamento maior, do que aquelle, que intentamos amplificar, accrescentando á sua grandeza ainda mais por meio da força da Eloquencia, e depois de o havermos levantado ao ponto mais alto, mos-

trando a final, que ainda assim mesmo he inferior ao que pretendemos amplificar. Ex. dos Lus. (Canto 4.° Est. 53).

« Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida ;
Regulo, porque a Patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida :
Este, porque se Hespanha não perdesse,
A captiveiro eterno se convida ;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizerão tanto ».

CONCEITOS AGUDOS, OU SENTENCIOSOS.

A segunda classe de conceitos oratorios são os sentenciosos, ou simplesmente denominados sentenças, os quaes servem para dar mais graça ao discurso, bem como os antecedentes servem para dar-lhe mais força. He a sentença, considerada como grão do ornato, hum conceito agudo, ou hum pensamento delicado, que em poucas palavras encerra hum sentido profundo.

A generalidade dos Rhetoricos admitte tres generos principaes de sentenças, que denominão *Gnomas*, Enthymemas, e Epiphonemas. Os Gnomas são humas maximas geraes sobre assumpto moral, enunciadas em poucas palavras, as quaes ainda não sendo applicadas a hum caso particular, podem merecer approvação. Subdividem-se em quatro especies, que se differenção humas das outras já pelo seu objecto, já pelas suas partes, já pela sua forma, já pela sua extensão.

O Enthymema, além de ser huma forma de argumentação empregada para provar, he tambem huma especie de conceito sentencioso, que serve para ornar o discurso oratorio ; porém só he sentença, quando he formado de ideias oppostas, e sobresahe na Elocução pela agudeza, e concisão da expressão, e pelo brilho, e claridade que resulta da opposição, e contraste das ideas, de que he formado, recahindo sempre sobre cousa já provada. Tal he a seguinte do Bispo D. Hieronimo Osorio (carta 1.ª a El-Rei D. Sebastião) « Entre pressa, e diligencia ha grande differença ; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella. »

Finalmente o Epiphonema he huma sentença, com que se exclama no fim d'huma Narração, ou de huma Prova, isto he ; huma reflexão fina, e delicada feita pelo Orador, ou Escriptor em forma d'exclamação sobre o facto, que acaba de narrar, ou de provar, a qual vem a ser como o resultado de tudo quanto tem dito ; advertindo, que esta especie de sentença será tanto mais bella, quanto for mais aguda, e curta. Ex. de Fr. Luiz de Sousa na vida do Arcebispo « Tanto damno faz nos concelhos estar suspeitada, não só entendida a tenção de quem preside » : e nos Lusiadas Canto 3. Est. 33.

« Tanta veneração aos pais se deve! »

A'cerca do uso das sentenças em geral, ou da sua applicação ao discurso oratorio, eis as regras, que convem nunca perder da memoria. 1.ª O Orador atilado não deve desprezar inteiramente o emprego das sentenças, mormente quando vir, que podem ser uteis ao assumpto, que tracta, ou já por concorrerem para mover os seus ouvintes, ou já

quando por meio dellas se fizer mais recommendavel na sua opinião. 2.ª Todavia não deverá fazer das mesmas sentenças uso frequente, tendo sempre em vista, que se forem muito bastas, farão mal humas ás outras; que pela sua mesma multidão truncárão a marcha da Elocução; que por mais valente, que pareça hum modo de dizer frequentemente sentencioso, não poderá deixar de mostrar-se como salpicado de muitas, e varias manchas; e em fim que todo o Orador, que andar unicamente na pesquiza de sentenças, para as introduzir no discurso, de necessidade hade servir-se de muitas pueriz, frias, e ineptas. 3.ª Cuidará em que não sejão claramente falsas. 4.ª Que se não appliquem indiscretamente, isto he; fóra da devida occasião, lugar, e assumpto. 5.ª Que não sejão proferidas por qualquer, a saber: por pessoas, que por sua idade, experiencia, e estudo não tenhão adquirido a devida autoridade.

LIÇÃO DECIMA OITAVA.

DO ADORNO ORATORIO.

O terceiro gráo do Ornato, denominado *Adorno*, que he o que dá ao discurso maior lustre, e belleza, consiste no accommodado emprego dos Tropos, e Figuras da Elocução.

A palavra Tropo, que vem do Grego *Trope* (volta) significa rigorosamente em Eloquencia mudança d'huma palavra, ou d'huma oração da sua significação propria para outra, resultando d'aqui algum novo gráo de belleza, ou de valentia ao discurso. He pois o Tropo huma conversão

de palavras, em virtude da qual se lhes faz tomar huma significação mais, ou menos apartada da sua accepção primitiva, mas tendo sempre com ella huma relação sensivel: por isso em todo o tropo ha necessariamente duas cousas; aquillo, que he exprimido, e o que o espirito suppre. Os Tropos quanto á sua origem são necessarios, ou voluntarios.

Não ha Lingoa verdadeiramente rica, se se compara o numero de palavras, que possue com o das nossas percepções, e sentimento. O espirito considera a mesma cousa de diversas maneiras, encara-a debaixo de muitos aspectos, compara-a com outras, e observa as suas differenças, e semelhanças. Estas operações intellectuaes lhe suggerem hum numero incalculavel de ideias, cada huma das quaes produz outras muitas, que por sua multiplicação quotidiana, e continua, não podem ser nem distinguidas nem exprimidas por palavras particulares, e individuaes, cujo numero he, e nem pode deixar de ser, relativamente, mui limitado.

Ainda suppondo possivel isso, seria a nossa memoria tão vasta, que conservasse todas as palavras, e o nosso juizo tão prompto, e seguro, que sempre, e segundo as circunstancias, lhes fizesse a devida applicação? Os Tropos pois vierão acudir, e remediar a esta incapacidade; porque por meio dessas conversões, parece, que nada fica sem nome, sem que a memoria fique abarrotada d'huma multidão innumeravel de palavras. Logo por tanto, que nos falta termo para representar qualquer cousa em particular, exprimimo-la pelo nome de outra, com a qual lhe achamos relação, ou semelhança, e em razão desta affinidade he, que nós procedemos desta sorte.

Esta a origem dos Tropos necessarios, ou conversões de

palavras, que em consequencia da penuria, e precisão absoluta d'expressões, desde tempo immemorial tem-se espontaneamente introduzido em todas as Lingoas para remedear a sua insufficiencia, e assim se tem tornado no discurso vulgar d'hum uso continuo, e indispensavel. Desta necessidade d'empregar sempre palavras desviadas do seu sentido primitivo, resulta naturalmente o servir-nos sem pensar de innumeras locuções tropologicas, as quaes, passando quasi sempre desapercebidas, não produzem na frase nem bom, nem máo effeito, e não podem consequentemente ser consideradas nem como adornos, nem como defeitos.

Tropos voluntarios são aquelles, de que nos servimos para força, ou ornato do discurso, o qual por este meio adquire huma energia, huma vivacidade, hum brilho, huma elegancia, que em balde procurariamos no estylo proprio. Assim quando queremos mover as paixões, communicar a outrem o ardor, de que estamos animados, usamos de locuções atrevidas, porém justas, apresentamos imagens tocantes, mas naturaes, que enlevão, e transportão a imaginação, sem todavia offender a liberdade do juizo. Se queremos excitar sentimentos doces, e agradaveis, servimo-nos de tropos, que dispertão ideias risonhas e graciosas, somos elegantes sem affectação, e jucundos sem bufonaria. Esta segunda especie de tropos he ás vezes tambem utilissima para evitar a monotonia, e exprimir d'huma maneira differente os pensamentos, que somos obrigados a reproduzir.

A ligação, que ha (diz Du Marsais no seu excellente livro dos Tropos) entre as ideias accessorias isto he; entre

as ideias, que tem relação humas com as outras, he a fonte, e principio dos diversos sentidos figurados, que damos ás palavras. Os objectos, que fazem impressão sobre nós, são sempre acompanhados de differentes circunstancias, que nos tocão, e pelas quaes designamos muitas vezes ou os mesmos objectos, que ellas somente acompanhão, ou aquelles, cuja lembrança nos despertão. O nome proprio da ideia accessoria he mais vezes presente á imaginação, do que o nome da ideia principal, e muitas vezes tambem essas ideias accessorias, designando os objectos com mais circunstancias, do que farião nomes proprios desses objectos, os pintão ou com mais energia, ou com mais deleite. D'aqui vem o tomar-se o signal pela cousa significada, a causa pelo effeito, a parte pelo todo, o antecedente pelo consequente, o continente pelo conteúdo, &c., &c. Como huma destas ideias não pode ser suscitada sem dispertar a outra, acontece, que a expressão figurada vem a ser tão facilmente entendida, como se nos servissemos da palavra propria ; e ordinariamente até he mais viva, e mais agradavel, quando della usamos convenientemente ; porque suscita mais de huma imagem ; atrahe, ou recreia a imaginação, e dá facilmente que adevinhar ao espirito.

Nunca as Lingoas encerrão maior numero d'expressões figuradas, do que nos primeiros tempos da sua formação; porque então são ellas mui pobres ; a serie das palavras applicadas ás cousas he pouco numerosa, e ao mesmo tempo a imaginação exerce grande influencia sobre as concepções do homem, e sobre os seus meios d'expressão, de sorte que já por necessidade, já por escolha os tropos de continuo se multiplicão. Todos os objectos novos espantão, surprendem,

ou produzem sobre o espirito huma impressão mui viva: os homens são muito mais sujeitos ao imperio das paixões, do que ao da razão, e a sua lingoagem se colora com os matizes do seu caracter. A experiencia nos mostra que tal era effectivamente a indole das Lingoas, que fallavão os Indios, e os Americanos, isto he; atrevido, pintoresco, e metaforico, cheio de allusões vivas a qualidades, que cahem debaixo dos sentidos, ou aos objectos, com os quaes esses povos em sua vida solitaria se achavão muitas vezes em relação Quando qualquer chefe Indiano dirigia a palavra á sua tribu, prodigalisava metaforas mais atrevidas, do que s'encontrão em nenhum dos Poemas Epicos publicados na Europa.

A medida porém, que huma Lingoa caminha para a perfeição, objectos mais numerosos recebem nomes, e os homens, que a fallão, esforção-se cada vez mais por ser claros, e precisos: mas as palavras, que se havia feito desviar da sua significação primitiva, ou os tropos, sempre vem a ser em grande numero, não havendo com effeito huma só Lingoa, em aqual se não ache huma multidão de palavras, que não exprimião certos objectos, senão porque erão tomados em sentido figurado, mas que por hum longo uso já se não tem por figuras, tornando-se simples expressões litteraes. As denominações de qualidades nos objectos sensiveis tem sido applicadas a operações, ou a qualidades do espirito, e assim se diz *hum espirito penetrante, huma cabeça fria, hum coração duro*, &c. Outras ha, que ficárão em huma especie d'estado mixto, que não havendo perdido inteiramente o sentido translaticio, todavia não o tem conservado tanto, que deem ao estylo a cor d'huma lin-

goagem figurada: taes são estas frases—*agarrar do pensamento d'alguem*, *entabolar hum assumpto*, *seguir hum raciocinio*, *levantar huma disputa*, e outras muitas, que a cada passo s'encontrão em todas as Lingoas.

Os escriptores correctos, servindo-se destas especies de locuções, attendem ao sentido figurado, ou á allusão, sobre as quaes ellas se fundão, e evitão cuidadosamente o servir-se dellas em occasiões, em que venhão apparecer deslocadas. Por ex., pode-se dizer de hum homem, que está abrigado sob a protecção d'hum poderoso: mas não se diria bem, que está abrigado sob a mascara da dissimulação; porque a mascara esconde, mas não abriga. Hum objecto na descripção, que delle se faz, he revestido de suas qualidades; seria porém improprio dizer, que he revestido de circunstancias; porque estas cercão, ou acompanhão, mas não podem revestir cousa alguma. Cumpre, que o que falla, ou escreve tenha o maior cuidado nestas e n'outras distincções, que muito fazem á perfeição, ou defeito da Eloquencia.

Do que temos dito conclue-se primeiramente, que os tropos enriquecem a Lingoa, e a tornão mais abundante; que por elles he, que as palavras, e frases se multiplicão continuamente para exprimir ideias de toda a especie, para fazer sentir as mais ligeiras differenças, para designar as mais delicadas gradações dos nossos pensamentos, perfeição, a que nunca chegarião as palavras proprias, se não podessem ser tomadas em sentido translaticio.

Em segundo lugar os tropos dão dignidade ao estylo; quando pelo contrario o uso mui constante dessas palavras communs, a que de longo tempo estão avesados os nossos ouvidos, o abatem, e degradão. Se tractamos d'hum assum-

pto elevado, e queremos, como cumpre, que o nosso estylo não desdiga delle, nada conseguimos, se nos não ajudamos do grande recurso dos tropos. Quando estes são devidamente empregados, produzem sobre a Lingoa o effeito de hum vestido rico, nobre, e elegante, que annuncia a graduação de quem o traz, attrahe-lhe respeitos, e dá-lhe certo ar de grandeza, e magestade.

Em terceiro lugar os tropos offerecem-nos o prazer de perceber distinctamente dous objectos n'huma só vista de olhos, isto he; a ideia principal, e mais os seus accessorios. Assim vemos huma cousa em outra, como diz Aristoteles, cousa, que nunca deixa de agradar ao espirito; porque as comparações, e semelhanças tem grande encanto para a imaginação, e os tropos não são precisamente fundados, senão em relações, e analogias desta especie. Quando por ex. em vez de mocidade eu digo *a manhã da vida*, a imaginação immediatamente se occupa das circunstancias analogas, que existem entre os dous objectos, que se lhe apresentão simultaneamente: no mesmo instante tenho debaixo dos olhos huma das epochas da vida humana, e huma das epochas do dia, as quaes tanta analogia tem, que a imaginação salta com prazer d'huma para outra, e contempla ao mesmo tempo dous objectos semelhantes, que conjunctamente se apresentão sem embaraço, e sem confusão.

Em quarto lugar os tropos tambem tem outra vantagem de grande importancia, que he a de nos dar do objecto principal huma ideia mais clara, e mais viva, do que o poderião fazer as ideias mais simpleces, e que não exprimissem nenhum dos seus accessorios.

Os raios de luz, diz Condillac, cahem sobre os corpos,

e reflectem huns sobre outros, de maneira que os objectos se trasmittem mutuamente as suas cores: não ha hum, que não receba reflexos, e que os não communique a outro: e nenhum delles, quando reunidos, tem exactamente a cor, que lhe seria propria, se estivessem separados. Desses reflexos nasce essa degradação de luz, que d'hum para outro objecto conduz a vista por passagens imperceptiveis. As cores se misturão sem se confudir; ellas se contrastão sem dureza; adoção-se mutuamente, dão-se mutuamente brilho, e deste modo tudo s'embelleza. A arte do pintor está em copiar esta harmonia.

Assim reciprocamente s'embellezão os nossos pensamento; nenhum he por si mesmo o que vem a ser com o soccorro d'aquelles, que o precedem, e se lhe seguem. Entre elles ha de certo modo reflexos, que transmittem gradações de luz de hum para o outro, e cada hum deve aos que lhe estão proximos todo o enlevo do seu colorido. A arte do Orador, ou do Escriptor está em lançar mão desta harmonia, de sorte que se perceba em seu estylo esse colorido, que agrada em hum bello quadro.

Todo o homem, que falla, ou escreve deve por tanto ser pintor, ao menos quanto o permitte o assumpto, que tracta. Os nossos pensamentos são susceptiveis de differentes coloridos: separados, cada hum tem huma cor, que lhe he propria; juntos, prestão-se mutuamente reflexos; e toda a habilidade consiste em saber pintar esses reflexos.

Não ha duvida, que os tropos dão mais energia ás nossas expressões; porque quando somos vivamente abalados por algum pensamento, he raro que nos exprimamos com simplicidade. O objecto, que nos occupa apresenta-se-nos

com as ideias accessorias que o acompanhão ; nós pronunciamos os nomes dessas imagens, que nos tocão, e assim naturalmente recorremos aos tropos, d'onde vem fazermos sentir melhor aos outros o que nós mesmos sentimos: d'ahi estes modos de dizer—*está inflammado da colera: cahio em hum erro grosseiro : murchar, ou embaciar a reputação, embriagar-se de prazer*, &c., &c.

Os Tropos fazem mais nobre o discurso; por quanto como as ideias communs, a que estamos avesados, não excitão em nós esse sentimento de admiração, e surpreza, que eleva a alma, recorremos em taes occasiões ás ideias accessorias, que prestão, por assim dizer, habitos mais nobres a essas ideias communs. *Todos os homens morrem igualmente*: eis hum pensamento commum, e trivial: que nobreza porém lhe não deo Horacio, quando disse *Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres!*

Alguns Rhetoricos alias respeitaveis, disserão, que os tropos não forão a principio inventados, senão por necessidade por causa da falta, e mingoa de palavras proprias ; mas que ao depois para a belleza, e ornato do discurso, quasi do mesmo modo que os vestidos forão adoptados no principio para cobrir o corpo, e preserva-lo do frio, e depois servirão para o embellezar, e ornar. Eu não creio, que houvesse tão grande numero de palavras supplentes das que faltavão, para que se possa dizer, que tal fora o primeiro, e principal uso dos tropos. De mais não he esta, segundo me parece, a marcha, por assim dizer, da natureza ; por quanto não tem a imaginação tão pouca parte na lingoagem, e proceder dos homens, que neste ponto fosse precedida pela necessidade.

Se d'hum homem, que anda com extrema vagareza, dizemos, que anda mais de vagar, do que huma tartaruga ; de outro, que anda mais de pressa, que o vento; d'hum apaixonado, que se deixa levar da torrente de suas paixões, &c., he porque a vivacidade, com que sentimos o que queremos exprimir, excita em nós essas imagens, dellas nos occupamos primeiramente, e dellas nos servimos ao depois para d'alguma sorte pôr diante dos olhos dos outros o que lhes queremos fazer entender. Os homens não consultárão, se tinhão, ou não termos proprios para exprimir essas ideias, nem se a expressão figurada seria mais agradavel, do que a expressão propria: elles seguirão o movimento da sua imaginação, e aquillo, que lhes inspirava o desejo de fazer, que os outros sentissem vivamente o que elles da mesma sorte sentião. Ao depois os Rhetoricos notárão, que tal expressão era mais nobre, esta mais energica, aquella mais agradavel, aquella outra menos dura, finalmente fizerão suas observações a respeito da lingoagem dos homens.

Os tropos, que não produzem os effeitos, que temos mencionado, são defeituosos. Elles devem principalmente ser claros, faceis, apresentar-se naturalmente, e só em tempo, e lugar conveniente. Não ha em todo, e qualquer genero cousa mais ridicula, do que a affectação, e falta de conveniencia. Molière nas suas *Preciosas ridiculas* offerece grande numero d'exemplos dessas expressões exquisitas, e despropositadas. Pede, por ex., a conveniencia, que se diga simplesmente a hum criado « *traze cadeiras* », e não he preciso ir buscar a exquisitice de lhe dizer « *acarreta-nos para aqui as commodidades da con-*

versação. » Assim he dizer « *conselheiro das graças* » em lugar d'espelho : *contentai o desejo, que tem de vos abraçar este canapé.*

Todas estas expressões tiradas de longe, e fóra do seu justo lugar, denotão hum demasiado esforço do espirito, e fazem perceber todo o trabalho, que houve em as procurar : ellas não estão, por assim dizer, unisonas com o bom senso, isto he ; estão inteiramente apartadas do modo de fallar d'aquelles, que tem o espirito recto, e justo, e conhecem as conveniencias. Os que procurão demasiado ornato no discurso, cahem muitas vezes neste defeito sem se sentir : elles ficão mui pagos d'huma expressão, que lhes parece brilhante, e lhes foi custosa, persuadindo-se de que os mais devem ficar tão satisfeitos, como elles mesmos. Em summa só nos devemos servir dos tropos, quando estes naturalmente se apresentão ao espirito, quando são tirados do assumpto, quando nascem das ideias accessorias, ou quando o decoro os inspira. Então sim he, que elles agradão ; mas releva não os procurar só com o intuito do deleite.

He de advertir finalmente, que o que he tropo em huma Lingoa, nem sempre o he em outra, já porque cada povo tem expressões, que lhe são particulares, já porque estas são tiradas de certos usos estabelecidos no paiz, e desconhecidos n'outro, já porque huns attendem mais a estas, outros a aquellas relações, que são o fundamento de todos os tropos, já em fim, por qualquer outra razão meramente arbitraria. D'aqui a grande difficuldade das traducções.

Todavia, a mudança em que consiste o tropo, nunca

deve ser arbitraria, mas sim ter o seu fundamento na Natureza; fundamento que não pode ser outro, senão a relação natural, que o objecto, do qual se tira o vocabulo, tem com o outro, para quem o mesmo vocabulo se transfere. As principaes destas relações são; a semelhança, a contrariedade, a comprehensão e a connexão, ou a ordem de seres já coexistentes, já successivos. Alguns ha porém, que sendo empregados meramente para ornato do discurso, não apresentão huma relação tão manifesta, que os inclua em alguma das quatro apontadas.

A tres classes podemos reduzir todos os tropos: 1.ª tropos, que servem já para mais vivamente significar, já para ornar: 2.ª tropos, que servem unicamente para significar com mais viveza: 3.ª tropos, que servem tão somente para ornar. Na primeira classe entrão a *Metafora*, a *Allegoria*, a *Ironia*, a *Metonymia*, a *Metalepse*, a *Antonomasia*, a *Onomatopéa*, e a *Hyperbole*. A segunda classe comprehende a *Synedoche*, e o *Epitheto*: a terceira a *Periphrase*, e o *Hyperbaton*.

LIÇÃO DECIMA NONA.

DA METAFORA.

Chama-se metafora a translação do significado proprio d'huma palavra para outro, que lhe não convem, senão em virtude d'huma comparação, que o entendimento faz de ambos. Quando dizemos, por ex., *luz do entendimento*, a palavra *luz*, que em seu sentido proprio nos faz ver os corpos, e objectos materiaes, posta aqui por translação, representa aquella potencia de perceber, e conhecer, que

alumia a nossa razão para formar juizos rectos. Do mesmo modo chamamos á Logica *chave* das sciencias, por ser ella, assim como a chave abre a porta, a que nos franqueia a entrada para as de mais faculdades.

A Metafora tira todo o seu valor principalmente da força da comparação, que sempre a acompanha, mas esta distingue-se d'aquella por se servir sempre de termos, que denotão a semelhança entre duas cousas. Assim dizemos d'hum homem colerico « *está como hum leão*, ou *está feito hum leão*, ou *parece hum leão* » mas se dizemos simplesmente : *he hum leão*, então proferimos huma Metafora pura ; porque a comparação neste caso he implicita, isto he; está no espirito, e não nos termos. Quando a Metafora guarda regularidade, e concerto, não he difficil achar a conveniencia da comparação : quando porém o que se dá sempre neste tropo, he trazida de muito longe, commette-se huma Metafora irregular ; porque a translação ha-se de fazer de cousa proxima, e facil, tornando-se dura, e dissonante, se se deduz de lugar mui apartado, e se he tão obscura, que precisa d'explicação ; de sorte que para que não pareça alheia do intento, ou trazida de longe, ha-se de mostrar logo a semelhança.

A Metafora deve nascer de lugar formoso, e de operação nobre : e como a formosura do nome está no som, ou na significação, he vicio tira-la de cousas, que em si não tenhão belleza, nem graça, nem lustre algum. Chamaremos sim magnifica, ou agradavel, e formosa a oração pela Metafora, quando nesta apparece o ornato, e com elle vem juntamente a ser clara.

A Metafora deleita a imaginação, dando aos conceitos muito mais esplendor, e energia, do que se nos servissemos das palavras proprias; e sem duvida resplandece maior galhardia, e graça na dicção pintada, que na simples. Quanto mais energica he esta expressão metaforica: *estava sepultado em profundo somno;* do que est'outra commum, e vulgar: *estava dormindo profundamente.*

He de advertir, que entre todas as Metaforas são mais efficazes aquellas, que se tirão das qualidades corporeas, e se offerecem aos olhos, e a razão talvez seja esta. A' reminicencia das qualidades corporeas, que nos accodem ao animo pela vista, mais fortemente se associão as ideias, do que a que nos vem, pelos outros sentidos: por isso toda a vez que trazemos á memoria huma das qualidades visiveis d'hum objecto, quasi todas as mais, que lhe pertencem, se despertão, e viva, e inteiramente se nos põe diante dos olhos do entendimento. Se pois são bellas as Metaforas, que se tirão das qualidades, de que são movidos o olfato, o ouvido, o tacto, o paladar, como *cheiro de santidade, dureza do coração, o rogir dos ventos, doçura das palavras,* &c., mais bellas; porque mais vivas se apresentão ao animo, entrando quasi pelos olhos, são as seguintes — *resplandece a gloria, fulgurão as lanças, riem os prados, madruga-lhe no coração a alegria: embrusca-se-lhe o animo de tristeza,* &c. A Aristotoles agradárão summamente aquellas Metaforas, que nos representão a cousa em movimento, e principalmente quando attribuem a cousas inanimadas operações das animadas; como Virgilio quando diz, que o rio Araxes se enfurecia contra a ponte: *Pontem indignatus Araxes.* O mesmo Virgilio, fallando d'huma

setta, que entrára no peito d'huma virgem, diz *Hæsit, virgineumque alte bibit hasta cruorem.* »

D'aqui se vè, que a Metafora tem o privilegio, e a graça particular de brilhar na oração por si só, mais nobre, e culta; e substituindo o figurado ao singelo, derrama nella huma rica variedade, eleva as cousas mais humildes, illustra as mais communs, e deleita a imaginação, tomando do mundo physico com engenhosa valentia, e traça objectos visiveis, e palpaveis para traze-los ao mundo intellectual, fugindo dos termos, e signaes ordinarios, e usuaes.

O uso das Metaforas he tão frequente, e geral entre os homens, que por causa da imperfeição das Lingoas na esfera da Metafisica quasi todas as ideis intellectuaes se hão de manifestar com expressões figuradas, isto he; com palavras, cujo sentido proprio representa cousas materiaes. Não se devem entender por taes palavras só aquellas, em que a Metafora he manifesta , como nestas : *huma casa triste, hum jardim alegre, hum raciocinio frio*, senão tambem as que consideramos por mais simpleces, e perceptiveis. O uso das Metaforas não he exclusivo dos Oradores, e Poetas ; pois comprehende hum extensissimo, e floridissimo prado, d'onde todos os homens, desde que deixárão a escriptura emblematica, vão colher flores. Mas o escriptor, e orador eloquente sabe escolher com feliz eleição o mais esplendido, o mais rico, o mais insigne para maior lustre, adorno, e realse da Elocução, quando a expressão simples não he tão efficaz para o seu intento.

O nosso grande Classico João de Barros he admiravel no uso das Metaforas, das quaes apontaremos algumas para exemplo. Por consenso de todos que tractão de Eloquencia

he a Metafora a alma da Oração. Mas Horacio advertio, que a Metafora de especial valentia, e viveza he quando o escriptor a huma palavra do uso familiar, e domestico lhe dá por meio da translação hum novo tom, ou hum novo significado, que a faz parecer outra.

Dixeris egregie, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum.

Cardume e enxame diz-se propriamente, o primeiro dos peixes, o segundo das abelhas. Entre tanto Barros em huma parte diz — *rompendo pelo cardume dos mouros:* n'outra — *cardume de fustas:* n'outra fallando dos mouros, diz « *De lá se alevantárão, e vierão grandes enxames delles povoar estas do poente.*

Por consenso de todos os Rhetoricos as Metaforas mais sublimes são aquellas, em que o autor representa as creaturas insensiveis, como se fossem humas pessoas animadas, como no exemplo de Virgilio, que já mencionámos, fallando do rio Araxes. A este genero de Metafora, que tambem se chama *Prosopopéa*, pertence o seguinte lugar, em que Barros, querendo significar, que no Mondego não entrão, senão rios de pouca consideração, assim se exprime « *O Mondego, não se mettendo nelle, senão huma plebe de riachos*». Da mesma especie he a outra, em que aos rios caudalosos chama *rios populosos.* Huma porém das mais bellas, das mais sublimes Metaforas de Barros he, quando, fallando dos cuidados, em que os Portuguezes passárão a noite antecedente á batalha naval, que esperavão ter com a armada de Mir-Hocem, assim escreve. « *A noite quasi*

toda foi vigiada, huns concertando suas armas, outros a consciencia. »

Palavras derramadas, isto he ; sem atilho : *embeber a frecha no arco : chuva de frechas, hum garfo de gente : a labareda lambendo pelos castellos da náo : iscado da heregia : escorar nisto, ou n'aquillo a esperança : tempo de servir*, isto he ; bom tempo para viagem : *enfiar bem as cousas para o seu proposito*, são bellas, e agradaveis Metaforas de Barros, Lucena, Sousa Vieira, e d'outros Classicos igualmente respeitaveis.

Algumas regras he mister seguir a respeito do uso das Metaforas, regras alias applicaveis a todas as especies de tropos, e que nos deixou o já citado Blair no seu Curso de Rhetorica, e Bellas Letras.

A primeira he, que as Metaforas devem convir á natureza do assumpto, não sendo nem muito multiplicadas, nem demasiadamente brilhantes, e pomposas, não levando o objecto além da sua verdadeira altura, nem lhe tirando a dignidade. Tal Metafora, que seria permittida, e até admiravel em Poesia, em prosa tornar-se-hia deslocada, e ridicula : outra graciosa n'huma oração, produziria máo effeito em huma obra d'Historia, ou de Philosophia. Não nos esqueçamos de que os tropos são para servir de ornato aos nossos pensamentos, e que a seu respeito ha conveniencias analogas á aquellas, que proporcionão o vestuario ao caracter, ou graduação da pessoa, conveniencias, que não se podem violar sem ir d'encontro ao bom gosto : pelo que reproduzir esses tropos muitas vezes, e sem necessidade he frioleira, que degrada o assumpto em vez de o ennobrecer ; porque assim como entre os homens a verdadeira

dignidade funda-se no caracter, e não em apparencias, do mesmo modo a dignidade d'huma composição tem a sua origem nos sentimentos, e nas ideias, e nada deve a ornatos vãos.

O ornato pois sendo demasiadamente procurado offende ao estylo, bem como ao homem. Assim as Metaforas, e Figuras nunca devem ser derramadas com indiscreta profusão, devendo proporcionar-se sempre ao assumpto, que se tracta. Nada seria mais extravagante, do que hum autor, que em huma obra didatica se servisse de Figuras, que convem ao genero descriptivo. Quem raciocina ha mister ser claro ; quem descreve deve aformosear ; quem distribue a sua materia cumpre, que seja preciso. Hum dos maiores segredos d'arte d'escrever está em saber ser simples apropositadamente. A simplicidade faz sobresahir os ornatos, quando são postos d'huma maneira conveniente, e á feliz combinação das sombras he, que a luz, e as cores devem todo o seu brilho. « *Is enim est eloquens* (diz Cicero) *qui et humilia subtiliter, et magna graviter, et mediocria temperate potest dicere : nam qui nihil potest tranquile, nihil leniter, nihil definite, distincte potest dicere, is, cum non præparatis auribus inflammare rem cœpit, furere apud sanos et quasi inter sobrios bachari temulentus videtur.* » Este concelho dirige-se principalmente aos mancebos, que se ensaião n'arte d'escrever, e estão sempre promptos para admirar hum estylo brilhante, e florido, sem examinar, se convem ao assumpto.

A segunda regra he relativa á escolha dos objectos, de que devemos tirar as Metaforas, e as mais figuras. Aqui hum vasto campo se abre diante de nós. A natureza, para

me servir d'huma expressão figurada, nos desenvolve todas as suas riquezas ; e na multidão de suas producções nos deixa escolher aquellas, que melhor podem embellezar as nossas ideias intellectuaes, ou moraes. Não são só os objectos risonhos, ou brilhantes, que nos fornecem Metaforas ; pois podemos tira-las, segundo a natureza do assumpto, que tractamos, dos objectos mais respeitaveis, mais sombrios, mais terriveis, e até mais feios. Todavia devemos evitar o alludir aquelles, que despertão ao espirito ideias baixas, vulgares, ou inconvenientes, de sorte que ainda quando nos servimos d'huma Metafora para exprimir toda a baixeza d'hum objecto, devemos fugir de ser enojosos em taes allusões. Cicero vitupera a certo orador do seu tempo, que chamara a hum seu inimigo *Stercus curiæ : quamvis sit simili*, diz elle, *tamen est deformis cogitatio similitudinis.*

Aquelle que só quer tirar as suas Metaforas de objectos, que tenhão alguma nobreza, deve o fazer de maneira, que a semelhança, que he o fundamento deste tropo, seja clara, e palpavel, sem ser tirada de muito longe, ou mui difficil de perceber ; alias a Metafora será trabalhosa, e forçada ; desagradará ao leitor, ou ouvinte, e obscurecerá, ou embaraçará o pensamento, em vez de o esclarecer. Cumpre sim evitar nas Metaforas as semelhanças usadas, ou triviaes ; porque a novidade he fonte de grande belleza. Mas quando este tropo funda-se em semelhanças muito remotas, e que sahem do circulo habitual dos nossos pensamentos, além de ser necessariamente obscuro, tem a desvantagem de parecer fructo d'hum trabalho pesado. Miseravel remendo he o palliativo *por assim o dizer*, de

que se servem muitos para fazer, que passe huma Metafora forçada. Tal advertencia he indouta, e melhor fora abrir mão dessa Metafora violenta. Tambem soem ser más as que se tirão das sciencias, e mormente de sciencias, que são objecto d'huma profissão particular ; por isso que não podem ser entendidas de todo o mundo.

São viciosas pois as Metaforas :

1.° Quando se tirão de termos, e lugares baixos, como a do Prégador, que disse, que *o diluvio fora a barrella da natureza.*

2.° Quando são forçadas, e arrastradas de termo mui remoto, como a do que disse « *Nasce o homem com breve vida, como a flor, cujo berço he o aurora, e seu sepulchro o occaso.*

3.° Quando a nalogia entre o signal, e a cousa não he natural, como a d'aquelle, que disse á sua dama « *Banharei as minhas mãos nas ondas dos teus cabellos* » e a do outro : « *quem no baixel da inveja embarca a sua fortuna ?* »

4.° Quando se tirão de objectos pouco conhecidos, ou demasiado scientificos, que formão o culteranismo, e o pedantismo, como a do que disse: *desd'o apogeo da sua prosperidade*, podendo, e devendo dizer simplesmente : *desd' a maior altura.*

5.° Quando se introduzem no discurso Oratorio Metaforas, que não convèm senão ao estylo, e licença poetica; pelo que não se pode chamar aos sons *harmonicos partos da lyra*, nem *douradas madeixas d'aurora* ao resplandor d'alva.

6.° Quando se tirão de objectos deshonestos, ou tor-

pes já pelo som, já pelo significado, já pela interpretação maliciosa, como a d'hum sugeito, que disse: « *Com a morte de Scipião ficou castrada a Republica* » podendo dizer — *ficou orphã.* Tão pouco soaria bem em hum escripto, ou discurso serio dizer d'hum povo, ou paiz, onde costuma a chuver muito : *he o ourinol do ceo.*

7.° Quando se tomão de objectos oppostos, ou repugnantes, ou de termos incoherentes de comparação, isto he ; que despertão ideias, que se não podem ligar, como se disseramos : *huma torrente, que se incendeia* em vez de dizer, que se precipita ; ou *era hum tigre com a espada na mão*, podendo dizer era hum Cid, hum Turenna, hum Napoleão. *Tirei esta tocha a Marte.* Que convencencia tem a tocha, que alumeia com a espada que corta ? E que necessidade ha de representar com rodeios, e frases metaforicas as cousas materiaes, e conhecidas, quando os seus nomes proprios são bem soantes ? As Metaforas servem para fazer d'algum modo visivel o que não está sujeito aos olhos, e como palpavel o que não tem corpo. Que cousa pois mais visivel, e palpavel, que huma espada?

8.° São viciosas as Metaforas, quando por sua profusão, e amontoamento tornão pesada, e confusa a oração, em lugar de a illustrar, e ornar. A materia he, que deve trazer as Metaforas, e não arrastra-las a violencia, nem a ridicula pretenção de abarrotar dellas o estylo. E que nome daremos ao estylo, e ao escriptor, quando estas são inchadas, tenebrosas, e incoherentes ? Hum autor do seculo 17, idade da ultima depravação do gosto, disse a respeito de Semirames « *Esta pois matrona, que só nasceo mulher para não achar de que morrer encanecendo*

à chamma de sua fragilidade, quantos laureis, fugindo das tibiezas do olvido, aspirárão ás immunidades de sua frente!

9.° Quando sobre hum mesmo objecto se reunem duas Metaforas differentes, o que se chama Metafora mixta, que he o maior abuso, que se pode fazer deste tropo. Tal he a d'aquelle, que disse — *tomar as armas contra hum mar de dores.* Tão extravagante mistura não pode deixar d'embrulhar as ideias, Quintiliano teve o cuidado de pôr-nos sobre aviso relativamente a este torpe defeito, dizendo «*Id in primis custodiendum, ut quo genere cœperis translationis, hoc finias. Multi autem quùm initium à tempestate sumpserunt, incendio, aut ruina finiunt; quæ est inconsequentia rerum fœdissima.*» Resumindo finalmente a nossa doutrina, diremos, que as Metaforas podem ser viciosas por tres razões, isto he; por excesso, por má escolha, e por dissemelhança.

LIÇÃO VIGESIMA.

ALLEGORIA.

Este tropo tem muita relação com a Metafora, e rigorosamente não he, senão huma Metafora continuada. A Allegoria pois he hum discurso, que se apresenta primeiramente debaixo d'hum sentido proprio, que parece todo differente d'aquelle, que se pretende dar a entender; mas todavia não serve, senão de comparação para dar a entender outro sentido, que se não exprime.

A Metafora ajunta a palavra figurada a algum termo

proprio, por ex. : *o fogo dos teus olhos:* olhos estão no sentido proprio, ao passo que na Allegoria todas as palavras tem a principio hum sentido figurado, isto he; todas as palavras d'huma frase, ou d'hum discurso allegorico formão primeiramente hum sentido litteral, que não he o que se pretende dar a entender : depois as ideias accessorias facilmente descobrem o verdadeiro sentido, que se quer excitar no espirito; ellas desmascárão, por assim dizer, o sentido litteral estreito, e fazem-lhe a applicação.

Duas especies ha de Allegorias, que são ; a total e a mixta. Na primeira todas as palavras são metaforicas, na segunda com estas palavras, que compõe a sua totalidade, andão misturadas outras tomadas em sentido proprio, e que servem para explicar o sentido d'aquellas. Bello exemplo d'Allegoria total he a Ode 14 do 1.° Liv. d'Horacio, *O Navis referent*, &c., e não menos he a de Cicero contra Pisão, em que compara a Republica Romana a hum navio agitado pela tempestade « *Neque tam fui timidus, ut qui in maximis turbinibus ac fluctibus Reipublicæ navem gubernassem, salvamque in portu collocassem ; frontis tuæ nubeculam, tum collegæ tui contaminatum spiritum pertimescerem. Alios ego vidi ventos, alias propexi animo procellas : aliis impendentibus tempestatibus non cessi, sed his unum me pro omnium salute obtuli.* »

Exemplo de Allegoria total encontramos nos Lusiadas Canto 7.° Est. 78.

.... « Mas ó cego
Eu que commetto insano, e temerario,
Sem vós Ninfas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão ardo, longo, e vario !
Vosso favor invoco ; que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que se não me ajudaes, hei grande mèdo,
Que o meu fraco batel se alague sèdo ».

Em Jacintho Freire (Vida de D. João de Castro Liv. 2.°) achamos a seguinte Allegoria mixta. « Esta arvore do Estado, de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas : convem, que a sustentemos, arrimada na paz de huns, e no respeito de outros. »

A Allegoria he o tropo universal, pelo qual todo o genero humano entrou na ordem intellectual, e moral. Onde quer que se reunem em algumas familias os elementos d'hum povo, a Allegoria vem em soccorro da sociedade nascente, e põe no commercio geral algumas ideias necessarias a todos. A Allegoria pois nesses começos, bem longe de ser hum véo, pelo contrario he huma luz, e torna sensivel o que o discurso não poderia explicar ainda d'hum modo claro, e preciso.

Como quer que cada povo houvesse creado successivamente os signaes vivos do pequeno numero de pensamentos communs, os chefes, que querião instruir aos seus semelhantes, devião servir-se d'Allegoria, como d'hum interprete necessario : d'ahi o uso constante de representar as ideias abstractas por imagens d'objectos corporeos:

d'ahi o caracter symbolico da lingoagem dos primeiros Poetas, que parecem ter sido em toda a parte os instituidores das Nações. Seus Cantos cheios d'obscuridades para nós, e ainda para povos, que não se separavão delles, senão por alguns seculos, erão comprehendidos de todos aquelles, para quem havião sido creados : mas com o tempo perdeo-se o sentido primitivo das Allegorias ; apegarão-se á letra, divinisárão-se os entes ficticios, e o Paganismo cobrio a terra de deoses chimericos. Então, como entre os Egypcios, por ex., a Allegoria veio a ser huma lingoa occulta, mysteriosa, vedada aos profanos, e só reservada aos Padres, que quizerão interceptar por trevas espessas a luz da verdade. Pythagoras, e outros Philosophos Gregos transportárão essa lingoa para o seu paiz; mas guardárão para si os enigmas, ou não os descobrirão senão a hum pequeno numero de iniciados, depois de longas provas para se fazerem dignos dessa communicação. Para todos os mais a fabula foi huma religião risonha, e voluptuosa, facil, e cheia d'Allegorias, que se não entendião, posto fossem algumas d'extrema evidencia. Assim não se vião mais em Minerva, e Venus, em Marte, e Apollo entes allegoricos, que designavão a prudencia, a belleza, o genio da guerra, e a luz do sol, senão verdadeiras divindades, feitas pelo homem á sua imagem ; porque a sua fraqueza não os poderia comprehender sem essa confrontação da propria natureza com a natureza d'elles.

A Allegoria total obriga o escriptor, e o leitor a dar exercicio á imaginação, hum para revestir de formas vivas o pensamento, ou os sentimentos, que quer dispertar, outro para comprehender o sentido do problema offere-

cido á sua intelligencia. O primeiro merito pois d'Allegoria está na justeza continua dos termos da comparação: o segundo deve consistir nessa clareza, nessa transparencia, que deixa ver a verdade por entre hum véo, que nunca a obscurece.

A Allegoria he muitas vezes hum meio astucioso de dar lições a homens, a quem a cegueira das paixões, ou o orgulho do poder faria cegos, ou rebeldes á verdade. A Allegoria torna-se necessariamente o tropo usual do escravo, que quer dar a entender suas queixas legitimas sem o risco de offender a seu senhor.

Entre os povos modernos a Religião Christã por huma parte, as luzes por outra muito tem restringido o uso da Allegoria. Outr'ora os mesmos Prophetas crião-se na obrigação d'envolver, e preparar os avisos severos, que davão aos Principes. Elles não ousavão acommetter de frente mais os vicios, e crimes do filho de David, do que os furores de Jesabel, e d'Atalia ; se bem que apezar dessas precauções muitos d'entre elles pagárão com a vida a empreza de pòr freio ás paixões dos grandes.

A Sagrada Escriptura, que muitas vezes tem o caracter da Poesia Lyrica, offerece-nos muitas, e bellas Allegorias: tal me parece a de Nathan enviado por Deos a David, para lhe reprochar o seu adulterio com Bethsabé, e a morte de Urias. « *Duo viri erant in civitate una, unus dives, et alter pauper. Dives habebat oves et boves plurimos valde. Pauper autem nihil habebat omnino, prætęr ovem unam parvulam, quam emerat, et nutrierat, et quæ creverat apud eum cum filiis ejus simul, de pane illius comedens, et de calice ejus bibens, et in sinu illius dormiens : erat*

que illi sicut filia. Cum autem peregrinus quidam venisset ad divitem, parcens ille sumere de ovibus, et de bobus suis, ut exhiberet convivium peregrino illi, qui venerat ad se, tulit ovem viri pauperis, et preparavit cibos homini, qui venerat ad se. »

Huma das mais graciosas Allegorias dos nossos Poetas Classicos he a do Adamastor em os Lusiadas de Camões no Canto 5.°, desd'a Estancia 39 até 59. Mas independentemente da Religião, que de accordo com a Philosophia, proclama sem disfarce algum os principios eternos da Moral, e tracta em suas instrucções os Reis, como os povos, o progresso dos conhecimentos humanos, que se communicão gradualmente, torna hoje a Allegoria d'hum uso muito menos frequente, e de dia em dia se tornará mais raro. Nós caminhamos para huma epocha, em que cada verdade se mostrará nua, sem véo, e sob as formas mais capazes de a tornar popular. Então a Allegoria quasi banida da prosa, excepto como figura d'estylo, refugiar-se-ha na Poesia.

DA IRONIA.

Por meio da Ironia damos a entender o contrario do que dizemos. Se quero dizer com dissimulação d'hum sugeito, que he máo poeta, chama-lo-hei outro Virgilio, e a hum fraco, que he outro Sansão. São de grande uso neste tropo as ideias accessorias: o tom da voz, e ainda mais o conhecimento do merito, ou demerito pessoal d'alguem, e do modo de pensar d'aquelle, que falla servem mais para fazer conhecer a ironia, do que as palavras, de

que nos servimos. Que talento! (diz alguem) Se falla de Cicero, ou d'Horacio, não ha Ironia ; porque taes palavras são tomadas no sentido proprio ; mas se falla d'algum sugeito estupido, he Ironia : assim esta faz huma satyra com as mesmas palavras, com que o discurso ordinario faz hum elogio.

Cicero começa por huma Ironia a sua oração a favor de Ligario « *Novum crimen, Cai Cæsar, et ante hunc diem inauditum ;* » e na Oração contra Pisão nos offerece hum bello exemplo deste tropo, por occasião de haver dito o mesmo Pisão, que se não triunfou da Macedonia, foi por nunca haver desejado as honras do triunfo. « Quam desgraçado he Pompeo (diz o Orador Romano) por não poder aproveitar-se do teu concelho ! Que erro foi o não haver gostado da tua Philosophia ! Este estupido triunfou tres vezes, &c. *Non est integrum Cn. Pompeio, concilio jam uti tuo ; erravit enim. Non gustárat istam tuam philosophiam ; ter jam homo stultus triumphavit,* &c. »

Mui proximo parentesco com a Ironia tem o *Euphemismo*, e a *Antiphrase.* O primeiro he aquelle tropo, pelo qual desfarçamos ideias desagradaveis, odiosas, ou tristes debaixo de nomes, que não são os nomes proprios dessas ideias : elles lhes servem como de véo, e as exprimem com outros apparentemente mais agradaveis, menos offensivos, ou mais honestos, segundo a necessidade. Assim em vez de despedirmos bruscamente ao mendigo, que nos pede esmola com a expressão : não tenho, que lhe dar, costumamos dizer por *Euphemismo* « Deos o favoreça. »

Em todas as Nações cultas sempre se evitárão os termos, que exprimem ideias deshonestas. As pessoas pouco in-

struidas creem, que os Latinos não tinhão esta delicadeza; mas he hum erro. Verdade he, que ainda hoje alguns recorrem ao Latim para exprimir ideias, cujo termo proprio não ousarião enunciar em sua lingoa: mas a razão he porque como não temos aprendido os vocabulos latinos senão nos livros, elles se nos apresentão com a ideia accessoria de erudição, e de leitura, que de principio se apodera da imaginação. Os Latinos dizião algumas vezes *ter vivido, ter sido, ter-se ido, ter passado pela vida* (*vita functus*) em lugar de *ter morrido;* porque o termo *morrer* lhes parecia em certas occasiões huma palavra funesta.

Na Sagrada Escriptura a palavra *bemdizer* algumas vezes se toma por *maldizer*, que he precisamente o contrario. Como nada ha mais horrivel de conceber, do que imaginar alguem enfurecido a ponto de proferir imprecações sacrilegas contra o mesmo Deos; em vez do termo maldizer servião-se do contrario por *Euphemismo*. Assim Naboth, não tendo querido vender ao Rei Achab huma vinha, que possuia, e que era herança de seus pais, teve contra si a rainha Jezabel, mulher de Achab, a qual peitou duas testemunhas falsas, que depozerão, que Naboth havia blasfemado contra Deos, e contra o Rei. A Escriptura, para exprimir esta blasfemia, faz dizer ás testemunhas, que Naboth bemdisse a Deos, e ao Rei. « *Viri diabolici dixerunt contra eum testimonium coram multitudine; benedixit Naboth Deum, et Regem.* » No mesmo sentido diz Job — Talvez que meus filhos hajão peccado, e bemdicto a Deos em seu coração — *Ne fortè peccaverint filii mei, et benedixerint Deo in cordibus suis.*

Antiphrase quer dizer *contra verdade;* por ex. o Mar

Negro sujeito a frequentes naufragios, cujas margens erão habitadas por homens extremamente ferozes, foi denominado *Ponto-Euxino*, que quer dizer *mar hospitaleiro.* Segundo as ficções da Mythologia as Furias, Alecto, Tisiphone, e Megera forão chamadas *Eumenides* do Grego *eumeneis*, que quer dizer benevolas, doces, bemfazejas. Tambem por Antiphrase chamou D. João 2.º de Portugal o Cabo das tormentas *Cabo da Boa Esperança.*

LIÇÃO VIGESIMA PRIMEIRA.

A METONYMIA.

A palavra Grega *Metonymia* significa transposição, ou transmutação d'hum nome em outro, trocando-lhe o significado, já da causa pelo effeito, e *vice versa* já do adjuncto, e *vice versa*, &c. Neste sentido podemos dizer, que este tropo comprehende todos os mais; porém os Rhetoricos o tem reduzido aos usos seguintes.

1.º Toma-se a causa pelo effeito, como *sol forte* por calor forte: *viver de suas mãos* por viver de seu trabalho, ou jornal. Damos o nome de *braço* ao poder, de *mão* ao favor, ou ajuda, de *hombros* á paciencia, ou soffrimento. Neste sentido se tomão os inventores das cousas, e das artes pelos effeitos de sua invenção, como Marte pela guerra, Minerva pelas sciencias, Ceres pelo trigo, Vulcano pelo fogo, Baco pelo vinho, Venus pelo amor, as Musas pela Poesia, o Hymeneo pelas bodas, &c. Aqui entrão tambem os autores pelas suas obras, como quando dizemos: lea-se Cicero, Virgilio, Camões, Vieira, &c. Outras vezes

toma-se a causa instrumental pelos effeitos, que produz, como *ter má lingoa* por murmurar, *ter boa penna* por escrever bem, *ter bom pincel* por pintar bem &c.

2.° Outras vezes tomamos o effeito pela causa, como quando dizemos *a pallida morte* pela pallidez, que causa nos cadaveres, a *pesada velhice* pela carga dos annos, o *sanguinolento Marte* pelo sangue, que se derrama na guerra, *a triste viuvez* pela solidade, em que fica a viuva, *o cego amor*; porque cega a razão aos namorados, &c.

3.° Toma-se o continente pelo conteudo, como quando se diz: *amotinou-se a cadeia*, isto he; amotinárão-se os presos della: *comer hum bom prato* por hum bom manjar, *clamar ao Ceo*, isto he; á Corte celestial: *Roma vencedora* em lugar dos Romanos, *Grecia sabia* pelos Gregos. *O Oriente sempre foi escravo*, isto he; os povos, que habitão essas regiões; *o Brasil livre* pelos Brasileiros.

4.° Outras vezes tomamos o contido pelo continente, como *S. Pedro*, *S. Francisco* pelos seus templos. Tambem dizemos *huma fina Bretanha*, *huma Cambraia* tomando o paiz, ou lugar da fabrica pelo panno. Por igual regra e translação se toma o *Lycèo* pela doutrina, ou seita de Aristoteles; porque este a ensinava n'aquelle sitio: *o Portico* pela escola de Zenon, e a *Academia* pela de Platão: assim diremos por hum modo culto, e elegante: *Cicero formou a su'alma no estudo do Portico, e do Lycèo.*

5.° Toma-se o signal pela cousa significada, como quando dizemos: *o Sceptro, ou a Coroa* pela dignidade *Real*: a *Tiara*, pelo Pontificado: a *Mitra* pelo Episcopado: o *Capéllo* pelo Cardinalato: a *Toga* pela Magistratura; a *Oliveira* pela paz; a *Palma* pela victoria; os *Louros* pelo

triumpho; as *Armas* pela milicia; as *Bandeiras, ou estandartes* pelos exercitos; as *Aguias* pelas Legiões Romanas, &c., &c.

6.° O nome abstracto toma-se ás vezes pelo concreto, como quando tomamos a esperança pela cousa esperada, o *amor* pela pessoa amada. Assim dizemos: *os Anjos são minha guarda: Deos he minha esperança: meu amor, como me desamparas?* Do mesmo modo dizemos: *João he má companhia—Pedro he a ruina*, ou *a peste da Cidade.* Tambem se toma o substantivo pelo adjectivo, dizendo: *F. he hum grande engenho, hum claro entendimento, huma rara habilidade; he huma formosura*, em vez de dizer; he mui engenhoso, mui entendido, mui habil; he mui formosa (fallando d'huma imagem). Dizemos igualgualmente; *filho de perdição* pelo homem perdido, *pai da mentira* por sugeito muito mentiroso, &c.

7.° As partes do corpo, que se considerão como assento, ou origem das nossas affeições, tomão-se por estas mesmas affeições. Assim dizemos: *homem de grande coração* por homem de grande valor; *homem de grande cabeça*, por de grande entendimento; *homem sem entranhas*, isto he; sem compaixão, &c.

8.° Tomamos outrosim o nome collectivo pelo distributivo, como a *mocidade* pelos moços, *a humanidade* por todos os homens, o *Clero* pelos Clerigos, o *Exercito* pelos soldados.

METALEPSES.

A Metalepses he huma especie de Metonymia, por meio

da qual expressamos o que se segue para dar a entender o que precede, ou pelo contrario. Este tropo abre a porta ao discurso para passar d'huma ideia a outra, ou, por melhor dizer; he huma continuada passagem de ideias accessorias, que se chamão huma a outra.

A partição dos bens se fazia a principio por sortes; e como estas precedem á partilha, d'aqui veio tomar-se sorte por partilha, isto he; o antecedente pelo consequente. Hum eloquente escriptor, pintando a dissolução de Roma, quando já estavão perdidos os costumes, disse: *hum histrião deo herdeiros aos descendentes dos Scipiões, e Emilios*, fazendo entender por hum consequente, decorosamente disfarçado, hum antecedente, que encerra huma torpe ideia da infidelidade das matronas. Tem este tropo mais licenças, do que a Metonymia; assim dizemos: *elegante vestido*, por vestido bem cortado, sendo a elegancia cousa propria do estylo: *gentil frase* por bella frase, sendo que a gentileza corresponde ao bom talhe, e boa proporção do corpo humano: *valente pincel*, por destro pintor; pois o valor he proprio do animo: *bravo* chamamos nós ao homem valeroso, sendo a braveza propria de brutos.

Pertencem a este tropo muitos modos delicados, e ornadissimos de dizer, v. g. *F. esquece os beneficios*, quer dizer, não corresponde a elles.—*Lembre-se do nosso tracto*, por cumpra-o.—*Senhor, não vos recordeis de nossas culpas* por não as castigueis: *assás tenho vivido* por estou proximo á morte: *tem hum pé na sepultura*, por he muito velho: o mesmo que quando se diz: *a terra já o chama.* Tambem por virtude da Metalepses supprimimos muitas ideias intermedias, passando como por degráos d'huma

significação para outra. Assim o nosso povo costuma dizer : *F. conta muitos cajús*, que significa ser bastante velho ; porque, como se sabe, o cajú he fructa periodica.

ANTONOMASIA.

Este tropo he huma especie de sinecdoque, pelo qual pomos hum nome commum em lugar do proprio para dar a entender, que a pessoa, ou cousa de que fallamos, he mais excellente, que quantas comprehende o nome commum. Os de Apostolo, Propheta, Philosopho, Poeta, Orador, Sabio, &c., são communs a muitas pessoas, todavia a Antonomasia fazendo-os particulares, lhes dá o valor de nomes proprios. Assim o Apostolo, absolutamente fallando he S. Paulo : o Evangelista S. João, o Propheta David. Pela mesma razão quando os antigos dizião o Philosopho entendião Aristoteles ; quando os Gregos e Latinos dizião o Poeta, entendião os primeiros Homero, e os segundos Virgilio, bem como se dizião o Orador, estes fallavão de Cicero, e aquelles de Demosthenes : o sabio no sentido da Escriptura sempre se entende de Salomão.

Outras vezes o nome de patria qualifica, e singularisa o nome dos seus filhos mais famosos, como quando se diz o *Macedonio* por Alexandre, o *Mantuano* por Virgilio, natural de Mantua, o *Paduano* por Tito Livio, natural de Padua, o *Estagirita* por Aristoteles, &c., &c.

Os adjunctos, ou epithetos são por si nomes communs, que podem convir a muitos ; mas a Antonomasia os faz particulares. Assim nomeia a Historia a varios Principes famosos com o titulo do Conquistador, o sabio, o pruden-

te, o justiceiro, &c. Da mesma sorte os Theologos, e Escolasticos qualificão a varios Doutores da Igreja, e chefes d'escolas com epithetos sublimes, e respeitaveis, como o de *Doutor Angelico* a S. Thomaz d'Aquino, de *Doutor Serafico* a S. Boaventura, de *Doutor Extatico* a S. João da Cruz, de *Doutor Subtil* a João Scoto, &c., &c.

A segunda especie d'Antonomasia dá-se, quando pomos hum nome proprio por outro commum; e então queremos significar, que a pessoa, de que fallamos, he semelhante á que tem aquelle nome conhecido, e assignalado por alguma virtude, ou vicio. Eliogabalo foi hum Principe submergido em deleites, e Nero avezado a crueldades: d'aqui vem dizer-se d'hum homem muito sensual, que he hum Eliogabalo, e do muito cruel, e deshumano, que he hum Nero. Aqui pertence o nome gentilico, quando lhe applicamos algum attributo caracteristico da Nação. Dizemos de hum sugeito: *he hum Francez*, querendo dizer he hum homem inconstante: he *hum Allemao* por hum homem flegmatico: *he hum Inglez* por hum homem melancolico, e taciturno: he *hum Batavo* por hum homem pesado: he hum *Sybarita* por hum homem muito dado aos prazeres: *he hum Hebreo* por hum usurario. Pela mesma regra se diz *he hum Catão*, fallando do que possue austeras virtudes; *he huma Lucrecia*, de huma mulher casta. Tambem por isso damos o nome de *Mecenas* aos protectores dos Litteratos, e de *Zoilos* aos invejosos censores d'obras alheias.

ONOMATOPÉA.

Esta consiste no emprego d'huma palavra, ou frase, com

que imita o som natural do objecto, que ella serve para significar. Os Rhetoricos pela mór parte não põe a Onomatopéa em o numero dos Tropos, visto que nella não ha mudança d'huma palavra por outra. Com tudo como ella sirva para dar maior expressão, e muitas vezes ornato ao discurso, fins estes, porque se faz uso dos tropos; por isso contemplada por esse lado, pode d'algum modo chamar-se tropo.

Exemplos de Onomatopéas offerecem muitas palavras do nosso idioma, como são as que servem para designar os sons da voz de differentes animaes, taes são; o *cacarejar* da gallinha, o *rinchar* do cavallo, o *mugir* do boi, o *uivar* do lobo, e cão, o *miar* do gato, o *regougar* da rapoza, o *grunhir* do porco, o *coaxar* das rãs, e sapos, o *piar* do pinto, o *pipilar* dos passarinhos no ninho, o *zunir* de varios insectos, quando voão, o *sussurrar* do vento brando, ou d'hum regato correndo mansamente, que se expressa pelo verbo *murmurar*, *rasgar*, que he proprio do papel, ou panno, quando se rompem violentamente &c., &c.

A HYPERBOLE.

Quando estamos vivamente penetrados d'huma ideia, e os termos communs nos parecem apoucados para levantar o espirito até á expressão correspondente, nos servimos de palavras, que litteralmente tomadas passão além da verdade, e representão mais, ou menos para significar algum excesso, assim no grande, como no pequeno. O ouvinte rebaixa da expressão hyperbolica o que he mister

rebaixar, formando huma ideia mais conforme á nossa, do que a que poderiamos excitar-lhe com as palavras proprias. Assim pois para dar a entender a grande ligeireza d'hum cavallo se diz: *he hum vento.* Tambem d'huma pessoa mui vagarosa no andar se diz, que *tem pés de chumbo.* Nada disto he verdade; mas por meio d'huma comparação implicita conhecemos o gráo summo, a que chega a velocidade do animal, e a vagareza do homem. Que outra cousa são, senão hyperboles, e pela mór parte extravagantes, as nossas formulas de cumprimentos?

Muitas, e bellas Hyperboles lemos na Sagrada Escriptura, como, por ex., no Exodo (Cap. 3) « Eu vos darei huma terra, por onde correráõ rios de leite, e mel » para significar huma terra fertilissima. No Genesis « Eu multiplicarei teus filhos, como os grãos do pó da terra » em lugar de—terás numerosa, e dilatada prole— No Psalmo 35 lê-se « Serão, Snr., os vossos servos embriagados com a abundancia dos bens da vossa casa, e dar-lhes-heis a beber do rio impetuoso de vossos deleites. » Com que outras palavras se poderia melhor significar a grandeza desses deleites, e a força de seus effeitos, do que com as de rio arrebatado, e de embriaguez? Não he menos energica, e expressiva a do Rei Psalmista, quando para dar a entender a sempiterna Omnipotencia de Deos, diz « *Dominus regnabit in æternum et ultra.* »

Em os nossos Classicos encontramos grande copia de bellas Hyperboles. Apontarei algumas para exemplo. Tal he a de Sá de Miranda

« Diz S. Paulo, homnes errados,
Se os odios entre nós crescem,
Comer-vos-heis aos boccados ».

A de Barros, quando diz : « Era o desembarcadouro de maneira, que os que houvessem de desembarcar n'aquelle porto havião de pôr as barrigas nas boccas das bombardas. » Assim tambem a dos Lusiadas Cant. 6.° Est. 80.

« Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia. »

O insigne Fr. Luiz de Sousa na vida do Arcebispo, fallando dos exercicios espirituaes deste Santo Prelado, diz « Outras vezes recolhendo-se de Completas, e Matinas, abria a janella, pregava os olhos no Ceo, chamava pelo Snr. delle com requebros, e branduras amorosas, pronunciadas com tal affecto, que não parecia menos, senão que a *alma se lhe hia traz ellas*, e que tinha o mesmo Senhor presente. Manoel de Faria e Sousa na sua Europa Portugueza, engrandecendo a Grecia para engrandecer a Corinto, assim se exprime por esta bella Hyperbole. « Corinto, chave, que abria, e cerrava o Peloponeso, era a cidade de maior importancia no tempo, em que a Grecia era hum mundo, e suas Cidades Naçoes. »

Por quatro modos se pode augmentar huma cousa pela Hyperbole : 1.° por demonstração, como : Pedro he hum Cicero : 2.° por semelhança : Pedro he como hum Cicero : 3.° por comparação : Pedro he mais, que Cicero : 4.° tomando o abstracto pelo concreto : Pedro he a mesma

eloquencia. Tambem por outros termos de encarecimento, que se não podem reduzir a formas determinadas, reluz a valentia da Hyperbole, como nestes breves exemplos de estylo conciso: *pelos seculos dos seculos*, querendo dizer tempo infinito: *está nos ossos* por está muito magro, e fraco: *não tem onde cahir morto* por anda despido, isto he; miseravelmente vestido: *tomar o Ceo com as mãos*, querendo ponderar com esta demonstração exterior d'hum desejo vehementissimo, manifestado vãmente com a acção dos braços, o enfado, ou enojo d'hum sugeito por algum máo successo, ou má noticia.

São improprias, e viciosas na oração aquellas Hyperboles, que passando do verosimil, sobem até o impossivel. Estas nunca dizem o que são as cousas, mas nem o que podêrão ser. Hum poeta publicou este epitafio em memoria, e elogio de Carlos 5.

Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine cœlum,
Sidera pro facibus, pro lacrimis maria.

Nesta allegoria, e forçada composição se descobre hum violentissimo esforço para ajuntar na imaginação distancias tão enormes, e extremos tão repugnantes á verosimilhança, e mesmo á comprehensão humana. Destes encarecimentos, não digo gigantescos, nem colossaes, senão incomensuraveis, se formou a lingoagem dos namorados, dos aduladores, e escravos. A expressão do Orador em hum assumpto alto pode ser alta; mas não tanta que se perca de vista. Finalmente o grande mestre Quintiliano nos ensina, que ainda que a Hyperbole seja *ultra verum*, nunca deverá ser *ultra fidem*.

LIÇÃO VIGESIMA SEGUNDA.

DA SYNECDOCHE.

A palavra Sinecdoche significa comprehensão, ou concepção, pois por meio della se faz conceber ao entendimento ora mais, ora menos, do que significa em seu sentido recto a palavra, de que usamos. Pelo que o fundamento deste Tropo he a relação de comprehensão, que se dá entre o objecto designado por elle, e o outro, que o comprehende, ou que nelle he comprehendido; e isto basta para fixar claramente a differença entre a Synecdoche, e os outros Tropos, que tem por fundamento relações diversas, como são a Metafora, a Metonymia, e a Ironia.

Deste Tropo se usa: 1.° tomando hum individuo em lugar de muitos, como quando dizemos o *Brasileiro he generoso*: tambem se toma o plural pelo singular, como *os Platões, os Demosthenes, os Ciceros*: mas só se nomeião no plural taes personagens, quando, para autorizar alguma doutrina, se citão muitos juntos, e não hum em particular: 2.° toma-se a parte pelo todo, como quando dizemos: *cem quilhas* por cem navios: *cem cabeças* por cem pessoas: o Amazonas pelo Pará, o nosso Bibiribi por Pernambuco: ou *vice versa* o todo pela parte, como *reluzião as lanças* em lugar dos ferros destas: 3.° toma-se o genero pela especie; e assim dizemos, *ó loucos mortaes*, sendo que este nome convem a toda, e qualquer creatura sujeita á morte: 4.° toma-se a especie pelo genero, como quando chamamos *deshonesta* a huma pessoa viciosa: 5.° toma-se

a materia pela obra, ou instrumento, como o *aço* pela espada, a *prata* e o *ouro* pela moeda: e ao contrario a obra pela materia, dizendo *hum bom livro* pela bondade do estylo, ou do assumpto: 6.° os antecedentes tomão-se pelos consequentes, como: *Pedro cansou de viver*, isto he; morreo: *aqui foi Numancia*, isto he; foi destruida. Pelo contrario tambem os consequentes se põe em lugar dos antecedentes, v. g.: *os campos pedem agoa*, querendo dizer, que não tem havido chuvas.

Depois destes exemplos deve-se advertir, que nem sempre he permittido tomar huma palavra por outra indistinctamente. As locuções figuradas devem estar em certo modo autorisadas pelo uso, e ao menos o sentido litteral, que se pretende dar a entender, ha de apresentar-se naturalmente ao entendimento sem offender a razão, nem os ouvidos, acostumados ao rigor, e propriedade do estylo figurado. Nem todas as partes d'huma cousa se tomão pelo todo, nem cada especie pelo genero, &c.: só o uso dá este privilegio a huma palavra, e não a outra.

Assim pois devemos ter por viciosa a Synecdoche, toda vez que for tomada d'huma Lingoa morta, onde era autorisada, e se traslada indiscretamente, ou por affectada erudição, para a nossa, que não recebe todas as locuções figuradas dos antigos. Humas se admittem, outras não; e destas pode a Poesia adoptar muitas, que repugnão á prosa: nesta eleição se percebe o juizo, e conhecimento do Escriptor, e Orador n'Arte de bem dizer. Os Latinos chamavão *cornua* ao que nós chamamos *alas* d'hum exercito. Dizião tantas *popas* por tantos navios; nós só os contamos por velas, desprezando outra qualquer parte da embarca-

ção para significar o todo. Tambem chamavão *pinho* ao navio, tirando da madeira o nome; nós dizemos simplesmento *lenho* sem determinar a especie da madeira. Igualmente denominavão ao mar o *salgado*, tomando antonomasticamente este nome pelo sabor d'agoa; nós porém só podemos imitar este Tropo com o nome composto, o *mar salgado*, ou *agoa salgada*.

DO EPITHETO.

O Epitheto he hum Tropo, por meio do qual a Elocução ajunta ao nome de qualquer objecto huma ideia accessoria d'outro objecto, a qual não sendo em rigor propria d'aquelle, a que se ajunta, serve todavia para o modificar, ou já ornando-o, ou já communicando-lhe mais energia. Desta definição segue-se, que os Epithetos, quando proprios do objecto, ao qual se ajuntão, não são Tropos: pelo que importa advertir, que os Epithetos se dividem em Grammaticos, e Oratorios: os Epithetos Grammaticos servem para significar por huma ou mais palavras huma ideia accessoria, que se ajunta a outra, a fim de a determinar, modificando-a, e tem propriamente a denominação de *Adjectivos*; porque se empregão, como as proposiçoes incidentes, para modificar o sugeito, ou o predicado da oração, humas vezes determinando, ou restringindo a sua significação, outras explicando-a; e por isso he, que estes Epithetos são necessarios, e indispensaveis á clareza, e justeza do pensamento: pelo contrario os Epithetos Oratorios, como só servem para dar ornato, ou maior força ao discurso, podem tirar-se á oração, sem prejudicar a verdade do pensamento.

Huma vez que os Epithetos Oratorios, ou tropologicos servem para dar maior força, ou ornato ao discurso, he claro, que serão ociosos, e redundantes, todas as vezes que não desempenharem nenhum destes dous fins: elles porém os desempenharão ou enchendo a fantasia de imagens vivas, e animadas, ou apresentando ao entendimento noções grandes, e luminosas, ou produzindo movimentos no coração. Para que pois os Epithetos oratorios desempenhem taes fins, faz-se necessario, que o Orador os escolha conforme se propozer ou a pintar á imaginação, ou a esclarecer o entendimento, ou a mover a vontade.

O ornato, e a energia, que os Epithetos dão ao discurso, provèm principalmente das Metaforas, e em grão pouco menos inferior das Metonymias: depois destes dous Tropos as Ironias, as Synecdoches, e as Hyperboles subministrão tambem á Eloquencia alguns Epithetos, posto que menos frequentes, e menos energicos; devendo todavia accrescentar-se, que os derivados das Hyperboles servem pelo ordinario de grande ornato ao discurso.

Os Epithetos, quando bem apropriados, e sabem pintar vivamente o objecto, que se pretende, são de excellente effeito na Elocução. Nos nossos Classicos encontrão-se bellos Epithetos, dos quaes apontaremos alguns, como normas, e exemplos. Fr. Luiz de Sousa na vida do Arcebispo Liv. 1.° Cap. 9.°, contando como este Prelado ficara pezaroso depois de sua nomeação, diz « *Tornou-se logo para o seu remanso* amado *da cella a Bemfica.* » E mais adiante no Cap. 14 faz esta formosa descripção, onde s'encontrão os mais bellos, e expressivos Epithetos.

« Passavão hum dia d'hum lugar para outro : salteou-os huma chuva fria, e *importuna*, que os não largou na mór parte da jornada ; e *corria* hum vento *agudo*, e *desabrigado*, que os congelava : tinha-se adiantado o Arcebispo, segundo seu costume, que era caminhar quasi sempre só para se occupar com mais liberdade em suas contemplações ; e ia fazendo materia de tudo quanto via no campo, e na serra para louvar a Deos : offereceo-se-lhe á vista não longe do campo posto sobr'hum penedo alto, e descoberto ao vento, e á chuva hum menino pobre, e bem mal *reparado* de roupa, que vigiava humas ovelhinhas, que ao longe andavão pastando : notou o Arcebispo a estancia, o tempo, a idade, o vestido, a paciencia do *pobrezinho* ; e vio juntamente, que ao pé do penedo se abria huma lapa, que podia ser bastante abrigo para o tempo: movido de piedade parou, e chamou-o, e disse-lhe, que se descesse abaixo pera a lapa, e fogisse da chuva ; pois não tinha roupa bastante pera a esperar. Isso não, respondeo o pastorinho, que em deixando d'estar á lerta, e com o olho aberto, vem logo o lobo, e leva-me a ovelha, ou vem a rapousa, e mata-me o cordeiro. E que vai nisso? Disse o Arcebispo. A mi me vai muito, tornou elle ; que tenho pai em casa, que pelejará comigo, e tão bom dia, se não forem mais, que brados : eu vigio o gado, elle me vigia a mim : mais val soffrer chuva. Não quiz o Arcebispo dar mais passo; esperou que chegassem os de sua companhia ; contou-lhes o que passara com o menino, e accressentou : e este *esfarrapadinho* innocente ensina a Fr. Bertolameu a ser Arcebispo ! Este me avisa, que não deixe de acudir, e visitar minhas ovelhas por mais tempestades, que fulmine

o Ceo ; que se este com tão pouco remedio para as pastar, todavia não foge dellas, respeitando o mandado do pai, mais que o seu descanso ; que razão poderei eu dar, se por medo de adoecer, ou padecer hum pouco de frio, desamparar as ovelhas, cujo cuidado, e vigia, Christo fiou de mim, quando me fez Pastor dellas ? »

O mesmo Sousa, tractando dos livros espirituaes, diz « São os livros espirituaes huns prégadores *mudos*, que ensinão sem fastio, fallão verdade sem respeito, reprehendem sem pejo, amigos *verdadeiros*, *concelheiros singelos*. »

Ainda mais agradaveis são os Epithetos, quando metaforicos, offerecem agradaveis pinturas á imaginação, e de tal modo caracterisão o objecto, que o signifiquem com a maior propriedade. Eu não conheço cousa mais bella neste genero, do que este lugar do Vieira no Sermão do Espirito Santo Tomo 3.° pag. 419, descrevendo o artefacto d'hum Estatuario. « Toma o Estatuario o maço, e o cinzel na mão, e começa a formar hum homem ; primeiro membro a membro, depois feição por feição até a mais miuda : *ondeia-lhe* os cabellos, *aliza-lhe* a testa, *rasga-lhe* os olhos, *afila-lhe* o nariz, *abre-lhe* a bocca, *avulta-lhe* as faces, *torneia-lhe* o pescoço, *estende-lhe* os braços, *espalma-lhe* as mãos, *dividi-lhe* os dedos, lança-lhe os vestidos : aqui *desprega*, alli *arruga*, acolá *recama*, e fica hum homem perfeito. » Que propriedade, que graça, que pintura !

Bocage he mui feliz na boa escolha dos Epithetos, como se vê, por ex., na sua Cantata de Leandro e Hero, &c., e na Elegia, que começa — He todo o mundo hum carcere, em que a morte, — onde se achão estes bellos versos.

« Ou *baça* enfermidade, ou *torva* guerra
Vão co'as *ferinas garras pavorosas*
Tornando pouco a pouco hum ermo a terra. »

DA PERIPHRASE.

Periphrase, ou circumlocução he o amontoamento de muitas vozes, que expressão o que se poderia dizer com menos, ou com huma só. Serve grandemente esta especie de Tropo, quando em lugar de nomear huma pessoa, a assignalamos d'hum modo indirecto com algum accidente historico, tomado de sua vida, origem, proezas, ou morte, como : o *vencedor de Dario* por Alexandre, o *Apostolo das gentes* por S. Paulo : o *filho alado de Venus* por Cupido : o *pai dos crentes* por Abrahão : o *pai da Medicina* por Hippocrates, &c.

Tambem se diz, quando se quer fazer mais adornada, e sublime a oração, o *reino do espanto*, em vez do inferno, ou o *eterno abismo*, se não queremos huma expressão tão poetica : igualmente dizem os Poetas : o *fero instrumento de Marte* em lugar d'artilharia. Usa-se da *Periphrase* humas vezes por necessidade para encobrir ideias obcenas, e sordidas, ou para adoçar por meio d'*Euphemismo* ideias tristes, ou duras, ou de qualquer maneira desagradaveis ; outras vezes por utilidade, isto he ; para com ellas promover o deleite, por meio do ornato, que dão ao discurso.

Huma vez que a Periphrase serve para decencia, ornato, e mesmo força do discurso ; todas as ideias accessorias, que nella entrão, devem cooperar para algum destes fins. D'onde se infere, que logo que se não der isso na Peri-

phase, tal modo de elocução será vicioso, isto he; será huma verdadeira *Perissologia*. Por necessidade para encobrir ideias obcenas, ou deshonestas, disse Camões no Canto 2 Est. 37.

« Com delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo. »

Pelo mesmo motivo para adoçar por meio do *Euphemismo* ideias tristes, como no Canto 3.° Est. 28.

« Forçado da fatal necessidade
O espirito deo a quem lh'o tinha dado. »

Por utilidade para pintar com mais distincção, e clareza disse o mesmo Poeta Canto 2.° Est. 10.

« *Mas aquelle que sempre a mocidade*
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis. . . . . . .

Queria dizer Bacho. Para dar maior energia ao pensamento. (Canto 3.° Est. 136.)

« O concerto fizerão *duro, e injusto*
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto»

Aqui tem seu lugar a figura *Litote*, pela qual se diz o menos para fazer entender o mais, como nesta expressão: *Este assumpto pedia outra penna*, em vez de dizer, não está

bem tractado. *O heróe era digno d'outro panegyrista,* isto he ; d'hum orador mais eloquente. Tambem dizemos para disfarçar a ideia, e suavisar o duro da palavra : *Deo fim a seus dias,* em vez de dizer ; *matou-se.*

Por meio destes rodeios se corrige, e tempera a arrogancia, ou força da expressão directa, como quando dizemos : *fallou não com pouca ousadia : obrou não com muita razão,* para não dizer claramente com muita ousadia, e com pouca razão. Vulgarmente se diz d'hum homem de curto talento « *Fulano não foi o que inventou a polvora.*

A Periphrase tambem serve para illustrar o obscuro, e fazer perceptiveis as palavras abstractas ; para cujo fim são de grande uso as definições metaforicas, que podem ser consideradas, como verdadeiras Periphrases. Assim em vez de dizer a *Posteridade,* hum nosso classico a nomeia com esta amplificação : *A que julga no sepulchro aos sabios, e aos Reis, e põe a cada qual em seu lugar.*

A esta segunda especie pertence a *Paraphrase,* que he o mesmo que glosa, ou commentario da proposição, porque tornando o autor a tomar a sentença dilata-se, e explica a sua mente, accrescentando alguma reflexão, circunstancia, ou illação, que illustre mais a materia. A *Paraphrase* aclara, e desentranha o primeiro pensamento acompanhando-o com outros ; e a *Periphrase* substitue somente huma palavra, ou huma frase sem alterar a substancia.

He mui nobre, e delicado este modo oratorio de amplificar, e esclarecer hum pensamento sem as formas, e sequidão escolasticas, que o bom gosto reprova. D'hum Philosopho insigne disse Vieira « Foi discipulo de Descartes, como Aristoteles o havia sido de Platão, accres-

centando as suas ideias ás do mestre. « Esta ultima clausula he a *paraphrase*; porque explica o sentido, em que aqui se considera o discipulado de Aristoteles.

Não ha duvida, que a Periphrase he hum dos Tropos, que mais concorre para ornato, realce, e brilhantismo da oração, para o que contribuem não pouco as descripções figuradas, que apresentão o pensamento com variedade, e formosura de cores, que recreião a imaginação. Francisco Rodrigues Lobo na sua *Primavera*, querendo dizer, que ia anoitecendo, e surgindo do horizonte a lua, assim s'expressa por esta bella Periphrase

« Já vai fugindo o dia
Por entre os altos montes,
O sol se vai nas ondas escondendo :
Já, como antes feria,
Não toca as claras fontes ;
Antes em suas agoas se está vendo,
Deixando o verde louro,
Para ir mostrar ao mar seus raios d'ouro.
Já o vento emmudece,
Que andava na verdura
Fazendo entre as boninas nova inveja :
Com sombras s'entristece
Dos ramos a espessura,
Onde nada se vè, que alegre seja.
Os passarinhos ledos
Mudos descansão já nos arvoredos.
O ceo se mostra escuro,
Escurece-se o prado,

Esperando outra côr da luz alheia.
Só se ouve o murmuro
Do Lis, que já cansado
Com as ondas abraça a loura areia,
E junto á relva verde
A formosura, a côr, a graça perde.
No extremo occidente
As nuvens rutilantes
De roxo escuro já se vão fazendo ;
E do claro oriente
Estrellas de diamantes
Por entre as pardas sombras vem rompendo ;
E ausente da luz Febea
Diana sobre as agoas alumea. »

Não he menos bella, senão ainda mais agradavel a seguinte Periphrase de Filinto Elisio descrevendo a Noite em a Ode 19.

« Deusa, que espalhas pela etherea zona
No mudo carro d'evano brunido
As sombras repousadas, os amores
De furtivo decoro.
Tu, que acompanhas com fiel escolta
Ao prazo dado o amante impaciente,
E c'opiedoso manto encobres roubos
De divinaes prazeres ;
Que as doces leis de Venus, de Cupido
(Almo recobro da vivaz natura)
Benigna estendes nos calados tectos
Nos namorados bosques :

Que pedes ás estrellas mais propicias
Hum froxo raio, de modesto brio,
Com que os rubis da bocca, com que os lirios
Do peito entrever deixas : » &c. &c.

He de advertir, que neste Tropo, bem como em outros muitos, tem o Poeta mais liberdade, que o Orador.

DO HYPERBATON.

O Hyperbaton ou Transposição he huma especie de Tropo, por meio do qual huma palavra se muda do seu lugar proprio, e habitual para outro. Consiste pois o Hyperbaton na separação de ideias, as quaes se não deverião separar, huma vez que a isso não fosse obrigada a Elocução, já por causa do som desharmonioso, que resultaria de certa união de palavras, já por causa da maior elegancia, e talvez energia, que d'ahi provèm ao discurso. D'onde se segue, que o Hyperbaton se emprega mais que tudo para ornato da Elocução, e que somente pode ser autorisado o seu uso, quando da ordem habitual das palavras resultar ou huma oração aspera, e dura, ou menos elegante, e energica, do que deve ficar com aquella transposição.

Entre as diversas especies de Hyperbatons usados na Lingoa Latina, aquelle, de que se faz emprego frequente na Elocução Portugueza, he o que divide, e separa não huma só, mas duas, ou mais palavras, as quaes, ainda que diversas, são correlativas, ou por concordarem entre si, ou porque huma rege a outra. Para exemplo apontaremos alguns Hyperbatons dos nossos Classicos. Jacintho Freire

na vida de D. João de Castro Liv. 1.° diz assim « O Imperador Carlos, que da negociação de Barba Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo, que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheio não podesse brotar novo veneno, teve industria para saber a resolução do Turco ácerca da invasão. » Garção na sua Ode 4.ª á virtude usa deste Hyperbaton.

« Ligado em asperrimas algemas
Ao rigido penedo;
Com hum agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Caucaso retumbão;
Porém constante, e forte
Não geme Prometheo, antes accusa
A Jupiter d'ingrato. »

Assim o grande Antonio Diniz da Cruz (Elpino Nonacriense na Ode 5.ª ao Marquez de Pombal.

..... « Marte o braço,
Fonte cruel de sangue, e de ruinas,
Nas negras officinas
Guarnece horrendamente
Da cortadora fuzilante espada. »

O mesmo na Ode 10 aos segundos Condes de Oeiras

« Não a feroz soldado,
Que nas rapidas azas da victoria,
Tinto de sangue, ousado
Ao templo voa da immortal Memoria,
Tecer pretendo lisongeiro a palma, &c. »

He de notar, que os nossos Classicos tinhão pela maior parte huma locução mais transpositiva, do que hoje usamos, assim porque estavão mais proximos aos tempos da grande voga da Lingoa Latina, como porque por esta mesma razão punhão grande cuidado na Euphonia. Todavia ainda hoje a nossa Lingoa não perdeo de todo a liberdade dos Hyperbatons, mormente na Poesia : e d'aqui se vê quam desagradaveis sejão as traducções, que por ahi se fazem todos os dias de obras Francezas, traducções em que servilmente se segue o mesmo theor, o mesmo molde da Lingoa Franceza, muito menos transpositiva, que a nossa. Advirta-se outrosim, que o Hyperbaton, quando, em vez de communicar mais ornato ao discurso, antes nelle produz ambiguidade, e confusão degenera no vicio, a que os Rhetoricos chamão *Synchese*, e de que já fallámos na enumeração dos vicios do ornato.

LIÇÃO VIGESIMA TERCEIRA.

DAS FIGURAS ORATORIAS.

Sendo toda a Eloquencia composta de palavras, e conceitos, não sendo o fallar bella, e ajustadamente, senão o dizer com

optimas sentenças, e bem escolhidos vocabulos; os antigos Rhetoricos classificárão esta materia do modo seguinte. O ornato das palavras (disserão elles) consiste em huma certa graça, que nasce de fallar só com vocabulos taes, que tirados, ou mudados elles, desapparece todo o seu adorno. O ornato das sentenças pelo contrario não consiste nas palavras; mas propriamente no pensamento, o qual, de qualquer maneira que se exprima, vem sempre a ser o mesmo. O ornato das palavras pois, ou nasce das palavras em si mesmas, ou da sua collocação. Do primeiro genero são as translações, como a *Metafora*, a *Synecdoche*, a *Metonymia*, *&c.*, e do segundo as Figuras de palavras, como a *Repetição*, a *Converção*, &c. Semelhantemente o ornato das sentenças ou diriva do pensamento em si mesmo, ou da forma, que se dá ao fallar, em quanto se quer exprimir o conceito. Ao primeiro genero referem-se as translações de conceitos, como a *Allegoria*, a *Ironia*, a *Hyperboe;* e ás segundas as Figuras de sentenças, como a *Interrogação*, a *Semelhança*, a *Comparação*, &c.

Assim quasi todos os Rhetoricos fizerão differença entre Tropos, e Figuras: mas esta classificação parece-me pouco philosophica, já porque recahe sobre o material das Figuras, já porque não exprime donde derivem a sua efficacia, já finalmente porque reune em hum montão Figuras de desparatada natureza, e effeito, dando a esta materia mais confusão do que luz. Entendemos com o devido respeito poder dar huma classificação mais bem entendida, mais luminosa, e mais util. Para o fazermos porém, como cumpre, mostraremos primeiramente, que todas as Figuras

tem hum caracter commum, e que todos os seus diversissimos effeitos dependem deste mesmo caracter.

O homem não recebe huma impressão directa, senão dos sentidos. Se qualquer objecto o abala, elle o observa, distingue-o, conserva os seus vestigios, conhece as relações, que tem com as suas precisões, ou com a sua felicidade, appetece-o, ou aborrece-o. Assim no mesmo ponto, o seu entendimento concebe a ideia, e o seu coração hum affecto de qualquer especie, que o determina a busca-lo, ou a fugir-lhe. Sob este primeiro alicerce de conhecimentos, comparando, combinando, separando, fabrica huma multidão d'outras ideias de reflexão, e destas pouco, e pouco forma huma cadeia de raciocinios. Todas estas ideias se prendem com o ultimo anel á ideia sensivel; mas quanto mais progridem, mais se apartão della. D'aqui vem, que as ideias de reflexão, e raciocinios, que formamos, não podem obrar em nós nem com aquella clareza, nem com aquella força que he propria da sensação. O espirito desajudado dos sentidos custa a seguir o fio dos raciocinios, e o coração, não movido de nenhuma fantasia, fica frio, e ocioso. Por esta causa espera-se supprir a este defeito por meio dos termos, que são os signaes da ideia; por isso que se falla das ideias de reflexão, o signal não pode fazer mais do que, o que fazia a mesma ideia; e os mesmos termos do objecto physico não fazem mais do que aponta-lo, antes do que pinta-lo, e escondem muito mais, do que patenteião. He por tanto claro, que hum discurso commum não pode fazer sobre o espirito huma impressão bastante viva, nem communicar ao coração hum impulso, que lhe determine a vontade.

Vejo, por ex., huma plèbe furibunda, e desenfreada contra alguns malfeitores publicos, dos quaesquer ella mesma tomar vingança, e fazer justiça: observo, que de furiosa não se retrahe de acommetter ainda a pessoas innocentes; que incendeia as casas dos réos sem reflectir, que o fogo pode propagar-se: vejo ao depois alguns ladrões, que se ajuntão á aquella tropa, e prevalecendo-se do tumulto, roubão, e saqueião. Fico tomado de terror, e compaixão, e digo comigo mesmo huma verdade sentida, isto he; que nunca se deve permittir ao povo o desafogo d'huma ira, por mais justa, que seja; porque este em seus transportes sempre commette excessos, e os perversos aproveitão o ensejo para fazer das suas costumadas malfeitorias. Profiro esta sentença tranquillamente diante de quem não presenciou o facto: elle o entende; mas não o sente, porque os meus termos não lhe mostrão a cousa; mas o seu resultado. Deste principio resulta por necessaria consequencia, que ha duas especies de discursos; hum que faz entender, outro, que faz sentir: o primeiro he o do Philosopho, o segundo o do homem Eloquente: e este effeito produz-se especialmente por meio das Figuras Oratorias.

Entendemos pois por estas—*Humas formas de dizer, que produzem huma sensação de qualquer especie, e todas indestinctamente tem em si mesmas este caracter.* » Por tanto segundo a diversidade do fim, a que se dirigem as sensações podemos dividir as Figuras, e reduzi-las ás seguintes classes: 1.ª *A' Reflexão:* 2.ª *ao Sentimento:* 3.ª *á Convicção:* 4.ª *á Imaginação:* 5.ª *á Percepção:* 6.ª *ao Ouvido.*

1.ª CLASSE. FIGURAS RELATIVAS A' REFLEXAO.

Pertencem a esta classe aquellas formas de dizer, que fazem parar o espirito, o qual, para lhe penetrar o sentido, carece d'huma reflexão, ou d'hum raciocinio. Debaixo desta classe se encerrão todos esses modos de fallar, que se chamão pensamentos engenhosos, ou conceitos; e os pomos entre as Figuras; porque no discurso são de duas especies, huma exterior, e outra intrinseca: aquella recahe sobre a ligação, ou sobre o movimento visivel das palavras, e dos sentimentos, esta sobre a estructura, e forma interior do pensamento.

Os Conceitos não são outra cousa mais, do que certas proposições, que por novas, e exprimidas com breves palavras, produzem deleite, e maravilha, e descobrem o subtil engenho de quem as diz. São de duas maneiras: a primeira he dos dictos graves; a segunda de risiveis, que propriamente chamamos *facecias*. Huns, e outros nascem dos mesmos lugares, e segundo Cicero só differem nisto: que os conceitos graves se tirão de cousas honestas; e os facetos de cousas deformes, ou hum pouco torpes; mas parece verdadeiramente, que para tornar risivel qualquer dicto releva as mais das vezes, que elle comprehenda em si algumas ideias discrepantes; mas de tal arte juntas, que essa sua conjuncção convenha com huma terceira ideia, que se quer significar. Assim a imagem d'huma bella mulher, que termina em peixe, faz rir; porque he figura de loucas poesias recordadas por Horacio na su'Arte Poetica.

Para que antes de tudo se veja, que dos lugares, donde se tirão as sentenças graves, tambem se podem tirar os mo-

vimentos d'excitar riso, basta este exemplo. Louvando hum homem liberal, que reparte com os amigos as cousas proprias, se poderá dizer, que o que este tem não he seu; e o mesmo se pode dizer por vituperio de quem haja furtado, ou com más artes adquirido o que possue. De hum bom servo fiel sóe dizer-se, que não ha cousa, que lhe seja escondida, e reservada; e isto mesmo se dirá d'hum máo servo destro em furtar; e em taes conceitos está fundada a *Ironia.*

Muitos movimentos facetos se formão por via das *Hyperboles*, accrescentando, ou diminuindo as cousas. Tal he a de Braz Licenciado em o *Novo Drama* de Garção, quando diz, trazendo á Scena o Architecto Monsieur Arnaldo.

« Amigo Aprigio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, pratico Architecto,
O Pozzi, Paradossi, e Bibiena
Traz alli no emicranco, a Perspectiva
Na pineal lhe vellica com tal força;
Que em cada pulsação da traca-arteria
Hum theatro magnifico levanta. »

Cicero fallando jocosamente de seu irmão, que sendo de pequena estatura se havia cingido d'huma espada mui comprida, disse—*Quem foi que assim amarrou meu irmão a aquella espada?*—Graciosissimos são os equivocos, verdadeiro adubo dos Epigrammas, qual he este do mesmo Cicero, fallando em favor de Candido Revilio, que não fora Consul, se não hum dia. « *Temos hum Consul tão vigilante, que huma só noite não dormio, durante o seu Consulado.* »

São tambem mui agradaveis aquellas respostas, pelas quaes se deduz d'huma mesma cousa o contrario do que outrem disse. Appio Claudio disse hum dia a Scipião— *Maravilho-me de que hum homem tão atarefado em altos negocios, como tu és, ignores os nomes de tantas pessoas*—Ao que respondeo Scipião « *Não te maravilhes ; porque nunca fui solicito de conhecer a muitos ; sim de fazer, que muitos me conheção.* » O conceito da resposta pode ser agradavel só porque encerra alguma instruccção moral não esperada de quem faz a pergunta. Assim no citado Garção, e no mesmo Drama Aprigio gabando as companhias, e partidas modernas, comparadas com a rusticidade, e clausura das mulheres nos antigos tempos, diz. « *Outros costumes adoptou a Nação, abrio os olhos* » : responde-lhe Artur « *Eu cuido, que os tapou.* » Perguntando-se a hum Espartano; porque trazia a barba tão crescida; respondeo : « *A fim de que vendo nella os cabellos brancos, não faça eu cousa, que desdiga da minha idade.* » Tem igualmente muita graça certos dictos, quando convem ao costume da pessoa, a que se attribuem. Hum sugeito avezado ao copo tendo adoecido, via-se atormentado de grande sede: os medicos, que lhe rodeavão a cama, fallavão entre si do remedio, que lhe applicarião para aplacar-lh'a; porque era extraordinaria ; ao que acudio o enfermo, dizendo—*Tratem os Senhores de curar-me da febre, que quanto á sede, essa fica a meu cuidado*—

Resta tractar dos conceitos sublimes, isto he; d'aquelles, que representão com breves palavras a ideia d'alguma potencia, ou força extraordinaria, pela qual o que ouve fica possuido de grande maravilha, como *Ego Annibal*

pacem peto, ou a resposta de Medea em Seneca; *Medea superest*: mas deste assumpto fallaremos no Capitulo do *Bello*.

FIGURAS RELATIVAS A' PERSUASAÕ, OU AO SENTIMENTO.

Não poucas vezes se ha notado, que com armas bem differentes das que se adoptão para expugnar o entendimento, tentamos assenhorear-nos do coração de quem nos escuta: por isso podemos dividir estas ultimas Figuras em *Insinuantes, e Commoventes*; bem como hum castello pode tomar-se, ou por via de capitulação, ou pelo mais feroz assalto. Assim pois reduziremos a huma só ordem todas as Figuras, que se endereção a obter o triumpho por meio de brandura, e lhes chamaremos *Figuras Insinuantes*, unindo-lhe, tambem as *Comoventes*; e formaremos outra ordem d'aquellas, que, por assim dizer, ganhão a victoria por furor, e tumulto, e a estas daremos a denominação de *Figuras violentas*.

A' 1.ª Classe pertencem a *Exclamação* a *Permissão*, e a *Preoccupação*. A *Exclamação* serve para exprimir os transportes vivos, e subitos de qualquer paixão violenta. Caracterisão conseguintemente este genero de Figuras huma expressão interrompida, e interjectiva, curta, truncada, e acompanhada d'hum tom de voz alto, e vivo, que he como o grito d'alma, que desabafa a sua paixão. Taes são os seguintes versos, que o insigne Poeta Antonio Ferreira em a sua Tragedia *Castro* poem na bocca do Principe D. Pedro, quando lhe chega a fatal nova da morte de D. Ignez.

« O' fortuna, ó crueza, ó mal tamanho,
O' minha D. Ignez ! O' alma minha !
Morta me és tu !.....

A *Permissão* consiste, em deixar o Orador ao arbitrio de seus ouvintes, e até de seus proprios adversarios algumas cousas para elles as dividirem : assim Vieira (Sermão do Tomo 4.º pag. 70) diz. « Antes de resolver a questão, disputemo-la primeiro, e ouvi com attenção o que allegar se pode por huma e por outra parte ; porque vós haveis de ser juizes. » *Preoccupação* em Grego *Prolepse* he a Figura, de que se serve o Orador, quando previne alguma objecção, que se lhe pode fazer. Como o citado Vieira (Serm. Part. 1.ª Col. 547.) « Dir-me-heis, que não ha com que despachar, e com que premiar a tantos. Por esta excusa esperava. Primeiramente elles dizem, que ha para quem quereis; e não ha para quem não quereis ; eu não digo isso..... »

FIGURAS VEHEMENTES.

São figuras vehementes a *Apostrophe*, a *Emphase*, a *Reticencia*, e outras muitas. Por meio da Apostrophe o Orador aparta o discurso da pessoa, a quem he naturalmente dirigido, para fallar com outras ou presentes, ou ausentes, ou mortas, ou ainda entes insensiveis. He de advertir, que o apostrophar ás cousas insensiveis he como attribuir-lhes as qualidades de pessoas, quaes são ; a vida, a acção, o sentimento, e a racionalidade, e neste caso a Apostrophe leva junta comsigo a *Prosopopéa*, da qual tractaremos em

seu lugar. « Reis, e Principes mal servidos, se quereis salvar a alma, e recuperar a fazenda, introduzi sem excepção de pessoa as restituições de Fr. Theodorico. Saiba-se com que entrou cada hum, o de mais torne para donde sahio, e salvem-se todos. » He de Vieira.

O precitado Antonio Ferreira traz esta bella Apostrophe de Ignez de Castro, quando fallando ao Rei, assim se dirige aos filhos, que presentes estavão

... . Hai! meus filhos;
Chorai, pedi justiça aos altos Ceos:
Pedi misericordia a vosso avô,
Contra vós tão cruel, meus innocentes. &c.

Da *Emphase* já tractámos no lugar do Ornato. Em o nosso Classico Sá de Miranda encontramos bello Emphase na sua Canção a N. Senhora, imitada de Petrarca.

« Virgem toda sem magoa, inteira, e pura,
Sem sombra nem d'aquella culpa herdada
Por todos nós, té o fim desd'o começo;
Claridade do sol nunca turbada:
Santissima, e perfeita criatura,
Ante quem de mim fujo, e me aborreço. »

A *Reticencia* em Grego *Aposiopese* he huma Figura, que rompe a oração, deixando-a incompleta. Assim nos Lusiadas Canto 2.° Est. 41.

« Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes. »

FIGURAS RELATIVAS A' CONVICÇÃO.

He verdade, que a pura convicção he propria do Philosopho : mas o Orador, ajuntando estas com as Figuras das classes seguintes, convencerá, e persuadirá, far-se-ha senhor do entendimento, e do coração de quem o ouve, e terá então preenchido de todo o seu officio. Estas Figuras são em grande numero, das quaes apontaremos algumas, como sejão a *Interrogação*, a *Perplexidade*, a *Preterição*, o *Epiphonema*, &c., &c.

A Interrogação considerada como Figura da Elocução he aquella, que, se faz, não para saber alguma cousa ; mas para instar, e intimar mais o que se diz, de maneira que, não obstante tal Figura, pareça exprimir a ignorancia do que se pergunta ; isso todavia não passa de mera ficção. Tal he a de Vieira (Serm. Part. 1.ª Col. 543) « E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro quem o ha de restituir ? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro, que não tem ? Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas, que não pode ? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo, que havia mister ? »

Perplexidade he a Figura, com que o Orador se finge duvidoso, donde ha de começar, onde acabar, o que ha de dizer, ou deixar de dizer; por este modo elle tira ao seu discurso o ar de premeditação, e o faz por consequencia mais crivel, e excita a attenção, pondo em agitação o espirito dos ouvintes por meio destas suppostas duvidas. Taes são estas expressões de Dido em Virgilio.

« En quid agam ? rursusne procos irrisa priores
Experiar ? Nomadumque petam connubia supplex,
Quos ego sum toties jam dedignata maritos ? »

A Preterição he quando o Orador, prevenindo, que não quer fallar sobre certa cousa, sem embargo disso a vai dizendo ; como a que se lê no Bispo D. Hieronimo Osorio (Carta 1. a El-Rei D. Sebastião sobre a Jornada d'Africa) « Não fallo dos juros, que fidalgos tem vendido, nas joias empenhadas, nas lagrimas das mulheres, na pobreza da gente nobre, na miseria dos que pouco podem. Gaste-se tudo, e consuma-se por serviço de Deos, e de Vossa Alteza; mas seja em tempo, que aproveite. »

Quasi semelhante á Sentença, mas sempre gerado pela Emphase he o *Epiphonema*, Figura, que consiste em hum grave, e brevissimo conceito, que costuma pôr-se depois da narração d'algum acontecimento grande, e digno de particular attenção. Assim no Poema Hyssope deste modo se exprime o Poeta, narrando o que fizera o Deão ao darem-lhe a nova de ser obrigado a offerecer o hyssope ao Bispo

. . . . . Isto dizendo,
Levanta-se furioso, e sem respeito
Ao real-rober, que ganhado tinha
(*Tanto pode a paixão no peito humano !*) &c.

LIÇÃO VIGESIMA QUARTA.

DAS FIGURAS RELATIVAS A' IMAGINAÇAÕ.

A Imaginação tem duas faculdades, huma de apanhar, e conservar as imagens reaes dos objectos physicos, por

meio da qual o Orador, e o Poeta descrevem quanto existe na natureza com evidentes particularidades; e esta Imaginação se chama passiva: e a outra, que tem o nome de activa, busca novas imagens, ou fazendo hum todo original das subministradas pela mesma natureza, ou formando outras de pura invenção sua. D'aqui resulta, que a esta classe pertencem a *Hypotypose*, a *Prosopopéa*, a *Ethopéa*, e outras muitas. Se pelas Hyperboles bem formadas o discurso adquire força, e vigor; por meio destas Figuras, primogenitas filhas da imaginação, augmenta desmarcadamente esta força; e por isso vemos, que quando ao que se diz se mistura a Imaginação, logo a lingoagem se torna mais vigorosa, que d'ordinario, toma outro tom, e veste-se d'outro aspecto. Esta falcudade pois he tão varia, e discorde de si mesma, que ora tranquilla se compraz de estender-se, e arrastrar-se sobr'hum objecto, que ella mesma muitas vezes finge, e pinta a seu bel prazer, ora inquieta rapidamente salta d'hum para outro, ora impõe silencio aos affectos, e delles se aparta, e ora pelo contrario os instiga, e põe em tumulto, e com elles se acompanha, o que dá origem a muitas Figuras.

Quando pois a imaginação de quem falla pára sobre algum objecto, e meudamente vai considerando algumas particularidades, que tem feito em seu animo agradavel impressão; então costuma pinta-las com tão vivas cores, que a quem ouve parece te-las diante dos olhos; e a esta especie de pintura se chama *Hypotypose*, que he a mes- *Enargueia*, de que já fallámos. He bella a seguinte do Ferreira na Tragedia Castro, quando á Ama pinta em Allegoria D. Ignez o sonho, que tivera

« Então sonhei, que estando só n'hum bosque
Escuro e triste, d'huma sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe huns brados
De feras espantosas, cujo medo
M'arripiava toda, e m'impedia
A lingoa, e os pés: eu co'a alma quasi morta
Sem me mover, meus filhos abraçava. »

Camões tem insignes Hypotyposes. Tal a do Canto 2.º dos Lus. Est. 27.

« Assim como em selvatica alagôa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra d'agoa incautamente,
D'aqui, d'alli saltando o charco sôa,
Por fugir do perigo, que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças n'agoa lhe apparecem. »

Assim tambem a bella descriçao da *Vida Campestre* por Fernão Alves do Oriente, onde se lê

« Vira nos arvoredos,
Da natureza as obras contemplando,
A fructa de mil cores variada:
Dos asperos penedos
Veria a fonte clara ir murmurando
Per entre alvas pedrinhas derivada:
Veria pelos montes pendurada

A sua amada ovelha
Na manhã clara e pura,
Que deixando dos campos a verdura,
Dera a seu doce canto attenta orelha. »

Do mesmo gosto he a descripção, que Francisco Rodrigues Lobo faz d'hum campo de Pastores em a sua *Primavera, Floresta* 1.ª

« Entre as fragosas montanhas de Lusitania na costa occidental do mar Oceano, onde se veem agora com mais nobreza levantadas as ruinas da Cidade antiga de Colippo, ha hum espaçoso sitio, partido em verdes outeiros, e graciosos valles, que a natureza com particulares graças povoou de arvores, e fontes, que fazem nelle perpetua Primavera: em meio do qual se levanta hum monte agudo de penedia, cercado, como ilha, de dous rios, que pela falda delle vão murmurando; até que ajuntando-se no extremo de sua altura levão ao mar em companhia a vagarosa corrente; e assim da parte do rio Lis, que na copia das agoas he principal, como pela do claro Lena, que escondido entre arvoredos faz o caminho, he cultivada a terra de muitos pastores, que n'aquelles valles, e montes apascentão, passando a vida contentes com seus rebanhos, e com os fructos, que a terra em abundancia lhes offerece, assim de Ceres, como de Pomona; porque com a benigna inspiração do Ceo, e disposição da terra não somente são as plantas mais formosas á vista, os fructos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro, e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados, e parece que menos duros. »

DA PROSOPOPÉA.

Esta Figura sublime, e ao mesmo tempo pathetica he d'aquellas, que dão mais vigor, e viveza á composição, quando o Orador intruduz os ausentes, os mortos, os entes animados, e insensiveis, como dotados de sentido, de falla, ou de acção, e affectos. Mas he de advertir, que estas ficções, para que sejão bem recebidas, requerem grande copia, e esforço de Eloquencia ; porque as cousas extraordinarias, incriveis, ou preternaturaes hão de produzir necessariamente profunda impressão ; por isso que excedem ao verdadeiro, ou, se não offerecem mais, do que palavras vãs e frias, perdem o seu effeito por ser falsas em sua realidade. Por outra parte hum discurso posto na bocca de pessoas, que já não existem, ou que nunca existirão, ou de entes naturaes, ou moraes personificados commove, e persuade com maior força, e vehemencia, do que se emanasse directamente da paixão, e voz do Orador.

Em todas as orações, em que obrão a paixão, e a fantasia occupa grande lugar esta Figura. O que está possuido de pena, d'alegria, ou de tristeza, &c., busca a quem as communique ; quer desafogar o animo, e não achando testemunhas da sua magoa, ou alvoroço, chama a companhia d'aquelles objectos mais proximos, ou mais analogos á causa da sua paixão, que lhe apresenta a natureza. Então entra em conversação com elles, prestando ouvidos ás criaturas inanimadas, lingoa aos mudos, coração aos insensiveis, movimento aos inertes, e corpo, e realidade aos entes ideiaes. Assim está em soledade, e não está só ; não falla

com seus semelhantes, e tem quem o ouça, falla com as rochas, com as arvores, com as aves, com os mares, com a terra, com os Ceos, com os elementos ; e estes o escutão, respondem-lhe, sentem o que elle sente, e d'algum modo o consolão. Outras vezes os obriga a que respondão por elle, encarregando-lhes o officio da lingoa ; e então he terrivel a força da personificação ; porque a ameaça, a indignação, a reprehensão tomão tal gráo de efficacia, qual se deve esperar do assombro de ver transformados em prégadores os entes inanimados, e ainda os imaginarios : então fallão os mortos, levantando-se do sepulchro, clama a Patria em figura de matrona, queixa-se a pobreza, supplica a misericordia, brada a ambição, murmura a avareza , &c.

Tres especies ha de Prosopopéas : 1.ª introducção ficticia no discurso de pessoas a fallar ou comsigo mesmas, ou com o Orador, ou humas com outras, a que se dá o nome de *Dialogismo* : 2.ª introducção de fallas do verdadeiro Deos, ou das divindades do Paganismo, ou ainda de pessoas já fallecidas, e, para assim dizer, evocadas do tumulo ; que se chama *Idolopéa* : 3.ª introducção de seres insensiveis, ou physicos, ou moraes, fallando, e escutando, como se fossem dotados de sentimento, de vida, e de racionalidade, que he propriamente a *Prosopopéa.*

Na Sagrada Escriptura, onde apparece o mais perfeito sublime, encontrão-se bellissimas *Prosopopéas.* Tal he a do Psalmo 34 — *Anima autem mea exultabit in Domino: et delectabitur super salutari tuo. Omnia ossa mea dicent : Domine, quis similis tibi ?* — Mas a minh'alma regosijar-se-ha no Senhor ; e deleitar-se-ha em seu Sal-

vador. Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem he semelhante a ti ?

Não são menos energicas, e sublimes as Prosopopéas de Jeremias, e Isaias. « *O mucro Domini* (diz o primeiro no Cap. 47, Vers. 6 e 7) *usquequo non quiesces ? Ingredere in vaginam tuam, refrigerare, et sile. Quomodo quiescet, cum Dominus præceperit ei adversus Ascalonem, et adversus maritimas ejus regiones, ibique condixerit illi ?* » O' espada do Senhor, até quando deixarás de repousar ? Entra na tua bainha, refresca-te, e põe-te em silencio. O segundo, descrevendo a queda do Imperio d'Assyria, assim se exprime no Cap. 14 desd'o verso 7 até 19 — *Conquievit et siluit omnis terra, gavisa est et exultavit : abietes quoque lætatæ sunt super te, et cedri Libani ; ex quo dormisti, non ascendet qui succidat nos — Infernus subter conturbatus est in occursum adventus tui, suscitavit tibi gigantes. Omnes principes terræ surrexerunt de soliis suis, omnes principes nationum — Universi respondebunt, et dicent tibi : Et tu vulneratus es sicut et nos, nostri similis effectus es. Detracta est ad inferos superbia tua, concidit cadaver tuum : subter te sternetur tinea, et operimentum tuum erunt vermes. Quomodo cecidisti de cælo lucifer, qui mane oriebaris ? corruisti in terram, qui vulnerabas gentes ? — Qui dicebat in corde tuo : In cœlum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis. — Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo. — Verumtamen ad infernum detraheres in profundum laci — Qui te viderint ad te inclinabuntur, teque prospicient : Nunquid iste est vir,*

qui conturbavit terram, qui concussit regna, qui posuit orbem desertum, et urbes ejus destruxit, vinctis ejus non aperuit carcerem? — Omnes reges gentium universi dormierunt in gloria, vir in domo sua. — Tu autem projectus es de sepulchro tuo, quasi stirps inutilis pollutus, et obvolutus cum his, qui interfecti sunt gladio, et descenderunt ad fundamenta laci, quasi cadaver putridum. »
Toda a terra ficou em descanso, e em silencio, ella s'encheo de prazer, e exultou: as faias igualmente se alegrárão sobre ti, e os cedros do Libano: desde que tu dormiste, não subirá quem os corte. O inferno se vio lá em baixo á tua chegada todo turbado para te sahir ao encontro, elle fez por teu respeito levantar os gigantes. Todos os Principes da terra, todos os Principes das Nações se erguèrão de seus solios. Todos universalmente responderão, e te dirão: Tambem tu igualmente como nós foste ferido, vieste a ser-nos semelhante. Arrastada foi a tua soberba até aos Infernos, cahio por terra o teu cadaver: debaixo de ti se estenderá por cama a polilha, e a tua coberta serão os bichos. Como cahiste do Ceo, ó Lucifer, tu, que ao ponto do dia parecias tão brilhante? Como cahiste por terra tu, que ferias as Nações? Que dizias no teu coração: subirei ao Ceo, exaltarei o meu throno acima dos astros de Deos, assentar-me-hei no monte do Testamento aos lados do Aquilão. Subirei acima d'altura das nuvens, serei semelhante ao Altissimo. E com tudo no inferno serás precipitado até ao profundo do lago. Os que te virem, se inclinarão para ti, e te contemplarão, dizendo: Acaso he este aquelle homem, que metteo em confusão a terra; que fez estremecer os reinos;

que poz o mundo em solidão, e destruio as suas cidades, o que não abrio o carcere aos seus captivos? Todos os Reis das Naçoes universalmente dormirão no meio da sua gloria, cada hum foi depositado no seu jazigo. Mas tu foste arrojado longe do teu sepulchro, como hum tronco inutil, manchado, e confundido com aquelles, que forão mortos á espada, e descèrão ás funduras do lago, como hum podre cadaver — (*Traducção do Padre Antonio Pereira de Figueredo*). Que grandeza, que elevação, que sublimidade!

Não he menos bella a Prosopopéa do Santo Job quando no Cap. 17 Vers. 14 diz — *Putredini dixi: Pater meus es, mater mea, et soror mea, vermibus* — Eu disse á podridão: tu hes meu pai, e aos bichos: vós sois minha mãi, e minha irmã. » Na Jerusalem Libertada, Poema do grande Torquato Tasso, acha-se esta elegantissima Prosopopéa, ou visão, que apparecera a Godffredo.

« *E mentre ammira in quell'eccelso loco*
L'ampiezza, i monti, i lumi, e l'armonia,
Ecco cinto de rai, cinto de fuoco
E in suono a lato a cui sarebbe roco
Qual piú dolce è quaggiú, parlar s'udia:
Goffredo non mi accogli? e non ragione
Al fido amico? Or non conosci Ugone?

(Canto 14 Est. 5.) Que quer dizer conforme á bella traducção de André Rodrigues de Mattos.

« E em quanto admira no lugar immenso
O espaço, o moto, as luzes, e a harmonia ;
Eis de raios cingido, e fogo denso,
Chegar-se a elle hum Cavalleiro via ;
E em som a par do qual fora violento
Quanto he suave cá, dizer-lhe ouvia :
Goffredo, não me abraças ? Não te off'reces
A Hugon teu fiel amigo, e o desconheces ?»

No Padre Antonio Vieira acha-se hum exemplo da Prosopopéa *Dialogismo*, e simultaneamente *Idolopéa*, em que se introduz hum morto fallando, com o Orador. (Serm. Tomo 3 pag. 492) no celebre Sermão contra os Hollandezes, onde o Orador assim faz fallar a Job. « Pequei, que mais vos posso fazer ? E que fizestes vós, Job ; a Deos em peccar ? não lhe fiz pouco ; porque lhe dei occasião a me perdoar, e perdoando-me ganhar muita gloria. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça, que me fizer ; e elle dever-me-ha a mim com a occasião, a gloria, que alcançar. »

Mas nenhuma Prosopopéa deste grande engenho, e insigne Classico me parece tão bella, tão magnifica, tão magestosa, como esta, que elle magistralmente imitou da Biblia em hum dos seus Sermões do Tomo 5.° — « Inclinará Deos os Ceos, e avisinhar-se-ha mais á terra para castigar seus habitadores : debaixo dos pés trará hum remoinho de nuvens negras, escuras, e caliginosas: das ventas lhe sahirão fumos espessos d'ira, de indignação, de furor : da bocca, como de fornalha ardente, exhalará hum volcão de fogo tragador, que tudo acenda em brazas,

e converta em carvões : atroará os ouvidos attonitos com os brados medonhos de sua voz, que são os trovões : cegará a vista com o fuzilar dos relampagos, alternadamente acesos, abrindo-se, e tornando-se a cerrar o Ceo temerosamente fendido : disparará finalmente as suas settas, que são os raios, e coriscos : abalar-se-hão os montes, retumbarão os valles, afundar-se-hão até os abysmos os mares, descobrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos dos mundos. E no meio desta confusão, assombro, terror, e desmaio, quaes estarão os corações dos homens, que será delles ? »

Engraçadas Prosopopéas encerra o Poema Hyssope, onde se introduzem differentes pessoas, fallando humas com outras, como no Canto 3.° o Dialogo do Bispo com os seus familiares : no Canto 4.° o Dialogo entre o Deão, e o Advogado Fernandes, e no 5.° o do mesmo Deão com os Padres Capuchos.

LIÇÃO VIGESIMA QUINTA.

A ETHOPE'A.

Ethopéa, assim chamada do Grego *Ethos* (genio, caracter) e *poieó* (pintar) ou *Mimesis* do Grego *mimeomai* (imitar) he huma Figura, que serve para retractar os costumes de qualquer pessoa. Ella pode fazer-se ou pintando os factos, e neste caso tem muito parentesco com a Hypotypose, ou referindo os dictos, já introduzindo por meio da Prosopopéa a fallar as pessoas segundo as suas ideias, custumes, e paixões a fim de as caracterisar, já

repetindo os seus mesmos discursos, com que se dão a conhecer. Quando a Ethopéa pinta os costumes, paixões, e sentimentos do homem em geral, tem a denominação de *Caracter*; quando porém a pintura he individual, e particular, chama-se *Retracto.*

He admiravel neste genero o que Salustio fez de Catilina, exprimindo-se assim. « *Lucius Catilina nobili genere natus fuit magna vi et animi et corporis, sed ingenio malo pravoque. Huic ab adolescentia bella intestina, cædes, rapinæ, discordia civilis grata fuere, ibique juventutem suam exercuit. Corpus patiens inediæ, vigiliæ, algoris supra quam cuiquam credibile est. Animus audax subdolus, varius, cujuslibet rei simulator ac dissimulator, alieni appetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus, satis eloquentiæ, sapientiæ parum. Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat* &c. » Lucio Catilina, de nobre assendencia, foi de grande força d'alma, e de corpo, porém de má, e depravada indole. Des d'a sua adolescencia as guerras intestinas, as mortes, as rapinas, as discordias civis, gratas lhe forão, e nellas empregou a mocidade. Seu corpo era soffredor de privações, vigilias, rigores de tempo, além de toda a crença. Era o seu animo atrevido, cavilloso, voluvel, capaz de toda a simulação e dissimulação, cobiçoso do alheio, prodigo do seu, de bastante eloquencia, saber pouco. Sempre o seu vasto espirito ambicionava cousas extraordinarias, incriveis, summamente elevadas. *(Traducção de Barreto Feyo.)*

A falla, que Camões põe na bocca do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira (Lus. Cant. 4.° Est. 15 até 19)

pinta fielmente o caracter animoso, e independentemente honrado, que a Historia lhe attribue. Todo o Poema Hyssope está cheio de bellissimas Ethopéas, tal, por ex., a do Canto 1.º, em que o Poeta pinta o caracter de fatuidade do Bispo d'Elvas D. Lourenço de Lancastre, pondo esta pintura na bocca do Genio tutelar das Bagatellas. O caracter folgasão do Deão Lara he retractado magistralmente pelo mesmo Poeta nos versos do principio do Canto 4.º, postos por este na bocca do Prebendado. Sobre todas he perfeitissimamente acabada a pintura, que no Canto 5.º faz o Poeta do Padre Jubilado Capucho, com quem o Deão entreteve larga conversação no jardim do Convento, a qual he como se segue.

« O Padre Mestre, vendo-se obrigado
A recontar d'Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recorda-los,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado o leva á penca,
Com strondo se assòa, e dobrando o colhe;
D'esturro então sorvendo huma pitada,
O habito sacode, e aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao Deão assim responde. »

Não he menos gracioso em seus Retractos o Nicoláo Tolentino. Tal he, por ex., o que elle faz d'huma mãi velha, e rabugenta no seguinte Soneto

« Chaves na mão melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãi ordena,
Que o furtado colchão, fôfo, e de penna
A filha o ponha alli ou a criada.

A filha, moça esbelta, e aperaltada
Lhe diz c'o a doce voz, que o ar serena
« Sumio-se-lhe hum colchão ? He forte pena !
Olhe, não fique a casa arruinada. »

— Tu respondes-me assim ? Tu zombas disto ?
Tu cuidas, que por ter pai embarcado
Já a mãi não tem mãos ? « E dizendo isto

Arremette-lhe á cara, e ao penteado ;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sahe-lhe o colchão de dentro do toucado. »

Tal he o da Satyra 7.ª *o Passeio*, do mesmo Poeta onde diz

« Feita a geral cortezia,
Pé atraz, segundo a moda,
Daremes á mãi, e á tia,
E depois á toda a roda,
Alto e malo senhoria.

A mãi já dragão formal,
Espelho de desenganos,
E que por seu grande mal
Ha já mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal.

Posta de roda no centro
Cruza a perna, mestra abelha;
E de longe a ver-lhe eu entro
Sapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro.

A tia seria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer,
E destas, que dão a Deos
O que o mundo já não quer.

Sente hum desgosto infinito,
Que o mundo a deixe tão cedo;
Affecta mystico esp'rito;
Porém suspira em segredo
Polas cebolas do Egypto. » &c.

He de mui bello effeito comico o que diz o *Cioso*, caracterisando-se na Comedia do mesmo nome do nosso Classico Antonio Ferreira, que fallando com a criada Bromia, assim falla Julio. « Lembrou-me agora, que se me escusou aquella Senhora com a visitação de sua mãi: digo, que não quero, que pai, nem mãi, nem irmão, nem parente, nem visinho, nem amigo, nem amiga, nem compadre, nem comadre, nem Rei, nem Rainha, nem que venhão do Paraizo, entrem nesta casa. »

He bellissima neste genero a Ode 18 de Garção.

« Cercado de Pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolsa me atassalhão, que esfaimados
A feria me apresentão:

Quaes buidos punhaes, negros trabucos,
D'aqui, d'alli recrescem garatujas !
Assestados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos !
Severo Rhadamanto, o sujo Mestre
A postiça gadelha afasta, e puxa :
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira. » &c., &c.

Tambem merece grande applauso o retracto do *homem mysterioso* pintado excellentemente por *Molière* na sua Comedia do *Misanthropo* (Act. 2 Scen. 4.)

« C'est, de la tête aux pieds, un homme tout mystere,
Qui vous jette en passant un coup d'œil egaré,
Et, sans aucune affaire, est toujours affairé.
Tout ce qu'il vous debite en grimaces abonde:
A force de façons il assome le monde.
Sans cesse il a, tout bas, pour rompre l'entretien,
Un secret à vous dire, et ce secret n'est rien.
De la moindre vetille il fait une merveille,
Et jusques au bon-jour, il dit tout à l'oreille. »

Os Poetas, personificando ideias abstractas, fazem dellas Retractos, como Voltaire o do *Enojo*, &c., &c. Os Caracteres de Theophrasto, e de La Bruyere são outras tantas Ethopéas.

FIGURAS RELATIVAS Á PERCEPÇAÕ POR VIA DE CONTRASTE.

Todos os corpos reflectem luz huns sobre os outros, e a diversidade da figura, e do colorido de cada hum resulta da confrontação dos objectos contiguos, ou avisinhados. O mesmo acontece nas ideias: ellas se esclarecem reciprocamente pelo contraste, quer este seja diverso, quer opposto. Estes dous contrastes fazem-se sentir ainda em huma só palavra, como nos *Epithetos*, que parecem contrastar com os substantivos. Podemos por tanto, com estes modos de dizer, dar grande belleza á locução, com tanto que não sejão nem muito exquesitos, nem muito frequentes. Desta classe são a *Antithese*, o *Parallelo*, a *Antimetabole*, e a *Paranomasia*.

A Antithese consiste em hum contraste de palavras humas contra as outras, ou de ideias, que formão por sua contraposição hum sentido contrario entre si, já por meio dos relativos, já pelos contrarios, já por privativos, já por contradictorios. Ainda que nas palavras está sempre a opposição do seu significado respectivo, todavia aquella maneira elegante, e nobre, com que se contrapõe, e a boa eleição dellas dissimulão o jogo mechanico de seus sons.

Este genero de contrastes de simples palavras sobre ser fastidioso por seu esmero, e uniformidade, não pode dar espirito, nem gravidade, nem formosura á oração. De mais este estylo dista muito do natural; porque a natureza, que derrama as suas producções com certa desordem, não guarda huma contraposição tão symetricamente regrada, nem tão tão pouco tira de seus assentos as cousas

para que luzão em continua competencia, ou como se disseramos, rosto a rosto. Se hum dos esforços mais necessarios, e não menos difficil ao Orador, e Escriptor eloquente, está no estudo de occultar a arte ; haverá cousa, que mais a descubra, do que hum continuado contraste de palavras ? *Ubicumque ars ostentatur* (diz Quintiliano) *veritas abesse videatur.* »

Contraposição sabia, natural, e agradavel á imaginação, e ao animo he a dos affectos, a das imagens, ou das circunstancias. Este genero de contraste he hum dos caracteres mais brilhantes do engenho : com o seu artificio se imprimem no ouvinte commoções extremas, e encontradas, misturando já a dor com o prazer, a tristeza com a alegria, o gozo com o terror. Ouça-se pela situação, em que se acha o que disse hum fanatico, e intrepido Escandinavo mortalmente ferido no calor d'huma batalha, antes d'espirar. « *Eu morro e sinto no morrer huma ineffavel doçura. Duas ninfas divinas me levantão, e me apresentão huma deliciosa bebida no cranco ensanguentado do meu inimigo !* He possivel expressar com mais enthusiasmo a dor, e o prazer, a amargura, e a doçura, a agonia, e a vingança ?

Cicero faz sobresahir, pela circunstancia de lugar, a injuria, que faz Verres, Pretor da Sicilia, aos direitos de Cidadão Romano, quando condemnou Gavio ao supplicio de cruz, destinado só a escravos com a crueldade de haver mudado o lugar do patibulo para outro sitio, que defronta com o estreito de Messina. « *Quid enim attinuit* (diz elle) *quum Mamertini, more atque instituto suo, crucem fixissent post urbem, in via Pompeia, te jubere in ea parte*

figere, quæ ad fretum spectaret: et omnibus audientibus, dixisti palam, te idcirco illum locum deligere, ut ille, qui se civem Romanum esse diceret, ex cruce Italiam cernere, ac domum suam prospicere posset? Itaque illa crux, sola Judices post conditam Messanam illo in loco fixa est. Italiæ conspectus ad eam rem ab isto delectus est, ut ille in dolore cruciatuque moriens, perangusto freto divisa servitutes, ac libertatis jura cognosceret? Italia autem alumnum suum servitutis extremo, summoque supplicio affixum videret. » Visto que os Messenios, segundo o seu costume, e regulamento, tinhão posto a cruz além da cidade na estrada de Pompeo, dize, que razão tinhas de a mudar para hum sitio em frente do mar? Porque accrescentaste (o que não podes negar; pois em publico o disseste) que o escolhias a fim de que aquelle, que alardeava de Cidadão Romano, podesse dessa cruz ver a Italia, e de longe contemplar a sua casa? Entre tanto, ó Juizes, essa Cruz foi a primeira, que em tal sitio se collocou desde a fundação de Messina. Verres positivamente escolheo o aspecto da Italia para que este desgraçado, morrendo de dores, e tormentos, reconhecesse, que hum braço de mar mui estreito separava os Romanos livres dos Romanos escravos, e a Italia podesse ver espirar hum de seus filhos no mais cruel, e ultimo supplicio dos escravos.

Fr. Heitor Pinto (*Imagem da Vida Christã Parte* 2.ª *Dial.* 1.º *Cap.* 2.º) usa da seguinte Antithese « Não ha no mundo alegria sem sobresalto, não ha concordia sem dissensão, não ha descanso sem trabalho, não ha riquêza sem miseria, não ha dignidade sem perigo, finalmente não ha gosto sem desgosto. » — Vieira (Serm. P. 4. pag.

492) traz esta «Vierão gentios, e tornárão fieis; vierão idolatras, e tornárão Christãos. » —Outra do mesmo (Serm. P. 1. Col. 541.) « Antigamente estavão os Ministros ás portas das Cidades; agora estão as Cidades ás portas dos Ministros » Camões (Lus. Cant. 19 Est. 93) traz esta Antithese

« Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente;
Melhor he merece-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer. »

Bellas Antitheses traz o Ferreira na sua Tragedia *Castro*, como, por ex., neste lugar.

« Quem ajuntar poder com agoa o fogo,
Quem misturar c'o dia a noite escura,
E quem o máo peccado c'o a virtude,
Este no amor ajuntará razão;
Este em falsa lisonja a lealdade:
Hum o amor não soffre, outro a virtude.

Fr. Luiz de Sousa na Vida do Arcebispo Cap. 6.° T. 1.° serve-se desta Antithese « Andavão em competencia com Fr. Bartolomeu as honras, e as dignidades, elle a abor-rece-las, ellas a entrarem-lhe por casa. » E no Cap. 18 do Liv. 2.° « Para pobre via-se rico, e muito rico: para humilde, via-se Arcebispo, e Primaz: pera penitente, ia cercado de criados, e todos a cavallo, e sem sentir falta; e para piedoso considerava, que comião, e vestião elle, e elles, morrendo de fome, e frio muitos pobres de Christo. »

O Parallelo põe, por assim dizer em balança dous objectos diversos para d'ahi fazer, que sobresaia a differença, que ha entre elles. Taes são os immortaes Parallelos de Plutarco. Esta Figura muitas vezes se confunde com a *Semelhança*, como nestas bellas Oitavas de Ariosto no Canto 1.º do *Furioso*

« *La virginella è simile a la rosa,*
Ch'in bel giardin sula nativa spina
Mentre sola, e sicura si riposa,
Ne gregge, ne pastor sile avicina:
L'aura suave, e l'alba rugiadosa,
L'acqua, la terra, al suo favor s'inchina;
Giovane vaghi, *e donne innamorate*
Amano haverne e seni, e tempie ornate »

« *Ma non si tosto dal materno stelo*
Rimossa viene, e dal suo ceppo verde;
Che quanto havea di gli huomini, e del cielo
Favor, grazia, e belleze, tutto perde:
La vergine che il fior de che più zelo.
Che de begli oechi, e de la vita haver dé,
Lascia altrui corre, il pregio ch'avea inanti
Perde nel cor di tutti gli altri amanti. »

Assim as traduzio Diogo Bernardes.

Bem como flor nascida em horto ameno,
Livre de gado infesto, ou duro arado,
A quem da viração bafo sereno
Suavemente amima, e o sol dourado

Regalla, e nutre a chuva em bom terreno
De vigoroso braço cultivado :
Moços e moças muito a cobiçárão,
E adornar-se com ella desejárão.

Mas se cortada foi d'unha invejosa,
Não a cobição já moços, nem damas :
Tal he a virgem candida, e formosa,
Por quem todos concebem vivas chammas;
A qual tanto que perde a flor mimosa,
Por quem tu, fero Amor, tanto t'inflammas ;
Com a sua gentileza, e graças bellas
Nem mancebos s'encantão, nem donzellas.

Quando na Antithese ha variedade de casos, ou generos, toma a denominação de *Antimetábole* ; tal he esta sentença attribuida a Socrates « Não vivo para comer; mas como para viver. »

A *Paranomasia* consiste em se empregar na mesma frase duas palavras quasi do mesmo som, ás quaes correspondem ideias differentes. Ex. « Ei-lo, vem (diz Bromia no *Cioso* de Ferreira) coitada ! *cansou* na mulher, e virá *descansar* em mim. » Outro de Vieira (Serm. P. 4. pag. 421.) « As *Magnetes* attrahem o ferro, e os *Magnates* o ouro. » He de advertir, que o uso frequente desta, e d'outras Figuras do mesmo genero, as quaes as mais das vezes consistem em trocadilhos de palavras, e que estiverão muito em voga nos seculos do máo gosto da Eloquencia, he signal d'hum espirito ocioso, baixo, occupado em bagatellas, e por tanto falto de juizo, e de bom gosto.

LIÇÃO VIGESIMA SEXTA.

FIGURAS RELATIVAS A' PERCEPÇÃO POR VIA DE RELAÇÕES.

Muitas vezes succede, que para tornar mais vivo o conceito nos servimos, para o exprimir, de palavras não proprias, e isto ou só por ornato, ou por necessidade. Para tal effeito servem a *Catachresi*, a *Metalepse*, a *Allusão*, e a *Antonomasia*. Desta, e da Metalepse já fallámos no lugar dos Tropos. As Lingoas, por mais ricas, que sejão, não tem hum numero tão grande de palavras, que exprimão cada ideia particular por hum termo, que não seja, senão o signal proprio dessa ideia: pelo que forçoso he muitas vezes tomar emprestado o vocabulo proprio d'outra ideia, que tenha mais relação com o que se quer exprimir. Assim de cavalgar hum cavallo dizemos cavalgar hum muro, huma cana, &c.; de fabricar hum templo, fabricar hum navio, das folhas d'huma arvore as folhas d'hum livro, d'huma columna de marmore huma columna de tropas, do coração do corpo animal o coração d'huma fructa; da bocca do mesmo animal huma bocca de fogo, as boccas d'hum rio, &c. Assim tambem dizemos ferrar hum cavallo, ainda que as ferraduras sejão de prata, &c. A tudo isto se chama *Catachresi* ou Abusão.

A Allusão tem toda a semelhança com a Allegoria. Esta apresenta hum sentido, e faz entender outro: o mesmo acontece n'aquella: *rei alterius ex altera notatio*. Faz-se Allusão á Historia, á Fabula, e aos costumes.

FIGURAS RELATIVAS A' PERCEPÇAÕ POR VIA DE SEMELHANÇA.

As cousas ou se aprendem pelos termos proprios, ou pelos translatos. A segunda lingoagem não he menos efficaz, que a primeira, huma vez que os termos translatos não saião das regras da propriedade, de que já tractámos. Entre as Figuras desta especie enumerão-se a *Metafora*, a *Senecdoche*, a *Metonimia*, a *Semelhança*, e a *Allegoria*. Já dellas fallamos no lugar dos Tropos.

FIGURAS RELATIVAS A' PERCEPÇAÕ DE REALIDADE INDIRECTA.

Fazem-se as Figuras de realidade indirecta, quando se diz mais, ou menos, ou o diverso, ou o opposto, ou o obliquo, ou o ambiguo, do que a cousa he; e cada hum destes modos tem o mesmo fim, e o mesmo objecto, que he o de fazer conceber com mais clareza, e vivacidade a ideia principal, ou as accessorias, ou o juizo de quem falla a respeito dellas. Desta especie são a *Hiperbole*, a *Periphrase*, a *Reticencia*, e a *Ironia*. De todas estas Figuras já temos tractado. Quanto á Ironia porém ainda cabe aqui advertir, que ella tem mais lugar no estylo Comico. Tal he a da criada Bromia na já citada Comedia *o Cioso* d'Antonio Ferreira. « De quantas janellas tu vès abertas por essas ruas (diz Bromia) de todas tu suspeitas mal? — *Julio*: De todas. — *Bromia*: E das mulheres honradas, que vão, ou vem das Igrejas, e de visitaçõcs de suas amigas? — *Julio:* Destas mais ha duvida! — *Bromia:* Que juiz de virtudes!

FIGURAS RELATIVAS A' PERCEPÇAÕ DE REALIDADE DIRECTA.

Desta especie são a *Diallage*, a *Anadiplose*, a *Synonymia*, o *Climax*, ou *Gradação*, o *Polysyndeton*. A Diallage faz-se, quando se divide a oração em partes, a cada huma das quaes se assigna a sua razão. A Anadiplose tem lugar, quando a palavra ultima d'huma oração he a mesma da oração seguinte. (Lus. C. 1.° Est. 59 e 60)

« O Regedor das ilhas, que *partia* :
Partia alegremente navegando. »

A *Synonymia* em Grego *Exergasia* he a Figura, pela qual repizão-se as mesmas ideias por differentes palavras, ou frases synonymas. Tal he a de Cicero contra Catilina « *Abiit, excessit, erupit, evasit.* » Tal a de Sousa (Vida do Arceb. Liv. 2.° Cap. 12.) « Em se tractando dos negocios de Deos era fogo, era raio, era corisco..... assim abrasavão, assim ferião, assim penetravão suas palavras. »

Por meio da *Gradação* se repete o que já está dicto ; mas antes de passar a outro gráo, para-se no antecedente. Ex. de Cicero (*pro Sert. Rosc. Amerino* § 75) « *In urbe luxuries ; ex luxuria existat avaritia necesse est : ex avaritia erumpat audatia : inde omnia scelera ac maleficia gignuntur.* » Nas cidades tem a sua origem o luxo : do luxo he consequencia necessaria a avareza : da avareza rompe com impeto a audacia : a audacia he a mãi de todos os crimes atrozes, e maldades.

O *Polysyndeton* emprega muitas conjunções, ou a mesma muitas vezes repetida. Assim Ferreira (Elegia 3.ª) diz

« Suspira, *e* chora, *e* cansa, *e* geme, *e* súa. »

FIGURAS RELATIVAS AO OUVIDO.

São os ouvidos os vehiculos das palavras : se estas são desagradaveis, o espirito de má vontade recebe as ideias, e estas não produzem o desejado effeito. Pertence pois a esta classe de Figuras huma das mais bellas, e singulares virtudes da Eloquencia, que he a *Harmonia.* Os mestres de Musica ensinão, que esta consiste no accordo de muitas vozes soando no mesmo ponto : mas os que fallão d'Arte Oratoria, e Poetica tomárão este vocabulo quasi na significação, que os mestres de Musica dão ao vocabulo melodia, como vemos, praticara Aristoteles, que neste sentido tomou ora a voz *melos,* ora a voz *harmonia.*

A harmonia do discurso he de dous modos, huma tem por fim somente o deleite dos ouvidos; a outra, além do deleite dos ouvidos, tem a imitação do som, e dos movimentos das cousas inanimadas, e animadas, e a dos affectos humanos, com as quaes imitações maiormente o mesmo discurso se torna acceito ao entendimento, e assenhoreia os animos. O deleite dos ouvidos obtem-se com palavras construidas, e postas de maneira, que sejão analogas á natureza do orgão do ouvido, fugindo de todas as vozes, e ajuntamento destas, que produzão sensação desagradavel ; porque, como diz Quintiliano « *Nihil intrare potest in affectum, quod in aure, velut quodam ves-*

tibulo, statim offendit. » nada pode tocar o coração, se offende o ouvido, que he como o vestibulo, ou entrada para o espirito.

A quatro podemos reduzir as figuras de palavras, que consistem na symetria das orações; por quanto já tractámos da *Onomatopéa*, e da *Paranomasia:* e vem a ser: o *Parison*, *Omeoteleuton*, *Omeoptoton*, e *Isocolon*. Parison he quando a elocução consta quasi de igual numero de membros.

A Figura Omeoteleuton, ou *similiter desinens* he aquella, na qual os membros acabão pelos mesmos consoantes. Ex. de Fr. Heitor Pinto (*Imagem da vida Christã P.* 1. *Dial.* 6 *C.* 1.) « Aquellas pernas, que caminhos *andarão*? Aquellas caveiras, que imaginações *terião*? Quam enlevadas nas falsas esperanças do mundo *serião*? Que castellos de vento não *farião*? »

O Omeoptoton, ou *similiter cadens* dá-se quando em differentes orações os nomes estão nos mesmos casos, ou os verbos nos mesmos tempos, quer occupem o fim, quer o principio, quer o meio da oração. Ex. de Vieira (Serm. P. 4 pag. 251.) « Não aquella graça, que *deleita*, e suspende os entendimentos; senão aquella graça, que *abranda*, que *rende*, que *fere*, que *inflamma* os corações. » E porque na Lingoa Portugueza a falta de casos dos nomes he supprida pelas preposições, as quaes unidas aos mesmos nomes indicão claramente as relações, que na oração lhes competem; julgamos por isto, que poderá tambem dar-se a Figura *Omeoptoton* em os nomes da Lingoa Portugueza, todas as vezes que estes nas orações significarem huma só especie de relação, designada pela preposição respectiva, como, por ex., no lugar de

Vieira (Serm. P. 1. Col 369.) « Toma Ignacio o livro nas mãos, lê-o a principio com dissabor, pouco depois sem fastio, ultimamente *com gosto;* d'alli por diante *com fome, com ancia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lagrimas.* »

O *Isocolon* consiste na igualdade de membros da frase, por serem compostos de quasi o mesmo numero de lettras. Ex. de Vieira (Serm. P. 4 pag. 260) Leva Abraham seu filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira pela espada para lhe cortar a cabeça, manda-lhe Deos suspender o golpe, e diz-lhe estas palavras : Agora conheço, Abraham, que temes a Deos. »

Releva aqui ponderar, que todas estas formas polidas de desinencias, e cadencias, escolhidas de proposito como Figuras Oratorias, e trazidas por mera harmonia, são affectações de principiantes, ou d'Escriptores de gosto estragado ; mas usadas por necessidade, isto he ; quando, para evitar huma desagradavel monotonia, se ha de consultar o ouvido, são graça, e discrição.

REFLEXÕES SOBRE AS FIGURAS.

Posto que o estylo figurado se aparte da forma mais simples do discurso, não devemos d'ahi concluir, que nelle haja alguma cousa de extraordinario, ou sobrenatural : pelo contrario nós o empregamos em muitas occasiões como o modo mais commum, e natural d'exprimir as nossas ideias. He impossivel compor hum discurso, seja de que genero for, sem nelle usar de Figuras ; e até nem ha frase hum pouco mais extensa, em que se

não ache alguma expressão figurada. A experiencia a cada passo nos prova, que as Figuras fazem parte da lingoagem, que a natureza inspira a todos os homens ; e nem ellas forão inventadas nas escolas, nem tiverão a sua origem no estudo ; por isso que ao contrario dellas se servem assim os homens ignorantes, como os mais eruditos. As pessoas do povo, quando se lhes exalta a imaginação, ou a violencia das paixões as irrita humas contra as outras, servem-se d'huma torrente de Figuras não menos energicas, que as do mais destro declamador.

Todavia qual poderia ser o motivo, que fixou a attenção dos criticos, e Rhetoricos sobre estas formas do discurso ? Foi sem duvida porque elles uotárão, que das Figuras he, que a lingoagem tira pela mór parte a sua força, e belleza ; e que ellas tem alguns signaes particulares, alguns caracteres distinctos, por meio dos quaes se podem arranjar em differentes classes sob diversas denominações ; e talvez que a isto devão estas formas o nome de Figuras ; porque assim como a figura, ou forma de qualquer corpo o distingue de outro ; do mesmo modo as Figuras da lingoagem tem cada huma sua estructura particular, que distingue humas das outras, e as distingue tambem da simples expressão. Esta não transmitte, senão a nossa ideia : as Figuras porém accrescentão a esta ideia huma especie de vestuario, que a faz mais sensivel, e ao mesmo tempo a orna ; e por isso he, que esta maneira d'exprimir começou a tornar-se objecto d'hum estudo serio, logo que se soube apreciar toda a extensão da influencia da lingoagem.

Qual será pois a utilidade das regras relativamente á elo-

cução figurada? He possivel escrever, e fallar bem sem conhecer o nome de nenhuma das Figuras do discurso, sem nunca haver estudado as regras para o seu uso. A natureza he que no-lo dicta; e bem como em Molière Mr. Jourdain havia fallado em prosa por quarent'annos, sem saber o que era prosa; assim muitas pessoas servem-se apropositadamente d'expressões metaforicas, ignorando o que seja Metafora. Mas d'aqui se não segue, que nenhuma utilidade tenhão as regras; porque todas as sciencias tem por base as observações, que a pratica fez nascer: a pratica sempre precedeo ás regras, e aos systemas; mas as regras, e os systemas vierão ao depois em seu soccorro, e a guiárão para a perfeição. Todos os dias encontrão-se pessoas, que cantão agradavelmente sem conhecerem huma só nota da Musica; todavia conheceo-se a necessidade de formar huma escala de todas as notas, e de reduzil-as a arte. De certo que as propriedades, ou bellezas da lingoagem são tão susceptiveis de aperfeiçoar-se, quanto o ouvido, e a voz; conhecer os principios dessas bellezas, apreciar os motivos, que tornão huma Figura, ou hum modo d'exprimir preferivel a outro não podem deixar de ajudar-nos, e dirigir-nos na nossa escolha.

Mas he mister advertir, que supposto esta parte da Elocução mereça tanto á nossa attenção, que della se possa fazer objecto d'huma sciencia, ou hum corpo de preceitos, supposto della dependa a belleza d'huma obra; todavia não devemos crer, que só della dependa, ou que a devamos attribuir principalmente ás Figuras. O lugar importante, que os Tropos, e Figuras tem occupado

em os Tractados de Rhetorica, o cuidado admiravel, que tem havido em lhes dar tantos nomes, quantas são as suas diversas variedades, e em os dividir em differentes classes, tem sido parte para que alguns creião, que as suas producções, tem todos os generos de bellezas, quando esses ornatos são nellas derramados á larga mão: entre tanto o que com isto conseguem só he fazer o seu estylo guindado, e cheio de affectação.

Não ha verdadeiro merito nas Figuras, senão quando estas exprimem sentimentos, ou paixões: ellas não são mais, do que vestuario; no pensamento he, que está o corpo, ou a substancia de tudo: tanto assim, que nenhuma Figura produzirá interesse em huma composição fria, ou frivola, ao passo que quando hum pensamento he sublime, ou tocante, só por si pode bastar, sem haver mister d'ornatos estranhos. Por isso nos melhores Autores as passagens mais tocantes, as que tem sido a admiração de todos os seculos, são escriptas da maneira mais simples. O seguinte pensamento de Virgilio, por ex., não carece dos soccorros de Figura alguma para tocar nos coraçoes: elle pinta o sentimento doloroso d'hum Grego, que longe da sua Patria, acaba no meio dos combates.

« *Sternitur, infelix, alieno vulnere, cœlumque*
Aspicit, et dulces moriens reminiscitur Argos. »

Ou est'outro do mesmo Poeta tão justamente gabado em todos os tempos.

« *Te, dulcis conjux, te solo in littore secum,*
Te veniente die, te decedente canebat. »

Hum só rasgo destes, que parecem sahidos dos pinceis da natureza, val mais, do que mil expressões figuradas. Assim he, que o estylo tão simples da Escriptura Santa exprime melhor as ideias mais nobres, e elevadas, do que se fosse cheio de Metaforas pomposas. « *Quoniam ipse dixit, et facta sunt, ipse mandavit, et creata sunt.* » (Ps. 32. ℣. 9.) « *Dixitque Deus : fiat lux, et facta est lux.* » (Gen. Cap. 1. ℣. 3.) O certo he, que o que he verdadeiramente pathetico, e sublime, de nenhuma sorte depende das Figuras, antes as exclue. Esses ornatos não assentão bem, senão na expressão de pensamentos pouco elevados, ou de paixões pouco violentas ; e só aformoseão o discurso, quando assentão sobre pensamentos solidos, e sentimentos naturaes, quando são postos em seu verdadeiro lugar, e se achão no mesmo assumpto.

DAS FIGURAS MIXTAS.

Na textura de qualquer sentença vão geralmente entretecidas duas, tres, e mais Figuras de distinctos generos, que como irmanadas, e companheiras, ajudão o movimento da principal, ou o seu ornato ; e outras vezes se confundem todas ellas de tal sorte no corpo da oração, que só conhecida a intenção do Orador pelo objecto, lugar, e circunstancias da sentença, he, que se pode qualificar entre todas, qual dellas he a alma da composição.

Não basta saber o nome, a definição, o genero, e a

formação desta, ou d'outra Figura ; nem tão pouco basta sabe-la fazer por mera imitação mechanica, huma vez que se ignora a arte de as collocar na composição, enlaçando-as de modo, que formem hum corpo inteiro, que receba movimento, vida, e formosura da harmonia, e concerto destas partes. No artificio de hum relojio não merece o nome de autor o official, que compõe cada peça separada, ainda que conheça o seu uso; porém sim o Artista, que depois as colloca, concerta, e arma, para formar com a travação, e correspondencia de todas a machina acabada. Este he o Orador ; aquelle he o mancebo Rhetorico ; porque como na composição eloquente trabalhão ao mesmo tempo a imaginação, e a paixão ; aquella inventa, e esta dicta o que se ha de dizer ; e accumulando-se os affectos, e as circunstancias para mover, persuadir, ou deleitar, a oração se aviva, se eleva, se enriquece com as Figuras, que ministra o lugar, a occasião, e o gráo de sentir de quem falla aos outros.

A facilidade, com que se enlação, sem se embaraçar, Figuras differentes, e a harmonia, que guardão dentro do circulo d'huma composição, prova mais e mais a especie de necessidade, que tem humas das outras para produzir o effeito, que se propõe o Orador, ou Escriptor verdadeiramente eloquente. O que seria pois a *Apostrophe*, sem a *Exclamação*, e a *Prosopopéa*, sem huma, e outra ? O que seria o incremento sem a gradação, a *Interrogação* sem a *Repetição*, e a *Reticencia* sem o *Enphase* ? Desta feliz união he, que sahe a força da oração eloquente.

LIÇÃO VIGESIMA SETIMA.

DA COMPOSIÇAÕ, OU COLLOCAÇAÕ DAS PALAVRAS.

Toda a sentença compõe-se de palavras, e cada palavra expressa huma ideia : logo parece, que a ordem grammatical destes signaes ha de seguir a natural, que leva a successão, ou a filiação das ideias. Todavia ainda que as regras logicas da Grammatica geral prescrevão esta ordem com mais rigor, as leis da Oratoria, quando se busca a elegancia, ou a precisão, ou a harmonia, ou a energia, permittem até certo ponto a transposição, que em humas Lingoas he mais livre, que em outras, e em todas tem a Poesia mais licenças, que a Prosa.

Apezar da amplidão destas leis, ideias ha, que por sua natureza, e mutua correlação não podem alterar a sua coordenação litteral na frase, como nestas — *sem pai, nem māi* — *Os homens e as bestas* — *Dous annos, e dous mezes* — *Em sua enfermidade, e morte* — *A cabeça, e os pés* — *As Cidades, e as Villas*, &c. Quem pode ignorar, que na ordem destes nomes se ha de guardar a prioridade de qualidade, de tempo, de quantidade, e de lugar ? Com tudo em escriptos mui serios, e engenhosos se descobrem alguma vez estes defeitos, que a mesma Grammatica condemna, como culpas graves, posto que talvez pareção leves, quando a força da Eloquencia, ou a necessidade do numero Oratorio obriga a vehemencia da paixão a romper essas ligaduras.

Sendo todas as palavras huns signaes representativos

dos nossos conceitos, devem guardar aquella progressão gradual conforme á ordem da acção, e natureza das cousas. Diremos pois das condições moraes d'hum homem, que he *violento, cruel, e atroz*, passando do menos para o mais, e por esta mesma gradação, que huma ferida he *grave, perigosa, e mortal* ; que hum objecto he *feio, triste, e horroroso :* que a furia d'hum exercito *acommette, desbarata, e aniquila.*

Sobre a collocação do adjectivo, que acompanha ao substantivo, cabe alguma variação, já attendendo a seu officio, quando se antepõe, ou pospõe ao sugeito : já á mais sonora cadencia em hum e outro caso. A dissonancia, ou contradicção, que cabe no sentido destas palavras de qualificação collocadas antes, ou depois do sugeito, pode-se ver neste exemplo « *Não se alcança a vida boa dando-se boa vida* » Com a mesma voz *boa* repetida em contraria collocação se forma hum contraste de ideias ; porque a vida boa he a vida virtuosa, e *boa vida* he a vida regalada.

Quando os adjunctos guardão a qualidade inherente, e inseparavel do sugeito, devem antepor-se como : o *fragil vidro* , o *duro marmore*, a *innocente meninice*, a *candida assucena*, a *mansa ovelha*, o *feroz tigre*, &c. Quando porém designão huma qualidade accidental, devem pospor-se, como a *agoa doce*, os *cabellos louros*, o *varão forte*, o *soldado valente* ; porque nem toda a agoa he doce, nem todos os cabellos são louros, nem todos os varões são fortes, nem todos os soldados valentes : e em ambos os casos se encerra hum sentido elliptico, como se disseramos (no primeiro) o vidro, que por si he fragil, o marmore, que por si he duro ; a meninice, que por si he innocente, &c. :

(e no segundo) a agoa, que he doce, os cabellos, que são louros; o varão, que he forte, o soldado, que he valente.

E para que se veja com quanto cuidado devemos proceder na collocação dos adjectivos, e que não he indifferente esta attenção para graduar o sentido mais, ou menos expressivo, que dão á cousa, a que se applicão, poremos em hum só exemplo estas differenças. Diremos — *recebeo huma mortal ferida*, isto he por exageração; huma ferida grave, ou perigosa, que possa occasionar a morte. Quando as palavras incluem relação a outras, devem pospor-se como ordens *militares;* porque as ha monasticas; leis *civis;* por que as ha canonicas; musica *vocal;* porque a ha instrumental; direito *natural;* porque o ha positivo, &c. Todavia dizemos; e creio, que por abusão: testamento *velho*, e velho testamento; em contraposição a testamento novo, que chamamos indistinctamente novo testamento. Mas nos outros adjectivos, quando não qualificão a propriedade inherente da cousa, he indifferente a sua collocação, conforme melhor o pedir a estructura, e ar da frase; por ex., pensamentos *nobres*, ou nobres pensamentos; prosapia *illustre*, ou illustre prosapia, virtude *solida*, ou solida virtude; *insigne* varão, ou varão insigne, &c. Este he o rigor das regras prescriptas ao prosador, principalmente attendendo á clareza, e precisão das ideias, e não ás licenças, que podem conceder-se alguma vez, rompendo as leis da exactidão, para não faltar á harmonia, numero, e elegancia da sentença. A Poesia he menos escrupulosa, ou por outra, he mais necessitada; porque a medida, o rithmo, e a cadencia do verso eximem de tal sujeição ao Poeta.

Nos superlativos já não milita esta regra; por quanto

excedem do valor positivo, e comparativo da natureza real dos objectos, que realção: assim diremos: *atrozcissima acção, intrepida mulher* para precipitar a pronunciação da frase, e dar-lhe mais sonoro remate na ultima palavra. Huma, e outra cousa se perde, invertendo a ordem; por que a celeridade, que resultava de anteceder a pronunciação do adjuncto esdruxulo, se faz frouxa, e lenta no fim da frase, e soão como apagadas as duas ultimas palavras.

Não nos será preciso alargar-nos sobr'esta materia ácerca dos verbos, adverbios, pronomes, conjuncções, e outras partes, e particulas da oração; pois são outras tantas vozes, que compõe o discurso; bastando advertir, que todas devem collocar-se onde prescreve o uso autorisado, e a syntaxe particular da Lingoa, por mais que se quebrantem muitas vezes as regras naturaes da Grammatica universal; e accrescentando, que a harmonia, e numero oratorio podem muitas vezes alterar a ordem da construcção da Grammatica particular.

Seria mui prolixa, e impertinente occupação o determo-nos sobre a origem, progresso, e mechanismo da lingoagem. A Grammatica, que suppomos sabida dos nossos Alumnos, ensina a construcção, a Logica o raciocinio, e a Eloquencia a composição: a historia porém da formação das Lingoas, e a analyse de seus elementos pertencem á Metaphysica, e a árida Ideologia, e de nenhum modo á Eloquencia, que triumpha sem outras armas mais, do que as palavras sem averiguar como, nem quando, nem d'onde se formárão.

Passaremos pois a tractar do *Inciso*, ou *Coma*, que he a parte menor do periodo, em a qual se não cerra o sen-

tido d'huma proposição, como nestes exemplos : « *Se com tantos escarmentos, se depois de tantos concelhos, se com a morte de teu amigo.* . . . . O sentido imperfeito de cada hum destes tres Incisos, que juntos formão hum só membro do periodo, deixa pendente a intelligencia da sentença principal. Outras vezes he o Inciso de menos vocabulos, como neste caso : « *Depois de ouvi-lo, e antes de sabe-lo, já pensava em.* . . . . » Outros Incisos ha, digamo-lo assim, solitarios, que cerrão sentido por si sós, e juntos completão a oração, como. « *Deleitava a todos, movia a muitos, instruia a poucos.* » Ha outros Incisos, que se chamão parentheses, e formão huma oração inteira interposta, dentro de outra, já por meio d'algum relativo, já por alguma particula condicional, e se figura entre dous Incisos, deixando correr a oração principal, da qual não he parte integral aquella interposição, como neste exemplo : « *Os homens, que desejão honra, que são os mais delles, procurão obrar bem.* » A interposição está nas palavras— que *são os mais delles.* —

Mas como de tudo se abusa, não guardando tempo, lugar, nem medida, os parentheses dilatados, cuja sentença tem alguma relação com a principal, embaração, e corrão o curso do periodo com enorme fealdade. Esta interrupção argue muita impericia n'arte de bem dizer, pois não sabe o escriptor enxertar aquella sentença, digamo-lo assim, postiça, no corpo do periodo, fazendo-a parte integral deste, ou descompo-la, mudando-lhe a forma, de maneira que se ajuste, e encache na estructura da oração.

Os parentheses breves, usados com certa economia, e opportunidade, vem a ser como verdades sentenciosas, que

arroja de si o conceito principal da oração, sem que este detenha o seu passo. Tambem tem muita graça, e viveza para chamar a attenção do leitor, e para semear, como fóra do assumpto, alguns rasgos ironicos, satyricos, e moraes, em que pode o autor desafogar a sua severidade philosophica, reprehendendo, admoestando, moralisando, ou seus desejos, ou outros quaesquer affectos com a *Exclamação*, a admiração, &c., como nestes exemplos: « *Estes homens, se taes se podem chamar, não conhecião a justiça—De tantos amigos, que não os ha nestes tempos, não encontrou hum fiel—Ella foi mulher, quem o diria! que aborreceo os proprios filhos!—Queria vender, ó traição abominavel! a patria, que d'antes havia defendido.* Ha finalmente outros Incisos curtos, cuja frequente collocação divide cada vocabulo de per si, como quando dizemos— *Era ambicioso, cruel, perfido, vingativo*—Outro : *Justiça, piedade, e prudencia erão as virtudes, em que mais sobresahia.* Outro : *Chama, roga, ameaça, e não he ouvido.*

O periodo divide-se em membros. Fica como manco, ou mutilado o periodo quando os seus membros não cerrão sentença, e deixão suspensa, e aberta a oração. Sirvão de exemplo estes dous membros do seguinte periodo.—*Se a Religião he tão necessaria ao homem, e até os povos mais selvagens não a desconhecem, como?.....*

Outros membros ha, que formão por si só hum sentido perfeito, quando enlação muitas proposições sem dependencia humas das outras. Estas se distribuem, e se ligão para amplificar a sentença principal, a qual, ainda que se componha de muitas clausulas cerradas, não necessita de nenhuma em particular, como se verá neste periodo per-

feito, composto de quatro membros. — *O passo do Grânico fez a Alexandre Magno senhor das colonias Gregas; a batalha de Isso põe a Tiro, e ao Egypto em seu poder; e a jornada d'Arbela lhe sujeita toda a Asia.* —

Ha membros de periodos, cada hum dos quaes forma sentido por si só, ainda que com respeito ao todo da sentença principal fica suspensa a oração, e imperfeita a manifestação da ideia geral. Os seguintes exemplos nos aclararão, e confirmarão o que se acaba de dizer. « *Os bons buscão aos bons, e os máos aos máos.* » Aqui o primeiro membro, senão seguira o segundo, fora de todo perfeito; porque assim havia periodo, acabando a sentença dentro de si; mas como guarda relação com o segundo membro por contrariedade de pensamento, fica imperfeito o seu sentido, e por esta causa se ha de ter aqui por membro. Tambem faz o sentido de membro toda a sentença precedente, quando depois pomos a causa, ou razão delle, como nesta: « *Bem podeis temer a sua ira; porque amanhã virá armado.* »

Periodo, chamado pelos Latinos *ambito*, ou *circuito*, he aquella perfeita quantidade, ou extensão de clausulas, a que pode chegar huma sentença; pois em periodos se partem, e dividem todos os nossos raciocinios para produzirmos com clareza, e ordem. Para este fim ha tambem na estructura dos periodos suas particulares divisões, de que já temos fallado, tractando dos incisos, e membros, as quaes assignalão certas pausas para recitar com compasso, cadencia, e sentido as partes do discurso.

Estas partes, ou membros do periodo podem ser poucos, ou muitos, segundo os differentes generos de estylo,

com que queremos tractar a materia, ou segundo o que requer a mesma materia. Estes membros sohem enlaçar-se de differentes modos; e a ideia principal d'huma oração pode estar dividida em duas, tres, e quatro sentenças, que juntas conspirem para esclarecer, amplificar, ou corroborar a proposição geral.

Não ha regra fixa para assignalar o numero de membros, de que ha de constar o periodo. Como porém pode haver excesso por huma, e outra parte; o escriptor, conforme a natureza, as circunstancias, e fim do assumpto, e os lugares do discurso, se estenderá, ou estreitar-se-ha mais, ou menos: mas em nenhum dos dous casos excederá os limites, que dicta a nossa propria natureza, assim da parte do que falla, como da parte do que ouve. Os periodos demasiadamente largos fazem embaraçosa, e desalentada a pronunciação, e ao mesmo tempo fatigão o ouvido do que escuta, distrahem-lhe a attenção, e se confunde, ou desvanece a sua memoria, não sendo possivel, que esta, em tão larga serie de sentenças, humas vezes connexas, e outras desconnexas entre si, ajunte a primeira com a ultima.

Não he menor o inconveniente, que resulta do outro extremo; porque nos periodos mui curtos tambem padece o folego, interrompido continuamente, antes de concluir a medida da natural aspiração: e tambem padece o animo do ouvinte opprimido em tão reduzidos circulos; e a memoria não pode resistir ao peso de tão repetidas, e differentes sentenças, quebrando-se o sentido geral do discurso com cortes tão miudos, e frequentes.

Da varia construcção dos periodos nascem as formas differentes do estylo em geral, e do particular de cada es-

criptor ; porque este adopta os periodos extensos, aquelle os curtos, conforme he o caracter, que domina em seu animo, ou o gosto, que lhe communicárão a educação, ou as suas leituras habituaes.

Da extensão dos periodos se forma o estylo numeroso, e rotundo ; porque consta de membros cheios, e bem distribuidos ; e esta composição he a mais oratoria ; pois dá ao discurso hum ar de magestade, de pompa, e dignidade. Mas esta mesma extensão, se não guarda huma justa medida, e se não varia com intervallos mais, ou menos cerrados, cansa, e derrama o espirito com a pompa, e harmonia do discurso ; e mais se occupa o ouvido, do que se move a alma com tão desmesurada cadencia, e continua regularidade de frases compassadas. Tudo o que então o estylo ganha de dignidade, perde de energia. Esta uniformidade continuada em huma serie de sentenças se ha de quebrar com periodos mais breves, posto que menos sonoros ; pois faz mais agradavel effeito a discordancia, do que a cansada repetição de sentenças cortadas por huma mesma medida.

Todavia, attendendo alguma vez á elegancia, e á harmonia do numero, se he permittido sacrificar a precisão á gala, e riqueza da frase ; pode, o que sabe consultar com o ouvido deixar ao periodo, e ainda a seus membros, certa rotundidade, e cadencia, como se mostra nesta grave e grandiosa oração de Vieira. « *Ainda nas guerras civis, quando o povo Romano se armava contra si mesmo, depois da fera crueldade de Lucio Syla, que quiz ser chamado feliz pela abominavel carniçaria, que havia feito em seus cidadãos ; e depois de Cinna, Mario, e Carbon, e*

de outros, que se propozérão o despojo da patria por premio, e pelejárão por quem mais a tyrannisaria; muitos bons, e sabios cidadãos, involvidos na contenda de Cesar e Pompeo, affirmavão, que a Republica não podia ser curada de tão intranhavel pestilencia, senão com darem-se a hum só as redeas do Imperio. »

Da curtidade dos periodos se forma o outro estylo que se chama truncado. Este compõe-se de proposiçoes breves, que não tem nexo humas com as outras; pois cada qual forma hum som perfeito. Esta maneira de composição tem mais viveza, e energia, do que a rotunda, e numerosa; e pertence a certos assumptos, como aos didaticos, aos doutrinaes, e ás sentenças moraes, e politicas, e não assenta mal em os festivos, e jocosos. Mas este estylo só deve reinar onde a qualidade da composição o pede; misturando-o porém alguma vez com o rotundo nos casos, e lugares, que requerem essa união, para fugir da cansada uniformidade.

O estylo cortado parece mais nervoso, e he mais debil; porque a desunião de suas partes deixa destroncada a sua mesma força. São membros robustos; mas não formão hum corpo inteiro. O estylo cortado rompe, e atalha o passo ao discurso do leitor, em vez de que o distribuido em periodos, o guia como pela mão, e lhe offerece assentos de descanso.

Entre os dous extremos de breve, ou derramado he mais toleravel a concisão, do que a redundancia. Aquella cansa e offende; mas não confunde, nem emmaranha as ideias; porque as apresenta limpas, e soltas; mas a outra enfastia, irrita a paciencia do ouvinte, ou do leitor, cuja

imaginação ha de refrear o seu natural curso ao passo da pesada composição do autor. Finalmente cumpre evitar cuidadosamente : 1.° o *Cacophaton*, e ainda mesmo uniões de palavras, cuja primeira syllaba comece por consoante, ou sua analoga em som, que seja a mesma, por que começa a syllaba final da palavra antecedente : como nos Lusiadas (Cant. 8.° Est. 10 e 77)

Tantas batalhas dá *nunca cansado*
Em fim ao *Gama manda*, que direito.

Ou o verso, onde diz « Chorárão-te *Thomé* » 2.° os *Hiatos*, ou concurso de vogaes de sons muito abertos, e sonoros. 3.° A *Collisão*, ou encontro de consoantes asperas.

DA HARMONIA.

Esta nasce, não só da medida, e construcção das partes da oração, senão tambem do modo de as concertar, não pondo notavel desigualdade entre os membros de hum mesmo periodo, e evitando os periodos excessivamente dilatados, e as clausulas mui afogadas ; porque na serie do discurso, como já dissemos, a sua extensão não nos ha de fazer perder o folego, nem torna-lo a tomar a cada instante. Os assentos do perido hão de ser cheios de formosura, e magestade em lugar, que o leitor respire, e descanse : e com esta harmonia se manifesta certa facilidade, que faz desapparecer o artificio dos numeros.

Em alguns escriptores o numero, ou antes a harmonia, está mais na construcção grammatical, do que na forma oratoria, como se disseramos, que este numero está mais na estructura mechanica da frase, ou dos membros separa-

dos, do que na composição, e complemento do periodo. Este sahe de sua medida natural, e logica sempre que os membros, que devem comprehender-se dentro do circulo da proposição, se achão tão carregados de membros accessorios á ideia principal, que cortão o compasso á pronunciação, tirão á respiração o descanso, e confundem a ordem, e sentido da sentença em damno da clareza, e da elegancia. Tambem padece a harmonia, se esses membros accessorios, por ser pouco variados em tons, e medida, não guardão a conveniente proporção entre si na sua extensão, como quando se cerra o periodo com hum final secco, breve, e dissonante.

Não pretendemos com isto, que todos os membros do periodo sejão iguaes em o numero de vocabulos, de que resultem cadencias, ou desinencias semelhantes, que he gosto pueril, ou falta de todo o gosto. A variedade differençada he a que deleita em todas as cousas, e muito mais no que vemos, e ouvimos. O numero move, deleita, e suspende; porém ha de nascer do numero da frase, e seguir a sua estructura, composta de taes, ou taes dicções que lhe deem variedade, de que he mui estudiosa a mesma natureza. Aqui entra a arte, e o juizo para não travar syllabas; e palavras sempre d'hum mesmo theor, e som.

Mas tambem succede n'aquellas orações, que chamão sustentadas, e numerosas, e que á maneira de rios de mansa corrente, e espaçosas voltas levão hum caminho mui largo, e pausado até ao mar, que o leitor, ou ouvinte, conhecida, ou prevista a ultima sentença, que ha de contrastar com a primeira, vè de longe; mas não alcança, o termo onde ha de descansar a impaciencia do

seu desejo. Tanto he o incommodo, que soffre no detido curso desses periodos graves, cheios, e socegados, prenhes de palavras ociosas artificiosamente collocadas.

E se a affectação, e a violencia são inimigas de toda a perfeição, não o são menos neste ponto. O exercicio, e o ouvido melhor, do que todo o esforço do estudo, e sobre tudo huma attenção profunda nos bons modelos ensinarão mais, do que todas as regras.

Do numero nasce a harmonia da frase, e a elegancia da elocução oratoria. A harmonia, fallando com propriedade, he a agradavel, sensação, que resulta da simultaneidade, com que muitos sons accordes ferem o orgão do ouvido. Esta harmonia, ou antes melodia, he a musica da lingoagem, que por huma feliz mistura de numeros, e sons exprime os movimentos dos nossos affectos, e o espirito de nossos pensamentos; e com ella se pinta aos ouvidos, da mesma sorte que com as cores se pinta aos olhos. A harmonia põe huma especie de contrapeso, e equilibrio entre as partes maiores, e menores do periodo, já suspendendo humas, já precipitando outras, sem nunca deter o curso da oração, nem interromper o deleite do ouvido.

Mas pessoas ha tão mal organisadas, ou tão pouco habituadas a perceber o bom som, e doçura das palavras, assim em poesia, como em prosa, que escusadas são regras, escusados exemplos para lhes formar o ouvido, para distinguir o aspero do fluido, o bronco do suave. A taes individuos succede o que refere Plutarco d'aquelle Rei dos Scytas, que havendo captivado na guerra ao celebre musico Ismenias, lhe ordenou, tangesse a sua flauta: e como todos os mais captivos se maravilhassem da sua habilidade; juro

(disse) pelo vento, e pela espada, que muito mais grato me fora ouvir os relinchos d'hum cavallo.

Os antigos Rhetoricos, assim Gregos, como Romanos, ácerca dos principios, e leis da harmonia do periodo forão muito prolixos, e miudos. Assim nos parecem a nosso juizo; porque não conhecemos nas Lingoas vulgares aquella musica, que elles percebião na sua. Esta musica provinha da indole, e syntaxe livre d'aquellas Lingoas, cujas palavras constão de pés, rithmo, e medida, e por conseguinte prestavão-se mui bem á graça, e agrado d'harmonia. Elles tinhão huma prosodia, que determinava a quantidade de suas syllabas; seus vocabulos além disto erão mais cheios, e sonoros; a variedade de suas terminações produzia sons liquidos, e cadencias melodiosas, livres d'aquellas vozes curtas, e surdas como são os artigos, e alguns pronomes, e preposições de que nós por necessidade usamos, como auxiliares do regimen grammatical. Fóra disto a indole d'aquellas Lingoas tinha a vantagem do uso das inversões, o qual dava liberdade aos escriptores para collocarem as palavras no lugar, que mais ajudasse á melodia musical do periodo.

Posto que a nossa prosa possa sujeitar-se em muita parte a essa regra metrica, como a quantidade das syllabas das Lingoas modernas não está assignalada por leis prosodicas; estas differenças não as perceberia o nosso ouvido por causa do solto, e corrente curso, que levamos em a pronunciação das nossas orações, e porque todos os documentos ácerca da medida, e numero da nossa prosa são em grande parte vagos, e incertos.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

INDICE

DAS MATERIAS DESTE VOLUME.

Pag.

INTRODUCÇÃO. Vantagens da Eloquencia..... i
LIÇÃO I. Requisitos necessarios ao Orador, e ao homem eloquente..... 1
LIÇÃO II. A Imaginação..... 10
LIÇÃO III. O Gosto..... 18
LIÇÃO IV. Continuação da mesma materia..... 23
LIÇÃO V. O Engenho 28
LIÇÃO VI. Da Invenção 35
LIÇÃO VII. Da materia, e generos de Eloquencia..... 40
LIÇÃO VIII. Da Disposição, Exordio, Proposição, &c..... 46
LIÇÃO IX. Da Elocução..... 55
LIÇÃO X. Do Uso a respeito da Lingoagem..... 62
LIÇÃO XI. Continuação da mesma materia..... 71
LIÇÃO XII. Maximas relativas á Autoridade dos Escriptores Classicos..... 76
LIÇÃO XIII. Do Purismo, e Perigrinismo..... 86
LIÇÃO XIV. Da propriedade das palavras, e do Ornato..... 89
LIÇÃO XV. Das Enargueias..... 98
LIÇÃO XVI. Das Semelhanças, Parabolas, Imagens, Emphases Noema, e Conceitos Oratorios..... 107
LIÇÃO XVII. Da Amplificação, e suas especies: Conceitos agudos, e sentenciosos..... 115
LIÇÃO XVIII. Do Adorno Oratorio, e dos Tropos..... 121
LIÇÃO XIX. Da Metafora..... 132
LIÇÃO XX. Da Allegoria, e da Ironia..... 142
LIÇÃO XXI. Da Metonymia, Metalepsis, Antonomasia, Onomatopéa, e Hyperbole..... 150

pag.

LIÇÃO XXII. Da Synecdoche, o Epitheto, a Periphrase, e o Hyperbaton 160

LIÇÃO XXIII. Das Figuras Oratorias.—1.ª Classe. Figuras relativas á Reflexão. 2.ª Classe. Figuras relativas ao sentimento. 3.ª relativas á convicção 173

LIÇÃO XXIV. Da 4.ª Classe das Figuras, relativas á imaginação. A Hypotypose, e á Prosopopéa 184

LIÇÃO XXV. Da Ethopéa 5.ª Classe de Figuras relativas á percepção por via de contraste. A Anthitese, o Parallelo 194

LIÇÃO XXVI. Das Figuras relativas á percepção por via de relações. Figuras relativas á percepção de realidade indirecta. Idem á percepção de realidade directa. 6.ª Classe de Figuras relativas ao ouvido. Reflexões sobre as Figuras. Figuras mixtas 206

LIÇÃO XXVII. Da Composição, ou collocação das palavras 217

TYP. IMP. DE F. DE PAULA BRITO. — 1846.

LIÇÕES

DE

ELOQUENCIA NACIONAL.

LIÇÕES

DE

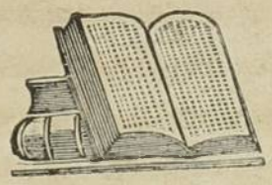
ELOQUENCIA NACIONAL

PELO PADRE

Miguel do Sacramento Lopes Gama

Commendador da Ordem de Christo
Pregador e Conego Honorario da Imperial Capella, Professor Jubilado de Rhetorica
e Professor de Lingoa Nacional de Lyceo de Pernambuco.

TOMO SEGUNDO.



RIO DE JANEIRO.

TYP. IMPARCIAL DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 64.

1846.

LIÇÕES DE ELOQUENCIA NACIONAL.

LIÇÃO PRIMEIRA.

DO BELLO.

Entramos em huma materia, que por abstracta, se torna difficil, e pede da nossa parte a mais seria attenção. Grandes Philosophos tem escripto sobre o Bello: mas nós aqui expenderemos em resumo as doutrinas de Blair, de Victor Cousin, e de Jeffroy no seu excellente curso de Esthética, extrahindo de seus escriptos a este respeito o que nos pareceo mais conveniente, e proveitoso ao fim que nos temos proposto.

Quando lançamos os olhos pela natureza viva, quer dessa vida especial, que se chama vida humana, quer dessa vida mais geral, que se chama vida organica, e até pela natureza inanimada, sujeita só ás leis da mechanica, encontramos objectos, que nos fazem experimentar doces ou dolorosas sensações. Quando qualquer forma se nos põe diante dos olhos, ao mesmo tempo, que julgamos, que ella existe; experimentamos huma sensação agradavel ou desagradavel. Se nos perguntão por que ella nos agrada; não podemos dar a razão: se nos dizem. que desagrada a outros; não nos admira; porque sabemos.

que a sensibilidade he diversa, e que se não deve disputar a respeito de sensações. Até aqui ainda não temos mettido o pé no dominio d'arte: o objecto desta he o Bello; e nós só estamos no agradavel. Mas acaso não succede algumas vezes, que huma forma não só nos he agradavel, senão, que nos parece como bella? Quando nos perguntavão; porque nos era agradavel, só poderiamos responder por nossa propria autoridade: eu sou o unico juiz do que me agrada, ou desagrada. Quando porém nos perguntão; porque dizemos, que esta forma he bella; appellamos para huma autoridade, que não he nossa, que se impõe a todos os homens, isto he; á autoridade da razão.

Nós não permittimos, que nos contestem o agradavel desta figura; por isso que o prazer encerra-se na esfera individual de cada hum; e se alguem nos diz, que acha gosto, ou que soffre, não nos vem á ideia o contestarmos o seu dicto, excepto se o queremos accusar de mentira. Quando pelo contrario julgamos, que huma figura he bella, se nos sustentão, que o não he, parece-nos, que tal questão se estabelece no dominio commum a todos os homens ,que aqui cada hum tem o direito de contestação, e accusamos o nosso adversario, não de mentira, mas de erro. A dor, e o prazer só tem realidade no seio d'aquelle, que os experimenta; e quando dizemos: *isto me agrada, isto me desagrada;* julgamos como individuos, e empregamos d'huma só vez todos os gráos de jurisdicção: mas a verdade, e essa parte da verdade, que se chama belleza, não existe encerrada em cada hum de nós: antes he como a patria commum da humanidade, de que ninguem tem direito

de dispor soberanamente: e quando dizemos: isto he verdadeiro, isto he bello; já não queremos exprimir o sentimento variavel, e individual; porém sim o juizo universal, a lei objectiva imposta a todo o homem: quando eu digo — isto he agradavel — não fallo, senão por mim: quando digo — isto he verdade fallo por todos os homens. Tomemos hum exemplo, senão em a natureza, onde a belleza ainda está envolvida de nuvens, ao menos n'arte, onde ella brilha com mais pureza. Diante do Apollo do Belvedere eu digo, que esta figura he bella: e não estou convencido, que fallo aqui não d'huma impressão pessoal; mas do juizo de todo o mundo? Não imponho a minha sensação a ninguem; mas sinto-me com o direito de impor a razão a todos. O mesmo seria á vista d'huma belleza natural.

Devemos pois reconhecer, que no homem ha sensibilidade physica, e razão; que humas vezes a sensibilidade physica obra só, e então não tem lugar o erro, nem a disputa: que outras vezes tambem a razão obra por si só, e neste caso ella he a expressão d'alguma cousa de objectivo, e por conseguinte de universal. Se se reunem a sensação, e o juizo, então existem hum elemento individual, e hum elemento universal: nós sentimos como individuos, e julgamos como humanidade; por outra, o juizo tem huma alcada, que se estende fóra da esfera pessoal.

Quaes são porém os caracteres do agradavel, e do bello? A nossa resposta he: que a unidade, a proporção, a simplicidade, a regularidade, a grandeza, a universalidade apparecem mais, ou menos nos objectos, que julgamos bellos; e os caracterès do agradavel são,

a variedade, o movimento, a flexibilidade, a energia, a individualidade. D'aqui vem agradar-nos tudo o que tem vida: a determinação das formas, o movimento variado, a diversidade dos sons taes são as faces do lindo, ou do agradavel. Este tem dous caracteres principaes, que produzem impressões differentes, e tem recebido differentes nomes. A' vista d'huma rosa, por ex., eu sou tocado d'huma sensação agradavel, a que chamo expansão: á vista d'huma nuvem tempestuosa, á vista dos seus contornos fortemente sahidos, e dos matizes de purpura, e de prata, que apparecem engastados no azul escuro do ceo, eu experimento huma sensação agradavel, misturada de concentração. Alguns Philosophos, e Burke principalmente, derão o nome de Bello ao primeiro genero de agradavel, e ao segundo o nome de sublime: mas nós não podemos ver aqui, senão dous generos de agradavel; hum lisonjeiro, outro severo; mas ambos excitados pela variedade, e pela vida. Acima destas duas especies de agradavel está o Bello, que tem por caracter fundamental a unidade.

Todos os objectos contidos no universo servem, e conspirão para pôr no desejado exercicio as potencias vitaes do homem, e restringindo a capitulos as operações, com que se ellas fazem manifestas, a tres principalmente se podem reduzir; ás intellectuaes, ás sensitivas, e ás corporaes, ou antes á faculdade pensante, volente, e operante. Mas para determinar o officio, que lhes apresentão os objectos exteriores cumpre discernir as relações, que ha entre ellas, isto he; o seu respectivo modo de ser, a impressão, que operão, ou a percepção, que produzem

os sentidos, e o seu uso, ou antes a sua applicação ás necessidades da vida. As relações conhecem-se, as impressões sentem-se, os usos gozão-se: as primeiras constituem a verdade, as segundas produzem o Bello, as terceiras qualificão o bom: as primeiras pertencem ás faculdades intellectuaes, as segundas ás sensitivas, ás corporaes as terceiras. Por este modo com o exercicio dessas faculdades, a que corresponde o officio dos objectos exteriores, se provè á instrucção, aos prazeres, e ás precisões dos homens; e de conseguir estas cousas resulta propriamente o pleno sentimento da vida, ou a possivel felicidade humana. O proposito de chegar a esta felicidade por via do verdadeiro, do bello, e do bom he sabedoria; o estudo de levar a effeito esse proposito, sem que impedido se afrouxe, ou mal dirigido se extravie, he Philosophia.

Muitos crèrão, que o sentido do Bello procede originariamente do Util: mas isto he falso; porque o util, e o Bello são duas cousas de facto distinctas, e huma pode estar sem a outra. A cor, e o sabor de hum pomo não tem connexão necessaria. O util pode sim tornar-nos o Bello mais caro; porém não o faz ser nem mais bello, nem mais admiravel. Huma planta de bello aspecto agrada-nos, posto que venenosa. Admira-se a mosqueada pelle d'huma serpente, apezar de se ter della temor, e admira-se hum grande capitão, com quanto o seu valor haja sido fatal a muitos. Mas se não he necessario, que esta qualidade me seja util, nem por isso me deve ser damnosa; porque o amor proprio, que he o mais forte dos sentimentos, não me poderia permittir o admiral-o.

Horacio, que havia combatido pela patria contra parentes, e amigos, e que sosinho soube triunfar de tres, era certamente hum homem admiravel, em quanto que a irmã, amante, e esposa de hum dos Curiaceos prorompe em maldições contra a virtude do irmão.

Postos estes principios, e restringindo as nossas observações ao Bello, e ás faculdades sensitivas (pois que o verdadeiro, e o bom não pertencem ás nossas instituições) fallaremos primeiramente do Bello natural, depois do Bello moral, e finalmente do Bello artificial.

DO BELLO NATURAL.

O Bello natural consiste na *aptidão, que tem os objectos, que compõe a natureza universal para pôr em conveniente exercicio as faculdades sensitivas do homem.* Desta ideia sobre a belleza physica derivão muitas consequencias importantes, que iremos expondo com brevidade.

A primeira consequencia diz respeito á importancia intrinseca da belleza, a qual alguns considerão como hum vago objecto de frivola vaidade, ou de delicada galanteria, como hum argumento gentil de cupidos requebros amatorios, como huma insignia graciosa das façanhas de amor: outros porém a tomárão por uma materia subtil, e quasi aerea, accommodada aos conceitos mais especulativos, e ás mais transcendentes abstracções: pelo que divididos pela mór parte entre o sentir commum, e o sublime devanear, não virão na belleza hum dos agentes primarios da natureza physica, e moral, huma semelhança

impressa nos objectos para figurar de mil diversas maneiras a belleza suprema, e a archetipa perfeição, huma potencia emfim, que domina toda a humana moralidade, e que dá impulso, e regra a quantos sentimentos se suscitão no homem desd'a vista da flor do prado até a contemplação dos infinitos attributos de Deos. Aristoteles affirmou, que sem a belleza não haveria felicidade no mundo, sentença, que, supposto fosse motejada por Luciano, contèm todavia huma verdade profunda, e maravilhosa para todo o entendimento meditador. A belleza em summa he o esplendor do Semblante de Deos diffundido pela creação; no que concordão as sagradas paginas do Ecclesiastico, nas quaes se louva o homem virtuoso, que entende no estudo da belleza.

Dizer, que a belleza consiste na aptidão, que tem os objectos naturaes para pôr em conveniente exercicio as faculdades sensitivas do homem he dizer, que a belleza pode produzir o affecto; pois que todo o exercicio de qualquer destas não he, senão um movimento, ou huma serie de movimentos do coração, e todo o movimento do coração, he affecto. Mas para que se dè este affecto, he mister, que o objecto exterior estampe de si huma clara, e ordenada imagem na mente. D'aqui a segunda consequencia, que tirar podemos desta definição, isto he; que para haver belleza occorrem uma imagem no entendimento, e hum correspondente affecto no coração, de modo porém que as faculdades intellectuaes se fação mensageiras das sensitivas, e que a imagem seja o meio, e o affecto o fim.

D'aqui claramente se deduz, que geradoras do senti-

mento do Bello só serão as impressões, que recebemos por meio do olho, e do ouvido, pelo que o Bello natural, ou o physico divide-se em visivel, e musical; porque os raios da luz, e as vibrações do ar, partindo com seguras, e constantes normas dos corpos luminosos, e sonoros, e com normas igualmente seguras, e constantes operando sobre os sentidos da vista, e do ouvido, recta, e completamente imprimem n'hum as figuras, n'outro os sons; e dest'arte a alma plenamente conscia das suas sensações, pode sem incerteza alguma attribui-los aos respectivos objectos, e ahi delles se namorar, por assim o dizer, e discernir claramente o que nelles ha de bello. Só os sentidos da vista, e do ouvido tem o privilegio de ter conhecimento, e gozar do Bello, o que não he de maravilhar; porque estes sentidos parecem ser o distinctivo dos entes racionaes, e os outros tres mais pertencem ao bruto, do que ao homem. A vista, e o ouvido differentemente dos outros sentimentos despertão ideias de relações, convidão á contemplação, á reflexão, e misturão o corpo com a alma, mistura que he justamente a que distingue as sensações, e prazeres do homem das bestas.

Passaremos a aventurar outra reflexão sobre a causa, que fez assignar o titulo de bello aos objectos relativos a estes dous sentidos. A ideia do Bello suppõe no objecto huma qualidade real inherente nelle, e por si existente. Ora entre todos os objectos do mundo physico só os que se referem aos olhos, e aos ouvidos nos apresentão huma excellencia, que tem verdadeiramente huma realidade intrinseca. Huma comida saborosa não me

solicita o gosto, senão he triturada pelos meus dentes, e maneada pelo meu paladar: huma flor mesmo ha mister approximar-se ao meu nariz, para deleitar-me com a sua fragrancia. D'aqui a sensação, que se recebe destes objectos, parece devida, ao menos na metade, a nós mesmos; e a qualidade, que nos impressiona, parece hum producto do trabalho dos nossos orgãos, sem o qual não teria existencia. Pelo contrario os olhos, e os ouvidos sendo de facto passivos, e inoperosos em receber as impressões das cores, e dos sons, são parte para que sejamos naturalmente dispostos a attribuir aos corpos sonoros, e visiveis huma excellencia absoluta, e inherente, e que não poderiam perder, ainda que não houvesse nem espectadores, nem ouvintes. Estes dous orgãos em summa são os menos intromettidos na materia, e por assim dizer, mais espirituaes, que os outros; titulo bastante para que o sentido do Bello lhes pertença exclusivamente.

Pois que a Belleza, como havemos dicto, consiste na aptidão, que tem os objectos naturaes para pòr em conveniente exercicio as nossas faculdades sensitivas, devemos inferir por terceira consequencia, que taes objectos são todos dotados d'alguma belleza. E para aplainar o caminho, a fim de que melhor se entenda esta verdade, he mister fazer tres advertencias: 1.ª que não queremos fallar indistinctamente de todos os objectos, que compõe a natureza universal, senão, segundo os principios estabelecidos, d'aquelles somente, dos quaes recebemos impressões por meio da vista, e do ouvido: 2.ª que nestas impressões nós pomos o sentido da belleza, e não nas influencias

physicas, e muito menos nas acções mechanicas: 3.ª que consideramos os objectos naturaes em sua pura, e primitiva condição, e livres de toda a associação estranha, e modificação facticia: e isto tem a seu favor, além do raciocinio, tambem os factos; porque todo aquelle, a quem a natureza concedeo coração sensivel, e bem formados orgãos, não ha mister longas observações, basta, que levante os olhos, e os estenda em torno de si para admirar o bello, que se lhe apresenta no ceo, na terra, no ar, e por toda a parte.

Se apezar de ser universal o bello da natureza, a alguns não apparece tal em muitos objectos, devemos lançar a culpa ás seguintes não leves razões. A primeira, e principalissima consiste na diversidade da constituição physica, e indole moral, com que cada individuo nasce, á qual necessariamente produz hum modo diverso nos orgãos corporeos para perceber, e no animo para sentir a belleza. D'aqui vem, que o mesmo objecto, que agrada a hum, desagrada a outro, differença, que não só se encontra nos individuos, como em nações inteiras.

A segunda razão está na inhabilidade, do maior numero dos homens em elevar o animo á contemplação da belleza diffundida pelo universo, e que forma quadros, e symetrias com os seus variados adornos opportunamente dispostos, e magistralmente combinados. Tambem a educação, que modifica as forças, e tendencias do corpo, e applicada ao animo tempera-lhe os effeitos, e vontades, não pode deixar de ter huma influencia directa sobre a maneira de sentir a belleza. E he a educação realmente tão poderosa, que alguns, que crescem

entre as mollezas domesticas, e os refinamentos sociaes. cerrão o entendimento, e o coração a todo o Bello. que não seja artificial; pelo que nenhum objecto da natureza escolhida pode ter graça a seus olhos; e outros abandonados a si mesmos, e tornando-se servos da má indole, e assoberbados das paixões da licença, contrahem o habito dos vicios, e só hum violento, e immoderado exercicio pode mover, e deleitar os seus corações já calejados, sobre os quaes as impressões, que o ceo, e a terra envião copiosamente para alegrar a vida, apenas deixão hum vestigio incerto, e fugitivo.

As precisões, que os homens soffrem, e as vicissitudes, a que vivem sujeitos, concorrem igualmente para tornar mudo á sua contemplação o aspecto da belleza universal. Finalmente o falso sentir dos homens, como attribuir os proprios sentimentos a huma causa determinada, quando elles de facto provèm de outra; as falsas ideias, e entre estas confundir a belleza com a verdade, e com a bondade, os prejuizos, especialmente, aquelle, que a belleza a todo o instante se muda, são as principaes razões, por que a existencia da belleza universal distribuida por todos os objectos naturaes, ou se nega, ou se põe em duvida.

Mas se o sentimento do Bello consiste no moderado, e conveniente exercicio das nossas faculdades sensitivas; he evidente, que, para o ter, devem taes faculdades ser exercitadas sem fadiga, e sem uniformidade; porque a fadiga faria penoso o exercicio, e a uniformidade o afrouxaria até por fim extingui-lo de todo; e d'aqui deduziremos, como quarta consequencia dos principios estabelecidos que he mister geralmente, que nos objectos bellos se

achem ao mesmo tempo variedade, e unidade; por isso que a variedade provida, e abundante presta sufficiente alimento á alma, que he insaciavelmente ávida della; e a unidade qual sabia ministra de maneira a reparte e dispensa; que possa ser moderadamente tomada, e sufficientemente gozada; e com estas palavras de unidade, e variedade parece, que vem a notar-se a semelhnça, ou dissemelhança; porque a unidade suppõe huma semelhante distribuição de partes todas dispostas ao mesmo fim, todas combinadas sobre o mesmo typo; e a variedade busca partes não identicas, não iguaes, senão diversas entre si em natureza, em temperamento, em accidentes: d'onde parece, que a variedade dá prova aos homens do Supremo Poder Creador, e a unidade testemunha a Sabedoria; porque aquella demonstra huma ineffavel força producente, e esta hum bem conhecido concelho ordenador.

Entre os dous extremos pois da variedade, e da unidade guarda o ponto medio a belleza, na qual por isso se contèm a razão de todas as partes da creação, de seus objectos, de suas localidades, e onde parão todos os desejos do coração humano: por isso sendo a belleza o primeiro resultado do poder, e da sabedoria combinados, he tambem a primeira voz, que nos falla de Deos, e nos annuncia as suas maravilhas, d'onde nasce aquella verdadeira sentença, que he a belleza a escola mais azada, e aberta, para que se possa chegar da creatura ao Creador. Com razão por tanto se chamou a linha curva a linha da belleza; porque sendo aquella sempre a mesma por natureza, muda depois a todo o instante pela continua de-

clinação de seus pontos o proprio andamento ; e por isso acertadamente symbolisa aquella união de variedade, e unidade, de que resulta o Bello. O olho menos perspicaz, o entendimento menos atilado bastão para discernir, e convencer-se, que de unidade, e variedade está cheio todo o universo.

A luz, que he a maior ministra da belleza, assim como o sol, fonte d'aquella, he o maior ministro da natureza, a luz apparece composta de raios semelhantes, e se estende uniformemente, e uniformemente preenche os proprios officios; mas todo o raio divide-se em sete diversas cores, as quaes, cahindo sobre infinitos objectos, os pintão com infinita variedade, e harmonia; e depois reunindo-se fundem-se em hum vivissimo clarão, imagem d'alegria, que da paz, e concordia provèm á noss'alma.

Mas o que mais admira, e deleita he observar, que na variedade absoluta, que divide o mundo physico do mundo moral, ha huma unidade positiva, que os avisinha, e ajunta. O dia surge, chega ao meio dia, e trasmonta: taes são tambem as graduações da vida do homem. Vemos os ventos revolverem o mundo physico, e as paixões, como os ventos, agitarem o mundo moral: vemos as tempestades condensadas pelos ventos derramarem sobre a terra amedrontada fogos, e saraivas, do mesmo modo que as vicissitudes produzidas pelas paixões trazem angustias, e desgraças aos trepidos mortaes. Deste modo a natureza physica se faz symbolo da moral, e a moral se faz espelho da physica: deste modo o ceo, e a terra, os homens, a fortuna, os annos, as paixões, os metaes, os acontecimentos, os astros, tudo concorda com aquella su-

prema harmonia, que a primeira vez sobre os rios do abysmo sahio do pensamento do Eterno determinado á Creação. Tal he o Bello natural.

LIÇÃO SEGUNDA.

DO BELLO MORAL.

Se a belleza natural, operando as suas impressões sobre a alma a imprime nella, e a trasmuda nos proprios idolos; segue-se necessariamente, que as correspondentes sensações tem todas hum caracter expresso de belleza, e bem assim, a vontade, e as obras, que della procedem; e disto ha huma razão inteira, e sublime. Se todos os objectos, que compõe a natureza na sua pura, e primitiva simplicidade, encerrão hum elemento de belleza, e este se mantem, e modifica, e ás vezes até cresce, segundo passão de huma para outra condição, e mudão de aspectos; se no meio de tanto apparato de magnifica belleza o homem está collocado como hum centro, onde vão parar todas as relações, e onde se reunem as impressões, que sahem de todas as partes para excitar em seu animo imagens, e affectos; absurdo, e contraditorio fora, que a mais nobre de todas as creaturas ficasse inferior ás outras a respeito da belleza, de maneira que este esplendor do semblante de Deos em todas refulgente, só no mesmo homem se escurecesse; e em quanto são bellos o vegetar das plantas, o mover-se dos animaes, os movimentos, as transmutações, os rumores de toda a natureza, só as acções humanas fossem destituidas dessa qualidade, e

nellas findasse a belleza, e por assim dizer se despintasse contra todas as regras d'analogia, contra o principio de unidade dominante no universo, contra aquella mesma lei geral, que quer, que os effeitos sejão semelhantes ás causas.

Mas não acontece assim: nos sentimentos, e nas acções humanas, que procedem das impressões da belleza, e constituem o moderado exercicio das faculdades sensitivas, está posta huma belleza, que por sua natureza se chama moral, e he parte electissima da belleza universal, e entre todas a mais efficaz, e fecunda em optimos resultados. Como porém na vida humana ás impressões da belleza ajuntão-se outros impulsos, e o imperfeito temparamento, a fallaz educação, as precisões facticias, as influencias sociaes tornão o exercicio do coração irregular, e violento, antes do que conveniente, e moderado; nem todos os sentimentos humanos são bellos, como o são todos os objectos naturaes; e por isso da belleza moral se não pode julgar com aquella franqueza, e generalidade de principios, com que se julga a respeito da natural. Mas devemos reputar absolutamente *bellas aquellas vontades, e acções dos homens, que são conformes aos dictames da belleza natural, e participão, e são propriamente formadas d'aquelle amor, que he inspirado pelas impressões de todos os objectos naturaes.*

Deste modo o bello natural faz-se exemplar do moral, e o seu culto se torna escola de virtudes. Este principio, pareceo-nos mui simples, e nada duvidoso; e mais se esclarece a sua certeza, quando attentamos para aquelle sentimento, que em nós se excita ao ver, ou antes a ou-

vir algum acto de magnanimidade, de justiça, de beneficencia, ou de qualquer outra virtude. Este sentimento, huma vez bem examinado, acha-se semelhante a aquelle gosto, a aquella consolação, que em nós se dá, quando experimentamos o gozo da verdadeira belleza, ou quando nos sobrevem alguma boa fortuna : assim parece que a alma, ao saber de um acto de tal genero, sente ajudada aquella natural tendencia, com que he levada á bondade, e benevolencia, e por isso se compraz, como de hum seu bem proprio.

Mas para justamente avaliar a importancia deste sentimento, cumpre sabe-lo experimentar ; e isto he tão verdadeiro, e tão forte, que o homem justo, magnanimo, e puramente bom não chora pelos males da vida, não chora por causa das tribulações, que lhe occasinão as enfermidades, as desventuras, as injustiças dos homens, e os caprichos da sorte ; mas derrama suavissimas lagrimas ao ver huma familia salva de imminente perdição por obra d'hum homem generoso, ao observar a beneficencia, que penetra a habitação dos miseraveis, e lhes leva palavras de consolação, e soccorros de charidade, ao contemplar hum heróe radiante de alegria, e de gloria, que torna aos braços de seus parentes, e concidadãos, a quem com o seu braço defendèra; ao ver emfim qualquer acção, que traga honra, ou vantagens á especie humana.

Mas contra o estabelecido principio, de que se hão de reputar moralmente bellas somente aquellas vontades, e acções humanas, que correspondem aos dictames ensinados pela natureza pelo orgão da belleza, poder-se-ha oppor, que a alma algumas vezes approva, e

julga bellas ainda mesmo acções, que inspirão odio, e vingança, temerarias tentativas, sanguinosas emprezas. Esta objecção porém facilmente se dissipará para quem souber decompor as acções humanas, e dividi-las em suas partes distinctas; pois verá então, que o animo aborrece quanto nellas ha de torpe vingança, de odio, de crueldade; e applaude ao mesmo tempo, e dá louvor de belleza ás provas de valor, de magnanimidade, e intrepidez. Deve-se pois reflectir, que nos objectos moraes, bem como nos physicos, os contrapostos servem admiravelmente para dar maior realce á belleza; e assim como mais se admira a amena collina visinha ao hórrido despenhadeiro, do mesmo modo huma qualidade boa a par de hum vicio brilha com maior luz, e causa hum prazer mais vivo pela immediata comparação. Além disto não se deve crer, que o gozo, que a alma experimenta ao ver o espectaculo, ou ao ouvir a narração d'hum facto extraordinario, mas malvado, seja todo effeito da belleza do mesmo facto: elle muitas vezes provèm da satisfação causada por aquelle ávido desejo de sentir, de que a noss'alma he incessantemente agitada, e pelo qual em falta de outros prazeres recorre á mesma dor.

Contra a ideia por nós exposta do bello moral ainda poderá alguem dizer, que os sentimentos mais louvaveis, e sanctos, como sejão o amor maternal, e conjugal, quando violentamente excitados, convertem-se em dores capazes de occasionar a morte: mas he claro, que se taes commoções traspõe os limites da moderação, de agradaveis se tornão dolorosas, bem como as afflictivas, retrocedendo sobre os mesmos gráos, tornão a ser agradaveis.

quando estas não são de natureza perversa, e incapazes de belleza. O Bello moral mais se pode confundir com o verdadeiro, do que o Bello natural, de maneira que quem não for bastante destro em distinguir a diversa origem, e natureza diversa dos sentimentos humanos, facilmente poderá com gravissimo erro attribuir a este os caracteres, e effeitos d'aquelle.

A verdade he huma clara imagem, que se forma na mente, que representa alguma relação existente no mundo, d'onde directamente nenhum effeito se desperta no coração, se bem que se possão della derivar muitos resultados uteis á especie humana. A belleza he igualmente huma lucida imagem estampada na mente por aquelles objectos exteriores, que são capazes de opera-la, pela qual surge no animo hum affecto immediato, posto que nenhuma util consequencia d'ahi provenha, além da geral de formar o coração, e educa-lo no amor e na virtude: o que significa, que a verdade consiste na relação dos objectos, e a belleza nas impressões, que estes produzem, pelo que cumpre distinguir attentamente huma da outra. O certo he todavia, que em conhecer a verdade, e sentir a belleza o animo procede até certo ponto com as mesmas operações; e que o surgir do affecto he o verdadeiro indicio da belleza presente, e o unico partidor, que a separa da virtude.

Mas como os uteis resultados, que algumas vezes provèm da verdade, causão tambem hum sentimento de justa, e natural satisfação; este sentimento he tomado algumas vezes por aquelle signal de belleza, que realmente não he; d'aqui vem, que ainda os mais illustrados ao ouvir

huma demonstração, que directamente conduz a huma clara, e manifesta conclusão, exclamão muitas vezes «Que bello!» com quanto nesse caso se não tracte de belleza. Quem attentamente examina a sensação, que experimenta a alma em descobrir, e conhecer qualquer verdade, para logo alcança, que o prazer, que ella sente já não provèm do objecto conhecido, e descoberto, senão do mesmo conhecimento, ou descoberta; porque em quanto a imagem do objecto se imprime directamente no entendimento, o affecto contemporaneo, que se desperta no coração, não vem directamente d'aquella imagem, porém sim de mil causas, e circunstancias moraes, que lhe são associadas, e que operão precisamente n'aquelle momento, como sejão a satisfação do amor proprio, o conseguimento de hum fim de muito tempo desejado, &c., &c.

Que o quadrado da Hypothenusa seja igual, ou não aos seus dous lados tomados juntamente, cousa he de certo indifferente ao coração, e de nenhuma sorte o commove: mas Pytagoras, ao descobrir a demonstração d'aquelle theorema, ficou fora de si de prazer, a ponto de votar huma hecatomba aos deoses; porque previa o uso, que dellas se faria na Geometria, e presentio a gloria, que d'ahi lhe teria de vir. Para evitarmos pois toda a confusão, cumpre estarmos certos, que para se dar o sentimento do Bello he preciso, que a imagem, e o effeito sejão não só contemporaneos, como tambem immediatamente excitados pelo objecto; o que não acontece no verdadeiro, em o qual o affecto, se o ha, he sempre manisfestamente separado da imagem. Se para justificar

as sentenças de Boileau; e de outros, que affirmão ser o Bello o mesmo verdadeiro, quizessemos mostrar alguma coherencia n'este, e n'aquelle, poderiamos dizer, que tal coherencia com a verdade se encontra na belleza moral, e que os sentimentos, que a constituem, considerados por outro lado, então são bellos, quando verdadeiros, isto he; quando são uniformes com as tendencias primitivas inspiradas pela natureza, as quaes propriamente são o typo perfixo pelo Creador ao humano sentir.

Esta verdade subministra huma regra, e forma hum criterio para julgar da belleza moral, e melhor esclarece as leis, e torna manifestos os impulsos legitimos da natureza, se esta no homem se corrompe, e se este por desgraçada indole, ou por má instituição não pode receber os seus puros, e ingenuos ensinos. Pode-se dizer, por exemplo, que o valor he bello, quando verdadeiro, e he verdadeiro, quando se opera por objectos merecedores de protecção, e de defesa; quando em segundo lugar sabe discernir o perigo, examina-lo, e medir as proprias forças, quando finalmente em exercita-lo se observão, quanto he possivel, aquellas maneiras, e advertencias, que requerem a razão, e a humanidade. Se falta a primeira condição, o valor não he mais, do que hum impeto cego, e intempestivo; se a segunda, huma temeraria audacia; se a terceira, huma iniqua brutalidade, ou huma insolencia cruel.

Objecto de grande momento he a belleza moral que exercita uma influencia, ou, para melhor dizer, hum poder, talvez ainda não plenamente conhecidos nem d'aquelles, que os experimentão em si mesmos, nem dos

que lhes observão os effeitos: por isso que o vulgo, os mancebos, as mulheres, e geralmente todos aquelles, em quem o coração prevalece ao entendimento, considerão os objectos, principalmente moraes, antes pelo lado da belleza, do que da verdade, e mais se deixão conduzir pelas sensações, do que pelo raciocinio. Nos seus transportes de devoção em os seus tumultuosos concursos ás Igrejas, elles não pensão seguramente nos fundamentos da Fé, e na verdade da Religião; porém a magnificencia do culto, os ritos, as preces, a contemplação d'huma grandeza superior a todo o exemplo, a todo o pensar, o sentimento de hum amor soberano, e inconsumivel, tudo isto forma um complexo de Bello moral, que falla huma lingoagem unica, e intellectual, que exercita sobre a imaginação, e sobre o coração hum poder, a que nada se pode comparar.

Quando depois da restauração do Culto Catholico em França, se ouvio pela primeira vez soar o grande sino da Igreja de N. Snr.ª de Pariz, que estivera calado por tantos annos, huma commoção, hum jubilo, hum tremor involuntario assaltou o maior numero dos habitantes, e derramárão-se infinitas lagrimas; porque aquelle som, sem que se reflectisse na grandeza, e felicidade do acontecimento, que annunciava, fazia reviver simultaneamente as caras impressões da primeira idade, o amor d'huma Religião associada aos mais deleitosos affectos da vida, e aos mais illustres feitos da nação. Assim a memoria já não dolorosa, e a gloria resurgente de huma fé, que se conservara incontaminada por tantos seculos, mil sentimentos de tanto tempo comprimidos, mil esperanças forçosa-

mente suffocadas, suscitadas por hum simples som, em que alias havia huma escondida belleza moral, fez desapparecer em hum momento a obra d'huma revolução, operada a preço nunca assás chorado de erros, e delictos, resultados d'huma cruel politica, e d'huma errada Philosophia; e reconduzio a maior parte dos animos a aquelle recto, e brando sentir, que antes se pretendia destruir.

Entre as maiores desgraças da humanidade quem não contará a conquista? Entretanto o povo conquistado applaude com enthusiasmo o conquistador, se este se apresenta resplandecente de gloria, e cingido de innumeraveis tropheos; porque aquelle atrevimento, com que superou todos os obstaculos, e assenhoreou a fortuna, aquella fama, que assegura a seu nome a immortalidade, aquelle invicto poder, que torna huma só mão arbitra de cem Provincias, e de innumeraveis exercitos, tudo isto forma hum aspecto de magnifica belleza, que excita n'alma a admiração, que dá tregoas ao coração, e conforta a miseria do homem com a ideia da grandeza do genero humano.

Que diremos pois da virtude? A virtude pura, e verdadeira não sendo outra cousa mais, do que a belleza moral reduzida da potencia a acto, produz necessariamente as impressões mais solemnes, e vehementes. Podem sim os máos, os malfazejos, os calumniadores cerca-la de nuvens: mas basta, que hum só raio a atravesse para que tudo vença, e se mostre em todo o seu esplendor. He Scipião citado a comparecer no foro para dar conta do seu proceder; e em quanto Senadores, advogados, tribunos, e gente da plebe estão impacien-

tes por ouvi-lo, elle, guardando no peito indignado altos sentimentos, e firme na consciencia da propria rectidão, sobe ao Capitolio, e exclama « Romanos, recordo-me, que neste dia venci Carthago: vamos dar graças aos deoses.» E o povo arrastrado d'aquella victoriosa virtude, segue-o de tropel, esquecido já da causa, e do foro, applaudindo o acto magnanimo, e saudando ao pai da patria.

Mas a tendencia da maior parte em considerar os objectos moraes antes pelo lado da belleza, do que da verdade, ao mesmo passo que produz muitos effeitos saudaveis, em alguns casos pode tornar-se perigosa; porque os individuos, que dotados de fibras delicadas, e de vivo, e prompto sentir, facilmente se tomão do enthusiasmo, e os que com hum fingido enthusiasmo encobrem fins indirectos, e perversos, muitas vezes julgão do Bello moral sem usar do criterio, que deve guiar taes juizos, e dão gabos de belleza a aquellas acções, que lhes agradão sem attender ao requisito intrinseco, que caracterisa o mesmo Bello, sem fazer caso dos limites, que o circunscrevem. D'aqui aquelles, que tem contrahido o habito de considerar as paixões humanas como bellezas, e não como qualidades, mais as estimão, e prezão, quanto são mais exageradas, e irregulares; e eis a causa dos devaneios, que vemos a cada passo, de tantos affectos mal collocados, de tantos vãos ardores, de tantas estolidas admirações, que se tributão a acções muitas vezes frivolas, e insipidas, d'onde provèm encher-se a sociedade de ridiculas louvaminhas, de erros, e fatuidades.

Do que levamos dicto se não deve deduzir, que a belleza seja huma seductora lisongeira; que quem tal juizo fizesse, andaria longe da verdade, para prova do que bastão só duas reflexões: huma he, que o Bello moral não sendo nem universal, nem absoluto, ou muitas vezes apresentando falsas apparencias, não nos podemos entregar a elle cegamente, como se pode fazer a respeito do Bello natural, que em sua pura, e primitiva condição nunca illude com enganosos aspectos, nem causa movimentos sinistros: a outra he, que os ornamentos civis, as leis, e conveniencias, e sobre tudo as formas mais se apegão ao entendimento, do que ao coração; pois que com o decurso dos tempos, e idade do mundo aquelle prevalece a este, e especialmente nos regulamentos geraes segue-se antes ás abstracções, do que aos sentimentos. Pelo que o collocar entre aquellas a belleza, o mesmo he, que introduzir em huma serie semelhante e bem ordenada de objectos hum objecto bom sim em si mesmo; mas estranho, e inopportuno; he propriamente como se alguem mettesse no tecido de hum canapé hum fio de seda; porque este por ser de maior preço, não seria ahi nem mais util, nem tambem mais congruente.

LIÇÃO TERCEIRA.

Resta agora tractarmos da belleza das abstracções, a qual rectamente operada forma hum dos mais singulares ornamentos do Bello moral. As abstracções, a quem bem as considera, parecem ser outros tantos supplementos

á percepção das essencias, ou substancias, percepção, que não foi concedida ao homem; porque as essencias, sejão ellas quaes forem, produzem as qualidades, que se dão a dividir nos objectos, em que ellas estão assentadas, e occultas. Examinar essas qualidades divididamente, e fazer sobre cada huma d'ellas hum calculo separado, faria mui vagarosos os progressos das Sciencias, e difficilima a acquisição da verdade, á qual alias se chegaria com hum só passo, se conhecidas fossem as essencias, da mesma sorte que se fazia mui custoso o ler sobre folhas dispersas os invocados oraculos da Sybilla de Cumas.

Foi por tanto grande acerto do engenho humano o fundir juntamente as qualidades semelhantes dos objectos physicos, e moraes, a fim de que reunidos os caracteres, e as noções communs, e abandonadas as accidentaes, o raciocinio procedesse desempeçado, e livre, e na cadeia das ideias a generalidade abstracta tivesse o lugar da essencia, a que, como a hum ponto fixo, todos os anneis devessem estar ligados; e por isso a applicação da Physica á Mathematica, que não he outra cousa mais, do que huma continua, e universal abstracção, foi sem duvida o pensamento mais forte, e mais fecundo de grandes resultados, que podia conceber o espirito humano.

Na moral as abstracções formão-se reunindo os sentimentos, e as acções particulares; mas não sendo os phenomenos da vida moral regulados, como os do physico por leis physicas, e inalteraveis, segue-se, que ainda mesmo as noções geraes tornão-se varias, e mudaveis; por isso que tão movel he a natureza humana, tão rapida, e diversa a succesão das causas, e effeitos ainda regulares, e com-

muns, tão frequente, e inesperado o comparecimento de accidentes extraordinarios, tanto o estudo, tanta a solicitude de disputar, de vencer, de simular, que os entes moraes se modificão, e mudão a cada instante, e as mesmas ideias geraes da virtude, que formão as regras da vida, tomando pouco e pouco a sua intrinseca substancia, tornão-se instrumentos uteis a aquelles, que querem com ostentação de palavras illustres encobrir a infamia de factos vergonhosos. Quantos odios se não nutrírão, quantos damnos se não causárão só pela ideia de honra concebida, e modificada por cada hum a seu modo! Por isso a fim de que na moral as noções geraes servir possão ao seu intento, e se tornem modelos de virtude effectiva, justas, e verdadeiras normas das acções humanas, he mister, que as abstracções não se alonguem da substancia, as ideias dos factos, a moral do coração, e que por tanto muitas vezes as mesmas abstracções sejão cuidadosamente reconduzidas a seus primitivos elementos, os quaes todos consistem na expressão da belleza.

Assim esclarecido o uso das abstracções na moral, he manifesto que aquellas, que se tirão dos factos bellos, e das acções virtuosas, conservarão o cunho da verdadeira belleza: por isso a magnanimidade, a justiça, a piedade, a prudencia, e outras semelhantes ideias abstractas tem sempre em si mesmas hum signal de belleza, e excitão no coração huma inclinação correspondente. Dizemos somente hum signal de belleza, e huma inclinação correspondente; porque he claro, que as ideias abstractas, e que não consistem em substancia, senão em palavras, não podem comprehender em si huma belleza formal, e

completa; e para produzirem huma plenitude de affecto, faz-se preciso, que se encorporem, por assim dizer, a hum facto, e que huma acção verdadeira, ou verosimil formada por ellas apresente imagem, e mova o coração.

Deste modo a belleza moral ajunta-se á natural, e assim a belleza moral, que he o exemplar da vida, e a regra dos costumes, já não he hum ente especulativo dependente dos pensamentos, e caprichos dos homens algumas vezes obscurecidos pelos erros, e outras muitas tambem alterado, e contrafeito pelas precisões, pelas vicissitudes, e por toda a sorte de males; senão hum ente, que a respeito das suas inspirações, podemos chamar real, e effectivo, que se rege por aquelle fundamento, que a natureza põe, e manifesta os seus dictames com a voz, que he huma em todos.

Infinitos exemplos poderamos apontar deste Bello nos sentimentos, e nas acções dos homens. Taes são o de Zenon, que corta á propria lingoa, e a cospe na cara do tyranno, que lhe queria arrancar da bocca os segredos da conjuração: o de Epicaris, que acorrentada, e torturada por ordem de Nero, estrangula-se com a mesma cadeia: o de Sofonisba, e Cleopatra, que por meio do veneno se subtrahem ao triumpho: o de Catão, que suicidando-se mancha de infamia as victorias de Cesar: o de Traséa Peto, que ao abrirem-lhe as veias liba com o proprio sangue a Jove libertador: o de Anaxarcho, que grita ao algoz, que o pizava no gral — *Piza sim o saco de Anaxarcho; mas ao mesmo Anaxarcho não*: — o de Canio Giulo, que caminhando para o patibulo, falla do jogo do xadrez: o de Socrates, que recusa subtrahir-se da prisão por não faltar ao respeito

ás leis: o de Bruto, que feito juiz entre a patria, e os filhos sacrifica os direitos do sangue aos da justiça: o de Regulo, que persuade o que devia ser funesto a si mesmo, mas util a patria, e volta a Carthago, certo de ir ter ao supplicio: o de Codro, que por salvar os seus, procura a morte com a mesma industria, com que outros a fogem: o de Aristides, que escreve o seu nome na conchinha, e o entrega ao villão, que o quer banir; porque lhe chamão o justo: o de Thomaz Moro, que condemnado á morte pela sua constancia em desapprovar o divorcio de Henrique VIII dirige chascos ao cortezão, que cria te-lo seduzido com promessa de honras, e de premios: o de Strafforx, que pede por mercê ao seu Rei o ser decapitado para lhe salvar a corôa; e o de mil outras acções, e firmes vontades de animo indomito, generoso, magnanimo, e seguro, que mui longo fora ennumerar.

Se a belleza moral pois não he, senão a reproducção da natural; segue-se, que as mesmas leis, e condições, que se attribuem a huma, deverão attribuir-se á outra. D'aqui em primeiro lugar orgãos da belleza moral só serão a vista, e o ouvido: e de facto não consistindo ella, senão nos sentimentos, e nas acções; aquelles veem-se, se são representados, e expostos com factos; e ouvem-se; se são significados com palavras; e estas igualmente se veem, se são executadas, e ouvem-se, se são narradas; não havendo argumento tão cavilloso, que demonstrar possa, que se perceba a belleza moral em caso algum com o gosto, ou com o olfato; porque por meio destes orgãos nunca se apresentão ao animo imagens claras, e distinctas, nem surge affecto no coração,

de sorte que sem imagem junta ao effeito não se pode dar sentimento do Bello.

Em segundo lugar serão condições do Bello moral, como o são do natural, a Unidade, e a Variedade; porque a noss'alma, precisada por natureza a ter as suas faculdades sensitivas convenientemente exercitadas, sempre se enoja de impressões uniformes em todo o genero, e afadiga-se com impressões differentes, e descompostas: mas cumpre fazer observações ácerca da Unidade, e variedade. A primeira he, que os objectos moraes, mais do que os naturaes, são capazes de manter por largo tempo vivo, operoso, e gradual o sentimento do Bello, ou isto nasça da sua maior importancia intrinseca, ou da mais estreita relação, e affinidade, que ha em tal caso entre a causa, e o effeito; porque he claro, que tractando-se de Bello moral, o homem o produz e o homem o sente. A segunda observação he, que na belleza formada pelos sentimentos, e pelas acções, a variedade acha-se naturalmente n'aquella multidão de modos sem regra, e sem numero, com que os homens sentem, e obrão; e a Unidade, a respeito de sentimentos está posta em hum sentimento prevalecente; e a respeito das acções em hum fim proposto. D'aqui vem, que quando se ouve, ou vè alguma bella acção, cada hum dispõe das suas circunstancias, e accommoda a imagem a seu prazer, e segundo o seu modo de conceber a belleza, desejando, se transfunda nos outros do modo mais efficaz, e adaptado o sentimento, que elle em si experimenta; e por isso as acções más, e perversas referem-se com huma indifferença desdenhosa, ou com huma especie de raivosa desordem. D'aqui

nasce tambem, que se hum individuo se torna singular aos outros pelos seus actos estranhos, e por seus modos peculiares, e insolitos, com tanto que estes sejão coherentes entre si, e concordem em hum seguro caracter de rectidão, e bondade, acha facil tolerancia, e já bem póde ser que até hum gostoso consentimento; e tal individuo commumente he escusado com dizer-se « Elle assim foi feito, este he o seu temperamento »; e á bella unidade se perdoão as menos agradaveis variedades; porque estas com aquellas formão quadro, e imagem.

Mas huma qualidade summamente propria deste Bello, e de grandissimo preço he a *Expressão*, a qual significa hum sentimento especial, exprimido por huma belleza, huma qualidade occulta, que se manifesta mediante outra, e evidentemente resulta do ajuntamento da belleza natural, e da moral, operado pela semelhança de elementos, e condições, derivados de justas analogias, ou antes das associações mediatas, e advertidamente compostas, quer accidentaes, quer involuntarias, e até forçadas.

Estas duas bellezas juntas, estas duas forças combinadas produzem effeitos extraordinarios, e verdadeiramente encantadores, e explicão bem a razão de certos gostos, de certos deleites, de certas sympathias, que serião incomprehensiveis, se se não attendesse á expressão, e ás suas occultas origens. Hum sino tangido pela calada da noite em hum campo raso faz, que o pensamento se volva para a Religião, que o consagra: elle repete os ritos, as festas, os mysterios, os factos domesticos, os usos, as epochas, os acontecimentos, que celebra; recorda-nos o começo da vida immortal, que nos annuncia,

quando deixamos a mortal; e dest'arte enchendo-se o nosso espirito de illusões, d'esperanças, de memorias, de visões, nelle se forma huma bem ajustada imagem de belleza moral, que dá grande expressão á magestade das trevas, ao apparato da solidão, e á solemnidade do silencio.

Hum bosquesinho de arvores bem dispostas he bello por si mesmo; mas se elle he composto de ciprestes funebres, commove-nos além disto pela doce melancolia, que em nós desperta a ideia da caducidade humana. Esta mesma sensação torna-se mais viva, e profunda, se no meio do circulo dos ciprestes ha hum tumulo, ou memoria d'hum homem celebre, ou querido. Huma hermida situada em hum bosque insinúa em as nossas ideias o sentimento augusto da Religião: tal he a que na Europa se acha situada sobre os nevosos rochedos de S. Bernardo, a qual servindo de morada a aquelles heróes da piedade caridosa, a todo mundo enche de admiração, e de ternura. Mario assentado sobre as ruinas de Carthago sentia certa confrontação comparando as ruinas da sua fortuna com as da emula de Roma. O incendio d'huma floresta muito mais nos despedaça o coração, se se suppõe, que entre aquellas chammas perece huma familia desgraçada. Hum campo solitario com huma cabana, e hum rebanho conduzido por hum pastorzinho, que se entretem em tocar a sua sanfona, torna-se delicioso; porque suscita ideias de paz, e de innocencia.

Finalmente o Bello moral tem além disto o singular preço de offerecer ampla materia á Eloquencia exornativa, em consequencia da belleza das abstracções, de que já tractámos. Os elogios dos homens grandes todos se

fundão em desenvolver a excellencia de varias qualidades moraes, e applicar os seus principios á vida do heróe celebrado. Os panegyricos sagrados exaltão a belleza das virtudes religiosas. Conhecendo a origem, e as varias fontes deste Bello, se conhece o modo de o provar. Os elogios de Mr. Thomaz oratorios, e ao mesmo tempo philosophicos distinguem-se; porque intromettem na vida do heróe hum apparato doutrinal da natureza, importancia, e difficuldade das qualidades dominantes no seu caracter. O conhecimento destes principios nos subministra o modo de negar, ou tirar a huma acção, ou a hum caracter o preço da belleza moral, para o que muito concorre o ter claras ideias a respeito das paixões.

DO BELLO ARTIFICIAL.

Para que succeda, que ora esta, ora aquella sensação se possa dizer bella, he mister, que na percepção do Bello huma clara, e justa imagem se estampe na mente, e que o correspondente affecto se desperte no coração; e se as imagens sem affecto só servem para as especulações do entendimento, e subministrão os materiaes ás sciencias; assim tambem os affectos sem imagem não produzem, senão movimentos cegos, involuntarios, e que constituem simplesmente a vida animal, e por assim dizer, mechanica do homem: nem por aquella, nem por estes se representa, ou se sente a belleza!

Quando em um homem perfeitamente conformado, a belleza opera as suas impressões, ha hum ponto, em que a sensação se transforma em imagem, e em que

pelo effeito combinado da sensação, e da imagem surgem n'alma os impulsos creadores, e as determinações da vontade. Esta commoção porém faz-se manifesta segundo as occasiões, os temperamentos, a fortuna; e por isso não devemos confundir a potencia de bem, e fortemente sentir com os meios de pòr tal sentimento em acto; porque hum excitado pela belleza a actos esplendidos, acha em suas forças physicas, e moraes, na condição dos tempos, nas qualidades do governo civil, em sua propria riqueza o modo de demonstrar com factos o excitamento interno, e se torna hum heróe no valor, e em toda a virtude egregia. Outro limita-se a fingir tal demonstração, ou a representar a imagem, que lhe fora estampada na mente, e a transfundir nos outros o affecto, de que está agitado, por outros meios, que não factos, dos quaes meios he em troco brindado pela natureza.

D'aqui nasce a tão fallada *imitação*, a qual propriamente consiste em figurar hum sentimento verdadeiro com meios, que o não são, isto he; que não produzem realidade: por isso na imitação o sentimento, que a produz, nunca he imitado; porèm sim faz-se uso de meios imitantes para o exprimir: e como o homem não pode sahir dos confins da natureza, dentro dos quaes está encerrado; somente da mesma natureza pode elle tirar os meios da imitação. Mas o principio das acções, e o das imitações he hum só, tanto que o sentimento, que animava Homero a cantar com versos admiraveis o recobro do corpo de Heitor, era tão verdadeiro, como o sentimento, que excitava Priamo a pedi-lo, e Achilles a con-

ceder-lh'o. E bem como o affecto, que o homem sente, e as acções que executa, ajudando as impressões da belleza, formão o Bello moral; assim as obras, que produz imitando constituem o Bello artificial.

Posto que quanto até aqui se ha escripto sobre o principio da imitação sirva para fazer conhecer por que causas seja o homem induzido verdadeiramente a imitar; todavia, sendo a imitação o fundamento do Bello artificial (que he o effeito de toda a invenção poetica, Oratoria, e de todas as artes sublimes) accrescentaremos aqui algumas observações, que nos parecem convenientes.

1.ª O mesmo impeto, que estimula o homem á peleja, e ás acções generosas, e magnanimas, tambem o excita a gravar hum grande vestigio do seu espirito creador no panno, no marmore, e no papel. Então o engenho cria hum novo theatro, em que se substituem os artificios á natureza, as obras ás ficções, as imagens á realidade; como nos Elysios de Virgilio as sombras dos illustres valerosos vão passeando, fingindo lutas, arrastrando vãs armas, vãos coches, vãos corseis; e assim refrescão a memoria da vida, e se illudem com huma effigie dos antigos deleites.

2.ª A alma humana de tal arte he dominada da precisão de exercitar as proprias faculdades, para deste modo fazer experiencia, e gozar do sentimento da propria existencia, que nunca se satisfaz, nem permanece tranquilla. Não lhe basta, que a natureza com amplissima creação lhe offereça infinitas sensações; que o homem com seus affectos, e acções lhe subministre novos generos de belleza; que a mente se occupe do conhecimento da verdade; que

os materiaes deleites, e prazeres sociaes concorrão incessantemente para alegrar a vida; porque a estes prazeres, a estes deleites muitas vezes segue-se o enojo, á indagação da verdade o desanimo, e o Bello natural e moral ás vezes se lhe escondem, e além disto a mesma mente nem sempre está no caso d'andar apoz d'estas cousas. Para encher pois estes intervallos vasios admiravel expediente he a reproducção artificial d'aquella belleza unica, que dá accommodado exercicio ás faculdades sensitivas do homem; por isso aquelle fundamental principio *Estetico,* que consiste na continua precisão de exercicio, que a alma humana experimenta, deve-se considerar como hum dos principaes motores da Imitação.

3.ª Huma modificação do dito principio Estetico, e outra causa da imitação he a intima satisfação, que experimenta a noss'alma, quando se desprende dos laços da materia, quando se eleva á esphera ideial, quando emúla com a natureza, e a vence, produzindo huma belleza mais completa, e manifesta. Todo o melhoramento operado no Bello artificial he em substancia hum melhoramento da natureza humana, em que se dá hum desejo perenne de perfeição; e tal satisfação he ajudada das lisonjas do amor proprio, o qual neste caso he justo, e proveitoso; porque o *Bello artificial he huma effectiva creação do homem,* e para o compôr releva, que os estros inspirados, os fervidos enthusiasmos encerrem as semelhanças das formas externas, e da archetypa belleza do mundo; de sorte que esta faculdade de produzir por meio das artes completa a semelhança, que o homem tem com Deos.

4.ª Outra causa da imitação consiste tambem em que a alma sempre desejosa do bem, propõe-se imitando ter sempre presentes as imagens, e pode-las gozar sem temor de que lhes faltem.

5.ª Os progressos da sociedade bem considerados dão mais claramente a conhecer, que outros especiaes motivos hajão conduzido o homem á imitação, e dado ás artes imitativas origem, e incremento. He certo, que o primeiro resultado do contracto social foi o prover ás primeiras, e inevitaveis necessidades dos homens: ao depois subtrahidos a este jugo, e tornando-se menos solicitos, e temerosos a respeito da propria conservação, poderão voltar-se a outros objectos, applicando-se não só a manter, como a embellezar a vida. He igualmente certo, que posto pelas leis civis hum freio, e huma regra a esses movimentos, e impetos provenientes da belleza, que dantes na simples natureza prorompião desempeçados, e tinhão pleno, e livre desafogo; ficou nos animos hum cúmulo de sentimentos ineperosos, os quaes todavia não podem jazer mudos, e indolentes, antes tanto mais vehementes, e irrefreaveis são, quanto não distrahidos por perigos, nem moderados pelos cuidados de defesa, e subsistencia, a que a sociedade provè por todos.

Para occupar pois estes vagos sentimentos, para dar pasto a esta ociosa, e inquieta actividade se considerárão opportunas aquellas imitações, com que os homens fingem as acções, que lhes não he dado obrar por meios reaes; e esta primeira precisão da natureza deste modo foi reforçada pela sociedade, e ambas conspirão em dar vida ás artes. E como toda a precisão, quando ha os meios

necessarios de a satisfazer, he hum verdadeiro bem para o animo, sempre cubiçoso de desejar, e conseguir; aquelles sentimentos crescèrão consideravelmente; e as Bellas Artes pouco e pouco multiplicadas, e disciplinadas, tornárão-se materia de continuos melhoramentos, de porfiosos estudos, e do mais solicito, e amoroso culto dos homens. D'aqui derivão algumas consequencias importantes, que passamos a expender.

1.ª Quanto havemos dicto sobre o que o homem executa pelo impulso da belleza, explica a razão da influencia certa, e constante, que a tal respeito exercem os climas, os governos, e a Religião; porque, fallando dos climas, se toda a arte bella nasce da percepção da belleza; se esta percepção, para que seja justa, e sentida, depende da finura dos nervos, e da qualidade dos orgãos; se estes nervos, e estes orgãos são constituidos muito principalmente pelo clima; he claro, que a primeira, e mais importante circunstancia, que influe sobre o modo de perceber a belleza, he o clima, ou o complexo de todas aquellas condições de ceo, de ar, e de terreno, que são proprias desta, ou d'aquella região.

Pelo que respeita ao governo basta advertir, que todas as influencias moraes, pelas quaes o animo, ou se confirma no legitimo amor da pura belleza, ou se perturba, e delle se desvia, provèm das leis, das instituições, dos costumes, com que o mesmo animo se educa, se forma, se desenvolve, e que juntas formão o que se chama governo. A Religião finalmente além de encerrar em si mesma huma belleza moral eminente, que varia se-

gundo os mysterios, e ritos, que pertencem a cada systema religioso, comprehende preceitos, e concelhos, cuja influencia he tanto mais efficaz, do que a dos regulamentos politicos, quanto estes dizem respeito ao governo exterior do homem, e aquella ao interior.

2.ª A mesma origem attribuida ás Bellas Artes, e particularmente á Poesia, explica a razão por que em epochas famosas em toda laia de calamidades, algumas vezes florecem taes artes admiravelmente; e vem a ser; que nessas perturbações geraes, quando parece, que o ceo indignado chove de todas as partes desastres, e maldições, entre os motivos de dor, e os rasgos de maldade entre as desgraças, e crimes memorandos, ainda se veem exemplos de valor, de piedade, de magnanimo, e generoso sentir, como para alliviar a tristeza commum, e confortar o genero humano. Ora tantos, e tão diversos espectaculos tornão naturalmente o animo mui sensivel, e movediço, e lhe prestão frequentes occasiões de os conciliar, e de reforçar os proprios affectos com acções, ou com imitações.

3.ª O modo, por que vemos nascer as Bellas Artes, demonstra em que preço devão ter-se os Poetas, e os mais imitadores, os quaes, para serem verdadeiramente taes, devem ser dotados de orgãos capazes de lhes fazer perceber o Bello em suas mais delicadas gradações, em seus aspectos infinitos; e d'hum espirito tão amplo, que saiba comprehender, e discernir as estensissimas relações dos objectos, que derramando-se d'hum centro de unidade commum, formão hum complexo harmonico, huma symetria graciosa, huma variedade ordenada; e devem ser animados d'aquella mesma chamma, d'aquelle

mesmo impeto, que agita os heroes, e os torna famosos por obras immortaes de sciencia, e de valor. Além disto fazem-se elles benemeritos; porque promovem os sentimentos uteis, propagando exemplos de amor, e de bondade, e sobre tudo aquietão as nossas desassocegadas faculdades sensitivas, e lhes subministrão hum prompto, e innocente modo de occupação, e exercicio.

4.ª Aquellas imitações, cuja primeira, e mais remota origem encontramos na precisão, que tem o homem de desafogar d'alguma sorte os sentimentos, que lhe não he dado patentear com a realidade dos factos, e das acções, adquirem depois incremento, tornando-se instrumento dos deleites de outrem; porque o desejo de agradar aos mais requer outras regras, e advertencias, do que a precisão de satisfazer-se a si mesmo; e ha huma differença essencial entre o modo de obrar da natureza, que tem a todo o genero humano por contemplador, e alumno, e o modo de obrar do homem, que deve restringir os seus desenhos, e accommodar o seu trabalho aos seus tempos, á sua nação, e bem pode ser, que até a huma só parte desta. Por esta maneira o natural progresso do Bello artificial faz, que este se alongue do seu primitivo fim, e vá de encontro ás vicissitudes, ás mudanças de formas, de affectos, e d'entendimentos, que derivão das diversas disposições religiosas, e politicas, e das circunstancias de logar, de clima, e de tempo, que tanto influem no progresso das Artes, e no proveito dos Artistas.

Concluiremos pois, que, para achar o verdadeiro principio de toda a arte imitativa, cumpre attentar para aquelle

ponto, em que obrando a belleza as suas impressões no espirito humano, a sensação se converte em imagem, e hum affecto correspondente se desenvolve no coração. O que nasce, e se revolve n'aquelle ponto he hum germen, e propriamente hum embrião, que a alma ao depois a seu bel prazer compõe, modifica, veste de formas, e de membros, e d'aqui o homem materialmente produz, e executa realmente com aquelles meios, que a arte lhe fornece, ou sejão elles pannos, marmores, ou palavras, sons, ou cores, desenhos, ou harmonias. D'aqui tres partes cumpre considerar separadamente na imitação, que vem a ser; a concepção, a composição, e ultimamente a execução.

LIÇÃO QUARTA.

DO BELLO IDEIAL.

A consepção he o immediato resultado da impressão da belleza, a qual reduz a acto o poder sensitivo do homem. He ella huma operação interna, que a alma executa com a propria força; que provèm d'huma inspiração; mas não tem modelo algum: he hum primeiro movimento, d'onde se inicia todo o processo da imitação; e para elle concorrem tantos sentimentos, quantos podem ser dictados pela infinita belleza, e tantas imagens, quantas são as maneiras, com que os orgãos por suas diversas modificações, e tempera mudavel podem fazer perceber a mesma belleza: pelo que aquelles essenciaes elementos de todo o Bello, que são imagem,

e affecto, a respeito do Bello artificial consistem na concepção.

Esta depende inteiramente do engenho, o qual logo que se dá no homem, e claramente se manifesta, e obra com energia, he parte para que todas as mais faculdades se lhe fação servas, e o mesmo homem, como seu senhor, e chefe, as encaminhe á aquella meta, a que pretende chegar. Nisto, segundo nos parece consiste a verdadeira força do engenho, de sorte que quando o homem he assenhoreado de huma inclinação, não pode convenientemente exercitar as suas faculdades, senão de hum modo, que corresponda a essa inclinação: e se d'outra maneira tenta exercita-las, as mesmas faculdades, tornando-se indoceis, e recalcitrantes pelo temperamento, resistem á tentativa, e não se consegue o desejado exercicio.

Por tanto aquella mesma precisão d'exercicio, que formou o nosso fundamental principio *Estetico,* e que sempre vemos dominando a alma, ajunta-se ao engenho, com todas as suas forças o ajuda, e torna arbitro das faculdades, que lhe são sujeitas. Este engenho naturalmente ou se liga a toda a belleza physica e moral, e comprehende-a inteiramente, ou inclina-se só a huma parte desta, donde provèm aquellas variedades, e modificações infinitas, aquellas especiaes tendencias, que se observão no engenho, e pelas quaes distinguem-se as Artes humas das outras. Se a belleza pois consiste na aptidão, que tem os objectos, que compõe a natureza universal, para pòr em conveniente exercicio as faculdades sensitivas do homem; *o engenho,* de que alias já tractámos, *he a especial aptidão do homem, produzida pela excellencia de seus or-*

gãos para bem perceber, e sentir fortemente essa belleza; e a concepção he o effeito immediato dessa aptidão, he em summa o acto dessa potencia. Cumpre por tanto, que o engenho seja bem educado, a fim de que possa formar justas concepções, e discernir as qualidades essenciaes do Bello natural; e conhecendo a geração do Bello moral, saiba quaes os sentimentos, que podem ser materia de imitação, e quaes não.

Mas como as deliberações dos homens sejão livres, e independentes, os actos da vontade provenhão de pleno arbitrio, e não tenhão exemplar; por isso os conceitos geraes do engenho são necessariamente originaes, são fóra de todo o typo, são singulares a respeito d'outra qualquer producção, são todas finalmente obras d'alma, que a seu bel prazer accommoda, e combina os elementos, que lhe offerece a belleza; por quanto posto que o engenho seja alimentado pela natureza, e por esta se modele, e se forme, não podendo sahir de seus limites, por isso que não possue o attributo do Omnipotente de crear cousas novas; todavia dentro d'aquelles limites gira sem freio, nem lei, obra, e compõe á sua vontade o seu *Bello ideal,* senhor, e distribuidor absoluto de quanto dentro delles se comprehende.

D'aqui o engenho apega-se á belleza, como hum filho a sua mãi; e tanto se lhe apega, que em seus idolos se transmuda, em seus affectos se converte, em suas imagens se transfigura: elle he o sorriso do menino de peito, que se volve para a mãi: he o encarnado da rosa, que surge do ramo pudica, e orgulhosa, e se cerca de verdes, e fresquissimas folhas: he o murmurio do re-

gato, que foge serpeando por entre floridas veigas: elle figura as consolações da paternidade, os confortos da piedade filial, as lagrimas da compaixão, os prazeres do casto amor: elle he o impeto do valeroso, a colera do generoso, a elevação do magnanimo: he a aguia, que voa, e a torrente, que trasborda; he a tempestade, que se enfurece, he o raio, que extermina: o engenho he tudo: semelhante ao sol com o calor da vida mantém o movimento, produz a realidade das obras, e das cousas; com a luz diffunde o esplendor pelo universo, e desenvolvendo a pompa das cores redobra, multiplica, varia, modifica de infinitas maneiras as formas, e os aspectos.

Releva pois, que o engenho tenha frequente commercio com objectos, que sejão bellos, e adaptados á sua vocação; pois he mister, que quem deve ser interprete da belleza, com esta muitas vezes converse, e se entretenha. Por este caminho os orgãos cada vez mais se conformão com a belleza, e mais valida se torna a aptidão para percebe-la, fazem-se mais poderosas, e efficazes aquellas sympathias, que constituem a verdadeira affinidade entre a alma, e os objectos bellos, e aquellas antipathias, que á mesma alma servem d'escudo contra as impressões sinistras, e perniciosas, e a fazem circumspecta a respeito de todo o vicio, de todo o extravio; e assim se apurão os affectos, e todos melhor convergem para aquelle centro commum, para aquella universal paixão, para o amor em fim. Este he companheiro inseparavel do engenho, e gera o enthusiasmo, que não he, senão o impeto d'alma fortemente impellida das proprias

tendencias para qualquer objecto bello, o qual enthusiasmo releva distinguir do fanatismo; que he hum extravio do affecto além dos limites estabelecidos pela razão.

Mas quando o engenho ha formado a sua concepção, ou Bello ideal, apenas está desenhada a obra, que tem de executar-se. Este desenho pois he tarefa importante, e muito principal; porque nelle se devem achar a bondade intrinseca, e os principios elementares do Bello. Em o colorir por tanto se procede na segunda parte, que he a composição, por meio da qual, para dar corpo, e vestuario aos affectos, e imagens, que na concepção se comprehendem, faz-se uso d'aquellas formas dispersas pela immensa natureza, que com os olhos se veem, e se escutão com os ouvidos; porque bem póde o engenho sentir, e conceber imagens inteiramente novas, e diversas; mas para manifestar as suas concepções e torna-las de qualquer modo sensiveis, he necessario, que se accommode aos materiaes communs, que se prevaleça d'aquellas maneiras, e aspectos, com que a belleza se patenteia no universo. Para este fim entre as faculdades espirituaes na composição do Bello Artificial põe-se em acto a imaginação, a quem; por isso que offerece á alma os objectos mais distantes, como se presentes forão, está commettido o cuidado de ajuntar os materiaes, que são necessarios á designada composição. A imaginação pois, soltando os vôos, discorre incansavel por todo o mundo, por toda a parte penetra, em toda a parte encontra imagens, formas, figuras, e tanto pinta as plagas Brasileiras amadas de sol, como as geladas cavernas da Laponia, tanto os tepidos banhos do nosso Capibaribi, como as montanhas

de gelo ondeantes pelos mares do Septentrião. Sobre tudo com abertos olhos observa o homem, fonte admiravel do Bello moral, d'onde tira expressões, e symbolos, com quem desce ás palestras do braço, e da palavra, a quem admira na fortuna, e na desgraça, a quem segue entre as paredes domesticas, e lhe espia os passos, quando só, e silencioso se entrega a acções de Religião, e beneficencia: e completo, que seja o seu curso, torna a immortal borboleta, apresentando á alma as riquezas, que recolhèra. Mas, de tão differentes objectos, de tão variadas imagens, de tantas figuras, de tantos elementos como se poderá compor hum todo regular, como evitar, que se vejão, segundo diz Horacio, os peixes nas florestas, e ajuntar-se os cordeiros aos tigres? Para isto he, que serve o Gosto, de que já tractámos em seu lugar: mas não obstante aqui accrescentaremos algumas observações a seu respeito por serem connexas com a materia, de que vamos fallando.

DO BELLO IMITATIVO.

O Gosto serve para escolher, modificar, excluir, e combinar, segundo a primitiva concepção formada pelo Engenho: pelo que o Gosto bem se póde chamar *a razão do homem incessantemente applicada ao exame do Bello:* e tornamos a advertir, que por essa razão não se deve sómente entender a faculdade, que tem o homem, de pensar, de comparar, de reflectir, de julgar; porém sim a união, o accordo, o justo balanceamento de todas as faculdades intellectuaes, e sensitivas, de que he forne-

cida a noss'alma, sem o qual concurso não se pode dar ninguem sabio, nem huma razão perfeita; porque hum coração abarrotado de affectos, que o poder do entendimento não moderasse, cahiria em frenesi; e hum entendimento, que na dura necessidade, e nas perigosas vicissitudes da vida não soubesse armar-se de affecto, assemelhar-se-hia a hum Paladino valeroso, a quem no acto d'encontrar o inimigo faltasse o fiel escudeiro, que lhe entregasse a espada, ou a lança.

Esta razão assim concebida a respeito do Bello se reforça, e afina, e transforma-se em Gosto, quando com improbo estudo se applica á observação dos varios aspectos do Bello natural, e moral, á analyse das sensações humanas, ao exame das causas, por que o mesmo Bello se reproduz, e dos modos, por que se produz; e d'aqui entra a converter, mediante as proprias abstracções, aquelles aspectos em regras, aquellas sensações em leis esteticas, aquellas causas, e modos em preceitos. O Gosto pois fornecido de tal divisa, e armado destes principios, examina attentamente, severamente julga, separa o ouro das fezes, e compõe bellamente os accommodados objectos, e os distribue, segundo o primitivo desenho creado pelo Engenho. Desta sorte se forma a composição; e as partes da concepção, pouco e pouco desenvolvidas, vestem-se de membros correspondentes, o complexo approxima-se á realidade, e adquire consistencia, inteireza, e importancia.

Se no primeiro gráo do processo do Bello artificial, isto he; na concepção devem de achar-se aquelles primeiros elementos de toda a maneira de Bello, que são

imagem, e affecto; neste segundo grão, que he a composição, deve encontrar-se o segundo indispensavel elemento, que consiste n'aquelle accordo de variedade, e Unidade, de que depende o summo preço, e verdadeira excellencia de toda a composição. A este proposito porém observaremos, que esse accordo mais necessario se torna no Bello artificial, do que em qualquer outro genero de Bello, e isto pelas duas seguintes razões:

1.ª, porque os objectos naturaes, e moraes tem em si mesmos tamanha força intrinseca, que algumas vezes, e como por excepção, podem só pela unidade, e variedade occupar o animo deleitosamente; por isso a vista, e o fragor do mar, se bem que inalteraveis, são tão graves, e solemnes em si mesmos, que os olhos, e os ouvidos largamente se lhe applicão sem fastio: do mesmo modo os effeitos, e as scenas domesticas, posto que uniformes, causão hum prazer sempre novo, e vivissimo; pelo que a imitação, que tem, por assim dizer, huma belleza de reverbero, he necessariamente mais fraca; e d'aqui para que se não attenue muito o affecto, e enfraqueça a sua efficacia, faz-se preciso, que se adoptem todos aquelles meios, e elementos, de que se compõe esse Bello, e de que deriva a sua força.

2.ª Os objectos naturaes, e moraes não existem só para representar a belleza, e mover as faculdades sensitivas; senão que tem de preencher outros officios, os quaes consistem em exercitar as faculdades intellectuaes, manifestando o verdadeiro, e as corporaes procurando o bom: d'aqui o homem conscio disto está de certo modo contente n'aquelle grão de Bello, que esses objectos lhe

patenteião, e não busca, que seja sempre maximo. Assim as grandes emprezas, que salvão as cidades, e as naçõe, e em que os actos de virtude, e valor se succedem sem ordem, e quasi tumultuariamente, commovem a alma, e lhe offerecem hum exercicio agradavel, com quanto nelles pouca unidade talvez s'encontre, e prevaleça a variedade; pelo contrario não tendo a imitação outro fim, senão a reproducção do Bello, quer-se, que este seja reproduzido com a sua maior força possivel; e a alma para ter este sentimento não consente por causa alguma enfastiar-se hum só instante, nem levemente afadigar-se.

Mas o maior cuidado na composição deve consistir em ajuntar bem a variedade á unidade; e tão adherente he esta juncção á natureza da imitação, que sem a guia dos rectos principios facilmente se poderia confundir com esta mesma natureza. De tudo, que a este respeito havemos dicto, facil he deduzir o já estabelecido principio, que ha hum Gosto universal, e que não pode ser bom Gosto todo o Gosto particular. Em verdade, assim como a natureza he universal, universal tambem he o Gosto, que ajunta, e compõe as partes desta; e assim como he varia a natureza, he igualmente vario o gosto, e até diverso, de sorte que a hum pode agradar o serio, a outro o faceto, &c., &c. Huma cousa he differença de Gosto, e outra he opposição de Gosto. Quando alguem diz, por exemplo, que Virgilio he melhor, que Homero, profere hum juizo recto em relação a aquelle Bello, que mais o deleita: mas se dissesse, que Virgilio he bom, e Homero pessimo; estaria em opposição com o sentimento universal dos homens, e conseguintemente o seu

Gosto não seria dissemelhante do do enfermo, que acha amargoso o assucar.

DO BELLO SENSIVEL.

Formada a concepção, e ordenada a composição, resta pôr por obra a Execução, que he a terceira parte do processo do Bello artificial, e que consiste em fazer este sensivel, e patente com meios materiaes subministrados pela natureza. Assim como a concepção depende do Engenho, e a composição do Gosto, assim a execução depende da Habilidade, isto he; do habito, que cada individuo tem de fazer uso dos mencionados meios, e de os accommodar ao fim proposto. Igualmente assim como no primeiro gráo deve achar-se o primeiro elemento do Bello, que he o accordo da imagem com o affecto, no segundo, o segundo elemento, que he o accordo da variedade com a unidade; assim neste terceiro gráo, que he a execução, deve-se preencher a terceira essencial condição de toda a sorte de Bello, isto he; que o mesmo Bello deve ser percebido pelos olhos, e pelos ouvidos, e não pelos mais sentidos. Na execução pois os primitivos sentimentos, e as ideias virgens passão da mente, e do coração á lingoa, ou ás mãos do imitador, para delle receber vida, e semelhança.

As instituições praticas, por meio das quaes a Habilidade dirige os Artifices na imitação, são as leis, e condições proprias da mesma belleza, ou a belleza reverberada; pois seria contradictorio, que qualquer cousa se formasse com huma lei, e com outra se represen-

tasse. Pode sim haver algum engenho superior, que per si mesmo, e sem ensino chegue a compor de maneira, que concorde com as regras mais essenciaes ensinadas pela Habilidade; porque sendo estas fundadas na natureza, pode a natureza suggeri-las na pratica. Homero provavelmente não estava informado de nenhum systema d'arte Poetica; e guiado só do seu engenho compoz em versos huma historia regular, que tem causado a admiração de toda a posteridade.

Todavia não pode isto servir de argumento contra a utilidade de certos principios seguros, que não por meio de raciocinios independentes dos factos, mas por constantes observações sobre a natureza, forão para utilidade nossa produzidos pelos primeiros mestres.

Agora resumindo quanto até aqui havemos expendido, com segurança podemos deduzir, que na Concepção acha-se o Bello ideal, na Composição o Bello imitativo, e na Execução o Bello sensivel, os quaes tres modos de Bello devem combinar-se, e fundir-se para produzir o Bello artificial: que na Concepção devem achar-se aquelles primeiros elementos de toda a laia de Bello, que são imagem, e affecto: na homposição aquell'outros elementos, que são variedade, e unidade convenientemente combinadas entre si; e na Execução aquellas formas sensiveis, com que o Bello artificial se apresenta aos olhos, e aos ouvidos, segundo os varios modos de imitar, que se chamão Letras, ou Artes: que a formação da Concepção depende do Engenho, a ordem da Composição do Gosto, e a exactidão da Execução da Habilidade: finalmente que á Concepção, e ao Engenho preside a *Callofilia*,

á composição, e ao Gosto a *Estetica,* e á Habilidade executora a Rhetorica, e as Instituições praticas particularmente proprias de cada huma das Artes. A primeira classe destas Artes, que correspondem ao sentido da vista, serve principalmente para imitar o Bello natural, e comprehende o do Desenho, como são, a Pintura, a Escultura, a Architectura, a Dança, e a Arte dos Jardins: a segunda, correspondendo ao sentido do ouvido, serve para imitar o Bello moral, e comprehende as Artes d'harmonia, como sejão a Poesia, a Eloquencia, e a Musica.

LIÇÃO QUINTA.

GRADAÇÃO, OU ESCALA DO BELLO.

Não ha Bello algum, que contenha a mesma maneira, e a mesma qualidade de Belleza; porém sim divide-se em differentes classes, as quaes todas conservando o attributo essencial da Belleza, que he o de exercitar convenientemente a noss'alma, apresentão differentes aspectos, e tem differente modo de obrar as suas impressões. A tres especies pois reduziremos o Bello, e vem a ser; *Simples, Medio, e Sublime;* divisão, que quasi corresponde a de *Bello elegante e gracioso, e de Bello Grande e Sublime.*

BELLO ELEGANTE E GRACIOSO.

Contemplando-se este Bello no Bello natural, a Elegancia consiste na conveniencia das partes com o todo,

e do todo com o objecto, para que deve servir, e n'aquella graça pura, e candida, que d'ahi resulta. Ella he propria das menores producções da natureza, como são as flores, as hervas, as nuvemzinhas, os meninos, os pequenos animaes, &c., e as impressões, que ellas produzem, são brandas, placidas, e suavissimas. Em verdade releva, que nos objectos elegantes sejão restrictos os limites, e breves as dimensões, para que a alma por meio dos sentidos possa d'huma vez perceber, e gostar das proporções, e conveniencias, que propriamente constituem a elegancia; por quanto se aquellas se estendem, e por isso fica vasta a composição, não resulta d'ahi huma agradavel impressão, antes esta por sua maior força, e qualidade mudada sahe dos termos da elegancia, e exalta a alma a outros gráos na escala do Bello.

A Graça he o acto da belleza em movimento: d'aqui a base desta he huma belleza occulta, que ao mover-se surge, e se manifesta; ou, para melhor dizer, huma belleza nova, que se compõe, e forma no accordo dos movimentos. Disto provèm, que todos os aspectos desagradaveis, e ainda muitas formas desgostosas, com movimentos opportunos, e accommodadas posturas chegão a desterrar toda a impressão sinistra, e até a inspirar amor. Disto outrosim provèm, que sobre muitos a Graça tem mais efficacia, do que a mesma Elegancia; pois que aquelle alternado mostrar-se, e esconder-se, aquella continua mudança de impressões, aquella apparição da graça como d'hum raio inesperado d'entre as nuvens, tudo isto excita agradavelmente a noss'alma, e põe em agradavel exercicio as faculdades sensitivas: por

isso as impressões da Graça são commumente alegres, e jucundas, o que bem conhecido foi da sabedoria dos Gregos, os quaes tal nome derão á Grecia, que na sua raiz significa gosto, alegria. Por conseguinte os objectos mais vagos, e mais regulares não tem o preço da Graça, se immoveis permanecem, e de certo modo impassiveis; e por outra parte hum'arvore, ainda das mais communs, torna-se graciosa, se o ar lhe agita brandamente as folhas, e gracioso se torna hum pradozinho, se o mesmo ar ora ergue, ora abate as hervinhas, de sorte que parece, que a superficie se encrespa, e ondeia.

No Bello moral pertencem á Elegancia a Cortezia, a Liberalidade, a Indulgencia, a Compaixão, e todas as bellas virtudes, que provèm da Benevolencia; e a Elegancia corresponde hum prazer simples, e puro. Á Graça pertencem o Pudor, a Compostura, a Temperança, a Discrição, e aquell'outras verecundas virtudes, que são caracterisadas pela Modestia, e á mesma Graça corresponde hum prazer novo, e inesperado. No Bello artificial emfim ter-se-ha por Bello, elegante, e gracioso tudo aquillo que pelo Poeta, pelo Orador, e por qualquer outro Artista for produzido conforme, e convenientemente ao que até aqui temos dicto ácerca do Bello natural, e moral.

DO BELLO GRANDE, E SUBLIME.

Grande na natureza he aquillo, que transporta a alma fora do seu habitual estado, pondo-a, mediante solemnes impressões, em huma commoção extraordinaria. D'aqui, geralmente fallando, não surge Elegancia alguma; porque

o grandioso objecto a exclue; d'aqui nenhuma Graça; porque nas vastas machinas, ou os movimentos são tenues, e em tal caso desapparecem, e não se observão, ou são fortes, e então facilmente se tornão enormes, e exorbitantes, e a alma fica immoderadamente enleada.

A mais simples forma da Grandeza no Bello natural apparece em as vastas scenas do universo, como sejão huma extensa planice, onde os olhos não descobrem fim, a amplidão do firmamento, e a indefinida expansão do oceano. He porém de advertir, que o mesmo espaço *in longum* não faz tanta impressão, como em alto, e em profundo. Posto que huma planice illimitada seja hum objecto grande, todavia huma montanha ingreme, em que pomos os olhos, e hum precipicio, d'onde observamos os objectos, que lhe ficão no fundo, tem em si huma grandeza maior. A magnificencia do firmamento nasce da sua altura unida á mesma extensão. Toda vez pois que se tracta d'espaço, he certo, que a amplidão de extensão em huma, ou outra dimensão constitue este Bello. Tirai todo o limite a hum objecto, que logo este apparecerá grande, e admiravel: d'aqui vem, que a immensidade, o numero infinito, e a sempiterna duração enchem a alma de grandes ideias: e a respeito da duração ella desperta em nós a ideia da grandeza do tempo, assim como a extensão a do espaço. Esses rochedos, que parecem coeternos com o mundo, essas arvores gigantescas, de cuja origem ninguem se recorda, essas antigas massas, esses tumulos, esses arcos, que se avisinhão aos mais remotos povos d'antigaidade, excitão commoções extraordinarias, e poderosissimas; e esta a

razão por que o viajante silencioso, e reverente penetra por Pompeia, ou Herculano, e contempla attento as cousas mais miudas.

Á Grandeza pois no Bello moral pertencem a Justiça, a Fé, a Sinceridade, a Gratidão, e todas aquellas virtudes que resultão da Rectidão; e a esta Grandeza corresponde hum prazer misturado de admiração. Á respeito do Bello artificial desta especie, nas fracas tentativas, que faz a Arte humana para formar grandiosos objectos, a grandeza das dimensões nem sempre constitue a sua parte primaria; e tal Grandeza mais se admira nos vastos desenhos d'Architectura, do que nas obras das mais irmãs imitadoras. Por suas immensas massas ella attesta a magestade da Religião, a fortuna dos povos, o poder dos Reis; e levantando-se sobre os objectos creados, apenas dá lugar á comparação, que nas Artes fazemos entre a ficção, e a verdade: e quem ha hi de animo tão apoucado, que não admire a magnanima audacia d'hum Arnolfo, d'hum Orgagna, d'hum Brunellesco, d'hum Miguel-anjo, que forão quasi omnipotentes em tudo, que creárão!

O Sublime he o ultimo gráo do Bello, e incremento do grande. O Sublime pois produz tão eminentes, e bellas impressões, que a alma sente maravilha junta a hum principio de terror; de maneira que, passando além do sublime, o exercicio d'alma se tornaria violento, e cessaria aquella moderação, que temos considerado como principalissima condição do Bello. Nos objectos naturaes as mais das vezes huma grande força posta em movimento excita sempre ideias sublimes, e esta talvez seja

á sua fonte mais copiosa. D'aqui a grande impressão dos terramotos, das erupções volcanicas, dos furiosos incendios, das vastas inundações, do oceano em tempestade, da furia dos ventos, dos trovões, dos raios, e de todas as violencias extraordinarias dos elementos. A obscuridade, a solidão, o silencio, e tudo o que confina com o terrivel, tendem a accrescentar o sublime. Tal he este lugar do Apocalipse, Cap. 19 v. 6. «*Et audivi quasi vocem turbæ magnæ, et sicut vocem aquarum multarum, et sicut vocem tonitruorum magnorum dicentium: alleluia.*» E ouvi huma voz como de muita gente, e hum como estrondo de muitas aguas, e como o estampido de grandes trovões, que dizião: alleluia.

Veja-se com que dexteridade Virgilio se servio de todas estas ideias de silencio, d'espaço, e d'obscuridade, quando faz descer o seu heroe ás regiões infernaes, e lhe revela os mysterios do grande abysmo.

«Dii quibus imperium est animarum, umbræque silentes,
Et Chaos, et Phlegeton, loca nocte silentia late,
Sit mihi fas audita loqui; sit numine vestro
Pandere res altâ terrâ et caligine mersas.
Ibant obscuri, sola sub nocte, per umbram,
Perque domos Ditis vacua, et inania regna;
Quale per incertam lunam, sub luce maligna,
Est iter in sylvis.....

Numes, que tendes do Orco o regimento,
Caladas Sombras, Chaos, Phlegetonte,
Tenebrosa Mudez, que o Averno abranges;

Permitti-me o que ouvi contar ao mundo;
Permitti-me aventar altos segredos
Na profundez da terra sepultados.
Sós s'entranhavão na espaçosa noite,
Reinos de Dite, habitações do Vácuo;
Quaes caminhantes na solidão dos bosques
Com voluvel clarão da lua escassa.....

(Trad. do Dr. Lima Leitão.)

Assim o eloquente Chateaubriand, descrevendo os bosques d'America, sabe ajuntar todas estas circunstancias para produzir o Sublime deste genero. «*Pénétrez dans ces forêts americaines* (diz elle) *aussi vieilles que le monde: quel profond silence dans ces retraites, quand les vents viennent à s'élever! Êtes-vous immobibille, tout est muet: faites-vous un pas, tout soupire. La nuit s'approche, les ombres s'epaississent: on entend des troupeaux de bêtes sauvages passer dans les tenebres; la terre murmure sous vos pas; quelques coups de foudre font mugir les deserts; la forêt s'agite, les arbres tombent, un fleuve inconnu coule devant vous. La lune sort enfin de l'Orient; á mesure que vous passez au pied des arbres, elle semble errer devant vous dans leur cime, et suivre tristement vos yeux. Le voyageur s'assied sur le tronc d'un chêne pour attendre le jour; il regarde tour à tour l'astre des nuits, les ténèbres, le fleuve; il se sent inquiet, agité, et dans l'attente de quelque chose d'inconnu; un plaisir inoui, une crainte extraordinaire font palpiter son sein, comme s'il allait être admis à quelque secret de la Divinité: il est seul*

au fond des forêts; mais l'espirit de l'homme remplit aisement les espaces de la nature, et toutes les solitudes de la terre sont moins vastes qu'une seule pensée de son cœur»

Hum certo gráo d'obscuridade nas ideias, e nas expressões não he desfavoravel ao Sublime; por que a impressão, que causa hum objecto he talvez maior quando o objecto he menos distincto; pois huma ideia mui clara nem sempre he a que mais vivamente abala a imaginação, e com effeito esta, quando fortemente movida, nem sempre o he pelos objectos, que melhor concebemos. D'aqui vemos, que quasi todas as descripções de entes sobrenaturaes tem alguma cousa de sublime, posto que nos não deixem as mais das vezes, senão ideias confusas. Esta sublimidade nasce dessas descripções fazerem dispertar ideias d'hum poder, ou d'huma força superior, que se confundem em huma respeitavel obscuridade. Nós achamos hum exemplo disto nesta bella passagem do Livro de Job. (Cap. 4.° v. 13 até 17.) «*In horrore visionis nocturnæ, quando solet sopor occupare homines, pavor tenuit me, et tremor, et omnia ossa mea perterrita sunt. Et cum spiritus me præsente transire, inhorruerunt pili carnis meæ. Stetit quidam cujus non agnoscebam vultum, imago coram oculis meis, et vocem quasi auræ lenis audivi: numquid homo, Dei comparatione justificabitur, aut factore suo purior erit vir?* « No horror d'huma visão nocturna, quando o somno costuma occupar os sentidos dos homens, assaltou-me o medo, e o tremor, e todos os meus ossos estremecerão. E ao passar diante de mim hum

espirito, os cabellos de minha carne se arripiárão. Parou diante hum, cujo rosto, eu não conhecia, hum vulto diante dos meus olhos, e ouvi huma voz como de branda viração. Por ventura o homem em comparação de Deos será justificado? *(Trad. de Pereira.)*

O Ente Supremo he a mais sublime das nossas ideias, he o maior objecto, e aquelle, que menos concebemos: sua natureza infinita, sua eterna duração, sua omnipotencia excedem á nossa imaginação, e todavia a elevão ao mais alto ponto, a que póde chegar. He sublime deste genero o Psalmo 2 de David. — *Quare fremuerunt Gentes, et populi meditati sunt inania? — Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus — Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum — Qui habitat in cœlis irridebit eos, et Dominus subsannabit eos. — Tunc loquetur ad eos in ira sua, et in furore suo conturbabit eos. — Ego autem constitutus sum rex ab eo Super sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus — Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te — Postula a me, et dabo tibi hereditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ — Reges eos in virga ferrea, et tanquam vas figuli confringes eos — Et nunc Reges intelligite: erudimini qui judicatis terram. — Servite Domino in timore: et exultate ei cum tremore. — Apprehendite disciplinam, ne quando irascatur Dominus, et pereatis de via justa. — Cùm exarserit in brevi ira ejus, beati omnes qui confidunt ein eo.*»

Assim o verteo com grande valentia o nosso compatriota o Padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

Strophe.

Que frémito e bramido em torno soão!
Que vãos concelhos as nações meditão!
Os principes se erguèrão,
E os Reis da terra contra o Deus Supremo,
E contra o seu Ungido.
«Quebremos as algemas, que nos prendem,
E o jugo sacudamos,
Com que a cerviz indómita nos rendem.»

Antistrophe.

Assim disserão, mas a sua ousada
Infame rebeldia o Deus eterno,
Sobre as nuvens sentado,
Com riso mofador encara, e insulta:
Já de ira lhes prepara
Abrazados discursos, já castiga,
No seu furor invicto,
E espalha a imbelle, desgraçada liga.

Epode.

Então a voz alçando,
Assim fallou o Christo do Deus vivo:
«Eu sou monarcha, sobre o monte sancto,

A frente me coròa
O mesmo Deus, e suas leis sagradas
Ás gentes annuncío.
Da Zona ardente té o polo frio.»

Strophe.

«Não duvideis, ó povos; pois me disse
O Nume Soberano: Tu, meu filho,
Tu és o meu amado;
Eu hoje te gerei: pede, e o imperio
Do orbe quero dar-te;
Com ferreo sceptro rege a redondeza;
Qual de vil barro hum vaso
A pó reduzirás sua dureza.»

Antistrophe.

Ouvistes estes sons, ó Reis soberbos?
E vós, Juizes, que julgaes a terra,
Instrui-vos agora,
E da justiça meditai as regras;
Perante o Rei Supremo
Abatidos curvai excelsas frentes,
E com jubilo sancto,
Alegres exultai, e reverentes.

Epode.

A lei divina e eterna
Abraçai; que não se ire o Omnipotente,

E com justa sentença, do caminho
Vos lance da virtude.
Quando breve raiar de sua ira
O temeroso dia,
Venturoso o que nelle só confia.»

He do mesmo genero o Salmo 18 — *Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manum ejus annuntiat firmamentum* — excellentemente traduzido por Alcippe, ou a Condessa de Oenhausen do modo seguinte :—

A gloria do Senhor os Ceos relatão.
Em pompa o firmamento he que annuncia
Da mão divina as obras magestosas,
Que assombrão os viventes.
O dia ao dia diz, a alta palavra ;
Revela a noite a noite a sapiencia,
Que dirige os prodigios do universo,
Que o seu Author declarão.
A linguagem dos Ceos sempre he distincta:
Não ha rustico, ou barbaro, a quem seja
Ignoto o seu sentido, a fraze obscura,
E Deos não reconheça.
Tocão as vozes os confins da terra,
Reboa o som por toda a rendondeza,
Diffunde-se por toda a mente humana
A convicção sublime.
Deos prescreveo ao sol seu aposento,
E como juvenil esposo surge
Do thalamo, com passo gigantesco

Se abalança a seu giro.
Em torrentes de luz sahe do Oriente,
Vai sempre na carreira accelerado,
Diffundindo o calor nos seres todos
Té sumir-se no Occaso.
Tal a Lei do Senhor immaculada,
Lei, que converte as almas, vivifica
Fiel as creaturas, aos humildes
Dá sempre intelligencia.
Os preceitos de Deos contentão o animo,
São claros, e com luz fiel dissipão
Os erros tenebrozos, esclarecem
A nossa fraca vista.
Como pensando em Deos no peito nasce
Sancto temor, que eternos fructos cria !
Como são rectos, Deos, os teus juizos,
Se punes, ou consolas !
Mais do que oiro, ou pedras preciosas
São para desejar os teus preceitos ;
Mais suave que o favo, e mel fragrante
He saber o que mandas.
O teu servo fiel exacto observa
O que ordenas, Senhor, e a recompensa
Mais bella na observancia he que consiste ;
Feliz o que não erra.
Mas quem conhece ao certo seus delictos ?
Purifica, meu Deos, tantos defeitos,
Que occultos em meu peito ignoro eu mesmo
Comtigo incompativeis.
Do contagio dos máos põe-me distante,

De influencias perversas me defende
Se d'erros meus, e alheios me lavares,
Escaparei sem mancha.
De minha bocca as vozes innocentes
Acceitas te serão; accompanhadas
Do que o meu coração medita e sente
O meu Deos contemplando.
Ante o teu throno envio os meus suspiros:
Preces, humildes são: sejão-te gratas,
Pois és sempre, senhor, o meu refugio,
Redemptor de minha alma.»

No Salmo 19, magnificamente vertido pela mesma Sra. encontrão-se estes pensamentos verdadeiramente sublimes, tractando do poder de Deos.

« Voltaste aos impios carrancuda a frente,
Nas cavernas medrosas se escondèrão,
Perecèrão, seus nomes se extinguirão,
Seu fausto anniquilou-se.

No Salmo 17 o Sublime do mesmo genero se vè nas seguintes Estrofes.

« Então se commoveo tremula a Terra,
Os montes, que mugirão, se gretárão;
Abrirão-se os abysmos:
E Deos contra a maldade enfurecido
Desceo com justa colera incendido.
Fogo devorador rompeo das serras.

C'o a colera de Deos fumega o Globo:
Accesas brazas luzem
Na sua face irada, os Ceos se inclinão
Encobertos c'o as trevas, que os dominão.

D'além dos Cherubins Deos mesmo desce
Sobre as azas dos ventos incansaveis:
Pelo estrellado campo
Em que tantos mil mundos apresenta,
Róla o Carro soberbo, em que se senta!

Pára aqui, e levanta portentoso
Hum pavilhão de trevas, onde ignoto
Reside rodeado
De hum fusco véo de sombras mysteriosas,
Formado de ar, e d'aguas tenebrosas.

Mas aos raios, que solta furibunda
Sua face, em furor toda abrazada
Se dissipão as nuvens;
Soltão-se as brazas, a saraiva espessa,
E a tempestade a trovejar começa.

Hum medonho estampido nos Ceos se ouve,
Que do Altissimo he voz ameaçadora:
Desta o estrepito dobrão
Carvões accesos, com que a terra infesta,
E a saraiva, que solta, e as plantas cresta.

As mais agudas, mais assoladoras
Dispara as suas setas, Deos irado
Vibra raios tremendos,
Turba, arrasa, dissipa a gente ingrata,
E os impios, que castiga, desbarata.

Fende-se o chão com repetidos golpes
Abre seu seio a Terra, e quasi mostra
As origens das fontes,
Do Orbe os fundamentos abalados,
Os limites dos mares trasladados» &c.

(*Trad. de Alcippe*)

Não he menos sublime o Psalmo 73, em que o Rei Propheta invoca as misericordias do Senhor sobre o seu povo consternado. — *Ut quid Deus repulisti in finem? Iratus est furor tuus super oves pascuæ tuæ? — Memor esto congregationis tuæ, quam possedisti ab initio. — Redemisti virgam hæreditatis tuæ ; mons Sion, in quo habitasti in eo. — Leva manus tuas in superbias eorum in finem : quanta malignatus est inimicus in sancto !— Et gloriati sunt qui oderunt te : in medio solemnitatis tuæ. — Posuerunt signa sua, signa : et non cognoverunt sicut in exitu super summum. — Quasi in silva lignorum securibus exciderunt januas ejus in idipsum : in securi, et ascia dejecerunt eam. Incenderunt igni Sanctuarium tuum : in terra polluerunt tabernaculum nominis tui. — Dixerunt in corde suo cognatio eorum simul : Quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra. — Signa nostra non vidimus, jam non est propheta :*

et nos non cognoscet amplius. — Usquequò Deus improperabit inimicus? Irritat adversarius nomen tuum in finem? — Ut quid avertis manum tuam, et dexteram tuam, de medio sinu tuo in finem? — Deus autem rex noster ante sæcula: operatus est salutem in medio terræ — Tu confirmasti in virtute tua mare; contribulasti capita draconum in aquis. — Tu confregisti capita draconis: dedesti eum escam populis Æthiopum. — Tu dirupisti fontes et torrentes: tu siccasti fluvios Ethan. — Tuus est dies, et tua est nox: tu fabricatus es auroram et solem. — Tu fecisti omnes terminos terræ: æstatem et ver tu plasmasti ea. — Memor esto hujus, inimicus improperavit Domino: et populus insipiens incitavit nomen tuum. — Ne tradas bestiis animas confitentes tibi, et animas pauperum tuorum ne obliviscaris in finem. — Respice in testamentum tuum: quia repleti sunt, qui obscurati sunt terræ domibus iniquitatum. — Ne avertatur humilis factus confusus: pauper et inops laudabunt nomen tuum. — Exurge Deus judica causam tuam: memor esto improperiorum tuorum, eorum, quæ ab insipiente sunt tota die. — Ne obliviscaris voces inimicorum tuorum: superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.»

Assim o traduzio livre, e eloquentemente o precitado Padre Caldas, que tenho por Classico da nossa Lingoa, e eximio Poeta.

Porque nos tens, ó Deus, desamparado
Até o ultimo extremo, e de ira acceso,
O peito desafogas sobre ovelhas

Do teu mesmo rebanho?
Lembra-te, Deus piedoso,
Que esta gente mesquinha, e abandonada,
He aquella familia, que chamaste,
E desde antigo tempo dominaste:
Per ti foi resgatada
A fecunda vergontea promettida
Á tua herança: lembra-te dos campos
Agora desolados, da sagrada
Montanha de Sion, onde te aprouve
Fixar tua morada:
Ergue, ó Deos, ergue o braço poderoso
Contra a soberba atroz dos que atropellão
Teu desditoso povo.
Que crimes, que maldades de alto espanto
O inimigo não faz no templo sancto!
Aquelles que te odeião
Soberbos se entonavão
No lugar, onde d'antes resoava
De teus louvores o solemne canto.
Desassisados sem temor alçárão
Seus tropheos, e bandeiras pendurárão.
Como em publica estrada,
No Templo sobre o cume, tremolárão.
Quaes se talhão na mata abastecida
Antigos duros troncos alentados;
Assim espedaçavão suas portas
A repetidos golpes
De cortador machado, as derrubárão.
Com devorantes chammas

Abrazárão, oh! dor! teu sanctuario.
Aquelle Tabernaculo,
Que a ti era votado
Deixárão sobre a terra profanado.
Disserão todos em seus impios peitos,
Façamos de huma vez cessar o culto
Do Deos que em Israel he adorado;
Não haja mais no mundo
Hum só dia a tal nome consagrado:
E em tanta desventura
Os prodigios não vimos, com que usavas
N'outro tempo amparar-nos;
Nem ao menos a voz soar s'escuta
De hum propheta, que possa
Adoçar, consolar a magoa nossa.
Até quando, ó meu Deus, tantos insultos
Contra nós bradará este inimigo?
Ah! vè, que elle o teu nome
Profana, offende, e sem cessar irríta.
Tu és o nosso Deus, nosso Monarcha,
Que nos passados fugitivos seculos,
Entre prodigios mil nos defendeste,
E por nós de pavor a terra encheste.
Tu dividiste as ondas,
E a nosso favor as condensaste,
E subito soltando-as, submergiste
De ferozes dragões as vís cabeças.
Do dragão as cabeças esmagaste,
Como pasto as deixaste,
Juncando as praias da Ethiopia adusta;

De endurecidas penhas arrancaste
Serenas fontes, limpidas torrentes,
E as agitadas rapidas correntes
Dos rios enfreaste, e a pé enxuto
Per entre os seccos alveos nos guiastes
A ti pertence o dia, he tua a noite;
Tu foste quem d'aurora
Formou a face linda, e encantadora;
E tu do sol ardente
Os raios fabricaste omnipotente.
De hum polo a outro polo
Os limites puzeste á terra inteira,
Das estações teceste
A regular constante alternativa.
Attenta tal poder, tanta grandeza,
E vè, que o inimigo vituperios
Vozeia ao seu Senhor; povo insipiente
Teu nome provocou insanamente.
Não entregues a feras sanguinarias
Aquelles que por Deus te reconhecem;
De teus humildes servos
Aos rogos, e aos gemidos
Até o fim não cerres teus ouvidos.
Olha o teu testamento venerando,
Vè como escurecidos
Na terra vagão, gemem,
Da iniquidade as casas povoando.
Não se retire triste e confundido
O humilde; e vè, que são o pobre, e o humilde
Os que hão de engrandecer teu nome sancto

Desperta, ó Deus, e julga a tua causa,
Recorda-te dos feros improperios,
Que todo o dia, ou brilhe o sol, ou mostre
A negra noite seu torvado rosto,
Raivosa insana gente
Vomita contra ti fera, e insolente.
As vozes não esqueças
Dos que te fazem guerra:
Empunha o arco, e aterra
Os pensamentos seos.
Fervendo, o seo orgulho
A cada instante cresce,
Soberbo, se engrandece
Já sobe até os Ceos.»

Não he menos magestoso, senão ainda mais elevado, e sublime o Cantico de Acção de graças, que Moysés, e o povo de Deos entoárão ao Senhor depois da milagrosa passagem do Mar Vermelho. (*Exodo Cap.* 15.)

« *Cantemus Domino; gloriose enim magnificatus est, equum et ascensorem dejecit in mare. — Fortitudo mea, et laus mea Dominus, et factus est mihi in salutem: iste Deus meus, et glorificabo eum: Deus patris mei, et exaltabo eum. — Dominus quasi vir pugnator, omnipotens nomem ejus. — Currus Pharaonis et exercitum ejus projecit in mare: electi principes ejus submersi sunt in Mari rubro — Abyssi operuerunt eos, descenderunt in profundum quasi lapis. — Dextera tua Domine magnificata est in fortitudine: dextra tua, Domine, percussit inimicum. — Et in multitudine gloriæ tuæ deposuisti adversarios tuos: misisti iram tuam, quæ devoravit eos sicut stipulam. — Et in spiritu furoris tui congregatæ sunt aquæ: stetit unda*

fluens, congregatæ sunt abyssi in medio mari. — Dixit inimicus: Persequar, et comprehendam, dividam spolia, implebitur anima mea: evaginabo gladium meum, interficiet eos manus mea. — Flavit spiritus tuus, et operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. — Quis similis tui in fortitudine Domine? quis similis tui, magnificus in sanctitate, terribilis atque laudabilis, faciens mirabilia? — Extendisti manum tuam, et devoravit eos terra. — Dux fuisti in misericordia tua populo quem redemisti: et portasti eum in fortitudine tua, ad habitaculum sanctum tuum. — Ascenderunt populi et irati sunt: dolores obtinuerunt habitatores Philistiim. — Tunc conturbati sunt principes Edom, robustos Moab obtinuit tremor: obriguerunt omnes habitatores Chanaan. — Irruat super eos formido et pavor, in magnitudine brachii tui: fiant immobiles quasi lapis, donec pertranseat populus tuus Domine, donec pertranseat populus tuus iste, quem possedisti. — Introduces eos, et plantabis in monte hæreditatis tuæ, firmissimo habitaculo tuo quod operatus es Domine: sanctuarium tuum Domine, quod firmaverunt manus tuæ. — Dominus regnabit in æternum et ultra — Ingressus est enim eques Pharao cum curribus et equitibus ejus in mare: et reduxit super eos Dominus aquas maris: filii autem Israel ambulaverunt per siccum in medio ejus, &c.»

Cantemos ao Senhor: por quanto gloriosamente se magnificou, submergio no mar o cavallo, e o cavalleiro. — A minha fortaleza, e o meu louvor he o Senhor, e elle se fez o meu Salvador: este he o meu Deos, e eu o glorificarei: elle he o Deos de meu pai, e eu o exaltarei. — O Senhor he como hum homem guerreiro, seu Nome he omnipotente — Precipitou no mar os carros de Faraó, e o seu exercito: os seus mais notaveis prin-

cipes forão submergidos no Mar Vermelho. — Os abysmos os cobrírão, precipitarão-se no profundo como huma pedra. — A tua dextra, Senhor, se magnificou pela fortaleza: tua dextra, Senhor, destruio o inimigo. — E na grandeza de tua gloria aniquilaste teus inimigos: enviaste a tua ira, que os devorou como palha. — Ao assopro do teu furor se amontoárão as aguas: parou a agua em sua corrente: os abysmos se condensárão no meio do mar. — Disse o inimigo: Eu irei em seu seguimento, e apanha-los-hei, repartirei os despojos, satisfar-se-ha a minha alma: desembainharei minha espada, minha mão os matará. — Soprou o teu espirito, e o mar os cobrio: forão submergidos como chumbo em aguas impetuosas. —Quem d'entre os Heroes he semelhante a ti, Senhor? quem he semelhante a ti, que hes magnifico em sanctidade, que hes terrivel, e louvavel, obrando maravilhas?—Estendeste tua mão, e a terra os devorou.—Foste por tua misericordia o Capitão do povo, que resgataste; e o conduziste pela tua fortaleza á tua sancta morada.—Levantarão-se os povos, e irarão-se: as dores occupárão os habitadores Felisteos.—Então se perturbárão os Principes d'Edom, o temor se apossou dos valentes de Moab: todos os habitantes de Canaan se enregelárão.—Venha sobre elles o medo, e o pavor, pela grandeza de teu braço: tornem-se immoveis como huma pedra, até que passe o teu povo, ó Senhor, até que passe este teu povo, que possuiste. — Tu os introduzirás, e plantarás no monte da tua herança: na tua firmissima habitação, que tu fundaste: no teu Sanctuario Senhor, que firmárão tuas mãos. — O senhor reinará eternamente, e além da eternidade. —

Entrou pois no mar a cavallaria de Faraó com as carroças, e seus cavalleiros: e o Senhor fez vir sobr'elles as aguas do mar: porém os filhos d'Israel caminhárão a pé enxuto pelo meio delle, &c. (*Pereira.*)

David em muitos lugares de seus Psalmos he sempre sublime, quando falla do poder, e das misericordias de Deos. Taes são as passagens seguintes do Psalmo 17.

« *Commota est, et contremuit terra: fundamenta montium conturbata sunt, et commota sunt, quoniam iratus est eis. — Ascendit fumus in ira ejus, et ignis a facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo. — Inclinavit cœlos, et descendit: et caligo sub pedibus ejus. — Et ascendit super Cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum. — Et possuit tenebras latibulum suum, in circuitu ejus tabernaculum ejus: tenebrosa aqua in nubibus aeris — Præ fulgore in conspectu ejus nubes transierunt: grando, et carbones ignis. — Et intonuit de cœlo Dominus, et Altissimus dedit vocem suam: grando, et carbones ignis. — Et misit sagittas suas, et dissipavit eos: fulgura multiplicavit, et conturbavit eos. — Et apparuerunt fontes aquarum: et revelata sunt fundamenta orbis terrarum. — Ab increpatione tua Domine: ab inspiratione spiritus iræ tuæ. — Misit de sumo, et accepit me de aquis multis. etc.*

.... Dos montes se abalárão
Os vastos fundamentos;
A terra em torno freme,
E a natureza espavorida treme.

Strophe.

De voraz fogo crepitantes flammas,
Per toda a parte ondeião; abrasados
Carvões revoão pelos densos ares:
Os ceos curvaste, já teus pés repousão
Em tenebrosas nuvens:
Cherubim inflammado
Te guia o coche, a tropa se amontoa
Dos ventos, e nas azas delles voa.

Antistrophe.

Eis baixas á terra: entre opacas trevas
Te escondes, e com ellas obumbraste
Teu tabernaculo: nuvens prenhes d'agua
Os ares toldão; ao vibrar splendido
Dos olhos soberanos,
As nuvens fugitivas
Com raios, e trovões, vão ribombando,
E de densa saraiva o chão coalhando.

Epode.

Nos ceos a voz retumba
Do Omnipotente; fulminantes chammas
Os ares mais accendem;
Cresce a espessa saraiva:
Despede as settas suas,
De raios junca a terra
O seu furor, á inimiga gente aterra.

Strophe.

Já das fontes se avista a ignota origem;
Eis do orbe os fundamentos apparecem!
Tremendo a terra, de pavor, se fende,
Ao sopro vingador da voz eterna:
Entre tantos horrores,
A mão me estende, e abriga-me
O' meu Senhor, e d'entre os inimigos
Me arranca, e salva dos mortaes perigos.
(*Caldas.*)

E com que força, com que sublimidade fazendo memoria no Psalmo 103 das maravilhas, e omnipotencia do Senhor, diz!

... *Qui ponis nubem ascensum tuum: qui ambulas super pennas ventorum..... Qui respicit terram, et facit eam tremere: qui tangit montes, et fumigant.* — Que pões huma nuvem para a tua subida: que andas sobre as azas dos ventos..... Que olha para a terra, e a faz estremecer; que toca os montes, e fumegão.

LIÇÃO SEXTA.

Em geral todos os objectos collocados acima de nós, ou de que somos separados por huma grande distancia, quer o espaço, quer o tempo meção essa distancia, tem o poder de produzir huma impressão forte, precisamente porque atravez do espaço, ou do tempo he, que elles nos apparecem.

Certa desordem não he de todo incompativel com a grandeza, e muitas vezes até a accrescentão. He raro, que o que he estreitamente regular, e methodico, seja ao mesmo tempo sublime. Nós não vemos, senão limites, de toda a parte nos sentimos estreitados, falta espaço para o desenvolvimento da noss'alma. A exacta proporção das partes constitue quasi sempre a belleza: o sublime porém despreza esta proporção. Huma massa enorme de rochedos apinhados confusamente, e lançados ao acaso pela mão da natureza, offerece ao nosso espirito hum espectaculo muito maior, do que se fossem dispostos com a mais perfeita symetria.

Resta-nos fallar do Sublime sentimental, ou moral. Elle tem a sua fonte no exercicio das nossas faculdades intellectuaes, em as nossas proprias affeições, ou em as acções dos nossos semelhantes. Tudo o que offerece este genero de sublime, ou pelo menos quasi tudo, comprehende-se debaixo dos nomes de magnanimidade, ou de heroismo, e produz em nós hum effeito absolutamente semelhante ao dos grandes espectaculos da natureza, isto he; enche-nos de admiração, e transporta a noss'alma acima de si mesma.

Hum bello exemplo neste genero, citado por todos os criticos Francezes, he o celebre *qu'il mourût* de Corneille na Tragedia de Horacio. No famoso combate entre os Horacios, e os Curiacios, o velho Horacio sabe, que dous de seus filhos erão mortos, e que o terceiro fugira. A principio não o póde crer; mas certo do facto, enche-se de indignação pelo proceder infame do unico filho, que lhe resta; e perguntando-se-lhe o que

queria, fizesse este guerreiro, que tinha de combater sosinho contra tres; respondeo «*qu'il mourût*, que morresse. Assim tambem quando perguntárão a Poro, prisioneiro de Alexandre, depois de honrosa defesa, como queria ser tractado, respondeo: *como Rei.* Cesar disse ao piloto, que em huma tempestade recusava recebe-lo em sua barca» *Quid times? Cæsarem vehis.*» Estes exemplos pertencem ao sublime de sentimento. Quando no meio d'huma situação importante e perigosa vemos hum homem inabalavel, e só confiado em si mesmo não se deixar levar nem da ira, nem do temor; quando o vemos animado d'alguma grande affeição, que o põe ácima da opinião publica, do interesse privado, do perigo, e da propria morte, somos então penetrados d'hum sentimento sublime. Mario andava fugitivo, e errante, quando hum Lictor armado do seu facho, veio ordenar-lhe da parte do Pretor Romano, que sahisse d'Africa. Mario indignado de se ver desprezado no ultimo termo do infortunio por aquelle Magistrado d'hum anno, soube conter-se, e fazer, que sentisse a baixeza, que manifestava o abuso d'huma autoridade precaria: e o vencedor de Jugurtha, dos Cimbros, e Teutons, justamente persuadido, que na desgraça principalmente he, que se permitte ao homem o lembrar-se da sua gloria, respondeo ao satellite, encarregado de lhe intimar essa ordem deshumana. « Vai dizer a teu amo, que viste a Caio Mario foragido do seu paiz, e assentado sobre as ruinas de Carthago» como se pela comparação das suas desgraças pessoaes com a queda do poderoso imperio dos carthaginezes (diz o Abbade Vertot) quizesse Mario instruir ao Pre-

tor sobre a instabilidade das maiores fortunas. Não he menos sublime a celebre apostrophe, que o famoso Mirabeau em a Assembléa Nacional da França dirigio a Mr. de Brézè, que da parte do Rei intimava aos Deputados a ordem de se separarem, e retirarem: « *Allez dire à vòtre maître que nous sommes ici par la volonté du peuple, et que nous ne quitterons notre place que par la force des baïonnetes.* » Vai dizer a teu amo, que nós estamos aqui pela vontade do povo, e que não desampararemos o nosso posto, senão á força de bayonetas.

DO ESTYLO ORATORIO.

Tres embaixadores enviárão os Athenienses á Roma para alcançar remissão da pena de 500 talentos, que lhes impozérão por haverem destruido a cidade de Oropo, que era da jurisdicção Romana. Cada um delles orou de per si no Senado clara e copiosamente: e como todos tres erão phylosophos de seitas, e doutrinas differentes, mostrárão aos Romanos tres maneiras de perorar, de que até então não havião tido noticia, e as tecerão com vario estylo a exemplo d'Homero, que attribue a Ulysses oração copiosa, a Menelao curta, e a Nestor mediana. Imitárão tambem nisto a tres Provincias da Grecia; porque os Asiaticos erão abundantes, e pomposos, os Aticos recolhidos, e socegados, e os Rhodios guardavão hum certo meio, assemelhando-se antes a Eschines, do que a Demosthenes, ou a Hierocles, e a Monocles, os quaes, ao dizer de Cicero, forão dous irmãos, principes dos oradores Asiaticos.

Dionisio de Halicarnaso divide em tres classes os ca-

racteres geraes do estylo com os nomes de austero, florido, e medio. Distingue o primeiro por sua energia, e robustez, em que tem pouca parte a suavidade, e o ornato, e põe por modelo a Tucidides entre os prosadores: ao segundo por seu ornato, fluidez, e doçura, em que brilha mais o numero, e a graça, do que a energia, assignalando por exemplo a Isocrates entre os Oradores; e ao terceiro, como que participa dos outros dous, e de suas virtudes.

Cicero, e Quintiliano dividem tambem o Estylo em tres generos, segundo as suas diversas qualidades, e são o singelo, o grave, e o medio. Quasi todos os Rhetoricos tem adoptado depois este systema, dando-lhe differentes interpretações, e illustrações a cada huma das tres classes. Chamão ao singelo tenue, ou subtil, ao grave vehemente, e levantado, e ao medio temperado.

Estylo entre os antigos era a agulha, ou ponteiro, que servia para traçar os caracteres: d'ahi veio dar-se metaforicamente o nome de Estylo á parte da composição litteraria, que consiste na expressão dos pensamentos, ou sentimentos por meio da lingoagem. Este vocabulo, como o indica a sua etymologia, applica-se mais convenientemente aos escriptos, do que aos discursos, de maneira que póde-se dizer, que o Estylo he para o Escriptor o que a Elocução he para o Orador.

A distincção dos tres Estylos em Simples, Temperado, e Sublime não póde ser de huma rigorosa precisão, e não póde deixar de ser um pouco arbitrario o limite, que separa os diversos generos de Estylo. A diversidade dos generos de Litteratura deo nascimento a outra distincção entre os diversos Estylos, segundo convèm a tal, ou tal

especie de composição. Huma cousa he o Estylo poetico, e outra o Estylo das obras em prosa. O Estylo philosophico he simples, e preciso: o Estylo historico he grave, e severo: o Estylo Oratorio he abundante, vivo, e figurado. O Estylo Academico pêde brilho, e até luxo; porque he hum litterato, que falla a outros. No Estylo epistolar a familiaridade não exclue as graças da imaginação. A observancia destas conveniencias he huma das regras mais essenciaes d'arte d'escrever; porque nunca devemos esquecer o principio de que *bellezas fóra do seu lugar deixão de ser bellezas.* O *prosaismo* he hum vicio no Poeta; assim como a poesia d'Estylo he cousa ridicula em hum Escriptor didatico. Huma obra de sentimento, e de imaginação não deve ser escripta, como huma obra de sciencias, ou de raciocinios: hum assumpto elevado pede outro tom; que não hum assumpto familiar.

Como em a noss'alma existem duas faculdades, dous Estylos tambem existem para as nossas ideias. A paixão não se exprime, como a intelligencia: o espirito não falla, como o coração: assim a mesma ideia, segundo emanar d'huma, ou d'outra fonte, revelar-se-ha por processos diversos, e revestirá fórmas distinctas. O physico expondo os phenomenos da luz, o homem sensivel descrevendo os effeitos d'hum bello dia não fallão a mesma lingoa, com quanto fallem dos mesmos objectos.

D'ahi huma nova ordem de conveniencias não menos essenciaes, e dignas de se guardar. Não confundamos nunca a lingoagem do coração com a da intelligencia: evitemos substituir huma a outra; porque sahiriamos

igualmente fóra da verdade. Tambem se podem distinguir no Estylo qualidades exteriores, (se assim as podemos chamar) que dependem das formas da lingoagem, do artificio do escriptor, e das qualidades intimas, que são d'alguma sorte o reflexo do pensamento, que se espalha pelo discurso. O Estylo considerado debaixo desta relação toma tantos caracteres, quantos são os escriptores verdadeiramente originaes: sentencioso em Salustio, profundo em Tacito, violento em Juvenal elle toma em Virgilio o cunho d'huma encantadora melancolia: eleva-se em Camões, apaixona-se em Dircêo, enternece-se em Bernardim Ribeiro, e Rodrigues Lobo. Neste sentido he, que o eloquente Buffon dizia, que o Estylo he o homem inteiro.

O Estylo considerado em suas formas exteriores, em sua factura, he susceptivel d'huma perfeição progressiva, como tudo, que depende do processo das Artes: elle se elevará gradualmente da correcção á precisão, da precisão á elegancia. O Estylo será correcto, se não contiver faltas contra a lingoa, se o escriptor se astringir ás leis da Grammatica: será preciso, se o autor tiver sempre o cuidado de não usar, senão da expressão propria, se banir os termos vagos, as expressões parasitas, se evitar os torneios froxos, e verbosos, se cortar emfim tudo, que não serve para dar clareza ao seu pensamento. O Estylo será elegante, se se compozer d'huma escolha feita com gosto das expressões mais agradaveis, das frases mais felizes da lingoa. Esta elegancia emfim será sabia, se a sorte do escriptor souber dar nobreza, ou graça a cousas naturalmente baixas, oú desengraçadas; se a temeridade das Figuras for habilmente disfarçada

sob a simplicidade das formas, se termos grosseiros, ou detalhes áridos forem dissimulados com dexteridade, ou cobertos por agrados da lingoagem, &c. O Estylo será numeroso, quando o encadeamento das longas, e breves produzir hum rhythmo agradavel ao ouvido: será euphonico, quando o discurso não for composto, senão de vozes sonoras, e de articulações faceis: será harmonioso, quando os sons lentos, ou rapidos, doces, ou roucos, inteiros, ou partidos augmentarem por sua expressão o effeito do discurso.

E como definiremos o Estylo? Estylo na sua accepção mais ampla, diz o Sr. Freire de Carvalho, he o modo particular, por que cada individuo significa os seus pensamentos por intervenção da lingoagem fallada, ou escripta. Em huma accepção mais particularmente oratoria, Estylo he a forma geral da Elocução, que predomina em toda huma obra, ou em parte della, e que resulta de certa especie de pensamentos, e da escolha, e collocação das palavras conveniente á materia, de que se tracta.

Segundo as partes do discurso assim deve ser o Estylo. O que mais convèm ao Exordio he o Estylo designado por Quintiliano pela denominação de Estylo tenue, ou subtil, que he o mesmo a que Blair chama simples, ou singelo, participando do apurado, ou polido. Admitte este Estylo poucos ornatos, e não os mais brilhantes, por contar unicamente com a força dos pensamentos; mas bem longe de desprezar as bellezas da lingoagem, antes mostra, que ellas lhe devem attenção especial, manifestando-se todavia essa attenção mais na escolha, e collocação das palavras, do que nos grandes esforços da

imaginação, e da Eloquencia: as suas frases, despidas de palavras inuteis, são sempre claras, moderadamente extensas, antes curtas, do que frequentemente periodicas, e terminadas a proposito, sem cauda, ou appendice, que vá como arrastrando-se: finalmente os Tropos, e Figuras, de que se serve, em vez de brilhantes, e arrojados, são luminosos, e correctos. Tal deverá ser o Estylo do Exordio.

O Estylo mais conveniente á Narração he o mediocre, ou temperado de Quintiliano, a que por ventura corresponde o Estylo elegante de Blair. Caracterisão este Estylo grande pureza, e propriedade na escolha das palavras, cuidado, e facilidade, em as arranjar por hum modo favoravel á harmonia, ajudado da imaginação, que derrama sobre o Estylo a propriedade, graça, e belleza, juntas á aquella especie de luz, que os Tropos, e as Figuras produzem, quando são distribuidos a proposito. Em huma palavra, o Estylo elegante, que he proprio da Narração, he aquelle, que agrada á imaginação, e ao ouvido, esclarecendo ao mesmo tempo o entendimento, isto he, aquelle, que ajunta ao merito dos pensamentos tudo quanto póde aformosear a sua expressão, sem a sobrecarregar de ornatos mal apropriados.

Ás provas logicas, ou á Confirmação deve presidir rigorosamente o Estylo tenue, ou subtil do Rhetorico Latino, que he o Simples, ou Singelo do Rhetorico Escocez, isto he; Estylo claro, e preciso no que diz respeito aos pensamentos; puro, e correcto quanto á expressão, sem que lhe sejão incompativeis a força, e a vivacidade.

Na Peroração finalmente, e mais quando nella houverem de ser excitados affectos patheticos, o Estylo pre-

dominante deve ser o Sublime e Robusto de Quintiliano, ou o Vehemente, revestido o mais possivel do Estylo natural do Rhetorico moderno. Caracterisão o Estylo Vehemente hum ardor, e fogo devorante, que indica paixões postas em movimento, huma imaginação excitada, e hum'alma fortemente abalada, a qual, desprezando tudo quanto são bellezas de Elocução, entrega-se ao seu assumpto, e sobr'elle se arremeça com a violencia, e rapidez d'huma torrente arrebatada. O Estylo natural, que deve particularmente revestir o vehemente, e que a todos os Estylos dará o mais subido realce, he aquelle, que exprime toda a casta de pensamentos com facilidade, e singeleza ; e que sendo susceptivel dos mais ricos adornos, usa todavia delles sem affectação, desviando de si tudo quanto dá mostras de trabalho, de desvelo, e de artificio na Elocução.

Importa porém muito advertir, que sem embargo de serem estas as especies de Estylos, que, parecem, devem caracterisar cada huma das quatro partes, que entrão na composição de hum discurso oratorio regular, com tudo he fóra de toda a contestação, que huma só he a especie de Estylo, que convem, predomine na totalidade de qualquer composição litteraria, Estylo, o qual deve todavia diversificar, conforme á natureza geral do assumpto, que nella se tractar.

He de advertir outrosim, que os Estylos são susceptiveis de muitas gradações, e modificações, inclinando-se ora mais para este, ora mais para aquelle genero dos que temos apontado, á maneira dos ventos, que sendo conhecidos pelos pontos principaes de Norte, Sul, Leste,

Oeste, tomão outras muitas classificações, segundo se approximão, ou apartão dos mencionados quatro pontos.

Mas qual será o meio de adquirirmos bom Estylo? Debalde escogitariamos regras a este respeito; pois quanto se ha dicto sobr'esta materia não será capaz de formar hum bom escriptor. As unicas regras, que conheço proveitosas, são: 1.°, estudar mui aturada, e seriamente a lingoa, em que se ha de escrever: 2.°, meditar, e conhecer bem o assumpto, sobre que se tem de escrever: 3.°, familiarizar-se com a lição dos melhores modelos, sem todavia procurar imita-los servilmente: 4.°, ter muito exercicio de escrever. Além de todas estas cousas, he indispensavel huma certa aptidão, hum certo talento, sem os quaes nada se conseguirá. J. J. Rousseau, que não sabia dar quatro palavras, escrevia com hum atticismo, com huma eloquencia admiraveis.

LIÇÃO SETIMA.

Agora passaremos a dar alguns exemplos dos tres Estylos Simples, Temperado, ou Florido, e Sublime. Ao primeiro genero parecem-me pertencer as Perigrinações do nosso Classico Fernão Mendes Pinto. De Estylo Simples, e ao mesmo tempo terno he a Redondilha de Camões, que principia.

Sôbolos rios, que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.

Alli o rio corrente
De meu olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.
Alli lembranças contentes
N'alma se representárão,
E minhas cousas ausentes
Se fizerão tão presentes,
Como se nunca passárão.
Alli depois de acordado,
C'o rosto banhado em agoa,
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não he gosto, mas he magoa. &c.

Do mesmo Estylo julgo ser esta Lyra do nosso Gonzaga.

« A estas horas
Eu procurava
Os meus amores,
Tinhão-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo
Sem compostura
He mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha,
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva
Agoa mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha,
Então brincando
A mim a unia:
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Qu'eu só com ella
He, que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos
De dia em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que stá no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho;

Na quente sesta,
Della defronte,
Eu m'entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha:

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

« Não ha pastora
Que chegar possa
Á minha bella,
Nem quem me iguale
Tambem na Estrella. »

« Se amor concede,
Qu'eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito. »

« Ornão seu peito
As sans virtudes,
Que nos namorão
No seu semblante
As graças morão. »

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto he mudo...
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

Pertencem a este Estylo as cartas do Padre Antonio Vieira. Mas nada chega neste genero aos Evangelhos, onde muitas vezes o simples acha-se unido ao Sublime. Tal me parece o Evangelho de S. João, Cap. 13.

« *Ante diem festum Paschæ, sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cùm*

dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos, &c., &c.

EXEMPLOS DO ESTYLO FLORIDO.

« Neste monte mais alto de todos, (que eu vim buscar pela suavidade differente dos outros, que nelle achei) passava eu a minha vida, como podia, ora em me ir pelos fundos vales, que o cingem de redor, ora em me pôr do mais alto delle a olhar a terra como ia acabar ao mar; e depois o mar como se estendia logo apoz ella para acabar onde o ninguem visse. Mas quando vinha a noite, acceita a meus pensamentos; que via as aves buscarem seus pousos, humas chamarem as outras, parecendo, que queria assocegar a terra mesma, então eu triste com os cuidados dobrados, com que amanhecia, me recolhia para a minha pobre casa (onde Deos me he boa testemunha de como as noites dormia.) Assim passava eu o tempo, quando huma das passadas, pouco ha, levantando-me eu, vi a manhã como se erguia formosa, e se estendia graciosamente por entre os valles, e deixar, indo, os altos; *cá* o sol já levantado até os peitos, vinha tomando posse dos outeiros comó quem se queria senhorear da terra, &c., &c. (*Bernardim Ribeiro.*)

Do mesmo Estylo me parece a Elegia 6.ª de Camões, que assim principia:

« Entre rusticas serras e fragosas,
Compostas de asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;

Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca e fria,
Brotando estão de si mil arvoredos, &c., &c.

He bellissimo, e cheio de imagens o 3.° Idyllio de Bocage, que tem por titulo — *O Tritão.* —

Á foz do Tejo em bronca penedia,
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de amor, Tritão gemia.

Luzião-lhe as espadoas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento
O buzio atroador nas mãos calosas, &c., &c.

Ao Estylo florido, e descriptivo pertence o seguinte bellissimo Soneto do mesmo Bocage.

Se he doce no recente ameno estio
Ver toucar-se amanhã de ethereas flores;
E lambendo as arcias, e os verdores,
Molle, e queixoso deslisar-se o rio:

Se he doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:

Se he doce mar, e ceos ver anilados
Pela quadra gentil, de amor querida,
Qu'esperta os coracões, floreia os prados:

Mais doce he ver-te, de meus ais vencida
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor, que a vida.

Assim tambem de Garção este formosissimo

SONETO.

Sujos brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil Elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo
Impellida dos folles engelhados:

Crystallino suor alaga a testa
Do coxo mestre, a calma da officina
Á fresca viração as azas cresta:

Forjavão huma setta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhes, que não presta
Á vista dos bons olhos de Corina.

He do mesmo gosto, e Estylo o terno Idyllio do citado Bocage, que tem por titulo «*A Saudade Materna.*» Aqui o transcrevemos todo, não só como exemplo deste genero, como por ser em nosso pensar huma das melhores producções desse insigne Poeta.

Não longe da loução da florea margem
Per onde ameno se esperguiça, o Tejo,
E abrilhanta os crystaes em sóes estivos,
Dos jardins ulysseus não mui distante,
(Qual de elysios vergeis visinho o averno)
Sitio jaz, que parece em negras sombras
Sumir-se á natureza, ou não ser della.
Alli jamais os lepidos prazeres,
(Meigos socios d'amor, quando he ditoso)
Ousárão d'exercer mimosos brincos.
O' myrtos, ó rosaes, ó paphios bosques!
Alli não floreceis, alli não voão
Perfumes vossos a encantar o olfato;
Nem teus quebros per lá, nem teus gorgeios,
Cantor da primavera, e dos Amores,
Gerão ternura, melodia exhalão.
Ao medonho lugar negreja em roda
Selva de esguios funeraes ciprestes,
Que a profunda raiz no chão da morte
(Fieis ás cinzas) espontaneos ferrão.
Em circulo forrando o escuro alvergue
Da tristeza, e do horror, sustèm na rama
Aves de pranto, de pavor, de agouro,
Que o dia aborrecendo, amando a noite,
Vivem nas trevas, e nas trevas morrem.
Que sitio para a dor! para o queixume,
D'aquelles a que a vida he peso, he jugo!
Alli carpindo, suspirando, errante,
Sosinha ao desamparo, a triste Analia,
D'olhos fitos nos Ceos, aos Ceos pedia

Em lagrimas, em ais, vãmente anciosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.
« Numes, que a possuis, que m'a invejastes,
Era digna de vós, eu della indigna !»
(Soluçando, a miserrima exclamava:)
Mas valhão prantos meus o qu'eu não valho:
O' fado, ó Ceo, restitui clementes
A suspirada filha á mãi saudosa.
Os genios divinaes que em vós adejão
(Candida imagem da innocencia della)
Travem d'alma gentil, qu'entr'elles brilha;
Sobre as plumas de neve ao mundo a tornem;
E com ella, e comsigo á morte as sombras
Aos sepulcros o medo esmaltem, dourem:
No despojo mortal formoso e caro,
Soltando almo calor, bafejo ethereo,
Acordem graças, insinuem vida!
Não careces, ó Ceo, de seus incantos,
E dos incantos seus carece o mundo.-
Por ella a triste mãi não só pranteia;
Por ella está carpindo a natureza,
Que o dia ornava nos sorrisos della.
Os campos da existencia, em cujo seio
Foi momentanea flor, n'ausencia murchão
Da linda producção, que os enfeitava.
Espinhos lhe deixaes, levaes-lhe as flores.
O' fado, ó Ceo, restitui clementes
Ao saudoso universo, á mãi saudosa
As delicias de amor, de amor sagrado.
Mas hum milagre vos mereção prantos:

Se lagrimas de sangue obte-lo podem,
Por lagrimas de sangue o quero, ó numes!
No coração materno extremos fervem
Capazes disto, ó Ceos, de mais, de tudo...
Mas ai triste, eu deliro! ai triste, eu sonho!
Da morte a ferrea lei não se deroga.
Nas paginas fataes he tudo eterno!
O que s'escreve alli jamais se risca.
Mãi chorosa, infeliz, sem fructo gemes,
Penas sem fructo: em lagrimas te mirras,
Em ais te esfalfas, e o Destino he surdo!
Pesada escuridão me enlute a vida,
(Vida tão negra, que arremede a morte)
Noites bem noites os meus dias sejão,
Em quanto eternos sóes lá são teus dias;
De hum puro e doce amor, ó doce prenda,
Espirito sereno, alma querida,
Que no mundo em ti mesma o ceo gozavas!
Ah! tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,
Como a viuva solitaria rola
Em sons carpidos apiedando as selvas!
Não roce os labios meus nem mais hum riso,
Meu terno coração ralai, saudades.»
Aqui desprende hum ai, que aos astros voa,
Em subito desmaio os olhos cerra,
(Os olhos, a que amor victorias deve)
E cahe sem voz, sem cor, sem luz, sem alma.
Em torno a terra lhe gemeo piedosa,
As plantas sepulcraes com dor vergárão;
E vós, aves do lucto, aves da morte,

Em menos agro som, porém mais triste,
Como que as leis embrandecer tentastes,
As leis terriveis d'inviolavel firma !
Tudo penou, tremeo, fez tudo extremos
No mal de Analia. . . . e que faria Elmano,
Ouvindo a voz da fama o caso acerbo ?
Sagrou com debil mão no leito infausto
A' cinza amada luctuosos versos ;
E quasi reviveo para chora-los.

Concluiremos com o seguinte trecho de Francisco Manoel, trecho, que, a meu ver, pode servir de norma do Estylo florido :

Armindo adormece em hum laranjal.

Hum dia que Armindo, magoado de saudades, e vagueando em pensamentos de poder atar o fio deleitoso, que paternaes discordias quebrantado tinhão, sahia sobre as margens do Mondego sem destino certo em seu passeio (tão enlevado vinha em seus cuidados amorosos !) tomárão largas seus passos imprudentes, devassando incognitos pomares, em parte desvallados, e (como por descuido de seu dono) abertos, e franqueados. Dentro delles, mais cansado de animo, que de corpo, se foi assentar á beira de hum regato, que em costeadas voltas rasgava hum dourado laranjal, que ao pai de Florisa viera por herança.

O perfume natural, que em torno recendia, o requebrado susurro do ribeiro, e, mais que tudo, o cansado pensamento, que pedia repouso, o inclinárão a hum aprazivel somno, em que sem dar tino, se encontrou enreda-

do, e no ragaço do qual desfructou ditosas horas de sonhadas venturas, sem precaver o perigo, a que se expuzera, se fosse alli de seus inimigos suspeitado.

Erão duas horas, e no abrasado Julho o prazo da mais alta sesta, quando a sombra dos sinceiraes, que sobre o rio se debrução, convidão com a frescura os animos mais descuidados do refrigerio. São todos os campos, que o Mondego banha, tão verdes, tão aformoseados de boninas !.. São tão crystallinas suas agoas desdobradas pela ruiva areia !... Ainda hoje os tenho na memoria, tão vivamente pintados, como se hontem, e não depois de trinta e oito annos, delles já me despedira. Amadas ribeiras, em que nasci, em que passei os graciosos annos (unico tempo de solida ventura) com que saudade vos recordo, e vos desejo !... São tão agradaveis os outeiros d'aquelles contornos, opulentos de corados racimos, e acobertados de frescas viçosas parras, coroadas pelas cimas de sempre verdes oliveiras !... Estão tão apinhadas nos pomares as arvores curvadas com o saboroso peso de formosos fructos pelos valles, que entre si deixão as quebradas das alegres montanhas !... Estende-se hum socego tão deleitoso por aquellas campinas afortunadas !... Se não he que o interrompe as vezes deliciosamente o canto melodioso dos rouxinoes, e tutinegras, ou o compassado remar d'huma lenta barca, remontando o rio, para ir armar ciladas aos descuidados moradores d'aquellas agoas : se tambem o não quebra a desaffectada cantilena da singela pomareira namorada, que descobre ao vento passageiro a força d'aquelle amor, que muito se envergonhara, que chegasse aos ouvidos de seu amante.

Nesta hora afadigada da calmosa sesta, tinha Florisa de costume vir passeiando em companhia de sua aya por baixo das ensombradas parreiras, e caramanchões, que orlavão os muros de sua abastada quinta: e succedeo que nesse dia, descendo até ás margens do Mondego, que os vallados lhe beijava, atravessasse o frondoso laranjal, onde Armindo adormecèra. Como porém o caminho, que tomara, lhe impedia ver-lhe o rosto, passou sem conhece-lo; mas o coração mais previsto, do que os olhos, com desusado alvoroço lhe batia no peito; como o baixel, que vagaroso caminhava pela agoa mansa ao abrigo da montanha, sente na vela o vento, despedido pela quebrada, que lhe estremece o lenho, e pende a raso da onda a subjugada borda. E esse mesmo alvoroço lhe tirava pela vontade a que voltasse a reconhecer o objecto d'onde lhe vinha o impulso.

Já os passos seguião o movimento do coração, quando o pejo (veladora guarda das honestas donzellas) os desencontrou da vontade, e lhes mandou seguir o caminho das ribeiras. Mas o Amor, que sabe não somente ordenar com imperio; mas ainda, melhor que Mercurio, urdir engenhosas traças, superiores a essas, com que elle adormeceo, par apoz par, os olhos guardadores de Argos, calou desejos em Florisa de mitigar a sede, escolhendo entre os dourados pomos d'aquelle recendente vergel os da arvore mais abonada pelo exquisito gosto de seus fructos; e com tal pretexto se derão ella, e a aya tão bom recado, que veio a ser o mais nomeado pelo bom sabor de suas laranjas, o quarteirão de arvores do sitio, em que dormia Armindo; onde teve azo de o contemplar muito

a seu grado, e de lhe deixar para pungente despertador da fortuna, que perdera, hum largo listão verde, com que á moda da India atravessava Florisa (descendo do hombro direito a tiracollo sobre o lado esquerdo) o descoberto nevado peito; listão venturoso, que tanto lhe realçava a alvura, e que tanta inveja sempre mereceo a Armindo!

LIÇÃO OITAVA.

DO ESTYLO SUBLIME.

O fundamento do Estylo sublime deve estar em a natureza do mesmo objecto, sobre que se escreve, ou falla; porque se este, offerecendo-se aos sentidos da vista, e do ouvido, não pode produzir em nós ideias grandes, elevadas, e respeitaveis, se não pode em summa causar-nos o sentimento do sublime, por mais bella, que seja, a sua descripção, nunca terá o cunho deste nobre caracter. Desta classe por tanto fica excluido tudo o que só he agradavel, e gracioso. Mas não basta, que hum objecto seja sublime em si mesmo; releva, que nos seja apresentado sob o ponto de vista mais favoravel para produzir huma impressão viva, e profunda; pelo que deve ser descripto com força, com precisão, e com simplicidade. Estas qualidades são devidas principalmente á emoção, que produz sobre o poeta, ou orador o objecto, que elles descrevem, bem como á energia, e calor, com que concebem a ideia sublime, que querem exprimir. Se a sua alma fica languida, nunca chegarão a mover.

Em geral nos autores mais antigos he, que devemos ir

buscar os mais admiraveis exemplos do sublime. Eu inclino-me a crer, que os primeiros seculos do mundo, assim como os costumes ainda não polidos pela civilisação, forão mui favoraveis ás emoções sublimes; porque então o engenho do homem entregava-se mais á admiração, e ao espanto. Á vista de objectos sempre novos, sempre estranhos, a sua imaginação punha-se em acção, exaltavão-se-lhe as paixões; e elle pensava, e exprimia-se com tanta ousadia, como franqueza: com os progressos porém da sociedade o engenho, e os costumes soffrèrão huma mudança, que os levou mais para a exactidão, e precisão, do que para o energico, e sublime.

De todas as obras antigas e modernas, a Sagrada Escriptura he a que nos offerece os mais bellos exemplos do sublime. As ideias, que nella se encontrão sobre a Divindade, são maravilhosamente nobres, assim pela grandeza do assumpto, como pelo modo, com que he apresentado á nossa imaginação. Tal he sem duvida a passagem seguinte do Propheta Habacue (Cap. 3 ℣ de 6 a 10) « *Stetit, et mensus est terram. Aspexit et dissolvit gentes: et contriti sunt montes sæculi. Incurvati sunt montes mundi, ab itineribus æternitatis ejus — Vederunt te et doluerunt montes; gurges aquarum transiit. Dedit abyssus vocem suam, attitudo manus suas levavit.* » Elle (Deos) parou, e medio a terra. Olhou, e derreteo as gentes, e forão reduzidos em pó os montes do seculo. Os outeiros do mundo se incurvárão, pelos caminhos da sua eternidade... Os montes te virão, e ficárão traspassados de dor; o tragadouro das agoas passou.... O abysmo fez ouvir a sua voz; a profundidade levantou as suas mãos.

Que sublimidade se não encontra em Isaias, como, por ex., no Cap. 2. ! « *Et erit in novissimis diebus præparatus mons domus Domini in vertice montium, et elevabitur super colles, et fluent ad eum omnes gentes.... Ingredere in petram, et abscondere in fossa humo à facie timoris Domini, et à gloria majestatis ejus.* » E nos ultimos dias estará preparado o monte da Casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e concorreráõ a elle todas as gentes.... Entra na penha e nas aberturas da terra, esconde-te da espantosa presença do Senhor, e da gloria de sua magestade.

He um modelo do Estylo sublime todo o Cap. 38 do Livro de Job. « *Ubi eras* (falla Deos com o mesmo Job) *quando ponebam fundamenta terræ? Indica mihi, si habes intelligentiam. Quis posuit mensuras ejus, si nosti, vel quis tetendit super eam lineam? Super quo bases illius solidatæ sunt, aut quis demisit lapidem angularem ejus, cùm me laudarent simul astra matutina, et jubilarent omnes filii Dei? Quis conclusit ostiis mare, quando erumpebat quasi de vulva procedens? Cùm ponerem nubem vestimentum ejus, et caligine illud quasi pannis infantiæ obvolverem? Circundedi illud terminis meis, et posui vectem, et ostia: Et dixi: usque huc venies, et non procedes amplius, et hîc confringes tumentes fluctus tuos· Numquid post ortum tuum præcepisti diluculo, et ostendisti auroræ locum suum?..... Numquid ingressus es profunda maris, et in novissimis abyssi deambulasti? Numquid apertæ sunt tibi portæ mortis, et ostia tenebrosa vidisti?.... Quis dedit vehementissimo imbri cursum, et viam sonantis tonitrui?..... Numquid pro-*

ducis Luciferum in tempore suo, et vesperum super filios terræ consurgere facis ?.... Numquid mittes fulgura, et ibunt, et reverentia dicent tibi : Adsumus ? — Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-m'o, se he, que tens intelligencia. Quem deo as medidas para ella, se he, que o sabes, ou quem lhe lançou o cordel ? Sobre que forão firmadas as suas bases ? Ou quem assentou a sua pedra angular, quando os astros da manhã me louvavão todos juntos, e quando todos os filhos de Deos estavão transportados de jubilo? Quem poz diques ao mar para o ter encerrado, quando elle trasbordava, sahindo como da madre de sua mãi : quando lhe punha nuvem por vestidura, e o envolvia em obscuridade, como com envolvedouro de infancia ? Eu o encerrei nos limites, que lhe prescrevi, e lhe puz ferrolhos, e portas ; e eu lhe disse : atéqui chegarás, e não passarás mais longe, e aqui quebrarás as tuas empoladas ondas. Acaso és tu o que depois do teu nascimento déste lei á estrella d'alva, e o que mostraste á aurora o seu lugar ? Acaso entraste tu até o fundo do mar, e andaste passeando no mais profundo do abysmo ? Por ventura abrirão-se-te as portas da morte, e viste tu essas portas tenebrosas ? Quem deo curso á tempestade impetuosa, e passagem ao estampido do trovão? Acaso és tu, que fazes apparecer a seu tempo o Luzeiro, ou que se levante de tarde o vespero sobre os filhos da terra ? Por ventura enviarás os relampagos, e irão, e te dirão, quando voltarem : Aqui estamos ?

No Genesis (Cap. 1 ℣ 3) encontra-se esta expressão verdadeiramente sublime « *Dixit Deus: fiat lux, et facta est lux* » Acha-se hum pensamento do mesmo ge-

nero excellentemente desenvolvido na seguinte passagem de Esaú « *Hæc dicit Dominus redemptor tuus, et formator tuus ex utero: ego sum Dominus, faciens omnia, extendes cœla solus, stabiliens terram, et nullus mecum.* — *Qui dico profundo: desolare, et flumina tua arefaciam* — *Qui dico Cyro: pastor meus es, et omnem voluntatem meam complebis.* — *Qui dico Jerusalem, ædificaberis; et templo, fundaberis.* »

Concisão, simplicidade, e força são os requisitos essenciaes do Estylo sublime: todavia he precisa huma escolha de circunstancias taes, que d'ahi resulte achar-se o objecto apresentado debaixo do aspecto mais tocante; porque cada objecto tem differentes pontos de vista (se assim se pode dizer) debaixo dos quaes pode-nos ser offerecido, segundo as circunstancias, em que os collocamos; e elle nos parecerá sublime, ou trivial, á proporção que estas circunstancias mais bem, ou mais mal escolhidas, forem em si mesmas sublimes, ou triviaes. Nisto he que consiste a grande arte do escriptor; mas nisto tambem he que está toda a difficuldade do Estylo sublime. Se huma descripção mui vaga he despida de particularidades, o objecto fracamente illuminado não produz sobre o leitor, senão mui fraca, ou nenhuma impressão, e ficará de todo degradado, se for baixa, ou ridicula huma dessas relações, debaixo das quaes he apresentado.

Hum furacão, huma tempestade, por exemplo, são em a natureza objectos sublimes: mas, para que a sua descripção tambem seja sublime, não basta lançar mão dessas palavras, pelas quaes ordinariamente se exprime a violencia de huma tempestade, ou descrever os seus effei-

tos ordinarios, como sejão, desarraigar arvores, derrubar edificios, &c. ; he mister de mais pinta-los com algumas dessas circunstancias grandes, e notaveis, que tocão a imaginação. Assim o fez Virgilio de hum modo mui feliz nesta passagem.

Ipse pater, media nimborum in nocte, corusca
Fulmina molitur dextra, quo maxima motu
Terra tremuit; fugêre ferœ, et mortalia corda
Per gentes humilis stravit pavor, ille flagranti
Aut Oetho, aut Rhodopen, aut alta Ceraunia telo
Dejicit.

O mesmo Padre com a mão direita
Na meia noite dos chuveiros lança
Resplandecentes raios, com cujo impeto,
E movimento treme a terra toda :
Espantarão-se as feras, e o covarde,
E humilde medo entrando pelas gentes,
Lançou por terra os corações humanos:
Ella derriba com flagrante raio
Os montes Athos, Rhodope, ou Cerauneos
Altos. . . . *(Leonel da Costa).*

A este exemplo pertence, quanto a mim, o seguinte lugar de Chateaubriand no seu *Genio do Christianismo, Cap.* 12.

« O globo do sol, (diz elle) proximo a mergulhar-se nas ondas, apparecia entre as cordoalhas do navio no meio d'espaços sem limites. Pelos balanços da popa dirias, que o astro radioso mudava a cada instante de horizonte. Al-

gumas nuvens estampavão-se sem ordem no oriente, d'onde surgia manso e manso a lua: o mais do Ceo era puro: do lado do norte huma bomba, formando hum claro triangulo com o astro do dia, e o da noite, brilhante com as cores do prisma, levantava-se do mar, como huma pilastra de crystal, sustentando a abobada celeste.

Muito fôra para lamentar aquelle, que neste espectaculo não reconhecesse as bellezas de Deos. Lagrimas me corrèrão dos olhos a meu máo grado, quando os meus companheiros, tirando os seus breados chapeos, vierão a entoar com voz rouca o seu simples cantico a N. Senhora do Soccorro, Padroeira dos navegantes. Que tocante não era a oração destes homens, que sobre huma fragil taboa no meio do Oceano contemplavão o sol, que se ia escondendo nas ondas! Como calava n'alma essa invocação do pobre marinheiro á Mãi de Dor! A consciencia da nossa pequenhez á vista do infinito, nossos cantos estendendo-se ao longe sobre as vagas, a noite approximando-se com seus embustes, a maravilha do nosso navio no meio de tantas maravilhas, huma equipagem religiosa cheia de admiração, e de temor, hum sacerdote augusto orando, Deos pendente sobre o abysmo, como huma mão sustendo o sol nas portas do occidente, com a outra levantando a lua no oriente, e prestando por entre a immensidade attento ouvido á voz da sua creatura; eis o que se não sabe pintar, e que o coração do homem apenas basta para sentir.» Isto he, que he sublime, isto he, que he Eloquencia!

Tenho tambem por modelo do Estylo sublime a bella Ode do nosso compatriota o Sr. D. J. G. de Magalhães, que tem por titulo — *Napoleão em Waterloo* —

« Eis aqui o lugar onde eclipsou-se
O Metéoro fatal ás regias frontes !
E nessa hora, em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia !
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra !
Dous astros ao occaso caminhavão ;
Tocado ao seu zenith havião ambos ;
Ambos iguaes no brilho, ambos na queda
Tão grandes como em horas de triunfo !

Waterloo ! Waterloo ! Lição sublime
Este nome revela á humanidade !
Hum Oceano de pó, de fogo, e fumo
Aqui varreo o Exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompeia.

O pastor, que apascenta seu rebanho ;
O corvo, que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando ;
O echo da floresta, e o peregrino,
Que indagador visita estes lugares :
Waterloo !. . . Waterloo !. . . dizendo, passão.

Aqui morrèrão de Marengo os Bravos !
Entre tanto esse Heroe de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha,
Esse Heroe, que c'o a ponta de seu gladio
No mappa das Nações traçava as raias,

Entre seus Marechaes ordens dictava !
O álito inflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui'stava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos d'aguia !
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões, que ribombavão,
O sibilo das balas, que gemião,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Erão como huma orchestra a seus ouvidos !
Nada o turbava ! Abobadas de balas
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavão respeitosas,
Quaes submissos leões, e nem ousando
Toca-lo, ao seu ginete os pés lambião.

Oh ! porque não venceo ? Facil lhe fôra !
Foi destino, ou trahição ? — A aguia sublime,
Que devassava o Ceo com vôo altivo
Desd'as margens do Sena até o Nilo,
Assombrando as Nações c'o as largas azas,
Porque se nivelou aqui c'os homens ?

Oh ! porque não venceo ? O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouvio tres vezes,
E tres vezes bradou : He cedo ainda !
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,

Que soía escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas :
Na pugna os esquadrões se encarniçavão,
Roncavão pelos ares os pelouros,
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavão,
Encruzadas espadas, e as bayonetas,
E as lanças faiscavão retinindo :
Elle só impassivel como a rocha,
Qual de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder, magico anima,
Via seus batalhões cahir feridos,
Como muros de bronze, per cem raios,
E no Ceo seu destino decifrava.
Pela ultima vez co'a espada em punho
Rutilante na pugna se arremessa ;
Seu braço he tempestade, a espada he raio.
Mas invencivel mão lhe toca o peito !
He a mão do Senhor ! barreira ingente :
Basta, Guerreiro ! Tua gloria he minha ;
Tua força em mim 'stá ; tens completado
Tua augusta missão ; — és Homem — pára.

Erão poucos, he certo, mas que importa ?
Que importa, que Grouchy surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões da guerra, que bradavão ;
Grouchy, Grouchy, a nós, cia, ligeiro;
O teu Imperador aqui te aguarda.
Ah ! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente lutar, que mal vencida
Huma apoz outra em turbilhões s'eleva,

Como vagas do Oceano encapellado,
Que furibundas se alção, luctão, batem
Contra o penedo, e como em pó recuão,
E de novo no pleito se arremessão.

Erão poucos, he certo ; e contra os poucos
Armadas as Nações aqui pugnavão !
Mas esses poucos vencedores forão
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.
Ante elles o Thabor, e os Alpes curvos
Virão passar as aguias vencedoras !
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates
Em balde á sua marcha se oppozerão.

Erão os poucos, que jamais vencidos
Os seus dias contavão per batalhas,
E de cans se cobrírão nos combates,
O sol do Egypto ardente assaberbárão,
A peste em Jaffa, a sede nos desertos,
A fome, e os gelos dos Siberios campos.
Poucos, que se não rendem ; mas que morrem.

Oh ! que para vencer bastantes erão !
A terra em vão contra elles pleiteara
Se Deos, que os via, não dissesse—Basta.
Dia fatal de opprobrio aos vencedores !
Vergonha eterna á geração, que insulta
O Leão, que magnanimo se entrega.

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmurão seu cantico de morte:
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho rejeitárão;
Ou qual marmorea estatua sobre hum tumulo.
Que grande ideia occupa, e turbilhona
N'aquell'alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses Reis, que elle tirara
Da linha de seus bravos o trahirem.
A longe mil pigmeos elle divisa,
Que mutilão su'obra gigantesca;
Como do Macedonio outr'ora o Imperio
Entre si repartirão seus escravos.
Então hum riso d'ira, e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.
O grito inda innocente de seu filho
Soa em seu coração; e de seus olhos
A lagrima primeira se desliza;
E de tantas coroas, que ajuntara,
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse Nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo elle perdeo! A Esposa, o filho,
A Patria, o mundo, e seus fieis soldados.
Mas firme era su'alma como o marmor,
Onde o raio batia, e recuava!

Jámais, jámais mortal subio tão alto !
Elle foi o primeiro sobre a terra.
Só elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a Columna de Vendôme
Sua estatua de bronze ao Ceo se eleva.
Acima delle Deos — Deos tão somente !
Da Liberdade elle era o mensageiro :
Sua espada, cometa dos tyrannos,
Foi o sol, que guiou a Humanidade.
Nós o bem lhe devemos, que gozamos ;
E a geração futura agradecida :
—Napoleão—dirá, cheia de assombro !

He perfeitamente sublime o Estylo, com que o grande Tasso pinta o anjo Gabriel da maneira seguinte

« Cosi parlogli : e Gabriel s'accinse
Veloce ad esseguir l'imposte cose.
La sua forma invisibil d'aria cinse,
Et al senso mortal la sottopose.
Humane membro, aspetto human si finse ;
Ma di celeste maestá il compose.
Tra giovane, e fanciullo etá confine
Prese, e ornó di raggi il biondo crine.

Ali bianche vesti, c' han d'or le cime
Infatigabilmente agili e preste.
Fende i venti, e le nubi, e vá sublime
Sovra la terra, e sovra il mar conqueste.

Cosi vestito indirizzossi a l'ime
Parti del mondo il messagier celeste.
Pria sul Libano monte ei si ritenne,
E si librò sù l'adeguate penne.

E ver le piaggie di Tortosa poi
Drizzò precipitando il volo in giuso.
Sorgeva il novo sol da i lidi Eoi,
Parte già fuor, ma i più ne l'onde chiuso,
E porgea matutini i preghi suoi
Goffredo a Dio, come egli havea per uso;
Quando à paro col sol, ma più lucente
L'angelo gli appari da l'oriente.

Assim disse: e Gabriel se prevenia
Veloz a executar a alta embaixada,
Sua forma invisivel de ar vestia
Com apparencia humana disfarçada:
Membros mortaes, vista mortal fingia,
Mas de luzes celestes adornada,
D'entre menino, e moço leva ensaios,
Cujos louros cabellos são de raios.

Azas brancas vestio d'ouro adornadas,
Que os mais ligeiros vôos excedendo,
Cortão ventos, e nuvens, e arrojadas
Sobre terras, e mares vem descendo:
Assim vestido ás infimas moradas
Vai o fiel mensageiro discorrendo,
E no Libano Monte estando apenas
Se tornou a librar nas iguaes pennas.

A' Região de Tortosa, que buscava,
Com vôo arrebatado se partia :
Da praia Eóa o sol se levantava,
E huma parte mostrava, outra escondia :
Goffredo, como sempre costumava,
Matutina oração a Deos fazia,
Quando ao par com o sol, mas mais luzente,
Lhe appareceo o Anjo do Oriente.

LIÇÃO NONA.

No sublime moral devem observar-se as mesmas regras já dictas a respeito das circunstancias, e particularidades, a fim de que o quadro nos surprenda, nos enleve, e arrebate, condição essencial do sublime. Veja-se com que habilidade de mestre, Virgilio descreve, no 4.° Canto da Eneida, o estado de perturbação, e de angustias, em que ficara Dido em Carthago pela inesperada partida de Eneas, por quem concebera huma paixão extremosa.

Nox erat, et placidum carpebant fessa soporem
Corpora per terras : silvœque et sœvo quiêrant
Æquora : cùm medio volvuntur sidera lapsu ;
Cùm tacet omnis ager ; pecudes, pictœque volucres,
Quœque lacus latè liquidos, quœque aspera dumis
Rura tenent, somno positæ sub nocte silenti
Lenibant curas, et corda oblita laborum :
At non infelix animi Phœnissa ; neque unquam
Solvitur in somnos, oculisve aut pectore noctem
Accipit : ingeminant curæ ; rursusque resurgens
Sœvit amor, magnoque irarum fluctuat æstu. »

Era alta noite, e em placido socego
Os lassos animaes no Orbe dormião ;
Estavão mudos ares, e florestas ;
Já descambão no gyro Ethereos lumes,
Todo o mal se allivia, o affan esquece
C'o somno brando na mudez da noite :
Não tem tal sorte a miseranda Elissa ;
Não sente n'alma, nem nos olhos sente
Da noite amiga o delicioso influxo.
Assaltão-na afflicções atropelladas,
De novo o amor pullula mais terrivel,
Arde n'hum temporal d'iras estuosas.

E mais adiante, descrevendo o suicidio da infeliz Rainha, assim se exprime

« *At trepida, et cæptis immanibus effera Dido,*
Sanguineam volvens aciem maculisque trementes
Interfusas genas, et pallida morte futura,
Interiora domus irrumpit limina, et altos
Conscendit furibunda rogos, ensemque recludit
Dardanium, non hos quæsitum munus in usus
Hic, postquam Iliacas vestes notumque cubile
Conspexit, paulùm lacrymis et mente morata
Incubuitque toro, dixitque novissima verba :
Dulces exuviæ, dum fata deusque sinebant,
Accipite hanc animam meque his exsolvite curis
Vixi, et quem dederat cursum fortuna peregi :
Et nunc magna mei sub terras ibit imago.
Urbem præclarum statui : mea mœnia vidi ;

Ulta virum, pœnas inimico a fratre recepi ;
Felix, heu ! nimiùm felix, si littora tantùm
Numquam Dardaniæ tetigissent nostra carinæ !
Dixit, et os impressa toro, moriemur inultæ !
Sed moriamur, ait ; sic, sic juvat ire sub umbras.
Hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto
Dardanus, et nostræ secum ferat omina mortis.

Dixerat ; atque illam media inter talia ferro
Collapsam adspiciunt comites, ensemque cruore
Spumantem, sparsasque manus. It clamor ad alta
Atria ; concussam bacchatur fama per urbem ;
Lamentis gemituque, et femineo ululatu,
Tecta fremunt ; resonat magnis plangoribus æther.
Non aliter quàm si immissis ruat hostibus omnis
Carthago, aut antica Tyros, flammæque furentes
Culmina perque hominum volvantur perque deorum.

Audiit exanimis, trepidoque exterrita cursu,
Unguibus ora soror fœdans, et pectora pugnis,
Per medios ruit, ac morientem nomine clamat :
Hoc illud, germana, fuit ? me fraude petebas ?
Hoc rogus iste mihi, hoc ignes aræque parabant ?
Quid primum deserta querar ? comitemne sororem
Sprevisti moriens ? eadem me ad fata vocasses ;
Idem ambas ferro dolor, atque eadem hora, tulisset.
His etiam struxi manibus, patriosque vocavi
Voce deos, sic te ut posita, crudelis ! abessem ?
Extinxisti te meque, soror, populumque, patresque
Sidonios, urbemque tuam. Date vulnera lymphis ;

—Ab luam; et, extremus si quis super halitus errat,
Ore legam. Sic fata, gradus evasserat altos,
Semianimemque sinu germanam amplexa fovebat
Cum gemitu, atque atros siccabat veste cruores.
Illa, graves oculos conata attollere rursus
Deficit: infixum stridit sub pectore vulnus
Ter sese attollens cubitoque adnixa levavit,
Ter revoluta toro est; oculisque errantibus alto
Quæsivit cælo lucem, ingemuitque repertam. »

Então Dido, tenaz em seus projectos,
Róla os olhos anciada em sangue tinctos:
Cheia da ideia da visinha morte,
Já della a pallidez lhe tolda o rosto,
Convulso, e esparso de roxeadas manchas:
Com impeto entra no interior dos paços,
Senta-se furibunda n'alta pyra,
Desembainha a espada do Troiano,
Que levada a tal fim alli não fôra.
Então, depois que attenta os olhos crava
Nas Phrygias vestes, no lembrado leito,
E absorta nelles verte algumas lagrimas,
Sobre o leito encostou-se miseranda,
E disse estas palavras derradeiras:
« Prendas, que fostes já delicias minhas
Em quanto o quiz Amor, e o quiz o Fado,
Tomai est'alma, aniquilai-me est'ancia.
Vivi; os dias meus enchi de gloria,
E ás sombras desce illustre a minha imagem.
Fundei, e erguida vi cidade excelsa;

Em meu perfido irmão vinguei meu spóso.
Feliz eu, mui feliz, se as náos de Troia
Nestas minhas regiões nunca surgissem! »
Pára, e apertando os labios contra o leito:
« Inulta morrerei? Diz—Morra embora,
Que mesmo assim prazer na morte encontro.
Lá do mar veja o perfido estas flammas;
Siga-o da minha morte o atroz agoiro. »
Disse, e subito as damas a percebem
Lançar-se sobre a espada, e da ferida
Saltar o ferro, e borbotões de sangue.
Vôa o clamor pelo amplo das abobadas,
E a fama enche de horror o povo afflicto.
Femineos ais, e choro atroa os paços,
E em todo o ambito do ether se prolonga;
Como se a antiga Tyro, ou se Carthago
Por embates hostis rua por terra,
Já os torreões dos templos, e palacios
Vomitando furiosas labaredas.

Eis dá fé do attentado a irmã afflicta,
Passa em carreira tremula entre as damas,
Arranha as faces, arrepella a coma,
E assim brada á rainha moribunda:
« Dest'arte, ó dura irmã, tu m'enganavas?
Esta pyra, estas aras, estas flammas
Desastre tão atroz me apparelhavão?
De quem me queixarei neste abandono?
Ter socia desprezaste a irmã na morte?
Se o quizesse, ó Dido, ambas matara

N'hum instante a dor mesma, o mesmo alfange.
Com minhas mãos ergui estes altares!
Com minha voz chamei os patrios Numes!
Para te assassinares sem estorvo
Dispozeste, ó tyranna, a minh'ausencia?
Mataste a ti, a mim, o povo, o Estado.
Dai-me agoa pura, vou lavar-lhe o golpe,
E, meus labios chegando aos labios della,
Recolher-lhe-hei da vida o ultimo alento. »
Disse, e lançou-se ao cumulo da pyra,
A semimorta irmã toma entre os braços,
Desfáz-se em pranto, ao coração a aperta
Com as vestes lhe enxuga o negro sangue.
Dido então tenta abrir os frouxos olhos,
E no meio do esforço desfallece:
Murmura-lhe a ferida penetrante.
Tres vezes sem vigor no leito cahe;
C'o vago olhar no ceo a luz procura;
Acha-a, suspira, e perde o movimento.
(Trad. do Snr. Lima Leitão).

Ainda com mais força, e precisão traduzio a meu ver este lugar o nosso compatriota, e estimavel litterato o Snr. Manoel Odorico Mendes, dizendo assim—

Na fera empreza encarniçada e trepida,
Vibrando olhos sanguineos, e ás trementes
Faces de nodoas salpicada, e pallida
Com a morte futura, entra no claustro
Recondito a rainha, e furibunda

Sobe á fogueira, o troico alfange despe,
Não para tal crueza reservado.
No Iliaco despojo e nota cama
Depois que attenta, em lagrimas, cuidosa,
Fica hum pouco suspensa, e recostada
Finaes vozes repete : » O' dôces prendas,
Quando o querião Deos e o fado, est'alma
Recebei, libertae-me de pezares.
Vivi, perfiz o destinado curso :
Grande irá minha sombra agora ao Orco.
Fundei clara cidade; eu vi seus muros;
No truculento irmão vinguei o esposo;
Feliz, ah! mui feliz, si as quilhas teucras
Aqui nunca abordassem! » Disse, e o rosto
No leito impresso. » Inulta morremos!....
Pois morramos! bradou; que assim aos Manes,
Assim desço contente. O crú Dardanio
Do mar embeba os olhos n'estas chammas,
E estes mortaes agouros o acompanhem. »
Mal acabava, sobre o ferro as damas
A vem cahir, de sangue as mãos tingias,
E a lamina espumando. O clamor altos
Atrios atrôa; ás tontas corre a Fama
De cabo a cabo; com soluços, gritos,
Com femineo ululado os tectos zunem;
Todo o ar retumba do alarido e pranto:
Qual, de hostil assaltada, si em ruinas
Carthago ou Tyro antiga ardesse em alas
Furentes, ateadas nas dos homens,
Nas cumieiras dos deoses. Aturdida,

A irmã convulsa, exanime, açodada,
Carpe-se, afeia o rosto, os peitos rasga,
Rompe o tropel, á moribunda exclama:
« Irmã, tu me illudias? Que! foi isto
Que aras, tochas, fogueiras, me aprestavão?
Coubesse-me o teu fado; um golpe, hum'hora,
Ambas huma só dôr nos igualasse.
Armei-te a pyra eu mesma, e os patrios deoses
Invoquei, para assim, cruel! jazeres
Na minha ausencia? A ti, e a mim, e o povo,
E os Tyrios padres, e a cidade tua,
Mataste, irmã. Com lympha, dae-ma, o golpe
Vou lavar; e, se algum vaga em seus labios,
Colherei com a bocca o extremo alento. »
Falla, e, os degráos salvando, ao collo aperta,
Beija a irmã semiviva; entre ais, enxuga
Na touca o tetro sangue. Ella, os pesados
Olhos provando erguer, desmaia e tomba:
Sob o peito o golfar range a ferida.
Tres vezes se estribando ao cotovelo,
Levantar-se intentou, tres de pancada
Rolou no tóro; e, baça a vista errante,
A luz no céo procura, e achando-a geme.

Não he menos sublime a descripção, que o mesmo Virgilio faz no Canto 6.º da descida de Eneas aos infernos, onde encontra Anchises, seu pai.

« *Isque ubi tendentem adversum per gramina vidit*
Æneam, alacris palmas utrasque tetendit;

Effusæque genis lacrimæ ; et vox excidit ore :
Venisti tandem, tuaque spectata parenti
Vicit iter durum pietas! datur ora tueri,
Nate, tua, et notas audire et reddere voces!
Sic equidem ducebam animo rebarque futurum,
Tempora dinumerans; nec me mea cura fefellit.
Quas ego te terras et quanta per æquora vectum
Accipio! quantis jactatum, nate, periclis!
Quàm metui ne quid Libyæ tibi regna nocerent!
Ille autem : Tua me, genitor, tua tristis imago,
Sæpius, occurrens, hæc limina tendere adegit.
Stant sale Tyrrheno classes. Da jungere dextram,
Da, genitor; teque amplexu ne subtrahe nostro.
Sic memorans, largo fletu simul ora rigabat.
Ter conatus ibi collo dare brachia circùm,
Ter frustra comprensa manu effugit imago,
Par levibus ventis, volucrique similima somno. »

Então Anchises no interior de hum bosque
As almas cuidadoso contemplava,
Que devião sahir á luz do mundo.
Via o numero inteiro de seus netos,
Fados, genios, acções, moral, virtudes.
Tanto que avista na verdura a Eneas,
Rebenta-lhe de gozo o patrio pranto ;
Os braços lhe abre alegre, e assim lhe falla :
Tua filial ternura ignora estorvos ;
Chegaste em fim, venceste aspera estrada !
De ver tuas feições jus tenho, ó filho,
De ouvir, e responder cognitas vozes !

O meu calculo assim sobre o futuro
Me dava para agora este almo ensejo :
Não me illudio o amor. Que mar, que terras
Não tens corrido até qu'hoje te abraço !
Quantos p'rigos, ó filho, te empecèrão !
Quanto temi, que em Lybia te assaltassem.
A tua imagem triste, ó pai, mil vezes
Me instou a vir aqui ; Eneas torna :
Lá stão a salvo as náos no pego Tusco.
Dá-me, ó pai, dá-me a mão, vem a meus braços.
Fallou, e em largo pranto as faces rega.
Tres vezes abraça-lo tenta o filho,
Tres vezes tida em vão a sombra escapa,
Qual foge o vento, ou s'evapora hum sonho.

E que bellissimos não são os seguintes versos, com que Anchises arremata a historia dos grandes Homens de Roma!

« Heu ! miserande puer, si qua fata aspera rumpas
Tu Marcellus eris. Manibus date lilia plenis :
Purpureos spargam flores, animamque nepotis
His saltem accumulem donis, et fungar inani
Munere.

Ai ! joven digno de melhor ventura,
Se do destino cruel as leis quebrares,
Ver-se-ha Marcello em ti !. . Dai-me ás mancheias
Purpureas rosas, recendentes lirios,
Quero esparzi-los no meu neto illustre,
Inda que inutil dom de estereis votos. — *(Idem).*

Dizem, que Octavia, quando ouvio a Virgilio recitar em presença de Augusto estes versos, desmaiou ; e tornada a si, mandou dar ao Poeta, por cada hum dos versos ácerca do filho, dez sextercios (hum conto de rs.)

Verdadeiramente sublime me parece este *Hymno da Noite* feito pelo eximio Poeta francez Lamartine.

« Le jour s'eteint sur tes colines,
O' Terre où languissent mes pas !
Quand pourrez-vous, mes yeux, quand pourrez-vous hèlas!
Saluer les splendeurs divines
Du jour qui ne s'eteinttra pas ?

Sont-ils ouverts pour les tenebres
Ces regards altérés du jour ?
De son éclat, ò Nuit ! à tes sombres funebres
Pourquoi passent-ils tour-à-tour ?

Mon âme n'est point lasse encore
D'admirer l'œuvre du Seigneur ;
Les élans enflammés de ce sein qui l'adore
N'avaient pas epuisé mon cœur !
Dieu du jour! Dieu des nuits, Dieu de toutes les heures!
Laisse-moi m'envoler sur les feux du soleil !
Où va vers l'occident ce nuage vermeil ?
Il va voiler le seuil de tes saintes demeures
Où l'œil ne connaît plus la nuit ni le sommeil !
Cependant ils sont beaux à l'œil de l'esperance
Ces champs du firmament ombragés par la nuit !
Mon Dieu ! dans ces déserts mon œil retrouve et suit
Les miracles de ta présence !

Ces chœurs étincelans que ton doigt seul conduit,
Ces océans d'azur où leur foule s'elance,
Ces fanaux allumés de distance en distance,
Cet astre qui paraît, cet astre qui s'enfuit,
Je les comprends, Seigneur! tout chante, tout m'instruit
Que l'abîme est comblé par ta magnificence,
Que les cieux sont vivans, et que ta providence
Remplit de sa vertu tout ce qu'elle a produit !
Ces flots d'or, d'azur, de lumière
Ces mondes nebuleux que l'œil ne compte pas,
O mon Dieu, c'est la poussiere
Qui s'élève sous tes pas !

O Nuits, déroulez en silence
Les pages du livre des cieux ;
Astres, gravitez en cadence
Dans vos sentiers harmonieux ;
Durant ces heures solemnelles,
Aquilons, repliez vos ailes ;
Terre, assouplissez vos échos ;
Etends tes vagues sur les plages,
O mer ! et berce les images
Du Dieu qui t'a donné tes flots.

Savez-vous son nom ? La nature
Réunit en vain ses cent voix,
L'étoile à l'étoile murmure :
Quel Dieu nous imposa nos lois ?
La vague à la vague demande :
Quel est celui qui nous gourmande ?

La foudre dit à l'aquilon :
Sais-tu comment ton Dieu se nomme ?
Mais les astres, la terre et l'homme
Ne peuvent achever son nom.
Que tes temples, Seigneur, sont étroits pour mon ame!
Tombez, murs impuissans, tombez !
Laissez-moi voir ce ciel que vous me dérobez !
Architecte divin, tes dômes sont de flamme !
Que tes temples, Seigneur, sont étroits pour mon ame!
Tombez, murs impuissans, tombez !

Voilà le temple où tu rêsides !
Sous la voûte du firmament
Tu ranimes ces feux rapides
Par leur éternel mouvement !
Tous ces enfans de ta parole,
Balancés sur leur double pôle,
Nagent au sein de tes clartés,
Et des cieux où leurs feux palissent
Sur notre globe ils réflechissent
Des feux à toi-même empruntés !

L'Ocean se joue
Aux pieds de son Roi ;
L'aquilon secoue
Ses ailes d'effroi ;
La foudre te loue,
Et combat pour toi ;
L'é clair, la tempête
Couronnent ta tête

D'um triple rayon :
L'aurore t'admire,
Le jour te respire,
La nuit te soupire,
Et la terre expire
D'amour à ton nom !
Et moi, pour te louer, Dieu des soleils, qui suis-je ?
Atome dans l'immensité,
Minute dans l'eternité,
Ombre, qui passe et qui n'a plus été,
Peux-tu m'entendre sans prodige ?
Ah ! le prodige est ta bonté !
Je ne suis rien, Seigneur, mais ta soif me devore ;
L'homme est néant, mon Dieu, mais cet néant t'adore,
Il s'élève par son amour ;
Tu ne peux m'epriser l'insect qui t'honore ;
Tu ne peux repousser cette voix qui t'implore,
Et qui vers ton divin sejour,
Quand l'ombre s'evapore,
S'élève avec l'aurore,
Le soir gémit encore,
Renait avec le jour.
Oui, dans ces champs d'azur que ta splendeur inonde,
Où ton tonnerre gronde,
Où tu veilles sur moi,
Ces accens, ces soupirs animés par la foi,
Vont chercher, d'astre en astre, un Dieu qui me réponde
Et d'échos en echos, comme des voix sur l'onde,
Roulante de monde en monde,
Retentir jusqu' à toi. »

Pertence a este genero a ultima falla de Catão a seu filho Bruto na bella Tragedia do Sr. J. B. de A. Garret, escriptor classico dos nossos dias, e insigne Poeta

(Falla Catão.)

Meu filho,
Marco-Bruto, meu filho. . . . Oh qu'este nome
He de todos os nomes o mais doce !
Pela vez derradeira hum pai te falla,
E tu não has de ouvir as vozes delle !
Minha extrema vontade ha de o meu filho
Desprezar de seu pai ? O ultimo rôgo
Já feito sobre a margem do sepulcro,
Has de esquece-lo tu ? Catão supplica,
Pede Catão, e Bruto não o attende ?
Meu filho, vem, recebe no teu peito
O longo, o saudoso adeos da campa,
Que só vai terminar na eternidade. . . .
(Abraçando-o.)
Este abraço de morte inda he romano,
Estas mãos, que te apertão, não tem ferros !
Meu filho, adeos, sè virtuoso sempre.
Não podes ser romano — mas sè homem.
Roma acabou-se — resta-te a virtude.
Já não tens patria — mas tens honra ainda.
Vai, apenas o estado mais tranquillo
Das cousas o permitta, repousar-te
Nas ávitas Sabinas: deixa o mundo
A Cesar, e tu vive socegado
Cultivando o teu campo. Glorioso

He aquelle terrão, que tantas vezes
O gran' Censor c'o as proprias mãos lavrava.
Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,
A minha Porcia : pela antiga usança
Da boa e velha Roma foi creada ;
Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco, e entrego
Digna esposa de Bruto — E adeos, meus filhos.
(Abração-se todos tres.)
Recordai-vos d'hum pai que vos amava,
Para chora-lo, não, que morreo livre ;
Mas para vos lembrar de seus conselhos,
Para segui-los sempre. ADeos !

Aqui ha todo o Sublime de sentimento. He do mesmo genero o sonho de Athalia na grande Tragedia de Racine :

« C'étoit pendant l'horreur d'une profonde nuit :
Ma mère Jézabel devant moi s'est montrée,
Comme au jour de sa mort pompeusement parée.
Ses malheurs n'avoient point abatre sa fierté !
Même elle avoit encor cet'eclat emprunté,
Dont elle eut soin de peindre et d'orner son visage,
Pour réparer des ans l'irreparable outrage.
Tremble, m'a-t-elle dit, fille digne de moi,
Le cruel Dieu des Juifs l'emporte aussi sur toi.
Je te plains de tomber dans ses mains redoutables,
Ma Fille. En achevant ces mots epouvantables
Son ombre vers mon lit a paru se baisser.
Et moi je lui tendois les mains pour l'embrasser.

Mais je n'ai plus trouvé qu'um horrible mélange
D'os et de choir meurtris, et trainés dans la fange,
Des lambeaux pleins de sang, et des membres affreux
Que des chiens devorans se disputoient entre eux. »

Vi de profunda noite entre os horrores
Minha māi Jesabel, como no dia
Em que morreo, pomposamente ornada.
Abatido não tinhão de su'alma
A fereza os passados infortunios,
E ainda reluzia em seu semblante
Aquella viva graça dos enfeites,
E cores, com que orna-lo costumava,
Para da idade irreparaveis damnos
Encobrir. Treme, ó filha, de mim digna,
Treme (me diz) o cruel Deos, que adorão
Os Judeos, te venceo : vendo-te exposta
A todo o seu furor, quanto te choro,
Minha filha ! E dizendo estas horriveis
Vozes, me pareceo, que se inclinava
Sobre o meu leito a sombra : eu a abraça-la
Os braços estendi, porém achei-me
Com horrida mistura d'ascarosas
Carnes corruptas, e de immundos ossos ;
Resto sanguinolento dos expostos
Membros, que devorárão cães famintos,
Disputando entre si a infeliz presa.

(Trad. de Candido Lusitano).

E com que sublimidade não falla mais adinte Joad, servindo-se admiravelmente das Lamentações de Jeremias !

« Cieux, écoutez ma voix. Terre, prêt l'oreille.
Ne dis plus, o Jacob, que ton Seigneur sommeille.
Pecheurs, disparoissez, le Seigneur se reveille.
Comment en un plomb vil l'or pur s'est-il changé?
Quel est dans ce lieu saint ce Pontife êgorgé?
Pleure, Jerusalem, pleure Cité perfide,
Des Prophétes divins malheureuse homicide.
De son amour pour toi ton Dieu s'est depouillé.
Ton encens à ces yeux est un encens souillé.
Où menez-vous ces Enfans et ces Femmes?
Le Seigneur a detruit la Reine des Cités,
Ses Prètres sont captifs, ses Rois sont rejettés.
Dieu ne veut plus qu'on vienne à ses solemnités;
Temple, renverse-toi. Cedres, jettez des flammes.
Jerusalem, object de ma douleur,
Quelle main en un jour t'a ravi tous tes charmes?
Qui changera mes yeux en deux sourses de larmes
Pour pleurer ton malheur? »

Ouvi, Ceos, minha voz, ouvi-me, ó Terra:
Não digas mais, Jacob, que Deos dormita.
Impios, fugi, vede o Senhor, que acorda....
Como? Ouro puro em chumbo vil mudado!
Que Pontifice morto a duros golpes
Vejo no lugar sancto? Oh! chora, chora,
Jerusalem, sacrilega homicida
De Prophetas divinos. Já perdeste
De teu Deos todo o amor: o teu incenso

He a seus olhos hum incenso impuro.
Para onde conduzis esses meninos,
E mulheres? Rainha das Cidades,
O Senhor destruio-te: teus Ministros
Vejo captivos, os teus Reis expulsos:
Deos não quer, que a seus cultos já se assista.
Precipita-te, ó Templo, ardei ó Cedros;
Jerusalem, objecto de meu pranto,
Que mão te rouba os bellos atractivos?
Quem tivera de lagrimas dous rios
Para chorar teus males? *(Idem.)*

LIÇÃO DECIMA.

Concluiremos as nossas Lições sobre o Estylo Sublime com as *Despedidas da Imperatriz Amelia ao Menino Imperador adormecido*, por nos parecerem exprimidas com muita Sublimidade, e ternura, e acompanhadas das mais bellas circunstancias, proprias para produzir o desejado effeito.

« ADeos, Menino querido, delicias da minh'alma, alegria dos meus olhos, Filho, que meu coração tinha adoptado! ADeos para sempre, ADeos.

Oh! quanto és formoso neste teu repouso! Meus olhos chorosos não se podem fartar de te contemplar! A magestade d'huma coroa, a debilidade da infancia, a innocencia dos Anjos cingem tua engraçadissima frente de hum resplandor mysterioso, que fascina a mente.

Eis o espectaculo mais tocante, que a terra pode offerecer. Quanta grandeza, quanta fraqueza a humanidade en-

cerra representadas por huma criança ! Huma Coroa, e hum brinco, hum Throno, e hum berço !

A purpura ainda não serve senão para estofo; e aquelle, que commanda exercitos, e rege hum Imperio, carece de todos os desvelos de huma Mãi !

Ah ! querido Menino, se eu fosse tua verdadeira Mãi, se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder valeria para me separar de ti, nenhuma força te arrancaria de meus braços. Prostrada aos pés d'aquelles mesmos, que abandonárão meu Esposo, eu lhes diria entre lagrimas. » Não vedes mais em mim a Imperatriz; mas huma Mãi desesperada. Permitti, que eu vigie vosso Thesouro. Vós o quereis seguro, e bem tractado; e quem o haverá de guardar, e cuidar com maior devoção? Se não posso ficar a titulo de Mãi, eu serei sua criada, ou sua escrava!! « Mas tu, Anjo d'innocencia, e formosura, não me pertences, senão pelo amor, que dediquei a teu Augusto Pai : hum dever sagrado me obriga acompanha-lo no seu exilio atravez dos mares, de terras estranhas ! ADeos pois para sempre, ADeos.

Mãis Brasileiras ! Vós, que sois meigas, e afagadoras dos vossos filhinhos á par das rolas dos vossos bosques, e das beija-flores das campinas floridas, suppri minhas vezes; adoptai o Orphão Coroado, dai-lhe todas hum lugar na vossa familia, e no vosso coração.

Ornai o seu leito com as folhas do arbusto constitucional ! Embalsamai-o com as mais ricas flores da vossa eterna primavera ! Entrançai o jasmim, a baunilha, a rosa, a angelica, o cinamomo para coroar a mimosa testa, quando o pesado Diadema a tiver machucado.

Alimentai-o com a ambrozia das mais saborosas fructas, a atta, o ananaz, a canna meliflua: acalentai-o á suave entoada das vossas maviosas Modinhas. Afugentai longe de seu berço as aves de rapina, a subtil vibora, as crueis jararacas, e tambem os vis aduladores, que envenenão o ar, que se respira nas Côrtes.

Se a maldade, e a traição lhe prepararem ciladas, vós mesmas armai em sua defesa vossos esposos com a espada, o mosquete, e a bayonneta.

Ensinai á sua voz terna as palavras de misericordia, que consolão o infortunio, as palavras de patriotismo, que exaltão as almas generosas, e de vez em quando, susurrai a seu ouvido o nome de sua Mãi de adopção.

Mãis Brasileiras, eu vos confio este preciosissimo Penhor da felicidade de vosso paiz, e de vosso povo; ei-lo tão bello, e puro, como o primogenito de Eva no Paraizo. Eu vo-lo entrego: agora sinto minhas lagrimas correr com menor amargura.

Ei-lo adormecido, Brasileiras! Eu vos conjuro, que o não acordeis, antes que me retire. A boquinha molhada de meu pranto ri-se á semelhança do botão de rosa ensopado com o orvalho matutino. Elle se ri, e o Pai, e a Mãi o abandonão para sempre.

ADeos, Orphão Imperador, victima da tua grandeza, antes que a saibas conhecer. ADeos Anjo, d'innocencia, e formosura! ADeos! Toma este beijo, e este.... e este ultimo ADeos! Para sempre! ADeos! »

Se nos perguntarem agora, quaes são as verdadeiras fontes do Sublime; responderemos, que he mister procura-las na natureza. Não as encontraremos de certo, se

corrermos apoz dos Tropos, das Figuras, e de todas as flores da Eloquencia. Não; que o Sublime quasi sempre despreza os ornamentos do artificio: estes podem vir per si mesmos; mas não hão de ser procurados; devem sim ser o fructo d'huma imaginação fortemente abalada

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.

Todas as vezes que a natureza vos offerece hum objecto grande, e respeitavel, todas as vezes que hum sentimento nobre, e magnanimo se apresenta á vossa imaginação, se podeis ser fortemente abalado por elle, e exprimir com calor, e energia o que sentis, chegareis ao sublime: taes são as suas verdadeiras fontes. Para julgarmos bem de huma passagem tocante em huma composição de qualquer genero, que seja, devemos examinar a natureza da emoção, que nos faz experimentar; se esta emoção tiver alguma cousa de elevado, de solemne, e venerando, podemos pronunciar afoutamente, que essa passagem he sublime.

Mas, do que havemos dicto sobre a natureza do sublime, pode-se concluir, que não pode ser de longa duração a emoção, que elle produz; porque nenhum esforço do engenho he capaz de sustentar a alma em huma altura tão superior á sua situação ordinaria, na qual sempre busca recahir. Por mais habilidade, que tenha hum escriptor, nunca poderá encher huma obra hum pouco mais extensa d'huma serie não interrompida de ideias sublimes: estas só podem ser como relampagos, que passão rapidamente. Verdade he, que alguns pela altura, e nobreza de

seus pensamentos, pelo grande numero de bellas ideias, de que compõem as suas obras, tem continuamente o espirito do leitor em hum tom visinho ao do sublime; merito, que os torna em hum sentido dignos da nomeada d'escriptores sublimes: taes forão Demosthenes, e Platão.

Algumas vezes chamão Estylo Sublime a hum pessimo Estylo, que nada absolutamente tem de commum com o verdadeiro Sublime. Ha quem creia, que palavras pomposas, epithetos accumulados, huma especie de inchação nas expressões, inchação, que consiste no emprego de termos mais elevados, do que os da lingoagem ordinaria, contribuem para produzir o sublime, ou são o mesmo sublime: mas nada ha mais falso. Nenhuma destas cousas se encontrão nos exemplos do Sublime, que havemos produzido. « *Dixit Deus: fiat lux, et facta est lux:* » isto agrada, isto transporta, isto arrebata. Ponha-se em lugar desta simplicidade, o que alguns chamão Estylo Sublime: diga-se v. g. « O Arbitro Soberano do mundo com huma só palavra da sua Omnipotencia mandou, que a luz esclarecesse a natureza, &c. » Aqui desapparece o sublime, e só ha inchação, e verdadeiro pedantismo; porque, como judiciosamente observou Boileau, o Estylo levanta-se; mas o pensamento cahe: geralmente fallando, em todos os bons escriptores no pensamento he, que está o sublime, e não nas palavras, de sorte que quando o pensamento he nobre per si mesmo, quasi sempre torna-se facil o revesti-lo de expressões dignas delle. O sublime rejeita as palavras, cujo sentido he ambiguo, trivial, ou baixo; porém não he menos inimigo da inchação. O verdadeiro segredo de ser sublime está em exprimir grandes pensamentos com

hum pequeno numero de expressões bem claras. Pode-se affirmar sem excepção, que os escriptores mais sublimes são os mais simples em seu Estylo.

Os rasgos eloquentes não nascem dos preceitos d'arte, posto, se não devão desviar delles: nascem sim do coração agitado desse manancial de vehemencia, e calor, que algumas vezes abrasa o Estylo, pelo que parece, que a penna escreve o que o amor, ou a dor lhe dictão, ou se desata a lingoa para dizer o que a alma sente, e padece com palavras sempre reguladas pela razão e pelo decóro. Mas releva, que fujamos de hum furor intempestivo, isto he; de nos esquentarmos inopportunamente, e de nos arrebatarmos com excesso, quando o assumpto não pede, senão hum calor temperado. Alguns ha, que, como se estiverão embriagados, esforção-se por manifestar-nos os seus affectos com a vehemencia declamatoria, que trouxerão das aulas. Exaltão-se em vão; porque ignorão o mais perfeito d'arte, que he a opportunidade.

O primeiro preceito nesta materia he ter ferido o proprio coração, antes de querer ferir os dos mais; porque o que bem se sente bem se diz « *Si vis me flere* (diz Horacio) *dolendum est primum ipsi tibi: tunc me tua infortunia dolent.* » Mas para conseguir he necessario, que o Orador penetre profundamente o assumpto, que vai tractar; que se convença bem do seu objecto; que sinta toda a força da sua verdade, e importancia; que grave na fantasia a imagem d'aquillo, de que se quer servir para mover os animos, e a apresente com tanta naturalidade, como energia.

Alexandre foi sem duvida o engenho mais primoroso entre todos os grandes Capitães d'antiguidade para com-

mover os animos. Assim fallou elle ás tropas Macedonias, que o querião desamparar: « Ide-vos, ingratos, fugi, covardes! Sem vós conquistarei o mundo, e Alexandre achará soldados onde quer que encontre homens. » Que vergonha, e brio não infundiria em seus Macedonios esta reprehensão magnanima! Que pejo, e emulação ao mesmo tempo não inspiraria ás suas tropas o heroico denodo de Henrique 4.° de França no fecho d'huma batalha, quando ao ve-las desordenadas, e fugitivas, corre á ellas, e a ponto de ir metter-se no mais cerrado dos esquadrões inimigos, lhes diz: « Volvei as caras, e se não quereis pelejar, ao menos ver-me-heis morrer! » Não he menos sublime o que disse ao General Becker o grande Napoleão, quando depois da sua fatal queda nos campos de Waterloo, dirigindo-se para bordo da fragata Ingleza, não quiz, que aquelle o acompanhasse « Retirai-vos, General: eu não quero, que se possa acreditar, que hum Francez viera entregar-me aos meus inimigos. »

Os discursos vehementes são a lingoagem das pessoas apaixonadas: o engenho só não pode nestes casos supprir o movimento dos affectos; porque, quem não está tocado d'huma paixão, ignora o idioma della. As paixões devem ser consideradas como a semente dos grandes pensamentos: ellas são as que mantem huma perpetua fermentação em nossas ideias, e fecundão em nossa imaginação as que serião estereis em hum coração tibio.

A paixão he a alma dos discursos eloquentes; pois della recebem vehemencia para arrebatar, e ternura para abrandar os animos. Com a moção de seus affectos, hum Orador pode levantar os seus ouvintes d'aquella inercia, digamo-lo

assim, contraria á acção do espirito ; pois dando interesse ao assumpto, que tracta, desperta o homem do seu natural repouso, e indolencia, quando as cousas não lhe tocão muito de perto.

Assim, o que quizer dominar os outros, inspirando-lhes a paixão, de que está animado, aproveite-se com sagacidade humas vezes da propensão, ou disposição favoravel, que acha nos animos, outras da situação, em que varias circunstancias põem aos homens; outras das leis, que os governão, e outras finalmente das mesmas preoccupações, a que obedecem. Na situação, em que estavão as tropas de Carthago antes de começar a batalha de Tesino, que confiança, e valor lhes não infundiria esta breve alocução de Anibal ? « Companheiros ! Os Romanos devem tremer hoje, e não vós. Estendei a vista por este campo, e não vereis retirada para os covardes : todos hoje pereceremos, se formos vencidos. Mas que penhor mais seguro do triunfo, que signal mais visivel da protecção dos deoses, do que haver-nos collocado entre a victoria, e a morte ?

Quando o sublime Tasso, para mover a compaixão, e a tristeza, aproveitou-se da situação de Herminia, bem conhecia o poder, que tem em nosso coração as razões ternas, e suaves. Esta Princeza desgraçada, despojada do throno, e abandonada do infiel Tancredo, seu amante, retira-se á huma aldeia, e abraça o officio de pastora. Huma tarde de Julho, em quanto as ovelhas repousavão á sombra, ella diverte-se em gravar com amorosas letras na casca de huns Ciprestes a historia, e desventuras da sua paixão ; e ao correr as linhas, que acabava de formar, desfallece, e banhada em lagrimas exclama :

. . . . . « *In voi serbate*
Questa dolente istoria, amiche piante,
Perchè, se fia, ch'alle vost'ombre grate
Giammai soggiorni alcum fedele amante,
Senta svegliarsi al cor dolce pietate
Delle sventure mie si varie, etante;
E dica: ah troppo ingiusta empia mercede
Diè Fortuna, ed Amore a si gran fede. »
(Gerus. liber. Canto 7.° Est. 20).

. . . . . Em vossa idade
Se guarde a historia minha, amigas plantas,
E se trouxer amante adversidade
A vossa sombra outras cansadas plantas,
Sinta no coração doce piedade,
E commovido a desventuras tantas,
Diga: Oh qu'injusta, e impia nesta empreza
Foi a sorte, e o amor a tal fineza!
(Trad. de André Rodrigues de Matos).

Só quem bem conhece o coração humano he capaz de tractar assumptos patheticos, assumptos, em os quaes muitas vezes cumpre pôr em movimento paixões encontradas. Com que desteridade, com que encantadora elocução poetica não está escripto o bello Poema intitulado — *Os ciumes do Bardo*—producção, em meu humilde entender, primorosa do Sr. Antonio Feliciano de Castilho! Que luta de oppostos affectos não estabelece elle com mão de mestre no coração do cioso Bardo, quando este assim se exprime!

« Deos, que a vil, como a mim trahio jurando,
Não mos fulmines, fôra leve a pena;
Torna-os immoveis, sem tirar-lhe a vida;
Tectos, muros subverte, expostos jazão
Por toda a eternidade exemplo ao mundo.
Em quanto olhos e mãos houver na terra,
Bons e máos apedrejem-os passando,
Vendo perpetua a dor, sem fim o ultraje
Surdo o Ceo, surda a morte, o amor convertão
Em maldições de fel, em mutuos odios;
Parecendo gozar mordão-se uivando
E engula hum do outro os olhos desvendados!
Ai perfida!.. Oh! vingança! Oh minha sede!!!
Viras se pungem nas entranhas d'alma
Punhaladas de mão que se adorara!

Mulher! quanto eu te amei, quanto has perdido,
Não o sabias tu, nem o eu sabia!
Veio a voz do teu crime revelar-mo;
Era amor, qual meu odio, amor sem termo!
Sim n'esta hora solemne inda o confesso:
Qual mil vezes mo ouviste inda mo ouviras
E houvera em repetir-to acerbo gosto;
Meus primeiros, meus unicos amores,
Tu, tu foste, só tu: mudada a essencia,
Pensamento, querer, memoria, vida,
Tudo em mim foi paixão, ternura, incendio.
Melhor quinhão que o teu nest'alma tinha
Eu mesmo, o mundo inteiro, o Deos que o rege!
Vè s'eu te amei ou não! Guarda-os na mente,

Merecem plena fé taes votos hoje,
Guarda-os na mente, e morrerei vingado!

Deos, Deos! acceito o calix do infortunio,
Bem que amargoso, e transbordando o encheste.
Castiga meus sacrilegos affectos!
Dei á perversa amor, que te bastára!
Ultrajei-te: mas ella! ella opprimir-me?...
Que lhe fiz eu, senão ama-la, e muito?

Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas!
Precisava de vós, tardaveis tanto!...
Bom velho, foi-se o p'rigo, o vento afrouxa.
Toma a flauta, e modula-ma saudosa,
Que eu fico em teu lugar volvendo o leme.
Vai fugindo a tormenta: em vindo a lua
Será todo pacifico este lago;
Só para a minha dor não ha bonança!
Não, não!... jamais, jamais.... Houve com tudo
Hum tempo, em que os seus labios me sorrião,
Em que hum seu volver d'olhos me entranhava
Pela alma hum ceo de amor, hum ceo de esp'rança.
Ah! sonhava eu então? ou sonho agora?

He de advertir, que nunca se commove huma paixão, se a cousa, d'onde se quer tirar, não he por si manifestada, e claramente demonstrada; porque debalde nos esforçariamos por excitar a vontade ao amor, ou ao odio d'hum objecto, que não conhecemos: mas como o animo do ouvinte sóe estar prevenido contra a força descoberta; o ora-

dor sagaz sabe insinuar-se sem estrepito, e como furtivamente para move-lo, e com mais facilidade captiva-lo.

Deve-se usar do pathetico só nos assumptos, que o pedem, e ver em que parte do discurso convem; porque assumptos ha, que não admittem esses movimentos, e ha lugares, em que serião inopportunos. Primeiro se deve ganhar o entendimento, antes de commover o coração; porque mal poderá o Orador inflammar animos, que não estão dispostos.

A moção dos affectos he a arte mais admiravel, que por ventura inventou a necessidade, e a Eloquencia aperfeiçoou; arte, que não falla com os frios dissertadores, nem com os contemplativos moralistas, que mais conhecem as paixões por suas definições, causas, e effeitos para regular o nosso proceder, do que para mover o coração com a força da palavra. Ao que os Gregos chamavão *Pathos* traduzio Cicero já perturbação, já enfermidade: os barbaros derão-lhe o nome de paixão, e os latinos o de affeição, ou affecto. He o contrario da *apathia* dos mesmos Gregos, que significava entre os Estoicos aquelle estupor, ou tranquillidade do animo, ao qual nenhuma perturbação, nenhuma dor, nenhum caso terrivel podia mover, collocando o summo bem n'aquelle estado livre de toda a alteração. Esta dureza, e insensibilidade dos Estoicos, que chamavão enfermidade ás affeições, espancava do coração toda a humanidade.

Os Rhetoricos contão até 17 paixões: mas os Philosophos não concordão nesta opinião, nem com aquelles, nem comsigo mesmos. Dentro do coração humano ha mais alterações, e tempestades mais diversas, do que em hum procelloso golfão, de sorte que não ha piloto, que possa

assignalar todas: porém as mais frequentes, e conhecidas no uso commum da vida são: o amor, o odio, o desejo, a ira, a indignação, a desesperação, a vergonha, a emulação, a vingança na classe das paixoes fortes, e na das temperadas a clemencia, a confiança, o gozo, a tristeza, a compaixão, o temor, e a esperança. Todavia estas duas ultimas são os dous pesos do relojo da vida humana, que só se move, ou com a esperança do bem, ou com o temor do mal.

A Eloquencia contempla a todas como indifferentes em si mesmas; e só as pinta honestas, ou criminosas relativamente a seus fins, e effeitos. O valor, por exemplo, tira a sua bondade, ou malicia do caracter de quem o emprega. Se he virtude em hum dos Horacios, em Cromwel he vicio; e a confiança de Cesar, louvavel no Rubicon, he vituperavel no Senado.

O movimento das paixões he hum excellente meio da Eloquencia, por exemplo: quando se nos faz esperar o que deve ser o verdadeiro, e digno objecto da nossa esperança, temer os males, que nos ameação, aborrecer as acções, que a virtude, e a Religião condemnão, amar a verdade, e a justiça, respeitar a probidade, compadecermo-nos da innocencia opprimida, desejar a honra, e a felicidade, admirar a fortaleza, perdoar ao inimigo, indignarmo-nos contra a iniquidade, emular a gloria das boas acções, e envergonharmo-nos da baixeza, ou fealdade das nossas.

Assim diremos, que a Eloquencia serve-se das paixões uteis para mais as fortalecer, e das perniciosas para as reprimir, ou destruir. Por isso he, que emprega o temor, ou o terror da ira divina para excitar em nós amor á virtude, e odio ao vicio; o amor da patria em M. Bruto para

curar-nos da peste d'ambição ; a compaixão, e as lagrimas de Anna Bolena no supplicio para dispor-nos contra o amor criminoso, &c. Dest'arte pode a Eloquencia purgar as paixoes, fazendo lutar humas contra outras; porque o orador sempre as conduz a fim honesto, e não as aniquila.

Os objectos das paixões, que a Eloquencia tem de apresentar, devem ser sempre cousas grandes, humas por sua natureza, como as divinas, as heroicas, a humanidade, a salvação da patria, a vida do cidadão, o triunfo da virtude, a defesa da justiça, a observancia das leis, &c. Outras são grandes por convenção humana, como as honras, as riquezas, a prosperidade, a reputação, &c., &c. Tem as paixões sua lingoagem propria, sempre singela, e sem affectação; que admitte as grandes, e vehementes Figuras, que dão alma e movimento á Elocução pathetica. Esta he a grandiloquencia despida de ornatos Rhetoricos, e de conceitos subtis.

Por outra parte faz pessimo effeito introduzir em a passagem pathetica d'hum discurso cousa alguma estranha á natureza do intento, e qualquer digressão, que embarace, ou interrompa a carreira, que leva a paixão, huma vez excitada. Grandemente offendem, intibião o animo, e discordão do theor da sentença os similes, e comparações, que sempre manifestão arte, e estudo, e distrahem, e divertem o espirito, quando mais se deve recolher de acordo com o coração. Tão pouco se deve levar ao cabo a commoção pathetica, já com prolixo raciocinio, que fatigue, e venha a esfriar o primeiro calor, já exaltando tanto a paixão, que trasponha os limites do que pode esperar-se da nossa natureza.

Muito se ha escripto ácerca das paixões: mas tal estudo para nós sobre prolixo seria de bem pouca utilidade. O coração humano não se conhece pelos livros: na escola do mundo he, que se adquire esse conhecimento.

Bastar-nos-ha saber, que o amor he a primaria fonte de toda a acção virtuosa, ou viciosa. Na verdade entre as harmonias do mundo physico, e do mundo moral dá-se analogia, e semelhança de effeitos produzidos n'aquelle pela attracção, e neste pelo amor; analogia tão verdadeira, e manifesta, que se não poderá dizer, se resulta das duas leis combinadas entre si pelo Creador, segundo as normas da unidade dominante; ou, se devendo-se ajuntar, e ligar não só todas as cousas humanas ás outras, como tambem os homens ás cousas, huma só lei commum fora estabelecida, a qual applicada aos entes materiaes chama-se attracção, e aos espirituaes amor. E com quanto varios, e multiplicados possão ser esses amores, á proporção que cada hum de nós he impellido por hum seu prazer particular; todavia convèm na qualidade essencial de affeiçoar o animo aos objectos, d'onde provèm; e assim como não ha objecto natural, que em si não comprehenda algum elemento de belleza; assim tambem nenhum ha, que deixe d'inspirar hum amor.

Ha hum amor universal, que he esse sentimento commum a todos os homens, inspirado por todos os objectos da pura, e escolhida natureza; que he essa lingoagem fallada pela belleza, esse impulso sempre activo, e constante em si mesmo para o bem, posto que alterado nos affectos, e contradicto; essa regra immortal dada pelo Creador aos mortaes, a qual he independente de todo o querer humano, de

todo o consenso social ; que a natureza ensina, que a Religião aperfeiçoa, que a civilidade interpreta, applica, e sancciona. E se isto he indubitavel, para que se ha de vilipendiar o coração, e culpa-lo de todos os males da vida ? Por ventura a tão gabada razão humana não se compõe dos impulsos do coração, igualmente que das luzes do espirito? E não he só o coração, que tem o privilegio de sentir a belleza, e de transfundir as suas impressões nas obras, e na imitação ? He certo, que ao entendimento pertence mostrar ao homem a verdade ; mas o faze-lo feliz he partilha do coração.

O entendimento cerca-se do venerando conselho das sciencias, e faz alarde dos seus descobrimentos, de seus calculos, de seus raciocinios, de seus apuros : o coração porém exulta entre a brilhante familia das Artes, e excita á virtude, produz a gloria, inspira vigor para emprehender, constancia para conservar : aquelle he hum sol luminosissimo ; este he a substancia, que recolhe, e absorve os seus raios, e os converte em cores, e em sabores, bellos de ver-se, dulcissimos de gostar-se. Hum illumina, instrue, confirma ; o outro aviva, acalora, exalta. E acaso não he o coração conselheiro de toda a virtude escondida, e inspirador de toda a acção piedosa, e util ? Não he elle o conciliador de toda a alegria, o animador de toda a reunião, o condimento de todo o festejo ? Não he elle, que com os seus movimentos apresta reparo a todo o mal, e allivio a qualquer desventura ? Não conforta elle, não protege, não soccorre, não bemdiz, não salva ? He sem duvida bello de observar como em as corporações, onde se discutem os negocios já publicos, e já privados, muitas

vezes he o coração, que ganha o melhor partido; pois elevando-se sobre disputas cavillosas, e enfadonhas arengas, e prestando subita, e victoriosa falla aos olhos, aos gestos, á lingoa, abate, e destróe com rasgos de fogo os perigosos excitamentos dos fracos, e pretextos dos máos, preparados nessa misera soledade do seu animo.

Esse furor porém de exercitar as proprias faculdades, de que alias vemos a alma humana incessantemente agitada, e em virtude da qual anda sempre apoz do Verdadeiro, do Bello, e do Bom, e torna-se com isso rica de hum thesouro de ideias, de sentimentos, e satisfações, esse mesmo furor mal dirigido, ou mal desenvolvido torna-se motivo de todo o erro, de toda a culpa, de toda a intemperança, e assim entrega o homem á sua perdição. O Creador certamente, pondo na existencia a base necessaria de todo o bem, e com isto inspirando n'alma o seu amor, e a consequente precisão de experimentar-lhe o sentimento, e goza-lo, proveo de maneira que a verdade, a belleza, e a material bondade das cousas satisfizessem a essa precisão, prestando a cada faculdade accommodado alimento. Mas esta correspondencia entre a precisão infusa, e os meios preparados para a satisfazer, não he rectamente observada; e bem pode ser, que nunca o fosse, senão nos primeiros dias da creação, tempo, em que a felicidade terrestre naturalmente consistia no moderado, e inalteravel exercicio das faculdades vitaes, e nas bem guardadas, e gozadas harmonias entre o Creador, e a creatura, entre a natureza, e o homem. Passada porém essa ditosa epocha, e em consequencia do peccado de nossos primeiros pais, mudou-se a condição do homem; e este ora nascendo

mal organizado, ora crescendo mal instruido, ora achando-se collocado em sinistras, e perigosas circunstancias, muitas vezes cede ao fervor, que o transporta, e para conseguir os desejados exercicios sahe dos limites prescriptos, e entrega-se a vontades enormes, desregradas; ou movido de fallacias, e lisonjas não attende á verdade, enoja-se da temperança dos desejos, e vai buscar gozos, e prazeres onde os não devera buscar.

A este perigo estão indistinctamente sujeitas todas as faculdades humanas; porque o entendimento propondo-se muitas vezes hum fim impossivel, e falso, inutilmente se afadiga apoz delle, desvaira-se, e delira; e o coração, enchendo-se de illusões, e cedendo a hum impeto cego, corrompe-se, e infelizmente se degrada: os sentidos estragão-se, e se consomem com a bruteza de torpes, e immoderados deleites. Estes extravios das faculdades humanas chamão-se erros, culpas, ou intemperanças, segundo se considerão relativos, ou ao entendimento, ou á vontade, ou aos sentidos, não sendo, senão diversos movimentos irregulares da mesma alma simples, e indivisivel, quando he inconvenientemente exercitada. Porém, de todos esses extravios, os mais funestos são os das faculdades sensitivas; já porque o exercicio destas he mais frequente, mais vivo, mais desejado, já porque não sendo os seus movimentos, senão determinações da vontade, tem por este motivo hum influxo immediato sobre as acções, e participão do seu caracter. Nesta fatal passagem do bem para o mal grande, e damnoso soccorro presta a imaginação, a qual, apresentando com o seu magico poder visões ao entendimento, idolos ao coração, ou fallacias aos sentidos,

nos illude, e precipita. Isto posto, he claro, que assim o bem, como o mal, a virtude, e o vicio, isto he; o habito de obrar huma, ou outra cousa, derivão d'huma só fonte inexgotavel, que he o amor.

Concluiremos esta materia com as seguintes reflexões do respeitavel Mestre Candido Lusitano. He mister variar de Estylo, diz elle; e não se tenha por errado este conselho; porque não he o mesmo hum Estylo variado, e hum Estylo diverso. Hum discurso de Estylo diverso he hum pessimo discurso: mas o que he variado desempenha nesta parte as leis da Eloquencia. Por mais que se varie o Estylo, sempre deve ser o mesmo, isto he; sempre deve parecer pintura, que sahio da mesma mão, e sempre conservar (digamos assim) o mesmo colorido. Hum grande rio não he sempre o mesmo rio? E com tudo que variedade não observamos no seu curso! Aqui o vemos correr por hum caminho estreito, acolá por hum campo espaçoso. Em humas partes corre com impeto, em outras com mansidão. Humas vezes move-se sem susurro, outras parece, que se torna contra as pedras, que lhe põe impedimento á passagem. Nem todas as praias, que banha, são igualmente ferteis, e amenas, e quanto mais se chega ao mar, tanto mais arrebatado he o seu curso.

Eis aqui tem o Orador huma fiel imagem da variedade, com que deve ornar o seu Estylo. Seja este humas vezes grande, outras humilde; mas nunca de modo, que venha a cahir em viciosa baixeza. Occasiões ha, em que deve ser compassado, medido, e que fira harmoniosamente os ouvidos; outras em que deve ser quasi desconcertado, e como sem ordem, sem numero, e sem medida. Ha lu-

gares em que deve apparecer succinto, em outras diffuso. Aqui, como de fugida, nasção algumas flores ; acolá algum espinho, isto he; não seja sempre ornado. Depois de ter arrebatado tudo com a vehemencia, corra doce, moderado, e sereno ; mas em qualquer occasião mostre sempre alma, e viveza. De ordinario seja grave e severo ; de quando em quando hum pouco adoçado, e brando. Cuide o Orador com muita advertencia, em que sempre vá crescendo seu Estylo, e á medida que for chegando ao fim do discurso, assim lhe augmente algum novo gráo de força, e vehemencia : em fim conforme o Estylo ás cousas, que disser, e esta bella variedade será o melhor adorno, com que o poderá ornar.

Não ha cousa, que venha a causar maior tedio, do que a uniformidade de Estylo. Eu apenas leio duas paginas de certos eloquentes, sem me enfastiar. Confesso, que estes fallão sempre com viveza, magnificencia, e harmonia: pois isso mesmo he o que me enfastia. Nada para mim he tão tedioso, como hum discurso sempre vivo, sempre harmonico, e sempre pomposo, hum discurso, cujo primeiro periodo serve de forma para todos os outros, Engenhos, que não sabem tomar, senão huma só figura, bem longe estão da Eloquencia, que tanto se funda em huma agradavel variedade. Do engenho de hum bom Orador deve-se dizer o mesmo, que os Philosophos dizem da Materia, isto he ; que he apta para receber qualquer forma.

DECIMA PRIMEIRA.

DA PRONUNCIAÇÃO, E ACÇÃO.

A Eloquencia escripta he como a musica sobre o papel: ambas jazem alli mortas, e ambas necessitão do auxilio da voz, e tambem da acção, que lhes dê espirito, e vida para excitar o ouvido, e o coração do ouvinte. Nem por outra causa he esta parte da Elocução Oratoria a mais essencial a quem tem de mover, e persuadir aos outros; pois, o fructo, e a gloria, que com a pronunciação alcançárão os Antigos, são o maior testemunho do esmero, com que cultivárão est'arte ditosa, e o mais efficaz exemplo da importancia de seu estudo para os modernos.

Com as mesmas palavras poderá o que falla, ou lê, mover o riso, ou o pranto, a indignação, ou a lastima. Tanto imperio tem a voz viva nos animos, e tanta influencia o talento de dizer, que, senão mais difficil, he mais raro, que o de escrever ; e quando nem sempre haja cobrado fama tão solida, e duradoura, tem ganhado em recompensa mais triunfos, e applausos mais lisonjeiros, por nascerem estes do movimento, e presença popular.

Claro está, que he grande a differença entre o Orador, que falla a seus ouvintes, e o que escreve para a posteridade. O primeiro deve afervorar-se com maior facilidade; porque hum numeroso concurso, e o apparato do lugar, forçosamente hão de exaltar-lhe o animo. Nesta situação os affectos passão do Orador ao auditorio, e deste tornão ao Orador, da mesma sorte que pelo reflexo os raios da

luz tornão ao corpo, que os despede. Por outra parte a sua voz, seu accento, seus olhos, e todos os seus movimentos de acordo com a paixão, que o anima, testificão a verdade desta mesma paixão. Fere, e agita os sentidos, e por elles se assenhorèa do animo de seus ouvintes, e a seu arbitrio o perturba.

Todos estes effeitos são mortos na Eloquencia escripta; porque no papel tudo he silencio, e tranquillidade. Verdade he, que lemos ao Orador; mas não o ouvimos, nem vemos: está ausente para nós; e assim nem as inflexões da sua voz, nem o seu gesto, nem a sua acção nos dão testemunho da verdade do que diz: só o seu pensamento he o que falla ao nosso com caracteres mudos. Os fructos, da Eloquencia escripta são mais difficeis, senão mais incertos, ou lentos de conseguir: a Eloquencia fallada cega, e arrebata ao mesmo tempo. E não será outra a causa por que lemos frequentemente fallas, e sermões, que havendo grangeado illustre fama a seus autores, quando os pronunciárão, os achamos agora frios, desalinhados, triviaes, e até incorrectos; e alguns ha, que, para conservar a reputação do Orador, melhor fora não os terem dado á imprensa. Taes Oradores poderião seguir o exemplo de Pericles, que não obstante haver-se dicto em seu louvor, que a deosa da persuasão morava em seus labios, e que com sua voz, e acção movia toda a Grecia; jamais publicou huma só de suas orações, por conhecer, que sem o soccorro de seu gesto, e accento desapparecer-lhe-hia o merito, e celebridade.

Em vão pois se darião regras, e exemplos de bem dizer, se se não cuidasse com preferencia no modo de dizer bem,

isto he ; no tom conveniente, com que se ha de animar a expressão que he a alma do discurso, e o movel dos affectos. Este tom, e modo, com que o que falla aos outros declara as ideias, e o sentimento, de que está possuido, pedem tantas variações, quantos são os seus respeitos, e comparações entre os objectos que se propõe, e a differente força, e grão d'energia, com que os deve representar ; porque bem como hum bom pintor não toca com a mesma luz todas as figuras, e sombras de hum quadro; assim o Orador discreto, senhor de si, e do assumpto, não dará a mesma força a todos os seus affectos, nem a mesma viveza a todas as suas pinturas.

Perguntando-se ao famoso Orador Demosthenes, qual lhe parecia ser o primeiro, e principal preceito na Eloquencia, respondeo, que a pronunciação: perguntando-se-lhe, qual lhe parecia o segundo, repetio, que a pronunciação; e sendo outra vez interrogado, qual o terceiro ; não respondeo outra cousa, senão a pronunciação. Tal era o dictame do mais famoso Orador da Grecia, que foi recebido, e celebrado ao depois como maxima da arte pelos Romanos.

Por pronunciação entendemos aquelle accento affectuoso, que por meio de certas inflexões da voz, ou de hum tom mais ou menos subido, ou de huma recitação mais viva, ou mais socegada, mais rapida, ou mais lenta, expressa os affectos, que revolvem o animo do que falla, e os communica a seus ouvintes: he por tanto a parte mais difficil da Oratoria para sujeitar-se a regras fixas, e particulares; porque, se bem que o exercicio vença em todas as Artes grandes difficuldades, nestas mais pode o talento, que o estudo.

Nunca achará a lingoagem das paixões aquelle, que a buscar com fria serenidade: e he esta huma verdade tão conhecida em todos os tempos, e tirada tão immediatamente da natureza humana, que tem passado a ser aforismo trivial, por não dizer vulgar, o já citado preceito de Horacio *si vis me flere*, &c.; pois sem necessidade, nem noticia deste concelho o exercitão poderosamente inumeras pessoas do vulgo, para excitar a compaixão, e ainda com mais efficacia, senão com mais fructo, os que tem convertido em officio a mendicidade, e em arte a sua engenhosa choradeira.

Toda a Arte nesta materia reduz-se a acender cada hum dentro do proprio peito a chamma, que quer, que lavre no do ouvinte. O verdadeiro accento pathetico, efficaz, e poderoso filho he, não do artificio, senão da fragoa do coração terno, que envia aos labios os impetos de seu ardor: não nasceráõ pois della aquelles discursos pronunciados com compassada, e desmaiada monotonia, cujas palavras são sons mortos, e por conseguinte inefficazes, e sem sentido.

Cousa bem sabida he, que a efficacia, e poderio da voz animada da verdadeira paixão, foi a que fez ganhar muitas causas aos Oradores da Antiguidade; assim como tambem nos tempos modernos tem obrado maravilhosos effeitos no auditorio alguns varões apostolicos, que devèrão sem duvida este dominio oratorio a seu particular tom de voz, e á sua acção. Devemos sim attribui-lo a estes dous instrumentos; porque não havendo ficado de huns os seus sermões, e de outros senão discursos mui communs em suas obras; a fama de seu fructo evangelico não pode ter outra

origem, senão o commum consenso dos ouvintes commovidos, e convertidos á vista e voz viva do Orador.

O accento he a alma das palavras: sendo frias, e mudas na escriptura, da pronunciação recebem calor, sentido, e verdade; porque o tom engana menos, que a palavra: assim he, que ninguem duvida de huma injuria, ou de huma burla, ainda quando as vozes não sejão injuriosas, nem burlescas. O Orador, que não põe a graça do enfase no accento, que corresponde á sua intenção, e objecto, tira toda a força, e impressão á frase mais energica. Chamo a este talento huma graça, por ser dom da natureza, a qual inspira, e dita humas regras claras, e faceis, que a Arte, que he sua filha, as prescreve por imitação a todos os Oradores. Sem embargo, são innumeraveis os que pronuncião, ou com affectação, ou com languidez, ou com descomedimento; porque são poucas as almas dotadas desta natural prerogativa.

Talvez por haver considerado esta parte da Eloquencia como dote natural, e não como talento adquirido, não o tractassem os Antigos de proposito, nem com a extensão, que as de mais; pois o mesmo Aristoteles, e Cicero se abstiverão de prescrever-lhe regras, e reduzi-la a Arte. Bastará, que o Orador busque no curso da sua oração aquelle genero de accento, que lhe suggira as inflexões da voz, e as varias temperas da voz, sempre adaptadas ao sentido das palavras, e sujeitando ao mesmo tempo a expressão destas á do pensamento, á situação, em que se acha, e ao caracter, que representa. Advertencia he esta mui necessaria; porque de ordinario o homem commovido dá involuntariamente ás suas palavras o colorido da paixão geral,

que o domina: que he vicio quasi imperceptivel, e por isso mesmo mais commum; pois ninguem litiga a causa alheia com o mesmo tom, que a sua propria.

A palavra se accentua, e tempera diversamente, segundo he diversa a paixão, que a inspira; ora com voz aguda, vehemente, remissa, ou suave, ora igual, variada, pausada, ou rapida em suas inflexões. D'aqui tira o Orador os differentes tons de pronunciação; já hum baixo, igual, e profundo para a meaça, já hum alto, e subido para a ira, e indignação, passando velozmente por todos os intervallos musicos, quando o agita a desesperação, ou o abate o temor, quando o eleva a esperança, ou o alvoroça a alegria.

Tão grande he a efficacia, e a verdade, que em si tem o tom, e accento da voz, que, se se me permitte aqui o testemunho dos animaes, vemos, que alguns delles, sem embargo de carecer de razão, e de lingoagem racional, e ainda do orgão mechanico para articular palavras, entendem-se só pelos sons, que chegão a formar o seu dialecto. As differenças deste não as declarão os cães; todavia algumas alcansamos, e ainda mais os caçadores. O latido, e voz deste animal varia, e se deixa conhecer, quando procura a caça, quando a acha, quando faz presa, quando teme, quando ameaça, quando acommette, quando se queixa, quando se lamenta, quando pede de comer, quando defende a comida, quando brinca, e quando sahe a festejar seu senhor.

De qualquer modo que se considere o jogo dos affectos, o encanto, digamo-lo assim, da pronunciação não consiste somente em huma mechanica imitação, senão em huma imitação agradavel; pois ninguem duvida de que a decla-

mação, para causar este deleite, ha de regular-se, e sujeitar-se a certa melodia, de sorte que não pode mover o coração sem deleitar o ouvido. Tal he a causa por que algumas vezes hum discurso desalinhado, e incorrecto rouba a attenção pela força do tom, que o anima. Neste caso o sentimento do coração escravisa as potencias do ouvinte, que, esquecendo-se do Orador, só tem presente, o objecto, que este lhe pinta: e he isto tão conforme com a natureza, que este communica aos animos ternos huma infinidade de modulações affectuosas, e deliciosas, de que carecem as pessoas, que não sentem: mas releva ter muito cuidado, a fim de que se não tome o affectado por expressivo, nem o furioso por energico.

Não ha duvida, que o prazer do sentido, que experimentão os ouvintes pela melodia do accento augmenta o prazer moral da representação das paixões. E posto seja verdade que as lingoas vulgares menos accentuadas, e prosodicas, que a Grega, e Latina, carecem d'aquelle deleite, que procedia do rithmo tão poderoso dos antigos, para dar vigor, variedade, e graça á harmonia poetica; a nossa pela feliz travação de syllabas suaves, e sonoras, pela melodia da sua accentuação, sustentada com a variedade, e contraste de desinencias numerosas, ou pela fluidez, ou cadencia das inflexões, he nos tempos modernos huma das mais aptas para todas as modulações da expressão grave, doce, e harmoniosa. Além disto a liberdade da sua syntaxe, e suas transposições tão variadas, e sempre bem recebidas, favorecem ao Orador, que sabe usar discretamente destas licenças, para dar á sua pronunciação todos os tons dos mais contrastados affectos.

Muitas vezes o Orador da medida, e desigualdade dos tempos em hum mesmo periodo tira huma lingoagem particular. O gozo, por exemplo, que imprime certa vivacidade aos nossos movimentos, communica-a tambem á medida. A tristeza pelo contrario aperta o coração, amortece os movimentos, e a mesma languidez se pinta no tom, que inspira. Quando porém a dor he viva, e o animo padece certas lutas, a pronunciação da palavra he desigual, já com pausado, já com accelerado compasso, ou atalha-se, ou corta-se por graça, ou por força do enfase; ultima industria da eloquencia muda. Que de cousas se dizem então sem acabar de dizer nenhuma! Por isso os Oradores mais expressivos, ou antes mais patheticos, são ordinariamente os que dividem os tempos com mais desigualdade; pelo contrario os tibios, e tranquilos levão sempre hum passo uniforme, guardando nas clausulas certo equilibrio, e semetria.

Sem embargo de pouco servirá, que o Orador saiba animar as suas palavras com a expressão, se o espirito, e calor desta não chegão aos ouvintes. O que só cuida da quantidade, e qualidade das vozes, ou no sentido dellas, não pode dar expressão ao que pronuncia; articula, mas não falla, diz, e não sente, mal poderá fazer, que sintão, os mais. E tambem não basta, que o Orador seja d'huma sensibilidade vaga, e geral: deve sentir particularmente já a energia da lingoa, já o gráo de vehemencia, e espirito, que pede o assumpto, já a situação, em que se acha para mover, e persuadir. O enthusiasmo, que infundio nos animos abatidos dos Espartanos o espirito, e canto d'aquella Elegia de Tirthêo antes de dar a

ultima batalha aos Messenios, foi effeito destas tres circunstancias, das quaes soube aproveitar-se como Politico, como Orador, e como Capitão.

Muitos Oradores obrárão prodigios na tribuna com o imperio do voz, como se conta d'alguns Prègadores Apostolicos no pulpito, cujos discursos lidos deixarião frios aos seus ouvintes. A summa importancia desta Eloquencia exterior, tão necessaria para ganhar a attenção, e vontade do auditorio, grandemente a conheceo Demosthenes, quando, para corrigir, e exercitar o orgão defeituoso da sua falla, enchia a bocca de conchinhas do mar, e fallava ás ondas embravecidas. Porém assim como são muitos, os que destinados ao pulpito, e ao foro padecem imperfeições naturaes, e habituaes em sua voz, que os preceitos d'arte não alcanção a remedear, tambem são rarissimos os que movidos do desejo de gloria, e d'aquella fome, e sede de aproveitar a seus irmãos na virtude, ou no zelo da patria, queirão soffrer o exercicio, e prova do Orador de Athenas.

Reconhecendo esta importancia, lemos nas Sagradas Letras, que Moysés se escusava para com Deos de que era tarda, e impedida a sua lingoa, quando o enviou ao Egypto para governar o seu povo; cuja excusa não reprovou o Senhor, antes lhe assegurou, que assistiria a seus labios, e lhe ensinaria o que havia de fallar. Por isso Salomão se gabava de que com a sua Eloquencia se faria reverenciar dos poderosos, e que o ouvissem com o dedo na bocca. A Eloquencia pois ainda armada do poder, e vestida da purpura necessitava da graça, e imperio da voz para fazer respeitado, e obedecido o Principe com a doce tyrannia dos labios, por assim o dizer.

Prescrever aqui methodica, e prolixamente todas as regras rhetoricas para a pronunciação, seria trabalho tão fastidioso, como vão; porque muitas dellas se devem considerar futeis, e pueris, e algumas até impraticaveis. Só hum continuo exercicio, e a viva voz de bons modelos podem servir de verdadeiro mestre, e não a especulação dos preceitos. Tão pouco devemos tractar da impertinente analyse do som, e da voz, nem da theoria delicada do jogo deste orgão, e de seus officios: este trabalho he mais proprio do anatomico, e physiologista, que do rhetorico, e tarefa tão perdida, como o pretender, que veja hum cego de nascença, instruindo-o na estructura do olho, e mechanismo da visão.

Bastará, que nos reduzamos a assignalar algumas qualidades, que podem depender do estudo, e exercicio do Orador para a perfeita pronunciação, como por exemplo: 1. que seja clara, e distincta, isto he; que a palavra saia inteira de syllabas, e de letras: 2.° que marque com o seu tom a suspensão, e terminação final do periodo: 3.° que assignale com ligeiros intervallos a exactidão da pontuação: 4.° que comece a voz lenta, e submissa para que se conserve mais tempo, e mais inteira até a conclusão do discurso; porque ordinariamente o que perora esquenta-se, ou pelo mesmo assumpto, ou pelo trabalho da articulação, e levanta gradualmente a voz sem o advertir, e quasi sempre sem o querer: 5.° que seja variada para alliviar a respiração, e comprazer aos ouvidos dos que escutão; porque não ha cousa mais molesta, e enojosa, do que a monotonia, com que alguns principião, e concluem huma oração: 6.° que seja proporcionada ao numero de ouvintes; por

que com differente esforço orava Cicero no foro, e no Senado: 7.° que seja analoga ao assumpto, e ao lugar do assumpto; pois explicando-se, por exemplo, a tranquilla industria das abelhas, não se ha de tomar o mesmo tom, que pintando huma tormenta; nem tão pouco no exordio se deve inflammar o Orador, como no epilogo: 8.° que não seja a pronunciação tão veloz, que não dè tempo para que faça a devida impressão nos ouvidos, e nos animos: 9.° que não seja tão pausada, que cause impaciencia, ou somno ao auditorio: 10 que não seja tambem tão arrebatada, que pareça, que falla hum energumeno, ou hum homem suffocado, que se trava em huma pendencia. Finalmente, reduziremos toda esta doutrina só a dous pontos, dizendo, que todas as qualidades *supra* mencionadas de nada servirião para a conveniente pronunciação, se esta não for guiada, e regida por estas suas duas companheiras inseparaveis, que a todas enlação, e comprehendem, e vem a ser; *naturalidade, e decoro.*

DA ACÇÃO.

A segunda parte, em que se divide a Eloquencia exterior he a acção, a qual se compõe do gesto, e do movimento do corpo. O primeiro, que he a expressão do semblante, forma-se de infinitas, e rapidas modificações da physionomia, e he a imagem, que representa todos os diversos movimentos do animo.

Alguns preceptistas rhetoricos tem sido tão minuciosos, e prolixos em prescrever regras particulares a est'arte, que assignárão até o numero das rugas da frente, e o das

pestanadas, e jogo das sobrancelhas, que correspondia ao desafogo de cada paixão. Esquecião-se sem duvida de que a expressão gesticulante he graça concedida pela natureza, em a qual a arte só põe de seu a decencia, e o comedimento, quero dizer; que só he effeito do temperamento, isto he; de huma delicada, e sensivel organização, que communica ás partes exteriores maior mobilidade. Neste conceito, que regras serião poderosas para infundir caracter, e expressão a esses homens frios, e duros, incapazes de receber impressão alguma, e para converter por meio do gesto em caras fallantes a essas caras, que bem poderamos chamar de pedras? Escusamos pois theorias, e preceitos; porque o homem sensivel sabe retractar-se em seu rosto.

Cada sentido tem por privilegio da Natureza sua lingoagem particular. Não pense a lingoa, que excede aos mais sentidos em Eloquencia; porque pode formar do ar palavras significantes; antes penso, que he mais enganoso, e encantado instrumento; pois do ar obra o engano. Ha cousa mais enganosa, que a lingoa? Os olhos são melhores interpretes do coração, e por isso menos enganadores, que aquella. Finge a bocca muitas vezes o que não ha no peito, dissimulando com palavras os pensamentos; e estes sahem tão distinctos, do que lá dentro são, que muitas vezes abraçamos por amigo ao perfido e traidor. Os olhos confessão sempre a verdade apezar do fingimento, e as cores, que assomão ao rosto, descobrem a traição.

Se os olhos tem a sua particular lingoagem, nunca he esta mais efficaz, do que com o pranto, de maneira que

quem chora lastima, e enternece. E se a primeira diligencia, e industria do que intenta persuadir está em captar a benevolencia do auditorio; o que chora move a compaixão, e esta sempre concilia amor.

Até fingidas produzem effeito as lagrimas; tal he o poder desta pathetica demonstração. A esta engenhosa industria recorreo Ulisses n'aquella famosa oração contra Ajax na contenda sobre as armas de Achiles. Posto podesse fiar muito da sua grande Eloquencia, mais firmeza fez em adornar o seu exordio com lagrimas; e porque não as tinha verdadeiras, fingio-as, esfregando os olhos com a mão á maneira de quem chora.

A dor moderada arranca lagrimas aos olhos: a grande porém as embarga, e secca. Dor, que pode sahir pelos olhos, não he dor extrema; pois a alegria excessiva produz o mesmo effeito, não só nos corações brandos, senão nos duros, e bravios, como se vio em o exercito Romano, onde foi tal a alegria, quando se apresentou Minucio já livre da servidão, que havia padecido, que fez derramar ternas lagrimas á fereza dos proprios soldados.

Se muito porém diz o pranto, mais diz o silencio nas occasiões de dor. Quando o aperto, e magoa do coração não dão lugar a desprender os labios, grangeia-se mais a vontade do ouvinte com o ademan de querer, e não poder abri-los: esta desejada, e não articulada expressão he tanto mais subida, e enfatica, quanto mais quebra faz dentro, ficando só o murmurio, digamo-lo assim, do coração afogado entre os dentes. Esta he a maior significação dos nossos intimos sentimentos, e a força mysteriosa da Eloquencia muda

Ao gesto, que he o sobrescripto dos affectos, deve acompanhar o decoroso movimento do corpo, que forma a segunda parte da acção. Este movimento he involuntario no homem, que está intimamente agitado de huma paixão, e vem a ser a expressão exterior, e mechanica dos affectos, que não se pode sujeitar a preceitos. Por isso não nos abalançaremos a dar estereis regras para o tempo, e modo de abaixar a cabeça, de a levantar, e volver; de dobrar o corpo, de endireita-lo, ou retira-lo, de ir para diante, ou retroceder; de abrir os braços, ou cerra-los; de estender, ou ajuntar as mãos; de abrir, ou fechar os dedos, &c., &c.; porque só o impulso do animo guia a acção, e o tom, os quaes, como quer que procedão simultaneamente de huma mesma origem, nunca mentem, nem se contradizem. Se ha regras para estes movimentos; só serão para os moderar, e accommoda-los ao lugar, ao tempo, ou á classe dos ouvintes, aos usos, costumes, e estylos: mas como estas circunstancias locaes, moraes, e civis admittem muitas distincções, nós as reduzimos, como já dissemos a respeito do gesto, a dous preceitos geraes, que são; naturalidade, e decóro.

Hum dos defeitos de muitos Oradores, alias eloquentes, nasce d'aquelle empenho de apresentar a razão, e a verdade nimiamente despidas, como estampadas em hum livro, sem advertir, que os ouvintes não são puras intelligencias, porém homens, a quem se ha de vencer pelos sentidos, para lhes ganhar o animo: a razão per si só não he arma assás poderosa; porque se muitas vezes contèm o homem, poucas o excita, e nunca o fez obrar cousas grandes.

O que esquece pois, ou despreza a lingoagem da acção, que he a que falla aos sentidos, e á imaginação do ouvinte, desconhece a arma victoriosa da Eloquencia ; porque a impressão da palavra he sempre fraca ; e ao coração melhor se falla pelos olhos, que pelos ouvidos. Não fora provida a natureza, se, havendo creado em nós tantas paixões, lhes houvesse deixado hum só desafogo. Quem duvidará, por exemplo, da necessidade da acção das mãos, que se pode chamar o idioma commum do genero humano? Com ellas chamamos, supplicamos, negamos, ameaçamos, despedimos, affirmamos, concedemos, e detestamos : com ellas manifestamos o gozo, a tristeza, a dor, o temor, a esperança : com ellas assignalamos o lugar, a quantidade, o numero, o tempo. Mas tambem que temperança não he mister para se não exceder no modo, e em sua duração ? Que discrição para distinguir o que deve ser assignalado, e o que não deve ser ? O que basta, que se indique, e o que se deve deixar adevinhar ao ouvinte com a mesma inacção, e com o silencio dos membros, se assim nos podemos exprimir ? Havemos porém de convir, que o Orador não he hum comediante, e muito menos hum máo comediante, para voar com a aguia, arrular com a pomba, rugir com o leão, galopar com o cavallo, colubrear com o arroio, e remenear-se com as folhas, &c. A acção, e a voz devem accommodar-se perfeitamente ao genero de Eloquencia, que cada hum abraça. Por isso conta-se, que movido da fama adquirida por Masillon na declamação do pulpito, quiz o celebre actor de Paris Baron assistir a hum de seus sermões ; e ao sahir da Igreja, voltando-se para hum amigo, que o acompa-

nhara, disse-lhe: *Masillon he Orador ; nós somos comediantes.*

O continuo raciocinio, a argumentação estudada, ha sido sempre huma mania de espiritos pequenos ; porque os animos grandes, e elevados usão de outra lingoagem breve, clara, e energica, com a qual movem as cousas grandes. Prodigios obrárão os antigos com a Eloquencia, não ha duvida : mas esta não consistia sempre, e somente na elegancia, e copia de dizer ; antes nunca produzio maior effeito, do que quando o Orador fallava menos. O que se sente com vehemencia, nem sempre se expressa por palavras ; o gesto, e a acção alcanção adonde não podem alcançar as vozes. Quantas cousas começa a lingoa, que as acaba d'exprimir o gesto ! Que circumloquio não seria mister muitas vezes para significar o que diz hum aceno, hum volver d'olhos, hum acconado, hum movimento do rosto, huma lagrima, o mesmo silencio!

Quando emmudece a lingoa ou pelo ineffavel do gozo, ou pela força da magoa, ou do temor, proveo-nos a natureza de signaes, e vozes mudas com tão viva, e eloquente consonancia, que sohem mover, e satisfazer os coraçoes, e os ouvidos dos animos ternos, e generosos, como o podera fazer toda a perfeição humana de palavras. Os signaes caracteristicos das paixões na acção, e gesto d'hum homem commovido tyrannizão os sentidos dos ouvintes, e assim o Orador, que suborna a imaginação, ganha logo a vontade. Esta he a causa por que Cromwell, e outros caudilhos famosos, sem ter o dom da palavra, se fizerão obedecer com tanto enthusiasmo de seus sequazes, e de suas tropas ; porque como nelles a Eloquencia do gesto

suppria a da expressão, tiverão a apparencia de Demosthenes, e por taes forão tidos.

LIÇÃO DECIMA SEGUNDA.

Hum Orador ordinario sobre o caso lastimoso da morte de Julio Cesar, para mover á ira, e á vingança ao povo Romano, apuraria todos os lugares communs d'Arte com a pathetica pintura d'aquella catastrophe: Marco Antonio porém, como mais eloquente, diz poucas palavras. Manda vir o cadaver ensanguentado, e fita-lhe os olhos. Que Eloquencia muda! Este mesmo Marco Antonio havia descoberto o peito de Marco Aquilio, cuja virtude, e innocencia defendia, mostrando aos Juizes as muitas feridas, que em serviço da patria havia recebido. Havião chamado a juizo a hum veterano, o qual rogou a Octavio Augusto, se encarregasse de o defender. Octavio, ou por occupado em negocios graves, ou por evadir-se á aquella tarefa, a encarregou a outrem. Desgostoso o soldado disse com grande despeito « *Não busquei eu supplente, quando na batalha de Accio estavas em perigo; antes eu mesmo me puz em tua defesa, do que te darão bom testemunho estes signaes:* » e dizendo isto, descobrio o peito cheio de feridas, que havia recebido em seu serviço.

Quando Montezuma quiz persuadir a Cortez, que o não tivesse por hum deos, despio parte do seu braço, dizendo-lhe : *esta porção do meu corpo desenganará os teus olhos de que fallas com hum homem mortal.* O rosto benigno nos Principes he hum doce imperio sobre os animos, e huma dissimulação do poder. A serenidade de

Octavio Augusto entorpeceo a mão do Gallo, que o queria despenhar nos Alpes. As armas cahirão das mãos aos conjurados, vendo o agradavel semblante de Alexandre. Não tem menos poder e efficacia para o terror o semblante fero, que para o amor o benigno. Vencido Caio Mario por Syla, esteve escondido em Minturno, onde foi achado, e mettido na prisão, espantou ao algoz, que ia dar-lhe a morte, mostrando-se-lhe feroz nos olhos e no rosto, e acolhendo-se a hum barco de pescadores, passou á Africa, onde se guardou para melhor fortuna. Por ventura o grande Julio Cesar com hum só seu olhar não apaziguou a duas Legiões amotinadas?

Não he lugar este para prescrevermos regras sobre a acção theatral; pois não he de nosso instituto formar comicos, nem pantomimos. Nosso proposito reduz-se a confirmar as doutrinas semeadas neste breve tractado com alguns exemplos, para demonstrar quam poderoso he o imperio do gesto nos animos ternos, quam efficaz a força da acção, e quantas palavras forra, o que sabe recorrer a esta Eloquencia enfatica. Na magnifica scena de Heraclio, Tragedia de Corneille, introduz-se ao Imperador Phocas ignorando qual dos Principes, que tem a seu lado, he seu filho, e permanecem ambos immoveis, e mudos. « *Marcïano!* (exclama) *E ninguem me responde!* Este he hum dos passos scenicos, que a Eloquencia escripta jamais poderá representar: aqui he onde o gesto triunfa das palavras.

Ha expressões sublimes na scena muda, que toda a Eloquencia vocal não he capaz de produzir. Tal he a de Macbeth em a Tragedia de Shakspeare. A somnambula

Macbeth vem a passos lentos, e com os olhos adormecidos, imitando a acção d'huma pessoa, que lava as mãos, todavia tintas com o sangue de seu Principe, que vinte annos antes havia assassinado. Que imagem tão pathetica, tão viva do remorso he o silencio, e o movimento das mãos d'aquella mulher ! Que razões poderião exprimir com tanta energia, e verdade a perturbação d'aquelle animo? A quem não moverá á compaixão, e juntamente ao deleite a morte de Epaminondas na batalha de Mantinéa? Cahe ferido d'huma frecha : os Medicos dizem-lhe, que espirará, se lhe tirão a setta: pergunta então pelo seu escudo, e lhe respondem, que se não perdèra : ouvindo isto, arranca elle mesmo o ferro para morrer, ainda no meio de tão grande dor, com o louvor, e gloria de seu bom animo. D'onde se acharão palavras, que com tanta brevidade, e valentia retractem o esforço, contentamento, e pundonor de hum guerreiro em transe tão deploravel ?

Em toda a agitação, e luta interior, e exterior do animo d'hum Orador, que esforça as suas razões com a acção e com o gesto, nós nos revestimos , sem o sentir, de seus affectos, os quaes calados fazem mais impressão, do que pronunciados. Estes affectos são mais conhecidos, e visiveis nas representações mimicas do theatro, onde os espectadores padecem a mesma inquietação do actor, quando explica em seus olhos, semblante, e passos já a ira, já a dor, já a vingança, já o temor, já a desesperação. A viveza, e naturalidade do autor devem ser taes, que ninguem pergunte : o que diz agora este homem ? He certo, que elle não falla ; porém todos leem o que cala, isto he ; cada hum lá dentro de seu peito, segundo

o seu gráo de sentir, põe a letra; porque o destro pantomimico faz inuteis as palavras, e todos o entendem; por isso que falla o idioma universal, o de todos os sentidos.

Alguns povos teem mais, do que outros o uso de animar a sua conversação por meio dos gestos: mas não existe nação alguma, e talvez que nem pessoa tão fleg-matica, e apatica, que não acompanhe as suas palavras de algum gesto, e mais quando fallão de cousas, que interessão vivamente. Assim aquelle, cujo exterior fica perfeitamente immovel, e que deixa cahir as palavras da bocca sem o menor calor, sem a menor expressão no gesto, parece, que nenhuma especie de interesse toma em os negocios, que discute, e põe-se por conseguinte fóra da natureza.

Examinemos, que modos de olhar, que gestos acompanhão na conversação ordinaria a expressão dos movimentos de animosidade, de indignação, de compaixão, &c., e tomemo-los por modelos. A mór parte destes gestos são communs a todos os homens; mas alguns tem em cada individuo hum caracter particular: mas o Orador não deve empregar, senão os que lhe são naturaes; pelo que não devemos estudar os movimentos, e gestos mais graciosos, a fim de os executar em publico, sem pensar, se convèm mais ou menos ao nosso exterior, e ás nossas disposições naturaes; porque os gestos, e movimentos d'aquelle, que falla, devem ter o cunho do ar, que elle naturalmente toma; sem o que não ha cuidado, nem trabalho, que possão impedir de que pareça desgeitoso, e affectado.

Posto que a natureza deva ser o principal guia nesta

parte da recitação oratoria, todavia a arte, e o estudo podem contribuir muito para a sua perfeição ; porque algumas pessoas tem naturalmente movimentos pouco graciosos, cujos defeitos podem ser em grande parte corrigidos pela applicação, e trabalho. Este estudo deve ter por objecto reformar os movimentos desairosos, e desengraçados, a fim de se contrahirem outros mais agradaveis, com quanto sempre entrem no modo de ser habitual do Orador. Tem-se aconselhado aos moços, que se exercitem adiante d'hum espelho, a fim de que possão julgar de seus gestos, e compostura : mas creio, que qualquer he máo juiz de si mesmo nesta materia ; e que assim declamará por muito tempo sem se corrigir de nenhum de seus defeitos. Mais vantagem colherá, mormente no começo, aquelle, que se guiar pelas observações de hum amigo, cujo bom gosto seja conhecido.

Quem falla em publico deve tomar o mais nobre ar possivel ; e a posição recta he a que quasi sempre mais convèm ; pois só quando ella he firme, e segura, he, que pode o homem ser senhor de todos os seus movimentos. A expressão da figura deve estar em harmonia com a natureza do discurso, e quando se não tem de pintar alguma emoção particular, a vista deve ser firme, e grave. Os olhos não fiquem immoveis, e fitos sobre hum só objecto ; mas passeiem com facilidade por todo o adjuncto. A acção na Oratoria consiste quasi toda em os movimentos da mão. Os antigos condemnavão os movimentos, que não erão executados, senão pela mão esquerda ; mas não creio, que elles tenhão nada de desagradaveis, posto seja talvez mais natural o servirmo-nos da mão direita.

As commoções vivas devem ser exprimidas por movimentos iguaes d'ambas as mãos; mas quer o Orador obre com huma só, ou com ambas, deve faze-lo de maneira que os movimentos sejão sempre livres, e faceis; porque são tanto mais desagradaveis, quanto mais constrangidos, e acanhados. Os movimentos perpendiculares, ou em linha recta debaixo para cima, ou de cima para baixo raramente são agradaveis. Os movimentos obliquos tem geralmente mais graça: mas releva não os executar bruscamente, ou com excessiva rapidez; porque deste modo não he, que se exprime a sensibilidade ou o interesse.

Além disto para recitar com bom successo he mister evitar essa especie de perturbação, e agitação, que se apodera do Orador, mormente as primeiras vezes que se estreia a fallar em publico. Esforce-se pois elle antes de tudo em recolher-se, e permanecer constantemente senhor de si. Para isto nada ha melhor, do que penetrar-se bem do seu objecto, sentir toda a sua gravidade, e importancia, e finalmente procurar muito mais persuadir, do que agradar; porque tanto mais agradará, quanto menos esforços fizer para o conseguir; e tal he o unico meio de vencer essa timidez, que desaira o Orador, e prejudica assim a seus pensamentos, como ao modo de os exprimir.

Sobre tudo fuja o Orador de toda, e qualquer especie de affectação; porque nada ha mais nocivo á Acção Oratoria. Não saia nunca do seu natural; não procure imitar a pessoa alguma, nem formar hum modelo imaginario. Tudo, que he natural, agrada, ainda quando alguns leves defeitos o acompanhão; porque o que queremos ver he o homem, e amamos o que dá mostras de partir do coração.

Pelo contrario huma exposição, por mais graças, de que a queirão embellezar, nunca deixa de produzir máo effeito, se nella se não descobre franqueza, e liberdade. Poucas pessoas são capazes de fallar perfeitamente bem em publico: tantos talentos naturaes são precisos para isso : ao alcance porém de muita gente está o tomar hum tom verdadeiramente energico, e persuasivo, huma vez que trabalhe por depor os máos habitos, por se não apartar da natureza, e por se exprimir em publico, como na conversação ordinaria, mormente quando se proferem sentimentos, que nascem do coração.

MEIO DE FAZER PROGRESSOS NA ELOQUENCIA.

Ser Orador (diz Blair) verdadeiramente eloquente he hum talento rarissimo, e que com facilidade se não adquire. Não he ; porque seja muito difficil compor hum discurso elegante sobre qualquer assumpto, e recita-lo de maneira, que cause prazer ao auditorio : por mais louvavel, que seja aliás este genero de merito, mais alta ideia devemos fazer da Eloquencia. Ella he o fructo dos maiores esforços do espirito humano : o seu objecto não he somente lisonjear a imaginação, se não fallar tambem á intelligencia, e ao coração, assenhorear-se das pessoas, a quem se dirige, deixando-lhes huma viva, e profunda impressão do que se lhes diz. Que talentos naturaes pois, que talentos adquiridos não são necessarios para se chegar a esse ponto de perfeição! Nada menos que huma imaginação forte, viva, e ardente, hum coração extremamente sensivel, hum juizo solido, hum sentir delicado, hum espirito sempre presente;

e todas estas qualidades juntas á sciencia do Estylo, e da composição, sustentadas por hum exterior agradavel, por maneiras graciosas, por huma voz sonora, e flexivel. Á vista disto será para admirar o ser tão raro encontrar-se hum Orador completo?

Não desacoroçoemos com tudo. Da mediocridade á perfeição ha grande distancia; e os postos intermedios ainda podem ser honrosamente occupados; pois quando hum genero de perfeição he tão raro, e difficil, se gloria he chegar a elle, não deixa de ser bello o approximar-se. São menos numerosos os Oradores que se tem collocado na primeira classe, e talvez que tambem os excellentes Poetas: mas o estudo da Eloquencia tem esta vantagem sobre o da Poesia; que esta não supporta, como a outra, a mais ligeira mediocridade. A simplicidade tem sua eloquencia, bem como o pathetico, e o sublime; e se o engenho não tem força para remontar-se a tanta altura; pode, sem tomar tão grande vôo, adquirir huma reputação brilhante.

Inutil fora indagar, se he a natureza, ou a arte, que mais contribue para formar hum Orador perfeito; por que em todos os generos de talentos, a natureza he, que lança os primeiros germens, e o trabalho os desenvolve. Ella faz muito; mas quer, que a arte ainda faça mais; e o certo he, que o estudo contribue muito mais para a perfeição do engenho natural do Orador, do que para a do Poeta: quero dizer, que com quanto a Poesia seja susceptivel de receber uteis soccorros d'arte; todavia hum Poeta só pela força do seu engenho elevar-se-ha a huma altura, a que nunca poderá chegar o Orador, que se não

tiver dado ao estudo do Estylo, da composição, e da recitação. Homero não teve por mestre senão a si mesmo; e Demosthenes, e Cicero pelo trabalho, e lições de seus predecessores.

Além da vastidão de conhecimentos, e da probidade, sem o que não se dá verdadeiro Orador, segundo já dissemos, faz-se indispensavel o habito da applicação, e trabalho; pois sem este nenhum genero de merecimentos se adquire; e nem he de crer, que alguem se faça d'improviso advogado, prégador, ou orador distincto: para isto não bastão huma applicação momentanea, ou alguns ligeiros estudos: nada se consegue, senão á força de trabalho, do qual se haja adquirido tal habito, que para elle se esteja prompto a todos os instantes, e por qualquer motivo. Esta he a obrigação, que nos impoz a natureza, e demasiada presumpção do proprio merito cabe, que tenha quem se lisongeia de se subtrahir a ella; obrigação sapientissima; porque o trabalho he o verdadeiro condimento, he o adubo do prazer, sem o qual teria a vida humana huma monotonia insupportavel

Essa inercia d'alma, que nasce da indolencia, e ociosidade, he hum dos maiores obstaculos para o desenvolvimento das ideias, e para a verdadeira felicidade. Aquelle, que a natureza fez para primar em qualquer arte, e mais se he na de fallar, ou escrever, reconhece-se principalmente pelo nobre enthusiasmo, que o anima, que delle se apodera de todo, que lhe não deixa attentar, senão para o fim, a que se dirige, e o leva a emprehender com ardor, e a supportar com prazer todas as fadigas necessarias para chegar ao seu intento. Isto he, o que ca-

racterisava os grandes homens da antiguidade, e isto tambem he o que devem praticar os que hoje pretendem seguir-lhes as pisadas.

Muito contribue para a perfeição da Eloquencia o serio, e aturado estudo dos melhores modelos. He verdade, que todo o Orador, e todo o Escriptor deve ter hum cunho particular, que imprima em seu estylo, e composição; pois que huma imitação demasiado servil extingue o engenho, ou antes patenteia a sua nueza: mas ao mesmo tempo não ha talento tão original, que já para o estylo, já para a composição, já para a recitação não possa tirar grande proveito do estudo dos melhores exemplos, estudo, que sempre descobre alguma ideia nova, ou desenvolve, e corrige as que se hão concebido; que dá vivacidade aos pensamentos, e excita a emulação. He sem duvida d'alta importancia a escolha dos modelos, que nos propomos para imitação; pois ainda suppondo-os os melhores possiveis, cumpre todavia estarmos sobre aviso, a fim de que nos não entreguemos a huma admiração cega, e illimitada, tendo sempre em vista o

Decipit exemplar, vitiis imitabile.

Nunca porèm percamos de vista esta advertencia, que ainda os mais completos modelos tem sempre alguma cousa, que se não deve imitar: pelo que procuremos conhecer bem as bellezas particulares, e caracteristicas d'hum Escriptor, ou Orador, e não imitemos senão isso: mas não nos limitemos exclusivamente a hum só modelo, se quizermos evitar os inconvenientes d'huma imitação defei-

tuosa: pelo contrario esforcemo-nos por adoptar tudo quanto de mais perfeito nos offerecem muitos dos melhores autores. Com tudo, quem houver de imitar a qualquer autor de sua predilecção, advirta, que grande differença vai da lingoagem escripta á lingoagem fallada; e que são dous modos mui differentes de communicar as nossas ideias. Hum livro feito para ser lido, exige outro estylo, que não o que deve empregar o homem, que se dirige oralmente a seus semelhantes. Nos livros cumpre attender á correcção, e concisão, cumpre fugir de toda a redundancia, evitar as repetições, e não usar senão da lingoagem mais pura, e polida. O discurso porèm admitte hum estylo mais livre, mais abundante, e menos castigado: nelle algumas vezes são necessarias as repetições, e os parenthesis quasi sempre graciosos: nelle o mesmo pensamento pode representar-se debaixo de pontos de vista differentes; porque o ouvinte para o apanhar só tem o tempo necessario á sua expressão, e não pode como o leitor, gozar da vantagem de tornar atraz a seu grado, ou de se demorar até que o tenha perfeitamento comprehendido.

Não basta, que o Orador estude attentamente os melhores modelos; releva, que tambem se exercite muitas vezes em compor, e em fallar. Exercer-se-ha na composição com tanto mais fructo, quanto escolher assumptos pertencentes á profissão, a que se propõe entregar-se, e successivamente tractar os mais difficeis. Mas nunca sejaes demasiado indulgentes para com vosco, nem vos deixeis arrastrar d'huma indulgencia perigosa. Aquelle, que algum dia quer escrever, ou fallar correctamente, ainda na mais

futil composição, em huma conversação, em huma carta, que seja, nunca deve desculpar-se da mais ligeira falta. Não quero com isto dizer, que jamais não escreva, ou se exprima, senão em huma lingoagem estudada, e exquisita; porque isto conduzi-lo-hia á escabrosidade, ou á affectação, defeito muito menos escusavel, do que as mais graves negligencias: mas note-se, que em todas as cousas ha hum modo de fazer agradavel, e gracioso, e outro desasado, e falto de graça. O primeiro he quasi sempre mais facil, e o que menos esforços exige; mas para o perceber he mister gosto, e attenção; e quem huma vez chegou a esse ponto, nunca mais delle se deve apartar.

Muito se ha recommendado aos mancebos, que se exercção no manejo da palavra, a fim de se formarem na recitação oratoria, e se habituarem a tractar de viva voz negocios serios. As reuniões, e sociedades, em que se dão a este exercicio, são estabelecimentos dignos de elogios, os quaes, sendo bem dirigidos, podem offerecer mui grandes vantagens. Elles são favoraveis ao desenvolvimento das luzes, subministrando occasiões de fazer pesquizas instructivas ácerca das differentes materias, que ahi se põe em discussão. Elles produzem a emulação, e acostumão gradualmente a debates analogos aos das assembléas populares. Ahi forma-se huma justa ideia dos proprios meios; ahi o homem adquire o habito de ser senhor de si durante a recitação, e, o que he de huma vantagem não menos real, obtem essa facilidade, e abundancia d'expressões *(copia verborum)* que só podem provir dos frequentes exercicios deste genero.

Hum dos maiores desvelos do homem, que aspira a ser

eloquente quer fallando, quer escrevendo, deve ser o da harmonia, e melodia dos seus discursos, materia, que se acha excellentemente tractada pelo insigne phylologo o Padre Antonio das Neves Pereira, na sua — *Mechanica das palavras em ordem á harmonia do Discurso eloquente, tanto em prosa, como em verso.* —Este livrinho, hoje raro, devèra ser reimpresso, e andar nas mãos de quantos se dedicão á importantissima arte de bem dizer.

Finalmente o estudo da Eloquencia he de toda a vida, isto he ; ninguem espere chegar á perfeição neste genero, se aos talentos naturaes não ajuntar huma applicação constante, e o conveniente exercicio : mas advertindo, que não consiste o merito do Orador em fallar muito, senão convenientemente, e bem, para o fim de instruir, mover, e deleitar.

LIÇÃO DECIMA TERCEIRA.

Tendo nós dividido a Eloquencia em *incitativa*, e *especulativa*, e subdividido a primeira em Eloquencia privada, que comprehende a Judicial, e a Militar, e a segunda a Politica, que tracta dos interesses da nação: tendo outrosim subdividido o genero especulativo em *apodictico*, ou de demonstração, e *exegetico*, ou de exposição, comprehendendo no primeiro os Discursos Philosophicos, e o Sermão, e no segundo as diversas especies de Panegyricos, e Elogios; julgamos conveniente dar-vos, Senhores, breves, porém claras noções de cada hum destes generos ; pois tem regras, e advertencias especiaes, que cumpre não desconhecer.

ELOQUENCIA JUDICIARIA.

A tres pontos principaes podemos reduzir o que vamos a dizer a respeito desta especie de Eloquencia, isto he: 1.° o caracter proprio da Eloquencia Judiciaria: 2.° o caracter do Orador: 3.° a composição do discurso.

O caracter essencial á Eloquencia Judiciaria he a gravidade, e a severidade: e em verdade o Orador do foro não falla, senão em nome, ou ao menos em virtude da lei: elle não solicita, exige sim, e requer hum direito: pelo que deve a sua lingoagem ser nobre, valente e firme. Como a discussão, que elle sustenta versa sobre os interesses, e ás vezes os mais graves do seu cliente, deve mostrar-se penetrado da importancia das suas funcções, e por conseguinte serve-se de huma lingoagem seria. Os homens, a quem mais particularmente se dirige, isto he; os Magistrados, e Juizes tem em suas mãos a sorte do homem, *pro*, ou contra quem elle falla, e isto em virtude da lei. O poder material, e o caracter moral, de que são revestidos, impõe ao Orador a obrigação de servir-se d'huma lingoagem respeitosa: finalmente, sejão quaes forem as formas, com que envolve o seu estylo, e por mais cuidado, que ponha em excitar as paixões, não he realmente a estas, que elle deve parecer dirigir-se; por isso o Areopago havia prohibido, que os Oradores nas causas dependentes do seu tribunal recorressem aos artificios oratorios. A arte, o designio, a dexteridade em mover a indignação, ou a piedade devem por tanto occultar-se; e o Advogado perito, fingindo crer nos homens, que applicão a lei, a impassibilidade da mesma lei, saberá,

ainda quando recorra ás paixões, e ás fraquezas humanas, guardar hum tom energico, hum accento solemne, huma lingoagem severa.

D'aqui resulta que hum discurso judiciario deve reunir á exactidão, e a simplicidade dos factos, á clareza, á força, e á legalidade dos meios a maior nobreza no estylo, a maior brevidade nas digressões, ou nos lugares communs, que se não referem immediatamente á causa, em fim a maior reserva nos movimentos oratorios. Com isto porém não queremos dizer, que em causas brilhantes, ou de interesse de certo modo universal, seja vedado a quem falla o fazer ver a indignação, a colera, o desprezo, a commiseração, &c.; mas he mister, que taes movimentos não appareção no Orador, senão quando o auditorio por si mesmo sente todo o poder dessas paixões, e que até á imparcialidade he impossivel recusar-se a ellas.

As qualidades necessarias ao Orador judiciario são naturaes, ou adquiridas, physicas, intellectuaes, ou moraes: ás primeiras chamaremos disposições naturaes do Advogado, ás segundas estudos preparatorios. As disposições naturaes do Advogado referem-se humas ao corpo, outras á intelligencia, outras finalmente ao caracter.

O Orador judiciario, privado das brilhantes faculdades physicas, seria quasi irrevogavelmente condemnado a jazer na obscuridade. A mais essencial destas faculdades, ou, para melhor dizer, a que contèm todas, he huma constituição forte, tão propria para o trabalho da banca, como para os exercicios publicos, e huma organização energica, em a qual domine a vivacidade do pensamento, e

das impressões. O Orador, antes de chegar ao Foro, deverá ter passado dias trabalhosos, longas noites em aridas conversações, em espinhosas investigações, em profundas reflexões, sem que tantas vigilias tenhão podido deteriorar-lhe a saude robusta, e inabalavel. Logo que chega ao Foro, elle se apresenta com nobreza, e ao mesmo passo que se admirão as suas palavras, admirão-se tambem a dignidade do seu porte, a graça de seus movimentos, a elegancia de seus gestos, o fogo de seus olhos, a expressiva mobilidade de sua physionomia, e sobre tudo o encanto da sua voz. Nesta principalmente, e nos olhos he, que reside a mais poderosa seducção; porque sendo o genero judiciario mais grave, e severo, que os outros, não admitte, senão poucos gestos, e quasi que repelle inteiramente todos os movimentos do corpo.

Do coração, disse Catão, he que vem a Eloquencia. Deve por tanto o Orador Judiciario não ser accessivel ás paixões vivas, e ardentes, que prorompem quasi sem motivo, sendo proprio com tudo para sentir prompta, e vivamente. Toque-o pois o aspecto da desgraça, irritem-no a insolencia, e a deshumanidade; e derrame lagrimas de alegria, considerando nas lagrimas amargosas, que vai enchugar, ou estancar. Elle deve além disto reunir essa solidez de juizo, que mostra tudo debaixo da sua verdadeira luz, e discrimina o justo do injusto, á essa nobre firmeza, a esse poder sobre si mesmo, unicos, que podem prevenir a desordem das ideias, sujeitar commoções demasiado numerosas, ou excessivamente fortes, e preservar d'huma perturbação fatal em presença d'huma

reunião augusta, que vai decidir da liberdade, da vida, e da honra.

Desta ultima qualidade dimana quasi necessariamente o que se chama presença d'espirito. Não ha causa alguma, por assim dizer, em que interrupçõesimportunas, conclusoes inesperadas, e novas, e mil especies de incidentes não tornem indispensaveis as replicas. He por tanto a presença d'espirito hum grande meio de bom successo, e que dá grande vantagem no decurso desses debates imprevistos ; que poderião chamar-se escaramuças judiciarias ; finalmente sem ella impossivel fora o improviso.

A memoria finalmente he para o Advogado hum dom muito precioso ; porque com a ajuda desta faculdade intellectual, distincta do engenho, e todavia mui vantajosa ao mesmo engenho, elle une, elle fixa, elle abraça maior copia de objectos, e principalmente possue melhor o seu todo. Com isso elle domina a sua materia, divide-a, dirige-a, condu-la a seu arbitrio, aprofunda, ou despreza mais convenientemente as minudencias, e parece brincar com hum assumpto, em o qual não lhe restão outras difficuldades mais, do que a de achar argumentos para convencer a intelligencia, e motivos para persuadir a vontade.

Mas para dar-se hum bom Advogado não basta a reunião das vantagens exteriores, e a superioridade intellectual : *Orator, vir bonus, dicendi peritus*, dizião os antigos : axîoma, que he muito exacto, mormente a respeito do Orador judiciario. Hum amor ardente da ordem, da justiça, e da humanidade em geral deve ser para elle a primeira, e mais irresistivel das paixões ; neste

amor deve andar como engastada huma persuasão intima, completa, imparcial de que a causa particular, que elle se encarrega de fazer triunfar, he a da verdade, e da justiça. D'aqui repellirá com sobranceria, e desdem as offertas brilhantes do concussionario, do homicida, do satrapa sequioso de vingança. Elle até resistirá aos tão doces attractivos da gloria, de maneira que não se encarregue a sua Eloquencia conscienciosa d'huma causa paradoxal, ainda que as cem boccas da fama se hajão de abrir para cantar o seu triunfo : a viuva porém, o orfão, as victimas das reacções politicas, ou do fanatismo religioso acharão nelle hum intrepido apologista : sendo inimigo declarado de toda a oppressão, elle se constituirá o campeão de todo o opprimido. D'ahi hum nobre orgulho, que lhe lisonjeia, e eleva o coração, fazendo-o gozar com delicias das homenagens de todos os homens virtuosos, fazendo-lhe ver em sua profissão a mais nobre tarefa, de que se pode encarregar o homem sobre a terra.

O Juiz não profere sentença, senão em virtude da lei. O Advogado, que quer obter a sentença em seu favor, deve pois em ultima analyse não se occupar, senão da lei, e da sua applicação. Deve por tanto conhecer as leis, que regem o Estado, de que he membro; d'onde lhe resulta a necessidade, alias evidente, da sciencia das leis. Como porém muitas vezes podem as applicações da lei não parecer incontestaveis, o mesmo texto ser algumas vezes susceptivel de interpretações differentes, e além disto huma contradizer, ou abrogar outra ; deve elle pegar-se menos aos mesmos textos, do que aos motivos destes:

deve ter comparado as leis diversas feitas sobre pontos semelhantes, ou analogos; estudar os usos antigos, e as leis abrogadas relativas a esses mesmos objectos, ensaiado applicações difficeis, singulares, ou delicadas, apanhado antecedentes, que fixão hum sentido á lei, e decidem do futuro pelo passado. Nesta immensa massa de circunstancias elle deve principalmente ter meditado nas Leis Romanas, monumento immortal de sabedoria, de razão, e profundeza, base larga, e indestructivel de todos os codigos razoaveis, redigidos em as idades subsequentes.

Mas as leis, e o proprio estudo dos motivos, que decidirão o estabelecimento, e forma de cada huma dellas, ainda não são de natureza tal, que satisfação a huma intelligencia profunda, e ávida de certezas. Ha mais alguma cousa, do que isto: ha a sciencia do Direito natural, e civil. Esta sciencia preexiste aos motivos das leis, bem como estes ás mesmas leis, e só ella pode dar-lhe a chave, e demonstrar a sua autoridade: pelo que deve possui-la o Orador judiciario.

Finalmente reconhecendo o mesmo Direito huma base mais alta, que nasce, parallela ao dever, da natureza da alma humana; releva, que o joven Advogado se haja applicado conjunctamente ao estudo da Philosophia Moral. Deste modo os estudos materiaes preparatorios do nosso Orador devem comprehender a sciencia das leis, e as sciencias, em que estas se fundão; em summa deve ser legista, jurisconsulto, e philosopho, antes de pensar em ser Orador.

Mas estes longos trabalhos ainda não são, senão metade da sua penosa tarefa: elle tambem deve estudar com

a mesma perseverança, e profundidade os preceitos da arte oratoria, e todas as suas minuciosidades. Ainda mais necessaria lhe he essa chamma sagrada, e sublime, que he propriamente a Eloquencia, e que só a natureza dá; mas elle a deve atiçar, avivar, e animar; e para isso são o estudo da Physiologia Moral, e a experiencia do mundo, que descobrem as molas multiplicadas, e variaveis do coração humano, que tem de mover, e seduzir: tambem carece muito da Grammatica, que faz evitar os defeitos technicos, e torna irreprehensivel o que os mais estudos procurão fazer amavel. E o que direi da sua lingoa? Como poderá ser eloquente aquelle, que a ignora? Como fallará, ou escreverá capazmente, se ignora a eloquencia propria do seu idioma? Os preceitos da Rhetorica em geral são para todos os tempos, e paizes: mas cada povo tem a sua elocução propria, e este estudo he não só preciso, senão indispensavel.

O discurso judiciario compõe-se, bem como todas as obras oratorias, de quatro partes principaes, desiguaes em extensão, que são; o Exordio, a Proposição, a Confirmação, e a Peroração. Ha além disto a Narração, parte importante, que muitas vezes não tem lugar nos outros discursos; mas que neste, nunca falta; porque em verdade as discussões do foro só se dão a respeito de hum facto; e conseguintemente de necessidade ha-se de começar pela exposição do facto. Esta exposição tem mais importancia, do que vulgarmente se imagina. E com effeito porque he, que ha discussão em presença d'hum tribunal? Não he, senão porque dous antagonistas differem ou sobre a realidade dos factos, ou sobre a quali-

ficação, que merecem esses factos. Em hum, e outro caso he mister muita dexteridade no modo de descrever esses acontecimentos contestados, ou contrariamente qualificados. Debaixo de qualquer ponto de vista, que se apresentem, he necessario primeiramente, que elles tenhão a seu favor a verosimilhança, e depois que interessem.

Conseguiremos a verosimilhança, se quando pozermos em scena as personagens, as mostrarmos com caracteres, principios, e paixões taes, em virtude do que devão, ou ao menos possão naturalmente commetter em tal, ou tal circunstancia o que nessas circunstancias lhes imputamos. Inspiraremos interesse, já fazendo perceber em o nosso cliente huma victima injustamente perseguida, despojada, ameaçada, ou frustrada em seus teres, em sua liberdade, em sua existencia, ou em sua honra: já engrandecendo a causa, mesmo sem o perceber o auditorio, estabelecendo huma paridade ou actual, ou futura entre a posição do cliente, e a nossa, e fazendo-nos de alguma sorte juizes, e partes ao mesmo tempo.

Além destas qualidades indispensaveis em a narração judiciaria, os Rhetoricos recommendão a clareza, e a brevidade: mas taes advertencias parecem-me pueris; porque he evidente, que sem huma ninguem será comprehendido, e sem a outra o Orador causará tedio, e o tedio he capaz de botar a perder a melhor causa. A confirmação he d'ordinario infinitamente mais longa, e complicada, do que a narração: ella he a alma, o centro, o eixo do discurso: por ella he, que o juiz se decide, e julga: e sobr'ella por tanto he, que o Orador deve empregar todas as suas forças, e meios: mas nesta ma-

teria cumpre attender a duas cousas, isto he; aos meios em si mesmos, e á disposição desses meios. Os meios judiciarios tambem se dividem em duas classes principaes: huns dirigem-se á intelligencia, e chamão-se *provas*: os outros fallão á vontade, e ás paixões.

Os Jurisconsultos, e apoz destes os Rhetoricos distinguem duas especies de provas; humas, que elles chamão directas, ou materiaes, e são as que trazem em si mesmas a manifestação positiva do direito, ou do facto contestado, como sejão as leis, os processos, os documentos, &c.: outras, que se chamão provas indirectas, ou artificiaes, ou mais especialmente argumentos; e são as proprias para dar a opinião da verdade de hum facto por huma serie de deducções, e analogias.

As provas directas, ou materiaes são quatro principaes, que vem a ser: as leis, as sentenças, os titulos, e as testemunhas. Estas especies de provas são todas materiaes; porque indicão materialmente a existencia dos factos: tambem são directas comparativamente aos argumentos; porque estes não podem ter outra base, e nada demonstrão, senão por seu intermedio. Todavia humas são mais directas, que outras: por exemplo os titulos enunciativos são menos directos, do que os titulos constitutivos: a extincção d'huma divida, *verbi gratia*, não fica tão immediatamente provada por contas posteriores, em que ella se não acha comprehendida, como pela exhibição da propria quitação: as testemunhas, que depõe da existencia d'huma convenção não a põe tão completamente fóra de duvida, como o mesmo titulo, que a contèm. Ha pois algumas vezes falha nas provas directas; e para

fazer, que desappareção essas falhas, vê-se o Orador obrigado a recorrer ao raciocinio: este vem então completa-las, fortifica-las, uni-las, concilia-las, esclarece-las: elle acaba o que ellas começárão; desenvolve o motivo das leis, penetra a intenção dos contractos, e titulos, discute a verosimilhança, e validade nas testemunhas; recolhe, confronta, e reforça os indicios, ou os destroe pela opposição: desta maneira acaba a prova começada, e determina a convicção, que ellas só per si não podem operar. Deste modo as provas, que se oppõe ás provas artificiaes, dando-lhes hum nome differente, não devem ser simplesmente oppostas; devem além disto ser discutidas, e até com a maior arte: nisto he, que está o triunfo do que se chama propriamente Dialectica.

Advirta-se, que nem sempre as leis servem de provas; porque nas causas, em que só entra em questão o facto, a lei pronuncia sim soberanamente depois deste provado: mas pelo contrario nas causas, em que o mesmo direito he problematico, a lei não vem para prova, senão como interpretação. Taes são os casos, em que hum texto controvertido não se pode esclarecer, e fixar-se, senão por outro; em que se nega, que tal, ou tal direito para as pessoas seja legalmente annexo a tal, ou tal qualidade, a tal, ou tal titulo, em que finalmente se contesta sobre o effeito, e consequencias das disposições da lei. Então he mister, que o Orador, abandonando a mesma letra da lei, se eleve até ao seu espirito, e á intenção do legislador. Dest'arte elle engrandece a causa, introduzindo-lhe ideias geraes de Direito Publico, e de Philosophia, e a torna de hum interesse mais popular.

As sentenças, que se citão, e evocão nos arrazoados do foro, podem ser consideradas debaixo de muitos respeitos; porque certamente humas tem seu lugar entre as provas verdadeiras, taes são as que senão dão, senão como simples facto: outras não são mais, do que autoridades, que he mister discutir ulteriormente, e ligar mais ou menos estreitamente pela argumentação á causa, de que se tracta. Humas já tem sido trazidas entre as partes, que actualmente se apresentão: outras tem intervindo em causas semelhantes, mas em que só huma das partes estava presente, e quando até não se tractava nem d'huma, nem d'outra. Estes juizos anteriores, que d'alguma sorte fixão o sentido das leis, e prevèm as questões analogas, que de futuro podem apparecer, tem grande prestimo nos processos modernos.

Todavia longe estão de ter força de leis, e até nem se enumerão entre as provas peremptorias. O Orador não pode ajudar-se delles em confirmação da sua causa, senão ostentando-os por graves, e altas consideraçoes; e seja qual for a autoridade da cousa julgada em os principios de Jurisprudencia, podem ellas ser infirmadas, e rejeitadas, com tanto que nessas occasiões se argumente com sabedoria, com reserva, e decencia.

A prova, que resulta de titulos, e em geral de todos os escriptos, he mais, ou menos directa, segundo mais, ou menos completamente participão do facto em questão, e são chamados constitutivos, confirmativos, enunciativos, explicativos, ou relativos. O titulo constitutivo se he authentico, e voluntario, não soffre discussão ulterior: mas pode-se contestar ou o sentido d'algumas clausulas, ou a

authenticidade humas vezes de todo o titulo, outras de huma de suas partes, ou a liberdade de hum dos assignatarios contractantes.

Quando se tracta de testemunhas, ainda maiores são a incerteza e insufficiencia. Com effeito he raro, que as testemunhas deponhão com a unanimidade, e exactidão, que produzão a necessaria confiança; pois que as mais das vezes só se conhece huma parte dos factos. Além disto bem poucos por seu caracter, ou posição social tem bastante autoridade para serem cridos cegamente, ao passo que as leis, os titulos, e os mais escriptos são impassiveis, e incorruptiveis. D'ahi resultão na discussão desta especie de prova duas classes de argumentos. Por huns o Orador judiciario ajunta esses testemunhos dispersos, insufficientes, parciaes e insignificantes, que quasi sempre não passão de indicios, e procura já fortificar huns pelos outros, e formar delles hum facho inseparavel, já po-los em contradicção, e aniquila-los pela opposição. Por outros elle não cura mais dos depoimentos em si mesmos senão dos individuos, que os derão, e examina, que causas provaveis lhas podião ter prendido, ou soltado a lingoa, que influencia poderosa podia ter modificado o seu modo de ver, que circunstancias em fim podem invalidar a sua autoridade. Deste modo humas vezes o temor d'hum homem poderoso, o attractivo do ouro, qualquer preço promettido a huma paixão, outras a falta de luzes intellectuaes, a incuria, a aversão, &c. podião arrastar hum homem ao silencio, ou á mentira, ou á que fizesse hum falso juizo sobre aquillo, que elle apenas suspeitára.

Fóra disto a prova testemunhal nem sempre he admissivel,

e não só se contesta, ou acaria, depois de preliminarmente reconhecer-se necessaria, como até se contesta a sua mesma necessidade; porque esta com effeito não existe, senão n'ausencia d'outras provas. O Advogado por tanto, se julga util, que compareção as testemunhas, deve começar mostrando, que as outras provas são insufficientes. Cumpre todavia confessar que esta multidão de precauções, que tomão os litigantes para se preservar do erro, ou da fraude das testemunhas, he cousa humiliadora para a humanidade. He cruel não poder hum homem fiar-se nem na veracidade de outro, que acaba de jurar, nem na intelligencia, bom senso, e modo de ver de seus semelhantes; mas tal he, e sempre foi a sorte dos homens. Ao mesmo tempo porém reconhecemos, que nesta materia espinhosa, e incerta he, que brilhão a arte, o talento, o poder, e a penetração do Orador. Só nas batalhas indecisas, e sanguinolentas he, que se podem colher gloria, e palmas brilhantes: só nessas lutas duvidosas, e difficeis he, que se manifesta em todo o seu esplendor a superioridade do talento oratorio.

LIÇÃO DECIMA QUARTA.

PROVAS INDIRECTAS, OU ARTIFICIAES.

Passemos a considerar successivamente: 1.°, de que modo o Orador judiciario deve deduzir as provas verdadeiras, ou falsas, peremptorias, ou insufficientes; o que constitue propriamente os raciocinios, e argumentações: 2.°, de que maneira pode elle fazer considerar como vero-

simil, e até como verdadeiro o que o não he, e he a arte do sophista. Longe de nós o aconselharmos ao Advogado, que deve ser puro, leal, incorruptivel, como a lei, faça uso dessa tactica insidiosa: mas cumpre, e muito se faz preciso, que a conheça para a contrariar, ou paralisar nos outros.

As provas artificiaes, assim chamadas; porque devem tudo á arte, á dialectica, á imaginação do Orador, referem-se ordinariamente a quatro classes principaes; que são: provas por indicios, provas por presumpção, e os começos de provas. O vocabulo *indicios* na sua mais geral accepção toma-se por tudo o que indica, manifesta, ou faz descobrir huma cousa occulta. Dividem-se em directos ou absolutos, e em indirectos ou relativos. Os primeiros são os que, segundo as leis invariaveis da natureza, ou do estado produzem invencivelmente a existencia d'hum facto anterior: por exemplo, a mulher solteira, ou viuva, se apparece com hum filho, dá prova de haver tido commercio illicito, sejão alias quaes forem as circunstancias: o deputado, que continua a ter assento na sua camara, apezar de estar Ministro d'Estado, dá prova de haver sido reeleito. Indicios relativos são aquelles, que levão a crer na realidade, na certeza d'hum facto. Assim vestidos ensanguentados são indicios relativos de homicidio, a effracção, e arrombamento são indicios de roubo, &c. Presumpções são as consequencias d'hum facto conhecido para hum facto desconhecido. Chamão-se em Dialectica inducções as consequencias, pelas quaes se conclue d'hum caso particular para hum caso analogo. Finalmente, começos de provas são vestigios de actas publicas, ou de registros municipaes, que provão o estado civil, quando circunstancias maiores tem

aniquilado esses registros, ou essas actas. Esses vestigios são verdadeiros indicios, segundo os quaes se conclue por presumpções, ou por inducções.

A arte do argumentador, que tem essas especies de materiaes á sua disposição, está em dar ao que parece somente presumivel o valor do que he certo, e mudar em prova a probabilidade. Chegará a este fim, passando continuamente do conhecido ao desconhecido, nunca largando, antes de ter completamente provado, a cada hum dos factos, cuja reunião ha de formar a prova, apinhoando os factos antes dispersos, de maneira que o que precede demonstre, ou explique o que se segue, e sobre tudo não omittindo nenhuma ideia intermedia, excepto se o auditorio a poder perceber per si mesmo.

Quanto ás formas do raciocinio, esta parte só tem huma utilidade secundaria: todavia bom he não ignorar o que seja o syllogismo, o enthymema, o dilemma, e o sorites, advertindo, que entre estes quatro generos de raciocinios o enthymema he o mais frequente, e por isso lhe chamão o syllogismo oratorio.

O sophisma propriamente dito consiste em deduzir de hum principio verdadeiro por meio de outro, que o não he, huma falsa consequencia, ou em termos escolasticos, em reunir duas premissas, huma das quaes verdadeira, e outra falsa de tal sorte procedem, que da verdade da primeira, especialisada pela falsidade da segunda resulta huma conclusão viciosa, não como consequencia do que precede, mas como proposição absoluta.

D'ahi resulta, que a arte do sophista consiste principalmente em dous pontos: 1.° em provar peremptoriamente

a proposição, que he verdadeira, e della fazer sahir a evidencia aos olhos do auditorio, que assim prevenido favoravelmente pela severidade d'huma primeira discussão, estará disposto para crer mais facilmente o que se segue: 2.° em apresentar em toda a sua luz a relação parcial, que existe entre a premissa verdadeira, e a falsa, e lançar mão na sombra do lado fraco da proposição.

A respeito da forma, e diversas especies de sophismas inutil fora enumera-los aqui. Bastará, que toquemos nos seguintes: 1.° o contrario pelo contradictorio, quando depois de haver demonstrado a falsidade d'huma asserção, ou d'hum facto, põe-se como indubitavel a asserção, ou o facto contrario: 2.° a concessão pelo direito, ou a graça pela justiça, quando da impunidade resultante da incuria, ou da indulgencia d'hum poder superior da sociedade se faz huma arma para que ainda mais se prolongue essa impunidade: 3.° os antecedentes pelos consequentes, ou a pessoa pela cousa quando, para fazer condemnar huma acção innocente, ou annullar hum direito real ajuntamos contra a pessoa do nosso antagonista allegações, que o deshonrão, ou excitão indisposições contra elle: 4.° a separação dos factos, ou corpos de delictos, quando em vez de pôr tudo em seu lugar, e de contar as circunstancias de todo o facto, o Advogado os amontoa, ou os desparte. Desta maneira em verdade os factos parecem muitas vezes mudar de caracter, e se achão ou sobrecarregados, ou despidos de circunstancias aggravantes.

Os meios de mover, ou d'agradar referem-se ou ao emprego das paixões, ou aos encantos, e ás qualidades da Elocução. Nós insistiremos principalmente sobre o em-

prego das paixões, que são o movel principal de toda a impressão occasionada pela Eloquencia.

Entre as paixões empregadas pelo Orador judiciario distinguiremos as que denominamos paixões intellectuaes, e paixões voluntarias. Chamamos aqui paixões intellectuaes a essas ideias importantes, fortes, originaes, que despertão no coração, ou n'alma dos juizes sentimentos poderosos, e austeros, e que dão á mesma razão huma especie de parcialidade apaixonada. Não são ordinariamente, senão relances, moveis, especialidades apresentadas ao amor da gloria.

Paixões voluntarias são aquellas, que tendem mais immediatamente ás affeições instinctivas d'alma humana, e á sensibilidade. Taes são, o amor, o odio, a amizade, o reconhecimento, a piedade, a colera, a admiração, o patriotismo. Estas paixões que muito figurão em as relações privadas, produzem tambem grande effeito sobre os homens reunidos: mas releva usar dellas com discernimento, e parcimonia. O odio, e a colera, por exemplo, nunca se devem mostrar no começo; porque então fica o Orador suspeito de parcialidade, a confiança arrecada-se e he elle condemnado anticipadamente. O mesmo pouco mais, ou menos se pode dizer da admiração: os homens são orgulhosos; não gostão de admirar. He necessario ter exposto antes os factos brilhantes, heroicos, ou generosos, que fazem nascer este sentimento; porque então elles baterão palmas, elles admirarão, e quererão, que admireis: mas se começaes rompendo em transportes, elles se apartarão de vós, e vos não escutarão, senão com prevenção, ou indifferença. A respeito das outras paixoes,

como sejão, a amizade, o amor, o reconhecimento, e em geral todas as affeições tranquillas, e ternas, nunca a sua lingoagem pode desagradar; porque sendo pacifica, doce, e cheia de união, lentamente se insinua no coração, enlaça-o sem violencia, e o assenhoreia sem combate. Pelo seu accento amavel e queixoso a altivez do homem não se irrita, e o auditorio vê-se captivo sem ter sentido as proprias cadeias. Quanto ás qualidades principaes da Elocução no discurso judiciario, isto mais pertence ao estudo das regras da rhetorica.

DA DISPOSIÇÃO DOS MEIOS.

Existirá no desenvolvimento dos meios de defesa huma disposição de provas tal, que d'ahi resulte para o auditorio, ou para os juizes mais clareza, ou huma convicção mais facil, mais prompta, e mais completa? Este problema tem sido resolvido pela affirmativa; porque em verdade he manifesto, que provas do mesmo genero prestão-se mutuo soccorro, e muito mais se apoderao do espirito dos ouvintes, quando reunidas, do que se fossem dispersas, e disseminadas. Ainda quando ellas não tivessem outra vantagem mais, do que concentrar a attenção, já isto seria muito; porque quando a attenção se fixa por muito tempo sobre huma verdade incontestavel, o espirito ajudado da memoria, acha-se mais intimamente penetrado dessa verdade.

Mas que ordem se deve seguir? Aqui varião as opiniões, e as regras. Cicero queria, que se começasse, e acabasse pelos meios mais fortes; porque, dizia elle, he

mister, que nos assenhoreemos dos espiritos no começo, e os convençamos no fim. Alguns exaggerando em parte esta opinião quizerão, que se começasse pelas provas mais fracas, de maneira que o Orador se fosse gradualmente elevando ás mais fortes, e que terminasse pelas que são verdadeiramente decisivas. Quintiliano oppõe aqui a estes, e a Cicero, que a tal respeito nenhuma regra se pode estabelecer, senão esta : que a discussão nunca decresça dos argumentos mais poderosos para os mais frivolos ; mas que só o estado da causa he, que pode determinar a disposição das provas. Em these geral tem razão Quintiliano ; e por isso só accrescentaremos ás suas palavras os seguintes concelhos, que são de huma applicação quasi continua.

1.° Que os meios sejão arranjados segundo as leis da analogia, de sorte que se passe de hum para outro sem esforço, e seja como hum quadro synoptico da argumentação.

2.° Que os meios de tocar, e abalar a vontade, destramente misturados, e fundidos com os meios de convencer, todavia não appareção no principio da confirmação, onde não parecerião destinados, senão para seduzir, e só excitarião a desconfiança.

3.° Que a refutação não venha, senão depois da confirmação, e não se misture com ella, excepto se se trata de destruir huma objecção, que apresenta o cliente sob huma face odiosa, desprezivel, ou ridicula.

Mas de que fontes tiraremos as provas ? Aristoteles disse « Se louvaes, ou vituperaes, consultai o honesto, e o deshonesto: se aconselhaes, ou dissuadis, procurai o

util, e o nocivo; se defendeis, ou accusaes, attentai para o justo, e o injusto. Os antigos, que tudo querião reduzir a arte, tambem a estabelecêrão para a invenção oratoria. Distribuindo por ordem todos os aspectos interiores, e exteriores de hum assumpto, pretendião levar o engenho como pela mão, e fazer que de golpe achasse todos os argumentos possiveis em as differentes fontes, a que o conduzião; e chamavão a estas fontes *lugares de argumentos*, *loci argumentorum.* » Eu chamo lugares, diz Quintiliano, a esses reservatorios em que estão encerrados os argumentos, e d'onde he mister ir busca-los — *Locos appello sedes argumentorum, in quibus latent, ex quibus sunt petenda.*

Essas fontes de argumentos não são senão as diversas faces, debaixo das quaes se pode encarar hum assumpto, ou por outra, ideias geraes applicaveis a hum grandissimo numero de assumptos, e que dão aberturas para sobre elles se raciocinar proveitosamente em relação ao fim, que se propõe o Orador. Nada ha em a natureza, por exemplo, que não tenha causa, e não produza algum effeito. « Huma mocidade viciosa leva ordinariamente a huma morte prematura, ou a huma velhice enferma, e languida. Quem não vè por isto, que, ainda quando só consultassemos o nosso interesse temporal, devèramos fugir dos vicios na mocidade? »

Quanto porém ao uso desses lugares, Cicero, e Quintiliano assim o recommendão. — Com applicação, e pratica basta hum pouco de reflexão para ter sempre de assento, e sobre mão os argumentos proprios para a causa. Entre tanto releva não perder de vista esses pontos geraes,

esses lugares, que fornecem todos os meios relativos a cada especie de discurso. Tudo isto, que se chama arte, observação ou pratica, consiste em conhecer bem as regiões, em que se pretende descobrir caça. Depois que tiverdes abraçado bem pela reflexão a sua extensão, ainda que vos falte o habito, nada vos escapará, e tudo, que pertence ao fundo do assumpto se apresentará por si mesmo, e virá ferir os vossos olhos. — Para manejar bem os argumentos he preciso, que o Orador haja estudado a natureza de cada cousa, e os effeitos, que costuma a produzir.

Mas não devemos confundir os lugares de argumentos com o que se chamão lugares communs. Aquelles são as fontes das provas; e estes são o seu desenvolvimento, o seu ornato, em summa a sua amplificação. Esta distincção he claramente exprimida por Cicero, quando diz « *Locus communis aut certæ rei quandam continet amplificationem, aut dubiæ.... Omnia ornamenta elocutionis in quibus et suavitatis et gravitatis plurimùm consistit, et omnia quæ in inventione verborum et sententiarum aliquid habent dignitatis, in commune locos conferuntur.*

Mas he mister advertir, que a Eloquencia do Foro he mais limitada, mais sobria, mais modesta, que a da Tribuna: e por isso não se deve imitar em tudo as orações judiciarias de Demosthenes, e Cicero. A Eloquencia do Foro quer em Athenas, quer em Roma assemelhava-se mais á das assembléas populares, que não tem lugar entre nós á vista da instituição dos nossos tribunaes, e estado da nossa legislação. O que convem estudar nos immortaes escriptos desses Oradores he o plano, a economia do discurso, a arte de dar ao raciocinio essa pro-

gressão constante, que infallivelmente produz a convicção, são os meios insinuantes, que elles empregavão para conciliar o favor dos juizes; he a grandeza, e nobreza dos sentimentos, e do estylo, a vivacidade das frases, e figuras, em fim, o talento maravilhoso de apresentar em toda a sua luz, e com toda a sua força a materia, que se trata: mas quem quizesse arremedar a sua exaggeração, a sua declamação pomposa, e seus esforços para excitar as paixões pareceria ridiculo no foro moderno.

O principio geral da Eloquencia do Foro he, que o juiz carece ser illustrado, e não commovido. Todavia esta regra soffre suas excepções. A primeira he, quando se trata de apreciar a moralidade das acções, de julgar da sua injuria, ou damno, de determinar o seu gráo de iniquidade, ou de malicia, de decidir a que ponto são ellas dignas perante a lei de severidade, ou de indulgencia, de castigo ou de perdão. A segunda he, quando o direito incerto deixa, por assim dizer, em equilibrio a balança da justiça, e pretende-se, que esta se incline para o lado, que mereça mais favor. Nestes casos a lei, que nem tudo podia prever, deixa o homem juiz do homem; e pertencendo então os factos ao sentimento, o coração he, que os deve julgar. Então he, que pode ter lugar a Eloquencia pathetica: mas o Advogado deve evitar cuidadosamente movimentos exaggerados, ou soccorros trazidos de muito longe.

O primeiro passo, que deve dar o Orador no genero judiciario, he determinar bem o estado da causa, que emprehende, e examinar o que nella ha a seu favor, e contra. Com effeito o estado da causa constitue a essencia da

contestação. Quintiliano o define — O ponto principal, que o Orador pretende vencer, e que o juiz deve particularmente examinar — *Status causæ est id quod et orator præcipuè sibi obtinendum, et judex spectandum maxime intelligit* — E com razão diz *præcipuè obtinendum et maximè spectandum;* porque em huma causa podem haver questões accessorias, e subordinadas, previas, e preparatorias d'interesse secundario, que não constituem o ponto principal da causa.

No uso do Foro moderno de dous modos se entende o que se chama estado da causa : hum diz respeito á instrucção do processo, e neste sentido se diz *pôr a causa em estado*, subintende-se, de ser julgada : o outro he relativo ao estado da contestação : e neste sentido he, que o tomamos aqui. Cicero no seu 1.º Livro *de Inventione Rhetorica* estende-se largamente sobre o estado da causa, distinguindo o conjectural, o definitivo, e o qualificativo: mas todas estas distincções tão multiplicadas, quanto subtis, talvez sejão mais proprias para embrulhar as ideias, do que para as esclarecer. Por isso não trataremos delles, e porque além disto o mesmo Cicero abandonou esta theoria, obra da sua mocidade, em o seu excellente Tratado do Orador (Liv. 2.º n.os 103 e 113). Quintiliano, que largamente expõe as distincções dos Rhetoricos sobre o estado da causa, confessa, que esta doutrina lhe parece superflua, reconhecendo, que se devem deixar essas subtilezas vans a aquelles, que põe a sua ambição em multiplicar os nomes sem necessidade. « O Orador, diz elle, que conhece o ponto litigioso, as pretenções da parte adversa, seus meios, e os que elle mesmo deve

empregar, sabe tudo, que he preciso: e ninguem ha, por menos senso, que tenha, e uso do foro, que logo não perceba qual seja o fundamento do processo, isto he; o estado da causa.

A clareza necessaria em todo o discurso, ainda mais o he na deducção das provas; porque difficilmente se prova o que se não apresenta com clareza. Quatro cousas concorrem para a clareza da argumentação, que vem a ser: a escolha das provas, a propriedade das palavras, a precisão das frases, e a analogia das proposições.

Primeiramente he necessario, que o Orador faça escolha entre os differentes materiaes, que lhe vem ao espirito, quando elle estuda a sua causa. « Mas huns, diz Cicero, são tão pouco importantes, que não merecem attenção; outros terião alguma utilidade, porém encerrão alguma cousa de nocivo, e a vantagem, que delles se pode tirar, não chega ao mal, que podem produzir. Se os argumentos verdadeiramente uteis, e solidos são muito numerosos, como muitas vezes succede, penso, que he preciso fazer huma escolha, desprezando os que tem pouco peso, ou se assemelhão a outros, que tem mais. Eu, quando reuno as minhas provas, tenho o cuidado de as pesar, e não de as contar. »

Aristoteles estabelece huma regra bem propria para dirigir o Orador nessa escolha. Elle recommenda, que não recorramos a provas vagas, e communs a muitos assumptos, como, por exemplo, louvar a Achilles; porque o seu nascimento o eleva á cathegoria dos simi-deoses; e por ter sido hum dos capitães, que forão ao cerco de Troya; por quanto tudo isto he cummum a muitos:

porém sim usando de provas proprias, e particulares ao assumpto, que se trata, como dando por merito do mesmo Achilles o haver morto a Heitor, o mais valente dos Troyanos, e a esse famoso Cycnus, que teve a gloria de só por si embaraçar a todo o exercito dos Gregos, que desembarcasse nas praias, e de haver feito outras cousas semelhantes, que só a elle pertencem.

Se as palavras não forem bem apropriadas aos pensamentos, ou, o que vem a ser a mesma cousa, se não forem bem entendidas, serão inevitaveis a obscuridade, e a confusão. Cumpre por tanto não raciocinar senão em termos, cuja intelligencia seja admittida, ou que hajão sido previamente definidos.

Não importa menos ser economico de palavras na argumentação; porque a superabundancia destas, e as longas frases relaxão a discussão, e tornão tão difficil a sua recordação, quanto custosa a sua intelligencia. Não he menos importante a analogia das proposições. A prova não he, senão a verdade d'huma cousa demonstrada por outra: logo na analogia da cousa por provar com a que serve para provar he, que está todo o valor da prova, assim como na analogia das proposições empregadas na demonstração com a cousa por demonstrar he, que consiste a força da argumentação.

Sobre a clareza em materia de raciocinio deve se fazer huma observação importante, e vem a ser; que ella he essencialmente relativa, isto he; que em razão da diversidade dos espiritos, e da medida dos conhecimentos o que he claro para este individuo não o he para aquelle; e o mesmo, que raciocina pode ser claro para si, e não

para quem o escuta: por isso aquelle, que explica alguma cousa, nunca deve medir o esclarecimento pela sua propria intelligencia, senão pelo da pessoa, a quem a explica; e isto nunca se deve perder de vista.

Finalmente, para que huma prova oratoria seja concludente cumpre, que o principio, a que se remonta, seja reconhecido d'aquelles, a quem se falla; mas não he necessario, que o mesmo principio seja verdadeiro: pelo contrario elle pode ser falso, e até absurdo; e neste caso, se for reconhecido, a prova será por isso mesmo mais forte; e nisto está a maior differença entre huma prova Oratoria, e huma prova philosophica.

D'aqui se segue, que a mesma prova pode ser excellente para certas pessoas, e má para outras: boa para certos sugeitos em hum tempo, e má para estes mesmos sugeitos em outro tempo. Tudo isto depende das luzes, das paixões, dos prejuizos d'aquelles, a quem se dirige o Orador. Se este possue a precisa dexteridade conhece os seus ouvintes, e sabe de que maneira os ha de tractar. Algumas vezes razões bem fracas em si mesmas podem ser optimas para as pessoas, que se quer convencer, e persuadir, por causa das disposições, em que estas se achão. Tal foi a que deo Catão aos Senadores Romanos para resolver a punir immediatamente os complices de Catilina, detidos nas prisões. Esses Senadores amavão o fausto, o luxo, a ociosidade, os prazeres; e por ahi he, que o Orador os ataca. « A vós he, que me eu dirijo (diz elle) a vós, que tanto apreciaes os vossos palacios, os vossos jardins, os vossos quadros, as vossas estatuas muito mais do que amaes a Republica: se desejaes conservar estes objectos dignos

das vossas ternas affeições, se sois tão empenhados em manter a tranquillidade de vossos prazeres, levantai-vos em fim, por amor dos deoses immortaes, e tomai na mão a causa publica. » *(Salustio de Bel. Catil.)*

A Catão não faltavão seguramente razões muito mais fortes, do que estas: mas para homens dados aos prazeres, e solicitos por sobrar a seus concidadãos no apparato do luxo, nada havia, que devesse ceder ao temor de se ver despojar desses pretendidos bens; e eis porque Catão insiste tanto sobre huma razão tão fraca em si mesma.

O estudo dos grandes Oradores, que mais se distinguirão, e particularmente de Demosthenes, nos ensina, que a Eloquencia mais consiste em arremessar bruscamente o que interessa, o que toca de perto, e vai direito ao facto, do que em dizer grandes cousas debaixo das regras do numero, e d'harmonia.

LIÇÃO DECIMA QUINTA.

ELOQUENCIA MILITAR.

A Eloquencia pode, sem tocar em os negocios politicos, sahir do circulo das contestações judiciarias, e com effeito algumas vezes a vemos nos campos de batalha dirigir-se a phalanges intrepidas excitar o enthusiasmo, dirigir a coragem, reanimar a fraqueza, sempre votar pelo combate, e concluir com a victoria. D'ahi a Eloquencia militar.

Os caracteres proprios desta Eloquencia são; a rapidez, a vivacidade, o impeto, a franqueza, e o enthusiasmo. Aqui já se não trata dessas formas lentas, e res-

peitosas, dessas circumlocuções oratorias, dessa argumentação subtil, que são da essencia do genero judiciario. Não nos devemos esquecer, que aqui o Orador commanda, que commanda de botas, e esporas, que commanda em summa com o accento do despotismo, e do orgulho: ao que podemos accrescentar, que hum General perito nunca espera, ou aconcelha á victoria: está seguro della, e decreta-a. Al m disto o discurso militar nem sempre tem lugar no momento do combate. Algumas vezes será preciso ordenar huma retirada, acalmar huma revolta, e felicitar os vencedores: mas nestas mesmas occasiões o caracter do chefe subsiste sempre, e communica ás suas palavras hum caracter de absolutismo, e d'enthusiasmo.

Assim pois figuras atrevidas, brilhantes, variadas, hum estylo rapido, e pomposo, a maior vehemencia no accento, a presença perpetua da ideia de gloria, eis o que deve reunir hum discurso militar. As provas (se tal nome se pode dar a tudo, que se diz para mostrar a necessidade do combate, e a probabilidade da victoria) devem ser curtas, pouco numerosas, e fundidas nas exhortações, de maneira que só façáo hum todo com ellas. Entre os mais poderosos motivos devemos contar: 1.° a alta ideia, que inspira ao exercito o genio do chefe invencivel, que o commanda, e do amor, de que se sente abrasado por aquelle que muitas vezes ha marchado a sua frente, e compartido as suas privações, as suas fadigas, e perigos: 2.° a confiança que produzem, e entretem n'alma dos vencedores, as victorias, e conquistas anteriores.

E na verdade facil he conceber, que em huma carreira onde só o enthusiasmo obra prodigios, a confiança,

unica, que gera esse enthusiasmo, he o agouro, e o penhor mais certo do triunfo. D'aqui a victoria, que precede, sempre prognostica a victoria, que vai seguir-se, e os exercitos não vencidos tornão-se por isso mesmo invenciveis. A historia antiga nos tempos de Alexandre, de Annibal, e de Cesar apresentárão grandes modelos, e não menos os annaes contemporaneos. Assim depois de cincoenta annos de triunfos Agricola dizia ás suas phalanges veteranas « Romanos, coroai meio seculo por hum dia immortal : e nos nossos dias em o campo de batalha de Jena, esse homem espantoso, e grande Orador, que conhecia o poder das anterioridades, e principalmente o prestigio dos anniversarios, exclamava « Filhos, eis o sol d'Austerlitz ! »

A reputação militar, e o genio do chefe supremo do exercito tambem communicão grande força de persuasão a suas menores palavras, e lhe dão sobre as multidões guerreiras, a quem falla, huma preponderancia irresistivel : mas este prestigio torna-se completo principalmente quando este chefe posto tão alto na escala social, e tão elevado em sua opinião, foi, e ainda he seu camarada ; quando o mesmo chefe se recorda de seus grandes feitos, e como elles tem preludiado a gloria pelas privações, e soffrimentos.

Diz-se, que Cesar conhecia por seus nomes a todos os seus soldados, e, segundo Tito Livio, Annibal chegando ao cume dos Alpes, e mostrando do alto de seus cabeços nevosos a Italia a seus Africanos, exclamára com o accento do orgulho « Eu nascido, e creado na tenda de meu pai, e vencedor não dos povos dos Alpes, mas dos mesmos Al-

pes, comparar-me-hia a esse general de seis mezes, que deserta do seu exercito, e que, se se despojassem os Romanos, e Carthaginezes de suas armas não reconheceria a que nação commanda? Eu, soldados, vanglorio-me de que não haja pessoa entre vós, a quem mil vezes eu não haja citado suas proezas em vossa presença, cujos feitos brilhantes eu não haja contemplado, e attestado, e de quem não possa referir titulos de honra no lugar, e epocha em que elles se produzirão. Eu marcho á frente d'aquelles, que accumulei de louvores, de condecoraçõe, e de quem fui discipulo, antes de ser general, contra inimigos, que ignorão seus chefes, e ignorão-se a si mesmos. »

Do que temos dicto claramente resulta, que, quando hum exercito se acha em circunstancias contrarias ás que acabamos de suppor, quando o chefe apenas conhece, e nunca commandou os seus soldados, e estes desanimados já pela consciencia da sua fraqueza, já pela lembrança de derrotas precedentes, não marchão para o combate, senão com o temor, ou com o presentimento de ser desbaratados, seria impossivel a Eloquencia: far-se-hião bellas frases, e nada mais.

Todavia se o presentimento, ou a certeza d'huma derrota não embargassem a coragem, e o contentamento, então ainda se poderião obter grandes effeitos, excitar hum nobre transporte d'alegria, electrisar os coraçõe, e fazer-lhes dar este grito de despedida « *Ave Cæsar, morituri te salutant !*

Em qualquer sitio, ou circunstancia em que tenha lugar o discurso militar, este nunca deve traspor certos limites,

que de ordinario são mui estreitos. Isto he necessario hoje principalmente, que os exercitos são massas, e as fallas não são, senão proclamações lidas, e publicadas na ordem do dia, em vez de ser pronunciadas ; até succede algumas vezes, que o discurso militar consiste em hum revirete, em huma exclamação, que não dura mais, que hum instante. Tal foi aquelle grito, pelo qual hum chefe Arabe reunio os seus soldados fugitivos, que dizião — Derar he morto — Ah! que importa (diz elle) que Derar seja morto? Deus he vivo, e vos observa ». Tal he tambem essa frase tão feliz d'hum guerreiro da Vendé « Se avançar, segui-me; se recuar, matai-me; se morrer, vingai-me. »

Impossivel fora dar regras sobre a Eloquencia Militar ordinariamente tão simples, e tão viva em seus impetos. A lição attenta, e muitas vezes repetida das obras primorosas pronunciadas á frente dos exercitos pelos generaes d'antiguidade, ou as proclamações postas na ordem do dia pelos capitães modernos, são os mais uteis estudos para o Orador militar.

As mais bellas fallas militares de nossos dias são obra do maior conquistador dos seculos modernos. Sobre todas se pode citar a que foi dirigida ao excercito de Italia depois da primeira victoria de Montenotte, e a endereçada aos soldados francezes juntos nas ribeiras do Niémen, que lhes annunciava a abertura da campanha da Russia. He impossivel sem duvida achar nos fastos da Eloquencia Militar cousa, que se approxime ao brilho, á pompa, ao tom prophetico desses dous pedaços. Todavia o immenso talento desse homem ainda soube fazer melhor, e d'huma

maneira differente; porque tão brilhantes, e apaixonadas são as fallas, que temos citado, quanto he simples, grave, e franca a proclamação, que dictou na vespera da batalha de Borodino.

« Soldados, diz elle, eis a batalha, que vós tanto desejastes. D'ora em vante a victoria depende de vós: ella nos he necessaria, ella nos dará a abundancia, bons quarteis d'inverno, e hum prompto regresso á patria. Conduzi-vos como em Austerlitz, em Friedland, em Vitepsk, e em Smolensk, e a mais remota posteridade cite o vosso proceder neste dia; e de vós se diga: o exercito estava nesta grande batalha debaixo dos muros de Moskow. »

Esta proclamação, diz o historiador de Napoleão, e do grande exercito, convinha a taes circunstancias, a homens, que se não estreavão, e a quem, depois de tantos soffrimentos, já se não pretendia exaltar: por isso elle aqui não falla, senão á razão de todos, ou ao verdadeiro interesse de cada hum, o que vem a ser a mesma cousa Elle termina pela gloria, unica paixão a que se podia dirigir nesses desertos, ultimo dos nobres motivos, pelos quaes se podia obrar sobre soldados sempre victoriosos, esclarecidos por huma civilisação adiantada, e por huma longa experiencia, de todas as generosas illusões em fim a unica, que elles podião levar a tanto.

DA ELOQUENCIA DELIBERATIVA.

Eloquencia deliberativa he aquella, que dirigindo-se a huma assembléa deliberante, procura inspirar-lhe huma opinião, e fazer-lhe adoptar huma vontade. Nos nossos

dias podem se classificar no genero deliberativo os discursos politicos, que se apresentão no interior d'hum conselho, ou no gabinete d'hum Ministro ; porque em cada hum destes casos tracta-se de negocios publicos, submettidos a huma deliberação : mas o nome de deliberativo convém muito melhor a aquelles, que se pronuncião, ou em huma assembléa escolhida, como hum Senado, huma Dieta, huma Camara, ou em grandes assembléas populares, em que se acha reunida a massa da nação. Já se deixa ver, que no meio de hum theatro tão vasto, e movediço a Eloquencia do Legislador, e do homem d'Estado desenvolve-se com grandeza, magnificencia, e liberdade, ao mesmo tempo que em outras partes he constrangida, e perde muito da sua dignidade. Todavia não daremos capitulo particular a cada huma destas especialidades, as quaes devem ser modificadas com respeito ás circunstancias, aos lugares, aos costumes, ao numero dos ouvintes.

A divisão, que havemos adoptado, analoga á aquella, de que temos feito escolha no exame do genero judiciario, nos levará a tratar: 1.° dos caracteres, condições, e circunstancias do genero deliberativo: 2.° as qualidades do Orador, que se conhece chamado a esta carreira: 3.° finalmente, as regras, que deve seguir na composição dos seus discursos, ou pelo menos os conselhos, que lhe podem facilitar os bons resultados.

O discurso deliberativo he o que entre os Romanos se chamava propriamente *conscio ;* e tinha por fim essencial ou huma lei geral, ou huma medida particular de administração. Em hum, e outro caso podia tractar-se de estabelecer, de manter, ou de abrogar. Mas a questão prin-

cipal não está ahi. Se se trata de fazer huma lei, ou de a abrogar, ou de decretar, ou de vedar huma medida particular de administração, sempre taes negocios dizem respeito ao interesse do povo, e de todo o povo. Taes materias portanto não devem ser discutidas, senão com hum tom solemne, grave, e quasi religioso.

Todavia o emprego das paixões he legitimo neste genero, e até necessario, mormente em algumas causas. Aqui naturalmente se offerece por si mesma huma distincção. A instituição, ou a abrogação d'huma medida administrativa, ou de hum facto, não he ordinariamente, senão huma questão de momento, e as mais das vezes huma questão de pessoa. A manutenção, a destruição, ou a adopção d'huma lei he huma questão, que toca ao futuro, e influe longamente sobre os interesses nacionaes; e ainda aqui mesmo podemos distinguir duas classes de leis: humas, que são iguaes para todos, outras, que são feitas em favor d'hum partido, e conferem a huma fracção da naçao privilegios, honras, e poder. Quando se advoga *pro*, ou contra as primeiras, a lingoagem severa, leal, e simples nada tem, que manifeste a parcialidade, e a paixão: quando porém acontece estabelecer-se a controversia sobre as segundas, ou sobre factos materiaes da administração, o choque repentino dos interesses individuaes, ou dos partidos oppostos faz apparecer mil paixões, que se embatem, que se cruzão, que se apertão, e cada huma falla a sua lingoagem. Por ellas he, que se arrastra já huma assembléa escolhida, já mesmo a multidão: releva mover as paixões; e portanto o tom do discurso deliberativo pode ser energico, vehemente, e apaixonado.

Taes são as duas qualidades fundamentaes do discurso deliberativo, devendo reunir a gravidade, e a vehemencia, a solemnidade, e a paixão. Estes caracteres d'alguma sorte oppostos reunem-se todas as vezes que as circunstancias são taes, que fallando-se de cousas graves, e importantes tem-se tocado nos interesses immediatos da multidão. Mas elles nem sempre dominão no mesmo gráo; e á medida que menos se põe a mira em contrariar, ou em satisfazer as ambições individuaes d'alguns homens, ou os interesses d'hum partido, á medida principalmente que diminue o numero d'aquelles, que devem deliberar sobre a questão, e ratificar, ou reprovar por seus votos o voto do Orador, a lingoagem perde de sua vehemencia, de sua vivacidade, e de seu tom apaixonado, e audaz.

Em huma e outra destas circunstancias finalmente a Eloquencia deliberativa tem de correr hum largo, e bello caminho. Cumpre todavia confessar, que quando principalmente pode levantar, e oppor as paixões humas ás outras, he, que ella se desenvolve com toda a sua magnificencia. Logo, dir-nos-hão, nas causas politicas, onde ha personalidade, parcialidade, e injustiças possiveis he, que brilha toda essa fatal belleza: he verdade; e ainda diremos mais.

Para que exista a Eloquencia deliberativa he mister, que se dê a liberdade politica, ou pelo menos huma sombra desta: mas isto só não basta para que appareça todo o poder oratorio. Além disto são precisas paixões violentas, fogosas, e desenfreadas; odios, discordias, crises, rompimentos, e essas convulsões immensas, que precedem, e assignalão ora o crescimento, ora a queda dos partidos. D'aqui as rixas politicas dos demagogos de Athenas, os perigos imminentes

dessa pequena Republica perpetuamente ameaçada por Philippe, e finalmente o odio decidido de Demosthenes, e de Eschines fizerão apparecer obras primorosas d'Eloquencia, a que ainda nenhum povo em seculo algum excedeo. D'aqui no meio das violentas discordias, que tiverão lugar na primeira idade da Republica Romana, quando os plebeos arrancárão successivamente a candidatura de todos os cargos ao orgulho da casta patricia, Tribunos e Consules se mostrárão destros n'arte de manear a palavra, de pôr em luta as paixões, e de fazer impressão nas massas. D'aqui tambem nessa revolução, que despedaçou, e reorganizou tão subitamente a França, grandes Oradores surgirão repentinamente do seio das cidades, povoações, e aldeias. Até se pode accrescentar, que a mesma Litteratura não floreceo, senão durante, ou immediatamente depois das epochas mais tempestuosas, e fecundas em calamidades de todo o genero, como assás o attestão as paginas sanguinolentas da historia.

He sem duvida cousa cruel, que se não obtenha a pujança intellectual, senão á custa de tantas desgraças. Mas porque nos admiramos? Será possivel, que nessas epochas de paz, e de felicidade, em que as almas adormecem immoveis, as intelligencias se apurem, se armem, e se fortifiquem? Será isto para lastimar? Será a gloria mui caramente comprada á custa de lagrimas, e de sangue? Sem duvida, que sim. Todavia advirta-se, que nada nos engolozina, como a gloria; que a alma humana apavona-se da mesma desgraça, quando esta he grande; que aquelle, que foi ferido do raio, e não se vio polvorizado, vangloria-se de haver sido victima dessas flexas celestes; que qual-

quer acha huma felicidade mysteriosa, e intima em alardear as suas feridas, e em contar as suas cicatrizes ; que as grandes commoções da natureza, bem como as desses colossos politicos, agradão ás almas grandes, e enthusiastas ; que Plinio foi contemplar a cratera abrasada no Vezuvio, que lhe tirou a vida, e Vernet embarcou-se, estando o mar em furiosa tormenta só para fazer ideia clara d'huma tempestade.

Pouco importão além disto os secretos desejos de cada hum. Ou se appeteça menos gloria, e mais tranquillidade, ou se prefira menos tranquillidade e mais gloria, nada disto prejudica as nossas decisões. Não he menos verdade, que a grande Eloquencia he aquella, que produz a seu arbitrio a bonança, e a tempestade, e que semelhante ao tridente de Neptuno, ou ao sopro de Eolo, prende, ou acalma essas ondas sonorosas, movediças, e vacillantes, que se chamão povo.

LIÇÃO DECIMA SEXTA.

QUALIDADE DO ORADOR NAS ASSEMBLÉAS DELIBERANTES.

As qualidades do Orador, que aspira a reinar pela Eloquencia em as assembléas deliberantes, são, como as do Orador judiciario, naturaes, ou adquiridas. As qualidades naturaes do Orador, que falla no meio das assembléas deliberantes, são physicas, intellectuaes, ou moraes.

Na tribuna, do alto da qual hum cidadão falla á parte escolhida, ou á totalidade de seus concidadãos, nesse lugar publico, onde o povo incensa os deoses, nomeia os Magis-

trados, e promulga leis; no meio d'essa multidão, ou dessa nobre reunião, em cuja presença o homem colloca-se só para abrir hum alvitre, ou para encetar huma discussão, he, que cumpre, que elle saiba insinuar-se por huma estatura magestosa, por huma physionomia caracterisada, e expressiva, por um porte respeitavel, por hum gesto nobre, e por certo ar de não affectada dignidade. He certo, que a belleza, e as graças da figura não são absolutamente indispensaveis: todavia não ha talvez occasião alguma, em que este precioso dom da natureza obre mais poderosamente sobre o coração humano. A essas qualidades exteriores foi, que Pericles, e Alcibiades devèrão grande parte de sua celebridade: finalmente a mobilidade d'huma physionomia, espelho de todas as paixões, suppre tanto a belleza, que o auditorio deixará de attentar para a falta dessa vantagem. Os retractos de Demosthenes não offerecem traços de formosura, e sabe-se, que Mirabeau era tão famoso na fealdade, quanto celebre pelo seu talento oratorio.

Os gestos, a posição, os movimentos, as maneiras, quanto em summa os antigos comprehendião debaixo do vocabulo *acção*, tudo deve igualmente ser objecto d'hum estudo particular. Todavia o gosto deve limitar o emprego dos gestos, e do que diz respeito á acção. A primeira, e mais necessaria regra está em nunca o Orador deixar perceber estudo, e affectação, e por conseguinte não multiplicar nem os movimentos, nem os gestos, excepto em os instantes, em que violentas paixoes, de que tambem está possuido o auditorio, justificão esses gestos, e movimentos. No começo do discurso principalmente he, que seria fora de proposito essa multiplicidade de movimentos inuteis; e

ainda mais, se o Orador em vez de fallar de memoria, ou d'improviso, lê o seu discurso.

Não he menos necessario ter huma voz sonora, flexivel, varonil, e forte; porque com effeito raramente reina perfeito silencio em assembléas deliberantes; e releva, que seja ouvido o Orador. Demosthenes, cujo nome sempre occorre toda vez que se tracta d'Eloquencia, havia dobrado, ageitado, e fortificado a voz por inauditos exercicios. Mas não basta, que a voz brilhe pela flexibilidade, e força: cumpre além disto sabe-la conduzir, modificar, accelerar, ou retardar convenientemente, e variar por inflexões, e entoações differentes. Isto he o que constitue a arte da declamação oratoria, poderoso meio de mover, de seduzir, e arrastrar as grandes massas populares. Finalmente esta declamação em nada se deve parecer com a declamação theatral; porque simples, grave, franca, inimiga de toda a especie de pretenção ella differe desta, principalmente porque o Orador na tribuna esque-se de si mesmo, e parece, que nada faz, senão por inspiração, ao passo que no theatro o actor he sempre actor, e nunca se identifica completamente com a personagem, que representa.

As qualidades intellectuaes do Orador das assembléas deliberantes são muito mais raras, e difficeis de reunir, do que as do Advogado. Primeiramente deve elle ser dotado de todas as que constitue o philosopho, o economista, e o homem d'Estado. Deve estar em estado de concentrar, quando queira, a sua attenção sob hum ponto indeciso, e prosegui-lo com tenacidade. Deve ter esse olho de lince, que penetra até o fundo dos objectos, esse olho

de aguia, que apanha mil objectos ao mesmo tempo, e cujo dominio he a immensidade. Intrepido, e fiel a suas primeiras conclusões deve proseguir ousadamente de consequencia em consequencia, e jamais recuar ante o corollario do principio, que depois de maduro exame proclamou, como justo. Finalmente deve ser provido dessa flexibilidade rapida, pela qual cheio d'hum pensamento, que largamente meditára, o apresente successivamente sob differentes pontos de vista, até que haja feito desapparecer todas as objecções, com que o acommettão inopinadamente.

De mais, he mister, que possua todas as qualidades do Advogado, e de todo o Orador; huma memoria fiel, e segura, hum espirito methodico, e severo, o dom d'improvisar, e huma presença d'espirito imperturbavel. Não quero com isto dizer, que se não possa fallar em huma assembléa politica sem reunir estas diversas qualidades: mas he impossivel brilhar ahi sem ellas. Disserão alguns, que Demosthenes era incapaz d'improvisar; mas isto he falso. Demosthenes desprezava sim, e ria-se dos improvisadores bellos palreiros, que ligavão a ideias insignificantes frases vasias de sentido, ao que chamavão improvisar: elle porèm estava habituado a dizer muito menos palavras, do que cousas, e em consequencia deste principio nunca subia á tribuna sem estar bem penetrado do que queria dizer.

Quanto ás qualidades moraes de tal Orador deve elle ser, como o sabio d'Horacio, firme, e immudavel em seus principios. Nem os gritos da multidão delirante, nem o ouro, ou o ferro, nem o sorriso, ou as ameaças d'hum ty-

ranno terão poder em su'alma : sendo incorruptivel, e puro não fará transacções nem com o seu proprio silencio. A sua paixão dominante, antes unica deverá ser o amor ardente, profundo, e activo de seus compatriotas. A estes dous moveis poderosos, e nobres he que elle deve referir toda a sua vida, de maneira que nelle a sede de gloria esteja subordinada ao patriotismo, persuadido de que não encontrará huma, senão permanecendo fiel á outra.

Tambem serão suas qualidades predilectas a imparcialidade, a veracidade, e a moderação. Nunca sustentará o contrario do que pensa, nunca se mostrará injusto para com o antagonista, cuja opinião differe da sua. Se alguma vez ultrapassar os limites da moderação, se se levar da indignação, e da colera, só o crime lhe desperte esses movimentos impetuosos: aborreça porém com o odio do homem justo aos transfugas, aos vendidos, aos espiões, e a todo o que recebe preço do sangue.

Todas estas qualidades se reunem nest'outras : boa fé, lealdade, virtude. Sim, sem virtude impossivel he ser realmente eloquente. A Eloquencia consiste em fazermos, que os outros sympathizem comnosco, e em lhes darmos o nosso pensamento, e a noss'alma : pelo que preciso he, que primeiro sintamos antes de transmittirmos sensações : porque quem pode exprimir com enthusiasmo, com embriaguez, com paixão o que na realidade não sente ? Do coração, dizião os antigos, he, que parte a Eloquencia. Este axioma quer dizer, que o homem accessivel ás impressões, ás paixões he o unico capaz de ser eloquente; e tambem significa, que quem na realidade não sente, e só finge sentir, nunca fallará com eloquencia. Convenção-se pois os moços enthu-

siastas do talento oratorio desta verdade: que Orador he o homem de bem, poderoso em palavras: *vir bonus dicendi peritus;* e que a Eloquencia presuppõe sempre o accordo de hum bello talento com hum bello caracter.

No sentir dos antigos o Orador devia conhecer tudo, e tudo aprofundar. Sem adoptarmos inteiramente esta ideia, que já nesses tempos era huma exaggeração, e muito mais o seria hoje, todavia reconhecemos, que o Orador não pode entrar na arena deliberativa, senão for armado de vastos, e profundos conhecimentos. Elle tem de sustentar, ou destruir leis; e por tanto não só deve conhecer a legislação preexistente, as mutuas relações, e analogias das diversas particularidades dessa legislação, seus motivos, seu espirito, e seu fim, senão o direito natural, ou civil, que he a base desses motivos, a Philosophia, fundamento necessario de todas as mais sciencias, e principalmente da do Direito. Além disto, das leis submettidas á revisão, ou propostas ao exame, humas dizem respeito ás finanças, outras versão sobre a Religião, sobre a educação publica, sobre medidas policiaes, e locaes, &c., &c. Que conhecimentos novos não deve reunir o Orador; e de mistura com as noções geraes, abstractas, e d'alguma sorte transcendentaes, quanto não deve elle possuir de noções estatisticas, materiaes, ephemeras, e &c! Releva por tanto, que não só elle possua todas estas noções dispersas, como que tambem perceba todas as suas analogias; que as ajunte, e systematise; que faça de tudo hum corpo de materiaes, e documentos, sobre os quaes elle estabeleça, e fixe a sua opinião.

Elle pertenderá fazer repellir, ou adoptar huma medida

legislativa, decretar a paz, ou a guerra, abandonar, ou seguir huma empreza duvidosa, organizar o interior do Estado ; e em taes casos he preciso, que conheça as rodas da administração, os recursos e encargos do Estado, o material, e pessoal dos exercitos, o theatro da guerra, e outras innumeraveis particularidades. He mister, que elle tudo haja visto, tudo lido, tudo estudado, Geographia, Sciencias historicas, a Statistica, a Strategia, a Diplomacia, &c.

Além disto deve o Orador conhecer todos os antecedentes, que precedêrão ao seu começo na carreira oratoria. Elle deve ter lido, e meditado huma e muitas vezes as obras primas da Eloquencia da Grecia, e de Roma: deve ter-se exercitado em diversos generos, em fallar d'improviso, e estudado, finalmente em arranjar subitamente quadros synopticos d'argumentos, de ideias, e de provas. Só por estes meios he, que elle chegará a conhecer a Arte Oratoria, e a apresentar-se na liça sem ignominia.

DA COMPOSIÇÃO DO DISCURSO DELIBERATIVO.

Subdividiremos esta sessão em duas partes, a primeira das quaes tractará dos meios de convencer, ou das *Provas*, e a outra dos meios de seduzir a vontade, ou das *Paixões*. Aqui, do mesmo modo que traçando as regras do genero judiciario, tractaremos separadamente da prova propriamente dicta, e do que se chamão sophismas.

No genero deliberativo não ha provas directas, ou materiaes. Todas as demonstraçoes assentão em raciocinios deduzidos rigorosamente de principios, que se suppõe

verdadeiros, e firmados em exemplos. D'ahi duas classes principaes de provas em as materias deliberativas: os raciocinios, ou a argumentação, e os exemplos.

Aqui não se tracta de fixar, de escolher as formas do raciocinio ; porque ora severos, rigorosos, e incontestaveis serão o Syllogismo, e o Dilemma : ora mais vivos, e astringindo-se menos á certeza, serão o Enthymema, e o Sorites. O primeiro principalmente será as mais das vezes empregado por causa da sua brevidade, que agrada, e da omissão de huma de suas primissas, que deixa ao auditorio alguma cousa, que desejar.

Convem pois indicar, e classificar os motivos principaes, pelos quaes he possivel forçar o assenso da intelligencia Estes motivos reduzem-se a dous, que contem anticipadamente todos os mais, como o genero contem as especies ; e vem a ser ; a *justiça*, e a *utilidade*. Ambas são extremamente poderosas ; porque estão profundamente unidas ás duas grandes ideias, que governão o homem, isto he ; o dever, e o interesse. O dever he o que ha de mais augusto, de mais nobre, de mais santo: apresentado em toda a sua força, elle inflamma, eleva, excita o enthusiasmo pela ideia de desinteresse, que lhe he inseparavel. Fóra disto ainda quando não he por causa delle, que obramos, ainda quando encapotamos suas leis, e preceitos, folgamos de pôr por diante, e fingimos obedecer ás suas decisões. O interesse porèm menos puro, menos tranquillo lisonjeia mais deliciosamente, e triunfa com mais facilidade : claramente provado talvez arrastre com mais facilidade, do que a justiça ; finalmente elle quasi sempre he complice dessas paixões poderosas, que

tyrannisão, e mudão de continuo o coração humano. O Orador politico pois, invocando hum, e outro, está quasi certo do bom resultado da sua causa.

A justiça pode ser absoluta, ou relativa: absoluta, quando a acção, que se discute, he boa, ou má em si em toda a especie de circunstancia, e sem restricção: relativa, quando circunstancias particulares modificão o seu caracter, e o escusão, justificão, explicão, ou condemnão inopinadamente. No exame, discussão, posição, e applicação desta justiça relativa he, que principalmente tem a Eloquencia hum vasto campo, que correr. Em verdade principios claros, e incontestaveis, até em sua applicação, prestão-se menos á luta oratoria: mas quando se tracta de preceitos susceptiveis de variedades, ou de modificações segundo as diversas circunstancias, que cercão, acompanhão, envolvem a acção, a que se applicão, complica-se a posição do Orador. He preciso fazer encarar a acção debaixo das cores mais vantajosas, apresentar-lhe a face mais favoravel, cerca-la d'hum quadro proprio para a tornar agradavel, ou odiosa, digna de admiração, ou de desprezo, escolher, e amontoar as circunstancias, que parecão sempre conformes aos principios; e taes são as difficuldades, no meio das quaes brilha, e se recreia a Eloquencia.

O interesse no sentido mais lato he o desejo, que temos, de tudo, que he util á nossa felicidade, e conservação, ainda quando a felicidade, ou a conservação da nossa existencia vão evidentemente d'encontro aos principios da justiça, ou da moral. Mas na lingoa oratoria não se dá o nome de interesses, senão aos objectos, que posto que

uteis ao homem, não prejudicão a justiça, senão leve, e imperceptivelmente: he antes indifferença, e esquecimento, do que desprezo, e violação dos principios. Finalmente, he possivel as mais das vezes conciliar a utilidade com a justiça; e até demonstrando a possibilidade da coexistencia desta com aquella he, que o Orador arrastra todos os votos, e assegura-se da unanimidade; porque em huma assembléa numerosa he quasi impossivel influir igualmente sobre todos os homens pelos mesmos motivos; e he necessario, que o Orador tenha á sua disposição moveis brilhantes, e vulgares para huns, e considerações elevadas para outros.

A utilidade do mesmo modo que a justiça pode ser absoluta, e relativa. Huma lei, huma decisão he de utilidade absoluta quando após si arrastra muitissimas vantagens em todo o tempo, em todo o lugar, e sejão quaes forem as circunstancias: he d'utilidade relativa, quando insignificante, ou casual, e ordinaria por si mesma pode em certas circunstancias servir á patria, e influir vantajosamente no interesse da nação, ou d'huma parte desta; porque he da natureza dos interesses o não serem iguaes a si mesmos, e combaterem-se mutuamente. Compara-los, peza-los, contrabalançar hum pelos outros he por tanto huma das obrigações do Orador em as assembléas deliberantes.

Os principios de interesse tambem podem encarar-se debaixo de outro ponto. Huns grosseiros, materiaes, e vulgares, fazem-nos referir tudo ás sensações, a nós mesmos: hum instincto bruto os inspira, a elles se referem todas as affeições acanhadas, e baixas, o egoismo, a avareza, o medo. Outras pelo contrario concilião-se com a razão, e com a dignidade do homem: ellas estendem a existencia alèm do

presente, e de nós mesmos: ellas contêm, e presuppõe todas as affeições generosas, como sejão o reconhecimento, o patriotismo, o amor da gloria, &c.

Claro he portanto, que nos discursos politicos sempre o Orador deve dirigir-se a estas. O homem naturalmente egoista, e generoso antes abdica, e mais vivamente detesta as formas asperas do egoismo em as grandes assembléas, do que na solidão: o unico interesse material, e grosseiro, que lhe deve ser apresentado; por ser todavia poderoso, e sagrado, he o da sua conservação, e vida. Depois deste vem os das riquezas, e da gloria. Aos moveis, que subministra o interesse devemos accrescentar a facilidade. Provar, que tal lei, tal passo, tal medida nada custarão, he quasi ganhar a causa; e augmentão-se as probabilidades de bom successo, se se chegão a expor os meios.

Em conclusão advirtimos que aqui tudo se prova pelos contrarios; e que fallando pro, ou contra, invocando ora a justiça, ora o interesse, pode-se demonstrar, que a causa contraria viola hum, ou vai d'encontro ao outro. Esta forma de argumentação he mais viva, mais energica, mais certa, que a outra: ella tambem he mais facil; porque em todo o caso o ataque he sempre menos custoso, que a defesa: e com effeito o assaltante victorioso em hum ponto, fica vencedor; e vencedor em tudo, excepto em hum ponto, vai de vencida o defensor.

Os exemplos são no genero deliberativo o que na Eloquencia judiciaria são as leis, ou pelo menos as sentenças. Quando he preciso determinar a vontade; a incerteza, e as vicissitudes do futuro fazem nascer duvidas, e põe tardanças á decisão. Então os exemplos subministrados

pela historia resolvem as duvidas, e parecem fixar o possivel pela experiencia dos seculos.

Os exemplos produzem dous effeitos principaes, convem a saber; convencem pela autoridade, e arrastrão excitando a emulação: estes se empregão principalmente, se se trata de exhortar a huma medida, a hum passo determinado; aquelles servem, quando cumpre deliberar, aconselhar, justificar, ou fazer hum pedido.

Tres cousas se devem observar no emprego dos exemplos, isto he; o modo de os preparar, o modo de os expor, e o modo de concluir. O exemplo nunca deve ser trazido bruscamente, e sem que para elle se haja preparado o auditorio. Sejão os exemplos pois annunciados, e introduzidos por huma cadeia de pensamentos destramente tecidos, de maneira que não offendão nem a serie das ideias, nem ao fio do discurso. Preceda-os o principio, que elles devem confirmar, para que anticipadamente se veja o seu fim, e o auditorio tire necessariamente a conclusão antes do Orador. A analogia algumas vezes conduza a isso sem se perceber, ou fundidos com as doutrinas, dellas se desprendão inopinadamente, e sem que o sinta o auditorio.

O exemplo assim levado por felizes transições será exposto ora com simplicidade, e sem emocão, ora com enfase, com enthusiasmo. Ordinariamente emprega-se a forma da narração; com tanto que seja breve, simples, despegada de toda a superfluidade, e ornamento. Muitas vezes d'huma multidão de interrogações, de exclamaçoes, e de apostrophes; outras da prosopopeia. De tempos a tempos tambem se pode proceder por contrastes, oppondo o pro-

ceder d'aquelles, a quem se falla, ao dos homens, a quem se admira, a quem se louva, ou vitupera, citando as suas acções.

Na conclusão principalmente he, que deve esse parallelo ser estabelecido, desenvolvido, e ornado de todas as cores da imaginação. Então deve ser examinado o exemplo em todos os sentidos. A paridade das circunstancias deve ser mil vezes proclamada, e provada de mil modos. A necessidade de seguir os mesmos vestigios, ou d'evitar os mesmos escolhos deve ser demonstrada urgente, gloriosa, e incontestavel. Hypotheses, conjecturas, numerosas confrontações exercerão a razão, darão pasto á malignidade, seduzirão a imaginação, embriagarão a sensibilidade, exaltarão as paixões, e arrastrarão todas as faculdades d'alma, á medida, que a Eloquencia recommenda em nome da justiça, do interesse, e da verdade. Muito mais na conclusão, do que na escolha, e exposição dos exemplos, he, que o Orador apparece em todo o seu brilho, e com o peso da sua força aterra os seus antagonistas.

Muito nos poderamos estender, se pretendessemos tratar dos sophismas: mas esta materia mais pertence á Dialectica, do que ás regras da Oratoria.

DOS MEIOS DE SEDUZIR A VONTADE.

Estes meios consistem: 1.° em insinuar-se o Orador no espirito dos seus ouvintes: 2.° em excitar-lhes as paixões. Tres são os principaes caminhos de insinuação. O primeiro consiste em agradar, o segundo em excitar o interesse, o terceiro em inspirar a confiança. Agrada-se

ora por hum cumprimento engenhoso, e delicado, ora deixando o Orador perceber hum terno interesse, huma affectuosa solicitude por aquelles, a quem se dirige. Releva porém apurar particularmente a forma, e o estylo destas particularidades, de maneira que nada pareça equivoco, ou falso; que principalmente a multidão, a quem o Orador se dirige, não perceba, que a querem cortejar; e que até os louvores hyperbolicos pareção expressão da simples verdade. Demosthenes na sua 6.ª Philippica no offerece hum bello exemplo disto, quando depois de haver assignalado as perpetuas invasões do Monarcha Macedonio, e aconcelhado a guerra, accrescenta—«Reflecti mais, Athenienses, que correis maiores riscos, que nenhum povo da Grecia. Philippe não cuida só em submetter-vos, senão em vos destruir; porque conhece que não sois feitos para servir, que ainda quando o quizesseis, não vos fora possivel por estardes muito avezados a commandar: elle sabe, que na primeira occasião vós lhe dareis mais incommodo, do que toda a Grecia reunida.»

Que elogios! Quam pouco se assemelhão á adulação, que se faz ao povo, e aos Reis! Como tudo dimana natural, e necessariamente do coração da materia! Como sabe elle despertar com poucas palavras a coragem languida, e abatida dos Athenienses! com que simplicidade falla da sua preeminencia sobre todos os povos da Grecia, como de huma cousa reconhecida! Que peso, que força não adquire a austeridade da sua lingoagem nestas poucas linhas de louvores!

O Orador, que procura agradar, tambem deve usar de flexibilidade, e circunspecção. Talvez que em nenhuma parte

seja mais necessaria a delicadeza d'expressões, do que no meio d'huma grande reunião de homens. « Não ha, diz Cicero, no mar vagas mais movediças, mais inconstantes, mais furiosas, do que as ondas da multidão. Muitas vezes huma só palavra pode produzir a bonança, e a tempestade. He necessario portanto calcular, pesar anticipadamente cada expressão, a fim de nunca contrariar nem os prejuizos, nem os sentimentos dessa multidão, cujo voto se ambiciona. »

Concilia-se o interesse excitando ora o reconhecimento, ora a affeição: fazendo o Orador perceber, que está em communidade de designios, de opiniões, de interesses, e sentimentos com a massa; forçando para com elle a admiração, ou a estima; algumas vezes affectando timidez, e solicitando indulgencia, finalmente chamando a admiração sobre a causa, que defende: tambem pode empregar estes meios em sentido inverso contra o seu adversario.

Ganha finalmente a confiança o Orador pela modesta seguridade, com que se apresenta na tribuna, por huma gravidade, que parece penhor de sabedoria, de imparcialidade, e de longas meditações preliminares, pela bondade, pela franqueza, e doçura. Algumas vezes tambem caminhos contrarios levão ao mesmo fim, e a severidade, a rigidez, a aspereza excitão no mais alto gráo a confiança: mas estas formas não devem ser empregadas, senão com circunspecção, e só assentão bem no homem, que pelo seu talento, e pela excellencia da sua causa tem preponderancia na multidão, que o escuta. Huma lingoagem muito altiva offende os ouvidos soberbos, e os da multidão talvez o sejão tanto quanto os dos Sultões, e

Visires. He mister ser hum Alexandre para acabrunhar d'invectivas o exercito, que triunfou d'Asia, e hum Demosthenes para increpar de cobardia, e de crime a todo o povo de Athenas.

Quanto ao emprego do Pathetico, ou das paixões, fora talvez muito para desejar, que o homem não tivesse paixões: mas huma vez que estas fazem parte integrante delle mesmo, huma vez que as paixões o solicitão, o tyrannisão, fartão-o de dores, ou o embriagão de prazeres; huma vez que a mesma sabedoria algumas vezes transige com ellas, e s'esquece das lições do Portico pelas suggestões da sensibilidade, forçoso he, que nos submettamos a esta necessidade doce, e cruel. A Eloquencia sobre tudo, a Eloqueneia, cujo fim he o imperio d'alma, deve-as assenhorear, irritar, e acalmar a seu arbitrio. Reinando sobr'estes poderosos moveis da vontade he, que ella mesma se tornará poderosissima.

Se o homem pois entregue a si mesmo, encantoado em huma humilde solidão, apartado de todos os objectos, que de ordinario lhe excitão o odio, ou o amor, ainda assim sente a influencia das paixões; o que será nessas assembléas numerosas, diversas, compostas de mil elementos heterogeneos, e em presença das quaes debatem-se leis, medidas, condições de sua existencia politica, de suas riquezas, de sua liberdade? Nesses lugares he, que he mister mover, irritar, humilhar, ensoberbecer, amedrontar, semear o odio, a inveja, a colera, excitar o amor, a admiração, o enthusiasmo. No meio deste vasto conflicto de affeições imperiosas, tenazes, e variaveis he, que a Eloquencia vive, sente, e palpita: em tanto que, se

somente a razão a precede, e insufla, ella he fria, sècca, lenta, e por toda a parte encontra obstaculos.

O que pode esperar o mais destro jurisconsulto no foro, o publicista, o philosopho, o diplomata na tribuna, se não souberem fazer, que a sua voz resòe no coração dos homens? Ás leis podem-se oppor leis, ás provas, provas, aos enthymemas, e syllogismos, outros enthymemas, e syllogismos, aos exemplos, outros exemplos. Se vos dirigirdes á razão, a luta será longa, e indecisa: fallai porèm ás paixões, que tudo se decidirá, de maneira que o adversario muitas vezes desesperará do successo, e reduzir-se-ha ao silencio. « Dest'arte, diz Cicero, Hortencio, apezar de grande Orador, encarregado de orar em favor de Verres, não teve forças para me responder. Catilina, a quem accusei perante o senado, foi reduzido ao silencio. Em huma causa particular, mas importante, e grave, Curião o pai, tendo começado a fallar, succumbio repentinamente, e disse, que huma bebida, que lhe derão, lhe havia tirado a memoria.» Todavia o Orador não deve empregar a cada passo, e indifferentemente o pathetico; porque muitas vezes o emprego das paixões pode ser intempestivo, e longe de persuadir, ou seduzir, poderá excitar prevenções desagradaveis, ou hum riso universal.

Primeiramente deve o Orador renunciar a mover as paixões no exordio, em a narração, e no começo da confirmação. Só depois de haver gradualmente inspirado o interesse, fixado a attenção, e conquistado a confiança he que ellas podem sem inconveniente descer até a alma. Em segundo lugar releva fazer escolha entre os movimentos apaixonados, que se nos offerecem. Cada homem tem sem

duvida huma chaga secreta; mas he mister acha-la antes de lhe applicar o ferro, ou a chamma ardente. Além disto as mesmas paixões não podem obrar sobre todos com igual imperio: huns chorão, e facilmente s'internecem; outros não se animarão, senão com as palavras de virtude, e de gloria; estes são accessiveis ao odio, á indignação, á inveja; aquelles enthusiasmar-se-hão com os nomes de liberdade, de igualdade, e de honra. O Orador pois antes de sobir á tribuna, estude bem o seu auditorio, e leia no fundo de todos os corações: então elle fallará em Athenas como Atheniense, em Roma como Romano, ao povo como tribuno, aos representantes d'huma nação como homem de Estado, ao exercito como hum general, aos egoistas como egoista, ás almas nobres, e generosas como a almas generosas, e nobres. Então sublime, simples, verdadeiro, pathetico, poderoso em palavras, e arbitro dos destinos d'assembléa, elle será obedecido pelo seu auditorio, será admirado por seus leitores, e obterá ao mesmo tempo o poder de presente, e applausos de futuro.

Na primeira classe entre as paixões oratorias collocaremos as paixões ternas, e affectuosas, como sejão; o amor, a amizade, os laços de familia, o aferro á vida, e ao solo, &c. Pode-se-lhe accrescentar a commiseração quer só, quer fundada na estima com tudo o que a acompanha, ou a cérca, como as lagrimas, os gemidos, o luto, &c. Estes sentimentos convem principalmente ás causas, em que queremos prevenir, ou deplorar desastres. Ellas pedem hum estylo facil, corrente, brando, e d'alguma sorte molhado de lagrimas: mas deve-se temer o abuso destes meios, e não deixar por muito tempo elanguecer o auditorio so-

bre imagens consternadoras, e scenas dolorosas; porque nada secca tão de pressa, como as lagrimas.

Vem depois as paixões irasciveis, isto he; primeiramente o odio, depois a rivalidade, a colera, a indignação, a vergonha, o resentimento, a sede insaciavel de vingança, e a inveja Estes sentimentos pela mór parte podem ser tractados de duas maneiras, segundo os quizermos excitar, ou refreiar: de ordinario o Orador propõe-se á primeira: mas como isto he cousa facil, para a segunda he, que o joven discipulo da Eloquencia deve voltar os seus estudos, e exercicios.

Apparecem por fim os dous moveis nobres e dignos de hum grande povo, isto he; o patriotismo, que faz affrontar os perigos, e trocar sem empallidecer a morte pela immortalidade; o orgulho considerado, ou como estimulo, ou como freio com todas as suas variedades, a honra, o amor da gloria, a ambição, o desejo das dignidades, e parallelamente a todas estas paixões a vergonha, apresentada como o cumulo das desgraças.

A's vezes as paixões tambem se excitão por motivos baixos, e deshonrosos, como os d'avareza, da gula, e da libertinagem: pode-se-lhe accrescentar o terror, esse grande movel da tragedia, impressão poderosa, e forte, que humas vezes exalta, outras abate, e outras tambem inspira a coragem; porque os extremos tocão-se, e quasi sempre por huma exaggeração he, que o Orador nos conduz a outra.

Nesse arsenal immenso variado e inexaurivel he, que o Orador politico vai tirar suas armas poderosas. Bem de pressa trava-se a luta: he para elle cousa bella, e agradavel o ver-se como o piloto, que sustenta o leme du-

rante a tempestade: finalmente, em bem saber manejar as paixões conforme a natureza da causa, do tempo, do lugar, &c. &c., he, que consiste o maior merito do Orador, que tem de mover as vontades de tantos.

LIÇÃO DECIMA SETIMA.

DA ELOQUENCIA ESPECULATIVA.

A Eloquencia especulativa, que havemos opposto á incitativa; porque em vez de aconcelhar, ou de dissuadir hum juizo, huma decisão, só tem em vistas fazer conhecer, e admittir verdades de especulação, e á qual poderamos dar os nomes de *expositiva*, e *didactica*; por isso que de huma parte expõe sempre factos, e de outra tem por fim o instruir, e dar a conhecer; a Eloquencia especulativa, dizemos nós, humas vezes se occupa de questões, de que dá solução, e outras de factos que narra, amplifica, e comenta. Chamaremos a huma Eloquencia *disceptativa*, ou de discussões, e a outra Eloquencia *narrativa*. Tractaremos primeiramente da Eloquencia *academica*, que reune estes elementos.

Debaixo da denominação geral d'Eloquencia academica tem-se comprehendido diversas composições oratorias, que he verdade, pertencem a generos differentes; mas reunem-se por hum signal commum, e por hum caracter fundamental. Todo o discurso pois pronunciado, ou destinado a ser pronunciado, ou lido perante huma corporação academica, que se occupa de Litteratura, de Historia, ou de

Philosophia, toma do lugar, em que deve ser ouvido, e do auditorio, que o hade julgar, o nome de academico. Assim que as felicitações annuaes, ou extraordinarias, dirigidas por huma academia aos Reis, aos Principes, ás grandes personagens, os discursos de recepção quer do recipiendario, quer do membro encarregado de lhe responder; os elogios dos academicos fallecidos, os elogios propriamente dictos, emfim as questões propostas annualmente, e postas a concurso pelas academias; todas estas composições á primeira vista tão estranhas humas ás outras, formão o que se chama Eloquencia academica. Nos tempos modernos tem-se estendido a significação deste vocabulo, comprehendendo-se no genero academico a Eloquencia do Professor, que na Cadeira publica faz conhecer os elementos da Litteratura, da Historia, da Philosophia, da Politica, das Sciencias, e das Artes.

Facil he perceber, que a denominação commum, debaixo da qual estão reunidas obras tão pouco analogas, já pelo assumpto, de que tractão, já pela forma dada a este, não assenta, senão em huma base fortuita, e d'alguma sorte artificial; por isso que não se funda na identidade de natureza, senão na identidade de lugares, queremos dizer; que o nome de academicos lhes vem de serem esses discursos, ou haverem de ser pronunciados em Academias, quer sejão philosophicos, quer litterarios, quer demonstrem, quer contem, quer enderessem louvores costumarios dos Reis, quer apreciem um morto illustre, tecendo elogios. E ainda assim a palavra *academia* he tomada em dous sentidos differentes; porque que relação ha entre huma corporação scientifica, ou litteraria, posta d'alguma sorte fóra

do ensino, e huma escola, em que o Professor ensina as Lettras, ou as Sciencias?

Todavia he mister convir, que hum caracteristico se faz perceber em todas as composições academicas; e he o serem todas obras de apparato, e nenhuma dellas ter interesse do momento, nenhuma ter fim verdadeiramente importante quer para o povo, quer para os individuos. As Academias são praças d'armas: o foro, e a tribuna são campos de batalha. Nestes luta-se corpo a corpo, não se teme nem ferir, nem matar, nem calcar mil vezes aos pés o inimigo derrubado; aquellas pelo contrario bem podem ser chamadas salas d'esgrima. D'ahi esse estylo simples, ou modestamente ornado, que he o caracter fundamental das composições academicas. Nestas tudo he tranquillo, e doce, e não tem lugar nem a impetuosidade, nem os grandes movimentos, nem as paixões. O mesmo calor deve ser moderado, e d'alguma sorte tépido, de maneira que o fogo, de que parece abrasado o Orador em huma assembléa deliberante, na Cadeira Sagrada, ou perante juizes, que decidem da vida, ou da morte, não he aqui, senão hum reflexo. Quanto ás considerações particulares, que cada huma destas composições pode fornecer, recorra-se ao que logo diremos sobre cada huma das subdivisões da Eloquencia especulativa.

A Eloquencia do professor he a unica, para a qual nada se encontra de especial; porque deve, mais que nenhuma outra, ser grave, severa, elegante, e pura. Posto que naturalmente isenta de toda a paixão, e mais, ou menos apta que nenhuma outra para os grandes effeitos da Eloquencia, ella tem produzido muitas vezes obras primorosas; porque lhe he permittido enthusiasmar-se pelo bello, pelo grande,

pelo nobre, pelo ideial; e o enthusiasmo tem, como se sabe, alguma semelhança com as paixões. Deste modo Platão no cabo de Sunium, ao pé do templo de Minerva, em presença das ondas do mar e d'hum horizonte illimitado, proclamando as suas altas doutrinas no meio da multidão de seus discipulos, devia de ter Eloquencia.

A Eloquencia disceptativa subdivide-se em dous generos: a Eloquencia philosophica, que tracta oratoriamente as diversas questões de Philosophia, de Politica, de Educação, de Costumes, &c., e a Eloquencia Sagrada, que não carece ser definida.

Antes de traçarmos os preceitos da Eloquencia philosophica, examinemos qual a sua essencia, e de que circunstancias anda acompanhada.

Nós já não estamos no meio dos interesses individuaes, e reaes da vida: releva provar verdades abstractas, vagas, mortas, que não são nem determinadas no tempo, nem localisadas no espaço. O problema, que se nos propõe, pode a alguns parecer vasio, e vão. Nós já não fallamos a huma assembléa numerosa, encarregada de deliberar sobre os mais caros interesses da patria; e ás vezes até nem fallamos. O silencio, e solidão do gabinete tem succedido á agitação, e bolicio da tribuna: a vida remota do futuro, a que talvez não cheguem os nossos escriptos, eis o que substitue a vida da multidão contemporanea.

Certamente que a alma do Orador he menos poderosamente excitada nestas novas circunstancias, do que o foi antes; e a alma de seus ouvintes, tornando-se estes leitores, já se não abre a essas grandes impressões, produzidas pela immensidade do lugar, pelo grandioso da scena, pela

solemnidade inseparavel dessa audiencia por toda huma assembléa a hum só homem: já aqui não tem lugar o enthusiasmo, o impeto, a effervescencia das ideias, assim como os pensamentos ambiciosos, e gigantescos, os movimentos impetuosos, e bruscos, o jogo das paixões finalmente.

Todo o nosso cuidado deve applicar-se á escolha, ao desenvolvimento, e á disposição das provas por huma parte, e por outra á elegancia do estylo. Do primeiro modo levaremos a convicção á alma do leitor, do segundo lisonjear-lhe-hemos o ouvido, e o disporemos á persuasão por intermedio do prazer. Estas provas serão, como as dos discursos deliberativos, ou judiciarios, tiradas ou dos raciocinios, ou das leis, dos exemplos, &c. &c., trazidas, expostas, e concluidas da mesma maneira.

Mas disto não imagine alguem, que se deve absolutamente renunciar aos movimentos, e ás paixões; pois pelo contrario talvez que este genero de ornato seja ainda mais preciso em huma obra, que por sua natureza he fria, pallida, descorada, e monotona, do que nesses primores de obra d'Eloquencia cheios de vida, de calor, e de brilho: mas esses ornatos em harmonia com o genero de proposições, que se quer demonstrar, com a solidão, em que se encerra o Orador, com a ausencia completa de ouvintes, e de apparato oratorio não podem ser tão pomposos, nem tão brilhantes. Todavia o estylo pode ser rico, harmonioso, magnifico: imagens graciosas, e nobres adoçarão a severidade da discussão: figuras atrevidas, e elegantes serão derramadas por taes discursos: os movimentos oratorios mais animados vivificarão quadros novos, e

interessantes: nada disto porém faz pular impetuosamente o coração no seio d'aquelles, que leem a discussão. Esta Eloquencia não tem fachos, nem tochas; ella não emprega a ballista, nem a catapulta para tomar d'assalto os votos d'alma rebelde: ella não arrastra os bosques, as cabanas, os rebanhos, e o pastor. *Umbratilis Eloquentia*, dizia Cicero.

Se lemos Platão, o mais eloquente dos grandes Philosophos, vemos, que he sempre puro, melodioso, animado, encantador; mas quanto he raro, que elle arrastre, que arrebate, que faça borbulhar o sangue no fogo das paixões! Os seculos modernos se ufanão de hum Philosopho ainda mais eloquente, que Platão, de hum homem, que sempre escreveo com eloquencia; que foi João Jacques Rousseau. Entre as passagens mais brilhantes dos seus escriptos muitas vezes se ha citado a prosopopéa de Fabricio: e em verdade he bella, he agradavel, he encantadora: mas por ventura arrastra, e força a convicção? Subjuga, e arranca os suffragios? He sem duvida viva, elegante original: mas será impetuosa, e vehemente? Terá a belleza do furor, e o sublime do enthusiasmo?

DO SERMÃO, OU DA ELOQUENCIA SAGRADA.

Aqui, como precedentemente, tractaremos: 1.° do caracter essencial do genero: 2.° das qualidades do Orador: 3.° da composição do discurso.

Posto que a Eloquencia philosophica seja fria, e monotona; torna-se todavia mais viva, mais brilhante, e mais fecunda em movimentos oratorios, quando tracta das

verdades da moral. Bem se vê, que lhe falta alguma cousa, e he; o fallar adiante do publico reunido solemnemente, e depois dirigir-se mais energica, e directamente ás paixões, subleva-las, oppo-las, e faze-las combater; mas se he quasi impossivel chegar á segunda destas vantagens, será impossivel conseguir a primeira? E quanto á que nos falta, e faltará sempre, não será possivel suppri-la por outro meio? O que embarga, por ex., que as doutrinas sublimes, e consoladoras da moral sejão proclamadas em hum lugar consagrado, e em huma reunião de justos, de sabios, ou de amigos da sabedoria, como foi sem duvida no tempo de Pythagoras, de Confucio, e Zoroastro? O que he, que embaraça, que o Orador, em vez de fallar simplesmente, e em seu nome, se exprima em nome da consciencia do genero humano, e da razão universal? Que reconhecendo, ou ao menos fazendo entrever a soberania, e a intervenção de hum Rei dos Reis em os negocios humanos, firme a sua doutrina outr'ora toda humana, e por conseguinte eventual, local, e transitoria, em huma lei celeste, emanada do Ente Eterno, universal, e necessario?

Taes são os dous milagres produzidos pelo Christianismo em a Eloquencia philosophica, que possou a tomar o nome de sagrada. Ella reune os fieis em seus templos, e ahi no meio da ceremonia augusta, que torna o ceo propicio á terra, em nome, e segundo as proprias palavras d'Aquelle, que paira, e reina sobre os mundos, pela bocca sagrada de hum de seus Ministros, ella faz ouvir as suas lições sublimes, e puras, e que d'alguma sorte brilhão como raio do sol eterno. Já não he a tri-

buna tumultuosa batida pelas ondas rebeldes e sonoras: he hum throno inabalavel ao pé do qual vão quebrar-se os furores d'hum mundo impuro: o Orador sagrado não existe mais sobre a terra, nem está nos ceos: suspenso em igual distancia de ambos elle bebe no seio do mesmo Deos os preceitos, que transmitte á multidão inerte, e forma o primeiro annel dessa cadeia, que une a creatura ao Creador, o Ceo á terra, o atomo á immensidade.

O tom do discurso Evangelico deve portanto ser sempre solemne, autoritativo, grave, porém nobre, pomposo, e até rico. Prodigalisar os ornatos rhetoricos seria pueril, e rediculo; mas rejeita-los, quando se elles apresentão, quando nascem das entranhas da causa, quando estão em harmonia com o tom, e accento do Orador, seria outro excesso não menos censuravel. Mas como (dirá alguem) o luxo dos ornatos oratorios pode conciliar-se com essa simplicidade, com essa severidade, que reclamamos? Elles se conciliarão por si mesmos, senão forem affectados. A simplicidade, e severidade não embargão a energia, e complicação das ideias; e huma serie de quadros, e d'exemplos não offende á clareza do estylo. No desenvolvimento por tanto destes exemplos, na descripção desses quadros, a dicção deve estar na altura do assumpto, que se tracta: ella deve ser brilhante, pomposa, e até sublime, segundo o esplendor, a pompa, ou a sublimidade das circunstancias.

Ainda vamos adiante, e ousamos dizer, que não só a magnificencia Oratoria pode conciliar-se com a graça Evangelica, senão que talvez haja poesia tambem neste genero tão severo n'apparencia; e que o Orador sagrado

pode algumas vezes, sem ser infiel á magestade da Religião, embellezar os seus quadros, suas narrações, suas provas com matizes brilhantes, que a poesia presta á Eloquencia. Em verdade, ou consideremos a origem mysteriosa do Christianismo no meio da terra da Palestina, e debaixo do ceo oriental, ou nos elevemos pelo pensamento a esses Dogmas incomprehensiveis, que elle promulga, ou deixemos vaguear os olhos pelas columnas gothicas dos antigos templos, apenas esclarecidos por huma luz sombria, sentimos em nós mesmos alguma cousa de infinito, de vago, e de melancolico. Além disto aproveitar, renovar, modificar tendencias secretas pode ser para o Orador huma fonte de triunfos; e elle não os pode aproveitar, senão ajudando-se da poesia, que conta todas estas sensações em seu dominio. Accresce, que nem todo o auditorio he disposto de maneira que acolha emoções, as quaes tem mais lugar no panegyrico funebre, que no sermão.

Talvez nos perguntem em que classe pomos a Eloquencia Sagrada, e se a julgamos igual, inferior, ou superior aos dous generos, de que temos tractado. A esta questão poderamos responder, que impossivel he resolver tal problema; pois fôra pueril, e vão estabelecer parallelo entre dous objectos heterogeneos. Todavia daremos a este respeito a nossa opinião.

Bem pode ser, que a eloquencia do pulpito seja mais vasta, e mais sublime, do que a mesma eloquencia deliberativa. He mais sublime; porque falla em nome do Ceo, cujos oraculos explica, e commenta; porque nos mostra ao longe suas regiões luminosas, e seus prazeres inef-

faveis; porque seus clientes são a consicencia, e a lei revelada; seus titulos os direitos do homem, e os milagres da Divindade; os interesses, que agita, são os d'hum longo futuro, os da eternidade em summa. Ella he ao mesmo tempo mais vasta; porque com quanto seja divina em seu fim, he humana em seus meios; e posto se exprima em nome de Deos, sempre falla ao homem; porque protege todas as suas enfermidades; porque a innocencia opprimida, a infancia orfã, a paciente velhice, todos os infortunios em summa lhe fazem cortejo e são defendidas pela sua voz. Mas se ella superiorisa-se da eloquencia deliberativa, como vasta, e sublime, he-lhe inferior, como eloquencia; por isso que não obra seriamente sobre as paixões, que são o facto mais intimo do homem aos olhos desta.

QUALIDADES DO ORADOR SAGRADO.

As qualidades do Orador Evangelico são naturaes, ou adquiridas: estas constituem propriamente a instrucção. As primeiras qualidades necessarias ao Orador sagrado são, como ao que se apresenta na tribuna politica, ou no foro, huma grande dignidade no seu porte, hum gesto nobre, huma voz clara, sonora, e firme. Não he preciso, que a sua physionomia seja tão movediça; porque elle pinta, e por consequencia deve menos frequentemente sentir as paixões: basta, que ella seja tranquilla, e franca, e que respire o amor de Deos, da Religião, da virtude, e do proximo.

Depois destas qualidades physicas, seguem-se as intel-

lectuaes. As mais brilhantes sem duvida são a imaginação, pela qual elle reveste todas as abstracções religiosas, ou philosophicas de imagens brilhantes, e de formas graciosas: a razão, por meio da qual elle escolhe, distribue, e encadeia as suas provas em huma ordem systematica, que faz valer a todas humas pelas outras: a elocução sem a qual ser-lhe-hia impossivel ennunciar os seus pensamentos de maneira que não offenda ouvidos delicados, ou soberbos: o espirito de observação, que vè, e julga o mundo, e que lhe ajunta os materiaes, que deve ao depois pòr em ordem: a memoria finalmente, necessaria em toda a composição litteraria; pois sem ella não he possivel seguir hum plano, e ainda mais indispensavel no pulpito, onde os discursos tem de ser recitados de cór.

Mas as qualidades moraes são as mais necessarias a este Orador. O homem, que transmitte ao restante dos homens os oraculos da Divindade, e cujos labios explicão, commentão, e consultão o Evangelho, devèra ser puro, como hum anjo. Fora mister, que o amor de Deos, e dos homens fosse o unico movel de todas as suas acções, e o unico principio da sua Eloquencia. A esta virtude, primeira de todas, devèra ajuntar a humildade, o desinteresse, a temperança, a doçura, a castidade. Devèra ser profundamente convencido das verdades da Religião Dogmatica; mas não as exaltaria sempre com preferencia ás doutrinas moraes; não se irritaria contra os que pensão differentemente, e sobre tudo não invocaria rigores contra os incredulos, e nem aconselharia em nome d'hum Deos de paz, e misericordia o lançar mão da espada da Fé. Taes forão esses homens Evangelicos, cujos nomes os se-

culos nos hão transmittido com tanta affeição, como louvor, e cuja eloquencia he mais persuasiva, do que a acrimonia ameaçadora, e irreligiosa do fanatismo: taes forão os Fenelons, os Massyllons, e os Vieiras.

Tempo houve, em que todas as sciencias estavão sepultadas na sombra dos claustros, e pertencião exclusivamente á classe sacerdotal. Os membros desta tinhão então sobre os povos, sobre os grandes, e sobre quantos os podião entender huma superioridade real, a qual já se não pode dar em nossos dias; porque á medida que as luzes, e a civilisação tem feito progressos, não podem os Ecclesiasticos conservar essa preeminencia intellectual, que lhes dava outr'ora toda a força, e importancia; e muitos nem estão a par dos conhecimentos actuaes. He verdade, que a reunião dos estudos do Orador sagrado he tão vasta, que pode assustar a hum espirito novel, ou timido. Mas o augusto ministerio da palavra Evangelica não foi confiado ao pastor para que elle passasse os seus dias no meio do repouso, e da indolencia. Eis em resumo os estudos, que lhe são indispensaveis.

1.° Como a eloquencia do pulpito encarada em toda a sua latitude pode tractar hum ponto de Dogma, ou huma questão de Moral; he mister, que elle conheça as duas Sciencias, que lhes servem de base, isto he; a Philosophia, e a Historia.

2.° Nesta deve elle ter aprofundado principalmente até as mais miudas circunstancias a dos Judeos antes, e depois de Jesu Christo, a do Christianismo, e finalmente a das principaes Religiões do globo: mas aqui abundão as especialidades. Tantas miudezas, e personagens, concilios,

heresiarcas, Papas, Soberanos em guerra com estes chefes visiveis da Igreja apparecem simultaneamente, que he preciso hum trabalho assiduo para regularisar, e coordenar hum todo tão vasto na memoria.

3.° Seguem-se os Livros Sagrados, os quaes devem ser lidos, relidos, e aprendidos de cór. He este o manual do Orador Evangelico; já porque as bellezas oratorias, e poeticas da primeira ordem alli brilhão em cada linha, já porque todo o discurso desta especie não he mais, do que hum desenvolvimento, e commentario do texto sagrado.

4.° Tambem não deve ser desprezada a Sciencia Theologica, posto nos pareça a menos importante de todas; porque em verdade ella compõe-se de duas partes, que são; o Dogmatismo, e o Casuitismo. Reflexões preliminares, e solitarias devem ter anticipadamente provado ao homem religioso a parte dogmatica: quanto ao Casuitismo, essa sciencia, quasi sempre pueril, e muitas vezes immoral, e escandalosa, não pode deixar de confundir, de acanhar, e de dar certa côr de servilismo ás ideias independentes, vastas, e claras: porque será cousa tão difficil distinguir o justo do injusto? Não existe a razão independente dos casuistas? Não falla a consciencia assás alto, e distincto a quem a quer ouvir, e obedecer-lhe?

5.° Elle deve, bem como todo o que se vota ao culto da eloquencia, estudar os seus principios nos Rhetoricos, e Oradores. Entre estes dará preferencia aos Oradores Sagrados; mas sem desprezar os outros; porque a leitura, a meditação de mil obras do mesmo genero poderião faze-lo contrahir hum estylo, huma marcha uniforme, que não podem deixar de produzir o enojo, terrivel inimigo

das impressões oratorias. De mais homens como Demosthenes, Cicero, Mirabeau, e outros dos nossos mesmos contemporaneos não podem ser lidos sem fructo. Cada hum traz de certo modo huma ideia a vossos pés; e vós, sendo instruidos por elle ou em dar valor a huma ideia, em destruir huma objecção, ou em acalmar paixões incendiarias, herdeiros da sua experiencia, fortes com as suas tradições, ricos com os seus despojos, engrandeceis o dominio, que vos tendes proposto cultivar, e aformoseaes a Eloquencia Sagrada com bellezas da Eloquencia profana.

A COMPOSIÇÃO DO SERMÃO.

Consideramos aqui tres pontos principaes, convem a saber: 1.°, a escolha do texto, e da materia: 2.°, o plano, e a divisão: 3.°, as provas.

Tem o uso estabelecido, que o Orador Evangelico principie por hum texto tirado dos livros sanctos: mas a escolha desse texto offerece algumas difficuldades. Primeiramente pergunta-se: deve a materia ser contida no texto, ou este só ser susceptivel de applicar-se de tempos em tempos á materia? O ultimo methodo foi quasi sempre adoptado, e por quasi todos os bons Oradores: e em verdade, seja qual for a riqueza, e profundidade d'huma passagem da Biblia, he muito difficil, que nessa passagem esteja o germen d'hum discurso inteiro, além de ser difficil faze-lo sahir della sem subtileza, e sem falso gosto; e o grande Massillon, o mais irreprehensivel dos Oradores Christãos he hum exemplo disto. Em o seu sermão sobre a Confissão, depois de haver tomado por texto estas palavras de S. João « *Erat multi-*

tudo cœcorum, claudorum et aridorum » compara os peccadores, que cercão os tribunaes da penitencia, aos enfermos reunidos nas margens da piscina de Jerusalem ; e proseguindo huma allegoria fundada em a analogia dessas enfermidades corporaes com os vicios, que d'ordinario paralysão o effeito das confissões, diz — Havia cegos por falta de luz ; havia coxos por falta de sinceridade na confissão de seus peccados ; havia enfermos, cujos membros estavão seccos por falta de dor no arrependimento. — Esta espiritualisação (se assim nos podemos exprimir) das enfermidades corporaes he sem duvida muito engenhosa ; mas he hum pouco exquisita, e mais se resente da subtileza escolastica, do que da simplicidade oratoria. O padre Antonio Vieira alias homem de tão raro engenho, abunda dessas subtilezas, e algumas em verdade insupportaveis.

E de que textos se deverá fazer escolha ? O tom, e côr geral da materia he, que o devem decidir. Assim que em hum assumpto susceptivel de pathetico, ou de altas considerações moraes, escolher-se-hão passagens analogas, como esta, v. g., de Psalmo 21 — *Et nunc reges intelligite, erudimini qui judicatis terram* — ou esta do Ecclesiastes — *Vanitas vanitatum et omnia vanitas.* Pelo contrario se a materia severa, ou grave he essencialmente moral, começar-se-ha por hum texto, que tenha os mesmos caracteres. Observemos somente como condição essencial a todos os textos, que estes devem ser largos, ricos, fecundos, e prestar-se naturalmente a toda especie de desenvolvimentos.

Quanto á escolha da materia recommendaremos, que no pulpito se não controverta, senão a verdade moral, e não o dogma. Todavia justo he dizer, que estas duas series de

problemas pertencem igualmente á Eloquencia Sagrada: mas os dogmas sahem fóra do raciocinio: estes verdadeiramente não se provão á multidão, que a final só quer crer; e fóra disto os que vão ao sermão são Christãos: para que he pois provar-lhes o Christianismo? Mas podem ser máos Christãos, e he mister corrigi-los; e eis produzem ordinariamente as dissertações de moral instituidas nos sermões. A moral pois sanccionada, e certificada pela intervenção de Deos nas cousas humanas, e sua protecção especial he, que se deve applicar o Orador, que quer sobresahir neste genero de eloquencia

O PLANO, OU A DIVISÃO.

Sabe-se, que em todas as obras litterarias a composição, o plano he a parte do trabalho, que demanda mais paciencia, vigilias, e meditação, e o que suppõe maior força de cabeça. Mas no sermão principalmente he, que os Oradores se têm applicado a estabelecer planos methodicos, e rigorosos. Vejamos as regras, que he possivel tirar de suas obras para facilitar esta parte da composição litteraria.

O plano deve abrir hum campo vasto, e fecundo á Eloquencia. He mister por tanto, que esta primeira organização do quadro nos faça perceber clara, simultanea, e parallelamente partes, na realidade oppostas, e que se contrastão humas ás outras. He mister, que estas partes não entrem humas nas outras, e principalmente, que sejão iguaes em importancia; que se não opponha, por ex., a huma ideia fecunda, capaz de produzir hum discurso in-

teiro, huma dessas ideias mesquinhas, e pobres, que apenas formão huma subdivisão.

Era uso antigamente, que as partes resultantes dessa primeira distribuição da materia fossem tres. O nome, e essencia da Santissima Trindade não forão estranhos sem duvida ao estabelecimento deste uso inventado, e consagrado em hum seculo de superstição. Mas hoje, que se achão proscriptas tantas ideias pueris, e extravagantes, que já se não crê render homenagem ás tres Pessoas da Trindade, distribuindo os pensamentos, e as provas d'hum discurso em tres grupos principaes, vemos grande numero de sermões, que se não compõe, senão de duas partes.

No estabelecimento destas partes principaes do discurso releva evitar as antitheses estereis, e vasias de sentido, as opposições superficiaes, e fundadas em epithetos infecundos; porque então a oração pobre de ideias, de provas, e exemplos, arrastrar-se-ha languidamente por abstracções sem interesse, por bosquejos sem extensão, por subtilezas antitheticas, e symetricas.

Além do cuidado, que deve haver, nesta primeira distribuição da materia em duas, ou tres partes, cumpre attender ao arranjo destas mesmas partes. Grande numero de prégadores não castigão, não desenvolvem, não ornão com todas as cores da imaginação, e bellezas oratorias, senão a primeira parte do sermão: este termina quasi sempre por algumas paginas frias, e insignificantes, que nada circunstancião, e nada aprofundão. Claro está, que tal pratica he viciosa; porque primeiramente já não ha proporção entre as duas partes; e depois viola-se manifestamente a lei da gradação, e do progresso, lei geral das Artes, que quer, se

reserve para o fim o que ha de mais energico, e brilhante. De mais a Eloquencia decahe, quando cessa de elevar-se: e o que será, quando se abate, e realmente se eclipsa? Todas as impressões anteriores se desvanecem, e n'hum instante se inutilisão os successos alcançados pela primeira parte do discurso. Longe pois de estabelecer huma segunda divisão menos vasta, e menos fecunda, que a primeira, cumpre, que ella de tal arte seja arranjada, que ainda mais se preste aos desenvolvimentos engenhosos, ou profundos, ás imagens sublimes, aos quadros admiraveis, aos argumentos decisivos.

Depois da primeira distribuição da materia finalmente cada parte principal se achará de novo dividida, subdividida, e repartida por muitas divisões ulteriores. Estas divisões successivas, e desiguaes em importancia são muitas vezes difficeis de estabelecer. O principio, que governa a primeira distribuição da materia, pode applicar-se igualmente a esta; e dirigi-la quasi da mesma maneira: tudo está, em que as divisões iguaes nunca entrem humas nas outras, e sejão realmente parellelas.

DAS PROVAS, E DO PATHETICO.

A mór parte dos principios, que temos enunciado para os dous generos de Eloquencia incitativa, podem applicar-se á composição do sermão com algumas ligeiras modificações, ou substituições equivalentes. As provas em si mesmas são directas ou materiaes, indirectas ou artificiaes. Provas directas são os lugares dos Livros Santos, e os Decretos dos Concilios, que podem ser tidos por

leis em materia religiosa; as citações dos Padres da Igreja, que preenchem então as funcções de testemunhas, e finalmente os exemplos, que correspondem ás sentenças no genero judicial.

Estas provas desenvolvem-se do mesmo modo por argumentos; circunstancião-se os exemplos pela narração, e algumas vezes por huma serie apaixonada d'exclamações, e interrogações. Ellas trazem-se, exppõe-se, da mesma sorte, e dellas se tirão tambem consequencias.

O pathetico na Eloquencia Sagrada tem certos limites, que consistem em que ao passo que as eloquencias incitativas tem o direito de sublevar, e de acalmar todas as paixões, o Orador Sagrado deve sempre excitar humas, e acalmar outras. E que homem de Deos assentado na cadeira de paz, e citando o Evangelho, ousaria diminuir a commiseração, o reconhecimento, a amizade nas almas de seus ouvintes? Que Sacerdote abalançar-se-hia em nome do mesmo Deos a excitar o odio, a inveja, a colera, e a vingança? Só huma paixão ha, que o pulpito pode ora excitar, ora destruir, que he; o terror.

As paixões affectuosas, e ternas, todas as que se concilião com as tendencias moraes, e que estabelecem, ou suppõe sympathia, podem ser excitadas no sermão. Neste caso he mister usar d'hum estylo elegante, cheio de unção, e de graças simplices, e desaffectadas.

As paixões odiosas não podem, senão ser combatidas; porque o Orador Evangelico não sobe ao pulpito, senão para acalmar os tormentos d'alma. Elle pode então occupar-se em as infamar, já desenvolvendo os funestos resultados, que trazem apoz si, já traçando o horrivel quadro

da torpeza d'aquelles, que se lhes sotopõe como escravos. A dicção neste caso será viva, vehemente, e algum tanto acre.

O terror, como dissemos, pode ser já excitado, já acalmado. Quando o Prégador o excita, induz os culpados á obrigação de praticar deveres: quando porém o acalma, indigita-lhes ao longe a misericordia infinita de Deos, que não quer a morte eterna do peccador; que estende os braços ao blasphemo, que o tem offendido, e em cuja côrte celestial a conversão d'hum peccador causa maior alegria, que a virtude de dez justos. No Christianismo o temor he começo de toda a sabedoria, e a esperança o seu cumulo: esta he huma virtude, e hum dever; de sorte que por ella he, que o Representante do Altissimo termina as suas doces, ou terriveis lições, quando depois de haver trovejado, gemido, e arrancado lagrimas, infundido em fim o terror, como Massillon n'aquelle celebre sermão, em que todo o auditorio se ergueo cheio de susto; elle traça por fim imagens mais suaves, faz sorrir a esperança, e por hum desejo, que todos repetem, põe-nos nos celestes penetraes, no meio dos Coros dos Anjos, e na presença do mesmo Deos.

LIÇÃO DECIMA OITAVA.

ELOGIOS FUNEBRES.

O elogio funebre não he materialmente sujeito a limites fixos. Este nome pode ser dado a essas curtas allocuções, que se pronuncião perante o feretro de hum parente, de

hum amigo, que nos forão caros. Mas não he de nossa mente tractarmos desses simplices, e fugitivos improvisos da dor; porque a eloquencia das lagrimas não pode ser sujeita ás regras, e á analyse: mas quando, passados os primeiros impetos da dor, a afflicção mudando-se em doce, e terna melancolia, se compraz de referir a vida, as virtudes, os trabalhos, e os ultimos padecimentos d'aquelle, que já não existe; então os lamentos prorompem, e se exhalão com mysteriosa doçura: então ha verdadeiro discurso, e he o que chamamos elogio funebre.

A côr dominante de tal elogio será lugubre, e algumas vezes a dor profunda, terrivel, e funesta não se exprimirá, senão com hum accento medonho, e sombrio: as mais das vezes huma resignação melancolica e religiosa gemerá ternamente, e derramará lagrimas sem accusar os destinos, ou o Ceo. Em todo o caso a primeira regra, que a este respeito se pode dar, he a do grande Horacio na sua Arte Poetica—*Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi.*

A obra de ordinario será composta de huma serie de narrações, e de quadros. O estylo elegante e florido, deve alem disto ser claro, rapido, harmonioso, variado, semeado de imagens, e figuras. Devem apresentar-se contrastes para prevenir a monotonia, e a uniformidade. Reflexões naturaes, e engenhosas relativas, estas aos costumes, aquellas aos interesses do dia, aquellas outras ás generalidades importantes, que dominão o mundo, devem estender, elevar, e cercar de magestade o assumpto, de que se tracta.

Entre essas altas, e graves considerações, as principaes são a gloria, o prazer de ter obrado bem, e a immortali-

dade no seio do Ente Supremo. Estas ideias, que abrem á alma espaços infinitos, aligeirão o peso da dor, e fazem assomar hum sorriso no meio das lagrimas. O mel celeste da esperança infiltra-se no fundo do coração, e as nuvens sombrias, que parecem esmagar o Ceo, cedem a huma aureola luminosa, que orna, e consagra a fronte do finado immortal.

Duas especies ha de elogios: huns chamão-se panegyricos, os outros conservão o nome de elogios. Os panegyricos não são outra cousa mais do que elogios funebres, pronunciados huns em honra dos Reis, dos Principes, dos Grandes no anniversario da sua morte; os outros em memoria de hum Santo no dia da sua festa. Á primeira especie he, que damos o nome de oração funebre.

Os panegyricos dos Santos são d'ordinario simpleces sermões, em os quaes a vida do Santo não he citada, senão como exemplo: todavia nada ha mais proprio para inflammar a imaginação de hum Orador, do que o augusto ministerio de repartir o louvor por heroes Christãos, cujos exemplos honrão o nosso culto, accusão, e condemnão os nossos costumes. Se he hum grande, e bello espectaculo, offerecido ao genero humano pelo Christianismo, o reunir os homens em hum Templo para os instruir em todos os deveres da moral, tambem he huma instituição magnifica, sem duvida, a de erigir altares á virtude, e decretar elogios annuaes aos Santos mais dignos de ser propostos pela religião á admiração, e emulação de seus filhos.

Os homens porém, cuja vida, posto que sem mancha, foi todavia obscura, e commum, não subministrão bastante alimento á eloquencia. Releva, que o homem se tenha

feito celebre por hum talento superior, ou por acções brilhantes; que não precise ser tirado do esquecimento para se mostrar grande: que tenha exercido decisiva influencia sobre o seu seculo, ou ao menos sobre o seu paiz; que haja feito epocha na historia da Religião; que se haja elevado sobre as virtudes ordinarias; que se haja assignalado por gloriosas recordações, ou por monumentos immortaes; que se apresente em fim á posteridade com direitos publicos a huma fama respeitavel para sustentar a nomeada dessas homenagens solemnes, de sorte que apezar de toda a pompa dos declamadores hum Santo desconhecido da Historia nunca obterá, senão panegyricos ignorados, como elle.

A falta mais ordinaria desta especie de discurso, que devèrão reunir ás narrações instructivas d'hum elogio historico o interesse mais animado d'hum elogio oratorio, está nessa còr vaga, nesse tom de declamação, nesse enfase trivial, nessa fastidiosa profusão de epithetos, e superlativos, finalmente nessa redundancia de lugares communs, que nunca se accommodarião a hum louvor individual, nem podem por consequencia traçar o verdadeiro caracter do homem, que se pretende louvar.

Outra falta muito commum no mesmo genero he essa exaggeração ridicula, que tudo enfraquece, exaggerando tudo. A circunspecção de hum panegyrista he a mais firme garantia da sua boa fé, de maneira que tanto mais persuasivo se torna elle, quanto mostra mais moderação. A perfeição d'arte neste genero consiste em electrisar a admiração do auditorio, apresentando-lhe, sem nenhuma reflexão commum, resumos substanciosos, rapidos, e admiraveis. Hum texto feliz da Santa Escriptura he o quadro

mais favoravel ao Orador sagrado para fazer sobresahir a gloria do seu heroe por huma serie de quadros variados, e sempre crescentes que fazem oratoria a enumeração mais simplesmente historica, e despertão sempre o pensamento sem nunca o saciar.

Os antigos nossos mestres, e nossos modelos em todo o genero de Litteratura derão-nos nesta parte da eloquencia regras e exemplos, que são muito para meditar. Pericles, a quem toda a Grecia admirava como o seu maior Orador, pronunciou o elogio funebre dos defensores de sua patria, que acabavão de perecer na primeira campanha da guerra do Peloponeso; e Thucydides nos conservou esse famoso discurso, em o qual confessa, que Pericles muito mais louvou o exercito, do que aos mortos. E quem não conhece outros monumentos, de que se honrou a Antiguidade nesta carreira da eloquencia, como fossem o panegyrico de Helena por Isocrates, o elogio de Pompeo por Cicero no seu discurso em favor da Lei Manilia, e o de Trajano por Plinio moço? Os Padres da Igreja, que tambem forão os primeiros Oradores do seu tempo, e quasi forão os unicos, que conservárão a Eloquencia, e as Letras na Europa, souberão enriquecer as Linguas de Demosthenes, e de Cicero com eloquentes discursos consagrados aos lamentos da amizade, ou á gloria dos grandes homens. Neste numero podemos ousadamente citar a Oração funebre, composta por S. Gregorio Nazianzeno depois da morte de sua irmã Gorgonia; os panegyricos de S. Pedro, e S. Paulo, que S. João Chrysostomo não cessa de misturar com amor, e enthusiasmo a quasi todos os seus primores d'obra;

o panegyrico de Santo Honorato prégado por Santo Hilario d'Arles; o elogio funebre tão tocante, que fez Santo Ambrozio de seu irmão Satyro, e do Imperador Theodosio.

O Orador sagrado na composição dos Panegyricos deve ter sempre diante dos olhos esta luminosa regra de Boileau — *Nada he bello senão o que he verdadeiro.* — He muito permittido sem duvida embellezar os factos por confrontações, ou contrastes, com tanto que o panegyrista se limite a esses innocentes artificios da eloquencia, sem nunca se entregar aos excessos do louvor, e muito menos á impudencia da mentira; porque he cousa absurda, e de completa inhabilidade affectar huma falsa admiração, que todo o mundo está percebendo, e que a ninguem se communica. Os elogios vagos, os lugares communs, os epithetos accumulados, os sophismas da adulação, as hyperboles, ou exaggerações de máo gosto descobrem a ignorancia, ou a má fé, e para logo afugentão a confiança do auditorio. Tenha pois o Orador sempre em vista, que está assentado na cadeira da verdade; que o torneia huma multidão de ouvintes tranquillos, e instruidos; que tudo, que se estende além dos limites da verosimilhança, torna-se insupportavel; que he sempre mal succedido aquelle que vai d'encontro ás opiniões recebidas; e que homenagens excessivas sempre patenteião a baixeza, que as prodigaliza, sem levantar huma só linha o orgulho, que dellas se applaude. Lysippo dizia muitas vezes, que elle muito mais honrára a Alexandre, representando-o simplesmente com huma lança na mão, do que Apelles, que o pintava, fulminando o raio, como Jupiter.

Quando o assumpto d'hum panegyrico he fecundo em acontecimentos, a moral deve nascer da narração historica sem ser interrompida, sem que os factos sejão suffocados debaixo d'hum montão de reflexões triviaes, que por si mesmas assás se manifestão a todos os ouvintes. Hum methodo muito didatico seria funesto ao discurso, suspendendo-lhe a marcha progressiva. Deve por tanto o Orador sagrado penetrar-se profundamente do caracter distinctivo, e das acções dominantes do homem, a quem elogia; estudar, e conhecer primeiramente os rasgos particulares mais notaveis do seu talento, da su'alma, das suas virtudes; cerca-lo de seus contemporaneos, reunir, e confrontar todas as circunstancias de sua vida, que se dirigem ao mesmo fim, para formar quadros oratorios; classificar, e apresentar em movimento, e acção em quadros tirados dos livros santos os factos analogos, os talentos, as acções virtuosas, os revezes, as emprezas brilhantes, os successos, os obstaculos, os triunfos, que a Historia offerece aos pinceis do Orador; e dar dest'arte aos elogios toda a rapidez d'huma composição dramatica, toda a progressão do raciocinio, todo o interesse da eloquencia.

Para formarmos huma ideia cabal do ministerio, que exerce o Orador sagrado, consideremo-nos em hum Templo, ao pé dos altares, debaixo dos olhos do mesmo Deos. Figuremos hum povo inteiro, huma liça aberta, em que a eloquencia, arcando com as paixões, com os vicios, com as fraquezas, e erros da humanidade, provoca humas apoz outras, algumas vezes a todas juntas, acommette-as, combate-as, supplanta-as com as armas da Fé, do sentimento, e da razão.

O homem que falla no pulpito, he o enviado do ceo, e pela santidade de seu caracter parece trazer sobre a frente o Nome de Deos, de quem he Ministro. A causa, que elle defende, he a da verdade, e da virtude: seus titulos são os direitos do homem, a lei da natureza gravada em todos os corações, e a lei Revelada escripta, e consignada em o deposito dos Livros Santos: os interesses, que promove, são os do ceo, e da terra, do tempo, e da eternidade; em fim os clientes, que reune em torno de si, e como que debaixo das suas azas, são a natureza, cujos direitos defende, a humanidade, cujas injurias vinga, a fraqueza, cujo repouso, e segurança protege; a innocencia, a que presta huma voz supplicante para desarmar a calumnia, ou accentos terriveis para a amedrontar; a infancia abandonada, para quem procura no auditorio corações paternaes; a velhice soffredora, a indigencia timida, a grande familia de Jesus Christo, que são os infelizes, em favor dos quaes move as entranhas do rico e do poderoso.

Se tal ministerio he bem preenchido, he huma das mais bellas instituições, de que a humanidade he devedora á Religião Christã. Mas para o exercer dignamente cumpre, que o Orador pense que tem por juizes a Deos, e aos homens; a Deos para não trahir a sua causa, já por frivolos respeitos, já por covardes condescendencias; aos homens para se accommodar á fraqueza de seu entendimento, quando os quer instruir á tempera do seu espirito, quando os pretende persuadir, ao natural da su'alma, quando os procura mover. Deste modo a sua eloquencia deve ser Divina na sublimidade dos motivos, e humana nos seus meios.

Alguns pensão, que os panegyricos Sagrados não são mais do que discursos de mero apparato, em que o Orador só se deve occupar de deleitar os ouvintes, dando provas do seu engenho, e bom gosto: mas enganão-se completamente; porque hum pequeno numero de verdades terriveis para os máos, e consoladoras para os bons; hum Deos justo, a quem tudo está presente, e que pune, e recompensa; a passagem d'hum'alma immortal da vida para a eternidade; o momento desta passagem tão imprevisto quanto inevitavel; a solidade dess'alma depois da morte perante o seu Juiz, e o bem, e mal, que houver feito, postos em huma exacta balança; a revelação solemne da consciencia de todos os homens no Juizo universal; hum abysmo de penas destinado aos reprobos; hum manancial inexhaurivel de felicidades reservado aos justos no seio do mesmo Deos; hum mundo, que illude, e passa; o tempo, que gira no seio da immovel eternidade; a vida e todos os seus bens arrebatados, como atomos, nesse turbilhão devorador: as gerações humanas successivamente engolidas nesse immenso oceano da eternidade, e Deos, que a todas aguarda, eis as grandes alavancas da Eloquencia Evangelica, eis os pontos capitaes a que se deve dirigir o Orador sagrado.

Este tem de mover algumas paixões; o temor para inquietar a seguridade dos máos; a commiseração para mover o homem sensivel em favor de seus irmãos; a indignação para repellir o exemplo d'huma prosperidade criminosa; a vergonha para humilhar o homem vicioso, e suberbo á vista da sua baixeza, do seu opprobrio, e do seu nada. Tambem tem para consolar, para acoro-

çoar o homem fraco, mas indulgente, e caridoso, a esperança, a confiança em hum Deos, que he Pai da natureza, os prodigios da sua clemencia, os mysterios do seu amor. Finalmente no cuidado de si mesmo, no interesse da sua propria felicidade, na propensão, que tem todos os homens (cujo coração não está depravado) a amarem-se reciprocamente, a consolarem-se em suas afflicções, a ajudarem-se em suas necessidades, a soccorrerem-se em seus males, encontra o Orador Christão meios de persuasão. Elle fará ver ainda na vida presente o inferno anticipado do crime: elle opporá ás convulsões de hum'alma escrava das paixões, á perturbação socia dos prazeres viciosos, á amargura que causão ; aos transes, ás angustias, aos remorsos da iniquidade a serenidade da innocencia, a tranquillidade da boa fé, os celestes presentimentos da piedade, os prazeres da beneficencia, e as delicias da virtude.

Muitos entendem, que nos Panegyricos não tem o Orador Christão outro fim, que não seja agradar o auditorio, captar applausos, e augmentar os seus redditos. D'aqui a razão porque não faltão Prégadores, que se disponhão a subir ao pulpito, como se dispõe o comico a apresentar-se no theatro. Mas o fim do Orador seja sagrado, ou profano, seja neste, ou n'aquelle genero de eloquencia, sempre deve ser convencer o entendimento, e mover a vontade, quer para abraçar alguma verdade da Religião, se o Orador he sagrado, quer para tomar alguma determinação honesta, e justa, se he profano o Orador. Tal foi o unico fim que em suas Orações se propozerão Demosthenes, Cicero, e Quintiliano, dirigindo-se todas a hum fim ho-

nesto, e louvavel; humas a conservar a Republica, outras a acender os animos contra a tyrannia, estas a defender a innocencia, aquellas a reprimir a injustiça, muitas a implorar misericordia, não poucas a excitar a severidade das leis contra os atrevimentos da insolencia.

Se se houvera percebido, que algum desses famosos Oradores não tinha outra mira em seus discursos, senão fazer-se ouvir com gosto, captar aura popular por meio da pompa das palavras, da agudeza, ou falso brilhantismo dos pensamentos, terião elles sido objectos do riso, do desprezo, e até da indignação de todos: e se alguns concorressem a ouvi-los, não seria certamente para deixar-se persuadir delles, como de Oradores, senão para divertir-se com elles, como se forão Hestriões, Pantomimos, &c. O Orador sagrado não he mais do que hum homem dedicado por seu ministerio a instruir os outros homens, fazendo-os melhores, do que são, o que sempre deverá procurar conseguir, quer seja o seu discurso Arsetico, quer Panegyrico. E será possivel, que os torne melhores aquelle, que apresentando-se no pulpito, mostra-se dominado de todas as paixões humanas? Fará, por exemplo, humilde ao vão, e soberbo aquelle, que em todas as suas acções, e movimentos está respirando presumpção, e vaidade? Finalmente a quem persuadirá, que só a Deos devemos agradar o que em seus proprios sermões confessa não ter outro fim senão agradar aos homens?

Por ventura os Apostolos assim praticárão em seus sermões, sermões com que doze homens rusticos, grosseiros, e desalinhados convertèrão a todo o mundo? A isto dirá alguem; que aquelles tempos erão outros: erão

sim relativamente ao zelo, e piedade dos mesmos Apostolos: mas d'aqui se não imagine, que estes prégárão a huma gente idiota, barbara, inculta, e ignorante, que de qualquer cousa se convencia, e de qualquer maneira que lh'a propozessem. Nunca esteve o mundo mais cultivado, do que quando enviou a elle os seus Apostolos. Então duravão, e durárão por algum tempo as preciosas reliquias do dourado seculo de Augusto, dentro do qual nasceo Jesus Christo, e em que florecêrão mais que em nenhum outro todas as Artes, e Sciencias, especialmente a Philosophia, a Historia, a Eloquencia, e a Poesia.

Nem se diga, que os Apostolos não convertião, senão a pessoas idiotas, e do vulgo; porque taes não forão certamente o Centurião Cornelio, o Eunuco da Rainha Candace, S. Dionysio Areopagita, S. Justino Martyr, S. Clemente de Alexandria, S. Lino, e seus pais Herculano, e Claudia, ambos das mais illustres familias da Toscana; e bem assim muitos Reis, Principes, e Magistrados, que abraçárão a Religião do Crucificado.

Alguns talvez creião, que nos tempos da primitiva Igreja erão os homens menos corrompidos, que nos nossos dias, e conseguintemente não era tão difficil reduzi-los á verdade do Evangelho com razões claras, naturaes, e despidas de ornatos oratorios. Mas quem não sabe, que erão aquelles huns tempos, em que os vicios erão adorados como virtudes, e estas aborrecidas como vicios? Huns tempos, em que a incontinencia recebia incensos em Cythera, a embriaguez adoraçõcs em Baccho, e o latrocinio sacrificios em Mercurio? Huns tempos, em que se adorava a Jupiter estuprador, a Venus incestuosa, a Hercules usurpador, e a

Caco ratoneiro? Huns tempos, em que a vaidade se chamava grandeza de coração, o orgulho elevação de espirito, a soberba magnanimidade, a usurpação heroismo; pelo contrario a modestia, o recolhimento, a moderação, a tolerancia erão denominados baixeza de animo, apoucamento não só inutil, senão pernicioso á sociedade?

Deixando de parte os primeiros seculos da Igreja, fazendo comparação dos nossos tempos com aquelles, em que florecêrão os Paduas, os Ferreres, os Thomazes de Villa Nova; haverá muita differença entre os nossos costumes, e os dessas eras? Quem estuda a Historia convence-se, que se ha alguma diversidade, he nos trajes, nas modas, na maior perfeição das lingoas, e em alguns usos puramente accidentaes, e exteriores; que no mais reinavão então, como agora, os mesmos costumes, as mesmas paixões, as mesmas inclinações, os mesmos vicios, as mesmas desordens, só com a differença, que estes erão mais frequentes, mais publicos, e mais escandalosos n'aquelles tempos, do que nestes. Todavia que conversões tão portentosas, e innumeraveis não fizerão aquelles Santos? E d'onde provinha isso, senão do espirito, e zelo Apostolico, com que prégavão? Finalmente, o Orador Evangelico ou suba ao pulpito para increpar os vicios, e persuadir a virtude, ou para fazer o elogio d'algum Santo, nunca deve esquecer-se de que o seu fim he prégar a Jesus Christo crucificado, e ganhar almas para o Reino do Ceo.

LIÇÃO DECIMA NONA.

REFLEXÕES SOBRE OS CLASSICOS DA NOSSA LINGOA.

Apezar do desprezo, em que tem cahido a Lingoa Portugueza, e do muito que se ha feito por desfigura-la de sua louçania, e riqueza, todavia he ella huma das mais ricas, e formosas, que se conhece. A Lingoa Portugueza (diz Francisco Rodrigues Lobo) assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade, e composição das palavras he Lingoa excellente. He branda para deleitar, grave para encarecer, efficaz pora mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica, e escriptura. Para fallar he engraçada com hum modo senhoril: para cantar he suave com hum certo sentimento, que favorece a musica: para prégar he substanciosa com huma gravidade, que autorisa as sentenças: para escrever cartas nem tem infinita copia, que damne, nem brevidade esteril, que a limite: para historias não he tão florida, que se derrame, nem tão secca, que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o ceo da bocca com aspereza, nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Escreve-se da maneira que se lê, e assim se falla. Tem de todas as Lingoas o melhor: a pronunciação da Latina, a origem da Grega, a familiaridade da Castelhana, a brandura da Franceza, a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, e sentenças, que todas as vulgares em fé de sua antiguidade. E se á Lingoa Hebrea pela honestidade das palavras cha-

mârão santa; certo que não sei eu outra, que tanto fuja de palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa. A Lingoa Portugueza não desmerece lugar entre as melhores, para nella se escreverem materias levantadas, aprazíveis, proveitosas, e necessarias.

A Nação Portugueza, (diz hum respeitavel Philologo) que até o fim do Reinado de D. Fernando jazia na ignorancia, occupada unicamente da cultura de suas terras, quanto lhe era preciso para o consumo interior do Reino, e para entreter huma ligeira sombra de commercio exterior, continuamente vexado pela tyrannia Arabica, que infestando os mares era eterno obstaculo á navegação; vivendo como desterrada na solidão dos campos, sem communicação, nem policia, fallava huma lingoagem informe, e grosseira, cheia de sons rudes, que as Lingoas barbaras lhe havião communicado: e apezar de ter huma origem tão pura, como a Lingoa Latina, donde procedia, só conservava alguma energia natural, nascida das significações primitivas das suas vozes, que além de serem maculadas de infinitas anomalias, e dissonancias, erão privadas de translações, que dão força, e elevação aos idiomas. Cheia pois de construcções erroneas, de diphtongos asperos, e desinencias rudes, pobre de termos, sem ideia de nexo, que subsiste nas particulas, sem syntaxe, sem harmonia, o seu periodo incerto, e desunido vacillava sem caracter.

A grande revolução de D. Jão 1.° fazendo a mais viva commoção no genio dos Portuguezes, com ella lhe vierão novos estimulos de gloria, que eleva o espirito, novas emprezas, novos pensamentos, nova força, nova energia ás

suas enunciações, novos objectos do discurso, e nova lingoagem. Hum Latim barbaro até alli orgão das Leis, e instrumentos publicos, cessou de ser a lingoagem do Foro.

Da conquista de Ceuta nasceo a ideia, a grande ideia dos descobrimentos, que mostrando a necessidade de cultivar as Mathematicas, e a Astronomia; taes, quaes existião n'aquelles tempos obscuros, alargou a esphera da Mechanica, que fazendo novas investigações sobre a acção dos ventos, e resistencia das aguas, extrahindo a somma da combinação dos movimentos resultantes da acção, e reacção destes dous elementos, alcançou mais perfeição, e conhecimento das leis dos liquidos, e do equilibrio, e aperfeiçoou finalmente a arte de navegar. Novos astros, novos mares, e costas, novas ilhas, novos Mundos enchem de admiração todo o Universo.

Tantas, e tão notaveis circunstancias, tantos, e tão pasmosos acontecimentos, quaes nunca até aquelles tempos vira o mundo, fizerão apparecer de repente na face do globo huma Nação nova, e hum novo Idioma: nem he paradoxo. As acções da Nação Portugueza anteriores á aquella idade perdem-se na immensidade dos acontecimentos ordinarios, que formão o corpo vastissimo da Historia. Porém desta grande epocha em diante ella se eleva d'improviso, ella se mostra em todo o universo huma Nação de heroes, cujas acções nenhuma analogia tem com as das mais famosas Nações, que lhe precedérão.

O novo aspecto de acontecimentos absolutamente novos, e dignos de universal admiração veio acompanhado de huma nova lingoagem. Sim as Poesias dos Reis D. Diniz, D. Pedro 1.º, e varios fragmentos de escriptos d'aquelles

tempos estão consignados em huma lingoagem tão confusa, e barbara, que quasi não se entendem. D'ahi a pouco, mais de meio seculo, apparecèrão as chronicas dos Reis Portuguezes, compostas por Fernão Lopes o mais antigo e venerando Historiador Portuguez, escriptas em lingoagem clara, e tão diversa do que se observa n'aquelles anteriores escriptos, que se pode reputar outro Idioma.

Não obstante a perspicuidade, com que Fernão Lopes procurou escrever, claramente se conhece pela leitura de seus escriptos, e dos que depois delle vierão até o fim do Reinado de D. João 2.°, que a syntaxe commum da Lingoa Portugueza era assás confusa, e desfigurada de construcções erroneas. A disposição harmonica do periodo totalmente ignorada dava huma insupportavel secura á prosa Portugueza, que opprimida de clausulas impuras, e de vozes obsoletas, de sons asperos, e rudes, nada offerecia á curiosidade dos leitores mais que hum insoffrivel tedio, que extinguia o desejo de ler; o que não he preciso autorisar, visto que qualquer pagina dos escriptos d'aquella idade nos pode fornecer exemplos para verificar o que affirmamos.

A obscuridade d'aquelles tempos, a raridade de livros, que o prelo, então de novo inventado, ainda não fazia communs, a ignorancia em fim retardavão o progresso das luzes, e não deixavão aperfeiçoar o Idioma, além de que o bom gosto nestas materias, que deve ser hum resultado de infinitas combinaçoes philosophicas as mais ajustadas á razão, fez sempre em todas as Lingoas vagarosos progressos. Porém das causas acima indicadas procedeo, não só a falta do numero prosaico, e metrico do

Idioma, mas a pobreza notavel de vozes, causa evidente da pouca variedade do estylo.

Contribuia para tudo isto o máo uso dos possessivos, constituindo quasi sempre pleonasmos grosseiros, que fazem a oração pesada; a indiscreta disposição das conjuncções, cuja frequencia fazia a oração languida, e fria: a combinação ociosa d'algumas vozes negativas; a accepção barbara de preposições tomadas como adverbios negativos; erros de generos; verbos mal conjugados participios mal construidos, mal derivados; collocações estranhas, que constituindo hyperbatos enormes fazião o periodo escuro, e barbaro; desinencias asperas, além de outros muitos vicios de elocução, que offuscavão o resplandor de algumas bellezas nativas, que já de longe annunciavão aquella feliz disposição de graças naturaes, com que se mostrou a Lingoa Portugueza nas elegantes pennas de hum Barros, d'hum Camões, e d'hum Vieira.

Inutil curiosidade fora pois, antes necedade, buscar escriptores Portuguezes nos principios da Monarchia para nos servirem de norma de elocução; porque, como diz Condillac, já sabemos bastantemente a historia dos seculos barbaros, quando sabemos, que forão barbaros Nem he crivel, tivesse a Lingoa maiores vantagens no reinado de D Diniz, em que as Musas rusticas, posto que favorecidas deste grande Monarcha, apenas mostravão hum pequenino crepusculo, mais proximo ás trevas, do que á luz.

Nem he de admirar a penuria d'escriptos em tempos tão miseraveis, nem foi isto condição particular da Lingoa Portugueza; pois bem sabido he, que ainda quasi no meio do seculo 12, não só em Portugal, mas geralmente em

toda a Europa tudo era barbaro em extremo. Não havia outra lingoagem, senão o que chamavão *Romance* que era Lingoa Romana corrupta, e se tinha por Lingoa vulgar em lugar da Latina já desconhecida.

Não havia em parte alguma escriptos, nem obras de engenho em prosa, ou em verso, que mereção estimação: tudo erão partos informes dignos do gosto barbaro d'aquelles tempos. Os unicos escriptos mais ordinarios erão obras de cavallaria, em que se narravão feitos d'armas, e aventuras de cavalleiros amantes, e tudo isto se escrevia no dicto Romance; porque aquella gente nada entendia de Latim; e d'ahi he, que os Francezes, tirando o termo da lingoa para os assumptos, vierão a chamar Romances o mesmo, que nós chamamos Novellas.

A quatro epochas podemos reduzir a Lingoa Portugueza. A primeira contaremos desd'a fundação do Reino até o tempo de D. Affonso 5.°, que faz differença de 400 annos. Nota-se nesta epocha: 1.°, a variedade de Orthographia das palavras, e nesta a pronuncia, que nada, ou pouco mais de nada havia de regras fixas: 2.°, varias dicções, que hoje se julgão formadas por syncope, ou contracção, e verdadeiramente erão mal derivadas do Latim, de modo que a respeito das originaes mais parecem vocabulos truncados, do que termos regulares; taes como *Affam* por afflicção: 3.°, na conjugação dos verbos alguma irregularidade, conservando em alguns a propriedade do dialecto Gallizianno, como *iva ensinedes*, &c: 4.°, a construcção das frases pouco uniforme, e muitas vezes o nexo, e disposição dellas confusa.

Observa-se além disto, que supposto no decurso desta

epocha fizesse a Lingoa Portugueza varias mudanças, que a distinguem, com tudo muitas cousas passárão ás outras epochas, como são: 1.°, a terminação de nomes, e verbos em *om*, como *perdom*, *forom*, *lerom*, &c., de que usou ainda em sua idade Pedro de Andrade Caminha: 2.°, varios termos gerados nesta primeira epocha, como *Alfaqueque*, redemptor de captivos : *Barregam*, concubina, e outros, que se achão no Codigo Manoelino : *Coita*, pena, paixão, donde veio a palavra coitado, que ainda hoje dura : *aguça* pressa, *ardideza* astucia ; mas *ardil* da mesma origem ainda hoje vale : *azinha* logo, cedo : *fiusa* confiança ; *favoreza*, favor, &c., &c.

E não só estes, senão muitos outros termos do primeiro dialecto se conservão em Fernão Lopes e Azurara, como se vê nas vidas de D. João 1.°, D. Duarte, D. Affonso 5.°, principalmente a forma neutra *esto ello*, *aquello*, *algo*, *al*, *e ullo*, *ulla*, por qual, *unho*, *unha* por hum, huma, &c. ; e tambem *hi*, por ahi, *hi* por onde, &c.

Para se conhecer qual era o idioma Portuguez nos principios da Monarchia basta ler algumas das producções desses seculos barbaros. Sirva de exemplo a canção d'Egas Moniz Coelho despedindo-se de D. Violante, Dama d'honor da Rainha D. Mafalda.

« Fincaredes bos em bora
Tam coitada
Que ei boyme per hi fóra
De longada.
Sai-se o vulto de mei corpo
Mais ei nom

Cá os cocos vos fica morto
O' coraçom.
Se pensedes que ei me vò
No lo pensedes
Que em vos chantado estò
A non me vedes.
Mei jazido et mei amar
Em vos acara
Grenhas tendes d'espelhar
A luzia cara.
Nom farom estes meis olhos
Tal abesso
Que esgravizem os meis dolos
Da compesso.
Mas se ei for pera Mondego
Pois lá vò
Corulhas me façom cego
Como ei sò.
Se das penas do amorio
Que ei retouço
Me figerem tornar frio
Como ei ouço.
Amademe se queredes
Come lusco
Se nom torvo me acharedes
A mui fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde
Nom asmeys vos de queimardes
Isto que arde.

Hora nom leixedes nom
Cá sois garrida
E se nom Cristeleison
Per inha vida.

Da mesma lingoagem, e gosto he no Reinado de D. Sancho 1.º a canção de Gonçalo Hermiguez a sua mulher Ouroana.

Tinhe rabos, nom tinhe rabos
Tal a tal cá monte ?
Tinharedesme, nom tinharedesme
De lá vinherasdes, de cá filharedes,
Cá amabia tudo em soma.

Per mil goyvos trebalhando
Oy oy vos lombrego
Algorem se cada folgança
Asmey eu: perque do terrenho
Nom há hi tal perchego.

Ouroana, Ouroana oytem per certo
Que inha vida do viver
Se olvidrou per teu alvidro, perque em cabo
O que eu ey de la chebone sem referta
Mas nom ha perque se ver. »

Os mais notaveis Escriptores desta epocha forão Fernão Lopes com razão reconhecido pelo primeiro Escriptor de Chronicas Portuguezas. Foi Secretario de D. Duarte, Es-

crivão da Puridade do Infante D. Fernando, e Chronista Mór do Reino. Escreveo *Chronicas dos Reis de Portugal.* Gomes Eanes de Azurara escreveo a 3.ª parte da Chronica dos Reis de Portugal.

SEGUNDA EPOCHA.

Esta pode ser considerada des d'o tempo de D. João 2.º até D. Sebastião, posto que em quantos escrevèrão por este tempo até João de Barros, quasi se não conhece notavel differença da antiga lingoagem. Mas este insigne Escriptor deo hum como novo tom á Lingoa Portugueza, não tanto nas palavras por si só; porque ainda nelle se achão muitas da idade antecedente; mas pelo theor, e organização da sua frase, de forma que elle foi o que creou, e nutrio a fertilidade, e riqueza dos Autores da seguinte epocha, e ainda hoje he consultado pelos homens, que tem gosto são, como hum dos melhores oraculos da nossa Lingoa. Além do seu engenho superior não se pode duvidar, que concorreo muito a grande erudição da Lingoa Latina, e Grega, que os seus antecessores não tinhão, ou de que se não aproveitárão, como elle, para adiantar os progressos da nossa. Tambem he crivel que a differente communicação, que teve na costa de Guiné, onde foi Governador, seria causa para que viesse a deixar grande parte dos vocabulos informes, e menos apurados, que se achão nos outros Escriptores antes delle: como tambem que a grande estima, que fizerão de seus escriptos os Autores, que se lhe seguirão, devia de ser causa, que perseverasse ainda até Vieira o uso d'alguns vocabulos,

que elle empregou nas suas Decadas. Ha com tudo ainda nelle bastante da antiga lingoagem, consequencia dos pequenos, e vagarosos progressos, que a Lingoa teve na primeira epocha.

Não nos deve admirar a conjuncção *Cá* em lugar de porque, que parece, viria em direitura da Franceza *Car*, formada do Latim *Quare*, da qual usou Duarte Nunes, escrevendo 50 annos depois de Barros, e ainda o Padre Lucena, que escreveo pelo mesmo tempo. No genero dos nomes se observa, que dá os nomes de nações acabados em *es* a ambos os generos, dizendo no feminino Gente Portuguez, Mulher Portuguez, &c. : do mesmo usa nos nomes verbaes acabados em *or*, como cidade competidor, mulher inventor, nossa defensor, &c., &c.

Outras vezes, seguindo a terminação dos nomes, faz femininos os que nós hoje fazemos masculinos, seguindo o uso do Latim: *Huma Cometa*, *clima humida*, *huma Paradoxa*, &c., &c.

A esta epocha pertencem Bernardim Ribeiro, autor do Romance Menina e Moça, e Gil Vicente conhecido pelo Plauto Portuguez, assim como Vasco de Lobeira, que fora o que encetara as composições Romanescas. He de advertir, que a palavra Romance não significava, como hoje, o mesmo que Novella. Romance queria dizer em primeiro lugar a lingoa propria, natural, e vulgar de qualquer paiz. Em Portugal, Castella, e outras partes da Hespanha se usou esta palavra depois da corrupção da Lingoa Latina, que nas ditas terras havia sido introduzida pelos Romanos: de sorte que depois que os Romanos subjugárão Hespanha, e a fizerão Provincia sua

ficou a Lingoa Latina commum a todos, particularmente aos nobres, e por isso teve Hespanha muitos homens insignes, que fallárão, e escrevèrão com grande elegancia na Lingoa dos Romanos, como forão Seneca, Lucano, Marcial, Pomponio Mela, Columella, Porcio Latro, &c., &c. Declinando porém com o tempo o Imperio Romano, os Godos, Vandalos, Sitingos, e outras gentes barbaras, que devastárão Italia, inundárão Hespanha, e nella corrompèrão a Lingoa Latina; e cresceo esta corrupção com a dominação dos Mouros, que na Lingoa Hespanhola, já meia Gothica, e Latina, introduzirão outros vocabulos Arabicos: porém no meio de toda esta alteração, e mistura de Lingoas, sempre a Lingoa Portugueza, e Castelhana, e outras de outros Reinos de Hespanha forão chamadas Romance.

Tambem se dá este nome a certa casta de versos, que por ser muito vulgar, e por parecer prosa, assim se chama. Não tem consoantes, e antigamente só se escrevia em Romances o que se escrevia em prosa, como historias, &c.

TERCEIRA EPOCHA.

A terceira epocha estende-se des d'o Reinado de D. Sebastião até o Padre Antonio Vieira. Os que se tem por Autores classicos nesta idade são: Fr. Luiz de Sousa, Fr. Bernardo de Brito, o Padre João de Lucena, Jacintho Freire de Andrade, Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arraes, D. Francisco Manoel, &c., &c., e sobre todos o grandiloquo Padre Antonio Vieira. Dos Poetas os mais

celebres são : Francisco Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Bernardes, Pedro d'Andrade Caminha, e acima de todos o immortal Luiz de Camões. Foi esta a epocha da maior gloria de Portugal.

A Litteratura Portugueza não teve a sua aurora, senão no seculo 15, epocha em que essa Nação de heroes começou a desenvolver todo o seu caracter : mas no seculo 16 foi, que ella chegou ao seu maior desenvolvimento. Alèm dos grandes Poetas mencionados teve Portugal então insignes Historiadores, como fossem o já citado Barros, Diogo de Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Jeronymo Osorio, Damião de Goes, Fernão Mendes Pinto, &c., &c. Tenho tambem por hum dos classicos de primeira ordem ao Padre Manoel Bernardes, autor da Nova Floresta, e de outras muitas obras.

QUARTA EPOCHA.

O Padre Antonio Vieira foi o ultimo clarão da Lingoa classica, e puritana de Portugal. Com a sujeição deste Reino aos Felippes de Hespanha perdeo a Nação a sua independencia, vio quebrantados os seus brios, e decahir a sua Litteratura. Então começárão a vogar em Portugal as imagens forçadas, as hyperboles, as metaforas reconditas, e exquisitas, o máo gosto em fim, ou vicios do Marinismo, e Gongorismo, defeitos, a que de todo não pode subtrahir-se o alias estimavel classico, e insigne Poeta Bucolico Francisco Rodrigues Lobo. Dessa enojosa escola de Marini, e de Gongora forão discipulos hum Duarte Ribeiro de Macedo, hum Fernão Corrêa de la Cerda, e

huma freira soror Violante do Ceo, hum Jeronymo, Bahia, &c., &c.

A madre Violante do Ceo religiosa de S. Domingos era tida por mulher de grande piedade, e poeta insigne. Para se conhecer o seu máo gosto citaremos hum soneto, que ella dirigio a Marianna de Luna sua amiga, e veremos o trocadilho, que faz com a palavra *Lua*.

SONETO.

Musas, que no jardim do rei do dia,
Soltando a doce voz, prendeis o vento,
Deidades, que admirando o pensamento,
As flores augmentaes, que Apollo cria:

Deixai, deixai do sol a companhia,
Que fazendo invejoso o firmamento,
Huma Lua, que he sol, e que he portento,
Hum jardim vos fabrica de harmonia.

E porque não cuideis, que tal ventura
Pode pagar tributo á variedade,
Pelo que tem de Lua a luz mais pura,

Sabei, que por mercê da Divindade
Este jardim canoro se assegura
Como o muro immortal da eternidade.

Apezar do grande engenho de Gabriel Pereira de Castro na sua Ullisséa, todavia quanto ao estylo toca muito de

Gongorismo, e pode-se dizer, foi o prototypo da *Phenix-renascida*, e de outras producções, em que tudo deturpavão os *concetti* do Italiano Marini, e do Castelhano Gongora.

O Reinado do Sr. D. José, e a reforma da Universidade de Coimbra trouxerão a restauração das Lettras á Portugal. Então apparecêrão os insignes Poetas Garção, Antonio Diniz da Cruz, Quita, Fr. José Durão, autor do Poema Caramurú : o ameno Gonzaga com a sua Marilia de Dirceo; José Basilio da Gama com o seu bello Poema o Uraguay, e o faceto Dramatico Antonio José.

Pouco porém durárão os bons effeitos dessa reforma pela gallo-mania, que se foi introduzindo na Lingoa Portugueza. O mesmo excesso vicioso, que muitos homens de máo gosto tiverão outr'ora em Latinizar a Lingoa Portugueza, reproduzio-se agora em muitos afrancezando-a : donde tem resultado frases barbaras, repugnantes á indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, e hum estylo multicor, que nem he Portuguez, nem Francez.

He indisivel o que se ha accumulado de Francezias, não só em traducções Portuguezas, mas até em obras de varios generos, de maneira que mais necessita hoje a Mocidade Portugueza, e Brasileira de Diccionario Francez para entender os livros da lingoa materna, do que do Diccionario da mesma Lingoa.

He de crer, que attendendo á abundancia de expressões optimas, que tem a nossa Lingoa para todo o genero de composições, e ainda mesmo reflectindo no grande numero de vocabulos Francezes, que obtiverão prescripção de antiguidade, e gozão da autoridade dos nossos Escriptores, já não ha necessidade, que possa justificar os

homens de recorrerem a huma Lingoa estranha, e aproveitar o resto de vocabulos, e frases, que lhe são proprias, desprezando os termos nacionaes. Por quanto como as palavras melhores, e mais necessarias estão tomadas d'aquelle idioma, as que restão nem são melhores, que as Portuguezas, nem são mais necessarias, por serem Francezas. Não pretendemos com tudo persuadir, que absolutamente não seja licito adoptar mais algumas com prudencia.

Pelo que antes de nos apropriarmos de quaesquer vocabulos estrangeiros, seria boa maxima averiguar, quaes são os que commodamente podemos adoptar, quaes os que devemos excluir; porque ha huns, que parece, não tem huma propriedade tão particular, e vinculo tão estreito na Lingoa, d'onde são tirados, que se não possão facilmente accommodar a outros idiomas: outros ha menos flexiveis, e tão identificados com o caracter nacional de huma Lingoa, que parecem incommunicaveis ás outras; os quaes, digamos assim, não podem passar a raia, sem incorrerem a pena de contrabando, fazendo-se sensiveis pela sua natural dureza.

« As Lingoas (diz Condillac) que se formão das reliquias de outras muitas até encontrão grandes obstaculos aos seus progressos; porque tendo adoptado alguma cousa de cada huma, ficão sendo hum montão enorme de frases, que não são feitas humas para as outras. » Assim succedeo na instituição das Lingoas modernas; por isso da nossa forão excluidos, depois de muito tempo, e experiencia varios termos Mouriscos, ou Arabicos, alguns Latinos, e de outras origens já pela incompatibilidade dos sons

com o nosso orgão, já por falta da analogia, que caracterisa a Lingoa Portugueza: os que parecêrão mais necessarios, se reformárão por nova mudança, e combinação dos sons mais conformes ao genio da Lingoa. E quem duvida, que os mesmos inconvenientes sobreditos se encontrão nessa alluvião de vocabulos, e modos de fallar Francezes, que rapidamente tem passado ao estylo Portuguez?

D'aqui nasce a importantissima lei em transportar as palavras de huma Lingoa para outra, e he a que nos deixou Horacio

« *Licuit, semperque licebit*
Signatum præsente nota producere nomen. »

E conforma-se com os termos de Quintiliano « *Utendum plane sermone, ut nummo, cui publica forma est.* Pelas quaes metaforas *nota*, e *forma*, se declara, que todo o vocabulo estrangeiro, que naturalizarmos na Lingoa Portugueza deve de pôr as notas caracteristicas da sua origem, de maneira que fique perfeitamente semelhante ás palavras nacionaes, com que se ha de ajuntar, e em nada pareça forasteiro, circunstancia indispensavel para se observar a pureza da lingoagem. « *Non alienum est admonere*, (diz o citado Quintiliano) *ut sint quam minime peregrina et externa. Quare si fieri potest, et verba omnia, et vox hujus alumnum urbis oleant, ut oratio Romana plana videatur, non civitate donata.* »

Contra essa lingoagem bastarda Gallo-Lusa insurgirão dous grandes engenhos, e excellentes Poetas, isto he;

Filinto Elysio, e Bocage. Tambem escrevèrão em Portuguez castiço Nicolão Tolentino, rival de Boileau, Antonio Ribeiro dos Santos, Fr. José do Coração de Jesus, Missionario de Brancannes, e traductor dos primeiros Livros das Metamorphoses de Ovidio sob o nome de Almeno, José Anastacio da Cunha, o nosso Brasileiro o Padre A. P. de Sousa Caldas, e o eruditissimo Padre José Agostinho de Macedo.

Apezar da geral epidemia dos Gallecismos existem em nossos dias grandes talentos, que sabem apreciar, e praticão a pureza da nossa Lingoa, pelo que entendemos, devem merecer-nos a qualificação de Classicos. Taes são em Portugal os Snrs. Castilhos, Alexandre Herculano, e J. B. Garret. Taes são entre nós os Snrs. José Bonifacio d'Andrade, cujas Poesias Lyricas são hum modelo de graças, e de atticismo, e seus irmãos os Snrs. Antonio Carlos, e Martim Francisco. Taes são os Snrs. Marquezes de Paranaguá, e Maricá, Visconde da Pedra Branca, os Snrs. Paulo José de Mello, e Odorico Mendes, e o Sr. Caetano Lopes de Moura.

LIÇÃO VIGESIMA.

REFLEXÕES SOBRE A DECADENCIA DA LINGOA PORTUGUEZA.

Se huns olhão com desdem para o bom, que lhes nasce na patria, adorando até a sombra do que he estrangeiro; outros ao contrario são enlevados nos fructos domesticos, que tudo, que he de fóra lhes parece silvestre, e mal sazonado: huns não sentem força, nem energia, nem grandiloquencia, senão nos antigos; os

modernos lhes parecem huns seccos, e mesquinhos, outros froixos e languidos, outros affectados: pelo contrario para outros os antigos são huns rançosos, e insipidos; só nos modernos achão gosto são, puro, e limado.

Que prodigos elogios não derão aos nossos Escriptores os seus contemporaneos? Basta por todos hum só Vieira, idolo, que tem levado os maiores cultos. Fr. Filippe Hortis, Religioso Mercenario de Madrid não lia os sermões do dito Vieira, senão de joelhos, e para justificar a sua idolatria confessou, que naquella reverente attenção mostrava os elogios, que não sabião explicar as vozes. Outros á competencia estudárão os titulos mais estrondosos: qual o denomina Principe de todos os Oradores; qual o chama Mestre universal de todos os Declamadores Evangelicos; qual lhe dá a qualificação do maior Orador de todas as idades: outro affirma ser elle respeitado por oraculo do pulpito entre as nações do mundo: e como estes titulos, e outros semelhantes vierão a ser lugares communs, até houve quem dissesse, que Vieira foi quasi outro Salomão: apenas algum homem de tanto juizo, e tão inimigo de mentiras, como o Padre Manoel Bernardes da Congregação do Oratorio, se contentou de lhe dar os titulos modestos de discreto, e de grande Prégador.

Os exaggerados elogios, que se derão a muitos dos Escriptores Portuguezes, forão causa da pouca estima, e indifferença, que tem havido para com elles. E com effeito quem estiver, por exemplo, pelos elogios, com que engrandecêrão as obras de Vieira, lendo-o esmorece, e não acha o Vieira; crê logo, que ou mentio, ou não

sabia o que approvava o Panegyrista; e assim insensivelmente vem a conceber tedio, e aversão ao autor, quando só o devia ao approvador. E talvez se os contemporaneos deste, e de outros Escriptores nossos fossem mais circunspectos nos seus louvores, se nos não figurassem os Autores do seu tempo como huns gigantes de desmarcada grandeza, podéra ser, que elles nos não parecessem hoje tão pigmeos.

He verdade que Vieira corrompeo a eloquencia Portugueza; mas não corrompeo a Lingoa, assim como o Seneca dos Romanos corrompeo a eloquencia Romana, escrevendo puramente Latim: de outra sorte nem o Orador Portuguez, nem o Philosopho Romano dominarião tanto o gosto dos homens até os levar em seu sequito, se não fosse a pura, e bella locução, com que os illudirão. Huma extraordinaria maneira de pensar commum a ambos estes Autores, que tanto prejudicou o bom gosto, e a eloquencia, foi d'algum proveito á lingoagem, considerada em si mesma.

E certamente não tem a Lingoa Portugueza Autor, a quem mais deva, do que a este homem raro, só digno de melhor seculo O beneficio, que traz ás Lingoas a violencia, que se fazem os Poetas na metrificação, esse mesmo obteve em parte a Lingoa Portugueza por meio do espirito subtil, e agudo do grande Vieira. Elle a enriqueceo tanto, como muitos Escriptores juntos, em longo espaço de annos, e em muita variedade de escriptos não poderião conseguir, usando d'engenho mais moderado; de modo que o que foi grande prejuizo para a eloquencia Portugueza, cedeo em proveito da lingoagem.

De mais em quanto huma Lingoa he escrava da autoridade, não se pode esperar que engrosse muito os seus thesouros. Que progresso, que perfeição, que riqueza poderia ter huma Lingoa, que nunca discrepasse nem hum apice das autoridades de hum, ou outro seculo? Os Escriptores da primeira ordem, esses engenhos raros, que apparecem de seculo em seculo, são os que amplião os apertados limites da Analogia, e como Legisladores se elevão acima do uso, e da Autoridade; e isto fez o Padre Vieira não poucas vezes. Elle com grande destreza deo á nossa Lingoa huma flexibilidade maravilhosa, qual pedia a novidade, variedade, vivacidade, e força de seus pensamentos, de maneira que, se não fora a subtileza de espirito deste autor, ainda hoje não saberiamos, se se podia dizer em Portuguez muita cousa, que elle disse, e muitas vezes pederiamos licença aos criticos para usar de engenhosos termos, e primorosas frases, com que elle exprimio o que antes se não havia escripto. He admiravel a copia da sua dicção, e variedade da frase, a escolha, e propriedade das suas expressões, a elegancia de suas metaforas, e (o que devião ainda hoje imitar os Escriptores judiciosos) a discrição em aproveitar em lugar conveniente as vozes, e frases antigas. Nem se deve deixar em silencio, que a este insigne Escriptor devemos o ter a lingoagem mais expurgada das antigas fezes do dialecto Galliziano, que a cada passo se acha de mistura nos autores, que lhe precedêrão. De tudo isto darão testemunho as suas obras; mas sobre tudo as suas cartas, que temos pela melhor, e mais sã producção, que sahio da penna deste Escriptor, á

excepção d'algumas menos naturaes, e em que domina o seu espirito feito ás nimias subtilezas, de que superabundão os seus sermões. Huma collecção das suas melhores cartas seria dos livros elementares da nossa Lingoa o mais precioso, que se podia metter nas mãos da mocidade.

Supposto porém, que a indulgencia excessiva dos antigos em dissimular os defeitos dos nossos Autores, como tambem a critica indiscreta dos modernos em os reprovar, haja concorrido muito para a indifferença, e ainda para o desprezo, em que muitos os tem; com tudo não foi isso a causa unica, nem a principal, que nos offerece a Historia da Litteratura Portugueza.

Sim, a nossa Litteratura correo a mesma sorte que a das outras naçõcs da Europa. Des d'aquelle tenue crepusculo da restauração das Letras, que com escassa luz deixava discernir as trevas da ignorancia, assentou-se, que para base dos conhecimentos humanos se devia começar pelo estudo das antigas Lingoas, e principalmente da Latina. Favorecia esta opinião o exemplo dos Romanos, que principiavão os seus estudos pela Lingoa Grega; mas ninguem advertio: 1.°, que então a Lingoa Grega se fallava em Roma pelos mesmos nacionaes da Grecia, que ahi vinhão negociar, e que os que a ensinavão erão os mesmos Gregos, que em Roma estabelecèrão escolas publicas: 2.°, que nunca os Romanos consentirão, que se tractassem os negocios publicos, senão na Lingoa Latina, ficando a Grega reservada só para os estudos elementares, e exercicios da Litteratura. Ninguem escrevia em Grego: só fizerão algumas traducções das obras, a que se tinhão applicado;

mas a emulação logo lhes inspirou o darem-se a composições originaes, segundo o que Horacio declara :

Nihil intentatum nostri liquere poetæ,
Nec minimum meruere decus vestigia Græca
Ausi deserere, et celebrare domestica facta.

Sendo verdadeiramente hum erro de methodo principiarem os estudos pela Lingoa Grega, assás o remediavão, dispondo, que ao estudo da Lingoa Grega se seguisse logo a passo iguala o da Lingoa materna, e lição dos Autores Latinos. « *A sermone Græco* (diz o grande mestre Quintiliano) *puerum incipere malo.... non tamen hoc adeo superstitiose velim fieri, ut diu tantum loquatur Græce, aut discat, sicut plerisque moris est.... Non longe itaque latina subsequi debent, et cito pariter ire.*

O mesmo Quintiliano previo, e ponderou bem os prejuizos, que devião seguir-se, como sao: 1.°, a pronuncia do Latim corrupta: 2.°, os vicios do idiotismo estrangeiro, participados pela nimia familiaridade de hum idioma differente, vicios mui difficultosos de se arrancar, concebidos em tenros annos com o primeiro leite dos estudos. Nós mesmos, ainda fóra de circunstancias tão apertadas, temos visto na Lingoa Portugueza a corrupção, que tem induzido a mistura do idioma Francez, e os mesmos Francezes achárão na sua Lingoa outro tanto, quando por condescendencia com as duas Rainhas Italianas, Catharina, e Maria de Medicis prostituirão o patrio idioma ao gosto dos Florentinos.

Sendo porém entre nós as circunstancias mui differentes a respeito da Lingoa Portugueza, e da Latina; pois que

nem esta se falla como Lingoa viva em parte alguma, nem della podemos chegar a ter, senão limitado conhecimento; segue-se, que não nos podemos prometter tão vantajosas esperanças, como tinhão os Latinos da Lingoa Grega.

Com tudo menos mal seria, se á imitação dos Romanos estudassemos ao mesmo tempo a Latina, e a Portugueza: mas primeiramente estudamos a Latina sem termos ainda mais conhecimento da Portugueza, do que o dos abecês da escola: e demais entendem muitos, que quem estuda o Latim está dispensado do Portuguez, quasi não se conhecendo nem Autores, nem regras da Lingoa. Por isso tem sido tão lentos os seus progressos: por isso ella conservou tanto tempo os restos informes dos idiomas, que a gerárão com as misturas do Galliziano Arabico, de forma que ainda hoje podemos dizer do Portuguez, como Horacio disse do Latim.

..... *In longum tamen ævum*
Manserunt, hodieque manent vestigia ruris.

Hoje porém não reina tanto aquella antiga superstição para com a Litteratura Romana; mas converteo-se em critica dos antigos Escriptores, e só se julga bom o que está escripto em Francez; e dessa quasi exclusiva leitura tem resultado o transferir alto e malo para a nosso Lingoa não só vocabulos, senão frases inteiras, idiotismos, tropos, e até a propria construcção da Lingoa Franceza.

« As circunstancias favoraveis para se descobrirem os engenhos (diz Condillac) se achão n'huma nação ao mesmo tempo, em que a sua Lingoa começa a ter principios fixos, e hum caracter decidido. He logo este tempo á epocha dos

homens grandes. » Podemos por tanto inferir desta prudente reflexão, que não se perdendo de vista os Escriptores insignes dessa epocha, os principios da Lingoa se corroborão, e ella chegará á sua maior perfeição, ou pelo contrario, perdida a curiosidade de consultar esses grandes homens, que a illustrárão, os seus principios ficarão sujeitos á variabilidade dos caprichos, e ella padecerá decadencia.

Com effeito, se ha tanto tempo se tem ignorado a verdadeira, e propria analogia da Lingoa Portugueza, se tanto se tem confundido com a analogia Latina, como o inculcão essas poucas Grammaticas Portuguezas, que se tem visto; se tanto se tem abusado das etymologias, buscando a material semelhança da Lingoa Latina, como perfeição exquisita; se o pedantismo tem introduzido mil alteraçõcs frivolas, usurpando o poder do legitimo uso; se tantas palavras puras, e proprias se tem proscrevido com o pretexto de baixa grosseria; se tantos vocabulos se vão ultimamente mendigando da Lingoa Franceza, que nem são necessarios, nem melhores, que os nossos; finalmente, se temos perdido tantas expressões bellas, que usárão os nossos classicos; donde resultárão todos estes accidentes, senão da incuria de revolver esses mestres, e depositarios da nossa Lingoa?

Os Italianos gabão a sua Lingoa de ser tão invariavel assim nas palavras, que são sempre as mesmas, como nas suas regras quasi todas constantes, que os mais antigos livros desta Nação são ainda hoje lidos, e entendidos, de maneira que depois de tantos seculos, os criticos mais delicados quasi não achão nelles cousa, que se deva mu-

dar, ou reformar. Poderemos nós contar semelhante invariabilidade na nossa Lingoa entre as excellencias, de que alguns superficialmente declamárão? Nós, que quasi a cada passo precisamos de commentario, ou de hum especial Diccionario dos vocabulos, e frases dos nossos bons Escriptores?

Talvez se diga, que isso está no poder do uso, que ninguem pode vedar; que assim tem acontecido mais, ou menos em todas as Lingoas vivas, e que até a Lingoa Latina soffreo tanta mudança, que, segundo narra Polybio, só desd'a primeira guerra Punica até a segunda, já nessa se não entendião os primeiros tractados, que os Romanos tinhão feito com os Carthaginezes, não chegando bem a cincoent'annos a differença do tempo. Concedemos, que o uso em todas as Lingoas introduz suas mudanças, nem de outra sorte poderião aperfeiçoar-se as Lingoas: este uso porém he mais discreto, e mais moderado, e menos inconstante nas suas mudanças, quando os Autores classicos nos são familiares; mas não acontece assim, quando a Lingoa ainda não tem Escriptores, ou quando deixados estes de parte, nos familiarisamos com Autores estranhos, de quem tomamos os idiotismos; porque então se origina a corrupção de huma Lingoa.

Para conhecermos quanto he nociva a variabilidade do uso imperito, e quanto pode lavrar a corrupção de huma Lingoa, cessando o conhecimento dos seus Autores, observaremos, que ha muitos termos no uso popular desfigurados, e pervertidos, cujos exemplares puros existem nos Autores classicos; mas por estes serem já tão desconhecidos como os mesmos Autores, prevalecem os corruptos,

de maneira que ainda as pessoas bem educadas os tomão por palavras do uso, cuidando, que assim são, como soão, e porque não tem á mão as palavras sãs para as combinar, e discernir, assim as empregão como as ouvem, e fallão, ou escrevem ás vezes bem barbaramente aquelles mesmos, que devião ser exemplo de lingoagem pura, e correcta.

Para a perfeição de qualquer obra não basta só, que as palavras sejão Portuguezas, he preciso, que sejão escolhidas. A escolha he a base da Eloquencia, e a propriedade das expressões o ponto mais essencial em delicadeza de estylo «*Entre toutes les différentes expressions* (diz La Bruyere) *qui peuvent rendre une seule de nos pensées, il n'y a qu' une, qui soit la bonne: on ne la rencontre pas toujours en parlant, ou en écrivant. Il est vrai neanmoins, qu'elle existe; que tout ce que ne l'est point, est foible, et ne satisfait point l'homme d'esprit, qui veut se faire entendre.* Donde vem logo, que hajão Escriptores tão indulgentes nesta parte, senão porque se contentão de explicar-se, como querem, sem cuidado de fallar, como outros tem fallado? Como se podessemos livremente ser autores da Lingoa tanto quanto das opiniões, e dos systemas sem dependencia de outra alguma autoridade. Mas he temeridade, e vã presumpção; porque he impossivel sem muito uso de ler os Autores classicos conhecer toda a propriedade, os gráos de conveniencia das palavras, as suas varias configurações, &c., donde nasce a pureza, a correcção, a elegancia da lingoagem, e a clareza do estylo.

Todavia releva advertir, que a respeito da lingoagem não tem os mesmos Autores classicos autoridade absoluta, senão respectiva, isto he; com suas limitações. Sujeitos

ha tão supersticiosos dos classicos, e que de tal sorte jurão nas palavras desses Autores da sua veneração, que tem por heresia, se alguem lhes impugna huma, ou outra; tão amarrados á servil imitação, que se lisongeão como de ter feito maravilhas, quando mesclárão o seu discurso de certas palavras tiradas de Barros, Lucena, Brito, Sousa, ou outro de reputação classica; semelhantes a aquelles, que Quintiliano diz, se jactavão de estylo Ciceroniano toda vez que rematavão hum periodo com o decantado « *vobis esse videatur* ». E não são aquelles os melhores Autores da nossa Lingoa? Não he mui Portugueza a sua frase? Quem o nega? Porém ha mais do que isso; porque a mesma circunstancia, que nos faz a nós, que os seguimos, o exercicio da Lingoa mais facil, do que elles o achárão, quando escrevèrão, sem terem outros Autores taes como elles, a quem seguissem; essa mesma circunstancia, senão for acompanhada de prudente cautela, e discrição, vem a ser damnosa.

Distinguindo pois, como deve ser, Lingoas mortas, e Lingoas vivas, manifestamente se collige a differença de autoridade nos Escriptores de humas, e outras. Nas Lingoas mortas, considerados os differentes periodos da sua origem, progresso, perfeição, e decadencia, tem-se por Autores classicos: 1.°, aquelles, em que se terminou o complemento, e perfeição da Lingoa respectivamente aos periodos anteriores, e posteriores: 2.°, todos os Autores mais proximos a estes, que mais ou menos sustentárão a Lingoa no seu primeiro vigor, ainda que com sua differença no que respeita ao theor da frase, e estylo do discurso.

Conseguintemente a autoridade desses escriptores he

absoluta para nós, isto he; ninguem põe controversia, se os termos, e frases, de que usárão, são os da mais pura Latinidade, em quanto a Lingoa Latina se fallou; nem se disputa, se outras palavras, ou frases são melhores, ou mais polidas, pela presumpção em que estamos, de que n'aquelles Autores se terminou tudo o que foi mais perfeito n'aquella Lingoa, em que o uso já não exercita o seu poder, e jurisdicção.

Porém nas Lingoas vivas, e por conseguinte na Portugueza a autoridade dos Escriptores não se estende a tanto; porque não ha Autores classicos, que constituissem termo de perfeição, ou *non plus ultra* na Lingoa Portugueza, nem isso podia ser, durando o uso e exercicio nacional desta Lingoa. Os que temos por Autores classicos são só aquelles, que com o seu talento contribuirão mais para o progresso da lingoa, e sua maior perfeição, ampliando os limites da analogia; e a melhorárão emendando alguma cousa da sua antiga rudeza, e irregularidade, cujo beneficio resulta de que qualquer Escriptor insigne, além do caracter predominante do idioma, em que escreve as suas obras, exprime o seu caracter proprio, que fica sendo subalterno ao da Lingoa, e nella se mistura, como huma especie de tintura, de maneira que os termos, e frases da Lingoa debaixo da penna do Autor, tomão tanto de modificações novas, e varias, quanto o seu espirito he menos vulgar, e mais original. Tal foi o de Barros, Brito, Sousa, Camões, Vieira, e outros, a quem deve infinitamente a nossa Lingoa.

Nenhuma das Lingoas modernas, nem tão pouco a Portugueza, tem chegado o hum ponto de perfeição maior; pois que, como observa o já citado Condillac, a perfeição

das Lingoas he obra do tempo, e de reflexões successivas, dependentes das luzes, e conhecimentos dos povos, da policia, commercio, e forma de governo; e as revoluções são mais tardias nestas Lingoas, do que nas antigas, por terem sido formadas dos restos de muitas outras de diversos caracteres; antes podem occorrer muitas causas, que obstem, ou interrompão os seus progressos. Huma autoridade póde ser derogada por outra autoridade, e as leis de hum uso pelas leis do uso superveniente. E deste modo se esta nossa idade der Autores insignes, aquelles serão Catões, e Graccos para os vindouros, e os Autores deste tempo serão Autores classicos para o futuro. Conseguintemente nas Lingoas vivas, e por tanto na Lingoa Portugueza os Autores classicos não podem ter, senão autoridade limitada, isto he; subordinada em muitas particularidades ao gosto, e juizo dos bons Autores, que tem florecido depois delles, e dos que actualmente florecem. Seja porèm qual for o merito dos Autores classicos não he tamanha a sua autoridade, que nos obrigue a ter como regra indispensavel da lingoa tudo o que se encontra nos seus escriptos, ou a entendermos, que nada se podia dizer melhor; porque fora absurdo crer, que tudo, que se acha nos insignes Escriptores, não só no estylo em commum, senão na lingoagem, he a ultima perfeição, a que se podia chegar; opinião erronea, que abraçou o famoso Erasmo, homem aliás de tão apurada critica. Forão esses Autores homens de grande talento, e muita litteratura: mas em fim erão homens. Tem seus defeitos, que os doutos censurão. Os pensamentes talvez nascèrão com a medida da esphera do seu talento; mas as expressões nem sempre tem medida

correspondente aos pensamentos: as palavras vão acompanhando os pensamentos taes como se offerecem; mas o habito particular, que tem o escriptor com certas expressões, a lição de certos livros de sua preferencia, o uso particular do paiz, o tracto quotidiano, outros prejuizos podem causar varias desproporções na lingoagem, tomando-se o vocabulo da ideia accessoria pelo da ideia principal, da simples pelo da composta, ou vice-versa, das collateraes pelo da ideia media: já quanto maior he a prerogativa de facilidade no Escriptor, tanto maior a sua illusão, tomando por synonymos os vocabulos, que em realidade tem o seu valor taxado: accrescentemos ora a distracção, a inadvertencia, a preguiça de combinar, e calcular com paciencia, vagar, e exactidão as cousas, causa de muitas negligencias, que Horacio achava nos seus Poetas, de maneira que ás vezes de seis ou oito modos de expressar hum só era o unico; mas esse mesmo ou se não procura, ou se despreza, ou está escondido, e não se acha, e lá vai substituido no contexto por huma palavra de outra classe, de differente valor, e diverso colorido.

Sabemos, que os insignes Escriptores da antiguidade gastavão não só dias, mas annos em limar, e polir as suas obras, e grande parte deste trabalho consistia na correcção de estylo, e lingoagem; signal que as palavras, que primeiro se lhes offerecêrão, a que tinhão ligadas as ideias, não tinhão tão justa correspondencia ou com as ideias, ou com as regras da Lingoa, ou com as leis do uso, quanto elles desejavão.

Tito Livio era tido entre os Romanos por homem de eloquencia admiravel, e Pollio não deixou de lhe notar hum pouco de dialecto de Padua. De Plauto dizia Varrão,

que se as Musas quizessem fallar em Latim, não tomarião outra lingoagem, senão a deste Poeta; com tudo acha-se a sua frase muitas vezes pouco castigada, muitas palavras antigas, muitas fabricadas livremente para mover o riso. Sallustio hum dos historicos de maior estimação, e escrevendo no tempo de Cesar, e de Cicero, não se exime da pécha de ter affectado muitos termos, e modos de fallar antigos. O mesmo Varrão, oraculo de erudição entre os Romanos, carregou os seus escriptos de bastantes expressões velhas, e construcções extraordinarias, que os criticos lhe não perdoárão. Finalmente, dos mais excellentes, que tem havido, ainda se não achou hum tão completo, em que nada se desejasse, nada se censurasse.

Todavia assim como estas reflexões nos devem prevenir contra huma condescendencia credula, e enthusiasmo da autoridade, assim deverá moderar a insolencia critica, e o pedantismo dos que rejeitão as melhores cousas dos nossos Autores, confundindo-as com as imperfeições da lingoagem mais proprias do tempo, que dos Autores; ou, o que não poucas vezes acontece, notando por defeitos as mesmas cousas, que não entendem; desdenhando em geral da sua frase, que em muita parte não parece rude, senão por nos ser desconhecida; devendo advertir, que essas, que hoje são para nós expressões velhas, n'outro tempo forão novas, e tão florentes, como as que agora temos mais frescas. « *Quæ vetera nunc sunt* (diz Quintiliano) *fuerunt olim nova.*

LIÇÃO VIGESIMA PRIMEIRA.

QUAL DEVA SER A ESCOLHA DAS PALAVRAS, DE QUE SE SERVIRÃO OS CLASSICOS DO SECULO 15 E 16.

Sendo incontestavel, que o uso varia os vocabulos, e frases, e que a sua mutabilidade he constante em todas as Lingoas, que se fallão ; segue-se, que nellas devem de haver vozes, e expressões, que mais, ou menos se alonguem do uso corrente, segundo as differentes epochas das mesmas Lingoas, e circunstancias, que induzirão as suas rezoluções.

Devemos por tanto distinguir entre todos os vocabulos, e frases, que formão o corpo da Lingoa Portugueza, des d'a sua infancia até o tempo presente huns, que podemos chamar antigos, outros, que se devem ter por antiquados. Por antigos entenderemos os vocabulos, que corrèrão antes de nós : chamaremos porém antiquados aquelles, que já vão tão longe dos nossos tempos, que quasi se perdèrão, nem ha memoria delles ; guardada a mesma differença, que os Latinos observavão na sua Philologia « *Antiqua* (diz Vossio nas suas Instituições Oratorias) *id est, quæ ante nos fuere: antiquata, id est, inusitata.* »

Nenhumas palavras se devem ter por antiquadas, ou desusadas, se se achão nos Escriptores do seculo mais florente da Lingoa, ainda que talvez se não encontrem com muita frequencia, mas sejão mais, ou menos antigas, mais, ou menos usadas nos insignes Escriptores,

serão examinadas segundo as limitações da critica judiciosa; por quanto a differença de termos antigos, ou antiquados não nasce precisamente do tempo, em que principiárão a servir; mas sim do tempo, em que se principiou a largar mão delles. Palavras ha, que sendo na origem antiquissimas, ainda tem seu uso, e no uso sua formosura, segundo o sentir de Quintiliano — *Quædam adhuc vetera vetustate ipsa gratius nitent; quædam etiam necessario interim sumuntur.* — Outras ficárão na plebe, e muitas ainda conservão seu foro no uso familiar; o que nasceo de dous principios: 1.°, do gosto, e escolha dos Escriptores, que no-las conservárão: 2.°, do povo, e principalmente dos rusticos, de quem podemos dizer o que Cicero affirmava das mulheres Romanas, que conservão muito a lingoagem antiga, e que por isso mesmo que lhes falta a diversidade de communicações, nunca chegão a largar as vozes, que primeiro aprendêrão. D'onde concluimos, que as palavras antigas ainda se podem usar; as antiquadas por nenhum modo.

As Lingoas são mais, ou menos perfeitas á proporção que são mais, ou menos proprias para as analyses. Mas por ser huma Lingoa muito azada para as analyses, não se segue, que seja igualmente propria, e abundante no exercicio da imaginação, que reina em a vida humana, e he quasi a alma da Eloquencia, e da Poesia; e tão vasto e variado, que jámais se achou Lingoa tão copiosa, que o possa satisfazer completamente. Todos os homens em commum no tracto da vida humana, isto he; fóra das especulações dos sabios, não se cansão com analyses: as suas operações tomão differente tom, e seguem mais

a vivacidade, e os impulsos da imaginação, do que os movimentos compassados de huma reflexão, que tudo combina, e tudo calcula; e nesta parte até os Philosophos são povo. Logo a lingoagem da imaginação deve ser mais variada, e por conseguinte necessita de grande variedade de termos, não só dos que se chamão simplesmente synonymos, mas dos que assignalão os gráos, e modificações das ideias, e sentimentos procedidos do diverso modo, com que a alma vê os objectos.

Para a perfeita pintura dos seus quadros servem aquellas qualidades da elocução, que a Rhetorica recommenda, ou huma só por todas, isto he; a propriedade, a que se refere tudo o que Cicero chama *apte congruenterque dicere*, e tudo, que se denomina arte de escrever : porque nesta propriedade se encerra: 1.°, *a propriedade dos termos* respectivamente ao uso da Lingoa, e regras estabelecidas, e he o que se chama *pureza*: 2.°, a propriedade dos termos por ordem ás ideias do entendimento, e sentimentos do animo, a que chamão *clareza*: 3.°, a propriedade da frase, e estylo com os objectos das ideias, a que outros chamão conveniencia do estylo com o tom da obra, ou com o genero da materia, v. g. serio, ou jucundo, grave, ou jocoso, simples, e natural, ou heroico, sublime, e pathetico, &c. : 4.°, a propriedade do colorido, ou conveniencia do estylo com o objecto particular, que se representa doce, ou agradavel, terrivel, ou atroz, &c. : 5.°, a propriedade, ou conveniencia do estylo com o movimento da acção, que faz a que chamão harmonia imitativa, não menos necessaria á Eloquencia, que á Poesia.

He claro, que todas estas qualidades presuppõe na Lingoa

hum fundo de termos, e expressões de diversas ordens. Na falta destas entrárão as translações: mas essas não chegão a tudo, e as que ha n'huma Lingoa faltão em outra, como experimentão os que traduzem obras de Eloquencia, e sobre tudo as de Poesia. A esta penuria soccorrem tambem os termos suppletorios, ou circumlocuções; mas estas o mais das vezes não representão as ideias por inteiro, e muitas vezes mais as desfigurão, do que as representão. Finalmente concedeo-se adoptar palavras de outros idiomas, e anovar algumas das raizes da Lingua Nacional; mas pela maior parte estas padecem grande violencia. Quanto mais opportuno pois não será resuscitar as palavras Portuguezas, que já tiverão serventia; e posto que aposentadas, não perdêrão a autoridade, antes pela mesma interrupção do seu uso adquirirão huma certa fidalguia da sua ancienidade, que concilia á frase huma certa gravidade magestosa, ao mesmo tempo que pela novidade causão deleite?

Vejamos a este respeito qual a regra do sempre grande Mestre Quintiliano. « *Propriis dignitatem* (diz elle) *dat antiquitas: nam et sanctiorem et magis admirabilem faciunt orationem, quibus non quilibet fuerat usurus.* » E mais adiante, fallando das palavras antigas, diz: *Afferunt orationi majestatem aliquam non sine delectatione; nam et auctoritatem antiquitatis habent; et quia prætermissa sunt, gratiam novitati similem parant:* »

Essas palavras alèm disto podem ter algumas vezes huma particular propriedade, quando se falla de cousas, ou pessoas, ou costumes antigos. Mas qual será o modo prudente de renovar o antigo uso dos termos da nossa Lingoa,

que se deixárão esquecer? Os Latinos, que nos deixárão exemplo nos seus bellos escriptos do que praticárão na Lingoa Latina, tambem nas suas reflexões nos derão regras do que hoje judiciosamente se pode praticar nas Lingoas modernas. « *Opus est modo* (diz Quintiliano) *ut neque crebra sint hæc, neque manifesta, nec utique ab ultimis et jam obliteratis repetita temporibus.* » Eis-aqui a que se reduz tudo o que se deve observar sobre o uso das palavras dos nossos Autores Classicos, isto he; moderação a respeito da quantidade, moderação na applicação dellas, e attenção á sua qualidade.

A quatro regras pois reduziremos esta materia, e vem a ser: 1.ª, que as palavras antigas não sejão amiudadas: 2.ª, que não usemos dellas com affectação: 3.ª, que não sejão trazidas dos primeiros seculos da monarchia : 4.ª, que sejão empregadas segundo a necessidade da materia, da obra, e da situação das pessoas.

PRIMEIRA REGRA.

Substituindo-se a cada passo os termos antigos, por bons, que sejão, aos que hoje estão recebidos, seria como fallar duas Lingoas em Portuguez; pois que estão no mesmo parallelo as palavras Portuguezas já desusadas, que as estrangeiras, que nos são desconhecidas. Se são com tudo raras, ou repartidas com boa economia, e boa escolha, não se desconfia dellas, e além da energia, que muitas dellas tem, servem de certo esmalte ao estylo, como já dissemos : mas se se ajuntão muitas, ou amiudadas, forma-se huma frase parte mysteriosa, parte rançosa, e

ridicula, que enjoa de morte; effeitos inteiramente contrarios aos que os Escriptores judiciosos procurão nas suas obras.

Em verdade se com razão a critica reprova até o uso frequente das metaforas, por mais brilhantes que sejão; quanto mais reprehensivel não será a frequencia de palavras, que o uso presente não reconhece? Louva-se em Homero a prudente industria, com que ligou, e reunio a diversidade de dialectos com tal parcimonia, que parece, tudo se confunde com o dialecto predominante, sem o perverter. Louva-se em Virgilio (a quem Quintiliano por isto mesmo chama homem de delicado gosto, *acerrimi judicii vir*) a artificiosa temperança, com que ornou a sua poesia, resuscitando as vozes da antiga Latinidade. A mesma liberdade louva Addison no seu Milton: a mesma tomárão louvavelmente alguns dos nossos Poetas, e os de outras naçoes modernas, posto que nem todos imitárão mui severamente a discrição do Poeta Latino. E se ainda nos Poetas se culpa a nimia profusão, quanto mais reprehensivel será nos Escriptores de inferior ordem?

Não reprovamos com tudo algumas expressões, que postas em seu lugar, serião boas: aqui reparamos sómente no excesso, quando a razão pedia muita moderação, quanto mais *ne crebra sint.* Horacio com ser Poeta, nas suas satyras, e Epistolas, que são verdadeiramente huns discursos, ou dissertações sobre a Moral, e cousas de erudição, não entendeo, que era bizarria do seu talento varrer todo o Latim do seculo das primeiras guerras Punicas. Quanto mais que se Pina, Barros, Paiva, &c., não fallárão do que nós fallamos, de que nos servem

os termos, que elles tomárão para differente proposito?

Se houvessemos necessariamente de incorrer n'hum de dous prejuizos, ou de perder as palavras Portuguezas antigas, ou de perder as modernas, substituindo-lhe antigas, quem duvidaria decidir pela conservação das modernas, que estão de posse? Mas a questão he restituir as boas expressões antigas, que se deixárão esquecer; e não substituir lingoagem velha á nova lingoagem: e este montão indigesto de termos, e locuções dos Escriptores passados sem escolha, nem modo, que quer significar, senão hum gravissimo absurdo? Porque deste modo, sem expressamente o declararem, dizem, que tudo o que hoje se falla são *verborum factores*, e que só o que fallou, e escreveo ainda no seculo de D. Affonso Henriques, era almiscar o mais subido.

SEGUNDA REGRA.

Não ha cousa mais odiosa no fallar quer vocal, quer escripto, do que a affectação; e não só na reputação dos eruditos, mas ainda no juizo da gente do vulgo. Por muitos modos se commette este vicio, mas o principio mais geral, a que todos vão parar, he quando parece, se dizem as cousas por amor das palavras, e não as palavras por amor das cousas; que he, segundo o prescripto da natureza, o unico fim, para que devem servir; de maneira que toda a belleza das palavras, que não nasce da sua união com as cousas, he fantastica, he affectação, e presuppõe gosto estragado.

Ha certos amantes da antiguidade, que fazem seus peculios desses termos, que erão familiares aos Escriptores da sua veneração, como proprios do seu tempo. E d'aqui o gosto da antiguidade não só os amarra aos Autores; mas faz, que todas as suas palavras, e locuções sejão as suas mimosas, e queridas: estudão-nas pelas suas collecções, e a paixão, ou antes mania pela veneravel antiguidade lh'as pinta sempre no cerebro com hum genero de predilecção, e preferencia ás expressões do uso, e lhes fecha os olhos para conhecerem, que o seu trabalho, e estudo dessas collecções de palavras he pueril, e infeliz, além de ter pouca utilidade. A luz da critica seria bastante para lhes fazer conhecer, que não consiste a abundancia d'huma Lingoa, nem a fertilidade do discurso, e gravidade de eloquencia na esteril torrente de palavras.

E na verdade que cousa mais fastidiosa, e nogenta, do que andar catando aqui, e alli vocabulos, frases, e idiotismos de Barros, Lucena, Sousa, Brito, Vieira, &c., &c., para os arrumar no discurso, formando dest'arte hum estylo extravagantemente variegado e ridiculo? Alguns ainda fazem peior; porque fallando, ou escrevendo com innumeraveis gallicismos, a par destes collocão palavras e locuções antigas dos nossos classicos, e vem a compor huma bandeira de retalhos.

Quem soffrerá sem nausea n'hum discurso instructivo, serio, e de poucas paginas (como existe impresso) aqui— gerações de instrumentos, com que a verdade se pode desabafar dessa *civel camada de erros*?—Poucas linhas depois « *Se tendes vossos pesos, e balanças assi correntes, e*

aferidos, que podeis esmar, e lealdar ao certo, &c. » Logo adiante » Se a voss'alma da sua *alcaçova* mandou *escuitas, e vellas.* Quem pode ler hoje, ou ouvir sem nausea— *Que nos acheguemos com fiuza ao throno da graça, para que precalçando a misericordia no auxilio opportuno, filhemos a coroa, que senão murcha, &c.* ?

TERCEIRA REGRA.

Regularmente não podem servir as palavras trazidas dos primeiros seculos da Monarchia, de que já quasi não ha memoria. Dizemos regularmente; porque como a nossa Lingoa teve varias origens, d'aqui veio o conservarem-se dos primeiros Escriptores, e do antigo uso varias expressões, que ainda se achão nos Autores proximos ao nosso tempo: o que não aconteceo tanto na Lingoa Grega, nem na Latina, que tiverão origens mais fixas; por isso vocabulos ha, que com serem antiquissimos não passão por antiquados, e outros mais recentes já estão esquecidos. Supposta esta restricção, o que dizemos nesta Regra deve-se entender não só das palavras consideradas simplesmente, mas tambem consideradas collectivamente, isto he; das frases, e modos de fallar do uso antigo. Sobre quaes sejão as palavras mais antigas advertiremos, que humas só mudárão a antiga significação, tomando outras analogas á primeira, como *Lindo, Linda*, que os antigos entendião por *limpo*, ou *puro*: hoje usa-se na significação de *bonito, formoso,* ainda que se não diz lindo, nem bonito em discursos graves, nem de cousas, ou pessoas respeitaveis.

Do mesmo modo *afortunado* se tomava por *anciado*, opprimido de afflicção: hoje porèm não se usa, senão na significação de feliz. *Estado* dizia-se n'outro tempo em toda a occasião, em que hoje se diz pompa, apparato: mas hoje só significa (pelo que respeita á analogia da primeira significação) a gente, que levão em sua comitiva o Principe, e os Grandes, e só na invectiva, ou zombaria se diz das pessoas ordinarias, fallando do seu tractamento esplendido.

Confortar se dizia amplamente por consolar: hoje só se usa restrictamente, e com propriedade na consolação, que se dá ás pessoas consternadas de afflicção: quando se diz simplesmente de prazer, que se dá a alguem, ou que alguem tem, serve o verbo *consolar*. Outras palavras perderão-se de todo; porque as cousas vierão a ter novas denominações. Assim *sina* por bandeira, *cimo*, ou *cima* por fim; *cimar*, *e encimar* por acabar, concluir; *trigar-se* por apressar-se, e os derivados *trigança*, pressa, *trigoso* apressado; *filhar*, tomar, *britar* quebrar, e outros hoje não significão nada; perdèrão o foro, perdèrão o serviço, são palavras desconhecidas. Outras só mudárão a forma como *fremosura* mais antigo, *fermosura* posterior; *formosura*, moderno. E nos verbos, *sondes* por *sois*; *avedes*, por haveis, *seredes* por sereis, que hoje são lingoagem barbara.

Quaes serão porém dos vocabulos antigos os que podemos seguir, quaes os que devemos rejeitar? Regras particulares nesta materia servirião de governar a discrição, ou prudencia humana, cuja inspiração, se falta, nenhumas regras a supprem. O Grande Quintiliano deixou-nos a este respeito o dictame mais judicioso, dizendo, que

assim como dos vocabulos modernos são melhores os mais antigos, do mesmo modo dos vocabulos antigos os mais modernos serão os melhores. « *Ut novorum optima erunt maximè veterœ, ita veterum maximè nova.* »

REGRA QUARTA.

He de advertir, que tanto no uso das palavras antigas, como na invenção das palavras novas, mais liberdade se concede ao Poeta, menos ao Historiador, menos ao Orador, e menos que a estes aos demais. A necessidade justifica o uso de taes expressões, e esta decresce por degráos, segundo os differentes generos de materias, e extensão do discurso. Por isso na Poesia, geralmente fallando, os vocabulos antigos tem seu decóro, e gravidade, outras vezes graça pela novidade, ou raridade, principalmente em assumpto extenso, onde não convinhão os termos ordinarios já empregados.

A Historia tem entre as composições de prosa hum lugar proximo á Poesia ; e por isso não he de admirar, que nesta parte, como no de mais, que pertence á locução se permitta ao Historiador mais, que a nenhum outro Escriptor prosaico, pois que a Historia he huma especie de espectaculo, e na sua antiga origem foi sempre assumpto de Poesia, e ainda tem seus privilegios, de que se não podem aproveitar os Oradores; por isso nada lhe he tão necessario em lingoagem, como a gravidade, e variedade de expressão. Tito Livio o mostrou na abundancia, e riqueza

do seu estylo. Salustio, emulo de Thucydides na sua concisão, e ainda Tacito, escrevendo n'hum tempo, em que os engenhos refinados apenas consentião cousa, que cheirasse a antiguidade, disse com muito juizo—*Intelligentem humani divinique juris mentem duint*— : onde *duint* cahe bem na pessoa de Tiberio, que era apaixonado pela lingoagem antiga.

No estylo familiar da conversação, ou das cartas, que pede os termos correntes, e naturaes, e no estylo solido, e severo dos tractados instructivos, cujo ponto essencial he clareza, e concis o, escusado he declarar o effeito da vã diligencia dos curiosos, que se apostassem a inculcar expressões antigas, ou ainda menos conhecidas; porque he de crer, que serião pagos de huns com riso, de outros com desprezo. Isto fallando de ordinario ; porque pode dar-se caso, em que a necessidade, ou utilidade d'alguma expressão a faça desculpavel, ou ainda plausivel ; sobre tudo quando se escreve a homens doutos, e intelligentes na Lingoa : e ainda então, quando alguma palavra parece mais dura, se lhe costuma juntar seu correctivo, v. g., *para assim dizer : a fallar como os nossos antigos, ou seja-me licito usar da frase de Barros, Lucena, Sousa, Arraes, Brito, Freire, Manoel Bernardes, ou Vieira, &c., &c. :* no que se vê, que usamos de taes expressões, não por leveza, ou jactancia; mas com juizo, e boa advertencia. Cicero tão exacto, como he nas Cartas familiares, em não seguir, senão a lingoagem do uso mais polido, nas que escreveo a Attico não escrupulisou de usar de *Noctuabundus Rauduscul um, Averruncare, Muginari, Tricari*, e alguns outros termos, que erão do Latim velho, mas que

segundo as circunstancias do sugeito, a quem escrevia, fazião hum estylo ameno, e desenfastiado.

Finalmente mui util he sem duvida o estudo dos classicos: mas cumpre, que este estudo seja feito com a devida critica, a fim de que não venhamos a cahir no vicio do *Arcaismo*, não menos reprehensivel, que o *Neologismo*. Em meu humilde entender incorreo n'aquelle o alias estimavel Poeta Francisco Manoel do Nascimento. (Filinto Elysio) Justamente indignado dos ridiculos gallicismos, com que via deturpada a rica, e formosa Lingoa de Camões, e Vieira, quiz de certo modo desafronta-la, resuscitando os vocabulos das mais remotas epochas da Monarchia; e querendo fugir d'hum extremo, cahio em outro.

Quando vos recommendo, Senhores, a lição dos melhores classicos da nossa Lingoa, não he tanto para que adopteis alto, e malo as palavras, de que se elles servirão, quanto para que lhes imiteis a locução, o modo de dizer, que nisto he que está principalmente o grande merito material da Eloquencia. Assim como todo o homem tem huma physionomia, que lhe he propria, e o distingue de outro qualquer, do mesmo modo as Lingoas tem, por assim dizer, a sua physionomia. A Lingoa Portugueza he mais transpositiva, do que a Franceza, por ex.; e conseguintemente dar-lhe o mesmo torneio, o mesmo geito, que aquella, he desfigura-la, e tirar-lhe toda a sua força, graça, e bizarria.

Estudemos pois os classicos da Lingoa; que nelles acharemos bellas frases, excellentes metaforas, formosas descripçoes, &c., &c.: e deste modo poderemos ter hum cabedal sufficiente para exprimirmos, com propriedade os nossos

pensamentos. Aquelle que se familiarisar com o estylo de Ferreira, de Barros, de Fernão Mendes Pinto, de Lucena, de Brito, de Fr. Luiz de Sousa, de Amador Arraes, de Jacintho Freire, de Vieira, e Manoel Bernardes, esse, se além disto for dotado de talento, e de gosto, adquirirá os creditos de Orador, ou de Escriptor eloquente.

INDICE

DAS MATERIAS DESTE VOLUME.

Pag.

LIÇÃO I. Do Bello. Bello natural. 1
LIÇÃO II. Do Bello Moral. 14
LIÇÃO III. Da Belleza das Abstracções. Bello Artificial. 24
LIÇÃO IV. Do Bello Ideal. Do Bello Imitativo. Do Bello Sensivel 47
LIÇÃO V. Da Gradação, ou Escala do Bello. Bello Elegante, e gracioso. Bello Grande e Sublime 51
LIÇÃO VI. Do Sublime Moral. Estylo Oratorio 76
LIÇÃO VII. Exemplos dos dous Estylos, Simples, Florido 86
LIÇÃO VIII. Do Estylo Sublime 100
LIÇÃO IX. Continuação da mesma materia 114
LIÇÃO X. As Despedidas da Imperatriz Amelia ao Menino Imperador adormecido. O que são as paixões 132
LIÇÃO XI. Da Pronunciação, e Acção 152
LIÇÃO XII. Continuação da mesma materia. Meios do fazer progressos na Eloquencia 168
LIÇÃO XIII. Da Eloquencia Judiciaria 180
LIÇÃO XIV. Das Provas indirectas, ou Artificiaes 193
LIÇÃO XV. Da Eloquencia Militar. Da Eloquencia Deliberativa. 207
LIÇÃO XVI. Das qualidades do Orador nas Assembléas Deliberantes 217
LIÇÃO XVII. Da Eloquencia Especulativa. Do Sermão, ou Eloquencia Sagrada 236
LIÇÃO XVIII. Dos Elogios funebres 255
LIÇÃO XIX. Reflexões sobre os Classicos da nossa Lingoa 268
LIÇÃO XX. Reflexões sobre a decadencia da Lingoa Portugueza 285
LIÇÃO XXI. Qual deva ser a escolha das palavras de que se servirão os Classicos do seculo 15 e 16 300

LISTA DOS SENHORES SUBSCRIPTORES.

Abbade de S. Bento 1
Agostinho dos Santos Collares 1
» Jacinto de Mendonça. 1
Alexandre Maria de Mariz Sarmento. 1
Alexandrino Maria da Gama Sousa e Mello 1
Amancio José Pereira de Andrade 1
Anonymo 1
Antonio Alves de Miranda Varejão 1
» » Pereira Filho 1
» Antunes Guimarães filho 1
» Augusto Luso Guimarães 1
» » da Silva Canedo 1
» da Costa Rego Monteiro 1
» da Cunha Vasconcellos 1
» Dias Bello. 1
» » da Costa 1
» Faustino Cezar 1
» Felix Martins. 1
» Fernandes da Silveira e Carvalho. 1
» Ferreira dos Santos 1
» Francisco de Sousa 1
» Gonçalves de Mattos. 1
» » Teixeira e Sousa 1
» José Ferreira Magalhães 1
» » Rodrigues Capistrano. 1
» » da Silva Corrêa 1
» » da Silva Pereira 1
» » da Veiga 1

Antonio José Victorino de Barros 1
» Lopes de Oliveira Araujo 1
» Manoel Alves Rego 1
» » de Campos Mello 1
» » Fernandes Senior 1
» Maria Barker 1
» Mauricio 1
» Marques de Sousa 1
» » Ferreira 1
» » de Oliveira 1
» Maximo de Sousa 1
» Nicolao Telentino. 1
» de Oliveira Torres 1
» Paulino Limpo de Abreo 1
» Pereira de Carvalho 1
» » Rebouças 1
» Pinto de Mendonça 1
» » Velasco 1
» Thomaz de Godoe 1
» da Silva Chiapp 1
» da Silva Favilla 1
» Torquato Leite Brandão 1
» Teixeira de Carvalho 1
A. A. Gomes 1
A. F. Guimarães 1
A. F. de P. H. Cavalcanti. 1
A. N. Brandão. 1
A. M. da Costa Lima 1
A. Luiz Dantas. 1
A. Taylor 1
A. L. Duarte. 1
Balthazar Giacomo de Abreu e Sousa 1
» Rangel da Silva Povoas 1
Basilio José Gomes da Silva 1
Barão de Cayrú. 2
» de Planitz 1
Benedicto Marques da Silva 1
Benavenuto de Amerim Soares 1

Bento Maria da Costa 1
Bernardino Antonio Alves M. 1
Bernardo de Sousa Franco 1
Bispo, Conde Capellão-Mór 2
Boaventura Delfino Pinto 1
Braz da Silva Brandão 1
Caetano Maria Lopes Gama. 1
Camillo Ferreira de Andrade 1
Candido Borges Monteiro 1
» Manoel de Miranda 1
» Olympio Martins Lage 1
Carlos Augusto Peixoto de Alencar. 1
» Honorio de Figueiredo 1
» José Cardoso 1
» Vieira Goularte 1
Custodio de Araujo Lirio 1
» Cardoso Fontes 1
» Thomaz Pinheiro 1
Clemente José Pinto 1
Crispiniano Pinto Ribeiro 1
Cristovão José dos Santos. 1
C. C. Netto 1
C. E. de M. Mattos 1
C. Wilep 1
Diogo Coelho Netto 1
Dionizio da Cunha Ribeiro Feijó 1
Domingos Alves Rego 1
» de Azeredo Coutinho Duque Estrada 1
» Fernandes Vieira de Novaes 1
» José Gonsalves Magalhães 1
» » de Menezes 1
» Marinho de Azevedo Americano 1
» Rodrigues Guimarães 1
» de Sanpaio Rangel 1
D. Howden. 1
Eduardo & Henrique Laemmert 10
Elias Antonio Freire 1
Emygdio Antonio Vieira Villela 1

Emilio Privat 1
Ernesto Ferreira França 1
» Frederico dos Santos 1
Estanisláo Vieira Cardoso 1
Euzebio de Queirós Coutinho Mattoso da Camara 1
Feliciano José Neves Gonzaga 1
Felicio Fortes de Bustamante Sá 1
» Pinto Couto de Mendonça e Castro. 1
» Pinto Coelho 1
Felix Peixoto de Brito e Mello 1
Felizardo Toscano de Brito 1
Fernando Rodrigo 1
» Sebastião Dias da Motta 1
» Tello de Sampaio Sousa Coutinho 1
Fidelis Honorio da Silva dos Santos Pereira 1
Floriano Pinto de Castro 1
» » de Castro Junior 1
Francisco Alberto Teixeira de Aragão 1
» Alves de Sousa Guimarães 1
» Antonio Ribeiro 1
» » Martins 1
» de Assis Ferreira 1
» Alves de Brito 1
» A. de Azevedo Magalhães 1
» Borges Xavier de Lima 1
» Crispiniano Valdetaro 1
» da Costa Faria 1
» Carvalho de Alvarenga Sousa 1
» Diogo Pereira de Vasconcellos 1
« Ferreira de Assis Pinto 1
» » de Siqueira 1
» Freire Allemão 1
» Gonsalves Martins 1
» Joaquim da Silva Bitancourt 1
» José Pereira Penna 1
» » Gonsalves Silva 1
» » Fialho 1
» » Vieira 1

Francisco José Moreira Ribeirão 1
» » Borges 1
» de Lima e Silva 1
» Lopes de Oliveira Araujo 1
» Luiz Pereira 1
» Manoel das Chagas Xavier 1
» » das Chagas 1
» Muniz Tavares 1
» de Paula da Silva 1
» de Paula Menezes 1
» de Paula Brito 50
» de Paula Rodrigues Gomes 1
» de Paula Rodrigues Gomes de Vasconcellos 1
» Pereira Gonsalves 1
» Pereira da Silva 1
» de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara 1
» Ramiro de Assis Coelho 1
» de Salles Torres Homem 1
» dos Santos 1
» dos Santos Ferreira. 1
» de Sousa Martins 1
» Teixeira de Lyra 1
» Torquato Leite 1
» Xavier de Barros 1
» » Vahia Durão 1
» » de Oliveira 1
Frederico Augusto Amaral Sarmento Mena 1
F. A. P. de Carvalho 1
F. de Paula Velloso 1
F. de P. D. de Araujo Gondin 1
Froes 1
Gabriel Antonio Pereira 1
» Ferreira Franco 1
» Getulio Monteiro de Mendonça 1
Guilherme José Pereira dos Santos 1
» Pinto de Magalhães & Comp. 1
» Tuper 1
G. A Marcello 1

Henrique Marques Lisboa 1
Herculano Ferreira Penna 1
Hermenegildo Rodrigues d'Alvarenga 1
Honorio Hermetto Carneiro Leão 1
» José da Cunha Grugel do Amaral 1
Ignacio Firmo Xavier Junior 1
» José Nogueira da Gama 1
» Ratton 2
Jacinto Pereira Machado. 1
» Rodrigues Pereira Reis. 1
Jacomo de Araujo Bastos. 1
Jeronymo de Assis Coelho 1
» Barbosa Ferreira 1
» Martins de Almeida 1
» Villela de Castro Tavares 1
João Alves de Sousa Guimarães 5
» Baptista Lopes Gonsalves 1
» » Soares de Meirelles 1
» » de Sousa 1
» Bernardino Gonzaga 1
» Bento Pardo 1
» Bernardo Gonzaga 1
» Corrêa dos Santos 1
» Coelho Bastos 1
» da Costa 1
» da Costa Barros Mascarenhas 1
» Duarte Lisboa 1
» do Espirito Santo Freitas 1
» Feliciano da Silva Monteiro 1
» Francisco Guimarães 1
» Henrique Freese 1
» Hilario de Menezes Drumond Junior 1
» Joaquim Marques 1
» José de Moura Magalhães 1
» José de Carvalho 1
» » Pimentel 1
» Luiz da Fonceca Osorio 1
» » Guibolfd 1

DOS SENHORES SUBSCRIPTORES.

João Manoel da Silva 1
» » de Loureiro 1
» » de Azevedo Corte Real 1
» Martins Lourenço Viana 1
» Mathias de Carvalho Bueno 1
» Marcellino Brasil 1
» Mauricio Wanderley 1
» Nepomoceno 1
» Paulo dos Santos Barreto 1
» Pedro de Alcantara Filho 1
» Pereira de Sousa Caldas 1
» Samuel 5
» da Silva Camarinha 1
» de Sousa Ribeiro 1
» Soares de Lima e Motta 1
» » de Sousa 1
» de Vasconcellos e Sousa 1
» Vicente Martins 1
Joaquim Antão Fernandes Viana 1
» Antonio Pinheiro 1
» » Pereira da Cunha 1
» Caetano Fernandes Pinheiro Junior 1
» » da Silva 1
» Candido Soares de Meirelles 1
» Francisco de Sá 1
» Franco Ferraz 1
» José Alves da Silva Guimarães 1
» » da Cruz Secco 1
» » Ignacio 1
» » Ribeiro 1
» » dos Santos 1
» » de Magalhães 1
» » Fernandes Torres 1
» Cordeiro Mendes 1
» Lopes Bastos 1
» Luiz de Almeida Fortuna 1
» Marcellino de Brito 1
» Mattistut 1

Joaquim Norberto de Sousa e Silva 1
» Nunes Machado 1
» Pereira da Silva Manoel. 1
» Pinto Brasil. 1
» Zeferino Ferreira de Araujo 1
» Salomé Ramos 1
» Vieira da Costa. 1
José Amaro de Lemos. 1
» Antonio de Caldas 1
» Antonio Marinho. 1
» » Moreira 5
» » de Oliveira Filho 1
» de Barros Pimentel 1
» Benedicto da Costa Jordão 1
» Bernardino de Sá 1
» Bernardo de Brandão 1
» Carlos de Carvalho 1
» da Costa Azevedo. 1
» da Costa Barros Fonseca 1
» Carlos Pereira de Almeida Torres 1
» Cesario de Miranda Ribeiro. 1
» Caetano da Andrade Paulo 1
» » de Oliveira 1
» do Desterro Pinto 1
» Dias da Cruz Lima. 1
» Feliciano Garção Stokler 1
» Ferreira da Cunha 1
» » Souto. 1
» Francisco d'Andrade Almeida Monjardim 1
» » Sigaud. 1
» Gervazio de Queiroz Carreira 1
» Gonsalves da Silva 1
» Ildefonso de Sousa Ramos 1
» Joaquim Machado de Oliveira 1
» Jorge de Mello. 1
» de Carvalho 1
» Leite Pereira Campos 1
» Lira da Silva 1

DOS SENHORES SUBSCRIPTORES.

José Lopes Rosa de Albuquerque 1
» Maria Frederico 1
» » de Sá 3
» Mariano de Amorim Carrão 1
» das Trinas 1
» da Silva 1
» Manoel Carlos de Gusmão 1
» » da Costa Barros de Azevedo 1
» » Duarte de Lima 1
» Maria da Silva Paranhos 1
» » Bomtempo 1
» » Velho da Silva 1
» Martiniano de Alencar 1
» Mauricio Nunes Garcia 1
» Narciso de Oliveira 1
» Navarro de Andrade 1
» Nepomoceno Dias Fernandes 1
» Norberto de Sousa e Silva 1
» Pedro da Silva 1
» Pereira de Almeida 1
» Pedro Dias de Carvalho 1
» Pereira Tavares 1
» Saturnino da Costa Pereira 1
» Speridião de Santa Rita 1
» de Sousa Maia 1
» Tavares Bastos 1
» Thomaz Nabuco de Araujo 1
» » dos Santos 1
» V. Rodrigues de C. Silva 1
» Wenceslão Marques da Cruz 1
» Xavier Pedroso 1
Julio Frederico Koeler 1
J. J. de Oliveira Sampaio 1
J. J. Guedes Pinto 1
J. G. Borges da Silva 1
J. J. Fernandes Torres 1
Lemos Magalhães 1
Lino Antonio Ribeiro 1

Lionidio Felix da Silva 1
Lourenço Fernandes Campos da Gama 1
» Lopes Pecegueiro 1
» de Sousa Godinho 1
Lucidio José Candido Pereira do Lago 1
Luiz Aleixo Boulanger 1
» Carlos de Sousa 1
» Ferreira de Abreu 1
» » Lopes Vanceller 1
» José de Oliveira 1
» » da Silva 1
» » de Sousa Leite Guimarães 1
» Porfirio Ramos de Azevedo 1
» de Sousa Lobo 1
L. A. L. de Oliveira Bello. 1
Mafra 1
Manoel de Almeida Couto. 1
» Antonio Dias Castro Monteiro 1
» » Pinto 1
» » Fernandes da Silva 1
» » Galvão 1
» de Araujo Porto-Alegre 1
» de Assis Mascarenhas. 1
» Carneiro de Campos 1
» da Cunha Barbosa Junior 1
» de Carvalho Paes de Andrade 1
» Feliciano Pereira de Carvalho 1
» Ferreira Lagos 1
» Francisco Lessa. 1
» Gomes de Almeida. 1
» » da Costa 1
» de Jesus Valdetaro 1
» Joaquim da Rocha. 1
» » Fernandes Lyra 1
» » Pinto Pacca 1
» » da Silveira 1
» José de Bessa 1
» » Vieira da Silva 1

Manoel José de Araujo 1
» » Fernandes de Azevedo 1
» Maria Bregaro 1
» Mendes da Cunha Azevedo 1
» Moreira Lirio da Silva Carneiro. 1
» do Nascimento Montéiro 1
» Nepomoceno Pereira 1
» Odorico Mendes. 1
» Pinto da Fonseca 1
» Rodrigues Carneiro. 1
» » Barros Fonseca de Brito 1
» » da Costa. 1
» da Silva Mafra. 1
» Soares da Silva 1
» Teixeira Passos. 1
Marcos Antonio Monteiro de Barros. 1
Mariano Antonio de Amorim Carrão. 1
Marquez de Maricá. 1
» de Paranaguá 1
Miguel Alves Feitosa 1
» Henrique Soares e Silva. 1
» Joaquim Ayres do Nascimento 1
» Vicente Terrabusi 1
Morin 1
M. M. do Amaral 1
M. M. de Sousa. 1
M. M. Franco 1
M. J. de Sousa Franco. 1
M. J. Coelho 1
Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite. 1
Nise Floresta Brasileira Augusta. 1
Paulino José Soares de Sousa. 1
Paulo Barbosa da Silva. 1
Pedro José da Camara 1
» Maria de Almeida 1
P. de Faria. 1
Quintiliano José do Amaral 1
Racine 1

Raymundo de Andrade Leite 1
Reginaldo Celestino de Torres Quintanilha. 1
Roberto Jorge Haddock Lobo 1
Rodrigo de S. José Pereira da Silva 1
Rufino José Correia d'Almeida 1
Ruy Germack Possollo. 1
R J. V. Menezes 1
R. T. de Aguiar 1
R. P. deCarvalho 1
Saturnino de Sousa e Oliveira 1
Scipião Ferreira Goulart Junqueira. 1
Sebastião José de Oliveira. 1
» Pinto do Rego 1
Senechal 1
Silvino José d'Almeida 1
Souto Dower & Benjamin. 3
Thomaz Antonio da Silveira Bulcão 1
» Pompeo Brasil 1
» Gomes dos Santos. 1
» da Silva Paranhos. 1
» José da Porciuncula. 1
Tristão Antonio de Alvarenga. 1
» de Sá Charém 1
Thomé Ribeiro de Faria 2
Theodoro José Biancardi 1
Urbano Sabino Pessoa de Castro. 1
Vicente Pires da Silva. 1
» Antonio da Costa. 1
Visconde de Congonhas do Campo 1
» de Goyana. 1
» de Monte Alegre. 1
» de Olinda. 1
V. José do Desterro Pinto. 1
Wenceslão José de Sousa Mello 1

TYP. IMP. DE F. DE PAULA BRITO. — 1846.

19238